

University
Toronto.
KING
ALFRED
LIBRARY
OF
HISTORY
FOUNDED BY
GOLDWIN SMITH
AND
HARRIET SMITH

# ARCHIVO DOS AÇORES



VII

# ARCHIVO DOS AÇORES

PUBLICAÇÃO PERIODICA DESTINADA Á VULGARISAÇÃO DOS ELEMENTOS INDISPENSAVEIS
PARA TODOS OS RAMOS DA

## Historia Açoriana

## VOLUME SETIMO



1885
PONTA DELGADA—ILHA DE S. MIGUEL
TYP. DO ARCHIVO DOS AÇORES

# MOVIMENTO LIBERAL NOS AÇORES

## 1828 A 1834

# A CHRONICA

## SENANARIO DA TERCEIRA *

(Extractos)

(N.º 2.)

### Ordem do Dia, de 4 de Fevereiro de 1832.

O Vice-Almirante Commandante da Esquadra de S. M. F., aproveita a primeira opportunidade que se lhe offerece para informar á Maruja e Soldados de marinha da mesma Esquadra, que S. M. I. Foi Servido confirmar a dádiva de fardamento, que o Vice-Almirante, confiado no bem conhecido caracter do Mesmo Augusto Senhor, lhes havia promettido, e além disso Houve S. M. I. por bem, não só approvar o soldo de 55 shelings mensaes, mas quiz que este fosse augmentado com mais 5 shelings em todo o tempo que o Estandarte Real fluctuar no mastro grande d'esta Fragata. Tão benignas disposições de S. M. I. serão, por certo, apreciadas pelo bom senso e caracter dos Marujos e Soldados Inglezes, e particularmente por aquella porção embarcada debaixo das ordens do Vice-Almirante.

O Vice-Almirante convida por esta occasião os seus concidadãos, para o ajudarem, de todo o coração e boa vontade, na mais nobre Causa em que hum Inglez pode ser empregado, a não ser a de combater pelo seu proprio Rei e Patria, isto he, para ajudar hum heroico e generoso Principe, em Suas nobres intenções de collocar huma joven e

(*) Continuado de pag. 542 do Vol. VI.

injuriada Princeza sobre o Throno que de direito Lhe pertence, e para dar a liberdade a mais de trinta mil victimas innocentes, cujos unicos crimes são o cumprimento do seu dever, guardando inviolaveis seus juramentos, e restituindo a Portugal aquella liberdade Constitucional, que tem feito da nossa amada Patria, a Senhora do Occeano, e a primeira entre as Nações da terra apesar da desvantagem que tem a muitas em povoação, e em clima. As intenções de S. M. I. são humanas e conciliatorias; porem se ellas não encontrarem o acolhimento que merecem provemos ao mundo que os corações e braços britanicos, protegidos, como eu confio, pelas bençãos do Todo Poderoso, não tem sido chamados em vão para alliviarem o perseguido, e soltarem das masmorras tantas innocentes victimas. Bordo da Fragata Rainha de Portugal, diante de Belle Isle, em 4 de Fevereiro de 1832.—assignado—*Rose George Sartorius.* (N.º 34, de 18 de Março de 1832.)

(N.º 3.)

## Officio de louvor ás tropas pela revista que lhe passou D. Pedro 4.º; 24 de Fevereiro de 1832.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr.—S. M. I. o Senhor Duque de Bragança me ordena que eu faça saber a V. Ex.ª que na parada que hoje teve logar, S. M. I. ficou muito satisfeito do estado de disciplina e de asseio em que achou as tropas, não obstante a falta de meios que até agora tem havido, o que prova dobradamente a boa vontade dos subditos, e o merecimento, e intelligencia de commando dos Chefes. Não satisfez menos a S. M. I. a precisão com que as tropas manobrárão e a firmeza em que se conservárão as recrutas por todo o tempo em que durou a manobra: tudo prova a S. M. I. o interesse com que os Srs. Commandantes e mais Officiaes se desvelão no desempenho das suas obrigações: nem podia acontecer de outro modo, quando o amor da patria convida tão leaes animos a disporem-se, quanto antes, para libertalla. Quer pois S. M. I que V. Ex.ª faça constar os seus agradecimentos aos Chefes dos corpos, para que, tomando para si a grande parte que n'isto lhes toca, os transmittão aos Sn.^rs^ Officiaes e mais praças debaixo do seu Commando: e manda S. M. I., em Nome de S. M. F. a Senhora D. Maria II., affiançar a todas as recrutas, e muito particularmente áquellas que por sua vontade corrèrão ao nobre fim da salvação da patria e dos sagrados direitos da Mesma Augusta Senhora, que logo que tiverem concluido o tempo do seu serviço marcado pela lei, serão, as que assim o quizerem, escuzas do mesmo servico, e transportadas a esta Ilha à custa do Estado.—Deos guarde a V. Ex.ª Ponta Delgada, 24 de Fevereiro de 1832.—Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr. Conde d'Alva.—Assignado.—*Candido José Xavier.* Idem.

(N.º 4.)

## Officio de louvor a Caçadores N.º 5 pelo exercicio a que assistio D. Pedro 4.º; 27 de Fevereiro de 1832.

Ill.mo e Ex.mo Snr.—S. M. I. o Senhor Duque de Bragança, quer que eu diga a V. Ex.ª que o exercicio do Batalhão de Caçadores n.º 5, a que S. M. I. assistio hoje, correspondeo completamente á idêa que o mesmo Augusto Senhor tinha feito d'aquelle corpo, no dia da parada: o asseio, a firmeza, a precizão da manobra, e o conhecimento que mostrou cada soldado do que lhe cumpria executar, fizerão bem conhecer a S. M. I., não só a intelligencia e zelo do Chefe do corpo, e dos Snrs. Officiaes; mas a perfeição com que elles tem conseguido communicar aos Officiaes inferiores, e soldados o espirito do seu dever. Este conceito de boa disciplina que o Batalhão mereceo a S. M. I., no campo, confirmou-se na revista que o Mesmo Augusto Senhor fez aos quarteis, em cuja limpeza e bom arranjo tem dobrado merecimento os Snrs. Commandantes de companhias, e mais Officiaes, por haverem concorrido para elle muito louvavelmente, não só com o seu zelo, mas com despeza sua. Por todos estes motivos, quer S. M. I. que V. Ex.ª manifeste em seu Nome ao Commandante d'aquelle Batalhão, aos Srs. Officiaes, e mais praças d'elle, o agradecimento e Imperial satisfação de S. M. I.—Deos guarde a V. Ex.ª Ponta Delgada, 27 de Fevereiro de 1832.—Ill.mo e Ex.mo Snr. Conde d'Alva.—Assignado.—*Candido José Xavier.*

(Idem.)

(N.º 5.)

## Officio de louvor a Infanteria 18 pelo exercicio a que assistio D. Pedro 4.º; 28 de Fevereiro de 1832.

Ill.mo e Ex.mo Snr.—S. M. I. o Senhor Duque de Bragança me ordena que eu participe a V. Ex.ª, que vio hoje com muito interesse o Regimento n.º 18 manobrar na sua presença. O credito que este Regimento tem adquirido no Exercito portuguez, torna desnecessario qualquer elogio: deseja, S. M. com tudo, que V. Ex.ª faça constar ao Chefe do corpo a Sua Imperial approvação, pela perfeição com que o mesmo corpo executou o manejo, e pela firmeza e ar militar com que cada soldado se apresenta debaixo d'armas. Quanto ao asseio e bom arranjo dos individuos e dos quarteis achou, S. M., tudo conforme com as provas de disciplina que este Regimento sempre tem dado, e que

muito particularmente o fizerão exemplar nas épochas mais criticas da sua emigração. Quer por tanto, S. M. I., que V. Ex.ª assegure ao Snr. Coronel, aos Snrs. Officiaes superiores e mais Officiaes: e em geral a todas as praças, quanto Lhe são agradaveis os justos titulos que o Regimento n.º 18 offerece aos agradecimentos do mesmo Augusto Senhor. Deos guarde a V. Ex.ª Ponta Delgada, 28 de Fevereiro de 1832.—Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr. Conde d'Alva.—Assignado.—*Candido José Xavier.*

(Idem.)

(N.º 6.)

## Offerta de 20 moios de trigo ás tropas liberaes feita pelas freiras de Santo André de Villa Franca do Campo; 29 de Fevereiro de 1832.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr.—Sirva-se V. Ex.ª fazer presente a S. M. I. O Senhor Duque de Bragança, que a Abbadessa, Definitorio, e mais Religiosas do Mosteiro de Santo André de Villa Franca do Campo, desejando apresentar a S. M. I. hum testemunho da Sua extrema adhesão á Causa da Senhora Dona Maria Segunda, e da Liberdade da Patria, tem a honra de offerecer ao Mesmo Augusto Senhor, vinte moios de trigo para fornecimento da Tropa expedicionaria, que deve libertar Portugal. As presentes apoucadas circunstancias d'este Mosteiro não lhe permittem fazer hum offerecimento, qual as suas Religiosas desejarião: porem se S. M. I. Se Dignar aceitar este escasso donativo feito ás Suas leaes Tropas, libertadoras da Nação Portugueza, as Religiosas d'este Mosteiro receberão n'isso a mais completa satisfação—Deos Guarde a V. Ex.ª Mosteiro de Villa Franca, 29 de Fevereiro de 1832. —Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr. Candido Jose Xavier—De V. Ex.ª—Criada muito obrigada— Marianna Joaquina—*Abbadessa.*—

(Idem.)

(N.º 7.)

## Officio para a Abbadessa do Mosteiro de Santo André de Villa Franca do Campo agradecendo-lhe o donativo acima; 1 de março de 1832.

Illustrissima Senhora.

Fiz prezente a S. M. I. o Senhor Duque de Bragança o offerecimento que V. S.ª, em seu nome, em nome do Difinitorio, e de todas

as Religiosas d'esse Mosteiro, fez constar na presença do Mesmo Augusto Senhor, pela carta que me dirigio na data de 29 do passado: S. M. I. me ordena que eu faça constar a V. S., que Elle acceita e fica mui penhorado d'esta prova, que essa Communidade lhe dá dos vivos desejos que tem do triumpho da justa Causa de Sua Augusta Filha, e que está certo de que o nobre exemplo de generosidade e de Patriotismo, que n'estas circunstancias extraordinarias, dão as Religiosas do Mosteiro de St.º André de V.ª Franca do Campo, servirá de estimulo ao espirito leal que deve animar as corporações religiosas dos Dominios de S. M. F., e viverá na memoria de todos os fieis portuguezes empenhados no bom exito de tão justa Causa; merecendo por todos estes titulos hum vivo reconhecimento da parte de S. M. I. Cumprindo assim o dever, para mim muito agradavel, de transmittir a V. S.ª e a essa illustre Communidade as bem merecidas expressões do reconhecimento de S. M. I., rogo a V. S.ª queira acceitar os fieis protestos de veneração com que tenho a honra de ser—De V. S.ª—muito attento Venerador e fiel criado.—*Candido José Xavier.*—Ponta Delgada, em o 1.º de março de 1832.

(Idem.)

(N.º 8.)

## Officio para a Abbadessa do Mosteiro de Santo André de Villa Franca do Campo; 1 de Março de 1832.

Ill.ma Snr.ª—Sua Magestade Imperial o Senhor Duque de Bragança, encarrega-me de dizer a V. S.ª, que os vinte moios de trigo que essa Communidade generosamente offereceo, para fornecimento da tropa expedicionaria, devem ficar á disposição do General Commandante das mesmas tropas, n'esta Ilha, a quem Sua Magestade Imperial Manda communicar esta disposição, e a cuja requisição V. S.ª poderá mandar entregar o referido trigo.—Deos Guarde a V. S.ª Ponta Delgada, em o 1.º de Março de 1832.—*Candido José Xavier.*

(Idem.)

(N.º 9.)

## Officio para o Conde d'Alva; 1 de Março de 1832.

Ill.mo e Ex.mo Snr.—Havendo a Abbadessa e mais Religiosas do Convento de Santo André de Villa Franca do Campo offerecido vin-

te moios de trigo para fornecimento da tropa expedicionaria. Houve S. Magestade Imperial o Senhor Duque de Bragança por bem aceitar esta generosa offerta, deixando-a em poder d'aquellas religiosas á disposição de V. Ex.ª, que fará requisição d'ella quando para isso receber ordens do Governo.—Deos Guarde a V. Ex.ª Ponta Delgada, em o 1.º de Março de 1832.—*Candido José Xavier.*

(Idem.)

---

## Improviso feito no momento de dar á vela de Belle-Isle para a Ilha Terceira, a Expedição Portugueza, em 10 de Fevereiro de 1831.

Tão Brandamente os ventos os levavão,
Como quem o Ceo tinha por amigo.

SONETO

Veleja em fim d'esforço ennobrecida
A Lusa força que tem PEDRO á frente,
E da grata emmoção, que o peito sente,
Mostra o pranto a expressão agradecida.

Assim, da guerra á sorte commettida,
Dos Penates em busca a brava gente,
Jura, nas mãos do Capitão Valente,
Salvar a Patria, ou dar por Ella a vida.

Ceder Croas, e dar a Liberdade,
Por ella denodado expor-se á morte,
O' da Honra immortal heroicidade!!!

De dois Povos rivaes mudou se a sorte;
Do Coração de PEDRO a humanidade,
Te fez fraco, ó Brazil, Portugal forte

(Idem.)

# DONATIVOS

Relação das pessoas residentes nas Ilhas dos Açores, que tem offerecido Donativos para as urgencias do Estado. de que ha conhecimento na Commissão da Fazenda, cujos nomes e donativos ainda se não fizerão publicos pela Imprensa.

**Ilha Terceira**

José Verissimo Corrêa—Trinta alqueires de trigo.
Rafael José Lopes d'Andrade . . . . . 100$000

**Ilha de S. Miguel**

O Reverendo Vigario Manoel d'Andrade d'Albuquerque . 400$000
O Capitão Pedro Nolasco Borges Bicudo . . . 400$000
Francisco Affonso da Costa Chaves e Mello . . . 600$000
Manoel Joaquim Cabral de Vasconcellos . . . 50$000
José Matheus Nogueira . . . . . . . 250$000
Caetano d'Andrade e Albuquerque . . . . 800$000
O Doutor João Bernardo de Medeiros, entregou huma casa no valor de . . . . . . 181$950

**Ilha de S. Jorge**

O Capitão Thiago Homem . . . . . Hum Novilho.
Michaella do Rozario . . . . . . Duas Novilhas.
Manoel de Sousa Borba . . . . . Huma Dita.
Manoel Nunes Bello . . . . . . Hum Novilho.
Boaventura José . . . . . . Huma Novilha.

O Secretario da Commissão.

*Joaquim Antonio d'Oliveira.*

(N.° 35, de 25 de Março de 1832.)

—*—

## S. Miguel.

*Villa-Franca do Campo.*

**(Noticias)**

Participa o Juiz de Fóra de Villa-Franca do Campo ter sido recebida com as mais vivas expressões de contentamento, pelos habitantes da referida Villa, a fausta noticia da chegada de S. M. I. O Senhor Duque de Bragança á Cidade de Ponta-Delgada, no dia 22 de Fevereiro proximo passado. Ao publicar-se similhante noticia, resoárão os mais festivos Vivas á Nossa Augusta Rainha, a S. M. I., e a Carta Constitucional: em todas as classes dos habitantes se divisava igual prazer, e espontaneamente illuminárão a Villa por tres noites, durante as quaes afinados concertos de musica, e festivães cantorias de hymnos Patrioticos, apresentavão hum bem sensivel quadro de sincero regozijo. No dia 24 do dito mez cantou-se com apparato e pompa hum *Te-Deum* em acção de Graças. O Juiz de Fóra conclue o seu officio, affiançando o bom espirito d'aquelles habitantes, o qual, diz, *ficou* por esta occasião *bem caracterisado*.

(N.º 35, 25 de Março de 1832.

---

## Noticias de festejos em Angra; Março de 1832.

S. M. I. o Senhor Duque de Bragança, passou, no dia 16 do corrente, (*Março de 1832*) revista ao batalhão de Caçadores N.º 2, que teve a honra de manobrar na sua Presença.

No dia 18 appareceo em frente d'este porto a Corveta *Juno*, vinda de Belle Isle com 250 Voluntarios Portuguezes, e alguns Officiaes.

No dia 21 entrou o barco de vapor, *Le Superb*, que se acha ao Serviço de S. M. F. a Rainha de Portugal, vindo de Falmouth em 14 dias.

No mesmo dia teve a honra de manobrar na Presença de S. M. I. o Senhor Duque de Bragança, no Campo do Relvão, o Batalhão de Caçadores N.º 3.

No dia 23 o Batalhão de Voluntarios da Senhora D. Maria II., teve tambem a honra de passar em revista, e manobrar na Presença do Mesmo Augusto Senhor.

A noute teve logar uma linda illuminação, a transparente, que os individuos do Mesmo Batalhão havião preparado para festejarem a fe

liz chegada de S. M. I., a qual figurava hum templo da ordem Composita, que rematava com o emblema da Immortalidade, em cujo centro se lia—3 de Março de 1832.—O retrato de S. M. F. a nossa Adorada Rainha, ladiado de varios emblemas, figuras, e disticos allusivos a tão fausto assumpto, se achava collocado na parte principal do Templo, e foi saudada a sua apparição com repetidos vivas d'um numerosissimo concurso, fogo do ar, e o hymno da Mesma Augusta Senhora, tocado pela banda militar do Regimento Provisorio.

S. M. I. Dignou-Se tornar mais brilhante este patriotico Festejo com a Sua Augusta Presença e foi recebido com muitos vivas á Senhora D. Maria II, a S. M. I., e á Carta constitucional. Durante a noite forão recitadas conceituosas peças poeticas

(Idem.)

---*---

## Improviso no principio da tempestade, que afastou da Ilha Terceira a Fragata Rainha de Portugal em que vinha S. M. I.

### SONETO

Não distante do porto desejado
D'amigos peitos, que o valor decóra,
D'altas nuvens s'enluta a rubra aurora
Infesto nos assalta o Noto irado.

Muda o Nauta do rumo projectado,
Cresce co' o vento a vaga assustadora:
Arfa incerto ó baixel, e já descóra
O rosto ao passageiro amedrontado . . . .

De mil p'rigos cercada a noite assoma:
D'elles nos salva, e abranda a tempestade
A mão potente, que as procellas doma.

Acrisolar-nos quer a Divindade:
Tanto custa a aportar á nova Roma,
Tanto he difficil vêr a Liberdade!!!

(Idem.)

## Noticias d'Angra: 8 d'Abril de 1832.

No dia 4 do corrente, Anniversario do Fausto Natalicio da Nossa Augusta Soberana a Senhora D. Maria II., Mandou S. M. I. o Senhor Duque de Bragança reunir no Campo do Relvão, toda a luzida guarnição d'esta Ilha, e depois de a passar em revista, tomando S. M. I. em Pessoa o Commando d'ella, Ordenou as salvas do estilo, que forão correspondidas pelas Fortalezas, e Embarcações surtas na Bahia, e depois d'isso Deo Elle Mesmo os Vivas *á Rainha a Senhora D. Maria II. e á Carta Constitucional*, que forão repetidos pela Tropa, e numeroso concurso de espectadores, com hum enthusiasmo que póde imaginar-se mas não descrever-se, e que he hum seguro penhor da bravura de que se acha animada esta Tropa leal, e do successo que ha de coroar a nobre empreza a que seu heroico Chefe Se apromptá a conduzilla.

Depois da Parada Se dirigio S. M. I. á Sé Cathedral, annunciando se a Sua chegada por muitas girandolas de foguetes, e ahi assistio a hum Solemne *Te-Deum*, que foi precedido por huma eloquente Oração pronunciada do pulpito pelo Prior de S. Lourenço de Alhos Vedros e Freire da Ordem de Sant Iago da Espada, Marcos Pinto Soares Vaz Preto, na qual recapitulou os maravilhosos acontecimentos, por via dos quaes a Divina Providencia tem manifestado a protecção que concede á Causa da Justiça, e a confiança que devemos ter na continuação do seu auxilio.

Á noite, havia S. M. I. convidado toda a Officialidade, quatro pessoas por companhia do Batalhão de Voluntarios, e do Corpo Academico, e grande numero de pessoas, tanto da Emigração como dos habitantes d'esta Ilha, a fim de se reunirem no Paço, e assistirem a um esplendido festejo, que consistio em hum brilhantissimo baile, e Cea, onde se achárão mais de 120 Senhoras. S. M. I. fez a honra a Senhora Condessa de Villa-Flôr de a conduzir Elle Mesmo para a Cea, sentando-a á Sua direita, e dando assim mais este testemunho publico do apreço, que justamente tem merecido, o General debaixo de cujas ordens forão tantas vezes victoriosas as Tropas fieis contra os satelites da rebelião.

No meio de todos estes festejos, dominava em todos os corações, unicamente, o desejo de emprehender quanto antes as operações, que devem pôr termo ao reinado do despotismo e da usurpação no desgraçado Portugal, e todos applaudião a actividade dos preparos, que se estão fazendo, para levar o Estandarte do Governo legitimo, e da Liberdade Constitucional desde este Baluarte onde elle se conservou puro e illeso, até ás margens do Tejo.

As Casas dos agentes Consulares das differentes Nações, as Fortalezas, e Embarcações surtas na Bahia estiverão durante o dia emban-

deiradas: á noite toda a Cidade expontaneamente se illuminou, lançando-se continuamente ao ar muitos foguetes.

No dia 5 S. M. I. passou revista em ordem de marcha ao Batalhão de Voluntarios, e Batalhão 2 de Caçadores, que tiverão a honra de manobrar debaixo das Suas Ordens.

No dia 6 pelas 9 horas da manhã formárão os mesmos Batalhões no Campo do Relvão, e tendo-os S. M. I. passado em revista, os acompanhou até ao Caes, onde aquelles dous Corpos embarcárão para S. Miguel. S. M. I. esteve presente até o fim do embarque, testemunhando a sua satisfação por ver o enthusiasmo e promptidão com que todos se embarcavão, dando repetidos Vivas á Senhora D. Maria II., á Carta, e a S. M. I.

No dia 7 pelas 3 horas da madrugada embarcou S. M. I., o Ex.mo General Conde de Villa-Flôr, e os Ajudantes de Campo de S. M. I., a bordo do barco de Vapor *Le Superb*, para o Faial e S. Jorge.

(N.º 37, de 8 de Abril de 1832.)

## Despedida dos Voluntarios aos habitantes da Terceira.

Chamados pela voz da Honra, nós deixamos os vossos lares, generosos Habitantes da Terceira, levando em nossos corações profundamente gravados os sentimentos do mais vivo reconhecimento para comvosco.

Já mais nos esquecerá, que, aportando ás vossas praias, encontrámos em vós hum acolhimento affectuoso, huma amizade cordeal, huma hospitalidade officiosa: ainda mais: achámos corações compassivos, almas sensiveis, que buscárão enchugar-nos as lagrimas que a saudade da Patria, e das Familias nos fazia verter: lagrimas porém que os seus desvélos não podérão nunca fazer estancar! Ah! já mais se riscará da nossa lembrança, que no espaço de 3 annos, que estivemos entre vós, fomos tratados como filhos no gremio de suas familias, e que a vossa benéfica amizade soube por muitas vezes mitigar-nos os dissabores da emigração.

Terceirenses, vós tendes huma Patria, viveis sob a protecção d'hum Governo justo, gostaes os fructos d'huma liberdade, que soubemos sustentar na vossa Ilha: mas a nossa infeliz Patria está acurvada ao pezo do mais tyranno Despotismo: enxovalhado, e roubado o throno d'huma Joven Rainha: gemendo entre ferros as nossas familias, parentes, e amigos: nós vamos combater por estes sagrados objectos! Em tão gloriosa empreza muitos de vossos filhos nos acompanhão: oh! elles encontrarão em nossos lares, no seio das nossas fami-

lias o mesmo gasalhado, a mesma amizade hospitaleira que encontrámos em vós. O ser *Terceirense* será hum titulo sagrado ao nosso reconhecimento; n'isto, nada mais faremos que pagar uma divida.

Acceitai pois, almas generosas, acceitai os nossos agradecimentos, os votos que fazemos pela vossa prosperidade, e o nosso saudoso e prolongado — Adeos!

Idem.

— ❧ —

## Discurso pronunciado pelo Major de Linha do Exercito José Pedro Cardozo e Silva; Presidente da Deputação que veio cumprimentar S. M. I. pela Sua feliz chegada á Ilha Terceira, em nome do commandante Militar, Officiaes, e mais individuos da Guarnição do Fayal.

Senhor.

O Commandante Militar da Ilha do Fayal, bem como os Officiaes, e mais individuos, que compõem a Guarnição d'aquella Ilha, não podendo vir todos expressar a V. M. I. os sentimentos de respeito, de puro affecto, e devoção, que verdadeiramente consagrão a Pessoa de V. M. I. encarregárão esta Deputação para ser a interprete fiel dos seus ardentes desejos, e sinceras vontades: se qualquer outra melhor poderia desempenhar tão honrosa missão, de huma maneira mais conforme a grandeza do assumpto, ninguem, por certo, o faria animado, de sentimentos mais puros do que os que a dominão. — V. M. I. tem assaz conhecido que a anciedade, com que todos esperavamos pelo Magnanimo Author da Carta Constitucional, só pode ser igualada a satisfação, que causou a feliz chegada de V. M. I. ao Archipelago dos Açores. — Huma tal anciedade, hum tal jubilo por ninguem foi mais vivamente sentido do que pelas bravas Tropas, de que he composta a Guarnição da Ilha do Fayal. — Aquelles, que ainda ha pouco entrarão para as fileiras, como os que ha muito n'ellas se tem distinguido pela sua firme adhesão, e provada fidelidade a Sagrada Causa da Rainha Legitima a Senhora Dona Maria Segunda, e as sabias Instituições, que V. M. I. nos liberalisou, tornando nos por meio d'ellas de tristes Vassallos, que eramos, á nobre classe de homens livres, de Cidadãos Constitucionaes, que gozão em toda a sua plenitude dos seus Direitos Civis, e Politicos, todos a porfia anhelão impacientes o momento em que V. M. I. á Sua frente va derribar a obra da perfidia, restituir o Throno usurpado a sua unica, e Legitima Senhora, e assim pôr hum termo a tantos males, que opprimem nossa idolatrada Patria. — Sim.

Senhor, taes são as esperanças, tal he a confiança, e taes são os sentimentos de amor, e respeito, que todos temos pela Excelsa Pessoa do Nosso Generoso Libertador, cujo valor, sabedoria, e patriotismo só podem ser comparados á constancia, com que V. M. I. tem presistido em assegurar-nos os bens, que nos deo, e dos quaes a mais execranda traição nos privou. - Deos conserve os preciosos dias de V. M. I. para gloria Sua, e ventura nossa.—José Pedro Cardoso e Silva.—Presidente.

(N.º 38, de 15 de Abril de 1832.)

## Resposta de S. M. I.

Agradeço os sentimentos, que Me expressa em nome do Commandante Militar da Ilha do Fayal, e de toda a sua benemerita Guarnição, em cujo valor, e fidelidade á Causa de Minha Augusta Filha Tenho a mais plena Confiança.

(Idem.)

## Agradecimento da Camara de S. Sebastião a D. Pedro 4.º pela extinção dos dizimos das miunças; 21 de Março de 1832.

Senhor.

Não ambicionão já os Portuguezes a sabia legislação de Solon e de Licurgo, na antiga Grecia; nem invejão agora o famoso codigo dos Romanos, e suas leis agrarias: os Demosthenes, e os Ciceros he a só falta que lamentão.

Na verdade, Imperial Senhor, depois da decadencia do nosso Reino, de dia em dia, com passos agigantados, caminhavão os Portuguezes á ultima ruina, que era prefixa n'esta epocha. Entre os grandes males, e oppresões da Nação inteira, volteava associada á corrupção, o roubo dos Cobradores dos Dizimos, impostos a seu arbitrio, e sustentados por seculos inteiros á força de mandados e de Sequestros. Parece que na Ilha Terceira, mais que em outra qualquer parte, havia huma furia sacrificadora de todos os viventes ao flagello enredador do Fôro, e appenso ao protocollo dos Dizimeiros. Acha se facil, Imperial Senhor, o principio d'esta penosa historia, mas difficultosissimo o exito d'ella.

Os repetidos clamores de innumeraveis victimas, miseravelmente sacrificadas a tantos furores, resoavão n'estas Praias, mas não chegavão ao pé do Throno, porque ou se perdião nos canaes do Atlantico,

ou se descaminhavão nos ambitos do Paço. Quantas vezes a Camara de S. Sebastião, que hoje toma a liberdade de agradecer a V. M. I. a recente Lei sobre este objecto, requereo e representou, e quasi lutou desde 1816 para obter hum regulamento, hum foral d'aquelles Dizimos? Quantas vezes requerêrão os Póvos e levárão recursos inutilmente? mas esta reforma era reservada para V. M. I. que inteiramente se acha penetrado dos principios Constitucionaes, e convencido da necessidade de huma reforma nas instituições Portuguezas.

Pedia-mos, Senhor, hum regulamento, e não a abolição d'estes Dizimos. Esta dadiva optima, he credora de hum immortal agradecimento, e digna dos maiores cultos e apotheósis na Alta Pessoa de V. M. I cuja chegada a esta Ilha, e tão sabia legislação, augurão hum feliz resultado em tamanhas emprezas como as que V. M. tem entre mãos.

Não sendo por tanto menos generoso aceitar de boa mente os pequenos agradecimentos d'esta Camara, em nome de seus Povos, do que o Conceder-lhes tão Régio Dom: Digne-Se V. M. I. aceitar os puros votos que elles Lhe consagrão, rogando ao Céo para V. M. tantos dias, e prosperidades, quantos são os entes, e germes que vão produzir tantas sementes e plantas, espalhadas pela bemfazeja mão de V. M. I., em Nome da Rainha Constitucional, a quem Deos igualmente Guarde como aquella que praticando as virtudes, por Deos Reina, e Poderoza, mediante o mesmo Deos, Decreta a Justiça. Villa de S. Sebastião da Ilha Terceira, em Sessão de 21 de Março de 1832.—*José Ferreira Drumonde. José da Rocha Borges. José Vieira de Mello.*—*Francisco Ferreira Drumonde*, Secretario. (Idem.)

Pelo Decreto de 16 de Março de 1832 foram abolidos os dizimos das miunças, sobre que a Camara de S. Sebastião representára; como se acha no Vol. VI d'este *Archivo* pag. 440 e 442.

## Viagem de S. M. I. á Ilha do Fayal, e S. Jorge.

Tendo S. M. I. sahido do porto d'Angra ás 3 horas da madrugada do dia 7 do corrente, no Barco de Vapor *Superb*, como dissemos no nosso numero passado, chegou á Bahia da Villa da Horta, Ilha do Fayal, pela 1 hora da tarde do mesmo dia, sendo saudado o Pavilhão Real com huma salva da Fortaleza. S. M. I. antes de desembarcar, foi visitar a Fragata *Juno*, e mais Navios de transporte, para examinar o seu estado. As Authoridades Civis, e Militares da Villa, e o Consul de de França, vierão cumprimentar S. M. I. a bordo.

Pelas 3 horas, huma salva do Forte annunciou o desembarque de S. M. I., que foi recebido na Praia por hum numerosissimo concurso de pessoas de todas as classes, que cheias de jubilo, e enthusiasmo, o saudávão com prolongados vivas a S. M. F., a Carta, e a Pessoa de

S. M. I. Alli se achava tambem a Camara Municipal em grande ceremonia, e o seu Presidente pronunciou a S. M. I. o Discurso que damos a N.º 1: ao qual S. M. respondeo da forma que se vê do N.º 2. O Batalhão 12 de Caçadores se achava postado na Rua que conduz do porto à Casa destinada para alojamento de S. M. A noite assitio S. M. a hum luzido baile que Lhe deo o Snr. Morgado *Terra*, cuja casa havia sido destinada para alojamento de S. M.

No dia 8 recebeo S. M. os cumprimentos das pessoas mais distinctas da terra.

No dia 9, pelas 10 horas da manhã, foi S. M. I. visitar o Arsenal da Marinha, e ahi acceitou hum almoço que lhe foi offerecido pelo Capitão *Bertrande*, Inspector do mesmo. S. M. ficou muito satisfeito do bom estado d'este estabelecimento, do arranjo das officinas, e da regularidade do trabalho, como os nossos leitores verão da peça que publicamos com o N.º 3. S. M. dirigio-Se depois à Praça, aonde se achava postado o Batalhão de Voluntarios Nacionaes, que S. M. passou em revista, ficando muito satisfeito do seu arranjo, como se mostra da peça que vai publicada com o N.º 4. Pela huma hora da tarde passou S. M. revista, no campo da Parada, ao Batalhão de Caçadores N.º 12, que teve a honra de manobrar na Sua Augusta Presença, e foi depois visitar os quarteis do mesmo Batalhão: a Ordem do dia que damos a N.º 5, diz respeito a este objecto. Mandou depois S. M. abrir as portas da Alfandega, e visitou este estabelecimento, examinando todos os livros da respectiva escripturação. Depois visitou o Hospital Regimental, e mandou sobre o estado em que o achou dar as providencias que publicamos na peça N.º 6.

À noite assistio S. M. a hum brilhante baile que Lhe deo o Consul dos Estados Unidos da America.

No dia 10 pelas 8 horas da manhã tornou S. M. a visitar o Arsenal da Marinha, fazendo accelerar os preparativos para o embarque do Batalhão 12: foi depois visitar o Hospital civil, examinou os livros da Misericordia, dos quaes mandou extrahir as necessarias clarezas para formar juizo sobre a sua administração. N'esse dia acceitou S. M. I. hum jantar que Lhe foi offerecido pelo Consul de S. M. B., e foi depois assistir a hum magnifico baile que Lhe deo Mr. W. Lane.

No dia 11, pelas 6 horas da manhã, passou S. M. I. revista ao Batalhão de Caçadores 12, em ordem de marcha, acompanhando-o até o logar do embarque, o qual se achava concluido pelas 8 horas, e então dirigio-Se ao Barco de Vapor no qual largou do porto da Horta ao som d'huma salva d'Artilheria do Forte e entre as mais vivas acclamações de cidadãos de todas as classes que vierão assistir à Sua sahida.

Ao meio dia chegou S. M. I. ao porto das Vellas, Ilha de S. Jorge e recebeo a bordo ao Commandante Superior, e Governador da Ilha.

que acompanharão S. M. na occasião do Seu desembarque, até o Caes, aonde estava hum grande numero de habitantes, os Officiaes que alli se achão em depozito, e a Camara, em grande ceremonia, cujo Presidente dirigio a S. M. I. hum Discurso, que sentimos não poder publicar por ser repetido de memoria, no qual brilhavão os mais puros sentimentos de adhesão a S. M. F., á Carta Constitucional, e á Pessoa de S. M. I. ao qual S. M. respondeo nos termos mais lizonjeiros para a Camara, e Povos da mesma Ilha. D'alli dirigio-se S. M. á Igreja, onde assistio a hum Solemne *Te Deum*, e de lá veio á Casa Municipal receber o Corpo da Officialidade, e pessoas distinctas da Villa.

Acabado este acto derigio-Se S. M. ao Caes, onde embarcou para bordo do barco de Vapor, acompanhado por grande concurso de Officiaes e habitantes da Ilha, salvando n'esta occasião outra vez o Forte, e no meio de repetidos vivas de todos os espectadores, que desejavão a S. M. huma feliz e prospera viagem.

Ás duas horas largou o barco de Vapor, e S. M. continuou a Sua viagem, chegando ao porto d'Angra pelas 8 horas da tarde, aonde, antes de desembarcar, visitou as embarcações recentemente chegadas da Europa a este porto, e que se conservavão sobre a vella: depois do que desembarcou, sendo festejado o Seu feliz regresso com huma salva do Castello; e das Embarcações, muitas girandolas de foguetes, e huma espontanea illuminação na Cidade.

(Idem)

N.º 1.)

## Discurso, que a S. M. I. no momento do Seu Desembarque na Ilha do Fayal, dirigio o Presidente da Camara.

Senhor.

Os Fayalenses, que nas mais terriveis crises, que tem soffrido a Monarchia, se esmerárão sempre na sua decidida adhesão, e illibada fidelidade a Seus Legitimos Monarchas, e Liberdades Constitucionaes, não podem deixar de reputar o mais glorioso para o seu paiz natal, o affortunado momento, em que tem a honra de ver em seu seio o Augusto Pai da Sua Adorada Soberana, o Dador da Carta, Aquelle Principe, que tendo tão pouco reinado para a felicidade da Nação Portugueza, nada hoje tanto anhela, como o quebrar os ferros, que a opprimem, restituindo por novos sacrificios seu pleno vigor ás Instituições Salutares, que Magnanimo lhe Outorgou

Por tão grande, por tão assignalada fineza, cabe ao Corpo Municipal d'esta Ilha o depôr reverente aos Pés de V. M. I. a devida homenagem da mais viva gratidão, do reconhecimento o mais puro, que a todos nos penetra.

Mas onde, Senhor, encontrar expressões, que dignamente representem os sentimentos, que nos animão para com o Principe Bemfazejo, que só parece viver para offuscar quanto apontão de mais illustre os Fastos da Realeza?

Digne-Se, pois V. M. I. acreditar, que os briosos Fayalenses não conhecem sacrificio, a que gostosos se não submettão a bem do progresso da Causa de S. M. F. Digna Filha de V. M. I., e da Carta com que V. M. I. tão generosamente marcou na Historia a épocha da Sua Accessão á Coroa de seus Augustos Maiores, e que derramarão contentes até á ultima gota do seu sangue para a sustentação de tão nobres interesses.

*Antonio José d'Avila*, — Presidente da Camara Municipal.

(Idem.)

(N.º 2.)

## S. M. I. respondeo.

Agradeço infinitamente os sentimentos, que animão a Camara Municipal d'esta Ilha, e os Povos, que representa.

(Idem.)

(N.º 3.)

## Officio para o Inspector do Arsenal da Marinha na Villa da Horta; 10 d'Abril de 1882.

Sua Magestade Imperial vio com interesse o Arsenal de Marinha, que Mandou estabelecer n'esta Villa da Horta, de que V. m. he o fundador: S. Mag. I. examinou este estabelecimento em todas as suas partes, e ficou muito satisfeito da construcção das officinas, da boa disposição, e arranjo dos armazens, e da boa regularidade do Serviço. Sua Magestade Imperial espera que este Arsenal apenas nascente, e que assim mesmo fornece já apparelho a navios de grandes dimensões será em pouco tempo hum dos primeiros dos Dominios Portuguezes. Sua Magestade Imperial, Manda agradecer a V. m. o seu zèlo, e actividade, assim como a intelligencia com que dirige todos os trabalhos, e quer que faça saber a Sua approvação a todos os Offi-

ciaes, e mais empregados, pela boa vontade com que desempenhão os seus deveres. — Deos guarde a V. m. Paço na Villa da Horta, 10 de Abril de 1832. *Agostinho José Freire*. — Snr. Henrique Pryce Bertrande.

Idem.

N.º 4.

## Officio para o Presidente da Camara da Villa da Horta; 10 d'Abril de 1832.

Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, ficou muito satisfeito da Revista que passou ao Batalhão de Voluntarios Nacionaes d'esta Villa da Horta: Sua Magestade Imperial notou ser aquella das tres Ilhas, que Sua Magestade Imperial tem visitado, aonde ha maior numero de Cidadãos armados reunidos ás fileiras, o que, alem das muitas, e repetidas provas que elles tem dado d'adhesão a Sua Augusta Filha, e ao Systema Constitucional prova qual he o seu patriotismo, e amor pela Causa da Legitimidade, e pelo triumpho da Liberdade legal.

Sua Magestade Imperial, louva, e não perderá occasião de recompensar tão nobres sentimentos, e Quer que V. m. agradeça ao Commandante, Officiaes, e Officiaes Inferiores dos Voluntarios Nacionaes o seu zêlo, e esforços, que apezar das apuradas circunstancias do Paiz, e falta absoluta de alguns artigos militares todos tem feito para se apresentarem em parada. — Deos Guarde a V. m. Paço na Villa da Horta, 10 d'Abril de 1832. *Agostinho José Freire* — Snr. Presidente da Camara da Villa da Horta.

Idem.

N.º 5.

## Officio ao Conde de Villa-Flor, louvando o asseio e o bom arranjo com que apresentou Caçadores 12, e o hospital militar no Fayal; 4 de Abril de 1832.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — S. M. I. o Senhor Duque de Bragança na revista que passou, hoje, ao Batalhão de Caçadores N.º 12, louvou o asseio e arranjo de cada homem, e a promptidão com que em tão pouco tempo se concluio o fardamento do Batalhão. S. M. I. reconheceo, a este respeito, o zelo do Snr. Commandante, e o desejo com que os seus Officiaes se prestão a ajudal-o. Na visita que S. M. I. fez ao Hos-

pital achou digno de elogio o asseio da enfermaria, o modo por que os doentes alli são tractados, a bem entendida disposição das officinas, e sobre tudo a limpeza que por toda a parte achou e que se vê não ser estudada para receber a S. M. I., mas ser habitual no estabelecimento. Quer pois S. M. I. que V. Ex.ª agradeça, em Seu Imperial Nome, aos Srs. Commandante, e Officiaes do Batalhão o bom arranjo em que este se acha, e ao Cirurgião Mór o bom estado em que têm sabido conservar o estabelecimento que elle mesmo creou. —Quartel General Imperial na Villa da Horta, 9 de Abril de 1832. — Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Conde de Villa-Flôr.—*Candido José Xavier*, Ajudante de Campo.

(Idem.)

(N.º 6.)

## Officio para o Ouvidor Ecclesiastico da Villa da Horta; 10 d'Abril de 1832.

Sua Magestade Imperial observou hontem, na revista que passou ao Hospital Regimental no Convento de Santo Antonio, que não existe a necessaria separação entre as officinas d'aquelle estabelecimento, e a dos dous Religiosos alli moradores, os quaes vivem em commum com os doentes, sem a decencia que convem ao seu caracter, e sem o socego, e commodidades indispensaveis para o exercicio do seu instituto: notou de mais Sua Magestade Imperial o pouco arranjo, e limpeza da Igreja, e que he em consequencia incompativel a existencia de hum Hospital, aliás da primeira necessidade para curativo dos militares de mar e terra, com a celebração do Culto Divino n'hum local tão apertado: por todos estes motivos Ordena Sua Magestade Imperial, em Nome da Rainha:

1.º Que V. m. faça immediatamente secularisar a Igreja do Convento de Santo Antonio, e que o Edificio seja posto á disposição do Governador Militar d'esta Ilha.

2.º Que os utencilios, e Alfayas do Culto Divino sejão postas em deposito na Igreja Matriz, até nova Ordem.

3.º Que os dous Religiosos óra moradores no mencionado Convento sejão encorporados na Communidade dos Menores Observantes, d'esta Villa, em quanto se não dão ulteriores providencias sobre o seu destino, e sobre o modo de satisfazer os encargos impostos no Convento de Santo Antonio, tanto pelo que pertence aos Religiosos, como aos Padroeiros. O que participo a V. m. para sua intelligencia, e prompta execução.

Deos Guarde a V. m. Paço na Villa da Horta, 10 de Abril de 1832. —*Agostinho José Freire*. —Snr. Francisco Xavier da Silva.

(Idem.)

# ODE A D. PEDRO

*Semper honos, nomenque tuum laudesque manebunt.*
VIRG.

Onde quer que eu viver com fama e gloria,
Viverão teus louvores na memoria.
(Traducção de Barreto).

*Washington* assim, no sólo, outr'ora,
Da Patria malfadada,
Da Liberdade o pavilhão arvóra,
E da gloria abre a estrada:
Assim *Tell* sobre as ásperas montanhas
Da *Helvecia*, ao jugo curva,
Obra taes feitos, faz acções quamanhas
Q'os déspotas perturba:
Assim, as Lusas tropas dirigindo
Da Liberdade ao Templo,
De gloria cheio ficarás, servindo
Aos déspotas d'exemplo:
Ah! segue o trilho, que te marca o fado,
A planta, que cuidoso
No terreno natal haveis plantado
Torna em tronco viçoso:
Dos Thronos a illusoria magestade
Tu o sabes, he nada
A pár da gloria, que tocar vos ha-de
Salvando a Patria amada.
Se magnanimo ao Throno renunciaste
A prol da Liberdade,
Em premio, ó bravo General, ganhaste
A immortalidade.
Oh! não te pése, não, o ter cedido
Da Purpura brilhante:
Do supremo poder ser revestido
He brilho d'um instante:
Dos Heróes cidadãos compára a gloria,
Heróes que a Grecia hourárão
Com esses Reis, que as paginas da Historia
Com vicios entulhárão,
Aquelles inda na memoria durão
Dos povos illustrados,

Q' honrão seu nome, qu' imitar procurão
Seus feitos sublimados;
D'estes, alguns ou forão abysmados
No frio esquecimento,
Ou dos homens sómente são lembrados
Com odio e com tormento
Outros, he certo, novo lustre derão
Aos sceptros, que empunhárão,
A Liberdade vegetar fizerão
E á Patria o ser tornarão:
Titos, Trajanos, Nervas, Antoninos
Grato o mundo hoje adora,
E de Monarchas taes, d'homens tão dinos
A perda inda deplora:
Ao lado de Catão honras merece
Heróe, que sem segundo,
Dous Thronos cede, e Cidadão se Off'rece
A libertar o mundo.
Hes Tu, ó Pedro, o Heróe Lib'ral, Clemente
O Heróe de quem dirão:
«Não foi Rei mas foi Pai da Lusa gente
Da Patria a salvação.»

(Idem.)

---

## S. Miguel, 3 de Maio.

(*Noticias*)

Tendo já embarcado para esta Ilha de *S. Miguel* os Batalhões de Voluntarios, e de Caçadores n.º 2, que se achavão na *Terceira*, bem como o n.º 12 de Caçadores, que fazia a guarnição do *Fayal*, como já publicamos, embarcárão successivamente para esta mesma Ilha o Ex.^mo^ General Conde de Villa-Flôr, o Batalhão 3 de Caçadores, e o Regimento Provisorio, a cujos embarques S. M. I. assistio, depois de haver passado revista aos mesmos em ordem de marcha: e no dia 25 do passado, pelas 6 horas da tarde, embarcou S. M. I., os Ex.^mos^ Ministros, e os Ajudantes de Campo de S. M. a bordo do Barco de Vapor o *Superb*, sendo S. M. I. acompanhado até o Cáes pelas Authoridades, pela Officialidade que ainda ficava na Ilha, e por hum gran de concurso de Cidadãos, que vierão despedir-se de S. M. I., fazendo votos pela Sua feliz viagem, e pelo exito ditoso da heroica em-

preza a que S. M. I. vai dàr começo, à testa de tantos bravos e leaes Cidadãos.

Pelas 7 horas ergueo ferro o Barco de Vapor; e o Castello de S. João Baptista que já havia salvado ao embarque de S. M. salvou de novo n'esta occasião. Os soldados do Regimento Provisorio, que se achavão a bordo dos Transportes, que ainda não tinhão levantado, saudarão a S. M. I. com repetidos vivas, aos quaes S. M. correspondeo de bordo do *Superb*.

No dia 26, pelas 9 horas da manhã fundeou o Barco de Vapor no porto de Ponta Delgada, a bordo do qual vierão cumprimentar S. M. I. os Ex.^mos General Conde de Villa-Flôr, o Brigadeiro Conde d'Alva, na companhia dos quaes S. M. desembarcou, ao som de huma salva d'Artilheria do Forte de S. Braz. As Authoridades, a Officialidade em desponiblidade, e huma multidão numerosa de Cidadãos, esperavão no Caes a S. M. I. qae foi recebido com os mais expressivos signaes de jubilo, e entre repetidos vivas. A tropa se achava postada em linha desde o Cáes até ao Palacio destinado para a residencia de S. M. Toda a Cidade, nesta e nas duas seguintes noutes, se illuminou espontaneamente.

No dia 28 chegárão os Transportes com o Regimento Provisorio que desembarcou na melhor ordem.

No dia 29 ao amanhecer, o Forte de S. Braz, annunciou com huma salva d'Artilheria ter dispontado o fausto anniversario da Outorga da Carta Constitucional, dia para nós de grande regosijo, e festejo nacional, por ser aquelle em que hum Rei, digno d'este Nome, pondo-Se á testa da Civilisação Europea deo livre e espontaneamente á Nação Portugueza aquellas Instituições que só podem fazer a felicidade dos Povos.

Pelo meio dia marchárão, de seus Quarteis, para o novo Campo da Parada, todos os Corpos que se achão na Cidade, e o Batalhão 12 de Caçadores, que se havia mandado vir da Ribeira Grande, e se formárão em tres extenças linhas, tendo à sua frente o Ex.^mo General Conde de Villa Flôr.

Pela huma hora entrou S. M. I. no Campo, acompanhado do Seu luzido Estado Maior, e feita a devida continencia, Ordenou S. M. I. as salvas do estilo, que forão correspondidas pelo Forte e embarcações surtas no porto, no fim das quaes ergueo S. M. os vivas — A' Carta Constitucional, e à Rainha a Senhora D. Daria II — que por tres vezes repetio.

Nós tentariamos em vão descrever esta scena interessante d'enthusiasmo e jubilo, e o vivo arrebatamento com que toda a tropa, e mais de 10 mil pessoas que estavão no Campo, e em differentes iminencias vizinhas, corresponderão a estes vivas, que por longo espaço resoárão. As Senhoras rica e elegantemente vestidas fazião tremu-

lar os lenços, e a mais expressiva alegria se achava estampada no rosto de todos.

Assim, seis annos depois de haver felicitado os Portuguezes com o Sagrado Codigo Constitucional, veio S. M. I. ser testemunha do quanto adoramos este dom, de que tão dignos nos temos tornado pela nossa lealdade e heroismo, e colher, Elle Mesmo os votos do nosso puro reconhecimento, e devoção á Sua Augusta Pessoa, e á da nossa adorada Rainha.

(N.º 39, de 4 de Maio de 1832.)

—*—

## Officio para o Conde de Villa-Flôr; 30 d'Abril de 1832.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.—Sua Magestade Imperial o Senhor Duque de Bragança Quer que, V. Ex.ª, tansmitta os Seus Imperiaes agradecimentos aos Snr.^s Commandantes e mais Officiaes e Tropa de todos os Corpos, do Exercito libertador, que hontem concorrêrão na parada, ou fosse na limpeza e bem atado de cada individuo, ou na precisão da manobra, aquelles Corpos fizerão-se crédores, n'aquella parada geral, dos mesmos elogios e agradecimentos que, Sua Magestade Imperial, já por mais de huma vez, e pelos mesmos motivos tem feito constar, a cada hum delles.—Quartel General Imperial em Ponta-Delgada, 30 de Abril de 1832.—Ill.^mo e Ex.^mo Snr. Conde de Villa-Flôr.—*Candido José Xavier*, Ajudante de Campo.

Está conforme.—Repartição do Ajudante General em Ponta-Delgada, 2 de Maio de 1832.—*Manoel Pinto Chaves*, Tenente do Regimento 6 de Cavallaria, Empregado na sobredita Repartição.

(N.º 40, de 9 de Maio de 1832.)

—*—

## S. Miguel.

*Ponta-Delgada 8 de Maio.*

Por inadvertencia não mencionamos no n.º passado da Chronica, que na Parada do dia 29 do passado, fausto anniversario da Outorga da Carta, S. M. I. logo que entrou no novo Campo da Parada havia tomado o Commando das Tropas, o qual conservou até o fim da mesma: e que na noite do mesmo dia Deo S. M. I. hum magnifico baile,

para o qual convidou todas as Authoridades, os Commandantes dos Corpos, grande numero d'Officiaes, bem como todas as pessoas, e familias de distincção da terra. Por falta de espaço não publicamos tambem as duas Ordens do Dia n.º 173 e n.º 174, que dizem respeito a tão plausivel objecto.

(Idem.)

## Officio para o Corregedor da Comarca de Ponta Delgada; 6 de Junho de 1832.

Ministerio da Guerra. 3.ª Repartição.- Tendo levado ao conhecimento de Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, Regente, em Nome da Rainha, a relação das parelhas e cavallos, a cuja avaliação se havia mandado proceder, acha o Mesmo Augusto Senhor, que ella he, pela maior parte, muito inferior ao seu valor real, o que prova grande ignorancia da parte dos avaliadores, ou huma mal entendida persuasão de agradar por este modo ás Authoridades por quem forão nomeados: seja qual fôr o motivo de seu juizo, Sua Magestade Imperial, Ordena que elle seja tido em nenhuma consideração, e que V. m. intime aos donos das cavalgaduras constantes da relação junta, assignada por João Ferreira Sarmento, Director d'esta Secretaria de Estado, que declarem o justo preço porque podem vendêl-as, esperando Sua Magestade Imperial que elles sem perder de vista o seu proprio interesse attendão ao apuro do Thesouro Publico, e ao fim de utilidade geral a que ellas são applicadas, o que só este podia decidir o Governo a apoderar-se da propriedade particular, que será comtudo devida, e promptamente indemnisada.

Deos Guarde a V. m. Paço em Ponta-Delgada, 6 de Junho de 1832 *Agostinho José Freire*. — Snr. Corregedor da Comarca.

(Supplemento ao n.º 41.)

Foi este o ultimo documento publicado nos Açores.

## Noticia Official das operações do Exercito Libertador.

*Porto 10 de Julho de 1832.*

S. M. I. fez-se á vèla, com o Comboio, que se achava surto na praia defronte de Ponte-Delgada, no dia 27 de Junho, pelas 2 horas da tarde, e seguio viagem com o tempo mais favoravel, até ao dia 7 de Julho; em que deo vista da Costa de Portugal, na altura da *Villa do Conde*, pelas 10 horas da manhã; pelas 7 da tarde do mesmo dia, achava-se todo o Comboio nas agoas d'aquella costa, que o Vice-Almirante da Esquadra adiantando-se em uma Escuna de guerra, acompanhado por dous Officiaes do Estado Maior do General Conde de Villa Flôr, tinha ido reconhecer, por Ordem de S. M. I.

No dia 8, pelas 9 horas da manhã, mandou o mesmo Augusto Senhor içar na Fragata *Rainha de Portugal* o pavilhão Real que foi saudado com uma salva de vinte e um tiros, pelas embarcações de guerra; e logo depois, enviou a terra um dos seus Ajudantes de Campo para levar ao Commandante da Brigada estacionada em Villa do Conde, e suas immediações, um exemplar do Manifesto e outro da Proclamação que S. M. I. acabava de dirigir á Nação portugueza, a fim de que, tomando conhecimento dos principios ali estabelecidos, se decidisse a poupar o sangue portuguez, ou a tomar sobre si a responsabilidade d'aquelle que viesse a correr por effeito da sua obstinação.

Voltou o Ajudante de Campo, com uma resposta negativa, e S. M. I., havendo assim cumprido com o que o seu Coração lhe dictava, ordenou que o Exercito desembarcasse no ponto que já se achava fixado, entre Villa do Conde e o Porto: este ponto offerecia a dobrada vantagem de não oppôr uma resistencia immediata, e de dividir as forças inimigas, cortando pelo centro as suas posições. Em consequencia d'aquella ordem, pelas 2 horas e meia da tarde, as embarcações de guerra tomárão posição na praia de *Mindello*, a meia distancia, pouco mais ou menos, d'aquellas duas povoações, e a menos de tiro de metralha da terra; e ás 3 horas começou o desembarque, sem opposição alguma; apparecendo apenas em reconhecimento poucas patrulhas de Cavallaria, que forão desalojádas por alguns tiros do Brigue *Liberal*.

A Guarnição do Brigue de guerra *Conde de Villa Flor* foi a primeira que, saltando em terra, cravou a Bandeira da Senhora D. MARIA II. no ponto do desembarque, e logo depois d'ella o General Conde de Villá Flor, com todo o seu Estado-Maior, uma parte do Batalhão de Caçadores N.° 5, e uma porção do Batalhão de Marinha, com os seus Chefes respectivos, forão os primeiros que puderão conseguir saltar na praia. O General, á medida que as tropas desembarcavão,

começou a guarnecer os pontos convenientes para a segurança do desembarque. Os Batalhões de Caçadores N.os 2 e 3, debaixo do commando do Tenente Coronel Shwalback, forão occupar a crista da montanha, cujas vertentes vão á margem direita do *Leça*: aonde as forças, que tinhão marchado do Porto, se achavão então reunidas. O Batalhão de Marinha foi estabelecer-se em *Perafita* e o de Caçadores N.º 5 em *Pedra-ruiva*: ficando nós desde logo, por meio desta disposição, senhores de observar os movimentos que as forças reunidas em *Leça* pertendessem fazer, e occupando ao mesmo tempo todas as estradas, por onde a Brigada estabelecida em Villa do Conde poderia tentar a sua juncção com ellas.

Fez-se o desembarque com tal presteza, e a disposição das tropas foi tão rapida, que ás 6 horas da tarde estavão aquellas posições occupadas, e ás 9 da noite achava-se o Exercito Libertador desembarcado, sem a mais leve resistencia, e preenchidos completamente d'este modo os desejos de S. M. I. Em quanto se fazia o desembarque, a Fragata *Stag*, destacada da Esquadra ingleza estacionada nas agoas de Lisboa, veio com uma Curveta salvar a S. M. I.: aquellas forão correspondidas por outras da Fragata *Rainha de Portugal*, e do Brigue *Conde de Villa Flor*.

S. M. I. desembarcou ás 6 horas da tarde, entre acclamações e enthusiasmo inexplicavel da tropa, e bençãos de innumeravel concurso de habitantes, que de todas as aldêas proximas vinhão vêr e saudar, como elles mesmos dizião, o seu Libertador. O Vice-Almirante tinha acompanhado, no escaler, a S. M. I., levando a bandeira que as Senhoras da Ilha do Fayal havião bordado, e offerecido ao mesmo Augusto Senhor: S. M. I. encontrando o Batalhão de Voluntarios em columna na praia, tomou das mãos do Vice-Almirante a bandeira, e com expressões dignas da occasião, e do Corpo a quem as dirigia, a entregou áquelle Batalhão.

S. M. I., depois de ter visitado os bivouacs, ordenou o movimento sobre Pedra ruiva; e pondo-se á testa da columna, foi, por este movimento, collocar-se na esquerda da nossa linha, ameaçando assim tornear o corpo postado em *Leça*, e cortal-o da sua base de operações. Este movimento produzio o effeito que lhe correspondia: as tropas de Villa do Conde vagárão toda a noite, tentando inutilmente effectuar a sua juncção com as do Porto, e achando todos os caminhos occupados, decidirão a sua retirada sobre a estrada d'Amarante: e as tropas postadas em *Leça* virão se forçadas a retroceder ao Porto, passar o Douro pelas 2 horas da madrugada, e cortando a ponte, irem alojar se nas alturas de Villa Nova.

Os Batalhões de Caçadores N.os 2 e 3, segundo aquelle movimento, marchárão sobre a Cidade, onde entrárão na madrugada do dia 9, no meio de vivas e felicitações do povo: e S. M. I. á testa do Exercito sahindo de Pedra ruiva, e seguindo a estrada que vem de Villa do

Conde, entrou na cidade do Porto pelo meio dia. O enthusiasmo com que os habitantes do Campo corrião, para terem o gosto de verem a S. M. I., e de o acompanharem, no meio das mais fervorosas demonstrações de jubilo, davão a esta marcha o caracter, que lhe competia, de hum verdadeiro triunfo nacional: e a alegria e acclamações com que S. M. I. foi recebido na Cidade, excede tudo quanto a imaginação póde alcançar.

As tropas que tinhão fugido de *Leça*, pouco depois de se haverem alojado nas alturas de Villa Nova, começárão com um tiroteio a inquietar a Cidade: mas as embarcações ligeiras de guerra e uma Corveta, tendo recebido ordem para virem, na manhã do dia 10, estacionar defronte das posições occupadas por aquellas tropas, forçarão-nas a desalojar: e a Divisão ligeira, e a 1.ª Divisão de linha, passando o rio em barcos, ao som de repetidos vivas á Senhora D. MARIA II, á CARTA CONSTITUCIONAL, e a S. M. I., que assistia a esta passagem, achão-se n'este momento perseguindo aquellas tropas, que fogem em todas as direcções, e nas quaes reina uma absoluta confusão, e uma pronunciada dissidencia. Desde a entrada de S. M. I. no Porto muitos Officiaes inferiores e Soldados do exercito contrario se lhe tem apresentado: dando estes por certo que, logo que as nossas tropas atacarem, a defecção será muito consideravel.

S. M. I., entrando na cidade foi apear-se aos Paços do Concelho, na *Praça Nova*, d'onde os habitantes já n'aquella manhã, apenas entrou a vanguarda do exercito libertador, havião feito desapparecer os horrorosos patibulos que, por quatro annos successivos, estiverão sacrificando victimas da probidade e da honra ao capricho e á venalidade de julgadores infames, e amedrontando os Cidadãos pacificos que ainda, á custa de sacrificios de todos os generos, tinhão conseguido escapar á sua barbaridade e á sua tyrannia. Os presos politicos forão igualmente soltos, por aquelles honrados habitantes.

Dos Paços do Concelho recolheo S. M. I. ao alojamento que lhe estava preparado: seguido sempre por um immenso concurso de povo, e acompanhado de vivas e acclamações á Senhora D. MARIA II, á CARTA CONSTITUCIONAL, ao Pai da Patria, ao Restaurador das Liberdades portuguezas.

Sabe-se agora que, das tropas da usurpação estacionadas em Villa do Conde, uma grande parte debandára, e que o resto passára o Douro, em Carvoeiro.

Assim, depois de dez dias de viagem, no espaço de 6 horas, achava-se o Exercito Libertador desembarcado: e por esta operação, e pelas disposições que a acompanhárão, achava-se cortada pelo centro a linha de tropas estabelecida ao Norte do Douro: a sua direita obrigada em grande parte a debandar-se: e a sua esquerda forçada a repassar o rio abandonando a cidade do Porto. Em summa, em menos de quarenta e oito horas, depois de haver saltado em terra, tinha S.

M. I. á testa do Exercito Libertador expurgado de tropas defensoras da usurpação toda a bella provincia do Minho: tinha posto em segurança a cidade do Porto: tinha preparado uma larga base de operações, nas duas provincias ao norte do Douro, e tomado a offensiva ao Sul d'este rio: havendo conseguido tudo isto, sem perda de um só homem: nem por effeito de fogo, nem de desastre. Tal he o poder da justiça da Causa; da Presença de S. M. I.: da combinação dos movimentos; da intrepidez das tropas: e da influencia, e cooperação efficacissima do espirito publico!!!

(*Chronica Constitucional do Porto*, N.º 1, de 11 de Julho de 1832.)

## BATALHA DA VILLA DA PRAIA

### DOCUMENTOS INTERESSANTES

### Carta do Conde de Villa-Flor a Rosa Coelho: 14 de Setembro de 1829.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Não é possivel a um portuguez ver sem horror a effusão de sangue de portuguezes, que . . . inimigos tem regado com elle o territorio patrio. Nem V. Ex.ª, nem eu podemos ser estranhos a este sentimento. Com o fim de contribuir, quanto em mim cabe, á decisão de tão grandes males, tomo o partido de dirigir a V. Ex.ª a presente. Não é minha intenção n'esta occasião opportuna disputar com V. Ex.ª a legitimidade das causas, que um e outro defendemos: nem eu quero invectivar a V. Ex.ª o partido, que julgou dever adoptar, e servir. V. Ex.ª mal informado da disposição da guarnição d'esta ilha, e da sua povoação, julgou o partido de S. M. a Rainha proximo a succumbir ao primeiro accommettimento, e terminar assim a guerra civil, porém a resistencia firme, e intrepida, que V. Ex.ª encontrou no seu denodado ataque, deve ter persuadido a V. Ex.ª que não é possivel ao Senhor Infante, com as forças, de que póde dispôr, expulsar a Rainha da posse d'esta ilha: nem por conseguinte consolidar seus projectos, e terminar as calamidades publicas. Por outro lado a Europa, que só esperava, para se declarar, o resultado d'este ataque, vae agora, sem duvida, fazel-o: e se reconheceu sempre em S. M. a Rainha a legitima soberana de Portugal, quando a derradeira porção do territorio fiel aos seus dominios se achava investida, e em risco de ser, ao que parecia, tomada, como o não fará agora, que as

armas de S. M. foram coroadas pela victoria? A V. Ex.ª póde pertencer a honrada conclusão da paz publica, e de merecer por um serviço tão decidido, a benevolencia de S. M. Acho-me auctorisado para convidar a V. Ex.ª a entrar com a sua nau neste porto, na certeza de que V. Ex.ª e todos os officiaes da nau, e vasos que o seguirem, conservarão seus postos, honras, e prerogativas, ás quaes S. M. se dignará juntar aquelle galardão, que lhe dictar a sua real generosidade. V. Ex.ª combinará comigo o melhor serviço, que com a mesma nau possa fazer á Rainha, e á Patria; ou quando julgue não lhe convir continuar no effectivo commando, poderá V. Ex.ª escolher logar para onde se quizer retirar, e os meios de viagem que houver nesta ilha: e conhecendo S. M. que nestas circumstancias, distante de sua casa, e recursos, poderá V. Ex.ª soffrer penosas privações, acho-me egualmente auctorisado para dar a V. Ex.ª a minha palavra, que assim que V. Ex.ª executar o proposto, lhe será entregue em especie a somma de réis 40:000$000 para as suas despezas, e viagem, que quizer fazer. V. Ex.ª reflectirá sobre estas proposições nascidas do amor do bem publico, e do desejo que S. M. tem de poupar a effusão de sangue, e toda a especie de calamidades, que possam affligir seus subditos. Confio que a resolução de V. Ex.ª me dará a satisfação de poder assignar-me—De V. Ex.ª attento venerador e criado—Angra 14 de setembro de 1829—*Conde de Villa Flôr*.

(*Portugal desde 1828-34*, por Francisco Antonio da Cunha de Pina Manique, Lisboa, 1872, pag. 119-121.)

## Extractos da resposta de Rosa Coelho ao Conde de Villa Flor. (Vid. a Carta acima)

«*Roza*, respondeu-lhe que muito estranhava que S. Ex.ª não tivesse ás suas ordens, outra qualidade de official para servir de parlamentario, e lançasse mão de um pobre pescador!

«Que elle sente com bastante magua, o sangue portuguez derramado; o que S. Ex.ª poderia evitar abandonando aquelle punhado de miseraveis que luctam no centro do oceano; que elle *Roza*, lhe alcançaria o devido perdão; e que ao contrario não tardaria em destruir pouco a pouco tudo o que tentasse desembarcar n'aquellas ilhas: porque se uma vez a sorte foi desgraçada, tambem S. Ex.ª não foi muito feliz na sua fugida do Porto no *Belfast*, e na Madeira, etc. etc.»

(*Historia Contemporanea ou D. Miguel em Portugal*, publicação anonyma de José Joaquim Nepomuceno Arsejas. Lisboa, 1853, p. 400.)

# Extracto da Memoria do General José Antonio de Azevedo Lemos.

O leitor não deixará certamente de ver com interesse o que sobre a desastrosa jornada de 11 de agosto de 1829, encontramos n'uma memoria do general Lemos, então commandante, como temos dito, da força invasora. Diz, pois, o referido general descrevendo singelamente a acção da villa da Praia:

«Seguiu-se uma completa confusão depois de mortos, ou mortalmente feridos, os bravos coronel Azeredo, e major D. Gil Eannes da Costa de Macedo, e cada um procurou encobrir se com as alturas proximo ao logar do desembarque. Eu tentei fazer uma diversão com uma egual força da parte do noroeste, mas o funesto resultado do 1.º desembarque, e a quasi certeza d'outro egual, não podia deixar de esfriar a tropa, e muitos remadores, que eram ilheos, deitaram-se ao mar, e fugiram para terra; porque na verdade, o espectaculo era horroroso, em consequencia dos mortos, que boiavam sobre a agua, e por causa das balas que *recochetaram* por entre as embarcações, quando lhes não davam, vindo a noute terminar este quadro lastimoso, depois de uma perda de 25 officiaes, e 450 praças de pret em mortos e feridos.

«Eu subi da embarcação, em que andava, á nau a pedir aos generaes de mar, que mandassem recolher a nossa tropa, que se achava encostada ás alturas; e tive em resposta, que *se não mandara um só barco*, por que a tropa se tinha passado para o inimigo (calumnia atroz!) e que se ia levantar immediatamente ferro, o que se fez.

«Nada se faz com menos arte, nada com menos humanidade. Parece que se convidara o inimigo para acudir á Praia Grande para alli se lhe fazer presente d'uma porção de bravos legitimistas. Um tal desprezo pela vida dos homens nunca se vira. Chegou-se de bordo da nau a fazer fogo sobre a tropa de desembarque, que se achava coberta com as alturas, pretextando-se que ella passara para os liberaes! O que foi completamente desmentido pelo procedimento dos prizioneiros.

«A jangada, de que me tinha fallado o chefe d'esquadra Rosa, nunca appareceu; os barcos, que segundo me tinha promettido, deviam levar a tropa d'um jacto ás praias, apenas levaram 600 homens, isto é, a quinta parte da força de desembarque, e aquelles que fingiam canhoneiras, foram logo inutilisados.

«Um conselho dos commandantes dos corpos da expedição, e dos generaes de mar, a meu rogo, reuniu-se no dia doze para se ventilar se convinha fazer uma segunda tentativa de desembarque, o que se resolveu negativamente, concordando se, todavia, na urgencia de se pôr a coberto as principaes ilhas.

«Em a noite immediata recebi a bordo da Amazona o plano d'organisação da tropa do meu commando da maneira seguinte:

«Para S. Miguel, a artilheria, caçadores n.º 11, o resto da infanteria n.º 1, e o batalhão de infanteria n.º 20, sob o commando do tenente coronel José da Silva Reis. Para o Fayal, 150 praças de infanteria n.º 1, e outras tantas d'infanteria n.º 7, ás ordens do tenente coronel Guido José Serrão. Para a Graciosa, 200 praças de infanteria n.º 1, e n.º 7, em partes eguaes, commandados pelo major D. José Maria Carlos de Noronha. Para regressar a Lisboa, o batalhão de caçadores n.º 1, e o de infanteria n.º 16, o contingente de engenheiros, e artilheria, duas companhias do regimento de infanteria n.º 13, a repartição de saude, e o commissariado.

«Este plano, ou dispersão da tropa foi obra do vice-almirante Prego, e do chefe d'esquadra Rosa, sem ao menos me ouvirem previamente.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Eu tinha recebido o plano no dia treze á noute, e no dia quatorze officiei ao capitão general Prego expondo-lhe os males, que surgiriam de similhante divisão de tropas, sendo de parecer que se não mandasse tropa alguma para Lisboa, que se guarnecessem apenas S. Miguel, e o Fayal, e que para o resto das ilhas se mandasse alguns destacamentos para fazerem a policia: e offerecia-me para ficar onde bem lhe parecesse. Mas não tendo recebido resposta, officiei segunda vez a Prego no dia seguinte, significando-lhe que S. Ex.ª não podia dispor da tropa, de que Sua Magestade me havia confiado o commando, e disciplina: que não só me oppunha, mas protestava contra a divisão d'ella pelas ilhas, e pela resolução, que havia tomado sem me ouvir, de mandar para Lisboa uma parte d'ella. Mas Prego respondeu-me evasivamente desdenhando completamente o meu protesto.»

(*Portugal desde 1828-34*, por Francisco Antonio da Cunha de Pina Manique, pag. 118-120 nota.)

# EXTRACTOS DO PAQUETE DE PORTUGAL

## Bloqueio da Terceira.

Tivemos por boa e segura via de communicação uma copia das Instrucções, que o façanhoso *Conde de Basto* déra ao Commandante *Rosa Coelho*—para o bloqueio da Terceira: e são as seguintes.

*Instrucções.*

«Se acontecer que venham á vista da *Ilha Terceira* alguma, ou algumas embarcações de guerra, ou mercantes, Brasileiras, ou de outra qualquer nação, transportando refôrços de gente aos rebeldes, que

actualmente occupam a Ilha Terceira, ser-lhes-ha estorvada a entrada á viva força.

«Se porem em algum d'estes navios vier a Serenissima Senhora Princeza D. MARIA DA GLORIA deve haver o cuidado de esgotar toda a consideração e respeito, devido a tão alta jerarchia: intimando lhe com toda a consideração e respeito que, a Ilha Terceira estando em rigoroso bloqueio por ordem d'el-rei nosso Senhor, o Senhor *D. Miguel I*, deve S. A. retirar se d'essas agoas, e dirigir-se para onde quizer, com tanto que não seja para algum dos dominios da Coroa de Portugal.

«Sendo desattendida esta intimação, e sendo o navio em que ella vier acompanhado por outros, que tentem sustentar a idéa de forçar o bloqueio, serão estes logo *mettidos a pique*; esperando que esta operação sirva de exemplo ao navio em que vier S. A. para ceder á intimação, que antes lhe deve ter sido feita. Caso que isto mesmo não obste, e que este navio persista na determinação de tentar a entrada, procurará V. Ex.ª com a sua força fazer-lhe as hostilidades parciaes até que se desengane que não cederá, e então n'esse caso *fazer-lhe*-ha soffrer a sorte dos outros, *fazendo* preservar, se possivel fôr, a vida da Senhora Princeza do Grão Pará.»

Se a Rainha de Portugal a Senhora D. MARIA DA GLORIA quizesse ir para a Ilha Terceira, não haveria occasião para o Commandante *Roza* pôr em pratica estas *memoraveis* instrucções do *Leite de Bastos*; porque o Conde de Villa-Flôr lhe tinha abertas de par em par as portas da Ilha Terceira.

(*Paquete de Portugal*, Vol. 2.º, pag. 21-23. Londres. 1830.

## Ilha Terceira.

Tivemos noticias d'esta Ilha de 9 do proximo passado (*Dezembro de 1829*). O estado das suas fortificações é tal, que já excede muito ao necessario para repellir quaesquer ataques de todas as forças, que D. Miguel possa enviar *á conquista*.

O Capitão general *Conde de Villa Flor* poz em acção todos os meios disponiveis para livrar inteiramente os habitantes do receio de uma invasão.

Algumas pequenas rixas, que tinha havido entre soldados e moradores, rixas que foram aqui pintadas por um membro do ministerio inglez como guerra civil declarada! extinguiram se de todo: a mais perfeita concordia reina entre militares e habitantes; estes ultimos se acham possuidos de tamanhos sentimentos de lealdade como seus proprios defensores. As tropas observam perfeita disciplina, e a ilha abunda em todos os generos necessarios á vida, e ainda dos de lu-

xo, que ali tem sido transportados por navios estrangeiros. Tal é o verdadeiro estado dos *republicanos*, que mereceram o odio de um secretario d'estado, porque mandaram cunhar moeda de cobre com a lenda—*utilitati publicæ* (Que ridiculo pretexto para cohonestar a injustiça!) Mui de proposito referimos isto a fim de desenganar a muitos, parte *receosos*, parte *desejosos*, de que são invenções de alguns, a quem a inveja morde no coração, esses rumores de desharmonia e insubordinação na Terceira, que *em segredo* se tem feito correr entre os emigrados fóra de Inglaterra.

Com horror o escrevemos: ha (ainda bem que muito poucos portuguezes) quem antes quizera que a Terceira caísse em mãos do usurpador, do que ver os louros da victoria ornando a cabeça dos vencedores. Como felizmente estes desejos estão longe de cumprir-se, trata-se de desalentar aquelles, que procuram ir unir-se ao estandarte da patria, por meio de embustes e falsas noticias. Vão empenho! A verdade triumpha completamente das artes vis da intriga e da calumnia, cujo ultimo effeito, e por certo bem util, é mostrar o justo valor de seus authores.

(Idem, pag. 228-229.)

Por cartas da Terceira sabemos que ali chegára felizmente a condessa de Villa Flôr em um navio que tinha saido de Ostende. A ditosa viagem d'esta senhora que arrostou todos os perigos com animo heroico para ir unir-se á fortuna de seu esposo, é motivo de satisfação para os homens generosos. Se ella caisse nas mãos dos bloqueadores da ilha, temos por certo que seria barbara e indignamente tratada.

Tanto o navio em que foi a condessa de Villa Flor como outro, que partiu com elle, levaram tropas, armas, e petrechos: entre ambos transportaram 300 homens: numero igual está em caminho para o mesmo ponto.

Este reforço fará subir a guarnição da ilha a 5000 soldados, bem armados, pagos, vestidos, e exercitados: e sobre tudo animados da mais ardente fidelidade á sua soberana.

Por cartas de commercio, datadas da ilha Terceira em 9 do mez passado, consta que depois do temporal de 28 de outubro antecedente, nunca mais se avistou a esquadra do bloqueio. Assim como o consul portuguez (*aliás de D. Miguel*) annunciou o dito bloqueio quando foi mandado fazer, por que motivo não declara agora que effectivamente tem cessado? Entre os navios, que haviam chegado á Terceira contavam-se doze inglezes, e dois francezes.

(Idem pag. 325-326.)

## Post scriptum; 13 de Fevereiro de 1830.

Chegou da ilha Terceira o navio Neptuno, que ali transportara o batalhão de caçadores N.º 12, commandado pelo digno major Xavier. Temos n'aquella ilha todas as nossas bayonetas disponiveis.

(Idem, pag. 440.)

## Londres 2 de Maio de 1830.

Com grande prazer annunciamos aos nossos compatriotas que o marquez de Palmella e o conselheiro José Antonio Guerreiro partiram desta capital para a ilha Terceira no dia 27 do proximo passado.

A regencia do reino de Portugal, em nome da rainha legitima, a SENHORA D. MARIA SEGUNDA, e durante a usurpação da sua corôa pelo infante D. Miguel, consta do *Marquez de Palmella* — presidente *conde de villa Flôr, e conselheiro José Antonio Guerreiro* — membros.

O imperodor D. Pedro nomeou esta regencia na qualidade de tutor natural, e protector de sua augusta Filha: e por conseguinte como unico authorisado legitimamente para dar todas as providencias conducentes á restituição da corôa, de que sua magestade fidelissima se acha expoliada.

Constituida a regencia em nome da rainha legitima em uma parte dos dominios portuguezes, eis offerecido claramente a D. Miguel um contendor effectivo, que remove o pretexto de *pacifica posse*, por que tanto suspirava uma grande personagem. *Se a ilha Terceira se deixasse desapercebida, e desguarnecida; se ella tivesse por conseguinte sido invadida pelo usurpador, tudo estaria acabado a esta hora:* felizmente não succedeu assim.

Os governos da Europa, que puzeram na frente de D. Miguel o ferrete da usurpação, e da perfidia, que fizeram sair os seus representantes de Portugal, como de uma terra de crimes, hãode reconhecer o governo legitimo, que regerá em nome da soberana, que todos reconheceram; e só assim poderão ter coherencia em seus politicos procedimentos. Portanto se até agora o usurpador, apesar de todos os seus protectores, e apesar dos esforços de seus agentes, achou invenciveis obstaculos ao suspirado reconhecimento, que será d'aqui por diante?

O imperador determinou que a regencia em nome da rainha fosse estabelecer-se na ilha Terceira: as suas ordens foram rapidamente executadas; e serão postas em pratica as sabias providencias de sua magestade relativamente ao grande objecto da restauração de Portugal.

O marquez de Palmella, que ha tanto tempo se acha á testa dos portuguezes leáes á rainha: que tem combatido com armas bem desiguáes contra as grandes forças dos protectores de D. Miguel: que no meio dos maiores perigos, repetidos contratempos, longe de descorar, se manteve sempre firme arrostando todo o impeto dos inimigos, não hesitou um momento em cumprir as ordens do imperador. Em serviço da rainha tudo arriscou já, tudo perdeu: A sua cabeça está proscripta em Portugal: e elle, sem curar de mais nada do que de satisfazer aos deveres de um subdito eminentemente fiel e honrado, parte para a Ilha Terceira a dar principio ás grandes operações, de que será a alma, e que trarão em resultado a salvação da patria.

Aquelles, que impudentemente hão calumniado o marquez de Palmella, terão a seu pesar de admiral-o, ainda que jamais o confessem; terão de mortificar-se, vendo quão injusta e odiosa apparece a imputação de covardia, com que pretenderam debalde injurial-o. Factos fallam mais eloquentemente do que vagas accusações, que por excessivas e virulentas se denunciam de falsas e despresiveis.

Com o marquez de Palmella partiu o conde de Alva D. Luiz na qualidade de voluntario, deixando em Paris a sua familia, e tendo seus bens sequestrados em Portugal. Estes sacrificios, que fazem pela causa da rainha tantos nobres, tantos homens illustres, demonstram assás que esta não é uma causa de rebeldes *ou republicanos*: mas sim a da honra, a da legitimidade.

Já poderão os portuguezes, que gemem em Portugal debaixo dos pés do tyranno, ver claramente que não ficarão abandonados ao seu cruel destino. Elles cooperarão com seus irmãos, que se acham ainda na Terceira, para derribar o usurpador. A Terceira é a terra da fidelidade: lá se reunirão, de lá sairão os homens valorosos que hãode salvar a Patria. Não é uma pequena ilha dos Açores, como disse lord Aberdeen, é o baluarte aonde foi despedeçar-se a flor das tropas de D. Miguel, e donde toda a marinha que o serve saiu seriamente escarmentada.

Ah quantos animos devem cobrar os portuguezes honrados!

Em Londres se acha o senhor D. Thomas de Mascarenhas encarregado pelo imperador de assumptos importantissimos, relativos á nossa nobre causa. Não ha portuguez, qualquer que seja o partido que siga, que não faça justiça ao caracter e á honra de S. E. Ninguem mais apto para o desempenho de tal commissão: os emigrados portuguezes tem n'elle um protector generoso, que os não desamparará.

Por ultimo cumpre que declaremos, por estarmos bem informados, que nada faltará do que dependa de S. M. o imperador do Brazil para derribar o usurpador de Portugal do throno, que ainda agora desgraçadamente occupa.

(Idem. Vol. 3.º, pag. 65-67.)

A trez do corrente (*Março de 1830*) embarcaram em Devonport para a ilha Terceira o marquez de Palmella, o conselheiro Guerreiro, e o conde de Alva D. Luiz. Muito folgamos de annunciar aos nossos compatriotas esta nova, sem duvida do maior interesse para a causa de Portugal. O marquez, ainda o repetimos, abandonou a sua familia e tudo, absolutamente tudo, com a coragem de um homem, que vive só para a sua patria e por ella —Dizemos o mesmo do conselheiro Guerreiro, cuja firmeza de caracter, e segurança de principios são assás conhecidas.

O *Morning Post*, bafejado por uma grande personagem, cujo coração ficou em Portugal, diz sobre os destinos da regencia, e nomeações que ella hade fazer ou que fez, quanta estravagancia lembra ao jornalista, a quem ellas custam pouco. Muito lhe dóe comtudo que o imperador queira fazer sacrificios para sustentar a Terceira. Da-nos depois um fastidioso pedaço das rapsodias de um *doutor*, a quem o visconde agente confidencial parece ter encarregado responder a todas as obras que tem saido contra D. Miguel; sem embargo de que os seus authores nada lhe perguntaram. E n'este pedaço descreve o doutor a oppressão em que geme a ilha Terceira, aonde cinco mil homens opprimem quarenta mil, que suspiram por D. Miguel!!!

Se perguntassemos ao doutor quem opprimia esses quarenta mil homens quando toda a força militar da ilha eram pouco mais de 100 caçadores, que diria elle? Pois saiba que muitos mezes não houve na Terceira outra guarnição; e a ilha não se revoltou. Se o visconde escolheu o *civiliam* por advogado da sua causa, perde-a de certo.

Id., pag. 99.

## Correspondencia.

«Recebemos uma longa carta do sr. Joaquim Borges de Bettencourt, tenente do 5.º batalhão de caçadores, datada d'Angra a 18 de Fevereiro do corrente anno (*de 1830*).

Por extensa lhe não damos logar n'este semanario; mas julgamos poder satisfazer ao sr. tenente assegurando lhe que, se em nosso N.º 19 dissemos, fallando do desembarque do general Cabreira, que parte da guarnição da ilha era duvidosa áquelle tempo, não fomos mal informados, como o sr. tenente affirma, contradizendo se, n'esta parte pelo menos; porquanto confessa que *haviam sido tiradas as espingardas ao batalhão de artilheria da ilha em o dia 22 de Julho de 1828*. Em tal caso não podia este corpo merecer confiança; e quando não fosse mais, tornava se duvidoso.

O batalhão de caçadores N.º 5 e notoriamente benemerito da patria; mas o seu merecimento não foi menoscabado na passagem, a que o senhor tenente allude. E' comtudo mui digno de louvor o zelo com que procura defender a briosa corporação a que pertence.»

(Idem. Vol. 3.º, pag. 170 171.)

*Navios entrados na Terceira de 23 de junho de 1829 a 13 de fevereiro de 1830, apezar do bloqueio Miguelista*

| ANNO | MEZ | DIA | NOME DO NAVIO | NAÇÃO | DONDE VINHA | CARGA |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1829 | Junho | 23 | Escuna Esquizita | Ingleza | Havre de Graça | Passageiros |
| | « | 30 | « Hope | « | Gibraltar | Comestiveis e fazendas |
| | Julho | 10 | Chalupa, Condessa de Liverpool | « | S. Maló | Passageiros |
| | Agosto | 14 | « Britannia | « | Londres | Dinheiro |
| | « | 14 | Escuna Zeno | « | Liverpool | Comestiveis e fazendas |
| | Setembro | 1 | Chalupa, Condessa de Liverpool | « | Plymouth | Passageiros |
| | « | 22 | Escuna Rosa | « | Pará | Arroz |
| | Outubro | 1 | « Hope | « | Gibraltar | Comestiveis e fazendas |
| | Novembro | 1 | « Spreighty | « | Londres | « « |
| | « | 5 | « Trusty | « | Gibraltar | « |
| | « | 13 | « Alexandre Adam | « | Londres | « « |
| | « | 19 | « Princeza Victoria | « | Hull | Lastro |
| | « | 19 | « Eleonor | « | Londres | Comestiveis |
| | « | 26 | « Sir Walter Scott | « | « | Lastro |
| | « | 27 | « William | « | « | « |
| | « | 28 | « Daniel | « | « | Comestiveis e fazendas |
| | « | 30 | « Bom Intento | « | « | Lastro |
| | « | 30 | « William | « | Newfoundland | Bacalhão e azeite |
| | Dezembro | 5 | « Fanny | « | Doblin | Fazendas |
| | « | 12 | « Jack O'lantern | « | Ostende | Passageiros |
| | « | 12 | Brigue Adeline | Francez | « | « |
| | « | 19 | Escuna Argus | « | Havre de Graça | Vinho e aguardente |
| 1830 | Janeiro | 2 | Chalupa, Prince of Orange | Ingleza | Londres | Lastro |
| | « | 6 | Escuna Bloyo | « | Doblin | « |
| | « | 20 | Galera Neptuno | « | Ostende | Passageiros |
| | « | 21 | Escuna Rosa | « | Gibraltar | Vinho, azeite, chá |
| | « | 28 | « Mary Ann | « | S. Miguel | Fazendas, vinho, sabão |
| | « | 30 | « Nynpha | « | Londres | Comestiveis e fazendas |
| | « | 30 | « Brothers | « | Fayal | Lastro |
| | Fevereiro | 1 | « Frederico | « | Liverpool | Fazendas, vinho |
| | « | 1 | « Sylphe | « | Plymouth | Linho, ferro e sabão |
| | « | 3 | Chalupa James | « | Londres | Lastro |
| | « | 3 | B. Escuna Young Norval | « | « | Petrechos de guerra e comestiveis |
| | « | 10 | « Macchabée | Francez | Buenos Ayres | P.ª Havre da Graça (pedio franquia) |

(*Paquete de Portugal*, Vol. 6.º pag. 140)

## A ilha Terceira é o rochedo em que infallivelmente hade despedeçar-se a perjura usurpação de D. Miguel.

«O desembarque do general Cabreira com os seus resolutos companheiros na ilha Terceira, em o memoravel dia 6 de setembro de 1828, foi o primeiro golpe que desde logo feriu de morte a usurpação de D. Miguel. Houve então um ponto, em que se pôde arvorar o estandarte sagrado da legitimidade, e da liberdade constitucional, sempre inseparavel da primeira; e em torno d'este estandarte se collocaram todas as esperanças de um futuro infallivel, de uma já não duvidosa e segura restauração. No refalsado coração do tyranno, e no de todos os seus cumplices, tanto estrangeiros como domesticos, entraram tambem logo os sustos e os receios da falsa posição em que se achavam: e por conseguinte desde aquella memoravel epocha tambem se não pouparam nem as intrigas nem as violencias para arrancar das mãos do heroismo e da fidelidade aquelle terreno santo, que em si encerrava em tão pequeno espaço os direitos do throno e os das liberdades da nação. Negociações, conselhos, e em fim os unicos argumentos da força e do poder, isto é, os mesmos canhões e as balas se empregaram para restituir ao usurpador esse rochedo inconquistavel, em que os destinos tinham decidido que seus crimes achariam sepultura. Sim, esses destinos, que na theologia de Homero eram superiores ao proprio Jupiter, o omnipotente deus da antiguidade, frustraram desde logo todas as tentativas, que o genio do mal em suas tenebrosas combinações tinha projectado. Apesar de todos os perigos, de todos os calculos, e de todos os embaraços, a fidelidade, a constancia, e o que tudo é capaz de arrostar e emprender, o amor da liberdade, successivamente foram penetrando até áquelle asilo sagrado, para ali darem um novo e glorioso testimunho de quanto pode a virtude contra o crime, a religião e a lealdade contra o perjurio, e o valor constitucional contra a estupida ferocidade do absolutismo e servidão.

Em outro dia ainda mais memoravel, em 11 de agosto de 1829, a brilhante e gloriosa victoria, alcançada pelo conde de Villa Flor contra a rebeldia e o perjurio, aggravou por tal forma a primeira ferida, que o general Cabreira lhes havia feito, que desde esse felicissimo momento já não foi preciso ser propheta para predizer a infallivel e necessaria morte politica do tyranno. Teve esta victoria dois grandes e mui importantes resultados, que foram conhecer se a força e o valor intrinseco dos homens livres e leaes, e a fraqueza dos escravos, e do senhor que os enviou a combater os primeiros. Viu-se n'este brilhante feito de armas que valor, e que energia podem produzir em corações briosos a honra e o amor da liberdade; porque foi a homens até então estranhos a pelejas e a combates, aos voluntarios da RAINHA A SENHORA D. MARIA SEGUNDA que a maior parte da gloria

d'aquelle dia coube em sorte. Viu-se ao mesmo tempo, que tendo o usurpador empregado todas as suas forças para ganhar este baluarte da nossa resistencia aos crimes da sua usurpação, e não o tendo podido conseguir, ficava para sempre inhabilitado para tentar novos ataques: porque descubertas por uma vez a sua nullidade e a sua fraqueza, já não era possivel que podesse ser temido, nem que tivesse novos escravos, que outra vez se quizessem aventurar a medir suas armas quebradas com as armas victoriosas da legitimidade e liberdade. Com effeito aquella brilhante victoria tornou evidente não só a impotencia do tyranno, mas a invicta resolução de lhe resistir até á morte: e lhe deu a elle a conhecer, assim como a seus protectores, e a seus cumplices, que, sendo já desde hoje em diante a ilha Terceira um ponto firme e inabalavel, deste ponto será disparada a aguda e mortal seta, que lhe hade rasgar o coração.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«O estabelecimento da regencia na ilha Terceira vai ainda a ter consequencias da maior utilidade; porque não só vai mostrar á Europa e ao mundo que nós não somos um simples povo errante, sem patria, sem chefes e sem governo, pois que já temos visiveis e legaes uma patria, chefes e governo; porem vai ainda dar alento e confiança a todos esses milhares de victimas, que em Portugal ou estão sofrendo nas masmorras do tyranno, ou foragidas e occultas, andam todos os dias escapando por milagre ao cutelo feroz da usurpação. Sim: todas essas victimas da religião, da honra, e da liberdade, que ha mais de dois annos tem devorado tudo o que ha de mais cruel e mais amargo nas violencias da tyrannia, devem com esta noticia necessariamente recobrar animo, crear novas esperanças, e receber nova coragem no meio dos tormentos, em que se acham, e dos perigos que as cercam Eia pois, victimas illustres, tende mais um momento de paciencia: tende mais um momento de constancia: os vossos e os nossos trabalhos hão de ter fim com o fim da usurpação.

(Idem, pag. 182 e 189.)

## Camara dos Lords—Sessão de terça-feira 23 de março de 1830.

### *Ilha Terceira*

O *marquez de Clanricarde* fez a moção, que tinha annunciado sobre a violação do direito das gentes, commettida pelo governo britannico debaixo das baterias da villa da Praia na ilha Terceira. O nobre marquez declarou que os navios de guerra inglezes, commandados pe-

lo capitão Walpole, haviam obstado, á força de canhonaços, ao desembarque dos portuguezes, que sairam de Plymouth sem armas, e sem petrechos, em quatro navios mercantes, com o fim de tomarem terra na Terceira, aonde era reconhecido o governo da Rainha *a senhora D. Maria Segunda.*

Que esta prohibição á força de armas, de que resultou o derramamento de sangue portuguez, e a morte de um dos desgraçados, inermes passageiros, fôra uma violação de direito, feita em menoscabo da soberana, em cujo nome se regia aquella terra. E esta interferencia para affastar das costas da Terceira os navios que se achavam já no ancoradouro da Praia, era uma usurpação de authoridade, que por nenhum pretexto podia justificar-se.

O orador expoz todas as antecedencias do acontecimento, concedendo que era verdadeiro, e até justo o principio da não interferencia, que o governo declarára haver adoptado sobre a questão de Portugal. Mostrou que, ainda supondo que o embaixador do Brazil houvesse pedido licença para mandar armas de Inglaterra para aquelle imperio, as quáes armas de facto elle tinha remettido para a ilha Terceira, nem assim o governo britannico podia considerar-se authorisado a proceder contra os innocentes passageiros portuguezes, que havendo saido desarmados, de modo nenhum podia reputar-se uma expedição guerreira — «Eu não sei, disse o orador, de lei alguma que prohiba a exportação de armas e munições d'aqui para a Terceira; nem de ordem especial do governo, que declarasse tal prohibição. Alem de que, ao mesmo tempo em que o secretario d'estado dos negocios estrangeiros se queixava d'esta exportação, tinha o governo portuguez licença de comprar aqui armas e munições para seu proprio serviço. Com que direito se permittia a uma das partes o que á outra se denegava? E pelo que respeita ao Brazil, se é certo que não podiamos impedir que para lá se exportassem armas, de que servia que para isso se pedisse licença?»

O nobre marquez depois de haver citado diversas passagens de escriptores de direito publico, para provar que o procedimento do governo fôra uma violação manifesta do direito das gentes, e um notorio quebrantamento do principio da adoptada neutralidade, mostrou que, ainda concedendo-se que por parte do representante do Brazil houvera alguma falta para com o governo britannico, jamais deviam os portuguezes ser por ella responsaveis; nem podia desculpar-se por isso a violencia, que se lhes fizera; porquanto quaesquer reclamações, que o governo inglez houvesse de fazer, cumpria que fossem dirigidas ao governo do Brazil. Terminou o orador o seu discurso propondo que a camara declarasse a injustiça do procedimento do ministerio no facto de que se tratava; allegando que este procedimento fôra uma injustiça flagrante, que fazia perder ao governo inglez a sua preponderancia em Portugal; preponderancia, que a França havia de alcan-

çar, fazendo Inglaterra nas ultimas transacções, que se tinham annunciado, um papel meramente secundario.

O *Conde de Aberdeen* disse que o objecto da questão devia considerar-se no seu todo: que o governo britannico adoptára o principio da neutralidade n'este negocio. Não se tratava de provar se fizera bem ou mal—*se seria melhor pugnar pelos direitos da soberana legitima* de Portugal, do que negar-se a toda e qualquer interferencia n'esta contenda: porem o que não podia fazer-se sem injustiça era ter o governo escolhido ficar neutral para enterpretar depois esta neutralidade segundo as suas affeições pessoaes, as suas opiniões, ou os seus interesses.

O nobre conde repetiu a historia tantas vezes contada da vinda dos emigrados portuguezes para Inglaterra, da sua supposta organisação como corpo militar, e da ordem de dispersão, que o governo inglez lhes transmittira para não alterar a sua marcha de potencia neutral. Porquanto, disse elle, ainda que D. Miguel por seu porte e caracter, não merecesse que se observasse para com elle a neutralidade, esta circunstancia não era para ser attendida no caso de que se trata, uma vez que nós tinhamos promettido ficar neutraes.

O nobre conde esforçou-se depois por demonstrar que o governo se oppusera ao desembarque dos portuguezes na Terceira sem lembrar-se de dár favor a D. Miguel: mas somente por considerar que a neutralidade ficava quebrantada com este argumento de força, que se desse a um dos partidos. Que elle considerava a Terceira não como uma terra aonde era reconhecida a rainha legitima de Portugal, mas sim como uma parte dos dominios portuguezes. Que se não tivera procedido como se procedeu, haveria *justo motivo de uma guerra contra Inglaterra!!!* e podia tornar-se suspeita a sinceridade de sua Magestade britannica. Voltou o conde de Aberdeen ao refutado argumento da comparação entre o porte do governo de Hespanha, quando protegeu os partidistas de D. Miguel, e o do governo inglez a respeito dos subditos da rainha: declarando que, assim como o hespanhol não foi acreditado em sua allegada não interferencia então, assim D. Miguel não acreditaria a neutralidade do ministerio britannico, se tivesse um porte differente do que teve.

Concluiu affirmando que em quanto ás ultimas transacções do governo britannico a respeito da questão de Portugal, este mesmo governo não representava papel secundario; e que uma prova de não haver quebrantado a sua estricta neutralidade era o desagradar a ambos os partidos: porquanto aquelle, que alguem dizia haver sido favorecido pelo ministerio, era o que estava mui longe de assim pensar: e por tanto que o proceder do governo não merecia censura.»

(Id., pag. 189-192.)

## Camara dos lords: sessão de sexta feira 26 de março de 1830.

*Ilha Terceira.*

**Protesto.**

A violenta detenção, ou interrupção dos subditos de uma potencia belligerante no alto mar, ou dentro dos limites da jurisdicção de uma das ditas potencias belligerantes, por outra neutral, constitue o quebrantamento directo da neutralidade, e é notoria violação do direito das gentes. Tal acto de aggressão, sendo em todo o tempo injusto e illegal, porque delle resulta damno a uma potencia com quem o governo que interfere não está em guerra, torna-se no caso presente ainda mais odioso e barbaro: e tanto mais, quanto foi praticado contra os subditos inermes e indefensos de uma soberana amiga e alliada, cuja ellevação e direitos ao throno portuguez foram vivamente recommendados e abertamente reconhecidos por S. M.: e cuja residencia em Inglaterra, mostrando a sua confiança na amisade e protecção do rei, dava direito a ella e a seus subditos de esperarem favor e apoyo, ainda quando considerações politicas impedissem o governo de S. M. de prestar-lhe este apoyo com armas na mão.

Assinados: *Vassal Holland -Somerhill — Carlisle — Granville — William Frederick* (duque de Gloucester) *Radnor — Cowper — Melbourne — Seaford — King — Calthorpe — Carnarron.*

(Id., pag. 203.)

## Regencia do Reino de Portugal na Ilha Terceira.

Recebêmos hontem noticias da ilha Terceira ate 23 de março proximo passado (*1830*). A regencia do reino chegou ali depois de doze dias de viagem, a 15 do dito mez, antes de amanhecer; e desembarcou em Angra pelas 10 horas do dia. Ao momento do desembarque soaram os vivas das tripulações de oito navios, que estavam surtos na bahia. Estas acclamações foram de terra correspondidas pelas de todos os habitantes da cidade, e de muita parte da ilha, que enchiam as praias, aonde foram chamados pelo mais ardente desejo de ver desembarcar a regencia. O nobre *conde de Villa Flor* com todo o estado maior, estava esperando os seus collegas, que foram recebidos ao som de salvas de artilheria das fortalezas, e em meio das alas, que as tropas formavam nas ruas da passagem.

O jubilo causado por este faustissimo acontecimento não só se patenteou nas tropas da guarnição, mas abrangeu a todos os habitantes

da ilha, que não menos que as primeiras o exprimiram com quantas demonstrações puderam dar.

A regencia estabeleceu-se solemnemente logo no proprio dia da sua chegada, como se vê dos decretos da data d'esse mesmo dia, que vão abaixo transcriptos. Houve *Te-Deum* na cathedral em acção de graças. Os habitantes puzeram luminarias, que duraram tres noutes. Deram-se representações dramaticas, bailes, &.ª. Em fim quantos signaes de contentamento era possivel mostrar se todos se viram.

A regencia achou a ilha na melhor ordem e regimen: e é admiravel como o seu illustre governador, e defensor, tem tirado todos os recursos do seu genio, e incansavel zelo, assim como da boa vontade de seus valentes subalternos, para fazer da Terceira uma fortaleza inexpugnavel.

Na ordem dos documentos, que publicamos pomos em primeiro lugar o decreto de sua magestade imperial, o Sr. D. Pedro Primeiro, augusto *pãe, tutor, e natural protector* da SENHORA D. MARIA SEGUNDA, Rainha de Portugal. Por este decreto é creada a regencia do reino para governar em nome de Sua Magestade Fidelissima: nem d'outra sorte, ou por differente modo tal regencia pudéra ser legalmente creada: por quanto sendo a Rainha menor, e achando-se sob a natural tutela de seu augusto pãe, tinha este por direito e dever a faculdade de promover em tudo os seus interesses. O que a Lei do reino, e as de todas as nações civilisadas concedem aos subditos, negal-o hiam á senhora Rainha de Portugal, só porque lhe foi aleivosamente usurpada a corôa durante a sua minoridade? Não por certo. Estas leis devem não só ser iguães para subdito e para o imperante, porem ainda mais favoraveis a este: porque os seus interesses são intimamente ligados com os interesses nacionáes, para cuja defensa e protecção os governos foram feitos.

Bem expendidos estão no citado decreto os justos motivos que moveram S. M. imperial a crear a regencia do reino em nome da nossa augusta Rainha. Estes motivos serão patentes aos governos, e ás nações da Europa: e não podem ser olhados com indifferença—Os Governos tem feito derramar rios de sangue em defensa do principio da legitimidade contra diversas usurpações. Bem:—ahi está na ilha Terceira o governo legitimo d'aquella mesma Rainha, que todos reconheceram, que a nação jurou, que Portugal obedeceo, que por quasi dois annos manteve o reino e seus dominios em paz: — Em Lisboa acha-se o usurpador feroz, que tem enchido o reino de horrores, sangue, e mortes—o homem incorrigivel e demente, que persegue incançavel a virtude, e a innocencia, e golardoa todos os crimes — Escolham os governos entre um e outro: e mostrem aos povos, que estão á mira sobre o porte de quem os dirige, que protegem a justiça e a innocencia: e olham com respeito para os principios, que uma vez protesta-

ram defender. Esperamos dentro em breve grandes resultados do estabelecimento da regencia do reino em territorio portuguez.

(Id., Supplemento ao N.º 34, pag. 1 a 4.)

## Noticias da Terceira.

Recebemos noticias da ilha Terceira até 27 do mez passado *Abril de 1830*). A regencia continua em seus trabalhos, com toda a actividade: mandou estabelecer aulas de mathematica e fortificação para instrucção dos officiaes dos corpos, que formam a guarnição. Esperamos que esta medida se adopte geralmente quando voltarmos à nossa patria. Em todos os exercitos da Europa ha escollas, em que os officiaes novos se habilitam para desempenhar os deveres da sua nobre profissão: empregando dignamente o tempo, que em ocio, de ordinario se consome em distracções perniciosas.

O conde de Ficalho partiu de Angra para o Rio de Janeiro a 26, encarregado de uma missão para S. M. Imperial.

Na ilha reina o mais firme espirito de concordia, união e obediencia ao governo legitimo, que rege em nome da Rainha, e trabalha para dar favor à restauração do seu throno, e da carta constitucional. Os agentes de D Miguel já se lembraram de recorrer ao velho expediente de *uma ou duas republicas insulares*: mas sem effeito. E' preciso que lancem mão de novos alvitres, se quizerem illudir ainda alguns mizeraveis zotes.

Imprime-se em Angra um papel semanal com o titulo de *Chronica da Terceira*, em que se inserem os documentos officiaes do governo, e extractos das folhas estrangeiras. Tivemos a curiosidade de observar se era impressa *com licença da commissão de censura*, e folgamos de não achar este sello da oppressão e da barbaridade. O redactor do mesmo papel, cuja empresa é mui louvavel, nos favoreceu com alguns exemplares até ao N.º 3.º que muito lhe agradecemos.

*Paquete de Portugal*, pag. 444 445.

## Projecto para aprisionar o brigue Jack Ó lantern.

Propoz o *Embaixador de D. Miguel*, segundo nos informam a um capitão de navio mercante inglez a empreza de sorprender no meio do oceano o brigue *Jack O lantern* em sua viagem de Plymouth à Terceira, carregado de effeitos pertencentes á regencia, e de o conduzir prisioneiro a Lisboa E difficil decidir se e maior a insensatez do que a perversidade de S. E. nesta proposição, que, para honra do brioso official, declaramos que foi regeitada com indignação.

Deixando com tudo de olhal-a pelo lado da iniquidade, que o official commetteria em exercer verdadeira piratagem contra um seu compatriota para servir o *liberal e justo governo do innocente e benevolo Miguel*, como não viu o visconde da Asseca, e a sua quadrilha, que tão indigno porte authorisaria a regencia portugueza a dar cartas de marca a quantos armadores quizessem andar a corso, e fazer terriveis represalias para vingança de tão indigna traição? Se a diplomacia do agente de um indigno usurpador não sabe outras manhas, essas por certo são de mui baixa qualidade, e não merecem ter entrada em gabinetes fidalgos.

(Id., Vol. 4.°, pag. 93.)

—*—

## Emprestimo ao Governo por Jacintho Ignacio R. Silveira

Sendo prezente a Sua Magestade Imperial o *Duque de Bragança*, Regente em Nome da Rainha, a representação de Jacinto Ignacio Rodrigues Silveira, residente na Ilha de S. Miguel, o qual havendo entregado em mil oito centos trinta e dous na Recebedoria Geral da Provincia dos Açores a quantia de vinte contos de réis por uma Letra de quatro mil libras esterlinas sobre Londres, se acha no desembolso da dita somma, por isso que primeiro esta Letra não foi acceita, nem paga em consequencia de insanal equivoco no seu conteúdo, e porque depois não tem elle reclamado a sua importancia, não obstante haver-se-lhe feito a promessa solemne, da parte do Governo de Sua Magestade A Rainha, de ser embolsado, logo que o mesmo Governo se achasse estabelecido na Capital do Reino: Tomando o Mesmo Augusto Senhor na devida consideração a briosa offerta, que o dito Jacintho Ignacio Rodrigues Silveira agora faz de receber os referidos vinte contos de réis em Apolices do Emprestimo aberto em Angra pelo Decreto de sete de Dezembro de 1832 prescindindo do pagamento dos juros, e recambios da dita Letra, a que tinha direito: Manda, pelo Tribunal do Thesouro Publico, communicar a este benemerito patriota, que Acceita o seu generoso offerecimento, e que se expedem nesta data as ordens necessarias para que seja promptamente effectuada a entrega das Apolices na forma pertendida, Reconhecendo em tão generosa acção mais uma prova sobre as muitas e relevantes, que sempre tem dado do seu amor pela Causa da Rainha, e das Liberdades Patrias. Tribunal do Thesouro Publico nove de Novembro de mil oitocentos trinta e tres. = *José da Silva Carvalho.* — Está conforme. — *Carlos Morato Roma*, Director Geral da Contadoria.

(*Chronica Constitucional de Lisboa*, N.° 94, de 12 de Novembro de 1833.)

## Felicitação apresentada a Sua Magestade Imperial pelo Conselheiro da prefeitura Occidental dos Açores Antonio Cabral de Sá Nogueira no dia 21 do corrente. (Novembro de 1833)

SENHOR. — O Prefeito da Provincia Occidental das Ilhas dos Açores, e todos os leaes habitantes desta Provincia, berço da Monarchia Constitucional Portugueza restaurada, e em cujo seio se conservou sempre illibada a fé do juramento, não podiam ser estranhos ao geral sentimento d'alegria que animou todos os Portuguezes, dignos d'este nome, ao verem na Capital da Monarchia sua Legitima Soberana. Elles, Senhor, participaram do geral enthusiasmo dos Portuguezes, e aproveitando-se da primeira opportunidade, offerecem perante Vossa Magestade Imperial, Pai da sua Soberana, e Regente em Seu Nome, a sua sincera felicitação por tão fausto motivo, juntamente com os seus puros votos de amor, respeito, e fidelidade. Estes votos, Senhor, são filhos da gratidão. Os habitantes da Provincia Occidental dos Açores, livres, longe do Theatro da Guerra civil, e seus horrores, principiam a gosar dos beneficios da sabia Constituição, por Vossa Magestade Imperial outorgada aos Portuguezes, e exprimem com franqueza os seus sentimentos. Vossa Magestade Imperial, o mais firme e poderoso defensor desta Constituição, rodeado hoje dos mais caros objectos da Sua predilecção, ouvirá com a Sua natural Benignidade estas vozes, nascidas de peitos sinceros e reconhecidos, que sendo por Vossa Magestade Imperial transmittidas á nossa Soberana, não deixarão de merecer por tão efficaz meio a Sua approvação. Assim o esperam estes seus leaes Subditos, que receberão como o melhor e mais valioso premio da sua constancia, a certeza de que foi recebida com agrado esta sua cordeal felicitação. Angra 19 de outubro de 1833. — *Luiz Pinto de Mendonça Arraes*, Prefeito da Provincia Occidental dos Açores.

(Idem N.º 106, de 26 de Novembro de 1833.

## Sua Magestade Imperial Respondeu.

«Agradeço ao Prefeito da Provincia Occidental das Ilhas dos Açores, e a todos os seus habitantes, a sincera felicitação que Me dirigem pela chegada da sua Legitima Soberana á Capital da Monarchia, e os puros votos do amor, respeito, e fidelidade que Lhe consagram. Muito folgo de saber, que reina em toda a Provincia a maior tranquilidade, e que seus dignos habitantes, que com tanta constancia, e tão extremado valor, sustentaram o seu juramento, prestado á Rainha e á Carta, principiam a gosar dos beneficios que ella lhes outorga.»

Idem.

## Felicitação dos Deputados da Provincia Oriental dos Açores, offerecida a Sua Magestade Fidelissima, e apresentada a Sua Magestade Imperial no dia 21 do corrente (Novembro de 1833) pela uma hora da tarde.

SENHORA!—Devidamente authorisados temos a honra de vir em nome da Provincia Oriental dos Açores tocar os degráos do Throno, para felicitar a Vossa Magestade, pela sua entrada triunfante neste Reino, e pela restituição gloriosa do Sceptro, que a perfidia lhe empolgára. A Provincia Oriental dos Açôres quebrando por si os ferros com que a Tyrannia lhe algemára os pulsos, foi depois o Theatro de ensaio dos triunfos brilhantes, que prepararam a desejada vinda de Vossa Magestade, e o seguro estabelecimento da Carta Constitucional, que para maior gloria Sua, foram sellados com o sangue de muitos dos seus filhos. Toda ella hoje se compraz na lembrança, que é para invejar, de que por taes feitos, o seu nome andará sempre de futuro na Historia, a par do de Vossa Magestade, do de Seu Augusto Pai, que presenceou o seu enthusiasmo, e serviços, e de todos os outros que tem illustrado esta interessante época da Monarchia Portugueza, que, assim como apresenta o quadro da mais negra traição, tambem offerece o modêlo do mais completo heroismo.

Digne-se pois Vossa Magestade acceitar benigna esta homenagem de respeito, que lhe tributa aquella Provincia, pelo orgão de dous filhos seus, que tem por esta feliz occasião o prazer inefavel de vêr a Sua Rainha Legitima assentada no magestoso Solio de Seus Augustos Progenitores, e a honra destincta de beijar a Mão Real, com a reverencia que lhes inspira a Sua Alta Condição.—*Manoel Ignacio Silveira.* —*João Maria do Rego Botelho e Faria.*

(Idem.)

## Sua Magestade Imperial Respondeu em Nome da Sua Augusta Filha.

«Agradeço, em Nome da Rainha- as Felicitações, que por meio d'esta Deputação, lhe dirige a Provincia Oriental das Ilhas dos Açôres. Os Serviços, que seus naturaes tem prestado a prol da Nobre e Justa Causa da Rainha, e da Carta Constitucional, de que tanto se gloriam, tem sido por Mim presenciados: e merecem, que Eu vos peça que, da minha parte, deis aos seus habitantes os mais bem merecidos louvores.»

(Idem.)

# SENTENÇA

PROFERIDA NA CAUSA CRIME.

EM QUE FOI AUTHORA

A JUSTIÇA

E RÉOS

O TENENTE GENERAL

**FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER,**

GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DAS ILHAS DOS AÇORES,

**O REV.mo BISPO D'ANGRA**

E

O CORONEL GOVERNADOR DO CASTELLO

DE S. JOÃO BAPTISTA DA MESMA CIDADE &.

*

*LISBOA*

EM A NOVA IMPRESSÃO DA VIUVA NEVES E FILHOS

ANNO DE 1823

---

*Com Licença da Real Commissão de Censura.* (*)

Diz o Tenente General Francisco de Borja Garção Stockler, que para fazer imprimir, e circular a Sentença proferida nos Autos de Devassa a que se procedeo sobre os acontecimentos que tiverão lugar em Angra durante o tempo em que o Supplicante foi Governador e Capitão General dos Açores, precisa que o Escrivão d'aquelle processo, Dionysio Jozé Monteiro de Mendonça lhe passe por Certidão a mencionada Sentença de que V. S.ª foi Juiz Relator. Por tanto.

Pede a V. S.ª se sirva mandar se-lhe passe a Certidão requerida.

E. R. M.ce

P. Lisboa 14 de Janeiro de 1823.

Lacerda.

---

(*) Opusculo de 9 pag. in-fol., pertencente ao Sr. F. M. Supico.

Dionysio Jozé Monteiro de Mendonça, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Cidadão n'esta Cidade de Lisboa, e n'ella Escrivão Privativo dos Aggravos, e Appellações Causas Civeis, e Crimes, e Acções Novas dos Moradores das Ilhas, por Sua Magestade Fidellissima, que Deos Guarde &c. Certifico que eu sou Escrivão de huns Autos crimes entre partes Authores a Justiça, e seus Ajudadores Maximo José Pereira de Azevedo, e Thomaz José da Silva, com o Tenente General Francisco de Borja Garção Stockler, o Excellentissimo Bispo de Angra, e o Coronel Caetano Paulo Xavier, Réos, em os quaes Autos a folhas quatrocentas quarenta e quatro se acha proferida a Sentença do theor seguinte.

## Sentença

Accordão em Relação &c. Vistos estes Autos, que com Parecer de seu Chanceller, que serve de Regedor, se fizerão Summarios no Accordão folhas cento cincoenta e nove aos Réos o Bispo de Angra Dom Frei Manoel Nicolau de Almeida: ao Tenente General Francisco de Borja Garção Stockler, que foi Governador e Capitão General das Ilhas dos Açores, e ao Coronel de Artilheria Caetano Paulo Xavier, que era Governador do Castello de S. João Baptista na referida Cidade de Angra.

Mostra-se fundar-se a accusação, instituida n'este processo, na opinião, de se haverem os Réos opposto ao estabelecimento, e progresso do Systema Constitucional na Cidade de Angra, não só impedindo a sua introducção, mas estorvando a que fôra proclamada na noite de hum para dous de Abril de mil oito centos vinte e hum pelos factos de Contra-Revolução, dirigida em os dias dois e tres d'aquelle mez, pela influencia, authoridade, e partido do Tenente General Francisco de Borja Garção Stockler, auxiliado pelos outros dois Réos Bispo de Angra, e Caetano Paulo Xavier, em suas respectivas relações; e conseguindo inutilisar os primeiros esforços, empregados para estabelecer-se aquelle Governo: sendo morto por hum pelouro no tumulto contra-revolucionario o Brigadeiro Francisco Antonio de Araujo, que antecedêra n'aquelle Governo o Réo Stockler.

Mostra-se, que suscitando-se numerosas representações, que as facções, e os partidos agitárão pelos movimentos de suas paixões, e interesses: submettendo-se este objecto ao exame de huma Commissão nas Côrtes, deo ella o Parecer, contheúdo ex-folhas quatorze a vinte verso, do appenso=A=, em que se acolhêrão as queixas dos partidos, e se previniria a opinião dos Juizes, se sua inteireza, e a do Ministro Devassante não fosse superior ás impressões do Poder: encaminhando se pela conclusão do referido Parecer os procedimentos, que

terião lugar, e que compõem este volumosissimo processo, e seus numerosos appensos, em grande parte superfluos e accumulados, para dar pêzo a insinuações parciaes, e supposições destruidas pelo exame circumspecto, e mui regularmente dirigido para conhecimento do assumpto essencial, que se investigava.

Mostra-se, que em consequencia do referido, passou a Cidade de Angra o Desembargador da Caza da Supplicação José Firmino da Silva Giraldes Quelhas, que foi nomeado pelo Decreto folhas seis no appenso — A —, para instituir a Devassa, e mais diligencias sobre os indicados acontecimentos; o que verificou desde vinte e hum de Setembro de mil oitocentos vinte e hum, como se manifesta exfolhas quatro dos Autos da referida Devassa: servindo-lhe de Corpo de delicto as peças, e instrucções, a ella juntas: recahindo-lhe a pronuncia deste Juizo a folhas quatrocentas setenta e nove verso.

Mostra-se, que procedendo o Ministro Devassante á indagação e exames, que lhe forão encarregados, com a inteireza, circumspecção, e intelligencia, que se reconhecem no contexto dos procedimentos instituidos, e que a malignidade mesmo póde macular: organizou a judiciosa informação, que se acha no appenso =B= exfolhas, em a qual colligindo chronologicamente a deducção historica e politica dos factos investigados: enuncia de huma maneira não menos imparcial, que discreta, e simples o juizo, que entendeo corresponder aos acontecimentos verificados, e expendidos com diligente, claro, e miudo desenvolvimento.

Mostra-se reunirem-se no mesmo appenso a folhas cem, a Carta, que o General Stockler dirigio ao Conde dos Arcos, Ministro dos Negocios da Marinha na Côrte do Rio de Janeiro em trinta de Março de mil oitocentos vinte e hum: ex folhas cento e quatro a Proclamação aos habitantes da Ilha de S. Miguel: ex folhas cento e nove a Carta, que enviou á Regencia deste Reino em onze de Abril de mil oitocentos vinte e hum: produzindo se estas peças, como provas de desaffeição, e oppozição do Réo ao Governo Constitucional; de animosidade, e de orgulho, assim qualificado no Parecer da Commissão das Côrtes, que fica enunciado; accrescendo no mesmo sentido as diversas queixas, impressos, e arguições de procedimentos do Tenente General Stockler, primario, e mais importante alvo desta perseguição: os quaes documentos se mandárão addir ás peças originaes da accusação para a avolumarem, e tornarem mais apparatosa.

Mostra se pela reflectiva combinação destas: pelos diversos documentos, multiplicados impressos, e manuscriptos, resumidos na relação summaria ex folhas duzentas vinte e seis; pela Devassa, e informação no appenso — B —: e pelos discursos ex-folhas cento noventa e e tres, folhas cento noventa e nove; e apontamento ex folhas duzentas e onze, que a controversia em questão se reduz a qualificação da conduta do Réo Tenente General Stockler: com a qual he connexa, e d'el-

la dependente a dos outros Rèos, em os dias primeiro, dois, e tres de Abril de mil oitocentos vinte e hum: se elle preencheo, ou excedeo seus deveres politicos, e moraes: e se foi causa, ou participante dos excessos, e desastres, que occorrêrão n'esses dias de perturbação, e desordem: e o caracter, e qualificação do facto de reassumir o governo, que deixára, accedendo á vontade dos habitantes da Ilha.

Mostra-se, no que pertence ao General Stockler; que fazendo as Ilhas dos Açores na repartição politica parte integrante do territorio do Rio de Janeiro, pela declaração legal, que occorreo neste assumpto; e havendo o General Stockler, como Governador, e Capitão General daquellas Ilhas, prestado Juramento de preito, e homenagem a El-Rei pela fidelidade, e integridade do Governo, que lhe era confiado: não podia sem violação do seu dever, como Governador, erigir hum novo Systema de Governo, antes de conhecer a vontade, e a deliberação do Soberano: a menos, que não fosse constrangido por força superior. Esta não aconteceo na extenção, e regularidade, que perimisse toda a acção do General Stockler: e os movimentos tumultuarios do primeiro de Abril de mil oitocentos vinte e hum, inspirados aos genios revolucionarios pela ambição, que os devorava, e pela inveja encaminhada contra o dito General: nem comprehendião a expressão da vontade geral da Nação: nem podião sanccionar as variações politicas, que se procuravão: e, ou se considere a fórma, ou o fim, a que tendia a ficção, com que forão illudidos os Soldados, e que exaltou depois seu espirito para a Contra Revolução, que sobreveio; ou a desordem em plano, e em medidas, que marcava a incapacidade, e o soçobro dos facciosos: manifestou-se evidentemente, que nenhum principio legitimo, nem em apparencia, dirigíra hum tal projecto: reconhecendo a parte dos habitantes mais sensata, mais proba, e mais illustrada o que devião ao Réo seu Governador, como revestido do legitimo poder, e como crédor de seu respeito, e adhesão por suas virtudes moraes, e conducta pública, de que tinhão acreditados documentos, e que os convidou a restabelecel-o no Governo com o alvoroço, e contentamento geral, que se deprehendem do processo. Por elle mesmo se patentêa, que o General Stockler não teve a menor parte no desastroso fim do Brigadeiro Araujo, obrado no tumulto, que elle mesmo preparára, e a que o arrastára a imprudencia, e irregularidades, em que se precipitou.

O General Stockler estava n'esse momento deitado na cama em casa de João da Rocha Ribeiro, para onde se recolhêra: e foi chamado para applacar a vehemencia dos Soldados, que o forão procurar, o que conseguio instaurando a ordem, dando a esse fim as providencias mais adequadas, e abraçando todos os meios proprios, para encaminhar o espirito publico, depois de tão violenta agitação.

Os excessos em prizões, castigos, e procedimentos, que se argúem, nem se mostrão imputaveis a este Réo no preciso exercicio de suas funcções: nem podem absolutamente evitar-se nas concussões re-

volucionarias, em que se transforma a marcha ordenada, e tranquilla dos Governos, e se adopta como primeira, e unica regra a repressão, e o desvio dos mal intencionados: preferidos todos os meios de paralysar os seus movimentos.

Huma das bases mais sólidas dos Governos legitimos he a virtude dos Funccionarios públicos; a firmeza de seu caracter, e a segurança de seus principios. O Reo Tenente General Stockler, guardou fielmente esta linha de conducta nos factos, que se lhe exprobão: adoptando a nova fórma de Governo logo, que recebeo as convenientes participações da Côrte do Rio de Janeiro: e dimittindo o que reassumira para precaver a dissolução politica das Ilhas apenas recebeo as Ordens d'esta Capital, que em dois de Maio de mil oitocentos vinte e hum lhe enviára a Regencia do Reino, com a determinação de demittir o governo, e recolher-se aqui, como cumprio: reconhecendo a Regencia n'esse mesmo facto a legitimidade de seu exercicio: patenteando-se pela representação folhas quarenta e seis no appenso — A —, e pela connexão de todos os factos, coherentes com ella a importancia, considerada nas pessoas dos Réos General, e Bispo para a manutenção da Ordem, da tranquilidade, e subordinação da Ilha.

O Juizo correspondente aos Réos General Stockler, e Bispo de Angra pela revista de sua conducta publica, e particular n'aquelle Governo se acha exprimido exacta, e caracteristicamente na informação do Ministro Devassante a folhas vinte e cinco do appenso —B—: e todas as tentativas da calumnia, e da vingança não podêrão suffocar a significação do conceito, adoptado por aquelle Magistrado, depois de colligidas todas as provas, declarando . . . «que quazi todo o povo enter«necido de ver sahir dois homens (General Stockler, e Bispo) em quem «tinhão toda a confiança pelo desinteresse, justiça, e prudencia, com «que se comportavão, e a quem tributavão toda a affeição, que passa«va a extremos de adoração, forão a causa impulsiva, e não a deso«bediencia, ou a suggestão &c.»: Continuando aquelle Ministro neste sentido, a ponderar o facto da permanencia dos Réos, como adjuntos ao Governo, que o mesmo General demittira, como unico meio de tranquillizar os povos, e manter a tranquillidade, e ordem social na Ilha.

Taes demonstrações sobrepujão todos os esforços contrarios: e se a versatilidade, e relaxados principios de conducta podessem formar o elogio dos Governadores: a legitimidade dos Governos vacillaria sempre pelo vicio de seus empregados: e destruida a moral pùblica, e as virtudes politicas: a inconstancia, a instabilidade, as prevaricações, e os crimes ganharião a superioridade, e conduzirião a destruição dos Estados.

A Carta do Officio ex folhas cem do appenso — B —, dirigida ao Conde dos Arcos: e a Proclamação folhas cento e quatro aos habitantes da Ilha de S. Miguel, jamais podião qualificar-se de criminosas pelas idéas, que encerravão, em quanto o General não tivesse reconhe-

cido, e jurado as novas instituições: e taes peças são coherentes com a opinião, que o Réo professava, e com os deveres, a que estava ligado: além de que a dita Carta sendo, como de officio, confidencial, e munida com o sello do seu caracter, quando dirigida ao legitimo Governo, não podia ser base de accusação formada em tão diversas circunstancias, e assentada em principios, inteiramente contradictorios: e, se por ventura a mesma Carta contivesse erros de intelligencia na hypothese proclamada, nunca podia reputar-se crime, que não ha sem violação de Lei, que até então não tinha sido reconhecida pelo Réo áquelle respeito; e fundado mesmo em hum dos artigos das Bases da Constituição.

A Carta ex-folhas cento e nove, escripta á Regencia, manifesta a severidade dos principios, de que o General Stockler estava possuido, e a franqueza, com que os propalava, não insidiosamente, mas em direcção ao Governo, que fazia profissão de hum Systema Liberal, mais desprendido em theoria dos ornatos da lisonja: e, se esse estilo, ou contexto da Carta não agradasse, da Regencia dependia não dar lhe publicidade.

Em justa proporção se conduzio o Réo General Stockler na sua Proclamação de vinte de Junho de mil oitocentos vinte e hum aos Soldados de Angra, (impresso appenso) reprimindo todos os seus intentos insurreccionaes, e de opposição ao novo Governo, já então jurado, para instaurar-se o do dito General: excitando as medidas de ordem, e de subordinação, de que depende a existencia Social: testemunhando esta marcha de procedimento: que a força de caracter, e o poder da virtude são as unicas bases da consistencia politica.

Esta conferencia de provas, accrescendo á satisfatoria deducção das perguntas do Réo no appenso numero quarenta e nove, levão á evidencia a certeza legal, de que o dito Réo Tenente General Stockler, longe de ser criminoso nos factos, que se lhe arguirão, deo provas decisivas de constancia, inteireza, dexteridade, e vigor, que lhe attrahirão a confiança, e respeito dos povos, ainda nos momentos mais arriscados; e apezar dos esforços de huma facção, que não escrupulizava nos meios de prevalecer; conseguindo aquelles testemunhos, que fórmão a recompensa do homem de bem.

Mostra-se, a respeito do Bispo de Angra Dom Frei Manoel Nicolau de Almeida, que nem pretexto especioso podia produzir-se para o qualificar criminoso. O que se lhe arguio nos interrogatorios, appenso numero quarenta e sete, sobre a falta de repetição de Ordens, para serem insinuados os povos na doutrina, que se procurava persuadir; no sentido, que se ponderava diminuto em suas instrucções Pastoraes; e na sua boa intelligencia com o General Stockler, sendo perfeitamente desvanecido por suas respostas, jámais poderia arrastar se á qualificação de crime: e pelo contrario está o legal testemunho, que de todos os Autos resulta a favor do Réo, em abono das suas virtudes, e

exemplar conducta, que lhe adquirirão a confiança, e o amor dos povos: bem designado no transcripto conceito do Magistrado Devassante a folhas vinte e cinco do appenso=B=.

Mostra-se, quanto ao Réo Caetano Paulo Xavier, que não ha facto algum criminoso, que lhe seja especialmente imputavel. Tudo quanto se contém em seu interrogatorio, numero quarenta e oito, sobre a suspeita de aliciação de Soldados para a Contra-Revolução de tres para quatro de Abril de mil oitocentos vinte e hum: sobre semblante triste: palavras mysteriosas aos Soldados, e circunstancias similhantes, se explica ordenadamente nas respostas deste Réo, especificando a surpreza, com que fôra penetrado o Castello de S. João Baptista da cidade de Angra, de que elle era Governador, pela facção, que de hum modo turbulento, e illegal, se figurava affeiçoada ao Governo Constitucional, para se intruzar no poder, e nos interesses: e expondo a serie dos acontecimentos, que se seguirão: e tendo-se estes contemplado em seu verdadeiro aspecto no que se referio ao General Stockler, ao qual pertencia a maior influencia, como a maior authoridade: nenhuma inputação criminosa se offerece contra o Réo, que sustentou seu dever quanto pôde: e que cedendo por momentos ás circunstancias, nunca se constituio fautor de desordens, nem delinquio em objecto algum: devendo attribuir se a perseguição, em que foi envolvido ás suas relações de officio com o General Stockler, e á união, e subordinação a elle em razão do seu emprego: não resultando em consequencia contra este Réo prova alguma, que lhe seja onerosa.

Constituindo-se a extincção desta e similhantes causas pelo providente, e Paternal Decreto de seis do corrente, que perimio todos os processos, formados por opiniões politicas até ao prezente: restava á Justiça huma declaração sobre as provas dos Autos, como reparação dos soffrimentos dos accusados, producção da malevolencia de partidos, e de paixões, ainda apezar do solemne reconhecimento das Cortes na Sessão de dois de Novembro de mil oitocentos vinte e dois: suffocando se per equivocos de parcialidade, e por declamações dos desorganizadores, o que fôra tão perspicuamente declarado, depois de maduro exame, e apurado discernimento dos factos, imputados aos Réos: contradizendo-se tantas vezes as opiniões do Congresso, apezar da integridade, e luzes de alguns dos seus membros, quanto erão encontrados os impulsos das prevenções, e dos partidos. E posto, que não seja compativel com as decisões desta natureza, e com o adiantamento da que cumpre a este negocio, para allivio dos accusados, tão dilatadamente opprimidos, o desenvolvimento detalhado de quantas particularidades se offerecerião a referir, e ponderar neste negocio: fica em superabundante clareza tudo, quanto constitue o seu objecto essencial nos factos, que o produzirão: na particular qualificação, que lhes respeita: nas provas, que os contrastão: e na jurisprudencia, que lhes he applicavel.

Por tanto, e o mais do processo, e direito: Declarando extincta esta accusação pelo Real Decreto de seis do corrente, a declarão outrosim não provada contra os accusados o Reverendo Bispo de Angra Dom Frei Manoel Nicolau de Almeida, o Tenente General Francisco de Borja Garção Stockler, e o Coronel Caetano Paulo Xavier, os quaes absolvem, e julgão livres de toda a imputação criminosa: e pelo contrario julgão benemerita, recommendavel. e legal a conducta do Tenente General Stockler no exercicio das funcções do seu Governo em todas as acções submettidas a esta indagação: constituindo-se o Reverendo Bispo de Angra Dom Frei Manoel Nicolau de Almeida, em sua conducta Pastoral, e politica digno de estima, e conceito público, que obteve: e mandão, que passando-se Ordem para serem soltos todos os referidos accusados, se ponha aonde competir a verba necessaria: pagas pelos mesmos accusados as custas ex-causa. Lisboa 10 de Junho de 1823.=*Lacerda*=*Ozorio*=*Moura Cabral*=*Germano da Veiga*=*Doutor Tovar*=*Vieira*.=

E não contém mais a dita Sentença, de que por virtude do Despacho proferido na Petição, em que esta começa, fiz extrahir a presente Certidão, que vai sem levar cousa que dúvida faça, e a leval-a aos proprios Autos, e dita Sentença me reporto, em fé do que vai por mim sobscripta, e assignada. Dada, e passada nesta Côrte, e Cidade de Lisboa aos 17 de Junho de 1823. E eu Dionysio José Monteiro de Mendonça a sobscrevi e assignei.

*Dionysio José Monteiro de Mendonça.*

Com a queda do systema liberal, obteve o General Stockler não só o titulo de Barão da Villa da Praia, por carta de 29 de setembro de 1823, mas igualmente a reintegração no logar de Capitão General dos Açores, desembarcando em Angra no dia 17 de novembro seguinte.

# NOTAS AÇORIANAS (*)

## I

## OS AÇORES

Entre povoar e descobrir ha uma grande differença.

Parece, porem, não terem entendido isto assim a maioria dos antigos historiadores que trataram dos primordiaes tempos do archipelago denominado dos Açôres, inventando a seu talante inverosimeis factos, copiando-se mutuamente e estabelecendo afinal como veridicos acontecimentos alguns dos quaes não passavam de pura phantasia, ou de um meio de tornar mais interessante o assumpto de que tratavam.

Existia, talvez ha seculos, a noticia de umas terras para oeste, no oceano atlantico, quando no seculo 15.º as caravellas portuguezas vieram em sua procura.

Como se propagara semelhante noticia e com visos de verdadeira, a ponto de animar um principe illustrado n'um empenho em que necessariamente ia arriscar numerosas vidas e largos haveres é facil de conjecturar, se attendermos á sua habitual convivencia com a gente maritima.

E' possivel que este segredo lhe fosse revelado por algum marinheiro que ao regressar do archipelago de Cabo Verde, então já descoberto, arrastado por temporaes, tivesse do navio em que labutava avistado estas ilhas, ou talvez por algum dos notaveis capitães de longo curso com os quaes privava.

E' isto o mais natural.

O Snr. Infante D. Henrique cognominado *O Navegador*, quinto filho d'El Rei D. João 1.º era um homem de tão esforçado animo nas

---

(*) Por especialissimo favor do Sr. Ernesto Rebello, distincto escriptor fayalense, recebeo a redacção do *Archivo* o original do 1.º volume das *Notas Açorianas*, contendo XVII capitulos de variadas especies, todas tractadas por S. Ex.ª com a costumada mestria. Os leitores de certo, acompanharão a redacção no devido agradecimento pelo valioso brinde, cuja publicação agora encetada, continuará sem interrupção nos seguintes numeros.

emprezas guerreiras, como nos arroteamentos civilisadores ou nas expedições maritimas.

Porventura desgostoso do viver da côrte, aonde para espiritos azados ás conquistas da sciencia mal se coadunam as intrigas palacianas, escolheu no Algarve, á beira-mar, uns altos rochedos e fundando a Villa de Sagres, alli, mais na contemplação do ceu e do mar do que no redemoinho da politica, passou o resto da sua existencia até ao dia 13 de Novembro de 1460 em que falleceu, deixando honrosa memoria de grandes estudos e profundo saber.

O Infante, no seu retiro de Sagres era mais um sabio do que um principe, encontravam-se alli em abundancia mappas e instrumentos maritimos e astronomicos, então ainda muito raros, de preferencia talvez a leis, codigos e regulamentos, e se escasseavam n'aquelle isolado promontorio os ministros da alta governação do Estado, não era raro encontrar se Sua Alteza conversando familiarmente com valentes da tempera de Zarco, Bartholomeu Perestrello, Tristão Vaz Teixeira e Gil Eannes.

Foi creado n'aquelle sitio uma especie de observatorio astronomico e o Infante D. Henrique, qual aguia desprendendo o vôo por sobre ignotas regiões, patrocinava poderosamente o descobrimento de *mares nunca d'antes navegados*, como mais tarde disse Camões, ou de terras longinquas e riquissimas, para augmento das christandades do mundo e maior esplendor da sua patria.

No anno de 1432, segundo a opinião mais geralmente seguida, uma pequena expedição commandada por Gonçalo Velho Cabral, Commendador d'Almourol, abeirava-se da ilha mais oriental do Archipelago, hoje conhecida pelo nome de Santa Maria.

D'alli, necessariamente, deviam os descobridores avistar São Miguel ainda que o seu descobrimento foi fixado a 8 de maio de 1444, (*) e pela sua aproximação, em qualquer pequena viagem de exploração a Terceira, Graciosa, Pico, São Jorge e Fayal.

Não é crivel que estes arrojados marinheiros vindo, relativamente, de tão grande distancia e em pequenas embarcações, arrostando tamanhos perigos e com o especial destino de descobrimento de terras, apenas encontrassem as duas primeiras ilhas se dessem por satisfeitos de seu trabalho, a curiosidade natural e a probabilidade de n'estas paragens existirem outras ilhas, é provavel que os incitasse a crusar n'estas alturas.

Fizeram isto immediatamente ou n'uma segunda expedição?

Não se sabe.

O que se pode conjecturar, ou talvez affirmar, é que em 1453 já estavam visitadas todas as nove ilhas do archipelago, sendo as ilhas

---

(*) Em 1439 já estavam descobertas 7 ilhas dos Açores. Veja-se o 1.º vol. d'este *Archivo* pag. 5.

das Flores e Côrvo as ultimas e mais difficeis de encontrar pelo seu affastamento para o occidente e por mais tormentosos mares nas suas proximidades.

A noticia confirmativa da existencia das novas ilhas, que os exploradores denominaram erradamente dos Açores, pela grande quantidade de milhafres que nas mesmas encontraram, não devia causar grande alvoroço em Portugal, se attendermos a que, então, a attenção dos Portuguezes estava toda voltada para as conquistas d'Africa, que eram importantissimas e que representavam o seu sonho doirado.

Assim a posse, no meio de procellosos mares de uns ilheos despovoados e cobertos somente de mattas virgens, não era facto relativamente importante, nem que animasse muito a cubiça de ousados aventureiros.

Deitaram lhe, pois, algumas vaccas, porcos e carneiros para propagação, dando assim ensejo a que os primeiros casaes humanos que para estas terras viessem habitar definitivamente achassem prompta e facil alimentação.

E effectivamente assim aconteceu.

De africanos, flamengos e portuguezes em breve se estabeleceram em todo o archipelago diversas moradias, havendo muita confusão sobre a verdadeira data do povoamento d'alguns sitios, ou povoações, que se desenvolveram successivamente: devido á amenidade do clima, excellente fertilidade dos terrenos, abundancia de agoas e facilidade da vida.

Tremendas erupções volcanicas flagellaram por vezes os primeiros habitantes dos Açores, causando mortes e destroços, mas a esses cataclysmos opposeram elles sempre devotado amôr pela nova patria que haviam escolhido.

E nem deve admirar a ignorancia em que nos achamos com relação a muitas das circumstancias dos primeiros tempos do povoamento insulano, importantissimos reinos ignoram ainda hoje a verdadeira data do começo da sua existencia, com não raras vezes o logar do nascimento, ou a epocha da morte dos seus mais illustres filhos, não sendo, portanto, muito de estranhar que em terras relativamente insignificantes se ignore tambem muitos dos factos atinentes ao seu primordial viver.

E' certo, porem, que cavalheiros distinctissimos e familias de apurada nobresa para estas ilhas vieram desde a sua povoação, uns como donatarios das mesmas, outros por simples curiosidade, ou para aqui lograr mais descançada vida.

Recorda a historia, e até com certa prolixidade o P.e Cordeiro a genealogia de muitas das familias nobres d'estas ilhas, d'algumas das quaes os descendentes ainda hoje existem, conservando o nome das

mesmas e o explendor de tratamento, outras havendo-se extinguido com o prepassar dos annos.

O systema emphyteutico estabelecido em todo o archipelago teve por origem as doações feitas aos seus principaes varões pelos monarchas de Portugal.

O volcanismo no Açôres é o mais importante facto que desde logo chama a attenção dos seus visitantes;—ilhas devidas essencialmente á acção de enormes reviramentos no fundo do oceano, conservam ainda em muitos sitios tão vividas as demonstrações das grandes erupções que convulsionaram o mysterioso fundo do mar, como se esses espantosos phenomenos tivessem occorrido ha alguns annos apenas.

As crateras hoje denominadas *Caldeiras* abundam numerosas em todas as ilhas, algumas immensas e profundas como a do Fayal e Sete Cidades, em S. Miguel, outras de somenos importancia e de variadissimo aspecto. Uma montanha sumida, por exemplo, no immenso sorvedouro causado pelas fauces arquejantes d'um volcão, forma mais tarde uma d'essas grandes profundidades do terreno, que a acção do tempo vae revestindo de encantadoras collinas e que a vegetação explendida d'este clima toma a cargo de revestir de variados fetos, zymbros, urzes e silvados.

As raizes d'estas plantas entranham-se nas pequenas fendas existentes entre grandes blocos de lava solidificada, revestindo em seguida a nudez negra d'aquelles sitios do verde festivo das plantas agrestes e uma profusão enorme de variadissimas flores, vermelhas, brancas e amarellas, de bagas vistosas e lusidias, de fetos gigantescos como grandes palmas, fazem esquecer ao espectador a triste recordação dos cataclysmos que por vezes deram origem áquelles aprasiveis sitios. visitados com grande agrado por quantos viajantes aportam aos Açôres.

A historia do volcanismo n'este archipelago daria ensejo a longas descripções, montes que ao oscillar da terra tem corrido sobre inermes povoações, fazendo milhares de victimas, soterrando muita gente e riquezas, lagos serenos e d'encantadoras margens a reflectir o explendido fulgor da lua aonde antes eram mattas escuras e embrenhadas, grandes tractos de terreno, a que o povo na sua poetica lingoagem chama *mysterios*, por vezes contendo muitos kylometros de lava arrefecida, mostrando ainda os veios e direcção da sua caudal, aonde anteriormente haviam campos ferteis e ridentes, furnas, cavernas, gallerias subterraneas, em fim todos os variados accidentes e aspectos que o dilacerado seio da terra pode offerecer depois de haver soffrido uma convulsão mais tremenda do que se no seu seio profundissimo houvessem rebentado incommensuraveis minas dos mais terriveis explosivos, desconhecidos ainda da sciencia humana.

As datas d'estas erupções são variadissimas, se os annos de 1522, em S. Miguel, 1562 no Pico, 1614 na Terceira, 1672 no Fayal e 1808

em São Jorge, foram assignalados por bem lamentaveis desastres, occasionados pelos effeitos das erupções volcanicas ou corridas de montanhas e de terrenos, acresce ainda a isto, ainda que em menores proporções uma abundosa serie de dias nefastos por analogos motivos, tanto nos passados tempos, como bem modernamente.

Não decorre anno algum em que n'um ou outro ponto dos Açores não trema a terra e por vezes mais do que accidentalmente, mas sim, com mais ou menos intensidade durante o decurso de mezes.

A par, porem, das terriveis consequencias, e angustias para os açorianos que apresenta a organisação e estructura volcanica d'este archipelago, grande copia de agoas thermaes do mais subido valor e variadissimas qualidades rompem a flux em quasi todas as ilhas e com especialidade n'esse formosissimo jardim do oceano, na rica e populosa ilha de São Miguel. As agoas thermaes dos Açores, se acaso fizessemos a seu respeito o alarde que outras localidades fazem, ás vezes, apenas com a apparição de uma ou outra fraca nascente, poder-se-hiam tornar pelas suas variedades e beneficos resultados não só um grande bem para a humanidade, como importantissima fonte de receita. Alguma coisa, ultimamente, se ha feito a este respeito, mas é tambem indubitavel que muito resta ainda a fazer, para que se obtenha tão promettedor resultado.

A flora açorica, devido á benignidade do clima d'estas ilhas é admiravel, explendida, e pode o viajante aqui encontrar as encantadoras galas da natureza que se admiram nas mais remotas paragens, tornando-se muito notavel a grande variedade de camelias de alentadas proporções e delicados matizes, as quaes são trivialissimas em todo o archipelago.

Não ha nos Açores reptis venenosos, nem animaes que ataquem o homem.

Como muito bem notou o sabio naturalista francez, Mr. Fouque, nas duas viagens scientificas que fez a este archipelago nos annos de 1867 e 1872, parece que todos ou a maior parte dos animaes aqui existentes foram importados lentamente e segundo a necessidade que dos mesmos ia havendo, causando lhe motivo para reparo encontrar nas lagoas açorianas os abundosos e dourados cyprinos, peixe formosissimo, e, como é sabido, oriundo da China.

A vida nos Açores é facil e relativamente barata para qualquer viajante que nos deseje visitar. Ha muito frequentes relações com os portos maritimos dos Estados Unidos da America e duas vezes por mez uma carreira de vapores entre Lisboa e estas ilhas, alem dos navios de diversas proveniencias que accidentalmente aqui aportam para tomar carvão, reparar avarias, abastecer se de viveres &.ª

No decurso do verão muitas familias norte americanas visitam as ilhas, especialmente o Fayal e São Miguel, aonde bons hoteis as recebem com commodidade.

*A trip to the Azôres* será sempre uma agradavel maneira de passar uns tres mezes do anno, maxime para os nossos visinhos americanos e o aprasivel aspecto da luxuosa vegetação açoriana, as excursões ás suas eminencias, aos pittorescos valles e montanhas, assim como a reconhecida salubridade do clima, um atrahente refugio e descanço para os incansaveis trabalhadores de todos os grandes commettimentos do progresso na grande republica do novo-mundo.

Dar-lhe-hemos flôres, flôres, muitas flôres.

II

# AS UVAS

## (Ilha do Pico)

Um paiz vinhateiro é sempre um paiz sympathico.

Causa uma bôa impressão ao caminheiro, se acaso cançado de longo jornadear, pedir pousada n'uma casa, acha alli bom agasalho, gente alegre, partilhar d'uma bella ceia de peixe com batatas, apetitosa de cominhos e malagueta e depois, ao cahir da tarde vir com o dono da habitação para o elevado balcão, estender a vista por sobre valentes vinhedos e dizer-lhe o seu amphytrião:

— Ora, agora, vae o sr. provar uma pinga cá da minha lavra. O' Maria!

— Senhor! — responde-lhe assomando a uma das janellas uma fresca e morena rapariga, d'uns dezoito annos d'idade.

— Olha, filha, traz-me cá o meu garrafãosinho, isto são dois dias de vida. ó amigo, vamos a isto . . .

E o garrafão n'essa tarde ficou completamente esgotado, cada copo parecia que refinava de sabor, que tinha mais agradavel paladar, um vinho que não tinha geropiga, encorpoado, um vinho de fazer amigos.

E que somno reparador depois da prova!... não o somno dos bebados, que esse é aviltante, mas sim o descanço abençoado das passadas fadigas, o bem estar dos aventurados nos braços da Paz e da Concordia.

Dizem que foi um padre, Fr. Pedro Gigante, que ha muitos annos introduzio no Pico, nos terrenos mais proprios para semelhante cultura, alguns bacellos de vinha proveniente da ilha da Madeira.

Este padre foi, effectivamente, um gigante no nome e na idêa,

um philosopho ás direitas. Vio que a ilha do Pico era extensissima, ainda pouco povoada e todos os casaes dispersos á beira do mar;— quiz secundar a poderosa acção chimica dos mariscos sobre a organisação humana, augmentar o nervoismo, o amor d'um para outro sexo, via já formigar creanças por toda a parte, mas ainda achava que o *crescite et multiplicamine* da Escriptura não estava bem realisado, queria, reconhecia a necessidade de mais gente na nova ilha e disse de si para si: Se aqui houvesse bastante vinho, mas bom, d'um certo que eu conheço, d'aquelle que dá força e vida, realisava se o milagre. Vou mandar vir e plantar bacellos, por toda a parte, quero que estas mulheres se tornem fecundas, estes homens todos uns verdadeiros patriarchas.

Bom padre!

As cêpas vieram, propagaram, cresceram, espalharam-se por toda a parte, chegando a dar-se com mais facilidade um copo de vinho do que uma vez d'agua, e, effectivamente, o Pico povoou se, apesar da sua extensão, rapida e poderosamente.

Com a introducção da vinha insuflou-se nos Picoenses uma nova vida.

Se até alli, como nos bailes em que o dono da casa não brinda os seus hospedes com algumas bandejas do desejado liquido, especialmente da meia noite em diante, as danças são frias, os homens aparvalhados, tudo desanimado, desde os dias felizes em que o vinho circulou n'aquelle vasto litoral, Deus pareceu abençoar aquella terra, havia riqueza, vida, abundancia, alegria.

Feliz tempo aquelle!

Eu não desconheço que por todo esse mundo tem-se feito luzidos centenarios a varões illustres e até a alguns que o não são, que se tem erguido estatuas a quanto descobridor tem havido, embora a profundidade dos seus inventos seja por vezes assaz duvidoza e a um homem d'esta tempera, a um Pedro Gigante, mais notavel talvez do que Pedro, o Eremita, ainda não houve uma alma christã que se lembrasse de levantar um monumento!

Era tempo de reparar esta falta.

Dotar uma ilha com a producção annual de 12 a 15 000 pipas de excellente vinho, dando uma receita aproximadamente de 300:000$000 de rs. não é um facto que deva passar desapercebido.

O *oidium* que ha alguns annos, desde 1853, flagella aquelles vinhedos talvez que não seja mais do que um castigo de semelhante esquecimento.

Passeiem em procissão de Villa para Villa, de aldeia para aldeia, uma bôa imagem do P.^e Gigante e talvez que a molestia desappareça, mas honrem o beato, bebam bastante *á sua saude*, embora de ha muito elle esteja finado, por que o vinho do Pico, sendo do genuino, do velho, do bom, no dizer dos entendedores, e d'aquelles que o vendem em larga escala, era capaz de ainda e de resuscitar defuntos.

Uma grande parte da cultura da ilha do Pico e especialmente de toda a fronteira voltada a oeste e que defronta com a ilha do Fayal, bem como do Concelho de São Roque são os vinhedos, cujas vergonteas se acham plantadas as mais das vezes em terrenos completamente improprios para qualquer outra tentativa agricola, nas fendas com alguns grãos de terra existentes em longos tractos de terreno requeimado pela acção das erupções volcanicas, umas vezes constituidos de pedras roliças, outras de camadas espessas de lava solidificada, como um mar de chumbo que houvesse coalhado, tornando-se negro e apresentando diversos veios e laivos avermelhados, bem como diversas ondulações.

A ilha do Pico, mede de comprimento quazi 45 kilometros e 30 na sua maior largura, correndo de leste a oeste, dividida longitudinalmente por uma serra, na extremidade occidental da qual está o famoso pico, que dá o nome a toda a ilha e que se eleva 2:412 metros acima do nivel do mar.

Em lento declive, desde essa notavel altura, vae descendo o terreno até ao oceano, na sua fronteira voltada a oeste, aonde no litoral estão dispostas diversas povoações, cuja casaria se destaca accentuadamente do fundo negro do sólo volcanico em que foi erecta.

De tres pontos d'essa fronteira, Calhau, Arêa-larga e Magdalena, vem diariamente ao Fayal algumas possantes embarcações, as maiores das quaes podem conduzir duzentas pessôas, as quaes entretem o commercio entre estas duas ilhas, embarcações porem que não tem coberta, aparelhadas com duas velas latinas e equipadas por excellentes e arrojados marinheiros, isto alem de pequenas lanchas de pesca, ou de carga.

O canal que tem a atravessar é apenas de cinco kilometros aproximadamente, mas por vezes tempestuoso e traiçoeiro, assim como arriscadissima é a entrada dos mencionados portos da ilha do Pico, ladeados de informes e perigosos recifes por onde o mar furioso investe com horrivel bramido.

Este lado, porem, da alterosa ilha, d'um tom severo, e escuro, tendo a forma d'uma gigantesca pyramide, erguendo o seu afilado cume até á região das nuvens, apresenta amiudadas vèzes magestosos e sempre variaveis panoramas á vista deslumbrada do espectador, tanto pelo effeito da luz solar que tinge a lava da montanha de diversas e formosas cambiantes, como pelas formas caprichosas das nuvens que desde o meio da montanha até ao cimo, andam alli a pairar, rolando-se de encontro áquellas solidões immensas, despidas de vegetação ou de qualquer vivente.

Ao meio da montanha, muitas vezes, tomam as nuvens, tingidas de diversas còres, a forma de uma longa faxa, ondeada como um mar de enormes vagalhões, ou apresentando no seu seio phantasticas figuras, arremedos de cyclopicas construcções, ou então volvidas n'um ca-

pêllo e deixando descampada a terra, vão collocar-se sobranceiras ao cume da ilha, denunciando proxima e inevitavel borrasca essencialmente na estação invernosa.

A verdadeira bellesa, porem, d'este lado occidental da ilha é quando a neve se estende desde o cimo do Pico até á sua zôna media, cobrindo em toda a largura aquelles vastos terrenos d'um lençol alvissimo e que o sol d'um claro dia, bem claro, de Janeiro ou Fevereiro entorna fulgurantes ondas de luz por sobre o gêlo, emprestando-lhe scintillações diamantinas, incendendo aquelle immenso *glacier* de deslumbrantes miragens. N'esses dias a arrumação das nuvens, no ocaso do sol, que, inevitavelmente, como aves cançadas d'um longo jornadear pelos espaços, vem procurar repouso e abrigo nas escarpas da montanha, apresentam delicadissimas cores, cobrindo a nudez do gigante açoriano, com mantos franjados de purpura ou de arminhos, com doiradas barras, nas quaes tambem se reflecte o azul dos ceus.

O cume da montanha, dominando essas nuvens, tem então uns tons metallicos, a côr rubra e escura do bronze que vae arrefecendo é já quasi negro no litoral, desprovido n'essa quadra do anno das folhas verdes das figueiras e d'outras fructiferas arvores em que abunda aquella região.

Dobrada qualquer das extremidades, ou pontas, d'este lado da ilha, apresenta então, no seu maior prolongamento a mesma forma com que o inspirado poeta Sant'Anna e Vasconcellos descreveu a ilha de São Jorge, a de uma grande serpente adormecida á tona d'agua, isto é, uma serra de muitas legoas de comprimento, erguida ao meio da ilha, cujas vertentes do lado do sul e norte, patenteiam de distancia em distancia diversas povoações, quasi sempre construidas á beira mar.

A ilha do Pico divide se em tres concelhos, o da Magdalena, no lado occidental, ao qual pertencem a Villa do mesmo nome e as freguezias das Bandeiras, Creação Velha, Candelaria e São Matheus.

Ao sul o Concelho das Lagens, tendo por sede a Villa de egual nome, com as freguezias de São João, Ribeiras, Calheta e Piedade.

O Concelho de São Roque, ao norte, composto da Villa de São Roque, e das freguezias de Santo Amaro, Prayinha, Santo Antonio e Santa Luzia.

Assim, temos em toda a ilha tres Villas e doze freguesias, com uma população excedente a 27.000 habitantes, divididos da seguinte maneira, segundo um documento official.

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Concelho da Magdalena* | Magdalena | 2.728 | |
| | Bandeiras | 1.064 | |
| | Creação Velha | 1.009 | |
| | Candelaria | 1.369 | |
| | São Matheus | 3.223 | 9.393 |
| *Concelho das Lagens* | Lagens | 3.215 | |
| | São João | 1.315 | |
| | Ribeiras | 1.968 | |
| | Calheta | 1.660 | |
| | Piedade | 2.500 | 10.658 |
| *Concelho de São Roque* | São Roque | 1.703 | |
| | Santo Amaro | 848 | |
| | Prayinha | 1.759 | |
| | Santo Antonio | 1.521 | |
| | Santa Luzia | 1.195 | 7.026 |
| | | | 27.077 |

A cultura da vinha, embora generalisada em toda a ilha, ainda assim era, anteriormente a 1853 em que começou o *oidium*, o principal e quasi exclusivo trafego do concelho da Magdalena e parte do concelho de São Roque, ao contrario do que hoje alli vemos, devido á industria dos seus habitantes, que á mingoa da antiga cultura, despedaçaram a alvião a crusta de lava solidificada que recobria aquella parte do Pico, na fenda da qual cresciam as parreiras, para ir mais fundo encontrar bôa terra aravel e propria a variadas culturas, como a do milho em que já hoje abunda a ilha, quando anteriormente importava este genero em larga escala.

A colheita regular do vinho, antes da molestia: orçava de umas 12 a 15.000 pipas annualmente, havendo, porem, annos de tão extraordinaria producção que chegou a render 25.000. Nesses annos de grande abundancia, aconteceu por vezes, em quanto não se aprromptavam vasilhas proprias para receber todo aquelle precioso liquido, deitarem-n'o os agricultores em tanques abertos no terreno e até dentro dos barcos, que estavam varados nos portos.

A importancia do trafego do vinho, tanto para a ilha do Pico, como para a do Fayal, aonde residiam e residem grande numero dos proprietarios das vinhas, era importantissima e pela bahia da Horta, para diversos e remotos paizes, era exportado, redundando em valiosas quantias, que n'estas duas ilhas entravam, espalhando por toda a par-

te a abundancia e facilidade de viver, sendo empregados n'esses trabalhos milhares de individuos, homens, mulheres e creanças, que para todos havia que fazer e para todos bons lucros.

A mudança periodica, durante o estio, de grande numero de familias da Horta para o saluberrimo clima do Pico, alem de uma diversão agradavel durante a bella estação, tinha egualmente o poderoso incentivo do melhor grangeio dos seus rèditos e aquella vasta ilha, dos mezes de Julho a Outubro, tomava o festivo aspecto de uma terra densamente povoada, aonde a riquesa e a alegria reinavam por toda a parte.

De anno para anno multiplicavam-se alli elegantes construcções campesinas, para proveito e regalo dos indigenas, bem como dos seus numerosos visitantes.

Ora, no continente do reino, o agricultor vinicola depara para a cultura a que se propõe com um terreno fragoso e de assaz difficil grangeio, sendo todo o paiz vinhateiro do alto Douro e do Douro inferior retalhado de quebradas, estreitos valles e ingremes montes, requerendo arduos trabalhos para a cultura da videira e fabricação dos vinhos, que só a devotada presistencia e avultado dispendio dos proprietarios d'aquelles terrenos pode volver em perenne manancial de riquesas.

Esta *fatal* disposição do sólo, como lhe chama o Sr. Visconde de Villa Mayor, no muito apreciavel livro *O Douro Illustrado*, obriga o plantador d'aquellas regiões a consideraveis gastos, nem esta ao alcance de qualquer pequeno proprietario cultivar a vinha, quando com um milheiro de bacêllos tem a despender de 40 a 200$000 reis e e n'um hectare d'este plantio de 450 a 500$000 rs.

Alli, n'aquelle accidentado terreno o primeiro trabalho a fazer em qualquer propriedade, geralmente notavel em encostas e alcantiladas serras, é levantar muros, exactamente na disposição dos degraus d'um amphitheatro, desde a fralda dos montes até ás cumieiras dos mesmos e no espaço convenientemente aplanado, que medeia d'um a outro *calço*, plantar as cèpas, o que ainda assim requer na sua disposição, preparo do terreno e maneira de as metter no solo, um systema assaz complicado e que requer muita pratica.

O trabalho necessario para preparar um monte, uma ribanceira ou pedregosa escarpa para receber a plantação da vinha, não é empreza facil, nem geralmente effectuada pelos povoadores d'aquelles sitios.

São ranchos de pedreiros da raia da Galliza que vem periodicamente a Portugal, durante o inverno, e que se occupam n'esse mister.

Não lhes falta que fazer.

Depois de preparados os *calços* e convenientemente plantados, ainda o grangeio usual da vinha, até á colheita, que se effectua depois do mez de Setembro, requer muitos cuidados e trabalhos, dos quaes

os principaes são a escava, a poda, a cava a monte, a empa, a cava rasa, o enxoframento, a cata dos insectos e a desfolha.

O enxoframento é quasi obrigatorio para a bôa producção da planta, o primeiro loge depois da arrebentação e o segundo depois de limpar o cacho.

Deve-se tambem notar, como menciona o author a que acima nos referimos e que seguimos nas precedentes linhas, que só muito tempo depois das colheitas e sujeito o vinho do Douro a cuidadoso tratamento é que elle adquire as soberbas qualidades que o tornam tão recommendavel em Portugal, como nos paizes estrangeiros.

N'aquelle paiz vinhateiro ha, n'este genero, propriedades enormes e de grande valor, sendo tamanha a faina n'esse mister que para coadjuvar a fabricação do vinho vem milhares de trabalhadores hespanhoes viver alguns mezes nas differentes povoações dourianas.

O terreno, quasi exclusivamente applicado á cultura da vinha, apenas deixa ver, a espaços, alguns olivaes, amoreiras, amendoeiras, figueiras e larangeiras de pomos excellentes.

As trovoadas, no Douro, são frequentes, mas a vinha resiste melhor a essas intemperies do que ao terrivel vento leste, que por vezes alli reina durante alguns dias do verão, verdadeiro flagello d'aquella cultura que, não é raro, em poucas horas, carbonisar completamente as uvas, destruindo todas as esperanças dos agricultores.

Vejamos agora como nos Açores e especialmente na ilha do Pico, se desenvolve a vinha, qual a maneira do seu cultivo, os cuidados que requer e a maneira de fabricação dos nossos bons vinhos.

A vantagem parece-nos estar toda da parte dos açorianos.

Tomêmos uma diminuta fracção d'esses centos de moios de terreno applicado ao cultivo da vinha na ilha do Pico, um alqueire por exemplo, e pelo seu preparo verêmos o que se usa fazer nos grandes tractos.

Estes 968 metros quadrados de sólo está bravio, inculto e na maior parte das vezes é constituido de pedras roliças, ou d'uma camada de lava solidificada, com fendas n'um e n'outro sitio, entre as quaes o decorrer do tempo tem depositado alguma terra, como entre a pedra solta, engrossada gradualmente pelos detrictos dos musgos ou lichens que conseguiram viver n'aquelle terreno ingrato.

Pequenas moutas de faias, geralmente rasteiras, cujas sementes as aves tem levado por aquelles sitios, ou então hervas tenazes e ordinarissimas, entre as quaes se elevam os cardos e os juncos e á beira do mar a cicuta, rompem a monotonia d'aquella negra região, de pouco convidativo aspecto.

Assim o primeiro trabalho a fazer é arrancar toda aquella vegetação que se alimentava da escassa terra alli existente. Depois de limpo aquelle espaço pode dividir-se em seis partes com paredes transversaes e longitudinaes de um metro aproximadamente de altura, isto

para abrigo da vinha, deixando de um lado aberta uma canada para servidão.

Os quadrilongos que ficam pelo levantamento dos *abrigos* communicam entre si.

Para esta ordem de trabalhos abunda por toda a parte a pedra e o custo dos jornaes dos trabalhadores regula, actualmente, de 240 a 300 reis.

Preparado assim o campo, para alli, em Janeiro, são transplantados os bacellos, quando de semente, que já devem ter um anno de edade, ou em Março, quando são varas da poda que, n'esse tempo, se effectua nos já existentes e antigos vinhedos.

Os bacellos são plantados nos interstícios, ou fendas do solo, entre as pedras aonde se divisa alguma terra, ou n'esta mesma quando se apresenta limpa, o que é raro.

No primeiro anno não ha mergulha da vara, nem enxerto, como nas vinhas já antigas, consistindo o processo d'aquella operação em abrir um rego, ou cova, a alguma distancia da cêpa e ahi mergulhar a vara, cobrindo-a bem com terra, procurada por vezes em assaz remotos sitios.

O enxerto é por meio de incisão na cêpa antiga, na qual se introduz um rebento de bôa vinha.

Fica então o agricultor descançado até ao mez de Julho, quando a vegetação já está muito desenvolvida e o cacho limpo, em que tem de proceder á monda, das hervas ruins que cresceram.

Depois da monda segue-se o levantamento da parreira, em forquilhas, o que só não se faz quando, em alguns raros sitios a vinha tem trepado em arvores ou latadas, ou se arrojou por cima das paredes dos abrigos, proximo das quaes existe.

Na ilha do Pico a desfolha da parreira, para expôr o cacho a maior intensidade do sol, não é geralmente adoptada; e quando, porventura, á mesma se procede, poupam sempre as duas folhas mais proximas do cacho, que os vinhateiros denominam *os guarda-soes* da uva e esta desfolha, parcial, só tem logar quando os cachos já estão no começo da sua maturação.

As vindimas effectuam-se, geralmente, de 15 de Agosto em diante.

A este respeito estamos ainda como na primitiva e o processo aqui seguido é, com pequenissimas variantes, o de que usavam antigos povos, cuja descripção é a seguinte que extractamos do Diccionario inglez de Antiguidades Gregas e Romanas, editado por William Smith, Ph. D., em New York, com a data de 1843.

«*Torculum*, ou *Torcular* — uma prensa para fazer vinho, ou azeite.

Quando as uvas estavam maduras, os cachos eram apanhados,

despresando-se qualquer que não estivesse sazonado, sendo os outros conduzidos em grandes cestos da vinha para o lagar.

Alli eram, immediatamente, pisados por homens descalços, mas uzando ceroulas.

Ao menos, duas pessoas, pisavam juntas as uvas.

Trabalhar a sós no lagar indicava desolação e pobreza.

As pinturas Egypcias mostram-nos até sete homens conjunctamente n'esta faina, aguentando-se em cordas, ou páos, adrede collocados na parede e passando por cima das suas cabeças.

Pelo tamanho dos lagares Grègos e Romanos não pode haver duvida que o rancho dos vindimadores era, por vezes, muito mais numeroso.

Uma *antefixa* do Museu Britanico exhibe um individuo ao lado do lagar, executando musica n'um instrumento, em quanto se procedia á piza, regulando d'esta forma os movimentos dos trabalhadores.

Alem da musica instrumental eram os vindimadores tambem animados por uma canção adequada áquelle acto, alguns trechos da qual se encontram em Anacreonte.

Desde que as uvas estavam sufficientemente pisadas, eram ainda sujeitas, no lagar, a uma forte pressão, produzida por uma trave ou prensa para este fim preparada, isto com o intuito de lhes tirar todo o sumo.

Algumas vezes substituiam o prelo por uma prensa de parafuso.

Um ralador era tambem usado para limpar o môsto das particulas solidas que corriam do lagar.

Recebia-se, da torneira, o vinho em vasilhas de boca larga, das quaes o vasavam em pipas.

Quando a colheita era muito abundosa, alem dos cascos proprios para a recepção do vinho, havia uns depositos cavados no chão, aos quaes os latinos davam o nome de *lacus*.

A festa de Lenæa, ou Baccho, era celebrada no local em que se dizia haver sido construido o primeiro lagar.

Ora esta descripção coincide exactamente com o que ainda hoje se pratica entre nós e se os pobres vindimadores da ilha do Pico não tem ao lado do lagar, para os animar, alguns musicos, elles substituem esta falta com a prata de casa, com as suas proprias vozes, cantando-se ou descompondo-se de lingoa, conforme as urgencias d'aquelle trabalho.

A vindima nem por isso é menos animada, n'aquella atmosphera saturada das emanações mornas e estonteadoras do sumo da uva.

Os depositos dos vinhos do Pico nunca perdem pelas maiores dimensões das respectivas vasilhas, tanto assim que antigamente, no tempo das grandes colheitas, preferiam os toneis ás pipas, que devem estar bem lavadas e levemente enxofradas para evitar o engrossamento do liquido, devendo este conservar-se em adegas ou armazens, res-

guardados do frio, estando sobre as fezes, ou borra, desde a vindima até ao seguinte mez de Janeiro, epocha em que convem então *passal-o* e fortifical-o com algum alcool, cuja porção deve ser em harmonia com a sua qualidade, pois sendo fraco deve levar menos espirito e ser decantado repetidas vezes e de cada vez moderadamente fortificado.

Em quanto ás differentes castas da uva, temos:

*Verdelho* — a mais trivial de todas as qualidades e porventura a melhor, sendo os seus caracteres distinctivos, cêpa delgada, folha miuda, cacho de tamanho regular, com muitos bagos, quasi sempre de dois bagulhos, côr amarello esverdeado, quando mal sazonado e côr d'oiro em perfeita madurêza, sabor muito doce e rica em alcool.

*Verdelho Silvestre* — Côr verde, bago grande, cacho regular e gosto acido.

*Boal* — Cacho muito grande, os bagos ralos, côr esverdeada, gosto dôce, e com menos alcool do que o Verdelho.

*Bastardo* — Ha duas qualidades, verde e preta, é doce e os cachos de tamanho regular.

*Dêdo de Dama* — Bago sobre o comprido, dôce, cacho regular e côr esverdeada.

*Terrantêz* — Bago redondo, bagulho pequeno, casca muito fina, côr esverdeada, dôce, alcoolica e produzindo muito sumo.

*Alicante* — Bago grande, cacho pouco provido, carnuda, côr esverdeada e magnifica para passar.

*Moscatel* — Ha duas qualidades, roxo e verde, doces e alcoolicas, bago grande e muito saboroso.

*Uva tinta* — Qualidade inferior, côr preta, cacho regular, servindo só para colorir o vinho.

*Gallêga* — Bago redondo, cacho regular, mas muito *empacado*, côr verde, gosto dôce e perfumado, é pouco alcoolica.

*Isabel* — Casta americana, recentemente importada, bago grande, côr prêta, um só bagulho, casca grossa, dôce e fresca, produz abundosamente, convindo ser pouco podada, tende a generalisar-se em grande escala, substituindo talvez o antigo Verdelho. E sua cultura já está dando optimos resultados.

Mais algumas diversidades de uva existem na ilha do Pico, taes como o *Moscatel de Jesus* — *Diagalves* — *Uva do Monte* — *Ferral* &., mas isto mais por curiosidade do que propriamente para producção, como mais abundosas eram essas diversidades antes da molestia, em que os agricultores a par do lucrativo e geral Verdelho, gostavam de apresentar outras especies, quasi sempre para mêza.

Todas estas castas d'uva estão no Districto da Horta, mal classificadas, ou para melhor dizer, por classificar, á mingoa d'um estudo sobre tão importante assumpto, do qual jamais se tratou devidamente, mesmo no tempo da sua enorme abundancia.

Concluirêmos fazendo a seguinte observação, que é notavel que

sendo o Verdelho oriundo da Madeira seja tão notavel a differença que ha entre o vinho no Pico produzido e o d'aquella proveniencia, ainda que ambos excellentes, o que talvez dêva ser atribuido a effeitos do clima e diversidades de terrenos, pois por analogia vemos haver tambem grande differença, embora na mesma especie, entre a uva do Pico e a d'esta ilha do Fayal, apesar da grande proximidade d'estas ilhas, mas de sólo muito diverso, sendo o vinho fayalense mais fraco, menos dôce e desprovido d'um perfume especial dos productos picoenses.

Com as flores, rosas, cravos &.ª dá se o mesmo facto, na ilha do Pico o seu aroma é muito mais fino e pronunciado.

Os entendedores classificam os vinhos das ilhas d'este archipelago pela seguinte ordem descendente, 1.º o vinho do Pico,—2.º de São Jorge,—3.º da Graciosa, — 4.º do Fayal, isto com relação aos productos antigos, pois que, modernamente, conservando ainda o Pico a primasia a toda e qualquer localidade, ainda assim a ilha de São Miguel está produzindo muito bom e abundoso vinho da uva Isabel, americana, ou de cheiro, como trivialmente é denominada pelo povo.

Consta, por tradição, terem tambem vindo para a ilha do Pico bacellos da ilha de Chipre, isto em 1470.

A entrada dos bacellos da Madeira, foi pouco depois de povoada a ilha, pelos annos de 1460, ou pouco depois.

---

## III

# A CIDADE DA HORTA

## (Ilha do Fayal)

Pequena, mas picttoresca.

Repousa a cidade da Horta reclinada á beira mar, toda cingida de branco e adornada de flores, como noiva engraçada que nos alvores da manhã vem escutar os suspiros de apaixonado amante.

Se o pincel inspirado de algum grande artista quizesse reproduzir na téla um quadro verdadeiramente arrebatador, difficilmente encontraria mais apreciavel sitio do que essa povoação que, edificada n'um longo amphytheatro, precedida de formosissima e vasta bahia, com as suas alvas cazas todas circumdadas de luxuriante verdura, com os formosos montes que a rodeiam do lado de oeste, parece a fada carinhosa que no seio das intemperies do oceano, offerece aos cançados viajantes a alegria, o reponso e a abundancia.

Por isso um numeroso concurso de navios de todas as nacionalidades vem, constantemente, a este porto descançar das suas longas fadigas atravez do oceano, ou em busca dos necessarios reparos, que lhes fornecem os magnificos arsenaes aqui existentes, encontrando nos fayalenses cordeal acolhimento e levando, geralmente, d'esta terra gratas recordações.

Em compensação, esse mesmo importante movimento maritimo, sustenta uma grande parte da população da Horta, bem como alimenta diversas industrias de bastante valia para esta localidade.

O interior da cidade da Horta, ainda que não corresponde exactamente ás muitas bellezas que do mar ostenta, possue, ainda assim, algumas extensas e espaçosas ruas, edificios valiosos e bastante animação, devida em parte ao movimento diario entre esta e a fronteira e vasta ilha do Pico, cujo canal é constantemente sulcado por arrojadas embarcações, equipadas com optimos marinheiros, que estabelecem diarias communicações entre os principaes portos do Pico com esta cidade.

A coragem e pericia d'estes maritimos é proverbial e está em relação com a impetuosidade das tormentas que nas paragens açorianas tem a vencer.

A população da cidade da Horta, eleva se, aproximadamente, a 8:000 habitantes, divididos pelas suas tres freguezias Matriz, Conceição e Angustias. A esta população permanente deve acrescentar-se o avultado numero de estrangeiros que, mais ou menos, sempre aqui se encontram e os quaes constituem um poderoso elemento de prosperidade para esta terra.

A cidade possue, actualmente, trinta e seis ruas, quatorze travessas e seis largos, sendo o seu principal edificio o Collegio dos extinctos jesuitas, situado n'uma linda posição que domina toda a bahia e com as accomodações necessarias para alli estarem reunidas diversas repartições publicas, governo civil, repartição de fazenda do Districto, escrevaninha de fazenda, recebedoria, tribunal judicial, camara municipal &.ª.

No centro d'este edificio que mede 101.2 d'extensão, eleva se a magnifica egreja Matriz, edificada em 1670, dedicada no seu começo ao mysterio da Epyphania e mais tarde, quando matriz, ao Santissimo Salvador, possuindo bôas alfaias e algumas obras d'arte de subido valor, com especialidade o retabulo, em madeira, do altar mór, bem como o do altar de São Paulo.

Ha um antigo documento, uma Memoria enviada pela Junta Governativa da Horta ás Cortes constituintes da nação, em 1822 que menciona haver-se despendido com a feitura do edificio do Collegio 400:000$000 de rs., cifra esta que, necessariamente, foi assaz exagerada.

E na egreja Matriz que corre a tradição de haverem os jesu

tas, quando subitamente expulsos d'esta ilha, enterrado dinheiro, alfaias de prata e ricas fazendas de damasco bordadas a oiro, para os usos sacerdotaes.

Mas será isto verdade?

E' facto que os jesuitas sahiram da Horta, obedecendo ás mysteriosas ordens do Marquez de Pombal, na nau Nossa Senhora da Natividade, chegada á bahia da Horta poucas horas antes do seu embarque.

Com o Reitor Antonio d'Andrade foram prezos mais 7 jesuitas e 3 irmãos leigos no seu convento de S. Francisco Xavier, das duas para as tres horas da madrugada do dia 1 d'agosto de 1760, sendo presentes o Capitão Mór, Thomaz Francisco Brum da Silveira, o Juiz Ordinario, Antonio Soares d'Evora e o Conde de S. Vicente, Manoel Carlos da Cunha a quem fôra confiada tão importante e secreta missão.

Sahiram os jesuitas do seu collegio com o breviario debaixo do braço para embarcar n'um pequeno caes fronteiro, aonde os aguardavam os escaleres da nau, sem que fosse permittido levar mais do que a vestimenta que tinham no corpo.

Desde logo começou a vigorar a idêa de que o thesouro dos jesuitas devia estar soterrado, algures, n'aquelle seu edificio, havendo alli successivas buscas e excavações, sempre infructiferas.

Em nossos dias essas pesquisas ainda continuam, segundo tem constado, encontrando-se alguns subterraneos de lageadas parêdes, com bagacina no pavimento e esqueletos e caveiras em differentes logares da egreja.

Se, effectivamente, o thesouro dos jesuitas alli existio, o qual devia ser valioso, por ser no Fayal a séde da Companhia n'este Archipelago, é mais que provavel que fosse removido para fóra dos Açores, pouco depois da expulsão dos seus donos, de Angra, Ponta Delgada e Horta, dizendo-se até que por um ermitão que no Fayal appareceu, vindo n'uma sumaca ingleza e que durante algum tempo viveu na ermida de Nossa Senhora da Bôa Viagem e cuja sahida d'esta ilha foi assaz mysteriosa.

Alem da capella mór, cabeça da cruz que no seu deliniamento forma esta egreja, existe na extremidade do norte do cruzeiro uma esvelta e rica capella do Santissimo, de construcção moderna, 1847, e no lado opposto a capella de São Paulo, a que já nos referimos.

Cada lado do corpo da egreja contem tres capellas, havendo na primeira do lado do sul, dedicada á Senhora da Bôa Morte, duas admiraveis télas, uma representando o passamento da Virgem e outra atinente á sua gloriosa resurreição, que tem sido muito admiradas por estrangeiros illustradissimos que este templo tem visitado. Ignora-se a proveniencia d'aquelles bellos quadros, que bem podem ser de subido valor artistico e apenas se sabe que o protector d'aquella

capella fôra o P.e João Alves de Serpa, que na mesma jaz enterrado em sepultura rasa. Existe tambem um bello quadro no Baptisterio e alguns, de menor valia, na sachristia dos clerigos, representando varios passos da vida de São Francisco Xavier.

O ingresso para o Collegio e templo dos jesuitas, que fica n'uma pequena elevação, relativamente a algumas das ruas proximas, foi por muitos annos um montão de entulhos e só mais tarde recebeu o beneficio de duas ordinarissimas rampas, do lado do sul e norte, bem como limitadissimo adro, que corre em frente do edificio.

E' a imponente estatua d'um gigante no mais ordinario pedestal.

Se acaso os constructores d'aquella magestosa fabrica, cujo plano, segundo consta, era em frente do edificio farta escadaria, terminando n'um Largo que se prolongava até ao mar, contemplassem hoje o que os homens que se lhes seguiram alli fizeram, só lhes restava por derradeiro lenitivo, como o soldado de Novara, de que nos falla o Sr. Mendes Leal, no Avé Cesar:

Cobrir a fronte com a rôta bandeira
Para ao menos a vergonha não ver!

No espaço que medeia entre o suporte do adro, e a rua publica, em pavimento inferior e que passa em frente do edificio, fez-se ultimamente um jardim publico, devidamente gradeado e que pode vir a tornar-se n'um ameno sitio, quando receba diversos melhoramentos que ainda não possue. Fica n'um ponto muito central da cidade e nas noites d'estio alli concorrem muitas familias da Horta. Este local foi baptisado com o nome d'um distinctissimo faialense e chama-se o Largo do Marquez d'Avila e de Bolama.

De todas as edificações da Companhia de Jesus no archipelago foi esta a mais importante e de maior merito artistico, se acaso não é a primeira de todas as construcções açorianas.

Diversos outros templos existem tambem na Horta, que são dignos de visitar-se e edificados, geralmente, em sitios d'onde gosâmos esplendidos pontos de vista. Temos, por exemplo, a elegante egreja do Carmo, alta, alegre, e de ligeiro aspecto, dominando quasi toda a cidade. A fundação d'esta egreja, por Helena de Boien, viuva d'um capitão mór do Fayal, data de 1698, sendo reconstruida em 1751, menos o frontespicio que se ultimou em 1797, segundo uma inscripção alli aberta na pedra. Todos os escriptos que tratam d'este templo mencionam como obra admiravel o arco do seu espaçoso côro, o qual tendo o vão de 8.m55 a sua curvatura é simplesmente de 0.m22.

Por portaria de 7 de Junho de 1836 foi a egreja do Carmo concedida á respectiva ordem Terceira, escapando quasi milagrosamente ao camartello destruidor de alguns homens que queriam provar o seu patriotismo deitando por terra os edificios monasticos, por melhores que elles fossem, em holocausto a uma liberdade talhada a seu talante.

Portugal soffreu muito da senha destruidora de semelhantes barbaros, que mutilaram ou destruiram os nossos melhores monumentos d'arte.

O convento dos carmelitas, ao lado do sul da sua egreja, convenientemente reedificado, serve hoje de aquartelar tropa de infanteria ou caçadores e a cêrca do convento, vasta e elevada, de cemiterio geral, assim como de particular da mesma ordem Terceira. Estes cemiterios acham-se actualmente em bôas condicções de acceio, convenientemente arruados e tratados com cuidado, possuindo já bastantes tumulos. Os enterramentos alli começaram a 19 d'agosto de 1839. Tem uma porção de terreno reservado para repouso das pessoas não catholicas.

Em frente do quartel existe o largo do Conselheiro Barboza, não tendo coisa alguma que mereça menção a não ser o nome d'este distincto fayalense e a arrebatadora vista que d'alli gosamos, devassando a parte mais baixa da cidade, toda a bahia, e tendo em frente o magnifico panorama da ilha do Pico. Por tardes amenas d'estio esta pequena eminencia é um dos sitios mais agradaveis da Horta, tanto mais que a proximidade de muitos arvoredos e jardins embalsamam as auras de suave perfume e de salutiferas emanações.

Os frades, como vulgarmente se diz, tinham dêdo para escolher bellos sitios para as suas construcções e, n'esta cidade, deram d'isto as mais exuberantes provas.

As instituições de caridade na Horta estão perfeitamente representadas pelo deteriorado convento dos franciscanos aonde está estabelecida a primeira casa de caridade do districto, o hospital e annexo asylo de mendicidade. Ha muito alli que fazer, o hospital recebe apenas limitado numero de enfermos e a casa, apesar de grande, está em pessimo estado e sem nenhuns dos necessarios preceitos hygienicos que recommenda a sciencia.

Ultimamente tem se tratado de crear os meios necessarios para a construcção d'um novo edificio para hospital e já algumas esmolas e donativos tem concorrido para tão humanitario fim, assim como uma parte do rendimento da Santa Casa da Misericordia da Horta para isto é annualmente applicada, sendo, ainda assim de presumir que muito tempo decorra primeiro que se possa effectuar semelhante e tão necessario melhoramento.

O hospital alli está estabelecido desde 1835, sendo o rendimento da Santa Casa da Misericordia de 5:192$718 rs. e de uns 2:000$000 de rs. de receita extraordinaria. Os seus bens foram avaliados, no anno de 1867, no valor de rs. 102:018$000.

E' annexa ao convento de São Francisco que se ergue a egreja do grande patriarcha, em bom estado de conservação, assaz espaçosa, com o tecto da capella mór todo forrado de quadros a oleo, com pinturas sacras e da qual foi padroeiro e bemfeitor Simão Luiz Carôlo.

homem de largos haveres, natural d'esta ilha e que alli jáz sepultado.

Os frades franciscanos primeiro que, definitivamente, se estabelecessem n'aquelle convento, fundado pelos mesmos em 1696 e construido, com a adjunta egreja no praso de quatro annos, tiveram dois outros paradouros, o primeiro no sitio que hoje denominamos a Lomba dos Frades, entre as freguezias de Pedro Miguel e Praya do Almoxarife, e o segundo nas Pedras dos Frades, na Horta, por fóra da muralha que actualmente cinge, como um baluarte contra as furias do oceano, toda esta povoação. A egreja de São Francisco serve cumulativamente ás festevidades da Santa Casa da Misericordia, a qual pertence, bem como á da Ordem de São Francisco, estabelecida n'uma capella ao lado do norte da egreja, aonde existe uma veneranda imagem do Senhor dos Passos, a primeira talvez da ilha e que só tem competidora em perfeição na Virgem das Dores, da egreja da Conceição, de que em breve trataremos.

Existem ainda na freguezia Matriz, a que pertenceu estes edificios, o antigo convento da Gloria e annexa egreja, dedicada á Santissima Trindade, fundado em 1650 por D. Catharina Corte Real. A egreja, assaz pequena, está presentemente fechada e completamente arruinada, em consequencia do terremoto de 2 de Maio de 1882, e o convento carecendo de grandes reparos e sem uma unica religiosa. E sitio perfeitamente accommodado para grandes construcções publicas de que carece esta cidade, como por diversas vezes tem sido officialmente indicado ao Governo.

O Azylo d'infancia desvalida abriga-se no extincto convento de Santo Antonio, edificado pelos annos de 1599 e de que foi padroeiro João Antonio Linhares.

Se pobres são as indeffezas creaturas que alli abrigam a sua desventura, pobrissimo é tambem o ninho bemfazejo que as recebe, ainda assim a manutenção durante um já longo periodo d'aquella casa de piedade, vivendo quasi absolutamente de esmolas, faz nos acreditar que a Providencia lança sobre a mesma misericordioso olhar e que, apoz este periodo das mais serias difficuldades pecuniarias, lhe hão de sorrir mais prosperos dias. O Azylo d'infancia desvalida tem tido, por mercê de Deus, devotados pugnadores da sua conservação e hoje a fragil planta que, tão humildemente, aqui nasceu, vae lançando mais rijas raizes e apresentando uma ou outra ridente flôr, singela como a infancia que mantem, mas como a infancia mostrando por vezes encantadores sorrisos, embora orvalhados com lagrimas.

Annexa ao extincto convento existe a egreja de Santo Antonio, a qual chegou a estar profanada e na mesma a serem recolhidos animaes, mas que o Governador Civil da Horta, o Conselheiro Santa Rita, em 1845, conseguiu reparar condignamente para o culto divino. Honra seja isto á sua memoria.

A freguezia da Conceição conta apenas um templo e duas ermi-

das, menos feliz n'esta parte que a freguezia Matriz que possue as ermidas da Bôa Viagem, Livramento e Sant'Anna, esta ultima pertencente ao Sr. Visconde do mesmo titulo.

A egreja de Nossa Senhora da Conceição é um bello templo, com seis altares e hoje, depois de recentes melhoramentos, possue magnifico aspecto.

Antigamente existia no sitio em que hoje se ergue a Conceição uma pequena ermida que, mais tarde, em 1597, foi queimada e saqueada pelos inglezes, sobre as suas ruinas, porem, conseguio o Rev.^mo^ P.^e^ Theodoro Ferreira de Mello, seu vigario, levantar o espaçoso templo que admirâmos.

Existe n'esta egreja uma imagem de Nossa Senhora das Dores do mais notavel aspecto e ideal formosura. Foi seguramente um grande artista que soube dar tanta vida e naturalidade a semelhante imagem, e a dolorosa expressão com que a Virgem tem os olhos erguidos ao ceu, marejados de lagrimas, sabe infundir nas pessôas que a contemplam os mais respeitosos sentimentos de veneração pela excelsa Mãe de Jesus.

As duas ermidas d'esta parochia são a de Santo Amaro, na estrada para a aldeia dos Flamengos e a da Senhora do Pilar, na lomba, ou encosta da Espalamaca, de cujo adro é esplendida a vista da cidade, que lhe fica aos pés e que d'alli se observa perfeitamente a *vol d'oiseau*.

Na terceira freguezia da Horta, a das Angustias, parece que os habitantes eram mais atreitos ás coisas da guerra do que ao mysticismo da religião, vemos alli quatro castellos, tres dos quaes hoje sem artilheria e apenas um templo, a egreja de Nossa Senhora das Angustias e duas ermidas uma para o interior, no sitio de Santa Barbara e a segunda de Nossa Senhora da Guia, sobre o elevado monte do mesmo nome e que defronta, do sul, com a ponta da Espalamaca, formando as duas grandes projecções entrando pelo mar alem, no fundo das quaes se eleva a cidade.

A primitiva egreja, ou ermida das Angustias é coeva com a primeira donataria d'esta ilha Brites de Macêdo, constando, por tradição ser coberta de palha e de na mesma se haver dito a primeira missa n'esta ilha.

Em 1684 foi, porem, dedicada á Virgem das Angustias uma nova egreja e em 1800, com o producto de esmolas e coadjuvação do governo edificada a que actualmente existe, que em diversas epocas bastante tem soffrido por effeito dos tremores de terra, cujos tremendos vestigios são bem visiveis tanto na sua abobada, como nas paredes lateraes. Ainda assim está muito decentemente ornamentada e prestando serviço á abundosa população que móra n'aquelles arredores, hoje a parte mais valiosa da cidade, em consequencia da sua proxi-

midade do grandioso porto artificial em construcção, bastante adiantado, na bahia da Horta.

São estes os edificios publicos, de maior vulto, no Fayal existentes.

As fortificações militares da Horta eram abundosas: alem das bombardeiras que existiam de differentes pontos da cortina de muralhas que cinge a cidade, havia, na freguezia da Conceição, o Castello Novo, que presentemente serve de cadeia civil, ainda que sem accommodações algumas para semelhante fim, bem como um forte no sitio da Lagôa, d'alli a pouca distancia; e bem assim, na parochia das Angustias o da Greta, Porto Pim, São Sebastião e Castello de Santa Cruz.

Este ultimo reducto é o unico da ilha que apresenta alguma apparencia bellica, tendo uma guarnição de artilheiros, vinte e uma peças montadas, arvorando a bandeira nacional e correspondendo ás salvas dos navios de guerra que tocam n'este porto; os outros estão sem artilheria, nem guarnição e apenas em São Sebastião se aquartelam alguns veteranos.

N'uma pequena povoação, como era antigamente a Horta, parecerá, necessariamente, demasiado luxo tão numerosos fortes e tantas aberturas para mortiferos canhões.

Tinha isto uma rasão de ser.

As frequentes excursões dos corsarios argelinos a estas paragens, nas quaes não era raro o derramamento de sangue, assim como violentos roubos, traziam sempre em sobresalto os povos fayalenses, não escapando nas freguezias ruraes as raparigas mais bonitas de serem arrebatadas pelos infieis victoriosos, ou as embarcações que cruzavam o canal entre o Fayal e Pico de ser desprovidas dos carregamentos que conduziam, devendo accender a cubiça dos corsarios a povoação da Horta, mais abundosa em riquezas. E, assim, vemos tanto na bahia em frente da cidade, como na de Porto Pim, fortificações que das suas margens cruzando os tiros, difficultassem muito qualquer desembarque do inimigo. Hoje nenhum d'aquelles fortes, pela sua construcção, poderia resistir ao impeto de valente artilheria dos navios contrarios, mas antigamente representavam um valioso meio de defesa e uma garantia á fazenda e vida dos particulares.

Possue ainda a Fazenda, na Horta, alguns insignificantes predios que, conforme as exigencias do serviço publico tem sido aproveitados para nos mesmos funccionar diversas estações officiaes.

A alfandega d'esta cidade, até muito recentemente, esteve estabelecida n'uma mesquinha casa do largo do Marquez d'Avila e de Bolama, muito distanciada do unico caes da cidade e sem quaesquer commodidades para o fim a que se destinava. Em seguida, porem, ao grande tremor de terra de 2 de Maio de 1882, ficou em tão deteriorado estado aquella casa, que foi urgente remover-se d'alli a alfandega, indo funccionar n'uma casa de aluguel, em mais apropriado sitio, pela

sua proximidade do caes. Fica em frente do Castello de Santa Cruz.

Na antecedente casa d'alfandega, depois de alguns reparos, trabalha actualmente a Administração do Concelho.

Com o Lyceu da Horta e annexa bibliotheca, embora não fosse a sua mudança motivada por aquella catastrophe que tanto assustou os fayalenses, aconteceu ainda assim o mesmo, de uma casa acanhada e impropria da Alameda da Gloria passou para outra em melhores condições no largo do Bispo D. Alexandre, sendo a anterior destinada para escola regia do sexo feminino, funccionando a aula do sexo masculino n'um granel, convenientemente reparado, do extincto convento da Gloria.

A roda dos expostos está tambem n'uma casa de renda na travessa da Misericordia, carecendo, como as de que acima tratámos, de grandes melhoramentos para poder prestar regular serviço.

A bibliotheca publica d'esta cidade, como as bibliothecas das sociedades litterarias, ou propriamente particulares, são todas assaz defficientes, nem preenchem de sorte alguma o fim a que miram essas salutares instituições, da educação popular.

A primeira d'estas bibliothecas, adjunta ao Lyceu é, quasi na sua totalidade, composta de antigas obras das livrarias dos extinctos conventos, muitas das quaes mais proprias para embotar o espirito dos leitores, do que para lhes offerecer qualquer proveitoso ensinamento, mais conducentes á perda do bom gosto litterario e artistico, do que a servir de minima utilidade. Desgraçado o estudante que não tiver outro alimento intellectual.

A segunda bibliotheca, pertencente ao Gremio Litterario Artista, que foi offerecida a esta sociedade por um benemerito socio honorario da mesma, contem aproximadamente uns 7.000 volumes de magnificas obras, tanto nacionaes, como estrangeiras e na maior parte com bôas encadernações. Se aqui, porem, abundam optimos livros, falta-lhe a devida classificação e um catalogo regular, aonde qualquer homem estudioso possa respigar o genero de litteratura que mais lhe agrada, ou o livro que deseja consultar.

O Gremio Litterario Artista Fayalense, uma das mais sympathicas instituições da Horta, têm encontrado graves difficuldades para a sua manutenção, sendo insufficiente a quota dos seus limitados socios para accudir ás mais indispensaveis despezas; assim a regular classificação da sua excellente bibliotheca que necessariamente acarretaria extraordinaria despeza para aquella sociedade, aguarda dias mais prosperos e desasombrados, resultando d'isto que semelhante deposito de livros, apesar de excellente dá, em sentido inverso, quasi o mesmo resultado da bibliotheca do lyceu.

Temos ainda a livraria do Gremio Litterario Fayalense, composta d'uns tres mil e tantos volumes, aos quaes estão reunidos uns 150

volumes de bons livros, quasi todos elementares, concedidos pelo governo, em 1880, como nucleo para uma bibliotheca popular.

Contem algumas obras de merito e tem-se gradualmente desenvolvido por via de offerecimentos e de pequenas verbas que a respectiva direcção para este fim tem applicado, do pouco que lhe sobra das suas despezas ordinarias. Está patente aos socios d'aquella casa, ainda que não seja permittida a sahida de livros para os domicilios dos mesmos.

Alem d'estas collecções de livros temos ainda na Horta algumas estantes de obras pertencentes a particulares, mas nenhuma de vulto e que possa chamar a publica attenção, tornando-se aqui muito difficil, alem de despendioso, qualquer individuo estar ao corrente do movimento litterario de Portugal, ou dos paizes estrangeiros.

Não é, porem, tanto a falta de livros que a este respeito nos deve contristar, por que esses mesmos que existem podiam ser poderosos elementos de civilisação, para uma pequena povoação como a Horta, quando frequentemente compulsados, mas sim a quasi completa indifferença por tudo que diz respeito ás letras. A difusão do ensino ainda está aqui atrazadissima, o povo não quer nem sabe ler, os jornaes da localidade fazem milagres para a sua sustentação e a não ser a primeira classe da nossa sociedade, isto é, um certo numero de familias que tem mais fino trato, as classes proletarias são na sua generalidade completamente analphabetas e d'essa mesma gente da elite da nossa terra, consultem-se as estatisticas das bibliothecas e ver-se-ha que alem da leitura de jornaes, e sabe Deus muitas vezes para que os leem, quando elles andam travados em polemicas, o pedido de obras litterarias é insignificantissimo, desanimador na verdade.

Não mudará isto algum dia?

A introducção da imprensa n'esta ilha é tambem, relativamente, de moderna data, pois apenas começou aqui a publicação d'um semanario *O Incentivo*, no 1.º de Janeiro de 1857, seguindo-se-lhe sucessivamente grande numero de periodicos de diversos formatos e de maior ou menor duração, mas com raras excepções de pouca vida. O decano dos nossos semanarios é *O Fayalense*, que já conta a bella idade de 28 annos, e em seguida *O Atlantico* com 24 annos de existencia, isto no corrente anno de 1884.

Como promettedor symptoma para o progresso d'esta terra notaremos que o movimento jornalistico tem constantemente tendido a desenvolver-se, apesar do limitado numero de assignaturas, das nossas folhas, e, ainda mais, que alguns d'esses periodicos são habilmente redigidos. O que ainda na Horta não foi possivel estabelecer é uma publicação diaria, concorrendo muito para que a imprensa não possa fazer face ás indispensaveis despezas, a negação para o annuncio que em outras localidades é um poderoso elemento de receita para semelhantes emprezas.

Com as unicas excepções da *Gazeta Judicial* e *Gremio Litterario*, os periodicos da Horta vivem quasi exclusivamente do producto das suas limitadas assignaturas, umas duzentas, se tanto!

Nas quatro ilhas, que compõem o districto da Horta, apenas tem existido publicações periodicas na sua capital e nas Villas da Magdalena e São Roque do Pico.

A edicção de livros tem sido entre nós assaz rara, despendiosa e muito espaçada, representando mais facilmente um sacrificio pecuniario, do que qualquer proveito a quem mette hombros a semelhante empresa, mais difficil do que a um general dar qualquer batalha pelos milhares de embaraços com que tem a luctar, desde o primeiro componedor até á ultima pagina da retiração.

Sustentam-se n'esta cidade quatro sociedades litterarias-recreativas, que passamos a especificar. A primeira a sociedade «Amôr da Patria», fundada em Novembro de 1859, tendo hoje, relativamente, avultados rendimentos, provenientes d'uma parte dos lucros da caixa Economica Fayalense que instituio, assim como a excellente casa propria, na rua de D. Pedro 4.º, com grandes salões, perfeitamente mobilados, sustentando varias escolas nocturnas, na cidade e freguezias ruraes e offerecendo valiosos donativos aos azylos de mendicidade e infancia desvalida, alem de outros actos de caridade com que tem destinguido a sua existencia. Esta sociedade mantem, egualmente um club, aonde se tem dado alguns bailes.

O Gremio Litterario Fayalense, sociedade que se instalou a 22 de Novembro de 1874 e que actualmente funcciona n'uma espaçosa casa da rua de São Francisco. Alem de muitos saraus litterarios que tem offerecido aos seus socios durante o periodo da sua existencia e estes concorridissimos pela elite das damas e cavalheiros da Horta, ha dois annos que de outubro a Junho apresenta em cada mez, alternadamente um baile, ou representações dramaticas n'um pequeno theatro estabelecido no mesmo edificio em que funcciona. Possue uma soffrivel bibliotheca, a que já anteriormente nos referimos e mantem desde 1880 a publicação de uma revista bi-mensal, atinente á indole da sociedade que representa. A casa do Gremio Litterario Fayalense está toda bem mobilada, havendo nas salas da mesma, alem de um gabinete com grande variedade de jornaes e livros, jogos recreativos para entretenimento nocturno dos seus numerosos socios.

A sociedade «Humanitaria de Litteratura e Agricultura», inaugurada no 1.º de Dezembro de 1879, e tambem funccionando n'uma bella casa, na rua do Mercado, alem de haver já mantido uma escola de instrucção primaria e ter organisado uma orchestra, está constantemente aberta aos seus socios, encontram-se alli alguns jornaes e jogos e tem tido epocas de apresentar bons saraus musicos-litterarios e n'um pequeno theatro que tambem possue tem effectuado recitas assaz a-

preciaveis, tomando parte, em algumas, damas da nossa primeira sociedade.

Como as outras sociedades está mobilada com esmero.

O Gremio Litterario Artista Fayalense, sympathica instituição inaugurada no 1.º de Janeiro de 1878, existe n'um edificio vasto e apropriado ao fim a que se destina. Já possuio esta sociedade uma escola nocturna e diversas aulas-officinas, mas por infelicidade sua vie cerceados os meios pecuniarios com que occorria a esses encargos. Possue a melhor bibliotheca da Horta, um gabinete com jornaes e jogos, e abre, nocturnamente, para entretenimento dos seus socios. Durante o inverno ha sempre alli alguns excellentes bailes, aonde a distincta classe artistica d'esta terra se apresenta rivalisando, em tudo, com a mais selecta sociedade, devido isto á bella educação que tem dado as suas familias, destinguindo-se, com especialidade, o sexo feminino.

Com os elementos que acima deixamos consignados muito facilmente verá o leitor, que n'esta localidade não faltam diversões durante as longas noites da estação invernosa, sendo todas essas reuniões geralmente muito concorridas por damas e cavalheiros e mantendo-se em todas os preceitos da mais fina educação. Parece-nos ser o Fayal a ilha do archipelago aonde ha mais gosto sociavel, apesar dos seus limitados recursos pecuniarios.

Foi creada tambem, modernamente na Horta uma associação commercial como de ha muito era reclamada e que tem já tomado parte em varias questões de interesse local, estando, por emquanto, estabelecida modestamente n'uma casa do Largo de Neptuno.

A Sociedade de Geographia de Lisbôa estabeleceu a pedido de varios socios effectivos do Gremio Litterario Fayalense uma sua secção n'esta cidade, a qual, embora independente do Gremio, funcciona na mesma casa.

No breve tempo da sua existencia, pois que a sua installação data de 20 de Fevereiro de 1881, creou um posto de soccorros a naufragos o qual já possue valiosos e indispensaveis apparelhos de salvação para qualquer sinistro maritimo que possa occorrer, tratando ainda da acquisição dos que faltam. Para este humanitario fim promoveu um luzido bazar, com illuminação no jardim do Gremio e tem recebido valiosa coadjuvação tanto dos habitantes da Horta, como do continente e do governo francez.

A Secção da Sociedade de Geographia tem tomado parte em varios commettimentos de interesse local e mereceu da benemerita sociedade a que obedece a offerta de uma bandeira que arvora em dias solemnes.

A conservação d'esta Secção, que possue hoje um posto meteorologico é de toda a conveniencia n'estas paragens, tanto mais quando no numero dos seus socios tem elementos para prestar bom serviço a esta terra. Como no inicio de todas as sociedades, maxime n'a-

quellas adstrictas a terras pobres, lucta ainda a Secção de que tratàmos com a escassez dos necessarios meios pecuniarios.

Tem, actualmente, a Horta um bom theatro, com relação aos recursos de que dispõe e que se denomina *União Fayalense*, com 15 camarotes de 1.ª ordem, egual numero de 2.ª, 12 frisas, 80 cadeiras de plateia superior e 104 assentos de geral.

Foi construido por um particular representando-se no mesmo pela 1.ª vez a 16 de Setembro de 1856, e no anno de 1884 alli se fizeram muito importantes melhoramentos. Ha assim, 28 annos que no mesmo se representa, ou com companhias dramaticas de comicos de profissão, que estas ilhas visitam ou mais geralmente apresentando espectaculos postos em scena por habeis curiosos da localidade. Na Horta ha pronunciado gosto por este genero de divertimentos, sendo os espectaculos assaz concorridos e retirando por vezes bons lucros as companhias de segunda ordem, como as que vem aos Açôres.

Jamais n'esta cidade deixou de existir uma ou outra sala de diversões scenicas, seja em casas particulares, ou propriedade de sociedades recreativas para tal fim instituidas.

Data de 1814 a inauguração do primeiro theatro na, então, Villa da Horta, sendo propriedade particular e levantado a expensas e na residencia d'um illustrado fidalgo d'esta ilha, o morgado José Francisco da Terra Brum, depois Barão da Lagôa, o qual vivendo com fausto, alem de semanalmente reunir na sua bella e honrada residencia a sociedade elegante da Horta, a espaços proporcionava aos seus convidados representações de diversas peças dramaticas, isto ainda n'uma epoca em que taes diversões eram consideradas como perigosa inovação.

Em 1824 com a queda, em Portugal, das instituições liberaes e com as animadas dissenções politicas que agitavam o continente e ilhas não mais alli se representou, sendo em seguida desmanchado aquelle esmerado theatro, que se denominava *Thalia*.

Já promulgada a Carta Constitucional, em 1826, levantou-se na Horta um segundo theatro, denominado *Theatro Constitucional Boa União*, na casa que hoje pertence á Sociedade Cooperativa Artista Fayalense, no largo do Bispo D. Alexandre, o qual funccionou regularmente até 1828, fazendo ainda a politica com que fossem interrompidos os seus espectaculos até ao anno de 1832 em que novamente funccionou, passando mais tarde para o primeiro andar, do lado do norte do collegio dos jesuitas.

Pelos annos de 1845 e 1846 houveram tambem os theatros de Santo Antonio, no extincto convento do mesmo nome, aonde está estabelecido o azylo d'infancia desvalida, bem como o theatro *Thalia*, n'uma casa pertencente ao mesmo proprietario do theatro *União Fayalense*, que então ainda não estava construido, mas que lhe veio a ficar contiguo. Duraram por alguns annos.

Uma sociedade de artistas fayalenses, em 1850, começou a dar algumas recitas na mesma casa em que trinta annos antes havia funccionado o theatro *Bôa União*, passando em seguida no anno de 1857, no mesmo sitio, para a parte inferior de umas pertenças do convento da Gloria, devidamente arranjadas por esta sociedade e estando estabelecida na parte superior a escola regia do sexo masculino.

A classe artista da Horta ja n'aquelle tempo era assaz instruida e emprehendedora, tanto assim que faltando-lhe musica para os seus divertimentos scenicos, creou para esse fim a philarmonica dos Artistas, a qual ainda hoje subsiste, sendo por vezes a unica sociedade fayalense que se dedica á sublime arte de Verdi e correndo, quasi sempre gratuitamente, a muitas solemnidades publicas.

Em 1882 houve tambem na sala do antigo theatro *Thalia*, adjunto ao *União Fayalense* um segundo theatro, de pequenas proporções, de que era proprietario o habil artista fayalense, Francisco Augusto da Silveira, mas que pouca duração teve, bem como em diversas epochas, na freguezia das Angustias, algumas salas de espectaculos, mantidas geralmente por artistas. A excepção do theatro *União Fayalense*, o unico regular que possuimos, tem sido os outros de, relativamente, pequenas proporções, mas ainda assim a sua abundancia demonstra o gosto que os Hortenses professam por tão civilisador genero de passatempo.

A sociedade Humanitaria possue, tambem, um pequeno theatro denominado «Luiz de Camões», bem como um identico o Gremio Litterario Fayalense, devendo tambem notar-se que na bella residencia do Visconde de Sant'Anna, por muitos annos existiu um elegante ainda que pequeno theatro, aonde nas amiudadas e luzidas festas que se davam n'aquella hospitaleira casa, representavam damas e cavalheiros da nossa primeira sociedade.

O jardim publico da Horta, foi feito no anno de 1857, ao lado do norte da cidade e em sitio aonde, anteriormente, era a cerca do demolido convento de São João. E' pequeno, mas assaz aprasivel, tendo bellas sombras e excellente vista para a bahia. Ultimamente tem experimentado alguns melhoramentos, como um kioske para musica, algumas estatuas, um tanque &.ª, não havendo um unico estrangeiro que visite esta cidade que algum tempo alli não va passar, admirando a esplendida prespectiva das circumvisinhanças, assim como a magnifica vegetação açorica.

Em frente d'este jardim fica um grande largo, com elevada torre e relogio da cidade, pertencendo actualmente á Camara Municipal e a breve distancia d'alli, para o lado do sul, o mercado de gado, com frondoso arvoredo.

Em 1884 estabeleceram-se n'esta terra dois collegios, um do sexo masculino, cuja abertura teve logar no 1.º de Outubro, denominado de D. Pedro 5.º, e propriedade particular d'um muito habil profes-

sor do Lycêu, o segundo do sexo feminino, com o nome de D. Maria Pia. aberto a 5 de Maio, ministrando ambos variada instrucção. Estas casas de ensino estão devidamente organisadas, tornando-se n'um valioso serviço feito á mocidade fayalense.

Os hoteis da Horta são bons, com excellente tratamento, muito acceio e modicos preços. O «Fayal's Hotel», de que é proprietario o Sr. Freitas Eduardo tem adjunta uma quinta para gôzo e recreio dos seus hospedes e o «Hotel Central», propriedade do Sr. Cardoso, está tambem devidamente arranjado. São estes os principaes, havendo, porem, algumas outras casas que recebem hospedes, ainda que em mais modestas condições.

A vasta, profunda e tranquilla bahia da Horta é, até certo ponto com justificada rasão, o orgulho dos fayalenses, e, effectivamente leva n'isto primasia esta ilha ás suas irmãs do archipelago.

Abrigada, pelo lado de leste, com a grandiosa e elevadissima ilha do Pico, pelo sul com São Jorge e ponta da Espalamaca e pelo lado do oeste com as cumiadas da Caldeira fayalense um unico rumo de vento a pode encommodar, o sueste, por escapar á protecção que ainda do lado do sul apresenta á mesma bahia o monte da Guia.

É quasi uma doca enorme formada pela natureza.

O movimento d'este porto é importante, regulando por uns 200 navios annualmente, a maior parte dos quaes estrangeiros, que na sua travessia entre o velho e novo mundo aqui aportam a reparar avarias, a descançar das fadigas do mar, a tomar mantimentos ou a abastecer-se de carvão.

Alem d'isto conta, tambem, excellentes arsenaes e artistas peritos e de fama em quaesquer concertos ou aparelho de embarcações, por mais importantes que estes sejam.

O trabalho dos calafates da Horta, alguns dos quaes constructores de embarcações, tem merecido sempre ós maiores louvores pela sua segurança, perfeição e relativa modicidade de preço, sendo rapido qualquer serviço e em optimas condições, como rapido tambem é o fornecimento do carvão ás embarcações a vapor que tocam n'este porto.

Acresce a isto andar-lhe ligada a importantissima doca, cujos trabalhos começaram a 20 de Março de 1876 e que já n'um notavel estado de adiantamento, offerece abrigo seguro a quaesquer embarcações, embora de grande tonelagem, o que ja tem acontecido com enormes vapores estrangeiros. E devemos tambem observar que nas suas bem montadas officinas tem recebido importantes concertos as machinas de diversas embarcações a vapor aqui arribadas com avarias, isto a contento dos respectivos commandantes que tem deixado honrosos attestados da maneira por que esses reparos são effectuados fundindo se ate algumas peças das mais difficeis, para o que ha artistas devidamente habilitados. A doca da Horta tem, actualmente um pharol de

2.ª classe, de luz vermelha, que em regulares condições atmosphericas pode ser avistado a distancia de dez milhas.

É esta a principal obra do Districto e que em breve tempo estará concluida, pelas especiaes e favoraveis circumstancias do local em que se está construindo, tornando-se, desde já, pela sua posição geographica de grande importancia para a abundosa navegação entre a Europa e a America.

Julgamos nas antecedentes paginas, ter dado uma idéa, ainda que muito succintamente, do que ha de mais notavel na povoação da Horta, elevada á cathegoria de cidade por Decreto de 13 de Julho de 1833.

A indole ligeira d'este livro não comporta largas disertações historicas, com as quaes não fatigaremos o leitor.

Duas palavras apenas mais para terminar este capitulo.

Para os poetas, artistas e pintores, a Horta tem bellas vistas, bonitas raparigas e formosas aleas povoadas de arvoredo e jardins replectos de flôres e de silencio.

Para os homens maduros e pacatos varios pontos de palestra, charutos e tabaco de contrabando e excellentes vinhos do Pico.

E finalmente para uns e outros uma população pacifica, hospitaleira e que recebe sempre com jubilo qualquer estrangeiro.

IV

# A VISCONDESSA DA PRAIA

## (Ilha de Sao Miguel)

Logar á Caridade.

N'um livro que trata do archipelago açoriano deve occupar, de direito, um dos primeiros capitulos quem soube realisar na terra a mais nobre das missões enchugando lagrimas, levando a abundancia a famintos lares, protegendo os indeffesos, acolhendo nos seus abençoados braços as creancinhas, deixando sempre na sua passagem um rasto de beneficios valiosos, exaltados pela mais acrisolada modestia.

Não sei se conheceis a formosa ilha de São Miguel, é o jardim dos Açôres, como Nice o jardim da Italia.

A naturesa accidentada d'aquella fertil ilha, parece esmerar-se em apresentar aos seus visitantes as mais variadas scenas, os mais encantadores sitios, os mais admiraveis ou assombrosos quadros

As excepcionaes bellezas que encerra bem podem ser apropriada moldura para não triviaes exemplos de patriotismo, dedicação e virtude, mas esta levantada a tão sublime grão, que a sua memoria será imperecivel, tornando-se em verdadeira gloria para aquella importante localidade.

Se nos grandes emporios da civilisação moderna, se nas grandes capitaes dos paizes mais adiantados da Europa, governos sabios e incitadores dos mais nobres sentimentos do coração humano tem criado premios denominados—da virtude—com que em sessões publicas, perante as maiores notabilidades do paiz, são conferidas honras ou recompensas àquelles dos seus subditos que mais se distinguem na pratica do bem, em Portugal a pessoa alguma melhor do que á respeitavel açoriana a Ex.ma Senr.a Viscondessa da Praia, cuja recente morte deploramos, assentaria semelhante distincção e honra.

Vae alta a noite.

O rigoroso Janeiro estende por sobre os campos um gelado manto, no desguarnecido albergue do pobre não ha pão, nem lume, nem luz, algumas creanças a tiritar com frio e a gemer com fome, um cançado pae, vergado por ingrato trabalho, hoje enfermo e decrepito, uma mãe anciosa e triste, contemplando com a vista arrasada de lagrimas aquelle triste espectaculo, uma das mil cambiantes, em fim, da miseria e dos famintos . . .

O anjo da guarda d'aquelles infelizes, pallido com a fronte vergada para a terra, aguardava de ha muito que a gente que indifferente passava por aquelle sitio, lançasse para semelhante miseria um compassivo olhar,. . . mas não. . ., a noite tenebrosa a findar o seu decurso, a geada affasta os mais tardios transeuntes e sómente o vento nos arvorêdos fronteiros tem, batendo contra os despidos ramos, uivos de enfurecido tigre.

O anjo da guarda ia a retirar-se . . . as suas preces não tinham sido ouvidas do Altissimo, as lagrimas d'aquellas creanças não achavam quem as recolhêsse.

Engano!

*A Mãe dos pobres*, a Viscondêssa da Praia ouvio aquelle chorar afflicto, talvez ao recolher-se de alguma missão piedosa, eil-a que entra serena na moradia dos desventurados, como um raio de luz entra em horrida prisão, aconchega ao seio as semigeladas creancinhas, reparte com ellas, alli mesmo, uma parte do seu fato, esmola generosamente o enfermo, tem palavras de conforto para a consternada mãe, e sae afinal cercada d'um clarão ethereo e abençoada por todos!

* * *

Depara-se-nos agora um rapaz, orphão, de pae, pobre e talentoso.

As poucas horas que lhe restam d'um penoso mister, d'um indispensavel meio de ganhar escasso alimento, dedica-se elle ao estudo, velando até alta noite, instruindo-se, procurando sahir da rasteira esphera aonde o lançara o acaso.

Qual a sua ambição?

Dar melhor conforto á mulher a quem deixa o ser, a sua mãe, que á custa de muitos sacrificios o vestira decentemente, fazendo-o cursar uma escola.

As letras eram o seu enlevo, com os seus livros é que estava á vontade, apesar d'estes serem em bem diminuto numero.

Era elle, ainda assim, quem, de dia, avergado ás canceiras de rude trabalho, superior ás suas forças, alimentava aquella casa.

Estimava-o a visinhança, a opinião publica era-lhe favoravel, mas não obstante o tempo de provação continuava sempre.

Um dia, emquanto elle estava no trabalho, emquanto o suor lhe banhava a fronte, emquanto os braços lhe tremiam de fadiga, n'um officio para que não nascêra, uma carroagem parou á porta da sua humilde casa e a mãe recebe a visita d'uma outra caridosa mãe.

Foi longa a conversação, e as lagrimas de quem ia receber um grande beneficio, confundiam-se com as lagrimas da doadôra do mesmo.

A Viscondessa da Praia tomava á sua conta a educação litteraria do operario . . . mais tarde esse bom rapaz tornou se um homem distincto e a egreja christã contou mais um exemplar sacerdote.



Quem ès tu, rapariga?

Tens apenas dezesete annos e ès formosa como poucas.

Quando eras pequenina criaram-te n'um azylo, foste um producto da roda dos engeitados, não conheceste os carinhos maternos, nem teu pae jamais te abençoou!

Na idade em que já podias fazer algum trabalho mandaram-te para uma casa de lavradores, o sol queimou-te nas eiras, a chuva fustigou-te nos mattos e as excessivas canceiras do trabalho fizeram-te enfermar o franzino corpo.

Se não chegavas a caza com a carga de lenha que faria arquejar um homem robusto, eras punida brutalmente, e não valias, segundo diziam, o pão que mastigavas, amassado com lagrimas, bem sabes.

Um dia, era na força do inverno, tinha chovido muito, o chão estava escorregadio e os atalhos de matto esverdeados de limo.

Descias, carregada, uma ribanceira, estavas fraca, ainda n'aquelle dia não te haviam dado coisa alguma para comer e talvez, devido

a isso, escorregaste, e o enorme feixe de lenha que levavas para casa, obrigou-te a ir de encontro a umas pedras, aonde bateste em cheio, com o peito.

Horas depois, um camponez que subia a serra encontrou a engeitada sem sentidos, quasi esmagada debaixo da lenha e com os beiços todos tintos de sangue.

D'alli em diante ficou estragada para o trabalho, enfermou, arrastando por alguns mezes uma penosa existencia.

O lavrador conseguiu, depois de alguns empenhos na cidade, que entrasse para o hospital, o que elle queria era ver-se livre d'aquelle dispendioso fardo.

A convalescença foi muito demorada, quando d'ahi a tempos recebeu alta do hospital, conheceu perfeitamente que, embora lhe dissessem que estava bôa, jamais tornaria a ser a rapariga sádia d'outros tempos.

Foi ainda procurar a casa do lavrador, mas este já se havia ajustado com uma criada mais robusta e não queria boccas inuteis.

Voltou para a cidade, sem arrumação como diz o povo e houve então uma velha que, sabendo d'isto lhe offereceu a sua mal conceituada moradia, levando um fingido sentimento de comiseração até lhe emprestar vestidos vistosos e fitas para o cabello, induzindo-a a que estivesse sempre á janella e que só mais tarde saldariam contas.

O resto é trivialissimo.

Do primeiro andar em que morava a sua *protectora* e por desavenças com esta, decorridos alguns mezes foi morar, n'uma outra rua sosinha, n'uma loja, aonde por vezes ou lhe batiam ou a insultavam.

Pobre desgraçada! . . . a sua formosura, apezar de tudo, era ainda notavel.

Vivendo ora n'uma, ora n'outra rua, levou-a o acaso, uma vez, a permanecer por algum tempo, nas proximidades do palacio de uma titular.

Um dia entrou-lhe em casa um familiar d'aquella nobre vivenda, estava incumbido de assegurar-lhe recursos para honesta sustentação, em quanto em São Miguel estivesse, e aconselhando-a a buscar uma nova vida, em longinquo paiz, aonde a vergonha do seu passado fosse ignorada. Tinha, querendo, passagem paga, roupa e o dinheiro necessario para accudir ás primeiras necessidades em terra estranha.

Lagrimas de verdadeiro reconhecimento deslisavam dos olhos d'aquella infeliz, tinha a consoladora consciencia de que alguem na terra por ella se interessava, no seu isolamento, na densa cerração da sua existencia a Providencia deparava-lhe um arrimo seguro, havia ainda a possibilidade de se regenerar, e acceitando com a melhor vontade a esmola que lhe faziam, partio em breve com o firme proposito de se tornar uma mulher honesta.

* * *

Havia fome em São Miguel, aquelles campos ferteis e uberrimos n'esse anno tinham dado escassissima colheita, o desanimo lavrava por toda a parte e o producto das terras não dava, a milhares de cultivadores, para pagar metade das respectivas rendas ou foros, e muito menos para a sustentação de numerosas familias.

A miseria já se fazia asperamente sentir, e a ganancia de desapiedados especuladores ia-se locupletando com a desgraça dos necessitados.

A Viscondessa da Praia deu então mais uma exuberante prova da alta bondade do seu generoso coração, pois que sendo importantissimos os reditos da sua casa e tendo milhares de devedores, perdoou-lhes, em semelhante crise, a maior parte dos compromissos, multiplicando ainda as esmolas que diariamente fazia.

Abençoada fortuna!

* * *

Quando na epocha da descrença, que atravessamos, vemos d'estes levantados exemplos da mais acrisolada virtude, quando no embate de tantas, e por vezes tão rasteiras paixões, que por toda a parte tumultuavam a Providencia nos concede ser testemunhas de tanta bondade e dedicação a bem dos que soffrem, sentimos no intimo da alma renascer a fé no triumpho das sans doutrinas, nos principios sacrosantos da sublime doutrina de Jesus, sobre os deleterios preceitos do mal.

Deus não envia á terra tão bemfazejas creaturas, para que a sua missão fique improficua, ou apenas limitada ao breve numero dos seus dias de existencia no mundo.

A sua memoria, alem da campa, e ainda um vivo incitamento a todos os que professam as leis do Christianismo e a fragancia das viventes flores da sua alma, permanecerá por muito tempo na terra em que viveram.

A mãe dos pobres! — este titulo concedido pelo povo á nobre Viscondessa da Praia e o maior brazão nobiliario de que se pode ufanar a sua exemplar familia.

A Viscondessa da Praia foi uma santa, não havendo casal algum na vasta ilha de São Miguel aonde não chegassem os seus beneficios, ou a fama das suas virtudes, e o povo, singelo, mas firme nas suas affeições, dedicava-lhe a maxima veneração, e o mais profundo respeito.

Que vida e que morte aquella!

Vida toda cheia de bençãos, morte suave, cercada das mais ferventes affeições, vendo ao lado do leito o radiantissimo anjo da caridade a lhe recordar dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, todo o bem, todas as esmolas, todas as nobres acções que praticara, durante

a sua permanencia na terra e cheio de jubilo, de fé e de esperança a lhe apontar para o ceu, aonde a ia conduzir para que recebesse, alli, as recompensas concedidas aos eleitos do Senhor.

Que vida e que morte aquella!

* * *

A Ex.ma Senr.a Viscondessa da Praia, D. Anna Theodora Borges do Canto Medeiros, nasceu na cidade de Ponta Delgada, ilha de São Miguel no dia 3 de Maio de 1800.

A virtude parecia de ha muito heriditaria na sua opulenta, nobre e muito respeitada familia; seus paes os Ex.mos Antonio de Medeiros Sousa Dias e D. Clara Joaquina Isabel do Canto Medeiros deixaram farta colheita de bôas acções e um dos seus avós, Gaspar de Medeiros, segundo encontramos n'um escripto do distincto michaelense o Sr. Antonio Ernesto Tavares de Andrade, por occasião do nascimento do seu filho primogenito, libertara em São Miguel todas as pessoas que então estavam prêsas por dividas, empenho em que despendeu 50.000 cruzados, alem das despesas dos respectivos processos.

Creada, pois, no seio de uma familia aonde as mais sublimes virtudes christãs estavam constantemente alentando as nobres almas dos seus progenitores, dotada pela natureza de um carater terno e meigo, perfeitamente adaptado para receber aquelles providenciaes ditames do bem, educada selectamente e consoante os largos haveres da casa paterna, a ditosa menina desde tenra idade começou a tornar-se conhecida pelas suas esmolas deleitando-se a enchugar com suas mãos, ainda infantis as lagrimas da indigencia e a tecer, em fim, o inicio d'essa grinalda das mais excelsas virtudes, que hoje deve ser a maior gloria dos seus filhos, assim como o orgulho da formosissima ilha de São Miguel.

Aos vinte e tres annos de idade, no dia 2 de Junho de 1823, casou a Ex.ma Snr.a D. Anna Theodora Borges do Canto, com o illustre michaelense o Ex.mo Snr. Duarte Borges da Camara Medeiros, mais tarde Visconde da Praia, de cuja abençoada união, se adveio aos jovens conjuges a maxima felicidade, folgou tambem a livida cohorte dos desgraçados, que em S. Ex.a continuaram a encontrar a mais decidida protecção e o mais alto valimento.

Porfiavam, marido e esposa, em qual n'este campo se tornaria mais distincto.

Os haveres d'aquella familia, eram abundosos, pertenciam mais aos pobres do que aos seus ligitimos possuidores, e isto incessantemente sem negativas, sem um dia de enfado n'aquellas duas grandes almas.

Não cabe no limitado esboço que nos proposemos escrever, delinear ainda succintamente a memoravel biographia do Visconde e Vis-

condêssa da Praia. Foi grande, nobre, inexcedivel a sua missão do bem, n'aquelle honrado lar domestico as alegrias, os dias felizes, eram aquelles em que se praticavam maiores beneficios, e o povo acostumara-se nas suas necessidades a procurar aquelle palacio, naturalmente sem o minimo vexame, com a confiança e franqueza de quem procura uma habitação paterna, aonde sabe que será sempre bem aceito.

Pagando o inevitavel tributo á morte, a 19 de Março de 1872, entregou a alma a Deus, na sua patria, Duarte Borges da Camara Medeiros, cercado da maxima consideração publica, pranteado com as mais sinceras lagrimas dos seus conterraneos.

Singulares foram, então, as demonstrações de magoa que occasionou o fallecimento de tão prestante cidadão, a pobreza conhecia que estava orphã do seu mais desvelado protector, os indeffezos e desprotegidos que lhes faltava o seu mais carinhoso amigo.

No meio, porem, d'esta geral angustia ainda havia um hausto de esperança, — a Viscondessa da Praia, envolta em luctuosos crepes, mas já illuminada pela aureola de uma santa.

E, effectivamente, desde 19 de Março de 1872 até ao nefasto dia 15 de Setembro de 1883, em que falleceu, a nobre Viscondessa tornou-se a mulher forte do Evangelho, ardendo na chamma da Caridade e incendida nos alvores da mais acrisolada fé em Jesus Christo.

Os seus dias deslisaram tranquillos, com limpida torrente que atravez de floridas margens procura o grande oceano da eternidade.

Rarissimas vezes appareceria em publico; a oração, a familia e as flores de que era apaixonadissima entretinham-lhe os dias e o tempo desponivel de escutar as confidencias dos desvalidos, que constantemente lhe batiam á porta.

Eram estas as suas occupações no palacio em que residia.

A enfermidade que levou á sepultura a Snr.ª Viscondessa da Praia, precedeu de alguns dias o seu fallecimento.

Começou então a sua verdadeira apotheose, ricos e pobres, toda a população michaelense, contristada e afflicta, corria a indagar noticias da saude da illustre enferma e por toda a parte se ouviam ferventes preces pelo seu restabelecimento.

Deus, porem, havia decretado outorgar-lhe, desde já, a corôa brilhantissima dos bemaventurados e aquella peregrina alma, deixando á terra o que era da terra, elevou-se para mais limpidas paragens.

(*Continua*).

# NOTAS AÇORIANAS

## IV

## A VISCONDESSA DA PRAIA *

### (Ilha de São Miguel)

Se a grandeza dos funeraes correu consoante á elevada gerarchia da respeitavel finada, a parte verdadeiramente imponente deste acto foi o aspecto do honrado povo michaelense em tão dolorosa conjunctura, a expontanea affluencia de todas as classes da sociedade ao seu sahimento, sendo tão compacta a multidão que o feretro, conduzido pelos netos da fallecida muito difficilmente conseguia seguir pelas ruas até ao cemiterio. Entre essa immensa, commovida e imponente multidão contavam-se dezeseis bandas de musica.

Não ha gloria na terra que possa ser comparada áquella gloria, baixar ao eterno repouso cercada das lagrimas e das bençãos da população de uma ilha inteira, deixando na sua passagem um oceano de lagrimas, movidas pelo reconhecimento, entremeadas das orações repetidas por sua intercessão desde os labios das creancinhas do povo, para quem fôra mãe carinhosa até á velhice já abeirada da campa, de que era constante protectora.

Logar para a Caridade!

Honra á terra que possuio uma semelhante mulher.

A Ex.ma Snr.a Viscondessa da Praia deixou illustres descendentes na ilha de São Miguel, filhas estremecidas e dilectas que a par da sua elevada gerarchia, continuam a proverbial bondade d'aquella benemerita familia.

---

(*) Continuado de pag. 96.

O actual representante da poderosa casa de Duarte Borges do Canto Medeiros e de D. Anna Theodora Borges do Canto Medeiros, Viscondes da Praia, é o Ex.mo Sr. Antonio Borges de Medeiros Dias da Camara e Cousa, Conde da Praia e de Monforte.

Nos registos da caridade michaelense já occupa proeminente logar este nobre titular e nas moradias dos pobres, d'um ao outro extremo da ilha, como o de seus venerandos paes, já é tambem abençoado o seu nome.

Terminamos esta muito succinta noticia, transcrevendo aqui o trecho d'um notavel artigo, publicado n'um periodico michaelense, *A Persuasão*, e devido á penna authorisada de um homem de letras a todos os respeitos distincto.

Francisco Maria Supico impressionado pelo espectaculo imponente que presenciou no enterro da nobre Viscondêssa da Praia e conhecendo, por ter de ha muitos annos residido em Ponta Delgada, as egregias virtudes da fallecida, exclama assombrado pela magestade d'aquelle acto:

«Gloria á adoravel senhora que soube ser na terra o reflexo brilhantissimo do sol da Providencia!

«Gloria a quem soube atapetar de rosas formosissimas o caminho por onde se transita para a eternidade!

«Gloria a quem leva por corôa a benção de um povo inteiro e por diamantes as lagrimas crystalisadas da familia michaelense, que toda era familia sua e toda lhe tributa os mais sentidos prantos!

«Gloria á abençoada do Senhor que poude na terra gozar a immortalidade que aguardava nos ceus!

«Gloria a quem leva a maior dita e deixa a maior saudade!»

V

# A ILHA DO CORVO

Para os navios que partindo de Boston ou de New York, as duas grandes cidades maritimas da grande republica americana, se dirigem para a Europa, o primeiro ponto do velho mundo que geralmente avistam, depois d'uns dez ou doze dias de viagem, impellidos pelas tepidas aguas do *gulfe stream*, é uma muito pequena ilha, cercada de tempestuoso e negro mar, de severo e alcantilado aspecto e não poucas vêzes envolvida nos pesados nevoeiros que, durante a quadra invernosa, atravessam o nublado clima do archipelago açoriano

É o Côrvo, como lhe chamam os modernos, diz-se que pela sua parecença com uma d'aquellas aves, a ilha do Marco, como lhe chamavam os antigos, por ser o sitio aonde vinham demarcar as suas derrotas, ou finalmente a ilha de Santo Antão, denominação esta devida ao nome do seu primeiro donatario, o portuguez Antão Vaz.

A descoberta d'esta ilha data do anno de 1452.

A antiga tradição de n'aquella terra, em sitio sobranceiro ao mar e encimando um grande rochedo, ter sido encontrada pelos primeiros povoadores uma estatua equestre apontando o rumo da America, donde proviera tambem á ilha a denominação da Ilha do Marco, carece de inteira confirmação, tanto mais que isto daria origem a importantes questões, com respeito aos verdadeiros descobridores do grande continente que lhe demora a oeste, apenas a poucos dias de navegação.

As averiguações, porem, que a semelhante respeito tem sido feitas, nada indicam de positivo, tornando-se muito provavel que, como diz o historiador açoriano o Snr. Antonio Lourenço da Silveira Macêdo, alguma caprichosa formação da natureza, isto é, um penedo que em distancia apresentava a forma d'um homem a cavallo, d'esse logar áquelle engano.

A Ilha do Corvo fica situada a 40.° de latitude norte e 34.° e 20$^{m}$ de longitude, medindo dez kylometros de comprimento por cinco de largura e mantendo exclusivamente, espaçadas relações com a ilha das Flôres, que se avista a grande distancia no horisonte.

Se de qualquer ponto da ilha vemos, constantemente, numerosas e enormes embarcações a crusar o oceano, ainda assim, por falta de arsenaes, de carvão ou de mantimentos, não é aquelle o ponto que esses navios procuram, quando com avarias ou necessidades, mas sim as ilhas do Fayal ou de São Miguel, embora relativamente assaz distantes, se a urgencia os não faz aportar á das Flores.

D'esta ilha é que dos mezes de Maio até fins d'agosto vão por vezes alguns barcos sem coberta e de vélas latinas, ou então ligeiras canôas da pesca da baleia, levar áquella terra algum raro passageiro, ou algum pequeno mercador que alli vae com fazendas, as quaes, ainda assim, pouca vendagem tem, por quanto os oito centos e tantos habitantes do Côrvo, toda a sua população, vestem-se de pannos de linho tecidos na ilha, ainda que em diminuta escala, ou de excellentes e abundosos lanificios tambem alli produzidos e com notavel mestria manufacturados.

Esta travessia geralmente, effectua-se com condições regulares e vento de feição, em tres ou quatro horas de viagem, indo-se desembarcar no Porto-Novo, no Porto das Casas, ou no da Areia, mesmo em frente da villa, de alegre aspecto, parte construida n'uma chã, parte em amphiteatro, no declive dos montes que a fecham de norte a oeste.

A villa, embora pequena tem optimas casas, bem mobiladas caia

das e todas cobertas de telha, devido isto aos filhos do Côrvo frequentarem muito as cidades dos Estados Unidos, d'onde trazem os usos e costumes.

As ruas é que são estreitissimas, em algumas das quaes nem pode passar um carro de bois e formando um verdadeiro labyrintho, de difficil saida para quem alli fôr pelas primeiras vezes.

Ao que parece tinha isto a sua rasão de ser, infestadas como eram antigamente, as ilhas, d'este archipelago por corsarios argelinos.

Na arte da guerra é talvez novo o systema de defeza, que passamos a narrar.

Uma vez, n'uma invasão de corsarios, das quaes as mais notaveis foram em 1632, por dez lanchões de turcos, de uma frota que por alli passou e em 1714 pela gente de quatro navios argelinos; estava toda a população da ilha atemorisada pelo desembarque d'aquelles malvados, que nada respeitavam e que não se limitavam a roubar os fructos da terra, mas chegando a sua ousadia a furtar as mais bonitas raparigas, que comsigo levavam, como infieis que eram, para lhes perder o corpo e a alma.

N'esse lamentavel dia, pois, quando o inimigo já em terra, enfiava pelo principal arruamento, para começar nas suas tropelias, alguns açorianos mais ousados, affrontando o terror da inerme população, foram aos pastos cercar uma manada de boios bravios e espantando-os e espicaçando-os até á Villa, conseguiram introduzil-os, já furiosos, pela estreita passagem apinhada de corsarios.

As portas estavam todas fechadas e trancadas, e das janellas, a mingoa de outros mais mortiferos projectis, cahia sobre os assaltantes um chuveiro enorme de pedras.

Os toiros esbaforidos e rijamente instigados, para lhes accender a colera, embocaram com raiva pela rua abaixo, e vendo na sua frente aquella variegada e clamorosa turba, lançaram-se contra a mesma em vertiginosa carreira.

Era uma onda viva, mais temivel do que as soberbas ondas do mar, uma verdadeira *razzia*.

Dentro em poucos instantes homens e animaes confundiam-se em encarniçada lucta, de cujo resultado não reza bem claramente a chronica, mas como o já citado Snr. Macêdo, na sua «Historia das Quatro Ilhas» que formam este districto nos diz que n'uma dessas refregas foram mortos cem inimigos, consentimos em acreditar, pela originalidade da defeza, que fosse n'esta occasião semelhante victoria.

A egreja de Nossa Senhora dos Milagres, orago da parochia, é o unico templo existente em toda a ilha, e que hoje tem vigario e cura, ao contrario do que n'outro tempo acontecia, em que só pela quaresma alli ia um sacerdote da ilha das Flores para as confissões e solemnidades proprias d'aquella epoca do anno

Para quem vive, ainda mesmo actualmente no Corvo, a existencia alem de tranquilla, encontra variedade e grande abundancia de viveres, os quaes não são vendidos para consumo publico, mas simplesmente trocados uns por outros generos. A quem sobra trigo, por exemplo, troca-o por feijão e vice-versa.

Grandes são alli as creações de gado, especialmente suino, havendo tambem grande fartura de gallinhas, variada e excellente fructa, melancias e melões, peras e figos, agua nativa e afamado leite.

Não ha familia alguma da ilha do Corvo, por muito pobre que seja, que pelas festas não mate o seu porquinho e nas casas que tem cosinha maior vão dependurar, até mais não poder, as suas bandas de toucinho, que alli ficam ao fumo, assignaladas, e das quaes, diariamente, vão cortando a porção que precisam para gasto domestico.

A carne de vacca é, tambem, muitas vezes defumada e com especial sabor. Acresce ainda que a hortaliça é bôa, abundante, e que nas terras baixas a plantação da beterraba, para os animaes, assegura-lhes sempre farta alimentação.

O viver dos corvinos é o mais simples possivel.

Erguem-se ainda de madrugada, indo em seguida todos os homens, diariamente, ouvir missa. Vão depois para o trabalho e alli, das nove para as dez horas, almoçam leite mugido das vaccas, com pão de milho e centeio. Nada mais.

Perto da noite regressa o trabalhador ao seu domicilio aonde, então o espera, pela primeira vez, comida de panella, geralmente legumes, couves, nabos ou outros productos da terra.

Esta refeição serve lhes de jantar e ceia.

Chá e café, de que nas outras ilhas do archipelago fazem tão largo uso as classes pobres é alli quasi desconhecido, e se alguem possue uma pequena porção d'aquelles generos é tão sómente para remedio de algum incommodo de saude, servindo se, porem, em algumas cazas poções de cevada torrada.

Botica e medico tambem alli não ha, nem um unico estabelecimento de vendagem, encontrando-se, não obstante, em muitas moradias frascos do remedio americano «Pain killer,» importado pelos rapazes da ilha que andam nas balieiras, ou que tem vindo dos Estados Unidos.

Quatro moinhos de vento e algumas atafonas trabalham na moagem dos cereaes para consumo e tambem, de presente, chegam da America, enviados pelos naturaes da ilha alli estabelecidos, barris de farinha, camisas de lã, peças de chita &.

O maior favor que poderiam fazer, á população do Côrvo era nunca lá lhe apparecer navio ou barco que levasse noticias de Portugal, que só conhecem pelas exigencias do fisco, para o que reservam o pouco dinheiro existente na ilha.

E, não obstante, os reditos d'aquella terra uns 500 a 600$000 reis, aproximadamente, não dariam para a sua despesa com o vigario, cura, thezoureiro, escrivão de fazenda e respectivo escripturario, se as remissões de recrutas não viessem saldar o *deficit*.

O escrivão de fazenda e escripturario não residem na ilha, mas sim nas Flores, em Santa Cruz, que é a cabeça de toda a comarca, indo porem, alli, amiudadas vêzes o segundo d'estes empregados.

Occorre, com relação á ilha do Côrvo, um caso singular: quasi todos os que se vêem obrigados, por qualquer circumstancia a alli ir, vão de má vontade, como para um desterro, com a prespectiva de estar, ao menos seis mezes do anno, sem a minima noticia do exterior, nem saber o que se passa por esse mundo de Deus.

Demorem-se, porem, alli meia duzia de dias e a difficuldade será fazel os sahir d'aquella pequena ilha.

A vida descuidosa que então se gosa, a abundancia que reina em tudo, a liberdade no trajar, a sincera e carinhosa hospitalidade dos seus habitantes, as magnificas prespectivas do logar, tudo nos faz esquecer que, alem d'aquelle insignificante ponto, perdido no seio d'um immenso oceano, hajam grandes, ricas e populosas cidades.

Aos navios que então vemos passar ao largo, dizemos, recostados na crista de algum penêdo: Ide-vos com Deus, que eu estou bem aqui!

E em seguida subimos as cumeiras da formosissima caldeira do Côrvo, que mede 3.500 metros de circumferencia e 250 metros de fundo, para contemplar aquelle magico panorama, cujo seio é um grande lago povoado de pequenas ilhotas e cujas encostas de frondente verdura são exuberantes de vida e encantos.

As raparigas da ilha, formosas e de cutis finissima, cantam, na primavera por entre as giestas e urzes; um sol esplendido incende ardentemente o lago; o ar do matto tem salutifera fragancia, milhões de flôres nos cercam por toda a parte e bemdizemos a Providencia que alli nos deixa gosar horas de tão tranquilla existencia.

## VI

## O TRI-CENTENARIO DE CAMÕES E O GREMIO LITTERARIO FAYALENSE

O mez de Junho de 1880 foi memoravel na generalidade dos dominios portuguezes, pelas imponentes festas que tanto no continente do reino, como nas ilhas adjacentes e colonias se effeituaram em memoria do tricentenario do fallecimento a 10 de Junho de 1580, segundo um documento encontrado pelo Snr. Visconde de Jerumenha, do grande epico Luiz de Camões, cuja fama é universal.

E, effectivamente, bem cabidas eram essas singulares demonstrações de respeito e de gratidão pelo sublime genio do author dos Luziadas, epopêa que soube tornar immortal uma nação e uma litteratura, assegurando nos atravez dos seculos um logar distincto no pantheon da historia.

Depois de trezentos annos de indifferença, depois de sessenta lustros, não dizemos de esquecimento, que tanto era impossivel, mas de silencio em redor da gloriosa mortalha do bardo gigante, a nação portugueza erguendo-se repentinamente á voz de alguns illustrados patriotas, admiradores de Camões e que no mesmo viam a mais segura garantia da nossa autonomia politica, rende o mais levantado preito á memoria d'aquelle bravo que, como elle proprio dizia, tendo n'uma mão sempre a penna e n'outra a espada, a soubera nobilitar, pondo ao serviço da patria exclusivamente o seu transcendente genio e o seu inquebrantavel valor.

Os Luziadas são a custodia das antigas proêzas dos portuguezes, o sacrario aonde o decrepito Portugal pode repousar ao abrigo das tormentas politicas que por vêzes, extinguem ou arrebatam as nações, com a mesma facilidade como as nortadas do outomno arrebatam as folhas amarellecidas dos platanos.

Os Luziadas representam mais do que uma grande demonstração d'um grande genio, representam uma nacionalidade, tornando immortal o povo portuguez.

Assim o comprehendiam todos.

Ao apêllo vehemente da commissão Lisbonense que se exforçava por despertar no paiz um tributo de veneração pela primeira das suas glorias, começaram a haver valiosas adhesões, um fremito de enthusiasmo, como magnetico sôpro animou os portuguezes desde o Algarve ao Minho, atravessou o oceano, visitando os Açores e foi ainda repercutir-se na Africa e na India, no Brazil e nos Estados Unidos da mesma America.

O sol quando illumina o universo tem jus a que de todos os an-

gulos da terra lhe prestem os mortaes um tributo de reconhecimento. assim tambem quando, para os portuguezes, se trata do nome de Camões, que a todos os paizes levou a fama e o testemunho de nobres feitos de arrojados navegadores que trilharam mares nunca d'antes navegados, não é muito que uma imponente apotheose lhe venha honrar o nome egregio.

Foi o que aconteceu.

Em Portugal trabalhava-se activamente para, com o maximo esplendor, commemorar o dia 10 de Junho de 1880 e nas plagas açorianas, n'estes rochedos semeados na vastidão do oceano, mas aonde os sentimentos patrioticos e o santo amor da liberdade e independencia patria, tem tido sempre os mais dedicados deffensores, começou se tambem, em diversas das suas localidades a estudar a maneira de compartilharmos honrosamente da tarefa em que estavam empenhados os nossos irmãos do continente.

O Gremio Litterario Fayalense, associação estabelecida na Horta, desde 22 de Novembro de 1874 e cujo fim é cimentar a instrucção e o amôr as letras, não podia ficar indifferente perante uma manifestação de respeito à memoria augusta do grande epico nacional, e tanto assim que em sua sessão de 29 de Fevereiro de 1884, propunha o seu secretario que a respectiva Direcção promovesse um sarau litterario a 10 de Junho futuro, associando-se assim aos festejos que se effectuariam em diversas terras portuguezas, como constava pelos jornaes do continente.

Achou este alvitre a melhor, e unanime bôa vontade de todos os membros da direcção do Gremio, começando desde logo a fazer os convites a diversos oradores e mais preparativos necessarios, para que semelhante festa fosse brilhante e condigna do levantado assumpto a que era destinada.

A mesma Direcção prevendo, immediatamente, que grande devia ser a concorrencia a semelhante solemnidade e desejando tambem dar aquella festa um caracter popular e não simplesmente adstricto aos socios da associação que representava, deliberou pedir d'emprestimo, para effectuar o projectado sarau litterario, a grande sala dos Paços do Concelho e mais aposentos, desponiveis d'aquella parte do edificio em que funcciona a Camara Municipal da Horta.

Annuio da melhor vontade a este desejo a illustre vereação que então regia este municipio, levando o seu patriotismo a coadjuvar, por todos os meios ao seu alcance o honroso empenho do Gremio Litterario Fayalense, até a sua realisação.

Posteriormente, porem, a estes preparativos, recebeu a imprensa fayalense, por intermedio da redacção do Fayalense um convite da commissão executiva das festas do tri centenario de Camões, em Lisbôa, para que promovesse tambem n'esta ilha identicas demonstrações as que se iam levar a effeito no continente.

O redactor do Fayalense, cavalheiro collocado então n'uma elevada posição official n'este Districto, convocou os redactores e representantes dos diversos periodicos da Horta, para se reunirem em sua casa e accordarem no caminho mais acertado a seguir a semelhante respeito.

Houveram, pois, algumas reuniões da imprensa, promovendo uma recita no theatro «União Fayalense,» realisada na noite de 29 de Maio de 1880, para com o seu producto auxiliar os festejos que viesse a realisar e cujo programma ainda não estava organisado.

O Gremio Litterario Fayalense continuava, porem, no seu proposito e as projectadas festas do tri-centenario alli iam tomando muito maior vulto do que na commissão da imprensa, as sessões eram concorridissimas e permanentes, muitos cavalheiros desejavam associar-se aos trabalhos da Direcção, que se augmentasse o programma dos festejos e que se promovesse um prestito civico, bem como uma esplendida illuminação alem do sarau litterario, tomando estas festas um caracter publico, em toda a sua realisação.

Tornava-se, pois, necessario ampliar a idea primordial apresentada pela Direcção do Gremio, que jamais podia suppôr tamanho enthusiasmo da parte dos seus associados, quando encetara o nobre empenho de honrar, n'esta ilha a memoria do grande epico.

Assim, independentemente de realisar os anteriores festejos que ja havia combinado, organisou-se uma grande commissão, representante do Gremio Litterario Fayalense, isto a 31 de Maio, que desde logo começou a trabalhar com actividade, não descançando um unico momento nos variados affazeres que gostosamente tomava a seu cargo.

Jamais houve, na Horta, uma egual animação.

A commissão da imprensa deffinhava, porem, visivelmente, todas as attenções estavam voltadas para o Gremio Litterario, e embora, acreditamos, fosse bôa a sua vontade, não sabemos se, n'uma terra pequena, como a Horta, teria elementos para effeituar condignos festejos a par d'aquelles que projectava o Gremio.

E tanto assim que em breve, a 2 de Junho o seu presidente officiava á grande commissão, representante do Gremio Litterario, offerecendo-lhe o producto da recita que tinha realisado no theatro União Fayalense e demonstrando a sua bôa vontade de coadjuvar em tudo que podesse os festejos publicos que projectava aquella sociedade.

A resposta a este levantado procedimento foi a grande commissão nomear seu presidente o signatario d'aquelle officio, demonstrando por esta forma que não havia a minima idéa de rivalidade n'esta questão, que só tinha em mira glorificar Camões.

Declinou esta acertada nomeação o presidente da commissão da imprensa, recahindo em seguida no presidente do Gremio Litterario Fayalense.

Conto, aqui, muito resumidamente, o decorrer d'estes factos, com mais prolixidade o tenho feito n'uma Memoria, ainda inedita, dos festejos do tri-centenario de Camões na Horta, que por tratar exclusivamente d'estes acontecimentos é muito mais minuciosa de que o singelo capitulo de um livro de variada leitura, como é a indole d'estas paginas.

Constituida, pois, definitivamente a grande commissão, cujas actas existem assignadas por cincoenta e oito cavalheiros, continuaram sem qualquer interrupção os trabalhos preparatorios dos festejos

A grande commissão teve treze sessões, todas concorridissimas e animadas, todas exuberantes de vida e de dedicação, pela primeira das nossas glorias patrias.

O programma dos festejos, elaborado por uma sub-commissão especial, foi o seguinte:

Um prestito civico.

Uma grande illuminação no largo do Marquez d'Avila e de Bolama.

Acrescia a isto o sarau nos Paços do Concelho, parte da festa exclusivamente das attribuições da Direcção do Gremio.

Da maneira brilhante pela qual isto tudo se realisou, vamos dar ao leitor uma brevissima idéa.

* * *

Que esplendido dia de primavera, o de 10 de Junho de 1880!

O ceu dos Açôres, geralmente nublado, não apresentava uma unica nuvem, havia um tom festivo na naturesa, parecendo condizer com a alegria que se notava na população da Horta, a sua alva casaria toda cercada de verdura, até á beira mar, o purissimo aspecto d'aquella bella madrugada.

Os milhões de flores que n'essa epoca do anno pullulam por toda a parte, exuberantes de vida e encantos, embalsamavam o ar com fragrantes emanações.

A espaçosa e serena bahia da Horta, povoada de numerosas e elegantes embarcações estrangeiras, todas embandeiradas, reflectia o azul do firmamento, incendida n'uma alluvião de luminosas estrellas, formadas pelas scintillações dos raios do sol no tenue oscillar das bonançosas vagas.

Em frente, a gigantesca montanha do Pico que deixara, n'aquelle dia o seu severo aspecto, e o seu cume geralmente perdido entre as nuvens estava, então, descampado, apresentando variadas cambiantes até quasi a meio da ingreme montanha, emquanto que entre a verdura dos vinhedos da beira mar, as povoações da ilha se destacavam alvas e de convidativo aspecto

Respirava-se um ar bom e são Se podessemos acreditar na affi

nidade dos seres humanos, com o incomprehensivel sentir da natureza, diriamos que tudo se combinara para realçar o esplendor d'aquelle dia, em que se festejava a memoria do grande bardo, que a fama dos feitos portuguezes levou ás mais remotas regiões e que a terra e os astros lhe queriam provar o seu aprazimento, vestindo as suas mais deslumbrantes galas.

Desde a vespera, á meia noite, que a população da Horta havia sido prevenida dos festejos do dia immediato, pela subida ao ar, quando soou aquella hora, de grandes girandolas de foguetes, lançados das proximidades do Gremio Litterario Fayalense, que então funccionava na rua do Collegio n.º 21 e percorrendo em seguida as principaes ruas da cidade uma *marche aux flambeaux*, acompanhada das duas bandas de musica, Artistas e Nova Lyra, de muitos membros da grande commissão e muito povo.

Apesar da avançada hora da noite, algumas casas da cidade illuminaram-se n'essa occasião, com luzes de fogos d'artificio e quando esta comitiva recolheu ao Gremio, esturgindo novamente os ares amiudadas girandolas de foguetes, a multidão já era compacta e animada.

As bandas de musica executaram, então, em frente do edificio o sympathico e lindo hymno fayalense, e o presidente do Gremio, d'uma das janellas do mesmo, ergueu tres vezes o grito «Gloria a Camões! que foi vehementemente repetido pelo povo agglomerado nas circumvisinhanças.

Seria 1 ½ hora da noite.

Pelas cinco horas da manhã seguinte, um tiro de peça, disparado do Castello de Santa Cruz, annunciava á cidade que os festejos em breve começariam, embandeirou-se todo o extenso largo do Marquez d'Avila e de Bolama, que tinha no centro um elegante pavilhão, aonde opportunamente seria collocado um bello busto de Camões, de tamanho natural, mandado vir expressamente de Lisboa, para esta solemnidade, pelo Gremio Litterario Fayalense.

Havia-se distribuido profusamente programmas para o prestito civico d'aquelle dia, sendo o ponto de reunião o grande largo em frente da Secretaria da doca, na freguezia das Angustias.

A hora designada era para as dez e meia da manhã.

Desde as nove horas da manhã começou, porem, a juntar-se n'aquelle espaçoso sitio grande multidão de povo e successivamente os convidados para o imponente prestito, todas as authoridades da Horta, Camara Municipal, chefes de repartição e respectivos empregados dos diversos ministerios, o numeroso pessoal empregado nas obras do porto artificial, diversas corporações, collegios, associações, commissão agricola, juntas de parochia, particulares, &., ao todo umas 1.500 pessoas.

A todos os individuos que compunham o prestito foram distribuidas corôas de louro, ou *bouquets* de flôres, levando por distinctivo, na

lapella da casaca, os membros da grande commissão, uma pequena flôr branca, em qualquer logar do prestito que lhes competisse.

Pelas 11 ½ horas do dia começou a pôr-se em movimento esta immensa comitiva, levando na frente a banda de musica Nova Lyra, que precedia a Camara Municipal, de bandeira desfraldada e com o traje proprio d'aquella corporação, seguindo-se as diversas corporações e authoridades e fechando o prestito extenso bastante e que seguia na melhor ordem, a maioria dos membros da grande commissão e atraz d'esta a banda de musica Artistas, alem de milhares de individuos que acompanhavam semelhante prestito, o qual seguio pelas ruas das Angustias, do caes, D. Pedro 4.º, Alameda da Gloria e Mercado, dirigindo-se afinal para o largo do Marquez d'Avila e de Bolama.

O Governador Civil da Horta e Presidente da Camara Municipal, previamente convidados, alli então desvelaram, respeitosamente o busto de Camões, sendo-lhes offerecidas pelo Presidente da grande commissão duas lindas grinaldas de flôres artificiaes, trabalho de damas fayalenses, com uma das quaes foi coroado o grande epico pelo Governador Civil e a outra deposta junto do pedestal da sua effige pelo Presidente da Camara, como legitimo representante da população d'este Concelho.

O castello de Santa Cruz dava, a esse tempo, um salva de vinte e um tiros, repicavam os sinos de todas as egrejas, grandes girandolas de foguetes subiam ao ar, as bandas de musica executavam o hymno fayalense e todas as corporações e individuos que haviam formado o prestito foram depôr corôas de flôres e ramalhetes junto do estrado de Camões, coberto tambem expontaneamente de flores pela multidão de povo que se agglomerara nas proximadades.

O enthusiasmo era grande, a um dos lados do pavilhão, vistosissimamente adornado, aonde se achava o busto do poeta, estava postado um numeroso destacamento de caçadores, os estudantes, tanto do Lycêu Nacional, como d'escolas de instrucção primaria particulares e officiaes cantavam varios hymnos expressamente escriptos para esta occasião, havendo festivas e animadas demonstrações de publico regosijo.

Finda a deposição das flores, o Secretario da grande commissão leu um auto d'esta solemnidade, que foi assignado pelas authoridades presentes, corporações e muitos particulares.

Eram duas horas da tarde quando o prestito d'alli mesmo se dispersou na melhor ordem e confraternidade.

Ao cahir da noite, apenas soaram trindades, um tiro de canhão dava o sinal dos festejos nocturnos, atroando os ares innumeros foguetes e enchendo-se litteralmente de povo o largo a que já nos referimos.

Uma brilhantissima illuminação a venesiana, com milhares de lumes de variegadas cores, disticos luminosos, emblemas atinentes á

vida aventureira de Camões, arcos e bandeiras, davam áquelle recinto, perfeitamente adaptado para semelhante fim, um singular aspecto, apresentando a todos os espectadores a mais peregrina vista.

No centro do largo havia uma grande estrella, formada de grandes luzes encimando um soberbo monumento, representando uma piramide, tendo em cada lado escudos com a data de 1880 e com os emblemas da guerra e da poesia, bem como com as iniciaes L. C.

Na base d'este monumento liam se, em grandes quadros, excerptos d'algumas estancias dos Lusiadas.

Realçava ainda o brilhantismo d'aquelle aprasivel sitio, a proximidade de varios edificios todos brilhantemente illuminados, o que tornava aquelle espaço n'um enorme foco de luzes.

Cumulativamente com a illuminação que acabamos de descrever, começava pelas 10 horas da noite o sarau litterario nos Paços do Concelho, atribuição exclusivamente da direcção do Gremio.

Os vestibulos, escadarias e sala principal do edificio da Camara Municipal estavam tambem brilhantemente illuminados, com grande profusão de luzes e flores, disticos extrahidos dos Luziadas, havendo na sala do sarau, no logar de honra, o busto de Camões, circumdado d'um tropheu de bandeiras das principaes nações da epocha em que viveu o grande epico, emblema este que era encimado por um açôr, do bico do qual pendia uma fita, aonde se lia:

> Aquelle cuja lyra sonorosa
> Será mais afamada que ditosa.

Por convite do presidente do Gremio presidio a esta festa litteraria a primeira authoridade administrativa do Districto, o Ex.$^{mo}$ Governador Civil, que proferio uma patriotica allocução na abertura do sarau e ao qual com bellos discursos e enthusiasticas poesias se seguiram diversos oradores ja antecedentemente inscriptos.

Como de manhã se fizera, por occasião do prestito civico, assim tambem agora todas as damas, authoridades, corporações e muitos particulares foram circundar de elegantissimas grinaldas de flores e ramalhetes a efige do poeta, ao tempo que a banda de musica Nova Lyra executava patrioticos hymnos.

No decurso d'esta brilhante festa litteraria o Secretario do Gremio Litterario Fayalense leu uma mensagem de congratulação á associação dos jornalistas e escriptores publicos, que n'esta data se fundava em Lisbôa, a qual foi assignada pelas damas, authoridades e mais cavalheiros presentes, seguindo o seu destino na primeira opportunidade.

Aos primeiros alvores da madrugada seguinte terminou esta festa, que, a par dos festejos publicos, foi o remate de uma data que será sempre agradavelmente lembrada pelos fayalenses e em que todos

se empenharam para honrar condignamente a memoria de Camões e com ella a nossa patria.

Aos sons vivos e alegres do hymno fayalense terminou esta importante reunião.

O Gremio Litterario Fayalense por occasião do tri-centenario publicou tambem um numero unico denominado «Camões», compilação de alguns trechos dos escriptos do grande epico.

Esta publicação In 4.º, 2 columnas e 8 paginas, papel vellino, e cuja tiragem foi avultada, continha excerptos dos Lusiadas, Epistolas, Sonetos e Rimas, sendo impressa n'um prelo da Horta.

Posteriormente ás festas do tri-centenario de Camões, tanto no continente, como em todas as terras portuguezas, numerosos colleccionadores respigaram em todas as localidades quantos documentos, ou publicações poderam obter relativos áquella memoravel epocha e consequentemente a edição d'este numero especial «Camões», esgotou-se em muito breve tempo.

O programma dos festejos publicos realisado pelo Gremio Litterario Fayalense teve tambem diversas reimpressões para satisfazer a numerosos pedidos, até muitos mezes depois de realisadas as festas.

O tempo corre rapido, os annos vão passando sobre estes acontecimentos e d'aqui a uns cincoenta Janeiros, a geração subsequente nem dos mesmos talvez tenha a minima indicação.

Se ao menos estas linhas chegassem até lá . . .

Que louco que eu sou! . .

As pobresinhas não terão alento para viver um dia, são mais ephemeras do que a roca de Malherbe, que ao menos durou *l'espace d'un matin*

## VII

## A PRIZÃO DE D. AFFONSO 6.º NA ILHA TERCEIRA

## (1669 a 1674)

O mez de Novembro de 1667 foi assignalado em Portugal por anormaes acontecimentos.

A filha do duque de Nemours, a princeza D. Francisca Maria Isabel de Saboia, então casada com El-Rei D. Affonso 6.º, a qual havia decorrido apenas um anno que o Marquez de Sande conduzira n'uma esquadra ao Tejo, enfadada da desgraçada vida que levava ao lado d'um marido meio paralytico do corpo e do espirito e por ventura alimentando já no peito a joven rainha um criminoso affecto por seu cunhado o infante D. Pedro, retirava-se á reclusão de um convento, pedindo a El-Rei licença para voltar á sua patria, tanto mais quando o marido sabia muito bem que ella nunca fôra sua mulher.

E, effectivamente, eram estes os rumores que corriam na côrte, embora o notavel estadista, Conde de Castello Melhor, houvesse assegurado quando se tratou do casamento, que Sua Magestade tinha varios filhos naturaes.

A Rainha, successora no throno da Snr.ª D. Luiza de Gusmão, era uma interessante e formosa dama, com o espirito assaz cultivado e criada no requinte da elegancia da luzida côrte franceza.

Em Portugal veio achar o reino dividido em partidos, uns por Elrei e pelo seu valido o Conde de Castello Melhor, outros pelo Infante e cada dia se assignalava por uma intriga, mais ou menos pungente, para o seu afidalgado animo.

O marido não lhe podia compensar em ternura os espinhos da sua actual situação, nem nos seus braços esquecer os dissabores do reinado que apenas encetara.

El-Rei era indifferente aos seus encantos.

Não acontecia o mesmo, conforme já em segredo se dizia, com o irmão d'El-Rei, então na primavera da vida, formoso e atilado, sabendo amoldar-se a todas as intrigas da côrte, disfarçar as suas opiniões e ter a maxima prudencia no seu procedimento tanto publico, como na vida intima.

O infante fôra sempre o favorito da rainha mãe, fallecida em Fevereiro de 1666.

Teve o infante parte na resolução tomada pela espôsa de Affonso 6.º, de abandonar o homem a quem se ligára?

Foi isto, simplesmente, alvitre da Rainha, ou um pacto entre ella e seu cunhado, firmado n'alguma noite de amôres, no meio dos protestos da mais vehemente paixão?

Havia entre o Infante e a Rainha o firme proposito de desthronar Affonso 6.º, para governarem a seu talante, embora ficasse manchado o escudo portuguez com as tramas d'uma incestuosa intriga?

Não se sabe.

Os historiadores portuguezes, de epocha para epocha, vão deixando aos vindouros o julgamento d'este facto e apesar de decorridos mais de dois seculos o problema está ainda por resolver.

A pèrda da esposa succedeu, immediatamente, ao infeliz D. Affonso 6.º, a privação do governo, a deposição do poder, embora conservasse até á morte o irrisorio titulo de monarcha.

Foi uma intriga palaciana habilmente dirigida.

No dia seguinte á sahida dos Paços Reaes, a Rainha escrevia ao cabido de Lisboa para que, a bem do seu direito, se informasse das tristes condições physicas d'El Rei ao tempo que o Infante, provavelmente de accôrdo com o Conselho de Estado, fazia com que este aconselhasse ao Rei a que delegasse em seu irmão as insignias do poder e da publica governação.

Entrou, pois, esta corporação e alguns fidalgos inesperadamente nos aposentos de Affonso 6.º, que ainda estava deitado, aterrorisam o seu pouco seguro animo, apresentam-lhe um papel para assignar a sua renuncia da gerencia do governo e prendem-no alli mesmo.

Estava consummado o escandalo.

O povo, a quem o infante tivera o cuidado de captar as sympathias, alegrou-se com estas novas e Sua Alteza, como regente do reino começou a governar desassombradamente e com geral applauso.

A Rainha ia-se demorando em Portugal . . .

Depois de um muito vergonhoso processo, conseguiu-se, o que não era difficil, se n'isto houve firme proposito do Regente, a nullidade do casamento de Affonso 6.º e na ultima semana da Quaresma de 1668, effectuou-se o casamento da Rainha com o Infante, por procuração, reunindo-se a final nos Paços d'Alcantara, na 1.ª oitava da Paschoa, d'esse mesmo anno.

A epocha escolhida para estes desposorios, se não prima muito pela moralidade, ao menos tem sua pilheria historica.

Quando D. Affonso, sentindo os repiques festivos dos sinos e as salvas de artilheria, perguntou qual o motivo de publico regosijo que occorria e lhe responderam que era o casamento do Regente com a sua ex-esposa, mandou um familiar seu apresentar aos ditosos noivos os seus cumprimentos e dar-lhes os devidos parabens!

Tinham excentricidades os filhos do Senhor D. João 4.º — o Restaurador.

O Regente, como homem esperto que era, julgou mais prudente affastar o irmão para logar seguro d'onde não podesse animar qualquer conspiração de fidalgos, ou qualquer movimento popular que de futuro surgisse a favor de D. Affonso e como n'essa occasião estives-

sem reunidas as côrtes, foram estas de opinião que não se restituisse a liberdade a El-Rei e que o Regente, como melhor lhe parecêsse, o retivesse em logar proprio.

Tem d'estes espinhos, por vezes, a suprema governação d'um paiz!

Ainda assim, o Regente desempenhou-se perfeitamente de semelhante encargo, como vamos ver.

* * *

E' opinião seguida por alguns escriptores, ainda que carecendo de plena comprovação, que a celebre ilha dos Amôres, de que trata Camões em varias estancias do seu immortal poema «Os Luziadas,» é a ilha Terceira, no archipelago açoriano e que o grande bardo-guerreiro, regressando da India, no anno de 1570 alli, necessariamente, aportara.

E de facto, a prespectiva d'aquella encantadora ilha e os diversos accidentes naturaes que apresenta, tem tanta analogia com a pintura feita por Camões, que nós ficamos perplexos sobre esta occorrencia, que tornaria immortal aquella ilha, se acaso já não tivesse immorredouros brazões de gloria, essa formosa possessão portugueza, no oceano atlantico.

Desde o descobrimento dos Açôres que a ilha Terceira, tanto pelas bellezas proprias que possue, como pela sua fertilidade e feitos heroicos, na historia politica da nação a que pertence, se tornou admiravel nos nossos fastos, merecendo a maxima attenção dos monarchas portuguezes, que a tem, invariavelmente, considerado como uma das mais brilhantes perolas do seu regio diadêma.

A amenidade do clima açoriano ainda mais lhe realça o valor, assim como a nobreza de muitas das illustres familias alli residentes, em tempos mais dados a essas averiguações de linhagem do que os actuaes, a sobrelevava em reputação e fama de elegante trato, ás suas irmãs do alto mar.

A ilha Terceira era, então, a capital dos Açores, durando até, não ha muitos annos, a costumeira da maioria dos homens abastados das outras ilhas alli irem procurar noivas afidalgadas, enxertando assim o seu dinheiro e o seu sangue em arvores genealogicas, de vetusta existencia e de bem comprovado renome, honra lhes seja.

Acrescia, ainda, possuir já esta ilha, n'aquella epocha uma das mais notaveis construcções militares de todo o reino, erguida n'um notavel monte ao sul da cidade d'Angra e que o tornava em vasta e inexpugnavel cidadella, projectando-se pelo mar alem.

Estas fortificações do monte Brazil foram effeituadas durante o dominio dos hespanhoes e inauguradas em 1591, no reinado de Filippe

2.º, existindo apenas anteriormente, alguns fortes portuguezes, mas de insignificante valor.

O castello chamava-se, então, de São Filippe, mudando de nome para São João Baptista, em seguida á restauração de Portugal, e, coisa notavel, tendo sido levantado para defensa dos usurpadores, é hoje o unico local, talvez, aonde existe um monumento da nossa libertação, erecto logo depois da gloriosa epocha de 1640.

Referimo-nos á egreja de São João Baptista alli existente.

O cêrco do castello, para d'alli fazer baixar a bandeira hespanhola, durou desde 25 de Março de 1641 até 6 do mesmo mez de 1642, por quanto as suas baterias, fossos, casas e quarteis, bem como a grande porção de productivos terrenos que inclue dentro dos seus muros, deffendidos do lado do sul por alcantilados e inaccessiveis rochedos, dão ensejo a longa resistencia no seu interior, offerecendo meios de subsistencia, embora apertado seja o cêrco e numerosa a guarnição da cidadella.

Encarada ainda esta fortaleza, não pela valentia das obras que os homens alli souberam effeituar, mas pelos esplendorosos encantos com que á próvida natureza approuve dotar todo o monte Brazil, azado é seguramente aquelle sitio para inspiração dos mais enthusiasticos sentimentos, como de dulcissimos carmens de sublimes menestreis.

Theatro talhado para a representação das mais heroicas façanhas, não lhe falta, tambem, a par do seu bellico aspecto a tranquilla serenidade das scenas campesinas, o isolamento e quietação de frondosas aleas povoadas de denso arvoredo, ou o tom festivo da sua formosa *caldeira* exuberante de flores vistosas e de rasteiras plantas sylvestres, alcatifando as encostas, outr'ora talvez producto de alguma erupção volcanica e hoje com luxuriante manto de encantadora verdura.

Depois, do lado do sul, da beira d'essas rochas gigantescas e aprumadas, qual inexpugnavel muralha, que imponente espectaculo não apresenta o vasto oceano que circunda o monte Brazil e que geme meigamente contra informes penedias, quando deixa de, na sua ingente furia, erguer a grande altura nuvens de escuma, n'esses dias em que as vagas rebentando iradas, mas impotentes se desfazem d'encontro ás rochas?!

Alarga-se a vista por aquelle mar alem, tão grande como a grandeza dos pensamentos que, então, nos povoam a mente tão profundo, como o amôr inveterado do povo terceirense pelas auras fagueiras da liberdade.

Na solidão das ondas destaca-se, por vezes, a alva vella de alguma embarcação que sulca vagarosamente a superficie do oceano, dirigindo-se talvez da Europa para a America, do velho para o novo mundo e saudando de longe aquella montanha, no cimo da qual se devia erguer uma estatua da Liberdade, que recordasse aos navegantes que

estes virentes jardins açorianos, na soledade das agoas, tem por timbre a lealdade e por brasão o valor.

Incende-se o poente nos esplendores do ocaso, a animada brisa vinda do mar rumorèja nos arvoredos e plantações do monte e as aves maritimas procuram nas agrestes furnas, abertas na altura das rochas, guarida segura para a noite que se avisinha.

Com o breve desapparecimento do sol um veu de profundo silencio envolve a cidadella, a brisa calou-se nos braços da noite e lá muito em baixo sente-se o trabalhar das vagas, em lucta de ha muitos seculos, contra inaccessiveis escarpas que revestem exteriormente aquelle formidavel reducto . . .

Sentimo-nos, então, oppressos com a magestade d'aquella scena e o som longinquo d'um clarim nos faz recordar que temos de abandonar aquelle sitio e dirigir nos para a cidade cuja casaria jaz, agora, quasi indistincta, immensa nas nevoas nocturnas e salpicada a espaços, por diversos pontos luminosos.

Remontemos, porem, para o proseguimento d'esta narrativa do anno de 1669.

Ignorando completamente os terceirenses os acontecimentos politicos que ultimamente haviam occorrido em Portugal, appareceram em frente da cidade de Angra, no dia 17 de Junho, tres fragatas e uma caravella portuguezas, que todo o dia bordejaram, sem ter communicação com a terra.

Não era rara, n'aquella epocha, a vinda de navios de guerra nacionaes, aos Açôres, maxime durante a primavera e estio, geralmente para limpar o mar dos corsarios que infestavam estas paragens, ou então para acompanhar até Lisbôa os navios provenientes da India, muitas vezes com importantissimos carregamentos, os quaes esperavam mezes, fundeados nos diversos portos açorianos, a chegada da armada que os escoltasse ao seu destino.

Não levantou, consequentemente, quaesquer suspeitas de anormaes occorrencias a presença d'aquelles vazos de guerra.

No dia seguinte fundearam imponentemente na tranquilla bahia da cidade, observando-se então as formalidades do estylo e sem que transpirasse o menor indicio da commissão em que vinham aquellas embarcações, que, segundo então constou, eram da esquadra guarda costa.

Só depois de estarem em terra varios officiaes, em serviço, e de algumas conferencias com as authoridades locaes é que, com geral assombro, se começou a vozear que abordo d'uma das fragatas estava El-Rei D. Affonso 6.º, prisioneiro e desterrado, vindo recolher se ao Castello de São João Baptista e trazendo comsigo o pessoal necessario para servir Sua Magestade, consoante á sua elevada gerarchia.

O Sr. Regente houve-se n'esta conjunctura com perfeita diplomacia e alem d'isso com bem fingido amôr fraterno, fazendo isto tudo,

ao que parecia, não movido pela ambição de governar, ou para lograr desasombradamente o amor da princeza de Saboia, mas sim para tranquilidade do reino e felicidade do povo portuguez.

Exemplar irmão!

Só tres dias depois, quando tudo combinado entre os da governança da terra e os officiaes de bordo, ás ordens do Conde do Prado, é que El-Rei desembarcou, sendo saudado com as salvas do estyllo, repiques de sinos nas diversas parochias e conventos e usuaes demonstrações de respeito decretadas em identicos cazos.

A população da ilha Terceira já conhecedora, desde a ante-vespera, até nas mais remotas freguezias, da chegada de tão illustre hospede, atulhava todas as ruas da beira mar, ao tempo que a guarnição do castello e tropa existente na armada, estava toda em armas, ou circumdando os canhões das baterias, a pretexto de render homenagem a Sua Magestade, ou, quem sabe? se para reprimir qualquer movimento popular a favor d'aquelle desgraçado a quem privavam cumulativamente d'uma familia e d'um throno.

A apparencia, porem, de D. Affonso 6.º era pouco talhada para crear sympathias, embora algum tanto corpulento e de feições regulares, o seu olhar era incerto, amortecido, custava lhe a mover um braço e andava a custo, a cambalear.

Não era isto, com certeza, o que o povo esperava, elle, que na sua imaginação reveste sempre os homens collocados em altas posições sociaes, de atributos physicos do mais subido quilate.

Foi uma desillusão completa.

Sua Magestade depois de desembarcar a custo do bergantim que lhe haviam destinado e de haver dado em terra alguns vacillantes passos, entrou para uma liteira que o aguardava, seguindo logo para o castello, com o commandante da armada e alguns titulares que o acompanhavam.

A' porta d'aquelle formidavel reducto, representou-se mais uma vez a comedia do grande respeito para com um rei sem throno, havendo as ceremonias d'uma elevada recepção, as salvas da ordenança e albergando-se El-Rei e os seus criados em diversos aposentos do castello, assaz espaçosos na realidade.

A primeira noite d'El-Rei n'aquelle recinto, se acaso o seu espirito, apezar de fraco, o deixou considerar nas vicissitudes da realesa, nas paixões mesquinhas do coração humano, nas intrigas e astucias de uma mulher, quando apaixonada, seja plebea ou fidalga, devia-lhe, necessariamente, despertar n'alma bem amargos pensamentos, a elle que, como é sabido, jamais na sua infancia recebera de sua mãe, D. Luiza de Gusmão, uma caricia, que não ia julgar se um menospreso feito a seu irmão D. Pedro, mais formoso e atilado do que a infeliz creança que enfermara desde os quatro annos de idade.

O povo se não sentio enthusiasmo ante a presença d'El-Rei, con-

cedeu-lhe, comtudo, palavras de comiseração, lamentando a sua sorte, não tendo phrases de louvor para com o Regente, nem para a Rainha, e retirando-se taciturno para as suas distantes habitações, mais inclinado a servir um monarcha em relativa miseria, do que o Regente do reino no seio das maiores venturas.

Não houve, ainda assim, o menor disturbio e quem cercava El-Rei é que se incumbio de apresentar para Lisboa estes factos, da maneira que fosse mais agradavel ao paladar do Sr. Regente.

Nem faltaram, como sempre, adoradores do sol que se alevanta e protestos de lealdade, de dedicação e amor civico.

Estabelecido e acommodado El-Rei, nas casas do governador do castello e havendo deixado Angra a armada ás ordens do Conde do Prado, começou da parte d'aquelles que acompanhavam D. Affonso uma não interrompida serie de intrigas e dissenções, provenientes de rivalidades de posição, ou de cubiça de estipendios.

O Regente mandava pagar liberalmente a todos que serviam seu irmão, assim como o tratamento de D. Affonso era tão farto, que da sua meza esmollava diariamente muita gente necessitada, até que, mais tarde, receios talvez da popularidade que El-Rei ia adquirindo com semelhante procedimento fizeram com que fosse prohibido rigorosamente a qualquer individuo receber dadivas ou esmolas do regio prisioneiro. Para distracção de D. Affonso alguns caminhos se aplanaram no monte Brazil e algumas verêdas foram abertas até aos seus mais vistosos sitios.

El-Rei, nos primeiros tempos da sua estada na ilha Terceira, quando o tempo estava sereno, por tardes esplendidas do verão que decorria, ia, por vezès, solitariamente, sentar-se n'algumas pedras d'uma elevação sobranceira ao oceano, na extremidade mais saliente do monte e alli passava, com os olhos fitos na vastidão das agoas, a meditar longas horas, embebido na grandeza d'aquelle espectaculo e talvez reflexionando amargamente nas vicissitudes da sorte.

Cento e quarenta e seis annos depois, em 1815, quando o seu corpo já estava reduzido a um punhado de cinzas, um outro monarcha, como elle sem throno nem familia, preso tambem n'um rochedo cercado de mar e guardado vigilantemente, devia, na mesma attitude deixar-se aperceber á vista dos curiosos navegantes.

Era aquelle heroe a respeito de quem Lamartine escreveu a magnifica ode que começa:

> Sur un écueil battu par la vague plaintive,
> Le nautonier de loin voit blanchir sur la rive
>
> Un tombeau près du bord par les flots déposé:
> Le temps n'a pas encore bruni l'etroite pierre,
> Et sur le vert tissu de la ronce et du lierre
> On distingue . . . un sceptre brisé!

A fatalidade dos acontecimentos, ainda que por caminhos muito diversos levou Napoleão 1.º e Affonso 6.º a um identico termo da existencia.

E, comtudo, que grande differença entre os dois regios prisioneiros!

O primeiro foi, por assim dizer, o arbitro do mundo, não nascêra em regios alcaçares, nem tivera por berço os mais finos arminhos, mas devido ao seu genio guerreiro, logrou com a simples lamina de uma espada avassalar reinos, distribuir corôas, fazer principes aos seus generaes e passear triumphante pela Europa, fazendo baixar reverentemente a fronte aos mais altos potentados.

A guerra era o seu elemento e o troar dos canhões a lei suprema em que se firmava, e estes ora vomitavam fogo para saudar a sua passagem ora para derrubar os seus inimigos.

Era um guerreiro feliz, cujos dias foram contados por victorias, como as horas por combates.

Afinal, semelhante ao sol que vae morrer no seio do oceano, um adusto rochedo, na grande soledade das agoas, servio lhe de leito de campanha e em Santa Helena exala o derradeiro alento, pronunciando ainda no delirio de agonisante, algumas ordens dirigidas a immenso, mas imaginario exercito, que elle via já confusamente, que ia levando ao combate, ao triumpho e á gloria!

Soldado, morreu entre soldados, cercado de nuvens espessas de fumo, ouvindo os sons dos clarins e o rugir de valente artilheria e attento sempre ao maior lustre da bandeira franceza, que tanto amava!

Não morreu ao lado de Hudson Lowe e dos seus sequazes, embora estivessem alli presentes, espreitando o seu leito de agonia, mas sim cercado da sua velha guarda e dos seus generaes que deixara mal feridos em diversos campos de batalha.

D'isto é que não era susceptivel o monarcha portuguez, embora tivesse como o arrojado Córso uma ilha por prisão e o grandioso espectaculo do oceano na sua frente para lhe apresentar as miragens de gloriosas visões.

El-Rei, em breve, se enfastiou dos seus passeios, recolhendo se a casa, d'onde apenas sahia para ir diariamente, ouvir missa e passava o resto do seu tempo a ralhar ou maltractar quem o servia, mudando a cada hora de affeições, despresando de tarde qualquer objecto a que de manhã dera grande apreço, inconsequente em tudo e tudo acreditando, ainda que completamente incapaz de dizer a minima mentira, bem como de guardar qualquer segredo.

Com o decorrer do tempo, por morte do governador do castello Sebastião Corrêa de Lorvella, cavalheiro de grandes creditos, prudencia e inteireza de caracter, foi empossado n'aquelle espinhoso cargo, o sargento mór de batalha Manoel Nunes Leitão que de Lisboa viera com Sua Magestade, e a quem não faltava a esperteza e predicados

necessarios para servir bem o Sr. Regente, na guarda de seu irmão.

O caracter de Manoel Nunes Leitão, pelo que podêmos colligir do que a este respeito ha escripto, parecia ter-se antecipado uns dois seculos e ser afferido pelo typo d'alguns dos homens politicos hodiernos.

Homem ladino, sabendo dessimular as suas opiniões, affectando, quando necessario uma magnanimidade que mais tarde era volvida em vingança pessoal, maleavel com os inimigos quando os não podia vencer á viva força, começou a fazer uma politica sua, que provavelmente imaginou com a mais solida base para futuros augmentos.

Um dos seus defeitos, e que mais tarde o fez perder a cabeça no patibulo, foi sempre apresentar ao Regente parte dos habitantes de Angra, aquelles que não lhe eram affectos, como embrenhados em tenebrosas conspirações para restituir a corôa a D. Affonso, affectando menos justificados receios, mandando fazer no interior do castello diversos preparativos, como se a toda a hora esperasse ser atacado.

Não perdia occasião de assim o participar para a côrte.

Na ilha Terceira acontecia exactamente o contrario e os boatos constantes que se espalhavam eram de revoltas em Lisboa, com grande morticinio, contra o governo do Regente e a favor do prisioneiro.

Acrescia ainda para dar mais vulto a estes rumores, quasi sempre atribuidos a navios estrangeiros que tocavam n'aquella ilha, a falta de communicações directas com o continente, sendo muito para notar que apesar do interesse que o Regente tinha de estar ao facto do que se passava em redor de seu irmão, não houvessem communicações com Lisboa desde o mez d'Outubro de 1669 até Maio do anno seguinte.

A comitiva d'El-Rei continuava com as suas dissenções, umas vezes bandeada com o governador, outras censurando o seu procedimento para com D. Affonso, que apresentavam ao povo como um martyr, ou então trabalhando por sua propria conta e conforme mais lhe aprazia:—uma completa anarchia.

O caracter versatil d'El-Rei não sabia pòr còbro a semelhantes desmandos, parecendo, por vèzes, com elles comprazer-se, ainda que com quebra da sua dignidade e respeito.

E muitas d'estas miserias não chegaram, felizmente, a ser registadas nos annaes da nossa historia patria, adrede calando-se a seu respeito os escriptores da epocha, como francamente confessa o Padre Maldonado, que mais minuciosamente tratou d'estes assumptos.

Para apresentar determinados factos, forçoso era incorrer no desagrado do Regente, o que então ninguem desejava, temendo severas represalias e outros acontecimentos, insignificantes por sua naturesa, se levantavam a curiosidade do publico durante alguns dias, em breve cahiam no esquecimento, varridos por quaesquer novas peripecias, que a todo o momento formigavam entre animos turbulentos e sem um pulso de ferro que os sopeasse.

Accêsa em toda a ilha Terceira uma viva espionagem por parte do governador Manoel Nunes Leitão, as noticias que, por navios estrangeiros, por vezes chegavam de revoltas ou conspirações, no reino, contra o governo do Regente, e estas noticias geralmente alteradas a sabor dos seus propaladores, traziam em continuo sobresalto não somente o mesmo governador, como as pessoas que não lhe eram affectas, havendo a espaços diversas prisões, ou procurando alguns individuos maior segurança indo habitar nas outras ilhas do archipelago.

O governador, real ou ficticiamente, tinha ante si um constante phantasma, o ataque no castello para a revindicação dos direitos do desthronado monarcha, que lhe estava confiado.

E tanto assim que mandara a Lisbôa um seu filho a conferenciar com o governo, não se confiando na correspondencia official, nem em qualquer outro meio de communicação.

O filho ja na corte permanecia ha alguns mezes, sem que apparecesse na ilha Terceira qualquer navio de guerra portuguez, nem que se soubesse, com certeza, a razão ou origem dos boatos que corriam de grandes levantamentos populares em Lisbôa, acompanhados de mortes e prisões.

Afinal, a 10 d'Agosto de 1674, fundeou em Angra a fragata portugueza «Piedade», commandada por Francisco Guedes Ferraz, sem que salvasse a terra, conservando-se incommunicavel, sem deixar aproximar-se lhe qualquer embarcação de terra, e só depois de muitas instancias recebeu um officio do governador do castello, ao qual, comtudo, não respondeu.

Corriam na cidade os mais encontrados juizos a respeito da chegada d'aquelle navio, mudo e isolado, como um sepulchro.

Dias depois surgiram, porem, á vista de terra, mais sete embarcações de guerra, portuguezas, no numero das quaes tres fragatas, conservando-se ao largo e cruzando em frente da cidade.

Insinuando serem navios inimigos tentou o governador simular na cidade e no castello, os preparativos de uma valente defesa, como se aquellas embarcações viessem, de combinação com os seus adversarios Terceirenses, para atacar a praça e por ventura arrebatar lhe o regio prisioneiro.

Por diversas circumstancias não conseguio, ainda assim, levar a effeito a representação d'esta nova comedia, planeada para dar visos de verdade ás tramas, quasi sempre imaginosas, com que de continuo importunava o governo do Regente.

A 13 d'Agosto uma caravella, da armada, aproximou-se de terra, desembarcando pacificamente o filho do governador e sem que das conversas d'este e do pae, transpirasse a minima indicação do fim a que vinham á ilha tantos vazos de guerra.

No dia 14, fundeou toda a armada, salvando a terra e no dia se-

guinte effeituou-se, em primeiro logar o desembarque solemne do general da armada Pedro Jaques de Magalhães e de alguns altos funccionarios que o acompanhavam, bem como em seguida a vinda para terra de tres companhias de soldados, com armas e munições.

Depois de conferenciar largamente com o governador, o general dirigio-se a cumprimentar El-Rei, sendo n'uma das subsequentes noites effeituadas diversas prisões, em individuos tanto ecclesiasticos, como seculares, menos affectos ao governador, cujos processos, porem, foram mais tarde julgados nullos, á mingoa de qualquer criminalidade da parte dos individuos.

A população da ilha Terceira andava aterrorisada com estes mysteriosos acontecimentos, ninguem se julgava seguro de não ser preso d'um para outro momento, tanto mais quando para realisar essas prisões parecia ter vindo da corte tão poderosa armada.

E, não obstante, era outro o seu fim.

No aziago dia de São Bartholomeu, a 24 d'Agosto, El-Rei D. Affonso, ainda que cercado de todos os respeitos devidos á sua alta posição social, embarcou subitamente para a armada, acompanhado dos criados da sua caza, bem como do governador do castello.

Foi conduzido até ao Porto Novo n'uma cadeira raza, por quatro fidalgos dos mais importantes que vinham na esquadra.

O Regente temeu, como perigosa para a sua permanencia no throno o perlongamento da estada de seu irmão no castello de São João Baptista, desejando-o em sitio mais proximo e aonde mais immediata fosse a sua vigilancia sobre aquelle desgraçado.

A esquadra, depois do embarque d'El-Rei, demorou-se ainda seis dias fundeada em frente da cidade e só no dia 30, desfraldando vellas, seguio para o continente.

A permanencia de D. Affonso 6.º na ilha Terceira havia durado desde 21 de Junho de 1669 a 30 de Agosto de 1674, cinco annos e quarenta dias.

Soube-se tempos depois ter chegado a armada a salvo ao Tejo, no dia 20 de Setembro, bem como duas náos vindas da India, que foram na companhia da mesma e que havia tres mezes que estavam na ilha do Fayal, aguardando navios que as escoltassem até Lisbôa.

Diversas mercês foram conferidas pelo Regente a alguns cavalheiros da comitiva de D. Affonso, que com agrado do Paço o haviam servido durante a permanencia de El-Rei nas terras açorianas, o que não excluio tambem que outros soffressem temporarios degredos e prisões, por diversas faltas alli commettidas, ou por menos exactidão no desempenho dos seus deveres.

A ira, porem, do Regente sobre quem, ainda assim, descarregou mais severo golpe, foi no governador do castello Manuel Nunes Leitão, que pagou com a cabeça as intrigas que promovêra.

Intrigas?

E' sobre isto, alem de confusa, muito deficiente a historia.

O espinhoso de que estava revestido, a importancia do prisioneiro que tinha sob sua guarda, as relações porventura existentes, de alguns revoltosos do continente com diversos individuos da ilha, é bem de ver que o devia trazer em continuo sobresalto e, effectivamente, não poupou, por vezes, os inimigos, quando o vento lhe era favoravel para exercer vindictas.

E' tambem muito possivel que na sua preoccupada imaginação tomassem maior vulto do que realmente tinham, alguns incidentes de pequena importancia e que, não obstante, elle apresentava para Lisboa como perigosos para a conservação do Regente na posse do governo que empolgara, tanto mais quando no continente se tramava fortemente a semelhante respeito, tendo havido, por malogradas conspirações, diversas scenas patibulares na praça do Rocio.

Em todo o cazo o ex-governador do castello de São João Baptista havia sido um fiel servidor de Sua Alteza, que em cambio d'isto lhe mandou tirar a vida!

E admirâmo-nos?... Quem não poupa o seu proprio sangue deve ter em pouca importancia o sangue dos estranhos, ao menos o martyrio do ex-governador durou apenas alguns minutos e com elle, consequentemente foi mais misericordioso o Regente do que com seu irmão, o primeiro marido de sua mulher, que teve ainda de arrastar por alguns annos a penosa cadeia da existencia, sem familia, sem amigos, só!



Terminarêmos em breves palavras esta succinta narrativa, o desenlace d'este bem pouco edificante drama.

Depois de vinte dias de viagem, a armada que conduzia El-Rei fundeava em Paço d'Arcos.

Pouco tempo depois de lançar ancora dirigio-se a bordo o duque de Cadaval encarregado de conduzir El-Rei para o palacio de Cintra, aonde continuaria prêso.

Recebeu-o ao portaló o general Pedro Jaques de Magalhães, informado, porem, de que D. Affonso de espada em punho queria tirar a vida ao ex-governador do castello de São João Baptista, Manuel Nunes Leitão, motivo pelo qual elle general se vira obrigado a fechar Sua Magestade na camara da fragata, o duque de Cadaval mandou immediatamente abrir a porta da camara e beijando a mão a El-Rei, tratou de o induzir a acompanhal-o para terra.

A isto se oppunha D. Affonso, até que foi necessario ao duque dizer-lhe uma mentira, que a fragata em que se achavam estava a ir a pique e que morria alli se não abandonava immediatamente semelhante navio.

Só então desembarcou El-Rei.

Aguardava-o uma liteira na praia, em logar reservado á vista de quaesquer observadores e sem o minimo ruido, nem o povo ter conhecimento de quanto se passava, seguio a liteira immediatamente para Cintra, aonde chegou á meia noite.

O duque de Cadaval acompanhou El-Rei e embora a sua residencia fosse em Lisbôa, ficou em Cintra com alguns aposentos no palacio, para a toda a hora alli poder ir em superintendencia do prisioneiro.

Trezentos homens de infanteria e uma companhia de cavallaria foram immediatamente para aquella Villa, tendo a seu cargo segurar El-Rei, ao qual, como na ilha Terceira foram concedidos largos rendimentos para a sua condigna manutenção.

Durante nove annos permaneceu ainda prêso e guardado cautellosamente aquelle infeliz, no palacio de Cintra, chegando a gastar com os seus passos os tijolos da sala em que habitualmente estava.

Finalmente, a 17 de Setembro de 1683, Deus amerciou-se da sua sorte dando-lhe com a morte um termo a tão longa provação.

Estava Sua Magestade a ouvir missa, o que fazia diariamente, quando proximo da consagração da hostia, sentio-se repentinamente muito afflicto, perdendo em seguida o entendimento e sendo conduzido em braços para o seu leito.

Breve entrou em agonia, affirmando-se que por essa occasião intimava a Rainha para em poucos dias comparecer perante o tribunal do Altissimo, a dar contas do seu procedimento.

Dentro em poucas horas era um cadaver e por estranha coincidencia a Rainha falleceu, como obedecendo a essa invocação terrivel, pouco mais de tres mezes depois a 27 de Dezembro do mesmo anno.

As exequias de D. Affonso 6.º mandadas celebrar por D. Pedro 2.º, que só então tomou deffinitivamente o titulo de rei, foram sumptuosissimas e eguaes ás que se haviam celebrado por fallecimento do Sr. D. João 4.º, o Restaurador.

Do palacio de Cintra foi o cadaver de D. Affonso 6.º conduzido para o mosteiro de Belem, seguido de immenso e luzido prestito, indo afinal descançar junto dos restos de seu irmão D. Theodosio.

Eis, em summa, parte da Historia d'esse rei sem reino e marido sem mulher, como o denomina Camillo Castello Branco, n'um curioso prefacio de um epitome da vida do mesmo, encontrado na livraria do duque de Cadaval.

Com relação ao procedimento de D. Pedro 2.º para com o seu unico irmão existente, a não ser, como geralmente se acredita, incitado pela incestuosa paixão que alimentou pela princeza de Saboia, sua cunhada, teria apenas uma explicação plausivel n'aquelle tão veridico dizer de Béranger, o primeiro cancioneiro da França: «*Le pouvoir est une cloche qui empeche tous ceux qui la mettent en branle d'entendre aucun autre son.*»

# VIII

# MODUS VIVENDI

## (Ilha do Fayal)

São tão bonitas as aldeias fayalenses!

Alli, aonde a arte não foi dispor as modestas moradias dos camponezes, aonde a natureza despida de quaesquer estranhos adornos, se ostenta em toda a sua singeleza, como é aprazivel divagar por aquelles campos exuberantes de fartas searas, ou povoados, de denso arvoredo, de mattas de giesteira, com flores amarellas ou de zymbros escuros, e carregados de alvacentas bagas, realçando isto tudo a tão abundante flora açoriana que, da beira mar até ao despovoado vae juncando as orlas dos vallados, caminhos e atalhos de variegados encantos, rosas silvestres, dahlias formosissimas e vistosas, bellas donas de delicada cor rosada, uma festa continua, um desafio de estação para estação, até na gemma do inverno em que as magnificas camelias, das mais variadas e esplendidas especies, convertem as entradas de muitas moradias n'um verdadeiro docel do mais aprimorado matiz.

Antigamente, diga-se a verdade, não era isto o que geralmente acontecia, o camponez fayalense de ha uns cincoenta annos, costumava ter em frente da casa em vez d'um pequeno jardim, um chiqueiro e nem o desgostava certa promiscuidade em que vivia com os seus animaes suinos, havia até um certo orgulho de ter alli, bem patente, aos olhos dos transeuntes uma grande alimaria cercada de muitos leitões.

Era um signal de abundancia, de fartura

Ainda assim muitos dos rapazes da freguezia, que vinham da longinqua pesca da baleia, ou de ganhar a sua vida nos Estados Unidos da America e por conseguinte com novos habitos e costumes, bem differentes, especialmente no que dizia respeito a limpeza, dos usos com que haviam sido creados, começaram, não muito a aprasimento pate: no, a emprehender certos melhoramentos nas suas respectivas localidades.

Os que vinham com remediada fortuna, se acazo construiam uma casa, embora esta fosse pequena, tinham o cuidado de mandar rebocar e caiar as paredes do seu *aposento*, como lhe chamam e plantar alguns arbustos que dessem vistosas flores, d'um e outro lado dos maineis da entrada, quando não era por cima das paredes, preparadas para este fim, fuxias, fins do mundo, craveiros e alecrim.

E as raparigas do logar que queriam estar nas bôas graças dos rapazes *americanos*, instavam com os paes, para que removessem da

entrada da casa aquella pocilga, que as deixasse aterrar o espaço e plantar na *rua*, como era designado o chiqueiro, rosas, girasoes, madrugadas e amores perfeitos.

Cada dia foi trazendo uma innovação, um progresso, um melhoramento para mais apurado viver.

Até a egreja da freguezia tomou differente aspecto.

No tempo, por exemplo, do vigario antigo, um bom velhinho, mas homem chão e de poucas letras, a frontaria do templo haveria meio seculo que não fora caiada, tinha limo a valer e em vez de pombas na sineira, um batalhão de negros estorninhos.

Vão vel-a presentemente . . .

O vigario morreu septuagenario, como aquelle heroe d'um soneto de Paulino Cabral, nos braços d'um fiel herdeiro e quem o veio substituir, um rapaz, que esteve fóra da ilha n'um seminario, embirrou, não muito a aprasimento da gente antiga, em mandar picar as paredes da egreja, arruar o cemiterio e plantar alli flores, destruir as teias de aranha, seculares, do interior do templo, varrer aquillo tudo, pôr vidros novos nas janellas do côro e plantar no adro algumas arvores e hortenses de flores azues.

Uma verdadeira revolução! . . parecia andar de mãos dadas com os rapazes da America, que não vão elles todos botar a perder o Sr. Vigario . . .

Apezar, porem, das más lingoas rotineiras a egreja estava indubitavelmente muito melhorada, de aspecto mais convidativo, cheia de luz e de vida.

E, d'esta sorte, a evolução do progresso foi-se realizando em tudo, nas comidas, na vestimenta, nos costumes e na educação.

A *moça do monte* passou a ser uma *menina*, em vez de ir diariamente ao matto, como em solteira ia sua mãe, buscar pesados feixes de lenha ou de mondas para os arranjos domesticos, deixa esse encargo aos rapazes e só, excepcionalmente, vae a algum *poço* do matto buscar uma pequena caneca d'agoa, feita esta leve vasilha de odorifero cedro, encimada, para resguardo do liquido, por um punhado de alecrim ou de rebentos de buxeiro.

Alem d'isso esse passeio, quasi sempre ao sol posto, representa nas freguezias ruraes uma especie de gyro no Chiado para as elegantes de Lisbôa, vão alli para que atravessando a povoação lhe admirem a saia nova de vistosa chita, ou o abeiro catita, enfeitado de fitas de velludilho azul, verde ou vermelho.

Pobres raparigas!

E depois, quasi sempre, pelo caminho, se encontram os taes rapazes da America, dá-se a bôa tarde, conversa-se um bocado, isto nunca fez mal a ninguem, nem o *mundo* tem que dizer . . .

Não é que com semelhante procedimento queiram ellas fugir ao trabalho, a gente pobre é raro ter d'essas velleidades: —ao contrario

a sua vida vae bem atarefada desde o nascer do sol, até a luz começar a decrescer nas serras e valles.

Mas os homens da caza é que se occupam nos trabalhos fragosos e as raparigas reservam-se para os bordados de pita, ou para a confecção de delicadas rendas, o que lhes produz um melhor salario e com menos canceiras do que ir á lenha ao matto ou tratar das vaccas.

Copiêmos, *d'après nature*, uma d'estas vivendas campezinas, para ver se conseguimos dar ao leitor uma idêa approximada, ainda que necessariamente imperfeita do viver da generalidade das familias das nossas povoações ruraes.

A caza, de empena para o caminho, como quasi todas, para não serem devassadas pelas vistas curiosas dos transeuntes, é baixa, d'um só andar, ao rez do chão, e dividida no interior por dois tabiques de taboas caiadas formando assim tres divisões.

A porta da rua fica na divisão do meio, que é a mais espaçosa, tendo ao lado uma janella envidraçada, enquanto que os outros dois repartimentos só possuem uns postigos, com portas de madeira e um vidro a um lado á guisa de clara boia.

O quarto do lado da empena serve de cosinha, e o lar não tem chaminé, dando vasão ao fumo os intersticios das taboas que seguram as telhas, por quanto toda a casa não é estucada.

O classico tijôlo, redondo e arqueado de ferro, aonde se fazem os bolos de milho para habitual alimentação da familia, está sobre o lar, embora este apagado, assentando á falta de *trempe* n'umas toscas pedras. Quasi todas as casas tem fôrno, para a cosedura do pão de milho, quando se torna necessaria a *massa* em maior quantidade.

A outra extremidade da casa é destinada para os rapazes e nada mais contem do que as enchergas d'estes.

Ora o quarto principal, o do meio, que serve cumulativamente de sala, de casa de jantar e de dormitorio do dono da habitação, da mulher e da sua unica filha, é o que apresenta mais algum conforto.

A janella de pequenas dimensões e de pequenos vidros e do mesmo lado da porta, ficando consequentemente desembaraçado todo o fundo da casa, que tem por adorno numerosos registros de santos, uma palma benta e uma photographia emmoldurada, provavelmente de algum parente que esta no Brazil ou nos Estados Unidos da America.

A mobilia da casa começa por enorme archibanco, de madeira antiga e forte, cujo vasto interior serve de guardar o pão de milho, roupa branca muito lavada, e balaios de farinha, ficando ainda muito espaço livre, taes são as suas agigantadas proporções. Quando fechado este util traste, representa as vantagens de uma grande banqueta, na maior parte do comprimento d'aquelle aposento, metade terreo e metade assoalhado, do lado em que estão as camas.

Por cima do archibanco, encravada na parede, existe uma prateleira de regoas, pintada d'azul, aonde figuram os pratos e tijellas de louça ordinaria, mas vidrada, que anda em uso diario.

Segue-se o altar, isto é, uma meza de pinho coberta com alvissima toalha toda arrendada na beira, que termina em franja, e sobre esta diversos pucaros de louça portugueza a transbordar de flores e castiçaes com velas finas e rosètas de papel de côr, circundando um caixote de pinho, pintado a oleo, por fóra e forrado de papel pintado por dentro, com um vidro na frente e contendo uma corôa de prata lavrada, do Senhor Espirito Santo, o *Imperial*, como chama áquelle emblema o dono da habitação, que por *servir* o divino Paraclyto no proximo anno, tem a coroa em casa desde a ultima festa e em frente da qual, todas as noites, estando o altar convenientemente aluminado, ha rezas em voz alta, ás quaes se juntam mulheres e homens da visinhança.

Ora o José Manoel, o dono da casa, grangeia a sua vida no cultivo de umas terras lavradias e umas encostas da serra que traz de renda e das quaes, na realidade, pouco lhe sobra, apesar de muitas canceiras, os rapazes, os seus dois filhos, partem da freguezia todos os dias muito de madrugada, para ir trabalhar na doca da bahia da Horta, regressando a casa já noite fechada, depois de hora e meia de caminho, e a filha, a Maria da Encarnação, trabalha todo o dia, emquanto a luz do sol permitte, confeccionando rendas e chailes de pita de difficil e delicadissimo lavôr.

É um bonito quadro, quando esta rapariga, sentada habitualmente á janella que deita sobre a servidão, calçada de pequenas pedras, que do portal da cancella conduz até á entrada da casa, está trabalhando com todo o cuidado, absorvida completamente em semelhante mister, cantarollando trovas de chamarita, e, sem que d'isso se aperceba, contemplada por algum mais abelhudo transeunte.

Contra as paredes da sua moradia um rego de terra, muito estreito, alimenta ainda assim alguns girasoes de mediana altura e uma alluvião de pecegueiros da India, (*anthirrhinum*) dobrados, de flores rubras e brancas e na banqueta que fórma o outro lado da entrada, differentes pucaros e bules, sem asa ou sem bico, mas apresentando viçosissimos mangericões de activo cheiro, folha macia e flor mindinha, a planta mais popular de toda a ilha cuidadosamente cultivada até para os altares de algumas egrejas campezinas. As quadras, de lavra da aldeia, que sabem todas as raparigas fayalenses concernentes aos mangericões dariam dois ou tres volumes de leitura rasoavelmente massadora.

A piteira da-se excellentemente com o clima açoriano, mas não obstante o enorme consumo que no Fayal se faz das suas fibras, todo o fio de pita applicado aos delicados trabalhos de agulha é vindo da Inglaterra e comprado aqui em meadas, tão fino como linha.

A lactea alvura d'este producto vegetal requer todo o cuidado para que as rendas e outros artefactos saiam bem brancas como se nas mesmas não tivessem tocado mãos de alguem.

Para isto se conseguir as bordadeiras tem de ser de irreprehensivel limpeza nas mãos, no cabello e no fato, evitar o fumo, a transpiração ou o minimo agreiro que lhes possa vir macular o trabalho em que se occupam.

Lavam-se, pois, amiudadas vezes no dia: usam o cabello escrupulosamente penteado, as suas mãos são alvas e finas e os corpetes brancos de neve, correspondem ao aceeio dos seus vestidos de chita.

Levantam-se apenas é dia claro e eil-as entregues a tão sinpathico mister, operando milagres de paciencia e de perfeição executando, por preço assaz diminuto, trabalhos que por vezes parecem obras de fadas e não de pobres raparigas da aldeia, isoladas em remotos sitios e sem bons modêlos que lhe desenvolvam apurado gosto artistico.

Para a confecção de qualquer tarefa que tenham acceitado, ou a que se hajam compromettido para o tempo da sahida para a America de qualquer embarcação conhecida, reunem-se geralmente ás duas ou tres, na casa mais apropriada de qualquer d'ellas, aonde haja mais socêgo e menos creanças que lhe venham tocar nas rendas e alli trabalham ate á noite, alegrando as horas com cantigas, fallando nos namorados, desfiando as chronicas do logar, e rindo por vêzes, com esse rir inoffensivo e irresistivel da mocidade, que o mais insignificante incidente faz despertar em toda a sua plenitude.

Estes trabalhos de pita, de palha, ou de rendas de algodão, são quasi exclusivamente destinados para as principaes cidades dos Estados Unidos da America e tem uma historia a qual ainda que resumidamente, vamos tratar de expôr ao leitor, tanto mais quando semelhantes artefactos são uma providencia para as classes pobres da ilha do Fayal, na feitura dos quaes se empregam centos de raparigas, ajudando assim a viver as suas familias, geralmente de fortuna muito menos que modesta.

Dividâmos, porem, para maior claresa, as suas diversas qualidades.

### Meias de algodão, bordadas.

Foram estes os primeiros artefactos, conhecidos no estrangeiro, devidos á habilidade do sexo feminino fayalense.

Em 1845, as constantes relações que de ha muito esta ilha mantinha com a grande republica americana, trouxe occasionalmente a cidade da Horta uma senhora de Boston, para passar algum tempo n'esta localidade. Entre diversas compras de artigos das pequenas industrias fayalenses que ella então fez, aconteceu offerecerem-lhe alguns

pares de meias de algodão, bordadas, que desde logo chamaram a sua attenção pela mestria com que estavam trabalhadas.

Disse então alguem a essa dama que no Fayal havia muita falta de trabalho para centenares de raparigas e que seria uma verdadeira obra de caridade se accaso na America, agradando aquelles specimens. encommendassem para aqui a feitura dos mesmos, tanto mais quando o seu preço era modico e que havia empenho em beneficiar, de qualquer sorte, as classes pobres da ilha.

Deve-se este favôr à Ex.ma Snr.a D. Clara Dabney que, desinteressadamente, se prestou a ser a intermediaria entre qualquer pedido dos Estados Unidos e as numerosas bordadeiras fayalenses.

O resultado d'este muito louvavel procedimento encontrou desde logo um acolhimento muito superior ao que, razoavelmente, se podia esperar em breves dias, pois que no regresso ao Fayal do mesmo navio que levara aquellas amostras para os Estados Unidos, veio logo de Boston uma ordem de uma muita conhecida senhora d'aquella cidade. aparentada com a primeira de que tratâmos, pedindo algumas duzias de pares de meias bordadas tornando-as depois ella assaz conhecidas, e succedendo-se os pedidos sempre em escala ascendente.

Durante vinte annos as remessas de meias bordadas para Boston regularam sempre na importancia de trezentos a quatro centos mil rs., pelo preço de 720 a 840 rs. cada par. livre para as productoras.

E devemos aqui consignar que, para animar semelhante industria as despezas de transporte, alfandega. commissão etc. eram generosamente satisfeitas por quem patrocinava este negocio.

Em 1862, com a guerra civil dos Estados Unidos as requisições d'estes productos açorianos ficaram resumidas a muito pouco, ou para melhor dizer a coisa alguma. No doloroso periodo que então atravessava a imponente republica do novo mundo o luxo era banido da generalidade das habitações, nem as momentosas preoccupações dos norte-americanos os deixava prestar attenção a quaesquer outros assumptos que não fossem atinentes à lucta em que andavam empenhados.

E' obvio que o estacionamento d'esta industria a qual, durante já um longo periodo. empregava tantas raparigas e mulheres do Fayal. tornou-se necessariamente um golpe profundo para a sua decente sustentação e com a mais sincera magoa via a Ex.ma Snr.a D. Clara Dabney, que tanto a peito tomara esta proveitosa industria. a penuria em que este incidente vinha lançar muitas creaturas que da mesma viviam ao abrigo das mais urgentes necessidades.

A Providencia, porem, é inexhaurivel nas suas dadivas, o tempo foi decorrendo e se a industria das meias bordadas. não conseguio reviver, ainda assim outros trabalhos. que passamos a mencionar. vieram substituir os interesses que se retiravam d'aquella primitiva industria.

### Bordados de palha.

Alguns annos antes da guerra da America, em 1850, se a memoria nos é fiel, um cavalheiro inglez, Mr. Hasper, que ha alguns annos residia em Boston mais a sua familia, remetteu para o Fayal a uma senhora, sua irmã, que então estava n'esta ilha, um córte de chapeu para senhora, de séda preta, bordado a palha e proveniente da França, que elle havia comprado em New York, afim de ella vêr se poderia aqui ser imitado.

Aquelle bonito e delicado trabalho de agulha foi ás mãos da Sr.ª D. Joanna E. Ferreira, muito competente em semelhantes assumptos, a qual descobrindo a maneira como esse bordado era urdido e feito, ensinou a varias pessoas esta nova industria que, relativamente, em muito breve tempo, começou a dar interesse a muita gente e cujas remessas eram quasi todas destinadas para os Estados Unidos.

Vestidos, tiras, chailes, romeiras, mantas do pescoço e da cabeça, chapeus de senhora &.ª tinham prompta vendagem, havendo successivos pedidos, assaz valiosos, dos mesmos.

Estes trabalhos executados em filó branco, ou filó de seda, preto, são sempre muito estimados nos Estados Unidos, tanto mais que a palha dos Açôres alem de ser muito lustrosa, possue delicadissima côr.

Houve uma senhora d'esta ilha que indo a Paris lembrou-se de levar algumas tiras de filó bordado a palha para alli mandar confeccionar diversos artigos do seu uso e procurando uma notavel modista da grande capital exhibio-lhe semelhantes bordados.

A francêza ficou enthusiasmada pelos mesmos, não cessando de os gabar, e de repetir á dama fayalense:

*Mais, Mon Dieu! mademoiselle, osi avez trouvés de si beaux articles?!*

Os bordados a palha continuam a ser ainda confeccionados no Fayal, tanto nas freguezias da cidade, como nas povoações ruraes, para satisfazer a pedidos dos Estados Unidos, de Lisbôa e das outras ilhas do archipelago.

Uma senhora da elite da sociedade fayalense, que ha alguns annos reside em Moscow, tambem alli fez conhecido um vestido de filó de seda preto, bordado a palha, brillante como estrellas d'oiro, que causou verdadeira sensação n'um baile da antiga cidade russa, tanto pela sua deslumbrante apparencia, como pela mestria com que os delicadissimos bordados estavam effeituados.

### Rendas de Pita.

Com quanto a confecção de delicados artefactos feitos dos fios da folha da piteira, a que já nos referimos seja assaz antiga n'esta ilha e que uma immensidade de cestinhos, ventarolas e pregadeiras fosse

comprada e apreciados esses artigos pelos estrangeiros que visitam esta ilha, ainda assim a applicação d'aquelle fio a obras propriamente de costura data apenas do anno de 1852, aproximadamente.

Deve-se tambem este resultado ao mesmo Mr. Hasper, de Boston, um verdadeiro protector das industrias fayalenses.

E veio a ser o caso que deparando este cavalheiro n'um estabelecimento de New York, com uma porção de admiraveis rendas, feitas de uma materia para elle desconhecida, ainda que claramente via não ser linho ou algodão e como tivesse já conhecimento de diversos objectos de fios de pita, confeccionados no Fayal, lembrou-se de obter uma pequena amostra d'aquellas rendas, e de a enviar para esta ilha a fim de se experimentar se a pita reduzida a renda, daria aproximados resultados.

Fizeram-se aqui, com todo o esmero, diversas experiencias e se, ainda assim, não corresponderam, cabalmente, á finissima qualidade da amostra remettida, com certeza d'uma outra e melhor materia prima, ficou comtudo implantada a industria da feitura de rendas de pita, que então começaram a ter bôa vendagem nos Estados Unidos e que hoje em dia dão sustento a muitos centos de mulheres fayalenses que não se occupam n'outro mister, que não seja satisfazer ás encommendas das mesmas e todas para exportação.

Requer este trabalho grande acceio e esmero na sua confecção e disto tambem depende o seu maior ou menor preço, sendo para lamentar que a par de rendas de pita, verdadeiramente admiraveis de alvura e delicadesa, que de continuo seguem para os Estados Unidos, não tenha havido todo o escrupulo em evitar por vezes a sahida de qualidades de rendas grosseiras e inferiores, que desacreditam o que ha de bom n'aquelle genero.

Estes trabalhos são providenciaes para o viver decente de muitas raparigas campezinas, ainda que, ultimamente, diversos exploradores tem diminuido o seu salario, sendo elles que auferem o verdadeiro lucro da vendagem nos mercados estrangeiros.

Em todo o caso os bordados de pita e os cestinhos elegantes, vistosas ventarolas de variegadas côres, tapetinhos de mèza, pregadeiras e outros diversos objectos, devem merecer em toda a parte, pela perfeição com que são feitos, a publica acceitação.

**Bordados brancos, de algodão.**

São antiquissimos na ilha do Fayal e perfeitamente executados.

O primeiro impulso, porem, para a sua vendagem em larga escala nos Estados Unidos, data apenas do anno de 1858 e foi devido ao genio industrioso da Snr.ª D. Joanna E. Ferreira, na mesma ilha residente.

Tem havido, a espaços, importantes pedidos d'estes bordados e

com poucas alterações a sua vendagem tem conservado preços rasoaveis tendo bastante procura. Os bordados brancos da ilha do Fayal rivalisam com os que se fazem dos outros paizes exportadores d'este genero de lavôres.

### Crivo, ou ponto aberto.

Este trabalho, antiquissimo em toda a parte e assaz trivial na Hespanha, Italia e Portugal é tambem feito no Fayal em satisfactorias condições, para ornamentação de toalhas, guardanapos, vestimentas ecclesiasticas &.ª.

Foi ainda devido á Snr.ª D. Joanna E. Ferreira a sua remessa para os Estados Unidos, aonde é assaz estimado, principalmente para adornar alvas e pannos de altar, nas egrejas catholicas.

A Snr.ª Peter, de Cincinati, que segue a religião catholica romana, deu muito desenvolvimento n'aquella cidade á industria das suas correlegionarias fayalenses e actualmente está muito divulgado o uso das tiras de ponto aberto, ou crivo, para uma infinidade de objectos.

### Chapeus de palha.

E' a industria que no Fayal se tem effeituado, n'algumas epochas em mais larga escala para os Estados Unidos e isto devido, egualmente, ao Sr. Hasper a quem por differentes vezes nos temos referido no decurso d'este capitulo.

A palha d'estes chapeus é muito ordinaria e grosseira, correndo parelhas com o seu feitio e maneira de cozer, bastando dizer se que uma mulher que trabalhe regularmente póde arranjar uns dez chapeus em doze a quatorze horas, recebendo trinta reis pelo trabalho de cada um!

Occupam se, por vezes, n'este mister, homens, mulheres e creanças de oito a nove annos de edade, e quando vae escasseando a palha, valem-se da com que forravam as suas habitações, atafonas e casas de recolher gado.

E' uma vertigem de fazer chapeus para os americanos.

Ainda assim esta industria tem sido intermittente, se n'uns annos importa em contos de reis, porquanto a mesma faina ia na populosa ilha do Pico, como no Fayal, n'outros annos estaciona completamente e na mesma se não falla.

Os trabalhos de pita, palha ou algodão são, com certeza, negocio mais seguro.

A industria dos chapeus de palha, especialidade por muito tempo adstricta á ilha do Pico, começou a tomar vulto e a chamar a publica attenção pelos annos de 1848 a 1850.

### Trabalhos de miolo de figueira.

Apesar de actualmente assaz generalizadas tanto no Fayal, como em algumas outras ilhas d'este archipelago, tiveram, comtudo, na cidade da Horta a sua origem, no anno de 1847, em que começaram a ser admirados os esplendidos trabalhos n'este genero, especialmente feitos pela Snr.ª D. Emilia Madruga Ferreira.

Tão delicados artefactos, representando ramos, ou cestos, com flores, figuras, navios, edificios, armas nobiliarias ou emblemas sagrados, nada deixam a desejar em perfeição e delicadesa da sua feitura, sendo muito apreciados nas diversas exposições aonde tem sido exhibidos.

No começo empregava-se exclusivamente n'esta industria o miolo, ou medula dos ramos da figueira, hoje, porem, alguns artistas, aproveitam tambem, e com bom resultado, o miolo da planta do girasol, ou da azalia.

Apezar de muito perfeito, um quadro de miolo de figueira é sempre um objecto, relativamente despendioso e de difficil conducção, um verdadeiro objecto de luxo e por isso tem menos procura do que as outras industrias a que nos referimos.

Acresce, ainda, que nos parece não ter havido todo o cuidado na maneira explicativa de apresentar nos mercados estrangeiros estes bellos trabalhos, que nem todos sabem de que materia, ou como são feitos, devendo tambem notar-se que apezar de muita gente *mecher* em trabalhos de miolo de figueira, que requerem muita habilidade, muita paciencia e muito boa vista, são raros os artistas notaveis n'este genero e que consigam executar com perfeição as mais delicadas petalas de uma flor, quasi transparente, ou as de delicadissimas folhas de uma rosa ou d'um lyrio.

Mas que magnificos resultados por vezes! Flores tão frescas e niveas como as de recatado jardim, açucenas, rosas e camelias que não sabemos, mesmo junto d'ellas se são artificiaes ou apanhadas n'aquelle momento de alguma ridente alfombra.

De duas a quatro libras sterlinas pode se obter um rasoavel trabalho de miolo de figueira, e d'esse preço para baixo não se pode exigir qualquer specimen de notavel perfeição.

O que levamos dito, mais uma vez nos convence que, nas pequenas localidades, como a cidade da Horta, ou as aldeias fayalenses, o que falta essencialmente por vezes, para o desenvolvimento de rendosas industrias é essa potente protecção e incitamento ao trabalho, mais facil de encontrar nos grandes centros de população.

Uma simples exposição districtal que n'esta cidade houve no anno de 1878 veio provar-nos, evidentemente, a existencia de varios recursos que possuiam estas ilhas para a sua riquesa, concorrendo á mesma admiraveis specimens de algumas industrias, das quaes quasi que não havia conhecimento, por serem produzidos em remotas e isoladas po-

voações, taes como pannos e colchas de lã, esteiras, delicados cestos e leques de palha feitos nas ilhas do Pico, Flores e Côrvo.

Infelizmente aquelle proveitoso certamen não se tem repetido, como aconselhava a publica conveniencia. Com isto lucrariamos todos.

A exposição districtal da Horta foi um passo agigantado na senda do progresso e os seus resultados assaz beneficos mas, não obstante não vemos que alguem trate de renovar esse util incitamento ao trabalho, reconhecido de vantagem em todas as terras que tem foros de civilisadas.

Terminaremos esta succinta noticia registando tambem a feitura de algumas flores de pennas, em que geralmente se empregavam as mulheres de um bairo de pescadores aqui existente, no lado do norte da Horta.

Esta industria, porem, que nunca atingio grande perfeição e cujos productos não eram exportados, mas unicamente vendidos aos tripulantes ou passageiros dos navios que procuravam este porto, cedeu o logar aos variados e mais apurados trabalhos que temos especificado.



## IX

## NO MAR

A «Iceberg» era uma barca americana de quinhentas e oitenta toneladas, de fina apparencia, mastreação um pouco inclinada a ré e que a espaços apparecia nas ilhas dos Açores, vinda de Boston, com carga de taboado e com passageiros.

No regresso para os Estados Unidos levava exclusivamente emigrantes insulanos, alguns com passaporte e tendo cumprido a sua sahida da patria todas as formalidades prescriptas pela lei, a maioria fugindo clandestinamente, valendo-se para isso da escuridade da noute e da facilidade que lhes offerece a longa costa das ilhas, muitas vezes despovoada, e da mestria com que os arraes das lanchas de pesca sabem illudir a fiscalisação policial ou aduaneira, batidos e affeitos como andam na passagem de contrabandos, geralmente de tabaco.

Quando a «Iceberg» largava de qualquer porto açoriano, não fazia logo prôa para o seu destino, mas bem ao contrario gastava por vezes muitos dias em redor das ilhas, recebendo ora n'uma ora n'outra terra mulheres, homens e rapazes e baldeando em cambio para a praia quanto tabaco de *talhada* podia ou possuia a bordo.

Era um bom negocio aquelle, mas este trafego tem os seus riscos.

O navio, carregado de gente, é por vezes obrigado a aproximar-

se alta noite da costa e todos sabem que os portos dos Açores, povoados de promontorios e recifes, tem dado cabo de muita embarcação, tanto mais que o vento rola por aquelles abysmos abaixo, como indomita avalanche, batendo afinal nas agoas, aonde estrebucha em redemoinhos enormes, levantando formidaveis vagas.

Emfim, é vida.

Uma das viagens da «Iceberg», haverá oito annos, foi no mez d'Outubro e apezar dos contrabandistas, de gente e de tabaco, já avisados da sua proxima chegada, a esperarem ha muitos dias, ainda assim o navio soffrendo uma viagem contrariada, encontrou medonhos temporaes, no golpho, correu muito para o sul, e só talvez uns vinte dias depois da epocha designada é que chegou á bahia da Horta, tendo já deitado, de vella, alguns passageiros na villa de Santa Cruz, na ilha das Flores.

No Fayal descarregou algum taboado e uns dezoito rapazes da ilha, que regressavam da California, ou que vinham visitar as suas familias e seguio logo para São Miguel, com escala pela Graciosa, para onde tambem tinha passageiros.

Em quinze dias voltaria de novo ao Fayal, com destino a Boston.

Foi pontual, antecipou até alguma coisa a chegada, umas quarenta e oito horas e annunciou o dia da partida, no qual cruzaram as ruas da Horta, alguns bandos de mulheres, lavadas em lagrimas, acompanhando parentas ou visinhas que, domingueiramente vestidas, iam embarcar.

O unico caes da cidade achava-se então apinhado de gente do campo, que vinham despedir-se de quem se expatriava, os botes de serviço iam para bordo repletos de passageiros, muitas lagrimas, muitos abraços, muitos acenos de lenços, em quanto o navio, ainda fundeado, mas já com o panno solto, todo embandeirado, se balouçava suavemente no dorso das mansas vagas, aguardando apenas a chegada abordo do capitão, que diversos negocios ainda retinham em terra, para cortar ligeiro a vastidão do alto mar.

Não ha talvez filho algum d'esta ilha que não tenha presenciado estas commoventes scenas, ante as quaes até os mais rigidos corações por vezes se sensibilisam.

O que vemos nós alli?

Homens e mulheres já idosos, paes e mães geralmente no ultimo quartel da existencia que vem dar uma benção, o adeus de despedida a filhos e filhas que provavelmente, na maioria dos casos, jámais tornarão a ver, que eram o seu enlevo, o seu orgulho, e que obedecendo á triste lei da necessidade, ou a prespectiva d'um melhor futuro em terra alheia, abandonam a patria, a familia, tudo, para se entregar aos azares caprichosos da sorte.

Que poemas de dolorosos sentimentos não traduzem por vezes essas lagrimas que então se derramam, a cada remada para fóra de

bote que conduz ao navio um ente querido. Não sentem acaso as mães uma dôr egual á que soffreriam se alguem lhe estivesse a arrancar o coração e isto no meio das risadas dos indifferentes, da fallasada da multidão, das pragas da gente do mar e do marulho da vaga que, lamentosa, se desfaz contra as pedras.

Triste scena.

E depois, o regresso a casa, que dolorosa peregrinação!

A freguezia fica longe, subindo as ingremes encostas que, do lado do norte, fecham a cidade, a bahia vae desapparecer da sua vista e ainda de cima da lomba, dão um derradeiro adeus ao navio que lhe vae conduzir uma parte da sua alma por esse mar fóra, como um esquife conduz qualquer cadaver para o oceano sem limites da eternidade.

«Nunca mais tornarei a ver a minha filha», é a phrase que de continuo lhe occorre ao espirito e phrase que as mais das vezes se realisa cruelmente, por quanto os paes já são edosos e as raparigas vão em edade casamenteira.

Uma nova familia chamará os seus cuidados.

A noite vem enluctar ainda mais estes sombrios pensamentos, a estrada que conduz á freguezia é muito longa e deserta, o vento resmoreja nos braços ja meios despidos dos arvoredos, atirando a quem passa uns gemidos como de agonisante e a pobre mãe lembra-se, com a morte n'alma, os mais pequenos incidentes do viver da filha, a sua unica alegria, e de quem se acaba de despedir . .

O marido, cercado d'um ou dois amigos, ou visinhos, vem a pouca distancia da mulher, taciturno, cabisbaixo, meio bestial, por que a desdita não é raro produzir semelhante effeito, e elle tambem gostava muito da sua filha.

Para animar o *interior* bebia um copo de reles aguardente em cada taverna que encontrava, mas a maldicta bebida parece que d'esta vez o afogava, não podia soltar palavra, tinha um novello na garganta

Chegaram, afinal, a aldeia, ja noite fechada.

Não havia alli vislumbre de luz em nenhuma habitação, tudo parecia dormir a somno solto, a não serem aquellas almas penadas os cães de vigia e que ladravam furiosos na sua passagem, receiosos seguramente de que fossem alguns ladrões que viessem dizimar os milharis de folha ja secca, mas ricos ainda de abundosas massarocas

A porta da sua habitação, de pedras denegridas e de mesquinha apparencia, os companheiros disseram: Deus fique com vocemeses e deixaram-nos sosinhos.

A sós! . . esta palavra, na velhice, recrudesse de amarguras, e mil vezes peior do que a morte, porque ao menos no dormir profundo da sepultura, quem alli baixou não tem a consciencia do seu desamparo e não sente o coração trituado por lacerantes espinhos

N'essa noite não se cogitou de ceia, o dono da casa, sem profe

rir palavra, atirou-se pesadamente para cima da cama e aturdido pela aguardente e pelas magoas do coração em breve dormia, com um resomno de apopletico, em quanto a mulher, ás escuras, em frente de um registro de N. Senhora, que o Sr. Vigario déra á filha, por occasião da sua primeira communhão, passava em vehemente resa as contas de um rosario.

A ausencia é sempre cruel, mas ainda assim, geralmente mais dolorosa para quem fica. A mudança dos habitos de vida, a prespectiva de differentes vistas, o conhecimento de estranhas pessoas, a incerteza do que vamos encontrar, são outros tantos predicados que distrahem ou ajudam a mitigar a dor de quem parte, mas aquelles que permanecem no mesmo sitio, a braços com as mesmas difficuldades, entregues aos mesmos trabalhos e alem d'isso sentindo a falta ás vezes do unico raio de luz que lhes alegrava a existencia, para esses é que a morte, não raro, seria preferivel a tal vida, tanto mais quando a edade, com os seus gelidos mantos,mais lhes aggrava a escuridão da existencia.

O mez d'Outubro é geralmente um dos mais formosos e socegados do clima açoriano, como se o soberbo oceano que nos cerca estivesse retemperando as forças para as proximas iras de Novembro a Abril. Nós que não conhecemos a primavera, que passamos subitamente dos frios e da neve do inverno ás soalheiras do verão, temos ainda assim no outomno alguns dias explendidos, de ceu azul e fundo, e tocados d'essa doce melancholia, d'esses saudosos sentimentos que nos desperta na alma o cahir das folhas amarellecidas, dos platanos e dos alamos ao despedirem-se do amo amigo aonde viveram felizes durante alguns mezes.

Foram assim os dias subsequentes á sahida da «Iceberg», o mar andava *tolo*, na lingoagem dos homens da costa e o peixe abundava nas fainas nocturnas das lanchas que de diversas localidades da ilha iam á pesca.

N'um d'esses dias avistou-se, ao descahir da tarde, de uma das freguezias ruraes, as vellas de alteroso navio a bordejar ao largo, bordejos que já sol posto mais se avizinhavam da terra, evidentemente com um fim designado, a não ser inexperiente imprevidencia, em paragens traiçoeiras e perto de costa toda eriçada de baixios e recifes.

Era a «Iceberg», e não deixava de ter uma causa aquelle seu apparecimento, porquanto nos dois dias que já medeiavam depois da sua partida da Horta, andára tambem nas proximidades da vasta ilha do Pico.

Requer, aqui, este capitulo, uma succinta explicação, para que o leitor nos possa comprehender.

A emigração clandestina, no districto da Horta, a par do contrabando de tabaco, constitue um importantissimo ramo de fraudulento negocio.

Pode ter vantagens, das quaes não duvidâmos, pode ser até um serviço ao publico, facto este que não discutimos, desde que o grande Béranger, deu a honra ao contrabandista de o escolher para heroe d'uma das suas immorredouras canções, embora perseguido pelos agentes do fisco, mas gozando de muitas sympathias entre o povo, que até certo ponto o occulta ou patrocina, quando isto se torna necessario.

Engajar gente para embarcar clandestinamente para os Estados Unidos da America e receber o bom tabaco que d'alli vem, são duas profissões congeneres e geralmente encarnadas no mesmo individuo, que despresa, por insignificante, identico trafego para o Brazil.

O engajador é, quasi sempre, um homem esperto, que gyra com alguns centos de patacas, proprietario, para evitar suspeitas da proveniencia do seu dinheiro, de algum estabelecimento de vendagem de generos e bebidas, tendo a mulher ou o filho a vender ao balcão e durante uma parte do anno, de Abril a Novembro, dormindo de dia, para de noite andar nas suas correrias. O engajador conhece toda a gente do mar das freguesias da ilha, é compadre de muitos maritimos, apparece subitamente ora n'uma ora n'outra affastada localidade, é serviçal por naturesa e necessidade, deseja estar bem com todos, distribue talhadas de tabaco ou mãos cheias de charutos ás pessoas das suas relações, falla pelos cotovellos, bebe muito e dá muito a beber em todas as tavernas, e deixa-se calotear uma vez por outra, ou empresta ás vezes algumas patacas a certos individuos de quem sabe perfeitamente que jamais verá um real.

Lá sabe o seu conto.

No que elle é muito sobrio é nas suas relações com o bello sexo, mulher a quem faça festas só a ligitima companheira da sua existencia, honra lhe seja, das outras desconfia sempre, affirmando, convictamente que não tem buxo para guardar segredos. E' pessimista n'este ponto.

Morando o engajador de profissão geralmente na cidade, é facil de conjecturar que estabeleceu, de ha muito succursaes do seu negocio em todos os portos do mar, da ilha em roda, de cujas praias tem perfeito conhecimento, assim como das enseadas, furnas e pedras.

Se tivesse tempo para isso, era capaz de levantar o mais minucioso mappa da sua ilha de que jamais houvesse memoria.

Ora, acontece muitas vezes que um chefe de familia, cedendo a esse preconceito que lhe representa a America, como o unico logar em que os seus filhos podem encontrar a felicidade, longe das privações da patria, resolve-se a fallar com o engajador, para realisar o sonho favorito dos seus rapazes, embarcando-os n'alguma baleeira americana, ou fazendo-os seguir n'um navio qualquer, directamente, para Boston ou New York.

E para tanto mais o incitou ter os filhos sujeitos ao recrutamento

militar, um verdadeiro phantasma para os açorianos, que estraga um homem, tornando-o, depois do serviço, incapaz de quaesquer trabalhos campezinos

O que lhe restava, pois, a fazer?

Chegar-se ao ouvido do prestavel engajador que anda em peregrinação constante pelas povoações ruraes, expor-lhe o seu caso, contractar o negocio vocalmente, á sahida da missa, ou na porta da taverna, aguardando apenas o aviso do dia em que o navio hade passar em frente da freguezia, quando o embarque seja mais difficil da cidade, segundo as indicações do seu experimentado confidente.

Uma tarde, passado pouco tempo, quando o aldeão seguia para caza, á noitinha, com as suas vaccas pela corda, chamou-o ao interior da bodega, offereceu-lhe um copo de aguardente, dizendo-lhe baixinho:

—O' tio João, é preciso andar de espreita, pelas noticias que recebi da cidade, a tal coisa hade ser á manhã á noite, ou na noite seguinte, haja cautella.

—Tudo se hade arranjar em bem, graças ao Senhor.

O velho vae para caza, repete a boa nova á familia, os filhos exultam de alegria, a mãe arranja-lhes as trouxas de roupa, entrega a cada um os 28$000 rs. da passagem para dar ao capitão do navio e no tempo aprazado, em sendo bem escuro, eil-os todos na costa á espera da desejada embarcação.

Alli encontram muita mais gente em identicas circumstancias, sendo os emigrantes clandestinos geralmente rapazes, ou uma ou outra mulher que por motivos excepcionaes, como por exemplo a falta da licença dos maridos, já auzentes, para ellas seguirem viagem, tentam por semelhante maneira illudir as leis portuguezas.

Ora uma das lanchas da freguezia não recolhêra ainda, n'essa noite a terra, e como de ante-mão estava ajustado, será esta que conduzirá os fugitivos a bordo do navio.

A espaços accendeu-se, pois na costa, uma momentanea luz, para do mar verem que tudo estava a postos.

Se por acaso, o que nem sempre acontece, algum mais abelhudo guarda da fiscalisação das alfandegas se lembrou rondar n'aquella noite tão ermos sitios, havendo quasi a certeza de elle estar ao facto da tramoia, então aquella gente tem ordem de se dirigir immediatamente a outro porto, ou á freguezia mais proxima e de alli procurar o engajador F. . ., contando-lhe o que se passa, pois elle cumprirá á risca os seus deveres de filiado na sociedade que, como se vê, tem largas ramificações, promovendo-lhe immediato embarque.

Quando um navio, como a «Iceberg», está á vista, em cada freguezia ha uma lancha prompta para o que der e vier, companha que não dorme de noite e engajador que vê, da costa, fulgir no ceu a primeira estrella, acompanhando-o no seu decurso até nascer o sol, do subsequente dia.

O diabo, porem, não está geralmente detraz da porta, o embarque cercado de muitas promessas ao Senhor Espirito Santo, hade effeituar-se a salvo, se Deus quizer.

Já tres vezes a luz da lanterna brilhára na costa sem que apparecesse a lancha, aquella gente toda estava inquieta, desconfiada, dando a perros semelhante demora, porquanto a estação já ia adiantada, e perdida esta opportunidade, d'alli em diante, durante muitos mezes, o mar andaria revolto, sem dar ensejo á repetição de identicas aventuras.

Afinal ouvio-se o cadenciado rumor dos remos batendo n'agoa e o vulto negro d'uma embarcação, confusamente apercebida dirigia-se para as proximidades d'aquelle sitio.

A lanterna tornou a fulgurar durante alguns momentos, fazendo uns combinados signaes, de reconhecimento, correspondidos por alguns agudos assobios.

A lancha, por entre escolhos, aproximou-se então da praia, até tocar nas pedras, ouviram-se na escuridão choros e mal comprimido soluçar, o borburinho abafado de diversas vozes, e um dos rapazes mettendo-se ao mar agarra-se ao costado da lancha, para onde foi ajudado a subir pelos maritimos. A este seguiram-se todos os mais, a lancha ia a abarrotar.

Ao largo brilhava constantemente o pharol de um navio, e a pequena embarcação de pesca, calada e mysteriosa, affastou-se de terra, dispersando se tambem em diversas direcções a gente que tinha acompanhado os fugitivos e ficando em breve a costa completamente deserta.

Era longo o trajecto até á «Iceberg», a lancha ia muito carregada, os remos vergavam, quasi a partir, ao deslocar a unida superficie do mar e a maré trabalhava sempre para affastal-os da desejada métta.

O som d'um busio, um nivo unico e forte, soltado pelo mestre da embarcação deu signal á barca de que alguem a demandava.

Pouco depois o pharol que fulgia, alto, junto da verga grande do mastro de prôa da «Iceberg,» descia vagarosamente até ao convez do navio, aonde, escondido, permaneceu durante uns cinco minutos, para logo depois erguer se de novo, com a mesma lentidão.

— Mau ! . . — disse o mestre da lancha, temos novidade, aquelle signal é para não nos aproximar. Leva remos, rapazes.

Effectivamente, á noitinha, o homem de vigia da barca americana, tinha avistado ao longe o casco branco d'um escaler d'alfandega e necessaria se tornava toda a cautella, pois que o escaller favorecido pelas trevas, podia rondar n'aquellas proximidades.

Então o receio de serem apanhados em flagrante delicto de fuga e a prespectiva de prisões e multas veio amedrontar a todos da lancha, que aguentando se sómente contra a maré, por alli pairou mais de uma demoradissima hora.

O pharol da barca é que era avistado em differentes direcções, conforme o bordo que o navio fazia.

D'uma das vezes aproximou-se, casualmente, mais da lancha. e o mestre já impaciente e expondo-se ás mais arriscadas consequencias, vibrou de novo no busio um som agudo e prolongado, demonstrando. assim, a sua proximidade do navio.

A «Iceberg» atravessou então, metteu de capa, enchergando-se até, por entre a cerração nocturna o branquejar do seu velame.

Houve um momento de cruel incerteza para os fugitivos, até que o pharol descendo outra vez ao longo do mastro, tornou a sumir-se no convez, reapparecendo em seguida á borda do navio, do lado da terra. e baixando pelo costado até á tôna d'agoa. aonde por tres vezes foi balouçado, como um luminoso thuribulo.

— Vamos com Deus — exclamou então alegremente o mestre da lancha, — rema com força, rapazes, aquelle signal é para atracarmos ao navio. se fosse uma luz azul que içassem, queria dizer embarcação a rondar por barlavento e se fosse vermelha por sotavento, mas aquillo assim mostra que não ha novidade e que nos esperam.

Remem vocês com força, diabos! . .

Uns vinte minutos depois o capitão da «Iceberg» recebia a bordo dez fugitivos. Estava no portaló, de cada rapaz que até alli trepava. antes de o deixar passar mais alem, recebia um embrulho de dinheiro, que o novo passageiro tirava do peito ou d'algibeira.

O capitão, impassivel, tendo junto de si um marinheiro com uma lanterna. examinava se cada recem chegado lhe entregava 28$000 rs. e. certificado de que essa quantia estava exacta, batia-lhe amigavelmente uma pancada com a mão no hombro. proferindo a sacramental phrase—*All right!*

Finda esta brevissima recepção a lancha carregou-se, a mais não poder, de caixotes de tabaco, que já estavam pagos, e o capitão, por despedida entregou ao mestre da embarcação de pesca, outros tantos dollars quantos foram os passageiros que lhe trouxera, isto para entregar ao engajador, um brinde que de ha muito está estabelecido.

Ja se vê que o negocio não corria mal, o engajador recebera em terra. visto terem havido poucos navios n'aquelle anno. 16$800 rs. insulanos (tres libras) por se incumbir do embarque de cada rapaz e alem d'este dinheiro dos seus patricios um dollar americano, por cabeça. Aos remadores da lancha pagava 2$400 rs. pelo trabalho de cada um, n'essa noite, e o resto ficava-lhe livre.

Bom negocio, não tem duvida.

A «Iceberg» soltou em breve o cabo que a ligava á lancha e seguio o seu destino, para outra localidade, ou ilha, a encher completamente de gente, em quanto que esta ultima regressava a terra tanto ou mais pejada com um carregamento de tabaco, do que com a antecedente conducção de passageiros.

Se em diverso sitio da costa, aonde chegou a salvo, não estava uma unica pessôa das que tinham acompanhado os fugitivos, alli, escondidos n'uma furna a aguardavam alguns homens activos e destemidos, que mal enchergaram a embarcação, correram para a beira-mar e em poucos minutos lhe fizeram uma descarga completa, levando cada homem, ás costas, um caixote de tabaco, para os esconderijos subterraneos, alguns perfeitamente arranjados e ladrilhados que elles conhecem de ha muito.

Era o engajador quem ainda commandava ao desembarque, com pericia admiravel, resultante de muita pratica em identicas empresas.

A lancha, de madrugada, foi varar ao porto, aonde estavam dois guardas da alfandega á sua espera!

Bem olharam elles para as cavernas da mesma, mas alli não existia qualquer objecto suspeito aos interesses do fisco . . .

Os pobres pescadores maldiziam então a sua negra sorte, tinham, ao frio, passado toda a noite apoitados, junto da baixa, mas nem um peixe rei que fosse havia pegado no anzol.

Triste fadario!

Uma semana depois é que a «Iceberg», completamente replecta de passageiros, se resolveu a abandonar de vez estas paragens, no rumo de oeste, com destino a Boston.



O grande romancista Alexandre Dumas, n'um dos seus mais esplendidos livros, «O Capitão Paulo», descreve-nos com o encanto do seu levantado genio, o interessante aspecto do interior de um navio de guerra, guarnecido por marinhagem de diversas proveniencias, com costumes e typos differentes.

Em viagem, o convez d'uma d'estas embarcações que se empregam na conducção de gente açoriana, para os Estados Unidos, pode, em parte, assemelhar-se á prespectiva que chamou a attenção do author dos «Tres Mosqueteiros», e ainda com a vantagem, que não pode ter um navio de guerra, de grande numero d'esses individuos, pertencerem ao sexo feminino, minorando por vezes com a sua gentil presença a monotonia das longas horas de encommoda travessia, uns vinte a vinte e cinco dias de viagem em pleno oceano atlantico.

Quando chove, ou está mau tempo, a vida abordo é sobremaneira aborrecida, principalmente para os passageiros da coberta, cujo vasto espaço está dividido em duas repartições, a da prôa destinada aos homens e a do meio do navio reservada para as mulheres.

Com o rolar da vaga está quasi toda a gente deitada nas enchergas do soalho, ou nos beliches, assaz tôscos, ouve-se os lamentos das victimas do enjôo, o chorar das creanças, isto de mistura com os mysteriosos rugidos do navio a labutar d'encontro ás ondas, bem como se

distingue o uivar da refrega nas enxarcias, ou o correr da agua arrojada ao convez, a qualquer tombo mais forte da embarcação.

Em dias serenos, porem, de mar calmo e azul escuro, quando ha poucas nuvens no ceu e um vivido sol a alegrar os corações, esse tristonho aspecto muda completamente e as horas deslizam com relativa celeridade.

Toda a gente sobe para o convez.

Juntam-se, alli, os passageiros aos grupos, conforme a sua proveniencia ou conhecimentos já adquiridos a bordo. as mulheres sentam-se encostadas á amurada, ou á caza do fogão, algumas d'ellas com creancinhas ao collo, e fallam da sua terra, dos entes queridos que na patria deixaram, da incertesa do seu futuro, ou da prespectiva da bôa fortuna que esperam encontrar, principalmente aquellas que indo solteiras para os Estados Unidos, a chamado de algum parente, ja d'aqui vão engajadas para casar, com alguem que elle lhe escolheu. Isto é muito trivial.

Os homens jogam ás cartas, fumam, ou conversam ruidosamente, e alguns tocadores de viola, principalmente filhos de São Miguel, que n'essa prenda tem notavel fama, entretem o auditorio com animados descantes, acompanhados soberbamente, e nos quaes a musa popular, exuberante de sentimento e de vida, traduz em rudes cantigas poemas de infinda saudade, bem como as mais delicadas vibrações do coração humano.

Por vezes o ruidoso vozear dos passageiros quedou-se completamente durante algum tempo, isto devido á voz argentina e fresca de alguma rapariga, bòa cantadeira, que se ergue replecta de harmonias, despertando no peito de quem a escuta doces recordações e profundo scismar.

Ao ouvir a cantadeira, de muitos olhos deslisam lagrimas, o lar domestico, os parentes e amigos, as creanças da visinhança, o aspecto risonho dos seus logarejos, tudo como n'uma vivida visão se representa na memoria de alguns emigrantes, como em outros, de espirito mais forte, a simples curiosidade e o gosto de ouvir uma bonita voz, é que os faz ficar attentos e silenciosos.

Este *espairecimento* prolonga-se, rapazes e raparigas desafiam-se mutuamente, a viola fere os sons mais arrojados, rasgados, crusam-se ditos alegres, começam muitas vezes alli amòres, que depois, em terra vão ter variados epilogos, casamentos ou abandonos, isto tudo em quanto a barca vae fendendo o oceano, deixando um rasto de referventе escuma.

Ás vèzes, entre os insignificantes incidentes da viagem, a passagem de algum navio vem quebrar a monotonia da derrota, um vapor, por exemplo, de enormes proporções e rapida andadura, que ao passar proximo iça a bandeira nacional, cumprimento ao qual correspondeu a barca, em quanto se avistam.

É algum dos *steamers* das companhias transatlanticas.

No numero dos passageiros a que ha pouco nos referimos, achava-se uma rapariga fayalense, d'uns dezoito ou vinte annos de idade, elegante e esperta, destacando-se pelo seu mais apurado traje das suas companheiras da mesma ilha, que se achavam a bordo.

A Margarida, da Feteira, filha de um lavrador que possuia alguma fortuna, não ia para a America angariar a vida, que de sobra tinha ella com que alimentar-se na habitação paterna.

Era o travêsso Deus do amôr, a dedicação por um seu compatriota, aproximadamente da sua idade, actualmente em Boston que a fazia procurar tambem aquella cidade, a despeito da reluctancia, de toda a familia.

A Margarida ajustára o seu casamento com um rapaz do logar, o José, da tia Angelica, o qual sendo muito pobre incorrêra por essa circumstancia no desagrado do pae da sua namorada, que fazia decidida opposição á inclinação amorosa da filha.

Ora o José tentou cortar este nó gordio indo buscar fortuna á America, promettendo, quando partio á sua noiva que trabalharia que nem um negro, mas que não voltava á ilha se não remediado de fortuna, para casar com ella, prescindindo dos favores, ou esmolas, dos parentes.

E já havia dois annos que por lá andava.

Descuido do rapaz, o que não é de crer, ou artimanha do pae da noiva, o que é certo é que só muito espaçadamente conseguia a Margarida receber noticias do amante e estas, quasi sempre, por terceira pessoa, tendo cessado ha mezes qualquer indicação a seu respeito.

Em amôr a incerteza é o peior dos tormentos, se por um lado, na sua boa fé campezina, custava á aldeã a acreditar no esquecimento do seu amante, a ausencia tambem de qualquer tranquillisadora nova deixava-a immersa em tristes aprehensões.

A este tempo via partir para a America diversas raparigas da freguezia e muitas d'ellas sem o minimo incentivo que não fosse a mudança de terra, ou a possibilidade de uma bôa sorte, um vantajoso casamento.

Por que não iria tambem para os Estados Unidos, o que fazia na patria, quando o unico ente a quem dedicava o mais extremado affecto, aquelle com quem havia casar, ou morrer, conforme lhe jurára á partida, se achava ausente?

Uma circumstancia veio favorecer a realisação d'este ardente desejo de se expatriar. Um tio paterno que, ha muitos annos, havia sahido do Fayal e que jamais dera noticias suas, resolvera se agora a escrever ao irmão, pae de Margarida dizendo lhe no final da carta que se elle, ou alguem da sua familia quizesse ir para aquelle abundante paiz, não lhes faltaria, na sua companhia, um bocado de pão, ou casa que os acolhêsse.

D'esse dia em diante a açoriana não teve outro pensamento que não fosse mudar de terra, parecia uma monomania, não fallava de outra coisa, venceu a má vontade do pae, começou a fazer roupa por sua conta, a indagar de todas as pessoas da freguezia em companhia de quem poderia ir, e, n'esta viagem da «Iceberg», estando já prompta, tratou de ser das primeiras a tirar passaporte.

Saudades da sua terra, diga-se a verdade, não levava muitas, a mãe tinha-lhe morrido ha alguns annos, dois irmãos seus estavam casados e vivendo em casa propria e o pae pelo seu genio rispido e pela opposição constante ao seu casamento diminuira-lhe algum tanto o filial affecto. Felizmente já tinha idade de dispôr de si.

Saltou, nas melhores disposições possiveis para bordo da barca americana e ninguem do navio esperava com mais anceio do que ella a aproximação da terra que demandava, guiada pela estrella do amôr.

A «Iceberg» no emtanto continuava regularmente a sua viagem e já contava uns quinze dias de alto mar.

Uma tarde de vento fresco as ondas mais soberbas apresentaram-se de mau cariz, o navio rolava muito e algumas toalhas d'escuma vinham por vezes alagar os passageiros que se conservavam no convez.

As mulheres não poderam, desde o meio dia, subir á tolda e para muitas o enjôo reappareceu desapiedadamente.

Ao cahir da noite toda a gente, a não ser a companha, estava em baixo, na coberta ou na camara, os pharoes do navio accêsos, o panno diminuido e todas as precauções tomadas para combater uma noite tormentosa, pois que os barometros continuavam a descer e a vaga começava a bramir em furiosos impetos.

Ainda assim o vento não era contrario e a «Iceberg» levava uma bôa corrida, umas onze milhas por hora.

Não fazia lua, e as trevas estenderam-se assaz densas sobre a superficie das agoas.

No quarto da madrugada, seriam umas tres horas, alguns passageiros que estavam acordados sentiram, sem que soubessem a causa, grande celeuma no convez, differentes vozes de commando e o navio estremecer de repente, como se uma grande vaga lhe houvesse batido, mais forte do que todas.

Como a noite ia tempestuosa atribuiram isto a algum enorme balanço da barca, não havendo o minimo alvoroço no interior d'esta embarcação.

Subâmos, agora, ao convez.

No meio da borrasca, o homem do leme, o vigia da prôa e toda a gente do quarto estava a postos, bem attentos ao commando do navio, e os pharoes derramavam um baço clarão sobre o cimo branquejante das ondas mais proximas que passavam ao longo do costado em vertiginosa corrida, como uma manada de indomitos e gigantescos animaes.

De repente á claridade avermelhada do pharol de bombordo destacaram-se as enfunadas vellas de um hiate, tão proximo que o seu gurupés veio ficar prêzo nas enxarcias da «Iceberg», roçando o casco do hiate, o costado da barca.

Felizmente a pancada não fora em cheio, mas sim ao correr do cabello, como vulgarmente se diz.

O hiate vinha tocado com grande força, rebentou os apparelhos da prôa que d'alguma sorte o prendiam á barca e seguio para ávante, esmigalhando-lhe um bote e fazendo em hastilhas quasi toda a bórda falsa do lado em que tocára, isto devido a um ló que então dera a «Iceberg», apesar de ter um pontal muito mais alto.

Quando os navios se affastaram, na confusão que este incedente, assaz perigoso, necessariamente causou a bordo de ambos, dois homens do hiate ficaram presos ás enxarcias da «Iceberg, perdidos do seu navio que, com certèza os julgou cuspidos no mar.

Tornava-se, desde logo, necessario averiguar se a «Iceberg» soffrera algum prejuiso mais grave, conhecendo-se o verdadeiro estado em que ficára.

O capitão mandou trabalhar as bombas e alguns homens, munídos de lanternas, desceram ao porão.

O navio estava estanque, e o abalroamento felizmente não tivera graves consequencias, alem das avarias já mencionadas.

Os dois intrusos, procedentes do hiate, eram um rapaz e um preto, os quaes declararam que a sua embarcação pertencia a New Bedford, chamando-se Mary A. Smith e que se destinava aos Açôres, conduzindo dezoito homens que regressavam á patria e *alguma carga*, tabaco, bem entendido.

A cerração da noite não deixava avistar o hiate, nem se sabia o effeito que o choque da collisão lhe teria causado. Como geralmente acontece não podiam os dois tripulantes d'este navio explicar com clareza aquelle incidente, quando deram pela barca apezar d'esta levar os pharoes accêsos, já estavam tão proximos que o espaço entre os dois navios não permittia qualquer manobra, maxime com a celeridade com que caminhava o muito veleiro hiate.

O que não tem remedio remediado está, o preto e o seu companheiro foram alojados á prôa, com a companha, e o resto da noite decorreu sem outro qualquer caso digno de menção.

Sobre a manhã choveu copiosamente, o vento saltou a um outro quadrante, o mar abonançou e embora a «Iceberg» jogasse horrivelmente com a vaga redonda, não dava isto o minimo cuidado á companha, que conhecia não haver então o minimo perigo.

Quando foi dia, na coberta, não se fallava em outro assumpto se não no abalroamento da noite antecedente, homens e mulheres todos queriam vêr os destroços causados na borda falsa pelo hiate, como prova do grande perigo porque acabavam de passar.

Subiram, pois, para o convez, aonde já se achavam os dois homens do «Mary A. Smith», alvo então de maior curiosidade.

Margarida, casualmente, foi das ultimas passageiras que subiram ao convez, embrulhada n'um chaile que deitara por cima da cabeça, como resguardo ao frio e esperto vento da manhã.

Dirigio-se com algumas companheiras de viagem até junto da amurada, a meia nau, aonde se demorou alguns instantes e depois seguio, sósinha, mais alguns passos na direcção do castello de prôa.

Parou, em breve, subitamente, dando um pequeno grito, encostando-se quasi desmaiada á borda do navio, da qual, pelo pessimo estado em que esta ficara se desprenderam então alguns fragmentos, fazendo uma brecha sufficiente para a açoriana cahir ao mar, se acaso um robusto braço a não enlaçasse immediatamente pela cintura, retirando-a d'aquelle abysmo.

Fora o seu salvador o novo passageiro da «Iceberg» e isto tudo tão rapido que passara desapercebido á vista curiosa de quaesquer espectadores.

A commoção da Margarida, aquella subita vertigem, fôra causada por um estranho acontecimento, é que vira a meia duzia de passos do logar em que se achava, de mãos nos bolsos, com um barrete de pelles enterrado até aos olhos, manta de lã ao pescoço e cachimbo na bocca, o seu José, aquelle homem escolhido do seu coração por causa de quem se expatriara.

Custava-lhe a acreditar, não comprehendia como isto podesse ser, mas não havia a menor duvida, era elle em carne e osso que ainda a sustinha nos braços.

Recuperou, porem, immediatamente o animo, e deitando sobre os hombros o chaile que lhe occultava o rosto e com vaidade de mulher alizando á pressa o cabello, encarou o rapaz e disse-lhe a sorrir:

— Conheces-me ?!

— A Margarida aqui, como é isto, meu Deus?!

— E tu tambem ! . .

— Eu vinha no hiate e cahi n'este navio, quando abalroamos. Mas então vaes para a America ?! . .

— Assim è, e por causa de ti, ha tanto tempo sem noticias, sem saber se eras vivo ou morto . . .

— Isso são contos largos, que mais tarde heide explicar, fica, porem, sabendo que eu tambem seguia para o Fayal em tua procura.

— Então foi Deus que nos reunio aqui, o Senhor Espirito Santo talvez, a quem tantas promessas tenho feito. Bemdito encontro d'estes navios, é o que eu sempre tenho pensado, Deus tudo quanto faz é pelo melhor. Ainda assim agora . . .

— Vamos para os Estados Unidos, que tem isso? . . olha que eu ainda sou o mesmo, nunca mudei de pensamento, se a menina ainda me quizer para seu marido tudo irá bem, a minha caixa ficou no hia-

te, um dia talvez que a encontre, e tenho aqui n'um cinto, que nunca me abandona, com que viver por alguns annos, dinheiro de papel, já se sabe.

— Fizeste então fortuna?

— Não direi que sou rico, mas graças a Deus, tenho para um bocado de pão, embora ordinario. Alem d'isso conto com um amigo em New York que nunca me abandonará, é um homem poderoso, endinheirado.

A conversa dos dois já dera na vista de alguns passageiros, que se iam aproximando curiosamente.

— E' escuzado — disse ainda a rapariga ao amante — que esta gente saiba a nossa vida, cala-te agora, depois conversaremos á vontade.

A Margarida com o maior sangue frio, explicou então aos passageiros, entre os quaes ella apenas da sua freguezia, que o tripulante do hiate era um seu patricio.

Nada mais.

O preto americano, companheiro dos saltos acrobaticos do fayalense, mettera-se para a casa do fogão a ajudar o cosinheiro, sempre a teimar de que entendia muito de panella e guisados, com tanto que n'estes entrasse a bôa agua-ardente, base essencial de todas as suas combinações culinarias.

Assim foi decorrendo a viagem.

Entre patricios não havia que estranhar as conversas da Margarida com o seu ignorado amante e ninguem nas mesmas botou ao principio malicia, embora fossem muito demoradas.

A viagem ia de rosas, especialmente para aquelle feliz par.

Uma vez, sentada ao lado do amante, sobre um molho de enrolada cabadura, a Margarida perguntou-lhe meigamente:

— Tu ainda não me contaste como é que te veio á mão o dinheiro para o nosso casamento, diz-me, para mim não deves ter segredos, não somos acaso marido e mulher?.. — e envolvia o n'um ardente olhar, d'esses de que só as mulheres verdadeiramente apaixonadas tem o segredo, e que descem direito ao coração dos amantes.

— Vou satisfazer-te a vontade, o que me pedirás tu que eu não faça?

— Heide experimentar.

— Pois veremos . . .

— Veremos, e hade ser na America, está quieto, que tolice esse beijo, não vês que podem dar por isso. Anda, conta a historia.

— São duas palavras e não tem mysterios. Hade haver um anno, andando eu desgostoso da vida que levava em terra e com a esperança de ganhar mais alguma coisa, deliberei-me a embarcar. A occasião era bôa e consegui obter um logar de ajudante do commissario, n'um paquete que de New York seguia para a Australia

O *steamer* levava muita gente e o trabalho alli não faltava, passageiros de camara, da coberta, de prôa, era um formigueiro semelhante embarcação.

Fomos costeando a America, sempre com tempo bonançoso e cruzado o cabo de Horn achamo-nos em pleno oceano.

O vapor era um raio por aquelle mar abaixo.

Um dia, era perto da hora de jantar, os passageiros andavam dispersos pelo convez, quando repentinamente sentio-se um grande estampido, o vapor estremeceu todo, elevando a pôpa fora d'agua desenvolveu-se a bordo uma fumaçeira horrivel e gritos dolorosos partiam de meia nau.

—Credo!.. tinham talvez batido n'alguma baixa, ou havia fogo abordo?..

—Não era isso, mas sim a caldeira que abrira uma fenda, escaldando um jorro d'agua a ferver diversos passageiros, bem como varios empregados da machina.

—E tu, escapaste?

—Eu estava, n'esse momento, na camara. Quando subi ao convez, atrahido por grande balburdia, a scena alli era das mais tristes que se pode imaginar, a agua a ferver que com grande furia sahia da caldeira fazia estragos como se fosse fogo, haviam já tres mortos e diversas pessoas mais ou menos injuriadas. Em quanto o engenheiro e os machinistas tratavam de parar o navio e de averiguar a causa d'aquella desgraça, eu e alguns marinheiros conduziamos os feridos para a enfermaria.

—Ninguem se metta a andar no mar, quanto não devia soffrer essa infeliz gente . . .

—Verificou-se, ainda assim, que o casco do navio não tinha estragos e que, alem dos tres mortos, apenas um passageiro, d'uns vinte e tantos annos de edade é que estava horrivelmente desfigurado na cara.

As outras pessoas escaldadas não apresentavam grande perigo de perder a vida, apezar de muito doloroso o seu estado.

O medico de bordo não tinha mãos a medir e desconfiava muito de poder salvar a vida d'aquelle pobre rapaz que estava então cego, disforme, horrivel,

—Olha lá, Deus poupou-te de bôa, nunca mais quero que tornes a andar no mar, nunca se pode contar com o dia de ámanhã.

—Partia-se-me o coração sempre que olhava para o infeliz moço e voluntariamente fiz-lhe toda a caridade que podia, passando a seu lado, na enfermaria do vapor, todo o tempo que podia roubar ás minhas obrigações. A avaria do navio não fôra grande coisa, mas a caldeira, devido a uma grande fenda que abrira, estava incapaz de qualquer serviço e continuámos a viagem á vella e muito vagarosamente.

Todas as noites era eu quem velava o enfermo, dava-se bem co-

migo, e só eu é que lhe havia de tocar durante os curativos, estava sempre a chamar por mim.

— Coitado o pobre!

— Que alegria quando elle recuperou a vista depois de oito dias de atroz tormento . . .

— Louvado seja o Senhor!

— Foi melhorando pouco a pouco, devido á sua mocidade talvez. Eu é que o sentava no leito e alli ficava muitas vezes encostado ao meu hombro, sem se atrever a fazer qualquer movimento, por causa das muitas dores que na cara e no peito ainda sentia. Para o entreter lia-lhe ás vezes, na sua lingoa, nos livros que elle trazia e que me mandára buscar á sua mala, sempre foi bom eu ter aprendido alguma coisa.

— Pois tu, lembro-me bem, já sabias lêr no Fayal, agora inglez é que . . .

— Aprendi em Boston, aonde ha muitas escolas, até dão livros de graça á gente, alli a maior vergonha é ser um bruto, mas vamos ao que importa, o meu protegido era o unico enfermo que ainda permanecia n'aquelle repartimento do navio, os outros já todos tinham tido alta do medico, e apesar de estarmos alli a sós muito tempo, nunca me disse quem era, nem eu lhe perguntei semelhante coisa, fosse lá quem fosse, rico ou pobre, tinha muito gosto em servil-o.

— Deus é que te hade dar o pagamento, deixa estar, nunca se perde uma bôa acção.

— Tambem se não tivesse recebido nada era o mesmo, a gente deve ajudar uns aos outros, pois não é assim?

— Com certêza, eu cá fazia o mesmo.

— Afinal chegamos ao porto desejado, a uma cidade muito grande da Australia, chamada Sidney e a esse tempo já o meu doente estava quasi prompto, mas ainda assim desembarcou muito fraco, pedindo licença a bordo para me levar comsigo por dois dias, no que o commandante consentio.

Quando subimos as escadarias do caes, mostrou um bilhete a um cocheiro da praça que disse, immediatamente, conhecer muito bem a casa que elle procurava e mettendo-nos no carro partimos rapidamente por meio de ruas muito espaçosas, apinhadas de grande multidão e possuidoras d'um immenso movimento, muito maior do que nas populosas cidades dos Estados Unidos.

Chegamos afinal a uma grande caza, um verdadeiro palacio.

— E' que o teu protegido era talvez algum principe que tinha andado a viajar disfarçado, já se tem visto . . .

— Nem tanto, Margarida, mas era o sobrinho d'um negociante e proprietario, que tinha milhões e milhões de carneiros nas suas terras, e tantos contos de reis que me disseram, mais tarde, que nem elle sabia já quantos eram.

—Uns com tanto, outros sem nada, são sortes do mundo.

— Mr. Clayton, que assim se chamava o meu doente, apresentou-me então ao seu tio, como devendo-me a vida, pela maneira caridosa e desinteressada como o havia tratado, e o velho negociante ao ouvir a narração de tudo o que se havia passado, veio dar-me o mais valente aperto de mão que jámais apanhei na minha vida . . . aquillo é que foi um apertão, e olha que um homem d'aquelles não fazia isto a todos.

—Ora adeus! . . tu merecias mais alguma coisa, tanto desvelo, tantas canceiras.

— N'aquelle dia não me disseram mais nada sobre semelhante assumpto, deram-me, ainda assim, um quarto excellente em sua caza, bôa mèza e uma esquipação de roupa de panno fino. Achei-me assim a modo d'um morgado lá das nossas terras.

— Vejam bem, mais eram d'outra nação . . . se fosse no Fayal, ainda em cima das tuas bôas acções, eram capazes de te agarrar para o recrutamento, como tem feito a muitos, que sustentavam amigos ou parentes desvalidos.

— Isto pela America é outra musica, nem tu avalias ainda quanto vale aquella bôa gente para ajudar qualquer homem em que tenham depositado confiança. No dia seguinte o tio do Sr. Arthur Clayton chamou-me ao seu escriptorio e recebi das suas mãos um grosso embrulho com dinheiro de oiro, propondo-me ainda de ficar com seu sobrinho na Australia, aonde me assegurava trabalho e protecção, empregando-me nas suas propriedades.

— Que grande esmola! . . e não me contavas nada d'isto para o Fayal, aonde eu vivia sempre afflicta, na incerteza do teu destino?!..

— Que queres, rapariga, confesso que a minha repentina mudança de condição me transtornou de tal sorte a cabeça, que nos primeiros tempos não pensava n'outra coisa se não em obedecer, em cumprir á risca as determinações dos meus novos patrões, obtido isto tinha o meu futuro em bom pé. Depois de annuir, está claro, á vantajosa proposta que me era feita, fui immediatamente dizer ao commandante do vapor e ao commissario que procurassem outro homem em meu logar, pois nem á setima facada sahia d'aquella terra e decorridos alguns dias partia acavallo para uns montes da Australia, no importante cargo de feitor de uma vastissima propriedade do tio do Sr. Arthur, abundante em tudo e tratando-me o tio e sobrinho como se eu fosse um seu parente. Aquillo é que é gente!

—E nunca te lembravas de mim? . . eu cá ainda que estivesse em tamanhas grandezas . . .

— Lembrava-me, sim, como vaes vêr. Passados alguns mezes de assiduo trabalho, muito a contento dos meus patrões, vim á cidade. Alli recebi a mesma carinhosa hospitalidade, mais como amigo do que como empregado d'aquella honradissima caza, andavam-me a advinhar

as vontades. Fallei, então, pela primeira vêz, ao Sr. Arthur Clayton da namorada que eu tinha deixado na minha patria e de quanto desejava vir buscar-te para a minha companhia, se acaso n'isso consentisses.

— Duvidavas?

— Não sabia bem o teu pensamento, é muito differente uma rapariga esperar um noivo que anda ausente, do que deixar a sua casa e a sua familia.

— Mas eu deixei-os por tua causa, apenas tive ensejo para tanto, embora désse á minha partida uma differente côr.

E a Providencia fez o resto, reunindo-nos quando a gente menos o esperava. Para concluir, porem, a minha historia, só tenho ainda a dizer-te que fazia esta viagem aos Açôres, á custa dos meus patrões, para te propôr ir vivermos juntos n'aquelle bello e rico paiz.

— E se eu agora não quizer cazar comtigo? — accudio, sorrindo maliciosamente a açoriana.

— N'outro navio com que abalroêmos, deixo me cahir a seu bordo, não, não digo bem, a qualquer hora deixo me cahir ao mar e desappareço para sempre.

Está bom, como é para te salvar a vida sempre consentirei em ir para onde me quizeres levar na vida ou na morte.

— Abençoada sejas!

A «Iceberg», chegou a final a Boston com vinte e cinco dias de viagem.

Foi alli, n'uma egreja catholica, que se verificou o casamento dos dois amantes, tendo por testemunhas diversos fayalenses residentes nos Estados Unidos, no numero dos quaes o parente da Margarida.

Foi uma festa que deu que fallar, na numerosa colonia portugueza, havendo depois da ceremonia religiosa um lauto banquete, n'uma soberba hospedaria e á noite *balhêdos* da Chamarita, acompanhados a viola e com os descantes populares, do distante archipelago d'onde todos os convidados eram oriundos.

Que recordações então da patria ao som d'aquellas singelas trovas!

Até a noiva chorou, n'um dia d'aquelles!

Dois mezes depois os recem-casados partiam para a Australia e alli tem vivido ha bastantes annos na abundancia do trabalho condignamente remunerado.

Em quasi todos os navios de passageiros, provenientes dos Estados Unidos, recebem, a mãe do José e o pae da Margarida, por via d'uma casa commercial de Boston, algum dinheiro ou presentes.

A fama d'estas dadivas tem feito fugir mais rapazes da freguezia do que dias tem um anno.

Será a emigração um mal?

E' possivel, mas apresenta, por vezes, d'estes muito veridicos exemplos.

# X

# O VALLE DAS SETTE CIDADES

## (Ilha de S. Miguel)

As grandes bellezas da naturesa, as suas verdadeiras maravilhas, são dificillimas de reproduzir, não diremos já aproximadamente, mas ao menos de maneira que possa dar uma, ainda que remota, idea dos seus variados encantos.

A photographia, a gravura e a penna descriptiva incumbem-se a espaços de semelhante empresa, envidam os seus maiores esforços, a melhor bôa vontade, a mais sincera dedicação, mas, ainda assim, o quadro sae afinal imperfeito, falto de vida e de luz, não d'essa imperfeição inherente a todos os trabalhos humanos, mas destituido d'aquella imponente grandesa e magestade que só Deus imprime ás suas obras primas e que nos faz ficar absortos ante a contemplação das obras da naturesa, que excedem sempre as mais arrojadas concepções do espirito humano.

O Valle das Sette Cidades, na formosissima ilha de São Miguel está n'este cazo.

Diz nos a historia que os primeiros navegantes que demandaram aquella ilha, marcaram dois alterosos picos, um na sua extremidade oriental e outro na occidental, os quaes eram de notavel altura e fero aspecto, prolongando-se de um ao outro o accidentado dorso d'aquella terra, mas não obstante deixando-os bem salientes.

Isto foi, segundo a opinião geralmente acceita, no anno de 1444. (*)

Deixando as caravellas portuguezas alguns africanos na nova ilha descoberta, cujo nome de São Miguel não se sabe com certesa se foi devido a alli terem chegado no dia em que a egreja resa do excelso archanjo, ou se lhe foi dado depois, em virtude da devoção particular que por aquelle celeste potentado mantinha o infante D. Pedro, Regente do Reino, é certo, comtudo, que desde aquella data começou o seu povoamento e a ser conhecida em Portugal para onde regressaram os avantajados marinheiros d'esta expedição.

Tempos depois, e é melhor não precisar datas, aonde das mesmas não ha perfeito conhecimento, surgiram de novo os portuguezes n'aquellas paragens e ainda que a derrota tivesse sido assaz cuidadosa, como quem navega em mares quasi desconhecidos, persuadiram-se, não obstante, que algum engano houvera nos seus calculos e que estavam avisinhando-se d'uma outra terra, por quanto o seu aspecto era differente da ilha que já tinham visto, notando a ausencia d'um

(*) Veja-se a nota a pag. 61 d'este *Archivo*.

dos gigantescos sêrros que haviam marcado nas suas cartas de descobrimento.

Desembarcaram e em breve ficaram ao facto do que tinha occorrido.

Uma violentissima erupção vulcanica havia convulsionado o uberrimo seio d'aquella ilha, aonde anteriormente se erguia um monte estava agora uma profundissima cratera, a terra despedaçada e palpitante abrira profundissimos abysmos e gigantescas fauces, sorvendo ou engulindo uma montanha e na sua potente raiva arrojando até ás nuvens um oceano de chamas, de penedos, lavas, cinza e fumo.

Pedras de notavel grandeza, depois de voltearem no ar, como uma folha de arvore arrebatada pela tormenta recahiam em diversos sitios, rolando como escandecentes avalanches pelos fumegantes flancos d'aquelle immenso sorvedouro, umas afundando-se no mar de fogo que lá em baixo refervia em cachão, outras ficando presas nos accidentes das horridas encostas, formando as mais caprichosas apparencias, dependuradas sobre o abysmo, como um milagre de equilibrio e tendo por base o mais tenue suporte, imitando arcarias, templos, pyramides, columnas, como as nuvens acastelladas em torno d'alterosa montanha tomam as mais diversas formas.

Alli, porem, havia uma notavel differença, as nuvens duram apenas alguns momentos, em quanto aquelle titanico trabalho de vulcanismo açoriano devia arrostar o decorrer dos seculos.

Abatida afinal a furia ingente d'aquelle grande cataclysmo, quando o mar de fogo que em ondas se debatia no fundo da cratera, começou a tornar-se espesso e pesado, semelhante ao mar morto com as suas margens aonde só reina a desolação, quando a lava arrefecendo aqui e alem, em vez de cahir em caudaes, da beira de alterosas rochas, começava a solidificar-se, como o gèlo nas regiões polares, então o inverno engolphando-se a nivar por aquellas cavernas, ou batendo com furia nas mal arrefecidas rochas, atirava tambem dos astros para alli abundantissimas torrentes d'agua, copiosissimas chuvas.

Como qualquer liquido deitado sobre uma lamina de ferro em braza produz abundoso vapor, assim tambem todo o vasto seio da cratera deveu então permanecer por muito tempo envolto em espessas nuvens, dobando no seu ambito.

Quando completo o arrefecimento da terra e que as nuvens, quaes aguias gigantes, começaram a subir para a atmosphera, attrahidas pelo sol e deixando a descoberto o fundo e encostas da cratera, já alli existia um vasto deposito d'agua, que necessariamente iria augmentando pela frequencia das chuvas e disposição do terreno, até tornar-se a magestosa lagoa que hoje admiramos.

A acção reparadoura, e trabalho vagaroso, mas incessante, do tempo, começou desde logo a minorar a aspereza d'aquella localidade, lichens e humildes plantas foram revestindo a nudez das rochas e o

triste aspecto dos algares e quebradas e afinal uma vegetação esplendida e admiravel, qual benção de Deus, lançando fundas raizes na revolvida terra, veio retoucar d'encantos todo aquelle vasto espaço, deixando apenas n'um ou n'outro logar, surgir d'entre a verdura algumas requeimadas rochas, de côr negra ou vermelha, para aos vindouros indicar a origem d'aquelle admiravel sitio.

A horrenda cratera volvêra-se no mais delicioso valle, com 15 kilometros de circumferencia na borda, 5 kilometros de extensão e 2 de largura, no fundo.

Nas margens da lagoa, dividida em duas partes por um isthmo, estão dispersas as sorridentes casas da convidativa povoação, dominando-as a todas a alva frontaria de uma egreja e a cruz, symbolo augusto da vivida fé de todas as aldeias insulanas.

Encontram-se tambem alli elegantes cazas de campo de alguns abastados moradores da cidade que vão passar no valle a estação estiva, bem como frondosas mattas, bem cultivadas propriedades, de recreio e outros regalos que o bom gosto e a abundancia de meios pecuniarios proporciona aos amadores de tão peregrino sitio.

A primeira vez que fui ao valle das Sete Cidades ia, a dizer a verdade, mal impressionado. Havia chovido muito na vespera, os *rebentões*, ou ladeiras da Lomba da Cruz por onde tinhamos de galgar até ás alterosas cumieiras do valle estavam uns verdadeiros paúes, nos quaes as cavalgaduras que nos conduziam enterravam as pernas até ao joelho, a ponto de eu e o meu companheiro, um velho amigo desde a infancia, termos de abandonar, por impossivel aquelle meio de locomução, preferindo subir a pé a maior parte do caminho.

A fadiga era grande e por vezes estive tentado a desistir da empreza.

Ainda assim o meu companheiro, mais affeito áquelles sitios repetia-me sempre:

— Coragem, que você hade dar por bem paga esta massada.

— Ora adeus, doutor, as coisas muito apregoadas quasi nunca correspondem á nossa espectativa, eu já vi a esplendida caldeira do Fayal e isto deve ser semelhante, o amôr patrio dos michaelenses vê sempre por um vidro d'augmentar o que é da sua terra, isso é sabido.

— Não diga tolices, homem, o valle das Sette Cidades não tem nada, nos Açôres, com que possa ser comparado.

— Mas que aborrecimento estas interminaveis ladeiras, nem pela melhor coisa do mundo eu cahia n'outra . . .

— Fracalhão! . . já agora, não ha remedio, é andar para a frente.

— O que eu vou é sentar-me alli em qualquer canto, já não posso mais . . . Safa!

— Pois descancemos, mas para dar maior carreira.

Sentámo-nos, effectivamente, á sombra de algumas arvores bra-

vias, já em grande altura e dominando uma bella vista para o lado do mar, sem limites, que ficava em frente.

Só então vimos, a alguma distancia, debaixo de umas copadas arvores que se erguiam no declive de um proximo sêrro, quatro homens mal encarisados, dois d'elles em mangas, de camisa, com lenços vermelhos atados na cabeça e os outros dois, vestidos á moda dos lavradores michaelenses, de jaqueta e peculiar carapuça.

Cercavam um cavallo avermelhado que alli estava em perfeita quietação.

— Por aqui ha ladrões, dr. ? . . aquelles homens não me tem muito bom aspecto . . .

— Quaes ladrões, o que eu não atino é o que elles estão a fazer áquelle animal, vamos lá ver.

Aproximámo-nos.

— Olé, amigos, então o que é isso, aconteceu alguma coisa ao cavallinho, os caminhos estão pessimos, na verdade.

Deparei n'esse momento, que sobre a relva que n'aquelle sitio cobria o chão estava uma faca ensanguentada e de ponta aguda como um punhal, e que os dois homens, sem jaqueta aguentavam pelo pescoço o cavallo, do qual, d'uma veia da canella corria um fio de sangue, em quantidade tal, que já alastrado pelo chão, formava diversas poças.

O cavallo, ainda assim, estava tranquillo, mas de cabeça baixa e olhar fixo e empanado.

Um dos lavradores respondeu á interrogação do meu companheiro.

— Saiba V. S.ª que isto quem é pobre é preciso aproveitar tudo, este bicho estava arrebentado do peito e se a gente o havia deitar ao n'algum algar, assim, escuando-se d'esta maneira, elle morre sem que a pelle fique furada, nem apanhe o minimo *pitafe*. O' rapazes, sentido, que elle está quasi a cahir . . .

E, effectivamente, o pobre animal vacillava por vêzes, aguentando-se já a custo nas pernas.

— Os Srs. vão para as Sette Cidades?

— Vamos, sim, — respondeu o Dr., visivelmente transtornado e mordendo muito a ponta do charuto — Haja saude.

— Deus vá com vocemecês.

— Mas que barbaridade! — disse eu apenas nos achamos a alguma distancia.

— Com certeza, é revoltante. O verdadeiro, porem, para nos distrahir é irmos andando, aquelles diabos que matam assim lentamente um pobre animal, não poriam muita duvida se lhes d'esse na cabeça . . .

— Fazer nos o mesmo, bem sei. Quanto faltará ainda para chegarmos ás taes comieiras, isto não tem fim? . .

— Faltam apenas mais dois *rebentões*, dentro d'uma hora estamos lá em cima, coragem! . .

A subida cada vez tornava-se mais ingreme e descampada, o matto era muito rasteiro e n'alguns logares o terreno tão ingrato que não mostrava o minimo indicio de vegetação.

— Ainda falta muito? — tornei a perguntar, mas já completamente exhausto.

— Uns dez minutos apenas, aqui o atalho é quasi a pique, mas alli p'ra cima melhora.

Effectivamente aquillo era mais trepar do que subir.

O doutor enganara-me, estavamos no termo da subida, no cimo da cumieira.

De repente e sem que eu esperasse, gualguei a crista do serro e recuei assombrado. A meus pés abria-se a grande bacia que forma o valle e d'alli o dominava todo, com as suas frondosas e formosissimas encostas, e, lá no fundo, contemplando a tranquilla lagôa, incendida brilhantemente pelos raios do sol e circumdada a espaços por alvissimas habitações.

Que vista admiravel!

O meu companheiro, regosijando-se de me ver assombrado, sentou-se n'um penedo d'aquella grande eminencia e perguntou-me satisfeito:

— Era ou não verdade o que lhe dizia? . . Aonde é que o amigo vio coisa alguma que se pareça com isto? . .

— Nunca vi, nem espero tornar a vêr, se em vez de subir os taes nove *rebentões*, tivessem sido dezoito, ainda assim dava-me por completamente remunerado com a contemplação d'esta admiravel paisagem, isto é esplendido, magestoso!

Custou-me a arredar d'aquelle sitio, e apesar de já haverem decorrido alguns annos, tenho-o ainda, perfeitamente, gravado na imaginação.

Das cumieiras até ao fundo do valle não se sente o caminho, a nossa attenção está tão concentrada no exame de tantas maravilhas formadas pela naturesa, pincaros, arcarias, agulhas, castellos e torres, que não presta o menor cuidado ás fadigas do caminho, ou aos accidentes do terreno.

Chegamos a salvo ao bom caminho que circunda a lagôa e dirigimo-nos pouco depois, para descançar a um soffrivel hotel alli existente, almoçando ovos cosidos e leite, que nos soube que nem um regio festim.

A povoação das Sette Cidades é pequena, alva e sorridente.

Depois do almoço embarcámos n'um pequeno escaler a crusar a lagôa em diversas direcções, gosando sempre novos e deslumbrantes panoramas.

A idéa de termos em breve de sahir d'aquelle verdadeiro Eden,

entristecia-nos deveras o coração, jamais haviamos conhecido um tão perfeito bem estar. como n'aquelle sitio e a vida passada alli. embora isolada e humilde. devia decorrer bem feliz. para quem. como no dizer d'um nosso poeta:

*Da aldeia á rustica morada se accommoda.*

Espairecemos até meia tarde no valle.

Apenas alli estavam. n'aquella occasião. duas familias de Ponta Delgada. uma que não chegamos a vêr, por ausente n'aquelle dia. n'uma digressão a uma proxima freguezia. e a outra composta de pae. filho e filha. com quem estivemos durante algum tempo.

O motivo da sua estada n'aquelle sitio era a enfermidade d'aquella gentil menina. que soffria do peito e que n'aquelles purissimos ares vinha procurar allivio á sua dolorosa enfermidade

Teria ella, quando muito. dezoito annos. peregrina formosura e esmeradissima educação.

O pae, coitado! n'um instante em que a filha se affastou. confessou-nos com as lagrimas nos olhos, que a julgava irremessivelmente perdida. mas que se aprazia com a solidão em que alli estavam vivendo.

— Eu conheço que sou egoista — acrescentou elle, com mal segura voz, repleta de commoção — mas se Deus tem de levar para si aquelle anjo, quero ao menos que seja inteiramente meu nos seus derradeiros instantes. Na grande dôr que me opprime seria importuna a interferencia de estranhos. ou as phrases convencionaes de quem não soffre o que eu soffro. Aquella creança. diz me o coração, que vae partir em breve. isto são as nossas despedidas. minha querida. minha rica filha!

E as lagrimas deslisavam a flux pelas faces do honrado michaelense.

A filha, tornou em breve para junto de nós. tinha ido colher algumas flores agrestes. era affavel e carinhosa. conhecendo se na morbidez do seu andar o quer que fosse da Virgem pisando nuvens. do anjo que está prestes a desprender o vôo para as alturas. aonde não se encontram os espinhos aqui da terra.

Pobre creança!

Ao contemplal-a assim. triste. meiga resignada. por que a infeliz não se illudia. segundo nos disse o pae. com o seu destino. ao notar lhe a pallidez de opala que tinha nas faces e o extraordinario brilho dos seus rasgados e negros olhos. aonde a vida toda parecia estar concentrada, o coração pulsava-nos ardentemente escutavamos as fallas dos seus labios, como se proferidas por alguem que já não pertencia á terra.

No valle. ou quando depois me lembrava d'aquella fragil e inno-

cente creatura, não sei explicar como, mas ajuntava sempre a semelhante recordação a idéa de uma flôr de neve, pendida n'um mar de verdura.

A' noitinha despedimo-nos d'aquelles amenos sitios, ou talvez para sempre, e seguimos a jornada pelo outro lado do valle, indo pernoitar na freguezia dos Mosteiros, cujo nome lhe provém de umas grandes pedras no mar, em frente da povoação, imitando pela sua forma uns retiros de cenobitas.

Mezes depois, achando-me já no Fayal, recebi uma carta de São Miguel, que continha o seguinte periodo «A *flôr de neve*, do valle das Sette Cidades, alli mesmo morreu poucos dias depois de a haver conhecido. Sinto dar-lhe esta triste noticia.»

Triste ?! .

Aonde podia aquella formosa creança descançar melhor do que no seio d'aquelle valle, cercada de flôres vermelhas, exuberantes de vida e perfume.

Partio com um sorriso nos labios . . .

O que é triste, é começarmos já a descer a rude montanha da vida e não termos a registar qualquer dia da nossa existencia, embora dos mais claros, ao qual não ande ligada alguma saudosa recordação.

E' o que nos aconteceu com o valle das Sette Cidades e com a sua *flôr de neve*.



## XI

### UMA NOITE DE REIS NA FREGUEZIA DA FAJÃZINHA

### (Ilha das Flores)

Na gema do inverno, viajar pelo interior da ilha das Flôres, não é empreza das mais faceis, nem, diga-se a verdade, muito agradavel. A naturesa essencialmente accidentada d'aquella terra, os seus continuados sêrros e valles, mas sêrros alcantilados e terriveis, bem como profundos e agrestes valles, a não ser na estação estiva, quando os arvorêdos exuberantes de folhas encobrem a nudez negra das pedras, ou quando as flôres silvestres recreiam agradavelmente a vista, torna qualquer excursão pouco convidativa e bastante descaridosa.

Que trabalhos, porem, conseguirão jamais acobardar o animo irrequieto em corações de vinte a vinte e cinco primaveras?

Uma vez, parece-me que foi no anno de 1878, os musicos da uni-

ca philarmonica da Villa de Santa Cruz, limparam o metal dos instrumentos, examinaram se os pistões do cornetim e figle trabalhavam regularmente, se as chaves da flauta não ficavam no ar quando acabavam de ferir qualquer sustenido, se as pelles da caixa forte e do bombo ainda podiam aguentar rija pancadaria e dando uma revista a meia duzia de marchas e algumas valsas do seu reportorio, bem como tendo ensaiado as populares cantilenas da fatidica noite dos Reis, ajustaram que haviam ir passar aquella festa á freguezia da Fajã-Grande distante d'alli umas $3^1/_2$ legoas.

Eram doze figuras ao todo.

Nas pequenas localidades a simples partida de uma philarmonica para qualquer sitio é ja de si um acontecimento, á porta da casa da *musica* estava uma porção de cavalgaduras á espera dos viajantes, a garotagem, atrahida alli pela prespectiva de alguns minutos de pandiga, fazia o costumado arruido, o tocador do cornetim já, de uma das janellas dera, por trez vezes, o signal de se ajuntarem os tocadores, muitas das familias da villa estavam mais ou menos representadas no momento da partida, os occiosos do logar dispersos em grupos commentavam quanto viam, e até pelas suas condocentes á sahida da Villa, donzellas casamenteiras esperavam palpitantes a passagem d'aquella tropa.

E, abra se aqui um paragrapho a respeito das florentinas, são formosas, e vivas como azougue, honrando a patria pela sua reconhecida aptidão em quaesquer misteres a que se dediquem sejam industrias ou letras.

Depois das despedidas do estylo, em que os velhos desdenhando das uvas que já não podiam comer, gabavam muito o seu tempo, e em que os novos que por qualquer circumstancia não podiam acompanhar os seus patricios, os olhavam invejosos, em que as meninas choravam nas adufas e em que os cães ladravam a todo aquelle burborinho, a cavalgada, tendo por acompanhamento a gaiatagem dando vivas até á sahida da villa, atravessou as ruas da mesma com o denodo e prosapia dos soldados de Napoleão 1.º, quando iam crusando os Alpes.

O leitor incauto talvez julgue que estamos dando empollada magnitude a um facto de somenos valia. Pois meu bom amigo, proponha se na ilha das Flores a transitar por montes e valles e diga-nos depois o que é semelhante empresa.

Não desconhecemos que jornadear n'uma pequena ilha e muito differente do que percorrer um continente, mas se as probabilidades na primeira são de quebrar as costas, em quanto no segundo de viajar em terrenos planos como o soalho de uma caza, por effeito de magnificas obras de arte, tres e meia legoas de caminho a troncos e barrocos valem por trezentas legoas de estrada de ferro, em luxuosos wagons e com todas as commodidades que se podem imaginar.

É a mesma coisa que se acredita-semos que só vive muito, quem

vive muitos annos, quando n'um lustre de actividade, pode-se experimentar mais dos baldões da existencia, do que em oitenta annos de apathica estagnação.

Tudo no mundo é relativo.

A cavalgada, pois, como iamos dizendo, á força de muita paulada nas bestas, passou pela villa como uma avalanche que rolasse de alterosa serra, entre as risadas dos alegres excursionistas, os adeuses das namoradas, a vozeria dos gaiatos, os latidos dos cães, e os sorrisos dos velhos relembrando-se do seu tempo e das suas turbulentas africanadas.

Para os sitios que a phylarmonica seguia, havia em parte estrada, sendo mais para temer qualquer accidente nocturno, do que o transito á luz do dia, mas os rapazes, com o descuido proprio d'aquellas edades, haviam sahido já tarde da Villa e só com grande diligencia poderiam chegar ao seu destino antes de noite fechada.

O começo da digressão foi delicioso, os mattos da ilha das Flores são formosissimos, o tempo estava sereno, verdejantes collinas e algumas planicies, de prasenteiro aspecto, apesar da estação invernosa, tornavam muito aprazíveis aquelles sitios, assim como sete *caldeiras*, mais ou menos profundas, dispersas aqui e alem no despovoado, extasiavam a vista com o seu encantador aspecto.

Ainda assim, quando n'aquella breve tarde de Janeiro, o sol começou a declinar no horisonte, algumas nocturnas nuvens, negras e ameaçadoras surgiram por detraz das mais altas serras e a espaços umas refregas de vento agudo e aspero vinham, subitamente, fazer murmurar os arbustos do matto, ou tirar gemidos dos arvoredos.

A refrega, porem, passava breve e o tempo serenava de novo.

No clima, essencialmente variavel, dos Açores, e maxime nas ilhas occidentaes do archipelago, isto não se tornava um bom indicio, as taes nuvens negras continuavam a invadir o firmamento, o vento ia-se, tambem, levantando, fustigando a caravana, as gollas dos casacos eram erguidas e os chapeus enterrados até ás orelhas, ao tempo que alguns grossos pingos d'agua vinham manchar a nitidez dos figles e trombones, deitados a tiracollo dos seus respectivos tocadores.

Os burros em que seguia a comitiva cruzavam as orelhas e andavam mais vagarosos, apesar de muito espicaçados, advinhavam o quer que fosse de anormal, estavam com a nostralgia das suas mangedouras, ao abrigo das intemperies.

O momento fatal não se fez aguardar muito, havia já bem pouca claridade no matto que mais se ensombrava de instante para instante e uma chuva delgada e penetrante, começou a alagar tudo, tornando o terreno muito escorregadio nas descidas, em que as bestas tropeçavam a cada passo, acrescendo que por vezes os algares, ao lado do caminho eram profundos e medonhos, como as boccas escancaradas, de alguns monstros gigantes.

A noite desceu rapida e tenebrosa, sem uma estrella no ceu, então negro como azeviche.

Apezar da imprudencia da juventude, um ou outro dos excursionistas começou a persuadir-se que não era uma questão muito simples andar a cavallo por aquelles sitios, sem ver um palmo adiante da cara, nem saber ao certo o rumo que se levava, por effeito das trevas.

Seguiam, não obstante, por emquanto calados, deixando as cavalgaduras escolher o melhor caminho, embrulhando-se, como podiam nos casacos e virando para baixo as abas dos chapeus de feltro, para a agua não lhes entrar tão facilmente no pescoço.

O matto, é sabido, quando agitado por chuvas e ventanias, tem muita semelhança com o oceano, nos arbustos rasteiros de que por vezes estão povoados grandes tratos de terreno ha ondulações congeneres com irriquietas vagas, os ramos despidos das arvores assobiam como os cabos da mastreação de qualquer navio e mil sons mysteriosos e confuzos, partidos não se sabe d'onde, como o rumorejar d'um grande ajuntamento de povo, vem dar ainda uma nota mais triste áquelle caliginoso espectaculo.

Era o que, então, acontecia.

— Isto vae-se tornando serio — gritou d'entre as sombras um tocador de contrabaixo — o instrumento já me apanhou uma amolgadella e tem bebido agoa que nem um funil, é capaz de não querer tocar.

— Cala-te, toleirão, — respondeu o do rufo — eu cá botei o meu casaco por cima da pelle d'esta caixa, embora me alague todo, nas occasiões é que os musicos se conhecem. Empresta-me d'ahi um cigarro, eu tenho isca.

O do bombo, um alentado mocetão, a que o vento havia arrebatado o chapeu por aquelles campos fora, era o mais alegre do rancho, a agua escorria-lhe em jorros pela cabeça e faces, custava-lhe muito a aguentar-se no jumento em que ia escarranchado, levando em frente de si o atroador e enorme bombo, mas ainda assim soltando uma forte risada, exclamou:

— Imaginem vocês as nossas meninas da Villa se nos vissem n'este bello estado, que lagrimas não chorariam . . . Filhas da minha alma!

Um luzido relampago, sulcando o espaço, descortinou providencialmente o arriscado sitio em que então se achavam, era á beira de um precipicio de enorme altura, medonho e aprumado.

— O' amigos, cautella, — gritou um mais timorato, isto aqui e fundo que nem o diabo . . .

— Não vês que temos illuminação celeste, toque a musica, que tudo vae bem. Anda p'ra diante, vardasca! . . . e o do bombo obrigava o jumento que montava a atropelar o outro animal que se lhe seguia no estreito trilho.

— A gente rola por ahi abaixo, José! . . . acudio o seu visinho

— que asneira é essa, deitas-me agora o bombo para cima das costas . . . mau!

Rapazes! . . eis o cuidado que lhes dava ter a morte a meia duzia de passos, por quanto d'um lado do trilho erguia-se alterosa muralha de informes rochedos e do outro abria-se profundissimo abysmo.

O tempo crescia sempre, a ventania nem os deixava seguir e veio um aguaceiro tão grosso e forte, que no logar em que, passado o precipicio, o trilho alargava mais, fizeram alto, para decidir, n'uma especie de conselho de guerra, o melhor partido a tomar.

— Isto o verdadeiro — tornou ainda aquelle mais cautelloso mancebo a que já nos referimos — é voltar para Santa Cruz, não ha desaire, a gente não tem culpa do tempo ter-se levantado d'esta maneira . . .

— Para a villa, isso tinha que rir! . . era até uma deshonra para esta phylarmonica, não Sr., para diante é o caminho, dê lá por onde der . . .

— Appoiado! — bramiram numerosas vozes.

— O' filhos, mas com este tempo . . .

— Ora adeus, chuva nunca quebrou ossos, o peior foi eu ter perdido o meu chapeusinho, era novo e ficava-me bem, palavra de honra . . . Anda p'ra diante, vardasca!

— Pois siga quem quizer, eu cá volto para traz.

— O' *aquelle*, olha que isto hoje ha aqui facadas, toca o burro, anda, não te faças tolo! . .

— Não dou mais um passo, sem que vocês me dêem bastante genebra, ora eu que podia estar socegado em caza . . .

— Pega, ladrão, bebe á tua vontade e não estejas a desanimar os outros.

O regente da musica entreveio, então, na contenda com a sua authorisada voz. Elle, como pessoa mais edosa, mais considerada, desejava velar o pondunor inconcusso da sua phylarmonica, mas ao mesmo tempo a chuva fustigava-lhe as orelhas, desalmadamente.

— Os Srs. não tem rasão para essas questiunculas improprias do sitio, da hora e da occasião. Olhem que isto não são brincadeiras. O Sr. do clarinete embirra em não caminhar muito bem, o Sr. do bombo em andar para diante, perfeitamente bem, mas a consequencia d'isto tudo é estabelecer-se um scisma nas nossas fileiras!

A este tempo a chuva redobrava de intensidade.

— Com uma noite d'estas — continuou ainda o orador — está completamente justificada, e sem desdouro, qualquer arribada forçada na nossa derrota.

— A prudencia bem entendida tambem é uma virtude, olé!..Parece-me pois que devemos seguir para a freguezia da Fajãzinha, que fica mais proxima, indo alli pernoitar, como acertada precaução para os nossos corpos, e, tambem, o que não vale menos, como garantia

de segurança para o instrumental, que tanto nos tem custado a arranjar.

— Isso vae ser uma vergonha. — gritaram alguns.

— O mestre da musica tem razão — bradaram outros — primeiro que tudo salve-se o instrumental.

— Parece-me que temos facadas! — berrava o tocador do bombo, de cachimbo ao canto da bocca — para a Fajã-Grande, para a Fajã-Grande!

A chuva agora era a cantaros.

— Para a Fajãzinha — exclamaram os da frente, tornando-se os *leaders* da caravana.

— Pois vamos para o inferno até, se vocês quizerem — respondeu o turbulento rapaz — mas eu heide fazer por ahi alem coisas do diabo. — e espicaçando a besta atirou pela segunda vez com a enorme caixa ás costas do parceiro mais proximo.

— Está quieto, José, ora este maldito!

— Cala-te ahi, meu Maricas, eu não queria parar na Fajãzinha, ca por coisas, na Fajã-Grande é que me fazia conta, cada rapariga de encher os olhos!

— E' no que tu pensas . . .

— Podera! . . p'ra que vim eu cá?

As aguas iam um pouco mais brandas, ainda que o ceu continuava negro que nem tição e a passagem de uma candelosa ribeira, bramindo furiosa, era a maior difficuldade que então se apresentava a vencer.

— Sentido com os instrumentos — bradou o mestre — é andar depressa que d'aqui a pouco já não poderiamos passar a torrente que vae engrossando, felizmente ainda ha pedras a descoberto, sentido com os instrumentos, é melhor apearem-se.

Assim fizeram e com iminente perigo de alguem ser arrebatado pela corrente espumante da ribeira, e com as bestas pela redea, instrumentos ás costas e agua até quasi aos joelhos, conseguiram vadear a ribeira d'uma á outra margem.

O do bombo é que embirrou em não descer do jumento, allegando que tinha uma boia de salvação a que se agarrar no caso de naufragio, a enorme caixa que conduzia.

Atravessada a ribeira, o caminho não era tão mau como até alli, o vento quebrára algum tanto de intensidade e uma bruma enfadonha sómente agora os encommodava.

O destemido florentino, continuou ainda:

— O verdadeiro é a gente mudar de rumo e seguir ainda para a Fajã-Grande, está um tempo esplendido, melhor do que isto só na força do verão.

— Não Snr., o que está dito, está dito, vamos para a Fajãzinha, que é mais perto, quem me dá d'ahi genebra?

— Mas é que isso não me faz conta, cá por coisas, anda para diante burro . . .

— Silencio, Srs. — accudio o mestre da musica, temendo novas questões, nós vamos em breve entrar na freguezia, e os Srs. devem-se portar como pessoas illustradas, que são, um musico não é para ahi qualquer coisa . . . haja prudencia.

Estava em completo repouso, apezar da pouco adiantada hora da noite, a pequena freguezia florentina, tanto mais que o pessimo tempo que reinava era seguramente pouco azado, embora em noite de Reis, para cantorias dos campezinos menestreis.

N'uma ou outra caza via-se ainda atravez das vidraças brilhar luz e os cães de vigia ladravam que nem damnados á passagem dos nocturnos visitantes.

Sentindo a tropeada das bestas abriram-se varias portas e janellas, assomando ás mesmas homens, mulheres e creanças, assustados ou curiosos do que seria aquella invasão de gente na sua muito pacifica aldeia. Alguns rapazes, mais ousados, sairam á rua e começaram a seguir a comitiva, indo tambem alguns n'um pulo, explicar ás consternadas familias que era a phylarmonica da Villa.

A cavalgada seguio sempre até em frente de uma caza ha pouco construida, de um habitante do logar, que tinha mais conhecimentos em Santa Cruz, e que, por conseguinte foi o primeiro lembrado para albergar a expedição.

Isto de ter muitos amigos dá em resultado semelhantes defferencias.

O dono da caza, segundo todas as apparencias, já estava em meio do primeiro somno, alli não se via luz, nem se descobria o minimo signal de vida.

Os musicos enfileiraram se em frente d'esta residencia e de repente uma alegre tocata, o hymno da phylarmonica, vibrado com a maxima valentia, esturgia os ares, fazendo estremecer as vidraças das cazas circumvizinhas e despertando toda a povoação, cujos habitantes, em crescido numero, começaram a agglomerar-se em redor dos tocadores.

Quem não apparecia ainda á janella era o dono da caza, que pezado somno!

— Vá lá, rapazes, — gritou enthusiasmado o mestre, por ver o levante que os seus discipulos estavam fazendo na freguezia, agora os Reis, mas isto bem cantadinho . . .

Calaram-se alguns tocadores e a velha cantilena d'aquella noite, proferida por vozes frescas e sonoras, e acompanhada pelos instrumentos mais doces, veio substituir o hymno em que tanto figurava a *pancadaria*.

Quando chegou ao côro, a rapaziada do logar e até alguns velho-

tes soltaram a voz tambem, juntando se aos festeiros que cantavam as glorias do filho de Maria.

Só então é que o dono da casa, alvo d'aquella alegre manifestação, appareceu por dentro da vidraça, em camiza, com um lenço branco amarrado na cabeça e com uma véla acceza na mão.

Finda a cantilena, uma voz ergueu-se d'entre os musicos:

— Viva o Sr. Ramos!

E toda a multidão repetio: — Viva, Viva!

O bom velho vestio-se á pressa e abrindo logo a porta, disse de cima do seu balcão:

— Eu não sei quem os Srs. sejam, mas esta caza é sua, vamos a entrar . . .

— E' gente de paz, a phylarmonica da Villa, que lhe vem dar as boas festas.

— Tantas honrarias . . .

— O seu a seu dono. Viva o Sr. Ramos!

— Viva!!

— Ora esta! . . eu estava bem longe de imaginar que os Srs. se encommodassem em vir de tão longe, por causa da minha humilde pessoa.

— Os amigos, Sr. Ramos, nas occasiões é que se conhecem, isto tambem é só por esta noite, o incommodo seu . . .

Esta conversa era já no interior da caza, aonde tinha dado ingresso a *musica*, alguns homens da freguezia e quanto gaiato havia n'aquellas immediações.

E' proverbial o genio hospitaleiro dos florentinos, o bom velho, algum tanto orgulhoso da lembrança dos seus amigos da Villa, ja fôra accender o lume e cortar d'um pau atravessado a meio da chaminé umas poucas de varas de excellente e gorda linguiça, que se dispunha a assar e diversos visinhos corriam a caza a explicar as familias, o que havia sido aquella balburdia, a phylarmonica da Villa que viera cantar os Reis ao tio Manuel Ramos! para caza do qual voltavam carregados de pão e de carne de porco, que já se achava preparada, por ser, n'aquella epocha do anno, trivialissima nas Flores. Vinho tambem não faltava, pois que a gente da Fajãzinha queria-se desempenhar, vendo-se honrada n'aquella distincção concedida a um seu conterraneo.

Dentro em meia hora a caza do Manoel Ramos estava atulhada de comer, e a linguiça assada espalhava por toda a parte o mais apetitoso cheiro, á falta de copos empinavam-se garrafas e n'este destroço de viandas, pão e vinho, toda a gente da freguezia que alli estava compartilhava francamente.

O dono da habitação, que era homem bemquisto, exuberava de alegria.

Levantaram-se muitos brindes, com o mais ruidozo vozerio.

Os tocadores, uma vez por outra, para dar tempo a comida at

rumar-se nos respectivos estomagos, executavam algumas peças do seu reportorio e o tocador do bombo, já esquecido das delicias de capna que imaginava na Fajã-Grande, fazia tal ruido, de seis centos demonios, com o seu atroador instrumento que estremecia toda a caza.

Prolongou-se a festança talvez durante duas horas, a linguiça já desapparecêra toda, havia sensivel diminuição nos comestiveis e o vinho . . . é que ainda continuava a correr em abundancia.

Um dos camponezes, mais cerimonioso, disse então a alguns dos companheiros:

— O' amigos, estes Srs. hão de carecer de repouso, para espairecimento d'esta noite dos Santos Reis, já temos comido e bebido á farta, agora o melhor é a gente ir para nossas cazas.

— Ainda é cedo, a gente não se vae d'aqui, sem uma outra cantoria, para em seguida se molhar a guella . . .

— Bem lembrado, vamos a isso, — e o do bombo dava no cançado instrumento as duas pancadas de attenção.

As canções em louvor da Epiphania começaram então de novo, com grande enthusiasmo, como geralmente quando o bondoso povo açoriano mistura aos seus folgares o sentimento religioso, em festas embora por vezes um pouco profanas, como acontece com as devoções populares do Senhor Espirito Santo.

Era uma hora da noite e ainda alli se cantava, comia e bebia.

Tudo, ainda assim, tem fatalmente um termo.

A gente da freguezia foi-se retirando, alguns homens não acertaram bem com os seus domicilios, devido seguramente á escuridão, que a outra coisa não podia ser, algumas mulheres já entradas em annos receberam tantos abraços á entrada dos maridos, como se revivesse a saudosa lua de mel, houveram diversos trambulhões pelo caminho, alguns cahiram em poças d'agua, mas tudo de boa e alegre cara. O que faz a musica . . .

O Manoel Ramos achou-se afinal tão somente com os seus doze hospedes.

A caza, como já dissemos, era uma construcção de moderna data, ainda incompleta e desguarnecida de caliça, tanto interior como exteriormente, fazendo por conseguinte o vento dançar n'uma agitação incessante as luzes dispostas sobre uma grande meza de pinho, ainda carregada dos despojos culinarios, bem como de garrafas e pratos vazios e de montões de cascas de laranja.

Em quanto o ajuntamento fôra mais numeroso não se sentia tanto a inclemencia da ventania que lá fóra reinava, agora, porem, um ar frio e penetrante começou a infiltrar-se descaridoso por todas as juntas e buracos das paredes.

O quarto do dono da caza, o unico rebocado, por emquanto, da sua modesta moradia, era pequeno e apenas poderia offerecer guarida

a umas tres pessoas, restando por conseguinte ainda nove individuos que era precizo accommodar convenientemente.

O Manoel Ramos, coadjuvado por um rapaz d'uns quinze annos de edade, seu domestico, foi á loja e d'alli trouxe farto molho de esteiras, que começou a desenrolar no sobrado, em quanto o rapaz ia forrando as paredes com lençoes, prezos nos buracos das mesmas, e que bamboleavam a todo o instante, sacendidos pelo vento.

— Que trabalho que estamos a dar ao Sr. Ramos!

— Qual trabalho, nem qual historia, o que eu não quero é que os meus amigos se constipem, a caza é fresquinha e a noite vai raivosa. O' Francisco, aquella ponta do lençol não está boa, prende-a mais em baixo . . . anda homem. Uma noite em qualquer parte se passa, os Srs. hão de desculpar . . .

— Está tudo optimo e havemos dormir magnificamente.

— Deus queira, tenho-lhe feito a diligencia, mas ainda assim, duvido. O' Francisco, vae buscar mais lençoes.

— O Sr. tinha fornecimento!

— E' que eu, aqui ha annos estive para me cazar, depois o conchavo desmanchou-se, mas eu sempre fiquei com o panno que tinha comprado, uma boa porção de peças. A perca foi d'ella, os Srs. não acham?

— Certamente.

— O' Francisco, vae buscar ainda mais lençoes, anda rapaz, que esses agora são para forrar o tecto, isto ainda não está estuquiado...

— Não são precizos mais, Sr. Ramos, este arranjo está muito bom

— Não Srs., em quanto houver com que forrar a caza hade-se ir forrando, essa é que é boa . . . uma honraria d'estas.

Vieram os ultimos lençoes, o Ramos pôz uma cadeira sobre a meza e alli trepou para chegar ao tecto e de trave a trave, ajudado pelo Francisco foi pregando aquelle resguardo contra as intemperies nocturnas.

— Ora isto está que é um brinquinho — exclamou o tocador do bombo — eu até já estou a piscar os olhos e a suar.

— Isso é vinho.

— Qual vinho, Snr. Clarineta, se a gente tivesse chegado até a Fajã-Grande, cá por coisas ainda havia suar muito mais, mas emfim não me arrependo . . .

Estas fallas foram ditas a meia voz ao seu interlocutor e em seguida em voz alta:

— O Sr. Ramos esta perfeitamente preparado para receber hospedes.

— Perfeitamente não direi e conheço que isso são favores, mas o que posso certificar aos meus amigos é que o que alli vêem é tudo meu.

— Maganão! . e um dos convivas batia-lhe familiarmente no hombro.

— Isto faz-me lembrar uma historia que contava meu pae, de quando esteve n'esta terra um Sr. Bispo.

— Como foi, diga?

— E' que o Bispo, andando em visita pela ilha. veio hospedar-se em caza do vigario antigo d'esta freguezia. O bom do padre não se poupou a trabalhos para receber condignamente o seu prelado, esteirou o quarto da *janta*, cobrio a meza de boas *auguarias* e melhor vinho, apresentou a sua melhor louça, cortinados nas janellas e á noite. á ceia, em cada canto da caza collocou um rapaz, immovel, como uma estatua, de braço estendido e com um grande brandão accêzo na mão.

O Bispo gostou d'aquella lembrança, um tanto original, fartou-se de carne assada e massa sovada, mais golozeimas, e afinal não trepidou em descer da sua imponente dignidade para elogiar ao Vigario não só a boa cozinha, como o acceio e bom gosto de todos aquelles apprestos, incluindo as quatro figuras ornamentaes.

— Pois saberá V. Ex.ª Rev.ᵐᵃ que tudo o que está d'estas portas a dentro pertence-me e é obra minha, incluindo as tochas e tambem os tocheiros.

O Bispo olhou para os rapazes, que continuavam immoveis no seu posto e lambendo os beiços, em melifluo sorriso, a todos deitou a sua respeitavel benção. Bons tempos aquelles . . .

— Está visto que sim, — respondeu ainda o bombo — eu cá houve tempo em que o Vigario da minha freguezia era o P.ᵉ Malhão, bom homem, muito dado, muito relacionado e que na área da sua parochia contava, segundo resa a chronica, quarenta descendentes, por isto pode avaliar-se o que é a gente nascida alli, digo-o sem orgulho.

— Quarenta! . . parece exageração, ainda que . . .

— Pois olhem que é purissima verdade e para prova é que no folheto dos Sette Pecados Mortaes, escripto aqui na ilha, mas impresso em Lisbôa, o tal Rev.ᵈᵒ Vigario figura como representante do 3.º pecado. Aquella brincadeira, honra lhe seja, foi feita pelo P.ᵉ Camões. nosso patricio.

— Este diabo é um almanach — accudio o mais novo dos rapases que tocava ferrinhos, quem era esse P.ᵉ Camões, d'esse nome nunca ouvir fallar senão n'um que, ha muitos annos, escreveu versos, meu avô tem um livro d'elle que se chama os . . . Lusiadas.

— Aquelle de que eu trato era outro, natural aqui das Flôres e que possuia a melhor bibliotheca talvez dos Açores. Quantos livros vocês por ahi encontram ainda, eram seus, e escreveu tambem o Testamento do Burro, que é obra bem acabada e na qual não se esquecia de muitas familias d'esta terra.

— O P.ᵉ Camões! — disse ainda o velho Ramos — conhecio perfeitamente, tinha a mania de ser ouvidor nas Lagens e por isso indis

poz-se com muitos collegas d'aqui, eram trinta cães a um osso, a quem não o poupava elle pagava-lhe na mesma moeda. Morreu pobre haverá uns trinta e cinco ou quarenta annos, e, diga-se a verdade, homem mais generoso jamais conheci, quanto ganhava quanto dava.

Só a papelada que elle deixou quando morreu e tudo puchado da sua cabeça.

— O que não depõe muito a favor do seu bom senso, p'ra que demonio se punha o Padre Camões a cansar o juizo cá na ilha? — O lhe o Sr. Ramos, eu cá em tendo o meu bombo em perfeito estado e duas ou tres raparigas de truz a quem arraste a asa, estou nas minhas quintas, não me importo com mais nada. Se eu a esta hora estava na Fajã-Grande . . .

— Havias fazer grandes coisas, não tem duvida — tornou-lhe um dos companheiros, o que me parece é que o tal Padre Camões se vivo fosse não te deixava de incluir nos seus versos, applicando-te uma bôa sóva.

— Se fosse bem dada, não me queixava.

O Ramos acrescentou ainda:

— Que elle tinha bastante graça, era ponto de fé e conservou sempre aquelle genio alegre até á ultima hora. Quando o Padre Camões, que passava a vida a lêr e a fazer versos, enfermou gravemente, já idoso, pobre e rallado de desgostos, eu muitas vezes ia visital-o, porque eramos então visinhos e disse-me por varias vezes que tinha uma gavèta cheia das suas obras, mas disso tudo deram, depois, cabo os herdeiros. Até um irmão d'elle, tambem clerigo e que fora frade foi o mais empenhado n'isso, pois dizia sempre que era o diabo quem lhe inspirava taes cantigas.

— Pedaço de bruto!

— Lembro-me até, foi no derradeiro dia da sua existencia, o Padre Camões já estava muito fraquinho, fui vel-o de manhã e em quanto lá estava chegou o irmão, que de ha muito não o procurava. O Camões sorriu e disse-lhe: Tu por aqui?! . . ora ainda bem, sempre somos irmãos e n'estes momentos esquece-se tudo. . .

— O Padre tem rasão — respondeu-lhe o outro — agora deve esquecer-se de tudo que não fôr para o bem da sua alma, congraçando-se com os seus inimigos.

— Tratantes! . . com elles não quero nada.

— O P.^e^ não falle assim, as culpas não sei se eram suas ou dos seus adversarios . . .

— Ah! . . você deffende-os, então é tão bom como elles.

— Arrepende-te, homem, dessas inimisades, não ha ninguem perfeito no mundo e aquelle teu escripto dos Peccados Mortaes exige uma reparação solemne . . .

— Tu estás caçoando comigo? . . eu não disse mais do que a ver

dade . . . quiz imitar o divino Mestre, azorraguei os vendilhões do templo.

— Mano, mano, mais caridade.

— O que me parece é que tu tambem pertences á quadrilha . .

— Lembre-se o Padre das penas eternas, quem offende um sacerdote offende ao Altissimo.

— Bem sei . . . — respondeu cançado por esta conversa o doente—colligi a esse respeito um livro de maximas, para meu uso particular e que desejo transmittir aos meus sobrinhos, tendo apenas um irmão . . .

— Ora, ora, ora! com que o mano vem ao terreiro.

— Olha, faz-me este favor, é aquelle volume manuscripto n'aquella pratelleira, o terceiro . . . vai buscal-o, sim?

— Vou, mas para que?

— Abra o meu irmão esse livrinho a folhas 58.

— 58, cá está.

— Leia, agora, em voz alta o começo, é uma maxima.

O visitante pôz os pesados oculos e leu:

«Com homem que foi frade
Não ser amigo ou compadre.»

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo o que o mano aqui se deixou dizer, eu fui frade, mas . . .

— Não é melhor do que os outros. Estou muito fatigado, deixem-me agora descançar, isto está por pouco.

Effectivamente dois dias depois expirava o Padre Camões.

Coisas tristes, Snr. Josesinho, isto quem é velho, como eu, tem visto muitas scenas.

— E a respeito de mulheres, o Padre Camões, era cá dos nossos, hein?

— O' Sr., eu sei lá d'essas coisas.

— Pois, amigo Ramos, se elle apezar de ser um homem de saber, não gostava de vinho e de mulheres, cá na minha *aquella* perderia todo o valor, mas é que gostou por força . . .

— Tu o que estás é muito borracho — accudio um companheiro — anda deitar-te, é o melhor.

— E são horas — replicou um terceiro — faltam vinte minutos para as duas.

— Eu não me deito sem uma ultima saude, e de emborcar o copo, havemos beber todos á pachorra que tem tido o dono da caza, em nos aturar. Valeu?

— Valeu! . . . bradaram todos.

Encheram-se os copos de boa genebra, fazendo-lhes tambem rasão o dono da caza e repetindo-se a dóse mais de uma vez.

Quando o obsequioso velho se retirou para o seu quarto, estava pezado que nem chumbo e mesmo vestido estendeu se na cama, cahindo logo em profundo somno.

O rapaz que com elle vivia, esse então havia já muito tempo que, completamente embriagado, dormia tambem estendido no chão frio e terreo da cozinha e os tocadores da phylarmonica, apagando as luzes, trataram egualmente de se accommodar.

Em quanto, porem, esta pandiga tinha logar no interior da caza, a noite, lá fora, sem que pessoa alguma lhes prestasse maior attenção, continuava medonha, chovia a cantaros e ventava valentemente, a tempestade proseguia n'um *crescendo* maravilhoso.

Quando ficou tudo em socego, uma meia hora talvez depois, a agua batia contra as vidraças como se fossem pedras, o travejamento gemia, as paredes estremeciam e de vez em quando um surdo e cavernozo som, como produzido por um pedaço de monte que se despenhasse das alturas, parecia rollar por alli muito perto, destacando-se do estampido d'uma grande levada d'agua que bramia furiosa.

Esta bulha e estremecimento do terreno tornara-se afinal tão pronunciada e medonha, que semelhava querer reduzir em hastilhas toda a habitação, sentindo-se o fremir da agua a rodear a caza e aquelles soturnos baques como se fosse o troar de pezada artilheria.

— Isto é o juizo final! — exclamou não se podendo ja conter o mestre da muzica — e accendendo luz, — certamente a ribeira sahio do seu leito, estamos cercados da torrente e vamos ser arrebatados por ahi abaixo. Mizericordia!

— Bem dizia eu que fossemos para a Fajã Grande . . . tambem ainda não preguei olho . . . quem é que pode?

— Nem eu — acrendio um outro

— Nem eu.

— Nem eu.

— E' uma noite em claro se escaparmos com vida, se esta caza não for levada pelas aguas. Forte laço! . . O' Sr. Ramos, venha para aqui homem de Deus, isto o que será?!

Ninguem, porem, lhes respondeu.

Dois dos rapazes levantaram-se e foram munidos d'uma vela procurar o dono da habitação ao seu cubiculo, mas o bom velho dormia o somno dos justos, o vinho havia lhe produzido o effeito d'um pesado narcotico, ninguem o conseguia acordar. Tentaram, ao menos, despertar o rapaz que estava na cosinha, mas este, tambem borracho, era de peior catadura, dando murros e pontapes em todo aquelle que lhe tocava e recahindo em pesado resonnar.

A tempestade, cataclysmo, enchente, ou o quer que era, estava agora no seu auge, a casa oscillava como prestes a desabar, ou como se estivesse no seio de encapellado oceano, ouviam-se ruidos semelhantes a confuzos gritos, ou ao nivar longinquo de matilhas de esfo

meados tigres e o estallido das arvores que se despedaçavam vinha ainda aterrorisar mais os consternados viageiros.

Um d'elles, muito afflicto, tentou abrir uma nesga da porta para ver se enchergava o que lá ia fóra.

Desgraçada lembrança, o vento deu tal empuchão na meia porta e esta no corpo do rapaz, que o atirou ao chão e uma forte lufada de vento apagou immediatamente a luz, fazendo voar os lençoes que haviam deitado de trave a trave, bem como atirando ao chão meia duzia de garrafas vazias que estavam sobre a meza. Um fracasso terrivel!

— Misericordia! bradaram todos.

Foi preciso o esforço de varias pessoas para se conseguir fechar a meia porta, reaccendeu-se a luz, cuja véla e castiçal tinha ido parar ao fundo do aposento e tentaram de novo accordar o patrão, mas sem resultado, como da primeira vez.

O tempo decorria vagaroso, a noite parecia ter estacionado no seu curso, aquillo era uma especie de jangada da Medusa, uma situação desesperada.

Tres horas, quatro, quatro e meia, cinco e a escuridão sempre a mesma, a unica differença era agora não chover tanto.

Afinal amanheceu e os olhares avidos e curiosos d'aquelles rapazes tiveram ensejo de ver um espectaculo realmente imponente.

A freguezia da Fajãzinha demora a breve distancia do mar, no declive d'uma muito elevada serra, féra e medonha, que das casas da povoação até o seu escarpado e agreste cimo conta muitos centos de metros d'altura, sendo a parte mais proxima da povoação dividida por paredes das diversas hortas e terras de semeadura e mais acima toda vestida de matto, até junto da crista da montanha, aonde se divisam informes rochas e grandes penedias.

D'esta grande altura e do resbordo d'aquellas rochas, vinda de outras mais elevadas serras do interior da ilha, despenha-se com immensa bulha, uma caudelosa ribeira, a qual quando engrossada por copiosas chuvas, como na occasião de que tratamos, toma proporções assustadoras, parecendo querer devorar na sua ingente furia tudo quanto lhe ficar adjacente.

A levada, n'aquelle salto immenso, atira-se loucamente do cimo da montanha até ao mar e cavando nas aprumadas e prependiculares rochas que lhe servem de encosto, das mesmas faz despegar grandes penedos, que batendo ora n'uma ora n'outra saliencia do precipicio, estremecem os terrenos mais proximos, produzindo um som cavo e soturno.

A' luz do dia avistam-se por vezes aquelles penedos, ora mergulhando na refervente agua, ora sahindo da mesma e dando saltos como grandes animaes selvagens, até irem sumir, alem, o seu denegrido vulto, afundados nas profundidades do mar.

. . . . . . . . . . . . . . .

Acresce ainda, para dar mais magestoso aspecto áquelle quadro, que a parte da montanha que confina com o caudal, bem como o sitio por onde esta se despenha, é escalvado e todo formado de rochas talhadas pela natureza com tão singular aspecto, que imitam perfeitamente diversas fileiras de gigantescas columnas, umas ás outras sobrepostas, até ao cimo da serra.

E' magestoso, como um quadro de Salvador Rosa.

Ora, como na occasião de que tratamos a levada tivesse engrossado muito, nas proximidades da freguezia e na parte do monte em que o terreno já não era tanto a pique, a agua havia-se alastrado pelas hortas que medeiam entre a ribeira e a povoação, as quaes como geralmente acontece nos Açores, eram todas divididas por paredes.

Do momento que a ribeira quebrou algum tanto de furia, a vazante da agua que cobria as hortas, começou a correr dos predios que ficavam mais elevados para os mais baixos, atravez dos buracos e fendas dos muros divisorios, formados de pedras mal unidas e isto de tal sorte que formava os degraos de uma grande cascata, a começar a meio do monte, apresentando uma esplendida vista, quando alli se reflectiram os primeiros raios do sol.

E por vezes, como é sabido, a inundação das hortas tem occorrido com tal abundancia de agua, que quando esta escoa em direcção ao mar, o seu impulso tem mechido com os muros e terra em que estão firmados, dando-lhes differente posição do que antecedentemente, sem os desmoronar.

O dia de Reis, ainda assim, fez honra ao grande mysterio que recordava, o vento depois de tanta chuva havia afinal rondado ao norte e, embora frio, tornava os corpos ageis, o ceu desanuviara-se, deixando ver grandes espaços azues e o sol dava um tom alegre á pequena aldeia florentina.

Com aquella brilhante madrugada reappareceu a alegria dos rapazes, como na primavera qualquer arvore toucada de flores faz chilrar jubilosos os campezinos passaros.

A phylarmonica tratou de se pôr em ordem de marcha, pois queria chegar á Fajã-Grande á hora da solemne missa da Epiphania, uma escova trabalhou arduamente nos fatos dos viageiros, o tocador do bombo conseguio que lhe emprestassem um chapeu, o dono da casa levou muitos abraços e dois ou tres beijos d'algum mais expansivo hospede, apromptaram-se as bestas, que tinham passado a tormenta n'um palheiro e ás sette horas da manhã, tocando uma festiva marcha e aos sons dos hurrahs d'alguns homens do logar, sahio a phylarmonica em direcção da outra freguezia.

O trajecto, d'esta vez, foi mais feliz, illuminado por providente sol e quando o P.ᵉ Vigario da Fajã-Grande subia os degráos do altar para a missa cantada da Epiphania, entrou na egreja, estrugindo tudo, a phylarmonica de Santa Cruz.

Foi um dia cheio.

O Padre havia-se de antemão preparado para a condigna recepção dos seus numerosos hospedes, cuja visita de ha muito estava annunciada e no presbyterio nada faltava, tanto em solidos, como em liquidos, meza franca, á antiga portugueza, e cara alegre.

A vacca e o riso de Frei Bartholomeu dos Martyres, mas com menos parcimonia do que usaria aquelle santo varão.

Os musicos acharam se tão bem na Fajã-Grande, que ainda durou tres dias aquella grande patuscada.

Isto faz honra á hospitalidade d'aquella povoação, incluindo os dois sexos.

– Oh! . . que abundancia de raparigas de encher os olhos. exclamava repetidas vezes, com o mais sincero enthusiasmo, o nosso conhecido D. Juan desta festança — isto é que é uma terra! ! . .

Effectivamente, na freguezia de que tratâmos, pode-se viver mui to rasoavelmente, sendo uma das mais importantes povoações da ilha das Flôres, tendo varios e bem sortidos estabelecimentos de commercio, muita animação, gente abastada e diversas industrias.

E' d'alli que, durante o verão, vem quasi toda a fructa que se vende na Villa de Santa Cruz, sendo muito afamados os seus figos e maçãs

E' prudente, porem, como aconselhamos ao leitor, não visitar aquelles sitios senão n'essa quadra do anno, para evitar scenas identicas ás que acabamos de referir, passadas na noite de Reis.

Nem todos são novos e nem todos são membros d'uma phylarmonica, tendo alem d'isso muita saude e numerosos companheiros, que o distraiam.

---

## XII

## O FOGO DE SÃO JORGE

### (1808)

Muito poucas pessôas já hoje existem que sejam coetaneas, ou testemunhas occulares, do maior dos phenomenos vulcanicos que no actual seculo teve logar no archipelago açoriano, pois que setenta e seis annos tem decorrido desde essa epocha e que a morte com a sua tetrica impassibilidade tem ido atirando para a sepultura quasi todos aquelles que presenciaram, ou soffreram, as consequencias de semelhante catastrophe.

Haviam decorrido duzentos vinte e oito annos, desde que a ilha de São Jorge, sanando lentamente dos graves estragos que lhe havia causado a notavel erupção vulcanica de 28 de Abril de 1580 e então já enriquecida por abundosas e ricas searas, até por vezes nos proprios sitios anteriormente prèzas do fogo vomitado do interior da terra, vivia esquecida do horripilante espectaculo que havia flagellado os seus antigos povoadores, como o descuidoso nauta que passada a hora da tormenta, vendo unida e tranquilla a supperficie das agoas, perde quasi da idea a tremenda voragem que alli encontrára

E, não obstante, os vestigios d'aquella antiga lucta da natureza, ainda n'um ou outro sitio estavam bem evidentes, as crateras do cimo da escarpada ilha, embora na apparencia extinctas, permaneciam por em quanto estereis e apesar da força reparadòra da abundosa vegetação, as queimadas e *mysterios*, como lhe chamam nas ilhas, isto é, extensos tractos de solo devastado pelo fogo, completamente improductivo, e formado as mais das vezes de negra pedra solta, apresentavam se na sua pouco convidativa nudez.

A ilha de São Jorge, longa e estreita cordilheira de montes, de pouco mais de 11 leguas de extensão sobre pouco mais de 1 ½ legoa de largura, se pelo lado do sul tem algumas pittorescas povoações, assentes no declive das alterosas serras que descem até á beira do mar, assume no lado do norte, em que as rochas de notavel altura são talhadas a prumo, mergulhando em profundissimo oceano, o mais severo aspecto, que infunde tristeza a quem, como já nos aconteceu, da tolda de um paquete vae, cosido com a terra, costeando durante algumas horas aquella inclemente paragem, aonde a vaga, com furiosos impetos, arrebenta d'encontro a tão gigantesca muralha natural, sem hospitaleiros cortes na sua uniforme rudez, desde a ponta do Tôpo, até á sua occidental ponta dos Rosaes.

Ainda assim aquella prespectiva é imponente, nem se esquece com facilidade, parecendo um anteparo immenso para abrigar o canal que do outro lado da ilha se estende até ao Fayal, acompanhado a leste pela fronteira da ilha do Pico, que d'alli demora apenas a duas horas de viagem.

Quando tratei de n'estes apontamentos, concernentes ao archipelago açoriano, registar, ainda que ao correr da penna, a grande erupção volcanica occorrida na ilha de São Jorge, no anno de 1808, apesar de alguma coisa ter lido do que a semelhante respeito se escreveu, nutria, não obstante, o desejo de conversar sobre este assumpto com alguma testemunha d'essa terrivel occorrencia.

Nas primeiras tentativas fui infeliz, apenas encontrei um homem de noventa annos, pois estavamos em 1884 e elle dizia ter quatorze quando vira o fogo, que me deu algumas succintas indicações. Era natural da ilha do Pico e contava que n'aquelle nefasto dia, estando elle e outros rapazes a bailar n'uma *folga* da sua freguezia, começa

ram a ouvir uns estrondos semelhantes a peças de artilheria, os quaes se repetiam amiudadas vezes.

A casa da folga era ao rez do chão e para álem do caminho defrontava com alterozo muro que lhe roubava a vista do mar. Movido, porem, de curiosidade, um dos companheiros trepou ao tal muro, para do cume do mesmo ver o que se passava, julgando que fosse algum navio que andava perto da costa a atirar tiros de canhão.

Apenas, porem, chegado ao improvisado observatorio, o rapaz picoense começou, transido de medo, a chamar em altos gritos a gente que estava no interior da casa, para que viessem ver o que acontecia, pois que a ilha de São Jorge estava a arder, sahindo dos montes jorros de fogo e arrojando aos ares grandes penedos.

Abriram, então, immediatamente, o portão de uma vinha proxima e toda a gente que estava na *folga*, homens e mulheres foram d'alli presenciar o *castigo* que estava retalhando aquella infeliz terra e convictos do perigo a que tambem os ameaçava a proximidade d'aquella desgraça, correram em seguida para a egreja, na maior agonia, a implorar a misericordia divina.

O templo da freguezia já estava apinhado de povo, sahindo pouco depois uma procissão até ao porto, d'onde, com um cruxifixo erguido nos braços do Vigario, abençoaram por tres vezes a ilha prêsa das chamas.

Todo aquelle dia e subsequente noite passou o povo nas praias, ou na egreja em ferventes preces ao Altissimo, até que no dia immediato começaram a chegar á ilha do Pico, lanchas e barcos de São Jorge, com muita gente fugida, cantando diversas e lamentosas peripecias do que na sua terra estava acontecendo, com prejuizo de vidas e fazendas.

O velho não dava mais rasão de si, isto tudo já fôra ha tantos annos . . .

Algum tempo depois d'esta breve narrativa, ainda na ilha do Pico, aconteceu-me conversar com um egresso que, extinctos os conventos, ha muito tempo alli vivia d'uma modica pensão paga pelo Estado.

Morava n'uma remota freguezia, da qual, segundo colligi, era oriundo.

Eu gostava muito d'este humilde e honrado velhinho, era homem que possuia uma tal ou qual instrucção adquirida no convento, conhecia bem musica e pedia-me constantemente livros para ler, mas que fossem alegres, pois para tristezas, dizia elle, bem me basta a saudosa recordação da minha cella e de tantos companheiros finados.

Elle tambem, coitado, estava já com os pés para a cova, mas ainda assim amigo de rir e contava por vezes algumas anedoctas um tanto frescas da sua vida conventual, ratices de frades velhos ou fragilidades dos novos.

O Frei Matheus, que assim se chamava, vivia, quando o conheci, em casa de uma *afilhada*, que o povo do logar teimava que era sua filha, a qual estava casada com um trabalhador de vinhas.

O pobre frade, de coração mais liberal talvez do que alguns dos que o haviam expulsado do seu convento, gostava dos tempos antigos pela abundancia que tinha gosado comparada com a pobreza moderna, mas, ainda assim não incriminava ninguem e, completamente inoffensivo, aguardava a morte com a completa serenidade de animo que só póde dar uma consciencia desasombrada.

Pérha de homem entrado em annos, as conversas do egresso versavam quasi sempre sobre remotos factos que havia presenciado, ou a respeito de individuos que já ninguem conhecia.

Uma vez veio a terreiro a sua idade, confessando-me que já era leigo em 1808, quando rebentou o fogo em São Jorge, aonde então se achava com licença do guardião, indo do Fayal áquella ilha visitar um parente.

Esta maneira de contar edades nas ilhas do Fayal e Pico, tomando por ponto de reconhecimento a data de semelhante erupção vulcanica é muito trivial, principalmente entre a gente do povo e milhares de vezes temos ouvido: — eu nasci dez, vinte ou trinta annos depois do fogo de São Jorge.

— Então, — ousei perguntar — o Sr. Frei Matheus deve lembrar-se muito bem d'esses acontecimentos.

— A memoria, a dizer a verdade, já não me ajuda muito e conheço que vou tendo por vezes os meus esquecimentos, mas ainda assim e apesar de n'aquelle tempo ser muito novo, apanhei tal susto que me hade lembrar até á morte

— Dias d'afflicção, hein?

— Olé! . . e das grandes. Foi no 1.º dia de Maio, no domingo do Bom Pastor, que rebentou o fogo, mas já havia uma semana que amiudados tremores de terra sobresaltavam o povo d'aquella ilha e tão violentos, por vezes que, mesmo alta noite, muita gente se levantava das camas, sahindo para o caminho, com mêdo que a casa desabasse.

No dia, porem, a que me refiro um singular prenuncio veio ainda mais alvoroçar os já tão aprehensivos animos dos jorgenses, sendo que das immediações da populosa freguezia da Urzelina o gado corria em debandada na direcção do norte da ilha, rebentando as cordas a que estava prêzo, saltando vallados e, como louco, atravessando em celere fuga as ruas da povoação, derrubando na sua passagem quanto encontrava.

Um inexplicavel terror havia-se apossado dos irracionaes e quem aquella occorrencia presenciava, tocado de identicos sentimentos, fugia tambem, instinctivamente na mesma direcção.

Eu, meu tio e a sua familia, seguimos por aquelles campos fóra

a maioria dos nossos visinhos, implorando a misericordia de Deus e sem sabermos se estava chegada a nossa derradeira hora.

Proximo do meio dia a terra oscillou mais do que nunca, com medonho e sons estampido e d'um dos mais altos sêrros da Urzellina, diversas columnas de fogo, eguaes no bramir a caudelosa ribeira, se arrojavam a grande altura, espalhando no espaço pesadas e ameaçadoras nuvens de negra côr, todas crivadas de pontos luminosos, como se fossem bordadas de estrellas vermelhas, nuvens estas que alastrando-se por sobre quasi toda a ilha, mas empanava-se a sempre decrescente claridade do dia, volvido quasi em tenue crepusculo.

— Que magestoso espectaculo isso devia ser!

— Não sei se era magestoso, que o mêdo não dava logar a observações d'esse genero, o que todos nós, porem, julgámos era que havia chegado o dia de juizo.

A terra estava palpitante e de instante a instante, como ferida d'um ataque epileptico, n'uma mais forte convulsão arrojava do seu seio maiores volumes de fogo, uma espuma de cor de sangue refervia nos labios e pelas encostas da cratera, e dobravam pelos ares enormes pedaços de rochas e brazas de diversos tamanhos, que depois cahiam ora n'um ora n'outro sitio d'aquellas immediações.

A bulha que então ouviamos semelhava a do mar quando furioso e com maré de enchente investe contra a costa, ou então á vasante de uma ribeira, quando vae muito engrossada e que cae subitamente d'uma quebrada da serra.

E a par d'isto a chuva de cinzas, a escaldar, que cahia n'uma grande área, tanto mais que o vento então calmo não a saccudia, como depois, n'uma determinada direcção, não era de somenos perigo para toda a gente que das proximidades da cratera, apressadamente fugia. Esta cinza era finissima, difficultando a respiração, depositando-se nas folhas das arvores e dos arbustos, as quaes resequidas em breve pendiam para á terra, agglomerando-se egualmente nos telhados das cazas a ponto de por vezes as abater, e convertendo os verdejantes campos n'um solo quente e encommodo, como se quem o trilhava marchasse atravez d'um inclemente areal africano, na maior força do calor.

— E não houveram então victimas?

— Desgraçadamente assim aconteceu. Nós andavamos perdidos no meio d'aquella terrivel poeira, como no alto mar qualquer navio envolvido em fechado nevoeiro, ouviam-se gritos d'afflicção sem que soubessemos d'onde partiam, preces e imprecações proferidas não se sabia por quem . . . Em summa, eu posso afiançar ao meu amigo, que já presenceei algumas horas do inferno.

— E quem foi o anjo Gabriel que d'alli o tirou, Frei Matheus?

— Sempre acreditei que foi Deus que, por milagre, ainda me quiz conservar a existencia. O acaso conduzio-nos sempre na direcção do

norte, umas vezes cahindo nas depressões do terreno, outras atulhados em cinza até quasi aos joelhos, fatigados, offegantes e banhados em suor.

Afinal sahimos d'aquella atmosphera soturna, horrivel, e olhando para traz vimos que envolvia parte da serra, exactamente como a *arrumação* da tarde quando, ao sol posto, poisa sobre a crista das montanhas.

A reverberação do fogo espelhava-se já no mar, emprestando a todos os objectos, até alli descer, o mais phantastico aspecto.

Respirámos a plenos pulmões o ar mais leve que n'aquella distancia se encontrava, com a sofreguidão que um exausto caminheiro, a morrer de sêde, sorve algumas gottas d'agua.

— Tristes scenas, Fr. Matheus, todos os habitantes d'estas ilhas mais ou menos, tem tido dias atribulados devidos ao vulcanismo açoriano, mas esse lance foi, na realidade, dos mais terriveis.

Terrivel e duradouro — continuou o egresso — basta dizer ao Sr. que o dorso da ilha de São Jorge ficou, na maior parte retalhado de crateras, furnas e fendas fumegantes, rebentando successivamente novas boccas do vulcão nos dias dois, tres, quatro e onze do mesmo mez de Maio, e isto em diversos sitios, bem como no dia vinte e tres repetindo-se com egual furia uma nova explosão nos sêrros da Urzelina, durando a grande actividade das crateras até 10 de Junho seguinte.

— Mas então as caudaes de fogo que, necessariamente, corriam até ao mar deviam occasionar grandes devastações?

— Assim foi, muitos moios de terra de semeadura ficaram de todo requeimados e improductivos, a lava havia formado cinco grandes ribeiras que se despenhavam em chammas, desde o cume da ilha até ao mar, cujas agoas não tinham o poder de apagar esse incendio senão depois de se estender a grande distancia da sua superficie . . . aquillo tem muita força, não morre assim.

— E a que distancia entrava a lava pelo mar adiante?

— Não saberei dizer com exactidão, mas o Sr. hade ter visto muitas vezes quando vem do matto uma ribeira estender as suas turbidas agoas por sobre o mar sem que se confundam alli facilmente, como a gente conhece pela differença da côr, pois era a mesma coisa, mas em ponto maior, estavamos no meio d'um pavoroso incendio, por toda a parte viamos o fogo, e tanto de dia, como de noite era aquella a illuminação que havia, o peior, porem, não foi ainda isso . . .

— O que houve mais, diga?!

— As *nuvens ardentes*, que essas é que mataram muita gente e maior destroço causaram nos gados e nas propriedades. Eu não sei explicar bem semelhante *castigo*, nem mesmo julgo que os homens da sciencia possam indicar proficientemente a causa de semelhante phenomeno. Quando estava para se formar uma das taes nuvens, a boc-

ca da cratera por aonde ella ia surgir quedava-se alguns momentos de vomitar labaredas e depois lá apparecia no cimo da serra, nos labios mesmo da cratera, como uma bola escura, que começava a dobrar n'aquelle sitio, indo-se gradualmente avolumando, até tomar gigantescas proporções, formando afinal um globo immenso, todo negro e com uns reflexos avermelhados. Começava então a sua descida pelas vertentes da ilha, isto com incrivel rapidez e girando sempre sobre si mesma, ouvindo-se os agudos silvos que produzia na rapida translação, como uma enorme bala de artilheria que rompesse os ares. Os terrenos por onde passavam as *nuvens ardentes*, como chamavam a este phenomeno, ficavam estereis e revolvidos como se tivessem levado uma profunda cava e a nuvem derrubava, no seu transito, as arvores, arrazava as cazas e a quem estava nas suas proximidades, faltava o ar e immediatamente morria asfixiado. Fulminava como um raio.

E, direi mais ainda, que o trilho por onde havia seguido a nuvem, alem de requeimado, ficava tambem coberto de uma espessa camada de lavas, um palmo alagado e escorregadio, no qual podiamos mergulhar qualquer objecto.

A *nuvem ardente* rolava, invariavelmente até ao mar aonde se ia desfazer, ou rebentar, levantando fortissima agitação nas agoas. Foi esta a causa dos maiores destroços e mortes que houveram, tanto mais que era completamente desconhecida semelhante occorrencia. Só a primeira *nuvem ardente* que se despenhou da serra roubou a existencia a mais de trinta pessoas, não contando as muitas outras que se lhe succederam.

— E Fr. Matheus estava por alli proximo?

— Sim Sr., apesar da familia de meu tio haver buscado guarida na Villa das Véllas, por mais affastada, e a qual estava apinhada de povo que dormia nas ruas, ou nos adros das egrejas, eu, com a curiosidade de rapaz, andava com outros da minha edade ora n'um ora n'outro sitio e pouco escapou que não vissemos de todas as desgraças que então succederam.

Aquillo era um tal fugir de gente para as ilhas do Fayal e do Pico!

— E seu tio ficou em São Jorge?

— Elle tambem queria fugir, mas é que não haviam lanchas e barcos para todos, os marinheiros ganharam n'essa occasião muito dinheiro, pedindo carissimo pelos fretes e até vieram embarcações das ilhas mais proximas. Só o que não lhes daria o Ouvidor e o Juiz de fora, para se verem livres d'aquella raseada.

— Ah! . . o Ouvidor ecclesiastico fugio mais o Juiz?! . .

— Tão mal avisados acha o Sr. que elles andaram, para fazer essa admiração?

— E' que me parece que deviam permanecer no seu posto, um como padre, para prestar os valiosos serviços espirituaes, e o outro

para evitar os roubos e desordens que sempre, é sabido, occorreu em identicas occasiões, pois que ha gente capaz de tudo.

— Assim será, mas olhe que é facto que elles foram dos primeiros a abalar, até por signal o Ouvidor foi para o Fayal, o Juiz de fóra é que não me lembro bem para onde . . .

— E todos os Padres fizeram o mesmo abandonaram os seus rebanhos?

— Não Sr., e isto seja dito em honra do clero açoriano, houveram até exemplos da maior dedicação e valor d'animo, muitos sacerdotes vi eu, por entre as chamas, meios queimados e negros das cinzas, mas de crucifixo em punho, confortando os agonisantes, ou soccorrendo os feridos, as procissões cruzavam-se em todas as direcções e os templos estavam sempre abertos e cheios de povo.

— Louvor a quem soube, dignamente, cumprir o seu dever.

— Olhe, a valentia do vigario da Urzelina, n'este conflicto, foi admiravel, aquelle padre, apesar da proximidade do vulcão, nunca se arredou da porta da sua egreja, como um fiel soldado nunca desempara o seu posto. N'um d'esses dias uma das taes *nuvens ardentes* matou á sua vista muita gente e era tamanha que tornou em completa escuridade aquelle sitio, como se fosse alta noite. O Vigario julgou que não podia sobreviver e que estava chegada a sua derradeira hora e revestindo-se dos seus melhores trajes sacerdotaes, dirigio-se ao altar mór da sua egreja, accendeu todos os cirios do Sacrario e commungou reverentemente, para consumir a hostia, obviando assim a que lhe podesse tocar a immunda lava. Pois bem, a nuvem passou a bramir, n'um redemoinho espantoso, e respeitou aquelle ministro de Deus. Este caso deu muito que fallar!

— O verdadeiro espirito religioso tem, em todas as epochas, apresentado os mais admiraveis exemplos de valor e abnegação. Os homens, como esse de que trata, tem jus á veneração dos vindouros.

— Pouco mais tenho a acrescentar a esta narrativa, que já vae longa, o Sr. metteu-se de conversa com um velho e estes, é proverbial, são sempre importunos, em tratando de coisas do seu tempo.

— Ao contrario, fico-lhe muito grato por semelhantes informações, é possivel que um dia as escreva n'uns apontamentos que ando colligindo.

— Seriam muito defficientes, bem vê que não tenho a intelligencia necessaria para lhe poder dizer coisas bem ditas, conto apenas singelamente o que vi.

— E com isso me satisfaço. Responda-me apenas a mais uma pergunta Fr. Matheus, esse anomalo estado da ilha ainda se conservou por muito tempo?

— A lava foi decahindo gradualmente de furia, já não sahia em borbotões das crateras e as ribeiras de fogo que corriam para o mar tambem successivamente se extinguiram. Por muitos mezes, porem, pes-

soa alguma podia transitar pelos cumes da ilha, pois alem de profundas furnas, haviam occasionaes derrubamentos de terreno e fendas no solo, sempre fumegante, que expelliam venenosos vapores, com muito cheiro a enxofre.

Isto durou assim muito tempo, annos até.

Lembro-me de ouvir contar, dois annos depois da erupção e estando eu já no Fayal, que a uns pobres trabalhadores que tinham ido limpar um poço da beira mar, ao mecher no lôdo, do mesmo, levantou-se uma lufada de vapor, identico ao do cimo da montanha, que logo os matou. Eram, ao que parece, ainda vestigios do vulcão.

— Com certeza. E não houve quem tomasse apontamentos de todos esses factos?

— Acredito que sim. São Jorge foi sempre uma ilha que tem contado pessoas muito dadas ao estudo e alguns até bastante notaveis. O dr. João Teixeira Soares, por exemplo, ainda que nascido depois d'esses acontecimentos hade saber muito bem de tudo isto, que é homem muito instruido.

— E uma das glorias açorianas, acredite: — o seu nome ficará para sempre vinculado a este archipelago, como o de um dos seus mais prestantes filhos.

— Conheci-o muito novo, quando já viera de Coimbra . . .

— Hoje está um velho e passando uma vida quasi de cenobita; entre os seus livros que são os seus mais dilectos companheiros.

A este tempo entrou em casa o marido da afilhada de Fr. Matheus, vinha do matto, cançado d'um dia inteiro de fadigas.

A mulher, na cosinha, fazia-lhe a ceia e eu tornava-me talvez importuno alli.

Despedi-me, pois d'aquella bôa gente e retirei-me.

Pobre Fr. Matheus! . . ao tempo que estou escrevendo estas linhas já de ha muito que dormes socegado n'uma sepultura da humilde aldeia do Pico, aonde residias e bem assim toda a imprensa açoriana tambem registou nos mais sentidos termos o passamento do erudito dr. João Teixeira Soares, um dos homens que mais porfiadamente estudou tudo o que dizia respeito á sua patria.

Nos importantes documentos, relativos ao archipelago açoriano que consta haver deixado este illustrado homem de letras, é que muito naturalmente deve existir minuciosa descripção concernente ao tremendo cataclysmo occorrido em São Jorge em Maio de 1808.

Sirva esta indicação de aviso aos futuros escriptores, da, ainda virgem, historia açoriana, em data mais recente do que a do Dr. Fructuoso, ou das phantasias do Padre Cordeiro.

---*---

XIII

# O CABOZ

## (Ilha do Pico)

Quando conheci o Caboz, como na freguezia era denominado, teria elle uns setenta annos de edade. Era um velho magro, de olhos vivos como os de furão e vivendo sosinho, á beira da costa, n'uma pequena caza coberta de palha.

O interior d'esta moradia rivalisava com o seu desguarnecido exterior, terreo, defumado, negro. A um canto uma encherga, a casa sem divisão alguma, o lar lá no fundo, uma pequena caixa de madeira, um caldeirão e algumas pucaras de barro e mais nada a não ser varios caniços, de differentes dimensões, atravessados sobre as tres traves que sustinham o tecto.

O Caboz toda a sua vida fora maritimo.

Começara aos nove annos a trabalhar, como moço n'um dos barcos que, diariamente, da ilha do Pico vem á do Fayal, com passageiros, lenha e fructa, lavava então o barco, deitava com o bartidoro a agua fóra da caverna e ficava de vigia a bordo, quando a companha ia para terra.

Com o decorrer do tempo cruzou assim o canal centos e centos de vezes, já sabia *mandar*, nem alli o vento ou maré tinham segredos para elle, bastava olhar para as aguas para lhe conhecer a feição.

Aconteceu tambem ser um dos marinheiros do barco «Santa Clara» n'aquella perigosa viagem em que vindo do Pico não poude tomar a ilha do Fayal e foi por esses canaes abaixo, varando São Jorge, até dar comsigo na Terceira.

O barco estava carregado com pipas cheias de vinho, andou duas noites e um dia á mercê das vagas, debaixo de medonha tempestade, morreu muita gente a bordo, outros ficaram com os braços e pernas despedaçadas, pelo choque das deslocadas pipas, mas o Caboz escapou incolume e alli estava são que nem um pêro.

Aos vinte annos casou com a filha de um outro marinheiro, offerecendo-lhe o sogro, por esta occasião, uma velha e pequena lancha que possuia.

Estava realisado o seu maior sonho de grandeza, ter afinal uma embarcação.

Deixou então o barco em que ha tantos annos andava, para se tornar n'um pescador, de cujo mister já tinha praticá nas suas horas vagas.

Na lancha que o sogro lhe dera percorreu toda a fronteira, volta-

da a oeste, da grande ilha do Pico. Conhecia todas as baixas, todas as pedras, furnas e enseadas d'aquella muito perigosa, negra e traiçoeira costa.

O producto da pesca na sua embarcação, em que andava geralmente sosinho, ou com algum rapaz de tenra edade, rendia-lhe apenas o necessario para ir vivendo mais a mulher.

N'um inverno, porem, sobreveio-lhe uma verdadeira desgraça.

Tendo ido ao mar, o tempo perto da noite, atracou-o ao largo e vinha com duas pedras na mão.

Pôz o rapaz á escôta e elle ia ao leme, galgando com assombrosa mestria as grandes montanhas d'agua que de momento a momento mais soberbas se levantavam.

Quando chegaram ao porto era já noite cerrada e desde muito fóra o mar rebentava, não se enchergando mais do que um immenso lençol de escuma em toda a rude costa.

A manobra foi bem feita, disseram-n'o depois todos os entendidos do mar, atrevida, quasi temeraria, a lancha enfiou-se valentemente pelo estreito porto dentro, todo orlado de cachopos, nos quaes o mar rebentava com o estampido dos mais ruidosos canhões, mas era tal o embate desencontrado das vagas dentro d'aquella enseada, que a embarcação desobedecendo um instante ao leme, desviou-se da carreira direita que levava e roçou o fundo por cima d'uma pedra. Ainda assim a lancha conseguio chegar á praia, mas cheia d'agua e com um immenso rasgão no bojo, uma verdadeira navalhada na barriga.

Foi varada no cascalho e por aquelles dias não sahio mais ao mar, aguardando o necessario concêrto, o panno conheceu-se que tambem ficára estragado e o mastro rendido.

Que dinheirão seria preciso para reparar aquillo tudo!

Assim foram decorrendo mezes, o Caboz á espera de dinheiro para concertar a lancha e indo pescar de caniço ás pedras para aguentar o folego, mais da sua companheira.

A pesca dos sargos é a mais lucrativa das pescarias de pedra, especialmente durante o inverno em que todo o outro peixe foge da rebentação.

Mas o sargo velho, o maior, é muito matreiro e durante o dia raras vezes morde no anzol, anda em redor do mesmo, cheira, afasta-se, volta, torna a cheirar e . . . desapparece pelo mar fóra, levando as pragas dos pescadores.

De noite, porem, e em sitio de rebentação e d'aguas turvas o caso muda muito de aspecto e deixa-se apanhar abundosamente.

O Caboz e a mulher iam, pois, á pesca de noite, não havendo tempo que os detivesse e, conforme a maré, ás onze, meia noite e até mais tarde.

Conheciam os mais remotos e arriscados pesqueiros.

Uma noite, escurissima, iam pescar para a pedra do Inferno. An

tes de chegar áquelle tenebroso sitio, que se projectava muito pelo mar adiante, tinham o Caboz e a mulher de saltar de pedra em pedra, algumas todas circumdadas de mar profundo e aonde a resaca trabalhava furiosa.

O pescador caminhava adiante, de cêsta com o engôdo no braço e com dois canniços ao hombro.

Não se via dois palmos adiante da cara: e o mar, rebentando nas pedras, rugia estrondosamente.

— Dá cá o rèsto, — disse em voz alta a mulher, quando se achava a meia distancia do pesqueiro e com refervente mar d'um e outro lado.

— O rèsto, para que? — perguntou o Caboz.

— E' que isto aqui é fundo, as pedras tem muito limo e podes dar algum escorregão . . .

— Toma sentido em ti e deixa-me cá, não conheces a costa mais *melhor* do que eu.

— Pois sim, mas é que . . .

A bulha do mar não deixou perceber o resto e o Caboz continuou na sua derrota.

Afinal saltou para a ultima pedra, voltou-se para traz e disse:

— Agora aqui é que é preciso cantella, o mar é fundo e rebenta que nem n'um *respingadouro*. O' Maria, anda d'ahi, onde diabo estás?! . .

Ninguem lhe respondeu, nem podia responder, o mar ja ha pedaço que lhe havia levado a mulher, ao saltar de uma para outra rocha, das quaes havia medido mal a distancia, e os gritos da afogada tinham sido abafados pelo rebentar da vaga.

O Caboz fez todas as diligencias possiveis, para, viva ou morta, encontrar a mulher, andou toda a noite na costa e invectivava o mar, como se este fosse uma creatura vivente:

— Então, você, Sr. patife, não me quer entregar a Maria, hem? Ah! pedaço de mariola! . . Puf . . . — e cuspia nas ondas. — Da cá para aqui a minha mulher, anda . . . Ah! não queres, espera lá — e pegando n'uns calhaos arrojava-os ás vagas — enraivece, enraivece para ahi, diabo!

E de facto a escuma da rebentação cobria-o todo e d'outras vezes agarrado a alguma pedra ficava com agua até ao peito.

Amanheceu afinal e o mar jamais lhe entregou a sua Maria.

O tempo foi decorrendo — passou um, dois, tres mezes, e o Caboz afinal resignou-se com a sua sorte.

Do concerto da lancha era coisa de que nem já se tratava, estava cahida á banda no cascalho, sem algumas taboas no fundo e os gaiatos iam para dentro da mesma fingir um navio que tinha dado á costa.

O Caboz, continuou por muitos annos, a ser pescador de pedra e do mar tirava, exclusivamente, a sua parca alimentação.

Envelheceu n'aquelle mister.

Uma vez, porem, foi em Fevereiro, na força do inverno, o mar deparou-se durante uns oito dias tão mau que não havia pesca possivel, a vaga do norte lavava toda a costa, enormes vagas rebentavam ainda muito fora, arrojando-se furiosas contra os rochedos, enfiando-se pelo porto acima, indo derrubar paredes dos predios mais proximos do mar, levando os portões d'estas propriedades.

Os barcos não sairam n'esses dias, para a sua habitual carreira entre o Pico e o Fayal e as companhas tinham-os ido varar a grande distancia da costa. Parecia que o Oceano queria devorar a terra!

O Caboz passou, então, fome.

N'essa difficil conjunctura lembrou-se que por vezes do melhor peixe que na costa apanhava, tinha feito presente ao Sr. Vigario, ora, como no dizer popular, uma mão lava a cara e duas lavam o rosto, não era de estranhar ir até a casa do padre e pedir-lhe alguma coisa para comer.

O sacerdote havia acabado de jantar, estava farto e de rubra côr.

— Ora Deus esteja com o nosso padre vigario — disse-lhe o Caboz, de barrete na mão e sem transpor a porta da entrada.

— Adeus, velhote, então que temos de novo?

— E' que saiba V. S.ª, o mar tem estado levado de seis centos...

— Bem sei, homem, bem sei e por signal que me faz bastante falta um peixinho para o jantar, já estou farto de carne . . . urh . . . carne assada . . . carne cosida . . . carne de molho . . . urh . . .

— Isto hade melhorar se Deus quizer . . . em o vento saltando ao sul temos bonança na costa.

— Mas então vamos a saber que é isso? . . tu por aqui . . .

— E' que, acredite V. S.ª, que isto tem sido uns dias maldictos, nem um sarguinho, nem nada.

— O tempo ha de melhorar, como dizes, em o vento saltando...

— Pois sim senhor, ninguem duvida, mas é que no *entrementes* a bocca não espera e a gente passa fome a valer.

— E' o que eu te disse, já estou aborrecido de carne . . . sempre carne . . .

— Mas o Sr. Vigario ainda a tem, mas cá a *povrêsa* é differente.

— Annos maus, é verdade.

— Ora como eu, desde hontem, que não tenho nada que comer, vinha pedir uma esmola ao nosso vigario, qualquer coisa me arranja...

— O' filho da minha alma, tu bem sabes que as esmolas, que eu posso fazer são as espirituaes. . . sim . . . confia na Providencia . . . eu esta noite pedirei a Nosso Senhor que abrande o mar.

— O' Sr. padre apenas umas batatas, d'aquellas que estava hontem tirando do cerrado.

— Escuta, homem, tu bem sabes que aquillo era um terreno todo de lava, que eu mandei despedaçar a alvião e marrêta, para ir pro

curar debaixo a boa terra, aquellas batatas estão-me por um dinheirão e reservo-as todas para semente, bem ves que é impossivel dispôr d'ellas de qualquer maneira.

— Meia duzia que fossem arranjavam-me por hoje . . .

— O' filho da minha alma, esmolas espirituaes faço eu sempre, mas não posso ir alem d'isso, os tempos vão muito maus e todos nós temos necessidades.

— Mas então o Sr. padre quer que eu arrebente de fome?

— Qual fome, nem meia fome . . . vae para a costa que sempre hasde arranjar alguma coisa, eu cá ficarei resando por ti.

E o padre despedio o pescador.

O Caboz foi d'alli procurar o tabarneiro do logar que, mais compassivo do que o vigario, lhe fiou meio pão de milho e dez reis de queijo.

A marezia continuava soberba e na subsequente noite tomou proporções de uma verdadeira orgia oceanica.

A casa do Caboz adjunta aos rochedos da beira mar, por vezes ficava toda cercada d'agua, cahindo-lhe em cima nuvens de escuma, qual pesada chuva.

— Olha o que vae fóra! . . dizia o pescador, estendido na sua encherga — o *menino* está hoje atrevido . . . passa mariola! . . se não fosse por que, ia-lhe ver o cariz . . . Não me esqueço o padre . . . tanto sargo me tem comido e não me deu nem uma fatia de pão! . .

Este monologo foi interrompido por um empuchão tão forte do mar contra as paredes da casa, que parecia que a pequena habitação ia baquear por terra. — Passa! . . está com o diabo no corpo . . . ora eu sempre quero ver isto . . . — e o Caboz levantando-se foi botar a cabeça a um postigo do lado do mar.

A noite não estava muito escura e até o ceu estrellado, mas quanto a vista alcançava era uma esteira de revolta escuma, por cima dos rochedos da costa

— Olé! . . temos novidade . . . que almanjarra será aquella?! .

O pescador via, perto da costa, um grande volume negro e mais acima como os pannos de uma embarcação.

E' um navio, não tem que ver . . . a maré ensacou-o contra a pedra e agora lá se vae com seis centos . . .

Effectivamente aquelle peculiar som do baquear d'um navio contra as rochas, chegou-lhe distinctamente aos ouvidos e de envolta com o bramir do mar alguns esforços e afflígidos gritos.

— Não escapa nem um rato! . . — exclamou o Caboz, e como as casas da povoação ficavam d'alli distante e fosse elle o unico morador da costa, lançou, apressadamente mão de um cabo da pesca, espólio ainda da lancha e correu em seguida, para a beira do mar.

E de facto, era um navio, uma barca, que mettendo-se de noite a atravessar o canal, a maré puchara para junto da costa do Pico e

que *mentindo* ao virar de bordo se achava agora irremessivelmente perdida.

A barca rolava muito com a arrebentação das enormes vagas, que toda a cobriam de escuma, deitava-se quasi a tocar com os mastros n'agua, ora para um ora para o outro lado, cahiam-lhe já do arvoredo alguns paus, até que afinal ficou algum tempo prêsa em pontas de pedra mais prefarantes.

O mar achando aquelle obstaculo galgava-lhe furioso o casco todo e os gritos da tripulação continuavam medonhos.

O Caboz, unico espectador d'aquella triste, mas não rara scena n'estas paragens, contemplava ancioso a perda do navio.

— E' o que eu disse, não escapa alli nem um rato! . . que te levem seis centos . . . se houvesse um cabo de vae-vem . . . passa mariola! . . não me importa, vou ter o fim da minha mulher, mas heide experimentar se salvo um ao menos que seja . . . anda Caboz! . .

E o velho benzendo-se, como por despedida da vida e mettendo-se por entre os cachopos, conseguio atar uma das extremidades da comprida linha de pesca á ponta saliente de um rochedo e a outra extremidade á sua cintura, depois, em quanto pode trepou por cima das pedras, até que afinal arrojou-se ao mar, nadando denodadamente na direcção do navio, em lucta titanica com o Oceano.

Por um acaso providencial o mar atirara agora com a embarcação mais para dentro uma boa porção de metros e quando a aterrorisada companha, julgando-se completamente ao desamparo, tinha perdido toda a força moral, de repente surgio-lhe pelo castello de proa aquelle homem, coberto de sangue, mas com um cabo de salvação.

As lanternas de bordo illuminaram um verdadeiro heroe.

Não havia tempo para delongas, o navio podia-se abrir d'um momento para o outro, o Caboz não se entendia com a linguagem d'aquella gente, mas ainda assim, pondo-se immediatamente em acção de trabalho, reanimou a tripulação que, desde logo, valendo-se da corda prêsa em terra, começou a estabelecer um apparelho para se livrar d'aquella rascada.

O casco alteroso da barca permittia, por meio da corda, uma relativamente facil descida para a costa, o velho marinheiro foi o primeiro a ir pelo cabo e dentro de meia hora, á força de muito trabalho e com a brevidade de uma questão de vida ou de morte, estavam salvos doze homens e um cão, isto é, todos os seres vivos que trazia o navio.

N'esta difficil tarefa o Caboz havia arriscado a vida innumeras vezes.

O navio era inglez e como se somente esperasse a salvação do ultimo dos seus tripulantes, momentos depois desfazia-se em hastilhas.

A não ser o Caboz, como não é raro acontecer nas costas insulanas, apenas alguns pedaços de madeira, de meia duzia de palmos de

comprimento revelariam na madrugada seguinte, ter havido por aquelles sitios um sinistro maritimo.

Quantos e quantos naufragios n'estas circumstancias não tem aqui occorrido?

O pescador entendeu desde logo, assim que viu a tripulação salva, já sobre a madrugada, que o mais necessario era reanimar aquella pobre gente, dando-lhe alimento e boa agua ardente para beber.

Gritou-lhe, pois, fazendo com a mão o aceno de comer: — Hotel, hotel! . .

E caminhou com elles, pelo caminho acima, na direcção da casa do padre Vigario.

Quando chegou alli, reinava na habitação do ministro do altar o mais profundo silencio, sua reverendissima dormia a somno solto.

O Caboz fez os inglezes subir o balcão da casa, e com uma pedra bateu fortemente á porta da entrada.

Ninguem lhe respondeu.

Segundou as pancadas, mas com tão estranha força que, momentos depois via-se luz por dentro de uma janella, sentindo-se passos no interior da pacifica habitação.

O pescador alinhou os naufragos á porta do padre, collocando-se atraz de todos para não ser visto.

— Quem é que está ahi?! — perguntaram de dentro.

— Gente de paz — respondeu o velho, disfarçando a voz.

Afinal o ferrolho da porta correu, uma greta da mesma abriu-se, vendo-se uma mulher d'uns vinte e cinco annos de edade, com uma vela acesa na mão e que perguntou ainda, azedamente, para fóra:

— Quem é que se quererá confessar a semelhantes horas?!

O Caboz empurrou então os inglezes para o interior da casa, onde foram entrando com a sem ceremonia de quem transpõe a porta d'uma hospedaria e precedidos do enorme cão da Terra Nova.

A senhora ama gritava a bom gritar julgando que eram ladrões, e o padre attonito, em ceroulas, appareceu á porta do fundo, com um immenso barrete, enterrado até ás orelhas.

O pescador, descendo então, sorrateiramente o balcão, saltou para o caminho, deitando a correr na direcção da sua moradia.

D'ahi a uma hora estava mettido na cama, pensando n'aquelle acontecimento e sem prestar a minima attenção ao heroico feito que praticára, arriscando a vida para salvar a dos seus semelhantes, murmurava com malicioso sorriso:

— Esta foi bem armada! . . e então nem que fosse de proposito, são tudo inglezes . . . Lá se vão com a breca as batatas do vigario! . .

# XIV

## O PADRE JERONIMO EMILIANO D'ANDRADE

O Snr. D. Antonio da Costa, um dos nossos primeiros escriptores nacionaes, n'um dos capitulos do seu notavel livro «Auroras da Instrucção», referindo-se a Antonio Feleciano de Castilho, o poeta cego, a quem tanto deveu Portugal, no que diz respeito ao publico ensinamento escreveu o seguinte periodo:

«Respeitando o classico, o erudito, o corajoso, que só deixou cahir da mão a enxada das letras no momento em que a morte lhe cortou a existencia, aqui só o tomámos como o iniciador apostolo, entre nós, da revolução que o seculo XIX operou na educação publica»

Com egual propriedade poderiam estas palavras ser applicadas ao homem benemerito cujo nome encima este capitulo, uma das mais solidas glorias açorianas, que ao seu aturado estudo deveu exclusivamente o proeminente logar a que na sua patria chegou, consumindo a preciosa existencia no cultivo das letras, assim como em tornar mais faceis, mais atrahentes, mais comprehensiveis os pesados methodos de ensino que semelhantes ao rochedo de Sysipho esmagavam, mais do que davam vida, a quem lhes mettia hombros quando não eram abandonados, com tedio, a meio caminho.

Devotar uma vida inteira a este improbo trabalho, n'este paiz pessimamente remunerado, excede quasi as forças humanas, quando a consciencia d'um piedoso dever a cumprir não venha alentar os obreiros do bem, por quanto a lucta tem de ser tremenda e quasi sempre ignorada e o premio das fadigas diarias, de tanta dedicação e amor de tanto estudo e observação, o esquecimento, ou porventura o desprezo.

E geralmente acontece que esses homens que de coração se entregam ao cultivo das letras, a estudar o meio de com maior facilidade levantar o nivel intellectual dos seus concidadãos, occupados inteiramente n'este mister e alheiados quasi sempre da turbida corrente da politica, vivem isolados e humildes, ao passo que os rasteiros membros d'uma ou outra facção partidaria, são por vezes inconscientemente erguidos ás summidades do poder, não devido ao merito proprio, mas sim ao arremesso da vaga que alli os elevou, por havel-os encontrado na sua passagem, sem curar dos seus precedentes ou do fim a que se propunham.

A justiça só mais tarde se faz e ás vezes até já tendo decorrido seculos, indo remecher nos sepulchros, ou fazendo surgir de obscurá campa para os esplendores da gloria, aquelles que em vida só lograram dissabores ou decepções.

E ao tempo que as nullidades que um capricho do acaso havia collocado em pedestaes que lhes não pertenciam, desappareceu cele-

res, como as sombras da noite varridas pelos raios do sol assim tambem a Historia, divindade impolluta como um juizo do Altissimo, inscreve reverente nos seus annaes o nome dos obscuros soldados do progresso que no olvido haviam fenecido, e são elles que d'esse momento em diante ennobrecem a patria, indicados como exemplo a seguir ás futuras gerações.

Não desconhecemos que n'outros paizes da Europa, por mais avançados do que Portugal, nas questões concernentes a instrucção do povo, o respeito consagrado aos benemeritos do ensino, vem encontral-os ainda em vida, decretando-lhes honras e proventos; entre nós, porem, é mais triste, e isto durará ainda por muitos annos, que encontrem por galardão a misera enxerga d'um hospital, na sua provecta idade, do que as regalias a que incontestavelmente tinham jus.

De Camões, o soberbo poeta, até ao humilde Padre Aguilar, o bemfazejo instructor dos surdos-mudos, abundam muitos exemplos do que levamos dito.

Coincidio com o inicio da revolução franceza de 1789 o nascimento a 30 de Novembro d'esse mesmo anno do erudito açoriano Jeronymo Emiliano d'Andrade, na ilha Terceira, terra fadada para nobres feitos e varões illustres, occupando peregrino estadio nos fastos da nação a que pertence, pelo valor e sapiencia de muitos dos seus filhos.

Alem d'isso as beliezas naturaes de que é dotada essa ilha, não são de somenos valia no seu esplendoroso diadéma, havendo até muito ponderosas opiniões de que a Ilha dos Amôres, tão nomeada em todo o mundo civilisado desde a publicação do sublime poema de Camões «Os Luziadas» não era outra do que essa terra visitada provavelmente pelo egregio vate, no seu regresso da India, no anno de 1569, isto pelas affinidades existentes entre a encantadora descripção de Camões e as prespectivas que apresenta aquella preciosa perola do atlantico.

A pobresa, e mais do que isso, o abandono, cercaram-o desguarnecido berço de Jeronymo Emiliano, abandono de desnaturado pae que jamais deitou uma benção áquelle innocente ser a quem dera a existencia, deixando-o espurio de protecção, tendo por unico amparo os frageis braços de sua mãe, como a fragil vergontea de enfesada arvore se encosta á mesma para resistir ao embate das tormentas.

Houve, então, um homem generoso, na verdade um ministro de Deus, que á imitação do divino Mestre, quando chamou para si as creancinhas, condoído tambem d'aquella infeliz creança, deu-lhe guarida na sua honrada habitação, abrigando-a da fome e do frio, prestando-lhe desvelos e carinhos de pae e semeando n'aquella alma, ainda em embryão, os germens do bem, que mais tarde haviam de fructificar apresentando abundante colheita.

(*Continua*).

# NOTAS AÇORIANAS

## XIV

### O PADRE JERONIMO EMILIANO D'ANDRADE (*)

Abençoada seja a sua memoria!

Era este padre o bemfasejo beneficiado José d'Andrade, do qual mais tarde adoptou o seu protegido o apellido, como a unica maneira de demonstrar condigna gratidão ao homem a quem devia tudo quanto era e que lhe dera a mão na hora em que a miseria, ou o desvalimento o havia condemnado ao soffrimento, ou quem sabe, se á morte.

O pupillo do Revd.º José d'Andrade era então uma creança fraquinha, pouco alegre e amoravel. O seu olhar profundo poisava-se sobre a fronte veneranda do seu protector, sobre os seus cabellos brancos, como a scismar na maneira de ser agradavel.

Bem cêdo adivinhou o que lhe cumpria fazer para retribuir ao seu protector, a muita amisade que lhe devia, era estudar, estudar muito.

Assim fez.

Os livros tornaram-se-lhe os companheiros de todas as horas e curvado á sua mêza d'estudo, trocava os brinquedos proprios d'aquella edade pelas canceiras da aprendisagem, e, emquanto o sol lá fora irradiava esplendido por sobre serras e valles, tentando-o a ir ingolphar-se n'aquellas arcarias de verdura, n'aquellas sorridentes alfombras, o dever prendia-o á lição que tinha a decorar, ou ao problema que lhe dera o Padre Andrade e que timbrava em que estivesse, satisfactoriamente, resolvido em breve espaço.

A' noite, ao serão, é que eram os seus triumphos.

O dono da habitação, findas as fadigas do dia deleitava-se n'aquelle tirocinio escolar com o seu pupillo, desenrolava a vasta erudição co-

(*) Continuado de pag. 192.

llida na sua aprendisagem fradesca, esforçava-se por fazer comprehender ao seu educando o que o estudo e a edade lhe fôra ensinando, que era muito, e de tal maneira se houve que aos quinze annos portuguez e latim eram para o rapasito coisas familiares, podendo dar quinaus em homens já feitos e com muitos annos de cursar aulas.

Não tinha tido, até alli, outro mestre que não fosse o Padre beneficiado e este apenas lamentava que o discipulo fosse um pouco embaraçado no fallar, defeito natural que ainda assim, não o impedia de repetir, de cór, do principio ao fim qualquer ode de Horacio, sem lhe faltar uma unica palavra. Conhecia bem aquelle terreno.

Era necessario dar uma vida ao rapaz e a mais consoante com as inclinações de Jeronimo Emiliano, com a maneira pela qual havia sido creado e porventura com os desejos do Padre Beneficiado, era a sua entrada para um convento, donde a vida ao abrigo das necessidades importunas do seculo, lhe seria mais azada ao preseguimento dos seus estudos, nos quaes, apesar de bem novo, já d'alguma maneira era notavel.

Entrou, consequentemente, para o convento da Ordem de São Francisco, não estranhando alli as praticas religiosas, que ja na sua anterior habitação lhe eram usuaes e revestindo sem tedio a estamenha conventual, considerada um valioso patrimonio para quem, desde o berço, fôra abandonado a estranhos cuidados.

Professou em breve.

Se nós nos transportarmos, em imaginação, a silenciosa cella do convento, observando, sem que sejamos presentidos aquelle pobre rapaz, n'um quarto desguarnecido, encostado a tôsca meza carregada de livros, com singelo leito a um canto, encimado por um crucifixo, isolado, longe do bulicio do mundo e n'uma posição assaz humilde, quando comparada com as diversas authoridades do convento, facilmente comprehenderemos que para um coração na primavera da vida, outros sonhos, doirados pelas aspirações ardentes da juventude, illuminados por profanos sorrisos e por festivas grinaldas de flores, deviam necessariamente, e não raro, alvoroçar o coração do joven franciscano, embora as prolongadas rezas e o ascetico rariz dos mais edosos frades protestassem, solemnemente, contra semelhantes desvarios do pensamento.

Com que saudade não veria elle, em plena primavera, quando as arvores da cerca estavam todas vestidas de luxuriante verdura e de abundosas flôres, aquelle ninho de avesinhas fabricado no emmaranhado de uns ramos mesmo defronte da sua janella!

Que ruidosa e alegre festa que alli ia, gorgeios ao amanhecer e ao cahir da noite, desvelos de todas as horas, amôres innocentes á face de um ceu sem nuvens, illuminado por prasenteiro sol!

Mas, nem para todos é a felicidade. Deus fizera á aquellas aves a esmola d'esses dias de supremo goso, d'aquellas horas de maxima

ventura e ainda que elle tambem vivia d'uma esmola, as dadivas dos homens são, sabem-no todos, muito differentes da munificencia do Altissimo, era necessario resignar-se com a sua sorte, ser grato aos seus protectores e não alimentar no peito peccaminosos pensamentos. Ainda assim aquelle ninho inquietava-o, esta é que é a verdade, e a primavera accendia-lhe na mente umas visões deslumbrantes . . .

Passados, porem, alguns mezes, tudo isso desapparecia com o outonnal cahir das folhas, o ninho estava agora deserto a giada do norte em noites desabridas dos fins de Outubro batia-lhe contra as vidraças, as noites tornavam-se longas e de todos os sonhos e encantos volvidos, só lhe restava por distracção uma estante de livros a compulsar.

Continuava a estudar.

Aconteceu-lhe em breve, no convento, o que geralmente acontece aonde existe o verdadeiro merito, apesar de novo e da sua recente entrada n'aquelle recinto, foi investido do leccionamento das aulas de latim, aonde desde logo tornou-se assaz notavel pela lucidez das suas explicações, simples e expurgadas d'aquella ferenha catadura que apesar de se tratar de uma lingua morta, matava a paciencia dos numerosos rapazes matriculados nas aulas conventuaes.

O mestre, porem, de uma aula era o discipulo de muitas outras; terminadas as horas do curso diario de que estava encarregado, descia modestamente o estrado de Professor e vinha para os bancos de outras disciplinas irmanar-se com alguns dos seus proprios discipulos.

Foi assim que, com magnifico aproveitamento, aprendeu tudo que no convento se ensinava, discipulos e collegas dos velhos leccionadores com os quaes privava e dos quaes era amigo dedicado, pois que o seu caracter franco e honrado jamais lhe sugerio na mente assomos de estolidas rivalidades, nem aquelles viam no Fr. Jeronimo mais do que um modesto amigo, respeitador dos velhos e bastante paciente com as suas, não raras impertinencias.

E diga-se aqui de passagem em honra das instituições monasticas, por vezes tanto denegridas até no que tinham de bom, que a idéa democratica no interior d'aquellas populosas cazas foi sempre devidamente acatada, deixando o campo aberto para todas as aptidões se desenvolverem e subir até aos mais proeminentes cargos das diversas ordens.

As distincções nobiliarias do seculo morriam ao neophyto transpor a pesada porta de carvalho do monasterio, a uniformidade dos habitos não revelava as distincções sociaes, assim como nos seus arruados cemiterios eguaes eram as campas para todos.

Enfiemos, porem, esta breve narrativa.

Dos augmentos de Jeronimo Emiliano d'Andrade quem estava realmente encantado era o seu antecedente protector, o honrado Padre beneficiado José d'Andrade, vangloriando-se na sua obra e tomando

como para si proprio os louvores que o seu *rapaz* recebia no convento.

Santo e respeitavel caracter! . .

A edade e os achaques treviaes no inverno da vida prendiam-no em casa muitas vezes, apoquentado e aborrecido pareciam-lhe eternos aquelles dias, mas sabido era que em tendo aviso do seu estado e correndo a visital-o o seu dilecto franciscano, o bom velho tornava-se outro homem, alegrava-se, ficava espansivo, contava anedoctas e com inoffensivas facecias commentava a chronica das hodiernas occorrencias tanto do seculo, como dos conventos da localidade.

N'estas sahidas do convento nunca esquecia ao franciscano ir beijar a mão a sua mãe, d'elle inteiramente dependente para a sua parca alimentação, mas, por mercê divina, se o filho não lhe podia assegurar, como desejava, um serto numero de commodidades, ao menos a infeliz creatura vivia ao abrigo da miseria e em honrada mediania.

Depois de umas theses que, brilhantemente, defendeu no consistorio de São Francisco e nas quaes tomaram parte, alem das summidades litterarias dos diversos conventos da ilha Terceira, diversos cavalheiros de reconhecida illustração que, por motivos politicos, se achavam deportados em Angra, foi nomeado lente substituto de philosophia, como galardão concedido ao seu reconhecido merito e exemplar modo de vida.

Ordenou-se pouco depois d'este acontecimento.

A egreja açoriana deveu exultar e vestir-se de galas com a entrada no seu gremio do novel presbytero, a par de verdadeiras notabilidades que sobremodo a tem exaltado, contava agora um levantado espirito que sem trevas se dedicava a uma das mais valiosas demonstrações da sua sublime missão — ensinar os ignorantes, mas ensinar d'uma maneira tão logica e tão lusida, que extremava completamente o professor dos systemas até então adoptados, e isto com reconhecida vantagem.

O prospero sôpro da fortuna que até aqui havia bafejado a vida do Padre Jeronymo Emiliano, começou então a ensombrar-se com os inevitaveis desgostos a que fatalmente, estão sujeitos todos os humanos seres e tanto mais profundos quanto mais sensiveis os corações que vem dilacerar.

A 14 de Janeiro de 1821 fallecia o caritativo Padre beneficiado José d'Andrade, deixando immerso na mais profunda magoa o seu protegido desde a infancia, o seu collega de então nos deveres a cumprir do seu augusto ministerio.

Em face d'aquelle cadaver que velava, repetindo as rezas que a egreja ensina n'esses dolorosos trances, embora como padre e como philosopho a fé lhe ditasse, que a *morte não é morte para o homem justo, tendo somente o nome mas não a propriedade*, ainda assim o seu coração desfalecia com a idéa da privação d'aquelle amigo dedicadissimo e inteiramente desinteressado, tanto nos dias da adversidade, co-

mo posteriormente na relativa independencia que disfructava.

Lançado ao abandono por desnaturado pae que jamais conhecera, sem aquelle homem bemfasejo que o havia chamado a si, ou teria fenecido na miseria, ou quem sabe? se resistindo a crueis privações iria engrossar as fileiras dos malvados, por quanto a fome é sempre má conselheira e quem se sente espesinhado pela desdita, desde o berço, não é raro acreditar que a fatalidade não o creou mais do que para ser um ente perdido e despresivel, até encontrar a morte n'uma masmorra ou n'uma enxovia.

A gratidão de que se achava possuido para com o seu bemfeitor exigia-lhe uma publica demonstração de profundo affecto e reconhecimento, escrevendo e publicando logo em seguida ao fallecimento do seu protector o *Elogio historico da vida do insigne sacerdote José d'Andrade.*

Este tributo de saudade e de veneração foi-lhe balsamo salutar no meio do seu angustioso penar e eram ainda as letras, as suas dilectas de todas as horas e momentos que lhe offereciam a maneira de cumprir um sagrado dever, mais perduravel do que uma corôa de perpetuas que a sua piedade o fizesse collocar na campa que tão querida lhe era.

Decorreu algum tempo.

As commoções politicas que desde 1820 até 1833 agitaram Portugal, tornando a ilha Terceira reducto valoroso dos affeiçoados ás instituições liberaes, não passaram indifferentes ao Padre Jeronimo Emiliano de Andrade, cujo credo politico foi inalteravelmente pela nova ordem de idéas que via despontar na sua patria.

N'esse periodo de crueis privações, umas vezes julgando a causa a que se dedicara quasi sacrificada ás forças inimigas, outras resurgindo tenaz quando mais infallivel parecia a sua perda, n'esse periodo, repito, de grandes abnegações e de grandes luctas, ora na ilha Terceira, em São Miguel, ou no Fayal, embora liberal convicto, verberava sempre os excessos d'onde quer que estes partissem, desejando somente o restabelecimento da ordem publica á sombra de beneficas instituições.

A cratera politica estava, porem, em plena ebulição e tinha ainda de passar por varias phases primeiro que podesse socegar.

Tão carregados estavam os horisontes na ilha Terceira em 1828 e taes odios alli se accendiam entre os dois partidos que se gladiavam, que o Padre Jeronimo Emiliano d'Andrade, no proposito de se affastar d'aquellas scenas mais violentas de dia a dia, deliberou expatriar-se para o Brazil, onde esperava encontrar a quietação adequada aos seus estudos e composições litterarias, que nos Açôres era então impossivel lograr.

O navio que o conduzia para a ilha do Fayal, para d'esta localidade proseguir no seu destino, teve de tocar na ilha Graciosa e, alli,

foram taes as instancias de alguns amigos para que se demorasse por algum tempo, que o padre Jeronimo, accedendo á sua vontade, deixou partir a embarcação, ficando ainda no archipelago.

A sua permanencia na ilha Graciosa, mais izempta dos embates politicos do que na Terceira, foi toda dedicada a estudos e lides litterarias, consoante á sua indole, e só em 1834 é que regressou á patria, já algum tanto serenada a tormenta politica, para continuar no magisterio publico, sua predilecta vocação.

Os serviços do Padre Jeronymo Emiliano d'Andrade á instrucção popular dos Açores são valiosissimos e nem conhecemos quem mais n'este ramo se lhe avantajasse, a lucidez dos compendios de que foi author, a simplicidade dos seus methodos d'ensino e o segredo de em breves palavras saber reduzir em toda a sua luz diffusas explicações, tornal-o-hiam notabilissimo nas mais cultas nações da Europa, se acaso alli tivesse tido o seu berço.

Entre nós, porem, ao mais que conseguio chegar foi a Reitor do Lyceu e Commissario dos Estudos, em Angra do Heroismo, cargo no qual falleceu, cercado do publico respeito a 11 de Dezembro de 1847, contando então 58 annos de edade.

Paz á sua alma.

Para quem conhece, por longa pratica de residencia n'estas ilhas, o atrazo em que ainda nas mesmas se encontra a instrucção popular, não pode deixar de considerar como um verdadeiro benemerito, para o archipelago açoriano, um homem, como o Padre Jeronymo Emiliano d'Andrade, que dedicou uma existencia inteira a bem dos numerosissimos famintos da instrucção.

E não se diga que a idéa de pecuniarios interesses incitava o notavel sacerdote na sua constante applicação ao estudo, no seu decidido amor ás letras.

Semelhante pretenção seria, n'estas paragens irrisoria, representando as mais das vezes a publicação de um livro qualquer, sacrificios, em vez de qualquer lucro para o seu author, embora seja de reconhecida utilidade.

O Padre Jeronymo estudou, trabalhou e escreveu muito, morreu do afinal pobre e apenas conseguindo viver . . . foi feliz, pois o que admira é com a sua propensão para as letras não ter ido afinal albergar-se n'algum hospicio á mingoa d'uma dentada de pão

Foi feliz, repetimos.

N'uma biographia do Padre Jeronymo publicada ha alguns annos pelo distincto açoriano o Sr. Antonio Gil, tão prematuramente fallecido, com grave perda para as letras açorianas, biographia que nos servio de baze para registar, ainda que muito ao correr da penna, alguns traços da vida do notavel sacerdote de que tratâmos, vem a relação das suas obras.

São estas:

*Cathecismo religioso — Compendio de moral e civilidade — Gramatica portugueza — Gramatica latina — Arithmetica — Geometria — Geographia — Historia patria, universal e philosophica — Logica — Metaphysica — Ethica — Litteratura classica — Rhetorica — Poetica — Theologia dogmatica e Moral — Topographia, ou descripção physica, civil, ecclesiastica e historica da ilha Terceira, dos Açores — Oração capitular recitada no capitulo provincial que celebraram os menores observantes da provincia de São João Evangelista.*

Alem d'estes escriptos, que tem tido diversas edições e dos quaes apenas a *Theologia dogmatica e moral* está por publicar, deixou ainda o Padre Jeronymo, por occasião do seu fallecimento, diversas producções suas, confiadas a um amigo, com a clausula de não serem publicadas, o que fielmente foi cumprido, ainda que com perda para as letras patrias.

A benefica influencia do Padre Jeronymo Emiliano d'Andrade no ensino publico dos Açores foi valiosissima e a sua morte deixou um vacuo que, até hoje, não tem sido preenchido, ou muito difficilmente será.

Mais do que leis e regulamentos entre nós tão abundosos e raras vezes cumpridos, o que necessitam estas terras açorianas é homens d'aquella tempera, para mediante o ensinamento popular as remir das tristes condições em que se acham a semelhante respeito.

A memoria d'este muito respeitavel sacerdote, occupará sempre logar distinctissimo na litteratura patria e especialmente nos annaes da historia insulana, que ainda aguarda um moderno e conspicuo escriptor.

# XV

# O POÇO DAS AZAS

## (Ilha do Fayal)

Os mattos do sitio do Chão-frio, na freguezia da Praya do Almoxarife, são formosissimos e extensos, revestidos de plantas agrestes, com bagas vermelhas e lustrosas e de grandes tractos de zimbreiros e giesteiras, e de longe em longe por alguns isolados pinheiros, domicilio dos abundosos milhafres que pairam n'aquellas solidões.

D'um lado o prolongamento da lomba da Espalamaca vae sempre alteroso e severo em busca das cumieiras da Caldeira, em quanto que na vertente da montanha, cujas ladeiras são povoadas de denso arvoredo e na planicie que se estende ao sopé da mesma, deliciosas prespectivas, de agreste mas atrahente aspecto encantam os raros visitantes d'aquelles ermos, ou algum caçador que alli foi em busca da melhor caça da ilha, em que são afamados aquelles sitios

As derradeiras casas da povoação, confinantes com a ribeira, são umas choupanas do mais humilde aspecto, d'um e outro lado da estreita passagem, separadas do resto da freguezia por um combro de terra, especie de barreira, apenas praticavel por pequena passagem, por onde só em fila pode passar o gado, ou algum camponez que conduza pequeno feixe de lenha.

Acima d'estas habitações e já em pleno matto ha um *salto* da ribeira d'onde a agua que se despenha quando esta corre, forma na parte inferior uma grande bacia d'aquelle liquido, embora diminuido na maior força do verão, mas nunca completamente secco.

E' a este deposito d'agua que se chama o «Poço das Azas» e d'alli se fornece toda a gente do sitio do Chão-frio, com excepção d'um ou outro possuidor de cisternas e isto apesar da distancia de alguns kilometros que por vezes tem de percorrer para lá chegar.

O *salto* da ribeira é alteroso, formando um semicirculo, coroado no fundo por informes penedias, por sobre as quaes passa a torrente a referver raivosa, emquanto d'um e outro lado algumas arvores e arbustos bravios e heras sylvestres revestem o resto d'aquelle local, completamente, de verdura, dando-lhe um convidativo aspecto.

Do caminho que segue ao lado da ribeira, para ir até ao Poço, é necessario descermos alguns degraos, talhados singelamente na ribanceira.

Entre a beira do deposito d'agua e as paredes de verdura do *salto*, ha um breve espaço todo vestido de relva muito verde e fôfa.

como macio tapète, e mais alem algumas pedras talhadas como rudes assentos.

N'aquelle especie de presepio ha sempre bòa sombra, e mais ou menos sempre alli se encontra gente, principalmente as raparigas do logar, na sua faina diaria de acarretar agua para os uzos domesticos.

Que idillos não se tem passado por aquelles sitios, que trovas d'amor não tem aquellas encostas ouvido, que ternos protestos não tem sido alli repetidos, quando as formosas aldeãs vão seguidas pelos amantes e garridamente vestidas, com o seu abeiro de palha enfeitado com fitas azues ou vermelhas, descançando a pequena caneca de odorifico cedro, ao seu lado e ajoelhando sobre uma lage da beira d'agua, de braços alvos e mangas arregaçadas, com uma tigella de barro na mão para encher a canequinha ou a bilha?

Debruçadas sobre a agua que lhe reflecte, qual cristalino espelho, o corpo quasi todo, sentem voluptuosa sensação, em tardes quentes de estio, ao banhar os braços n'aquelle liquido de notavel frescura e limpidez, como as *lanbandeiras* d'aquelles arredores banham as matisadas pennas em qualquer gota d'agua prèsa entre rochedos.

Alem d'isso n'aquelle mister, com medo de alagar a roupa reina uma certa liberdade que em qualquer outro sitio as faria córar, cada qual procura encher a sua agoa do melhor módo que pode e não se guardam grandes etiquetas em furtar a indiscretos olhares velados thesouros coantanto que estejam mais á vontade.

Quem anda na sua vida não pode estar a botar sentido a tudo.

Haverá uns trinta annos que uma das mais bonitas frequentadoras do «Poço das Azas» era a Adelina, do tio João da Cruz, um lavrador do logar que, salve-o Deus, tinha bem com que viver, segundo a opinião geral dos seus patricios.

A Adelina não parecia uma rapariga creada n'aquelles campos, ás soalheiras do estio e geadas invernaes. Tinha uma atrahente delicadesa de aspecto e de maneiras, tez bem branca, cabellos finos e castanhos, olhar profundo e labios sorridentes de creança.

Era fragil, infantina e agradavel.

Parecia uma menina da cidade, diziam as outras raparigas suas companheiras, por ventura com mal comprimido despeito.

Devido á formosura, incontestavel, da Adelina, assim como aos relativamente avantajados haveres paternos, dos quaes ella viria a ser a unica herdeira, desde que entrara em plena primavera da vida, não lhe faltaram propostas de casamento.

Até o filho do Miguel da venda, uma especie de Rothchild do logarejo, por quanto o pae, usurario da gema, a vender vinho e a dar dinheiro sobre penhores, havia ajuntado muita moeda, até esse, descèra da sua prosapia mal criada para lhe render finesas, apresentando-lhe doiradas prespectivas d'um risonho futuro, em morrendo o pae,

que segundo a sua rasteira phraseologia não devia tardar muitos annos sem que *estirasse a canella.*

Adelina, porem, não só a este pretendente, mas bem assim a alguns outros, mostrou-se sempre esquiva, desdenhosa, não respondendo ás suas amabilidades e proseguindo, muito seria, no seu caminho sempre que elles a encontravam e lhe vinham contar historias.

A maioria dos galanteadores da aldeã depois de varias mas infructiferas tentativas para romper semelhante isempção, viraram-se para outros mais faceis amores ou resignavam-se com a sua sorte, mas em vez d'isto, o Ricardo, do Miguel da venda, despeitado do nenhum caso que d'elle fazia a Adelina, jurára a si mesmo que semelhante negocio não ficaria assim, pois que com a fortuna que viria a herdar, não era homem para ser regeitado por nenhuma rapariga da freguezia, accendendo-lhe mais os fogosos desejos a contrariedade que ora encontrava.

E não era boa rez, este Ricardo, as chronicas da aldeia indigitavam-no como o perpetrador de diversos espancamentos e causa de algumas rixas nas casas de *folga*, era todo pimpão, embriagava-se uma ou outra vez e até, se não fôsse á custa de bastante dinheiro gasto pelo pae n'uma critica occasião em que o filho havia quebrado com uma paulada a cabeça a um velho do logar, que não queria que elle por causa d'uma filha lhe andasse, noite e dia, a rondar a porta, teria sido envolvido n'um processo crime.

O pae, o Miguel da venda, ainda muito tempo depois, chorava a bom chorar quando fallava d'este caso, benzendo-se do *dinheirão* que tinha gasto para salvar o Ricardo d'quelle lance, confessando ingenuamente que muita gente da cidade havia comido á sua custa, até se archivar o processo.

Matar cães era tambem um dos divertimentos favoritos do tal estroina, de noite quando vinha fora de horas para casa, armado d'um valente cacete, contra os cães de vigia que ladravam á sua passagem, era um dos seus regalos investir denodadamente, de cuja lucta sahia sempre vencedor, deixando o animal estendido por terra.

Aquillo estava no seu temperamento, parecendo até procurar as occasiões de demonstrar a sua valentia de mau jaez.

Estes valentões d'aldeia são uma verdadeira praga para os pacificos camponezes seus conterraneos, vão de noite collocar os cabeçalhos dos carros d'encontro ás portas das habitações para assustar, ou pisar, quem as for abrir; soltam por vezes o gado que fica de noite nas terras, atravessam paus nos caminhos para aquelles que ja de noite fechada vierem do trabalho se magoar, e fazem outras muitas tropelias

Mas que remedio?

Todos sabiam quem mais amiudadas vezes era o author d'aquellas africanadas, mas se a maior parte da gente da freguezia devia dinheiro ao tio Miguel da venda, era mais prudente o silencio do que sof

frerem vinganças de perseguições, que para tanto era bem capaz o filho.

Recentemente um outro motivo existia para o Ricardo não andar satisfeito. Um morgado da cidade tinha no Chão-frio uma casa com aspecto de convento, comprida, pintada de amarello e com um oratorio, no qual aos domingos, quando alguem da familia estava na campesina habitação, vinha um padre capellão dizer missa. Á noite reunia o morgado em casa, n'uma especie de partida, a gente mais graúda da freguezia para jogar ás cartas, a padre nossos, e beber copos de bom vinho das suas abundosas lavras da ilha do Pico, aos quaes servia de lastro muita linguiça assada.

Tinham fama aquellas partidas!

E deve-se notar que n'estes logarejos, embora humildes, vamos encontrar os mesmos principios aristocraticos dos mais importantes centros de população: alli tambem ha familias que se extremam das outras, lavradores que não gostam de intimas relações com simples jornaleiros, raparigas que se julgam mais do que as suas companheiras, mordomos das confrarias parochiaes que hão de ter uma opa differente dos demais irmãos d'essas associações religiosas, e entre estes mesmos uns que levam a cruz nos enterros, ou as insignias nas procissões, emquanto que outros não passam d'uns simples soldados rasos, n'aquelle regimento.

O homem é sempre o mesmo, em toda a parte.

Ora ir a casa do sr. morgado era alli uma especie de documento nobiliario, os frequentadores da jogatina repetiam no outro dia, na venda, as pilherias que tinham occorrido na classica bisca, as novidades da cidade, as excellencias do bello vinho que haviam bebido e a feição das demandas que corriam no tribunal judicial, coisa que sempre interessa a gente do campo.

O dono da tasca é que, diga-se a verdade, nunca lá fora, apesar de endinheirado e ainda que de seu occulto despeito jamais désse o minimo indicio, não obstante feria-o aquella exclusão, não tanto por si, como pelo filho, que para andar calçado e bem vestido lhe custava os olhos da cara e que era o seu orgulho, apesar dos pesares.

Nos ultimos dois estios e principios do outomno quem tinha vindo á casa do Chão frio em logar do já muito edoso morgado, retido na cidade pelo seu estado decrepito, fora o seu filho unico Antonio da Silveira.

Os habitos tradicionaes da familia, foram, porem, invariavelmente mantidos, á noite sempre em sua casa apparecia alguem, aos domingos dizia-se, como antecedentemente, no oratorio a habitual missa, davase farto almoço ao padre capellão, as desfolhas eram alegres e ruidosas, vinham violas e boa ceia, haviam descantes e uma vez por outra *folga* a portas fechadas, ao invez do que era uso na freguezia e para a qual eram convidadas as mais elegantes raparigas.

A gente do Miguel da venda é que continuava sempre votada ao ostracismo, o que tivera origem n'uma rixa antiga do morgado, pae, desde que uma vez fora embaraçado pelo taverneiro no pagamento d'umas pipas de vinho que lhe vendera.

Ainda assim á missa domingueira do oratorio não se fechava a porta a quem quer que fosse e o Miguel da venda que era beato a valer, embora despeitado, ia invariavelmente assistir á mesma, levando a familia adiante de si e obrigando tambem o Ricardo a acompanhal-o n'aquelle acto religioso.

Este, conhecendo as intransigencias do pae no que dizia respeito a missas e novenas e com medo que este antes de morrer fizesse alguma *trapalhada* com o dinheiro que tinha bem escondido, por causa d'isto acompanhava o velho, de orelha murcha, como diz o povo, sem desejar armar pendencias com o author dos seus dias.

Tambem á missa do oratorio, para poupar quasi uma legoa de caminho até á egreja parochial, ia a Adelina, com outras raparigas do logar, ou com o lavrador seu pae.

A sua formosura não passou desaperrebida ao fidalgote da cidade, realçava-lhe os encantos os domingueiros fatos da aldeia, o cuidadoso esmero do seu penteado, o seu aspecto pudibundo e singelo.

O dono da casa, como pessoa mais distincta, ficava na frente d'aquella gente toda, á direita do padre, junto ao altar e a muito breve distancia ajoelhavam as mulheres e no fundo do aposento os homens.

Desde a primeira vez que a Adelina alli havia comparecido, trazendo para o altar um farto ramo de rosas, mais procuravam os olhos do joven morgado as frescas faces da aldeã, do que as paginas do pesado livro de orações que tinha na mão.

Notaria Adelina aquelles olhares que sempre a procuravam?

E' natural.

Ainda está para nascer a primeira mulher que ignore quem a ama, se acaso esteve na sua presença, embora corresponda ou não a esse affecto.

Nos dias de semana, como é uso n'aquella povoação, juntavam-se algumas raparigas na mais espaçosa casa de uma d'estas, para conjunctamente trabalhar na confecção de rendas e outros delicados artefactos, encommendados para a Horta, ou para os Estados Unidos da America.

As canceiras do trabalho alegrava-as o riso prasenteiro e irreprimivel d'aquellas idades, alli cantava-se muito e discutia-se tudo, eram uma revista em forma, aquelles conciliabulos irriquietos, de todos os pequenos acontecimentos da freguezia, desde a saia nova com que qualquer mulher se apresentava até á mais importante questão dos amores mal disfarçados ou dos casamentos em prespectiva.

O que não se dizia d'aquellas paredes a dentro . .

N'uma segunda feira as raparigas haviam-se ajuntado, como ha

bitualmente, eram cinco ao todo, frescas e alegres como botões de rosas sylvestres ás quaes a ardencia do sol das campinas não roubara o viço da juventude.

A Adelina tambem era do rancho e trabalhava com pressa para concluir um bordado de que se incumbira, tanto mais havendo recebido aviso da cidade que o navio que devia conduzir passageiros e no qual iriam aquelles bordados, estava prestes a sahir por aquelles dias.

Defrontava a Adelina, sentada na mesma esteira, ao pé da janella, uma sua companheira, a Filomena, mais nova dois annos do que ella e travêssa como poucas.

Tratava-se de casamentos, um thema sempre favorito.

— Vocês todas — dizia a Filomena — ainda hãode ser bastante felizes, tendo uma bôa sorte, eu cá, coitada de mim, é que vou ficar para tia . . . não faço diligencias . . .

— Pois não fôste ! . . .

— Sim, que a gente não sabe o que se passa . . . ora vejam isto, a fazer-se uma santinha . . . cruzes! . .

— O' mulheres! . . pois vocês são capazes de botar para mau sentido eu fallar uma vez ou outra com o André da canada?

— E mesmo que assim seja, de que serve isso, elle não tem dinheiro, eu sou como vocês sabem . . .

— Ora adeus, tambem a gente não é mais ricas.

— Ricas sim, minha filha, fortunas não são p'ra nós.

A Filomena tornou ainda :

— As fortunas são p'ra quem são, que o diga aqui a Adelina. . .

— Eu ? ! .

— Tu, sim, pois julgas que não se falla no teu namoro ahi pela freguezia, fazias-te toda de manto de sêda, mas era emquanto não te chegaram á medida, não quizeste o Ricardo do tio Miguel, por que já andavas com o sentido em maiores grandezas.

— Não te quiz disputar paixões.

— Cá a mim não, graças a Deus, se converso com elle, é como tambem fallo com o André, sem malicia nenhuma e não para estar a duas amarras, agora tu quereres ser a senhora morgada é que . . .

A Adelina corou muito, indicio de que não lhe eram estranhos os galanteios de Antonio da Silveira, ainda assim, acudio com mal segura voz :

— Tu estás louca, Filomena, quem é que póde acreditar essas tolices ?

— Acredito eu, acreditamos nós todas, então o que tem isso ? ha coisas peiores . . . Eu cá, quando vejo gente que tem telhados de vidro atirar pedras ao dos alheios, não me posso conter, é o meu genio, dou logo o troco.

— Eu não disse que tinhas telhados de vidro, agora tu fallares ao

mesmo tempo com o André e com o Ricardo é que é de estranhar, tambem todos o sabem.

— Pois não me importa, heide fazer o que me agradar, mas ao menos isso é ás claras . . . tu bem me entendes . . .

— Olha as mulheres! . . . — interrompeu uma terceira — antes vocês tivessem juiso . . . Credo! eu me benzo . . .

— A Adelina é que teve a culpa, eu não fui que fallei primeiro.

— Foi, sim Sur.ª

— Pois fosse, que não fosse, a bocca é minha. O morgado, mesmo não está com outros cuidados do que casar comtigo, espera por isso . . .

— Tu o que estás é a te morder d'inveja só com essas lembranças que te vieram á cabeça, isso são lições ensinadas pelo Ricardo, mas eu não faço caso.

— E' o melhor, senhora morgada!

— Morgada ou não deixa-me cá com a minha vida, quem se visse d'esta freguezia para fóra.

— Já se sabe — retroquio ainda, maliciosamente, a Filomena — prometteram-te talvez que irias para a cidade . . . fica mais perto, mais commodo . . .

— Calem-se vocês, e deixem-se d'essa guerra — disse a filha da dona da casa, — ahi vem minha mãe, e ella não é de botar milho a pintos, ainda hontem me bateu por causa do Jeronymo, de casa do Sr. Padre cura . . .

Raparigas, sempre o mesmo e em toda a parte!

Como o leitor vê, a admiração que ao morgado Antonio Silveira havia causado a peregrina formosura da Adelina, não tinha ficado limitada simplesmente ao prazer de a contemplar aos domingos, no oratorio da sua solarenga casa.

O negocio estava até mais adiantado do que se julgava nos pasmatorios da localidade.

Antonio Silveira, de espingarda ao hombro, como quem ia caçar, começara a passar amiudadas vezes pela casa da Adelina que, por fatal coincidencia, sempre estava a trabalhar á janella, ou a porta, quando o mancebo se dirigia para o matto, ou na hora do seu regresso.

A franqueza campezina consentia que n'essas occasiões trocassem algumas palavras, e quando elle proseguia no seu caminho, a aldeã ficava debruçada á janella, até vel-o sumir-se n'uma volta da ladeira d'alem.

A's vezes o morgado passava do matto ja quasi noite, quando as sombras começavam a envolver a freguezia, á hora em que os lavradores recolhem a casa, de ter ido amarrar o gado nas terras onde passarão a noite.

Se o pae da Adelina ainda andava por fóra, não era raro o caçador vir encontral-a á beira do caminho, junto do portal que d'alli con-

duzia até á sua moradia, um pouco mais recolhida, d'aquelle sitio.

No começo a conversa apenas versava sobre méras banalidades, a pouca fortuna da caçada, estranhando-lhe adrede a rapariga o estranho prazer de andar áquellas horas pelos pessimos atalhos da serra, do que Deus a livrasse, mas gradualmente as entrevistas iam sendo mais demoradas e se avistava alguem ao longe, a Adelina dizia, receiosa:

— E' melhor o Sr. morgado dar alguns passos, ha gente que bota sentido em tudo, e é escusado que tenham que dizer, vendo-o parado aqui.

O rapaz obedecia, deixava passar algum camponez conduzindo pela corda duas ou trez nedias vaccas, ou alguma mulher de chaile por cima da cabeça, que tinha ido á venda do tio Miguel comprar uma vela, ou uma gotta de azeite, e depois voltava para o local d'onde momentaneamente se affastava.

A Adelina alli tinha ficado, como quem estava á espera do pae, unica pessoa da familia, dava singelamente a boa noite aos transeuntes, mas estes que por mais de uma vez nas immediações d'aquella casa tinham encontrado o morgado e que viam tambem a rapariga, começaram, e não sem fundamento a lançar malicia no caso.

Quando esta nova chegou aos ouvidos do Ricardo, isso então foi uma gallinha depenada em toda a freguezia, estava explicado o motivo por que a Adelina não lhe aceeitara a proposta do casamento, aquillo já eram amores de ha bastante tempo, mas muito encapotados, que ella tivera a labia de disfarçar, para se fingir honesta.

Se as raparigas da freguezia tivessem vergonha — dizia elle — deviam pôr completamente de parte uma finoria assim, d'uma sabia elle que o faria, por ser creatura de bons costumes, a Filomena.

Teve quem o avisasse, o pae da Adelina, do que lhe ia por casa.

Ennuveou-se consequentemente o ceu d'aquelles amores, que até então haviam decorrido izentos de quaesquer tristonhas sombras.

Se o respeito pelo morgado antigo, o qual se reflectia ainda no filho, continha o pae de Adelina para não romper em abertas hostilidades, ainda assim no interior da sua casa havia reprehendido asperamente a filha da loucura com que se expunha a ser o alvo de todas as más lingoas da freguezia, envergonhando-o tambem a elle, que era um homem honrado.

Houve choros e promessas de emendas da parte da rapariga e sincera intenção de cortar de vez aquellas relações, embora até alli insignificantes, com um individuo que a boa rasão lhe dizia que jamais viria a ser o seu marido, tanto pela desproporção do nascimento, como dos bens de fortuna.

Desgraçadamente ia um velho e muito exacto ditado, que das boas intenções está o inferno cheio.

Na presença do pae, ouvindo as fallas severas, mas veridicas,

que este lhe dirigia, afigurava-se a Adelina ter o valor necessario para arrostar com o desgosto de alguns dias e proseguir no bom caminho que até ha pouco havia seguido, mas quando o lavrador sahia, e ás vezes por um dia inteiro e que ella se achava sós com o seu pensamento e amorosa inclinação, attenuava o affecto que sentia com outras rasões da sua lavra e via todo o seu procedimento por um prisma completamente differente do que momentos antes.

Embora tivesse a consciencia de estar a beira d'um precipicio de turbidas ondas, ainda assim havia n'aquelle agitado mar umas miragens de felicidade que a tentavam deveras.

Como em alguns paizes equinoxiaes a Mãe d'Agoa attrahe para o seu mortifero seio o incauto indigena, que gostosamente se despenha do cimo de qualquer rochedo para ir ao encontro de formosissima visão, assim tambem n'aquellas dezenove primaveras, haviam flores de tanta magia, nos enlevos d'um profundo affecto, que ella não teria por vezes a força necessaria de resistir aos seus ditames, se acaso o homem a quem sujeitara o coração alli se apresentasse n'aquelle momento . .

A natureza nem sempre é bôa conselheira.

Felizmente para socêgo d'aquella casa o inverno aproximava-se a passos largos, nas encostas já os alamos amarelleciam da folha, os campos despovoavam-se de flores e encantos, as noites iam sendo immensas e as chuvas dos fins de Outubro tornavam os lavradores mais caseiros, applicavam os longos serões nas desfolhas do milho.

Recolhidas as colheitas das suas grandes propriedades o morgado Antonio Silveira teve de voltar para a cidade a occupar-se na administração dos haveres paternos.

Como é facil de conjecturar a Adelina, depois das exprobações que soffrera havia-lhe, ainda que muito á pressa, contado o quanto por sua causa soffrera e o rapaz, para lhe poupar maiores desgostos, tinha cessado de lhe rondar a porta.

Ainda assim esta contrariedade mais lhe havia incendido os desejos de possuir o amor da formosa aldeã pela qual nutria, apesar da sua fidalguia, uma vehemente paixão, o que todos sabem que é muito differente d'um extenuado amor.

A' luz d'um baile da cidade, na selecta sociedade de aristocraticas meninas, no esplendor das grandes festas, então trivialissimas na Horta a sua dedicação pela filha d'um obscuro lavrador do Chão-frio parecer-lhe-hia ridicula e daria ensejo a lacerantes chascos dos seus eguaes em nascimento e prosapias de homem afidalgado, no campo, porem, ou na vulgaridade do seu quotodiano viver a posse d'aquella mulher seria bastante apreciavel, parecendo-lhe até impresemdivel para o seu bem estar.

Nas vesperas, pois, de deixar por alguns mezes a sua residencia campesina, espreitou a passagem do lavrador para umas terras que

ficavam a alguma distancia, tirou a espingarda d'um canto aonde ha muitos dias que estava em descanço e seguio caminho acima para ir passar em frente da casa da namorada.

O amor, para as raparigas, é sempre traiçoeiro nas ciladas que lhe sabe armar, parecendo, por vezes, que prepara occultamente os acontecimentos para mais comprometter quem lhe prestou attenção.

A isto, é sabido, tem o mundo devido grandes desditas.

Exactamente na hora em que o morgado defrontava com a casa da Adelina, vinha ella, da banda opposta do caminho dirigindo-se para alli, por haver concluido em casa de uma amiga a sua tarefa de costura n'aquella tarde.

A rapariga entrou o seu portal, corando muito e como se não visse o namorado, puxou um pouco a aba do chapéo de palha para a fronte. Teve, ainda assim, de se voltar um momento para o caminho, a fim de fechar a cancella da entrada.

— Então a Adelina já não falla a ninguem, que mal lhe fiz eu, diga? — perguntou o rapaz, n'um tom resentido.

— O sr. morgado não me fez nenhum, mas é que o pae não gosta das nossas conversas e já por causa d'isso bastantes desgostos tenho soffrido.

— Já sabia e lamento-a sinceramente. Vae, porem, ficar descançada, depois de ámanhã parto para a cidade.

— Já?!.

— Assim é preciso, mas levo do Chão-frio immensas saudades.

— Não sei de que, um sitio tão feio . . . na cidade, sim, alli é que o snr. se hade divertir, ha tanto com quem . . .

— Que importa isso, se acaso o meu pensamento estará sempre n'outra parte? bem sabe aonde.

— Eu?!. pobre de mim!

— Nem sei como isto foi, Adelina, mas olhe que a amo muito e que não se me tira um momento da idéa. Esta ausencia vae-me ser cruel, queria estar sempre ao seu lado, que vivessemos juntos, mas isso seria uma felicidade que não é para mim . . .

— O sr. morgado está a divertir-se comigo, bem sei, não lhe mereço o amor que diz, nem jamais seria realisavel semelhante união. Eu já consultei um livro de sortes e sahio-me que nasci em mau signo.

— E a não ser assim, se esse livro a houvesse enganado?

— Ora, deixemo-nos d'isso . . .

— Não me tem, então, o minimo affecto!

— E mesmo que o tivesse, o resultado era o mesmo . . .

— Podia não ser. A menina não faz ideia quanto me vae custar esta separação, se alguma vez, de inverno, eu vier aqui acima é sempre por pouco tempo e qualquer passo que então désse, seria muito mais notado do que na cidade, é isto o que me desespera, não ver a possibilidade de lhe fallar.

— Não sei como . . .

— Diga-me uma coisa, nunca vae á cidade?

— Raras vezes, entrego quasi sempre o trabalho, aqui, a alguma das minhas amigas, que o leva a casa dos seus donos, como não ha mais ninguem n'esta nossa moradia, o pae quasi sempre precisa de mim: mas porque fazia essa pergunta?

— E' que mais facilmente lá embaixo nos poderiamos encontrar, aqui é quasi impossivel.

— O que é que tinha de me dizer?

— Muita coisa, que a amo muito e que tenho sonhado uns sonhos tão lindos, tão venturosos . . .

— Ah! . . não sabia . . .

— Pois olhe que é verdade, o meu maior desejo seria poder contar-lhe isto tudo.

— Mas por que me não diz isso agora?

— Aqui, não é possivel, está sempre a passar gente e poderiam ouvil-os, eram só para nós ambos e para mais ninguem.

—Uma ou outra vez que tenho ido á cidade é sempre acompanhada, estavamos no mesmo caso.

— Para tudo haverá remedio. Prometta-me que um dia alli lhe heide fallar, peço-lhe isto encarecidamente.

— Ahi vem gente, retire-se por quem é.

— E nem sequer me dá uma unica esperança?!

— Verêmos, se eu poder heide mandar-lhe dizer.

— Não me está enganando?

— Sou incapaz de tal. Va-se embora, olhe que já veem perto. Adeus.

— E não se vae esquecer de mim?

— Nunca! murmurou a Adelina, retirando-se apressadamente para casa.

A alguns passos de distancia o morgado encontrou-se com o Ricardo, o qual cumprimentou com ironico sorriso o seu preferido no amor da Adelina, proferindo o mesmo de si para si, com rancorosa voz:

— Deixa estar, meu melro, que comtigo, ou com ella, ainda pode vir dia em que eu ajuste contas, não perderão pela demora!

O inverno n'aquelle anno desencadeou-se terrivel, iracundo, o Chão frio estava constantemente coberto de pesadas nevoas, quando não eram fortes bategas d'agua a encharcar os terrenos planos, ou a formar cascatas nas vertentes da montanha na fralda da qual demora a povoação.

Aquelle tão aprasivel sitio, nos grandes dias do estio, quando a natureza está em festa e que por toda a parte nos apresenta copados doceis de esplendida verdura, mostrava agora uma ingrata nudez, escalvados rochedos por meio das *ladeiras*, arvores sêccas ou despidas

de folhas, como esqueletos gigantes, cobrindo-as um musgo esbranquiçado e sujo, producto da constante humidade, bem como nas cepas cortadas, transversalmente, de alguns castanheiros e faias enormes cogumelos, com a configuração das flores da magnolia e de côr amarellada e a expandir-se com vigor n'aquella atmosphera saturada de humidade.

Nos caminhos da povoação pouca gente apparecia, as quotidianas romarias das raparigas ao Poço do matto estavam agora interrompidas, pois que havia fartura d'agoa por toda a parte, a casa do morgado estava fechada e substituidas as vidraças por umas taboas pintadas de vermelhão, e o unico ponto de reunião era a taverna do tio Miguel, que á laia de um novo Orsini ia envenenando aquella pobre gente com umas geropigas ordinarias, vendidas a alto preço.

Assim se passou Santos e Natal e assim continuaria a vida por mais alguns mezes.

N'alguns dias menos alagadiços, ou em que alguma fugitiva restea de sol vinha, quasi a medo, romper a nevoa que poisava n'aquelles arredores, aproveitavam os camponezes esse favoravel ensejo para ir ás *ladeiras* podar os ramos damnificados ou cortar as arvores seccas, isto trepando por escorregadias encostas, revestidas de herva bravia, de côr desbotada e pouco sadia.

Debaixo dos pinheiraes, porem, trabalhava-se mais á vontade, por que a rama d'aquellas arvores cahindo no chão, se durante o estio é lustrosa e polida, de inverno desfaz-se n'uma terra negra, assaz praticavel p'ra quem anda descalço.

Os pinheiraes encimam quasi toda a serra que ladeia a povoação de que tratamos, dando um tom sombrio áquellas alturas, por que esta arvore tristonha, esguia e tenaz na sua existencia, resistindo ás mais fortes tormentas da-se bem até nos mais empobrecidos e pedregosos terrenos, mas isto sempre com um cariz severo, sem uma unica flôr nos seus ramos, que são o abrigo predilecto das aves de rapina, mochos e milhafres, estes ultimos muito abundosos n'aquelles sitios do Fayal.

A vida intima na casa do pae da Adelina decorria, então, apparentemente socegada e sem grandes atribulações, não faltavam massarocas de milho dependuradas ao travejamento, nem algumas patacas ao canto da caixa, isto já depois de pagos todos os fóros aos respectivos senhorios.

De ha muito que o lavrador andava com vontade de fazer um importante melhoramento no predio em que residia e vinha a ser deitar por terra uma pequena atafona palhoça, que ficava junto da casa e n'aquelle local construir uma outra, assoalhada, cuja loja lhe serviria então para as moendas e os altos de deposito de toda a casta de novidades.

Já n'outros tempos o seu pae fallava muito n'este bom arranjo.

mas, coitado, jamais para tanto tivera dinheiro disponivel, pois a obra, para ser bem feita, nunca importaria em menos d'uns trezentos mil reis, carretos de materiaes, paredes, soalho, telha e pintura.

N'aquelles longos serões de inverno o lavrador pensava muito na projectada obra e botava contas á sua vida, tinha as traves necessarias, de ha muito cortadas e bem seccas, algum madeiramento mais ordinario que fosse preciso seria tirado da *ladeira*, pedra e da melhor não falta na ribeira, bem como não faltavam tambem, n'aquella estação, homens de trabalho.

O peior era os dias serem tão pequenos que não davam para nada mas tambem Janeiro fora já cresce uma hora, o verdadeiro era ir, desde já cortando alguma madeira para os barrotes e armação, pol-a em casa e levar a cabo semelhante empresa.

O *aposento* com aquella melhoria ficaria valendo muito mais e a respeito de roboque e pincel isso seria mais para diante, quando houvessem mais algumas sobras.

Agora era metter mãos á obra, e assim fez passados uns dois mezes.

Chegou o dia de conduzir para casa a madeira cortada na *ladeira* do matto, estava uma excepcionalmente bella manhã, por que o vento soprava do norte e havia varrido o nevoeiro desde a crista da serra até aos terrenos planos e baixos em que esta termina na parte inferior.

Nos ramos descarnados das arvores o sol tinha scintillações de diamante nos pingos de agua que dos mesmos silenciosamente escorriam e uma ou outra ave, lembrando-se da primavera e sacudindo alegre a sua alagada plumagem soltava por vezes uns gorgeios, semelhantes a risadas.

Adivinhava, instinctivamente, a proxima mudança da estação ao contemplar os pecegueiros, embora n'aquelles sitios quasi improductivos, mas que, não obstante, sem ainda demonstrarem a minima folha, estavam já vestidos de immensa profusão de delicadissimas flores rosadas e brancas.

O carro, acompanhado do seu dono e de tres homens de trabalho fez a salvo a primeira jornada até á casa. Não era isto empenho facil, os caminhos estavam pessimos e escorregadios, umas vezes o pesado vehiculo tombava muito nas mal talhadas regueiras, sobre accidentadas pedras, que o obrigavam a dar grandes solavancos, como um navio em mar cavado, outras enterrava-se na lama, nos sitios em que o caminho era batido na terra e as rodas d'alli não se podiam desenterrar senão á força de grandes esforços do gado, escorrendo em suor, de ventas fumegantes e espicaçado constantemente pelos guias d'aquella carga, no meio de grande vozeria.

Foi uma verdadeira batalha ate por o carro em caminho corrente e quando chegaram a casa ja o sol ia bem alto.

Havia ficado junto ao portal da *ladeira*. ainda uma segunda carga e apesar do gado estar cançado como no dia seguinte tinha de lavrar as terras do dono, não se podia addiar para outra occasião a vinda para baixo d'aquelles paus.

Ao meio dia estavam, pela segunda vez, juntos da ladeira. Agora eram uns grossos troncos de arvores, para ser serrados em taboas que o carro tinha de conduzir e esta madeira estava dividida em tóros d'uns quatro metros de comprimento e correspondente grossura.

A carga foi arrumada com as necessarias precauções e amarrada aos fueiros com corrêas e cordas.

O homem que tangia os bois caminhava na frente, os outros tres ao lado do carro, para aguentar a carga n'algum mais difficil passo.

Já perto do povoado havia um bocado de pessimo caminho, um calço que parecia uma ribeira, com rapido declive.

As rodas pegaram alli apertadas na funda regueira, o carro tinha muito peso e não podia seguir e o homem da aguilhada espicaçava fortemente o gado e os outros amparando os madeiros tentavam ver se venciam semelhante difficuldade.

E venceram.

As rodas desencravaram se quando menos se esperava, puchadas com grande força pelos bois, o carro seguio veloz, todo deitado a um lado, por cima d'um resbordo de pedras e os dois traballiadores fugiram rapidamente d'aquelle alpendre que lhe ficava sobranceiro.

O pae da Adelina que se achava mais na frente ia tambem a fugir mas tropeçou n'um calhau e cahio, ao tempo que um dos madeiros, o mais de cima, rebentando as cordas que o ligavam, lhe cahio atravessado sobre as costas, rolando-lhe por cima como pesado cylindro.

Estava acabada a obra da atafona e bem assim quem a construiria.

Lamentou-se este acontecimento em toda a freguezia, aonde o lavrador era estimado, mas, ainda assim, não era aquelle o primeiro e identico desastre que havia alli acontecido e até, ás vezes, em muito peiores condições, por quanto aquelle lavrador deixava á filha bens com que viver, quando havia casos em que a fatalidade arrebatava chefes de familia completamente ao desamparo, como na freguezia havia numerosos exemplos.

Foi profunda a consternação da rapariga, com tão infausta occorrencia, nova ainda, via-se no mundo completamente isolada e, embora ao abrigo das privações, sem um protector seguro d'aquelle dia em deante.

Passada a semana do nôjo, em que a casa mais ou menos, esteve sempre concorrida por amigas e conhecimentos da freguezia, a Adelina tratou de arranjar alguem que com ella viesse morar.

Não foi isto muito facil empreza a mingoa de quem tanto se pres-

tasse, não á falta de verdadeiras necessidades, mas por que no Fayal é rarissima a pessoa, ainda que muito pobre que, segundo a phrase popular, não tenha um buraco aonde metter a cabeça, preferindo muitas vezes a fome entre quatro desguarnecidas paredes que lhe pertençam, do que relativa abastança sobre alheios tectos.

Afinal o mais que pounde conseguir foram duas velhas, quasi decrepitas, que gastavam a maior parte do seu tempo a passar as contas do rosario, ou a fiar estôpa n'uma roca de cana, de cujo insignificante trabalho é que ha muitos annos se sustentavam.

Quem, não obstante, as ouvisse fallar, poderia imaginar que aquellas boas almas tinham deixado encantados palacios para, por caridade, vir acompanhar a sua conterranea, nada as satisfazia, nada achavam á sua vontade.

Mas que remedio?

Os papeis inverteram-se, a Adelina em pouco tempo tornou se mais a criada das velhas do que estas suas serventuarias, era quem fazia o comer, quem limpava a casa, quem as tratava nos amiudados dias em que se diziam muito enfermas, sendo tambem o alvo de todas as queixas que as velhas mexericavam á visinhança sobre a pouca fortuna que tinham tido em vir morar para alli, mexericos que acabam sempre com a sacramental phrase «minha casa, meu lar!»

Não as despedia, porem, a Adelina, consciente da difficuldade que tinha encontrado para, ainda assim, as obter, temendo ficar só, o que muito receiava nos femininos pavores d'almas do outro mundo com que são criadas quasi todas as mulheres do campo, bem como pela impropriedade de, na sua idade, viver sem alguem para companhia.

O caso não era novo na freguezia.

A' Josepha, de cima da Lomba, havia annos que tinha acontecido o mesmo e ella sempre se comportou bem, mas afinal de contas nunca parava em ramo verde, morando ora n'um sitio ora n'outro, vendendo quanto os seus lhe haviam deixado, que não era pouco, conhecendo-se mais tarde que andava vária do juiso.

Chegou em meia duzia de annos a tal penuria que lhe permittiram, por esmola, morar na casa da *arramada do Imperio* do Senhor Espirito Santo, um quartinho terreo, á beira do caminho, atulhado das taboas nas quaes, por occasião da festa se depõe o pão e bem assim dos barrotes que postos a prumo sustentam as mesmas, parecendo cruzes de cemiterio por serem encimados por pequenas travessas. Era alli, n'um canto, que a infeliz tinha uma miseravel enxerga.

Emquanto, como se vê, a Adelina pensava na miseria, outros havia que pensavam no que ella possuia.

O Miguel da venda, por exemplo.

Andava este homem cada vez mais desgostoso com o seu Ricardo que, ultimamente não havia pirraça que lhe não fizesse, dando-lhe

saque sempre que podia á pipa, tendo mau vinho e não respeitando o proprio pae n'essas occasiões.

Alem d'isto constava-lhe tambem que o rapaz andava de amores com a Filomena, uma doida que não tinha aonde cahir morta, e de quem se rosnava muito na freguezia em quanto ao seu comportamento com diversos mancebos.

E o Ricardo andava alli pelo beiço!

No interesse, pois, do filho e tambem do seu proprio interesse. entendeu-se com o Ricardo a semelhante respeito, aconselhando-o que, presentemente, visto a Adelina estar orphã, tentasse novas diligencias para ella o receber por marido, prometendo ao rapaz que no caso d'esse casamento se effectuar, conforme a sua vontade, e elle abandonasse de vez a Filomena, lhe daria uma boa mesada.

O Ricardo, apesar de um tanto avinhado, ouvio o pae silenciosamente, a correr entre as mãos a aba do chapeo. encostado á umbreira da porta.

— Então tu que dizes a isto, estás amoitado, não te quadra, hein?

— Eu ainda não disse que sim, nem que não.

— Pois desembucha, homem.

— E' que meu pae é capaz de me enganar . . .

— Enganar, em que?!

— Ora adeus, na tal cantiga da mesada. Meu pae tudo quanto tem é para enterrar ahi não sei aonde, e mesmo ia dar-me o que promette. Pois não foste!

— E se eu não tivesse meia duzia de vintens, que tu julgas ser grande coisa, escondidos a todos os olhares. sabe Nossa Senhora do Carmo, já onde elles estariam . . . agora emquanto a te embaçar n'este conchavo estás enganado e és um asno se não tratares d'isso, podias vir a ser um dos primeiros homens da freguezia, mas a continuar assim vaes dando em droga.

— Não sei porque e alem d'isso a Adelina embirrou comigo, é uma vergonha até ir procural-a outra vez. mulheres não faltam . . .

— Para quem tiver que lhe dar. E' bem dita aquella trova que de pau que nasceu para galocha, jamais se pode fazer um Santo Antonio: queres por força ser um perdido, que diabo te posso eu fazer? . . .

— Mas o pae hade saber que eu já fallei á rapariga e que ella, *má raios a partam!* me despedio á má cara. a tal menina dá attenção é ao morgado . . .

— Isso já acabou. são manias de raparigas que passam com o tempo, ha que mezes que o morgado não vem cá acima! . . Vê lá. ficavas com a legitima da pequena, que não é má. pagavas-me uma continha que o pae ahi me devia, de gastos para casa, e eu havia-te ajudar no que podesse, por que vinha a ser um casamento da minha vontade. agora a continuar como vaes. não verás de mim real que seja. dinheiro não *tem* confrontações . . .

— Os diabos me carreguem, que não sei o que heide fazer! . . pois olhe que eu arranjava-me bem com a Filomena.

— Uma doida chapada.

— Doida ou não tinha lhe um respeito a valer, mas vocemecê ameaça-me de uma maneira . . .

— Não sejas tolo e faz o que te digo . . . vae fallar com a Adelina, anda.

— Se eu tivesse apanhado a geito o tal peralto do morgadinho já o havia ensinado, mas emfim atraz do tempo tempo vem . . .

— Os teus negocios não são com o morgado, mas sim com a rapariga, tudo o mais seria tolice e eu não quero outras inquietações, toma sentido, ainda me lembro quando andaste na justiça.

— E meu pae, se eu casar, quanto é que me dá, vamos a saber?

— Arranja primeiro a noiva e depois fallaremos, mas lembra-te que tenho o queijo e a faca na minha mão . . . Haja saude.

O Ricardo sahio para o caminho a meditar na sua vida, o pae estava ainda forte, podia durar uns bons pares de annos e elle sem vintem para se divertir. Alem disso a Adelina não era ahi qualquer moça do monte e, a dizer a verdade não era inferior a Filomena: — pois vamos lá, vou procurar a rapariga, pensando bem, isto é que me faz conta.

E o pretendente da orphã tomou o caminho do sitio em que esta morava.

Era de manhã e o dia estava esplendido.

Quando passou em frente da casa do morgado, vio o portão e as janellas abertas e sentio dentro fallar alto, conhecendo a voz de Antonio da Silveira.

Olé! . . temos moiro na costa, este mariola ainda me hade pagar, mas é que eu vou-lhe empalmar o namoro, mal pensaria elle se me visse passar aonde eu vou . . .

A Adelina já sabia tambem da chegada do morgado, dizendo-lhe maliciosamente umas mulheres que iam passando, terem visto entrar uns srs. para a casa vermelha, o morgado novo mais dois amigos.

Palpitou o coração da rapariga com semelhante noticia e viria elle vel-a? nunca se haviam avistado depois da morte do pae, tinha-a talvez esquecido de todo, a loucura era ainda ella pensar em quem não se importava comsigo.

Em todo o caso, e quem estiver izempta de peccado que lhe atire a primeira pedra, penteou-se mais esmeradamente do que o usual, vestio um vestido melhor, sentou-se por dentro de uma janella aberta mas de maneira que fosse vista da rua e começou a trabalhar, fazendo, porem, uns pontos que realmente eram uma vergonha pela sua imperfeição.

As duas velhas que com ella viviam e que da ama faziam a sua criada, n'aquelle dia praguejaram a valer a mingoa do jantar ao meio

dia em ponto, estando para cumulo da desgraça, uma, ha alguns dias de cama e a outra com um pé torcido, que não podia andar.

— Este ladrão quer-nos matar á fome — diziam ellas, no seu cubiculo ao pé da cosinha, ainda hoje não se accendeu lume n'esta casa, eu cá em melhorando safo-me para a minha *libradade*. Forte desafôro!

— O' Snr.ª Adelina! . . Snr.ª Adelinasinha! . . — bradava a outra — Isto é que é uma coisa! . . ninguem me responde, quem se apanhasse em sua casa . . .

A Adelina a este tempo vira, muito admirada e constrangida o Ricardo do Miguel da venda, vir bater-lhe á porta, levantando elle mesmo o ferrolho e entrando para a sala.

— Com licença da menina, eu tinha duas palavras a dizer-lhe.

— A mim? ! . . não posso saber o que seja . . .

— E' que isto, como aquelle que diz, tantas vezes vae o pucaro á fonte até que lá lhe fica uma aza, a menina hade ainda lembrar-se d'uma certa proposta que eu lhe fiz não ha muitos tempos . . .

— Não me lembro de semelhante coisa.

— Esses refolhos não servem para a gente. Eu cá ainda estou na mesma e agora como á menina lhe faltou seu pae e está assim sem uma pessoa a quem se arrime e que lhe trate das terras, se quizesse a gente podia casar-se e viver bem um com o outro.

— Está caçoando comigo? ! . .

— Isto é serio e como lhe digo, meu pae leva tambem em gosto este caso e só depende da sua vontade . . .

— Não quero, já lhe disse uma vez.

— Mas então porque?

— Eu sou senhora de mim e posso fazer o que quizer, nem ninguem me pode obrigar a casar contra a minha vontade. Olhe, a Filomena, com certesa, não o hade receber assim, vá ter com ella.

— Isso são ciumes, mas em eu casando com a menina não faço mais caso d'ella. Então isto para quando fica, vamos a saber?

— Vocemecê, certamente, endoudeceu, faz favor de se ir embora e não me inquietar mais . . .

— Lá isso mais devagar, não se põe assim ninguem na rua, olhe que o morgado não é melhor do que eu, e um homem para outro homem, tome sentido!

— Saia já, não o quero vêr mais n'esta casa, estou no que é muito meu.

— Não grite tanto que não é preciso, mas sempre lhe digo que antes ser minha mulher do que a amazia d'outro.

— Pedaço de bebado! . .

O Ricardo cresceu para a rapariga e ia a agarrar-lhe n'um pulso, quando a porta da rua repentinamente se abrio e Antonio Silveira, de espingarda ao hombro alli assomou.

Foi a tempo.

O Ricardo, covarde por natureza, como a generalidade dos fanfarrões, largou a preza, levando machinalmente a mão ao chapeu e esgueirando-se pela porta meia aberta.

A Adelina sentara-se a chorar, n'um archibanco do aposento e o morgado começou a indagar o que se havia passado.

Deixemol-os n'estas explicações.

As duas velhas que tinham sentido lá fóra a algazarra e que agora não ouviam vozes, julgaram que a rapariga tinha sahido, depois de alguma desavença com alguem que passava e como já estavam desenganadas que n'aquelle dia tinham de jejuar, entretinham-se, para matar a fome, a passar repetidas vezes as contas dos polidos rosarios.

O Ricardo contou ao pae quanto se havia passado e que lá deixara em casa da Adelina o morgado, não por medo, mas por que uma mulher d'aquellas não era digna de ninguem casar com ella.

O caso deu muito que fallar na freguezia.

A reputação da filha do lavrador, d'aquelle dia em diante, ficou para sempre perdida.

* * *

A fatalidade impellira Adelina para a turbida voragem do amor facilitando lhe os ensejos de, sem ter quem a reprimisse, poder engolphar-se no dédalo de apprehensões e cuidados que constitue a mais agitada eporha da vida feminina.

Promettera-lhe o morgado que com ella casaria e embora houvesse bastante desigualdade de condições entre os dois amantes, não era a primeira vez que no Fayal um fidalgo da cidade vinha escolher uma modesta flôr do campo para sua companheira, tanto mais que a filha d'um lavrador não deshonra ninguem.

Estaria Antonio da Silveira sincero n'este comprommettimento?

Assim acreditâmos, pela verdadeira affeição que dedicava á gentil camponeza. Era muito natural que surgissem, da parte da sua familia, sérias difficuldades concernentes a semelhante casamento, que seu pae se oppozesse tenazmente, mas como não urgia tratar se d'isso, desde já, o futuro mostraria a feição que esse negocio tomaria.

Em todo o caso as visitas ao Chão frio eram agora mais amiudadas do que nunca, nem o morgado ou a Adelina faziam ja mysterio das suas relações.

Na cidade, o pae de Antonio Silveira, continuava muito doente e a administração da sua casa estava de todo entregue ao filho, que não se poupava a trabalhos e diligencias a semelhante respeito.

A vasta propriedade do Chão frio carecia de andar mais bem tratada, de ter constantemente homens de trabalho e bem assim quem os vigiasse.

D'esta sorte n'uma das occasiões que o morgado estivera alguns

dias n'aquelle sitio a Adelina veio morar-lhe para casa, e depois do regresso d'este para a cidade, alli ficou com plenos poderes de administração, acompanhada pela familia do quinteiro. que ficou morando na parte inferior da casa.

A importancia que sempre dá a melhoria de haveres, começou. apesar de tudo, a amaciar o animo dos seus conterraneos a respeito do seu comportamento, aquelles mesmos que antes ralhavam muito da rapariga e que nem queriam que as suas filhas a visitassem, se acaso careciam de algum favor. algum pequeno emprestimo de dinheiro, algum empenho para a cidade. a resolução de qualquer negocio pela influencia do morgado, recorriam à Snr.ª Adelinasinha, como então era tratada, por certa defferencia incluida n'este diminuitivo e como geralmente quem d'ella se valia era servido. cessaram de todo os escrupulos a seu respeito.

Isto é quasi sempre assim.

Se nós olharmos despreoccupadamente para o que se passa na sociedade, teremos centos d'estes exemplos. A culpa, ou o despreso, que pesa sobre determinada familia pobre por um facto qualquer. vergonhoso, da sua vida, volve-se n'uma quasi virtude se acaso essa mesma gente de um dia para o outro enriquecer. tudo então se justifica, para tudo existe desculpa.

O prisma pelo qual encarâmos o viver dos humildes e dos desprotegidos não é o mesmo porque vemos o dos argentarios e dos grandes.

Ora, relativamente, o morgado tinha a influencia necessaria n'aquelle insignificante logarejo, para redemir qualquer falta da pessoa a quem dedicasse o seu affecto.

A equivoca situação da Adelina era em parte minorada pela independencia em que vivia, o morgado demorava-se. a espaços, alguns dias no campo e eram estes para os dois amantes os dias mais felizes.

A posse indisputavel da camponesa não diminuira. como muitas vezes acontece, os extremos do morgado. ao contrario d'isto a Adelina pelas suas affaveis maneiras, formosura. e uma certa instrucção que por saber lèr adquirira. tornava-se n'uma companheira aprasivel e encantadora.

Alem d'isto era muito arranjada no governo domestico e a propriedade agora entregue aos seus cuidados, melhorava visivelmente. dando bem fundadas esperanças de dobrar de rendimento.

E, ainda assim. haviam nuvens n'aquelle ceu.

A lembrança de que o pae, um homem honrado, a amaldiçoaria se acaso podesse surgir da sepultura e a visse na condição em que se achava, infundia-lhe por vezes acerbas tristezas ou verdadeiro remorso.

Quando de noite estava a sós, já deshoras. e que a insomnia se apoderava do seu espirito. n'essa vigilia figurava-se-lhe por vezes ver o pae. livido. cadaverico. á beira do seu leito. a fital-a tristemente por

muito tempo, como á espera de uma rehabilitação que lhe permittisse abraçar a filha, a unica que tivera.

Resava então ferventemente a Nossa Senhora e por celeste mercê não era raro depois adormecer, lograr socego, com as mañs cruzadas sobre o peito.

Ha tempos tambem que andava indisposta, a sua saude parecia vacillante, davam-lhe por vezes vertigens, não estava boa.

O morgado sorria quando vinha á aldeia e que ella lhe dizia o que andava soffrendo.

A primavera tinha sido assaz tardia n'aquelle anno, mas afinal sempre se dignara de baixar á terra perfumada e esplendida.

Que rapida transformação em breves dias operada n'aquelles devastados campos, a flor dos favaes derramava no ar o mais delicado perfume, dos ramos das arvores irrompiam por toda a parte tenras e delicadas folhas, o chão das encostas revestia-se de hervas d'um verde saudavel e festivo, as madrugadas tinham canticos das avesinhas e um sol creador vinha animar tudo, de dia a dia, de hora a hora, a natureza cobria-se de encantos e de flores, até nos mais alpestres sérros.

Nos meiados de Maio estava tudo em plena festa, as roseiras chumbando de flores, os cravos todos abotoados, as *grinaldas* a vergar ao peso das suas innumeras rosetas de gelo e os festaes de hera a revestirem todas as disformidades dos escalvados rochedos.

Que formosissima estação! . . até na beira dos caminhos e atalhos a herva rasteira apresentava umas florinhas vermelhas, de encantador aspecto, ou outras muito singelas e amarellas, como bocadinhos d'oiro que alli tivessem cahido do regaço de alguma fada.

Os mattos do Chão-frio, d'esta quadra do anno em diante até fins d'Outubro tornam-se aprasiveis e agora que os caminhos já andavam limpos da anterior lama e que as chuvas eram espaçadas recomeçava a quotidiana romaria das raparigas ao Poço a buscar agua, o que se tornava n'uma favorita diversão para a gente nova d'aquelle logar.

O Poço estava agora esplendido, tendo muita e purissima agua e milhares de flôres sylvestres nas suas encostas. As chuvas do proximo inverno haviam-lhe augmentado as proporções, era um pequeno lago, por sobre o qual adejavam alegres sonoras aves, canarios, melros, tentilhões e lavandeiras.

Mais acima os caçadores começavam já a fazer numerosas victimas nas pombas e galinholas, ou a apanhar enormes coelhos pelas encostas, devido ás matilhas de adestrados cães.

Tudo n'aquelles campos tinha actualmente uma nova vida, tudo havia resurgido d'um somno sepulchral.

Na ultima vez que o morgado estivera na freguezia havia dito a Adelina que era preciso ella ir ver umas terras de matto que o arrendatario havia deixado, por quanto apparecêra um outro homem que as pretendia alugar e todos lhe diziam que andavam muito baratas

Ficavam acima do Poço e era preciso destinar uma tarde para lá ir. O que valia é que o tempo estava bom e as tardes serem grandes.

Adelina ajustou com uma sua visinha a projectada digressão e n'uma quinta feira acompanhada d'esta e d'um homem de trabalho das terras do morgado, dirigio-se para o matto.

Era uma delicia aquelle longo passeio pelos campos fóra, o sol começava já a quebrar d'intensidade e uma suave brisa, perfumada e refrigerante trazia d'aquellas solidões acres e saudaveis fragancias.

Encontravam de distancia em distancia algum camponez que tinha ido á lenha, ou que conduzia para o povoado algumas vaccas, conversavam por vezes alguns instantes e depois cada qual proseguia no seu caminho.

A terra do morgado era distante, um bom pedaço para cima do Poço e a Adelina, mais a sua companheira, teve de a percorrer toda, emquanto o trabalhador, que levára uma foice, ia cortando farto feixe de urzes, para não regressar de leve.

Quando a Adelina, havendo bem examinado o predio e calculado, approximadamente, o que podia produzir, por ter sido creada n'aquelles sitios, chegou ao portalzinho da entrada, o homem que a acompanhara já estava com o feixe de lenha no caminho, a foice mettida na corda que prendia as urzes e faias e sentado, a descançar, sobre o mesmo.

— Se a Snr.ª lhe parece, — disse este, eu vou-me andando com esta lenha por ahi abaixo, vocemecês com certesa vão mais devagar e eu ainda tenho que ir pôr o gado nas terras e botar-lhe a ceia.

— Pois vá o tio Francisco e será bom escolher com cuidado a comida da Trigueira, aquelle animal definha a olhos vistos.

— Foi quebranto que lhe deram, e emquanto não fôr benzida não se faz nada, eu já disse isto mesmo ao Sr. morgado, mas elle, como aquelle que diz, não acredita n'estas coisas.

— Pois faz mal, — accudio a companheira da rapariga, ninguem se livra d'um ramo *d'inrijidade* e ha muita gente malfaseja.

— Lá isso é verdade, ainda que me parece que nem elle, nem eu, temos escandalisado ninguem aqui de cima.

— Ora, a menina bem sabe que para querer mal não é preciso muita coisa, eu tambem se a vacca fosse minha mandava-a benzer quanto antes.

— Poderá ! . . accudio o trabalhador.

— Nada se perdia com isso, heide fallar ao *dono da casa*, espero o segunda feira.

— Pois fiquem vocemecês com Deus que eu cá vou com a minha carga, isto vae ser um tal andar por ahi abaixo.

Permaneceram sós as duas mulheres.

Era já perto da noite, os arvoredos começavam a confundir-se nas espessuras da serra e a revestir uma côr escura, os melros recolhiam

aos seus nocturnos abrigos e nas ramas copadas dos incensos soltavam estridulas risadas bem distinctas na quietação d'aquelles ermos. Algumas nuvens acastellavam se para alem da serra, nas cumieiras da *caldeira*, emquanto que pelo lado do norte da alterosa ilha do Pico, limpa de qualquer cinta de nevoas, a lua já campeava no firmamento

— Vamos ter uma bella noite, a lua sahio vermelha que tem que ver, hontem foi cheia.

— E' o que vale, que estes caminhos são pessimos, de mais a mais para quem não está costumada a longas jornadas. Desde que faltou meu pae é a primeira vez que venho ao matto . . .

— Pois se a menina andasse mais havia gosar mais saude, eu cá quando era nova ninguem me punha o pé adiante.

— Não vá tão apressada, tia Maria Ignacia, olhe que eu não a posso acompanhar.

— E' que os meus rapazes não hão de tardar de chegar do trabalho e que não lhes deixei a ceia ao lume, não esperava que nos demorassemos tanto . . .

A Adelina quiz acompanhar a sua companheira, mas dentro em pouco tempo estava offegante.

— Vocemecê sempre corre ! . .

— Ora, as pernas p'ra que se fizeram? e deve saber que eu já fiz os meus sessenta na vespera da Senhora da Conceição

— Ninguem tal dirá ! . . benza-a Deus.

— O Joaquim vae ficar zangado de não achar a ceia prompta, aquillo trabalha todo o dia como um homem, salvo seja, mas tambem come que nem um ladrão, o Antoniquinho não, esse é mais franganito. Tenha a menina paciencia, avive mais o passo.

— Mas olhe que, verdadeiramente, não posso, já estou até a bom suar.

— A gente tambem já esteve mais longe, em se chegando ao Poço d'ahi para baixo o caminho é mais *amoravel*.

— Não torno a vir aqui acima tão cêdo . . .

Iam descendo sempre o lento declive que do matto conduz ao Chão-frio. Quando chegaram proximo do Poço a Adelina ja não podia arrastar comsigo, era necessario uma pausa n'aquella marcha forçada.

— A tia Maria Ignacia — disse a rapariga — desculpe, mas eu preciso descançar aqui um bocadinho.

— O diacho é que o Joaquim já hade estar esgarrado com fome, elle então que quer tudo a horas certas

— Pois o remedio é vocemecê ir andando adiante, eu não posso acompanhal-a assim.

— A menina não tem medo de ficar aqui sosinha ?

— Medo de que ? . . esta lua que nem sol.

— E' como eu, que tambem em nova aqui vinha muitas vezes

buscar agoa e até sendo já bem escuro, são dois passos por ahi abaixo.

— Vá com Deus, que a não quero demorar mais.

— O peior foi o tio Francisco safar-se com a carga de lenha. ha que tempos não está elle já em casa. Então se não leva a mal eu vou-me andando . . .

— E' o melhor.

— Isto é por causa do Joaquim, que eu cá por mim tanto me fazia . . . haja saude, talvez que eu ainda a aviste quando me passar pela porta. Até logo.

— Adeus.

A Adelina, então sosinha, sentou-se a descançar n'umas grandes pedras, quasi á beira do caminho, sobranceiras á alterosa escarpa que circumda o Poço, cuja agoa, como um pequeno lago de prata. reflectia a claridade branca da lua.

Aquelle sitio representava-se então á rapariga completamente ermo, nem as arvores rumorejavam na quietação nocturna, nem qualquer avesinha do campo soltava o minimo gorgeio, somente a distancia o som agudo e argentino d'alguma campainha do gado por vezes se deixava ouvir.

A Adelina sentia-se bem alli. aquelle mysterioso recolhimento da naturesa adormecia-lhe, por momentos, na alma, o remorso de haver deshonrado a memoria de seu pae e idealisava até risonhos sonhos. via-se um dia rehabilitada, a esposa do morgado.

Quando fosse mãe não teria ainda maior jus ao seu amor? . .

Assim, a scismar, n'aquelle doce enlevo, demorou-se alli com os olhos fitos n'agoa a scintillar, como um manto bordado de estrellas purissimas.

Decorreu mais de uma meia hora.

Afinal ergueu se. a sua forma era elevada e o seu vestido de alva côr. dava-lhe a apparencia de uma estatua de alabastro, collocada em alto pedestal e beijada pelo luar.

Em vez, porem, de seguir para o caminho, soltou repentinamente um grito, abrio os braços e despenhou-se para o lado da ribeira.

A agua do Poço tremeu toda, formando grandes circulos ao receber no seu seio o corpo da rapariga e depois tudo de novo recahio em silencio.

Passados alguns momentos duas sombras destacaram-se de uma moita de arvores a breve distancia do sitio em que estivera assentada a Adelina.

Eram a Filomena e o Ricardo do Miguel da venda.

— Eu bem te dizia que não atirasses aquella pedra — proferio a meia voz assustada, a Filomena, — não lhe ouvi senão um grito quando cahio, a pedra pareceu-me haver-lhe batido em cheio na cabeça. oxalá não tenha acontecido alguma desgraça . . .

— E' que ella está ahi p'ra baixo escondida com medo, aquillo era mais para a assustar do que para outra coisa, mas uma pontaria assim certeira nunca vi. Diabo!

— Queira Deus mais os seus santos . . . — e a Filomena chegando-se exactamente á pedra aonde ha pouco estivera sentada a Adelina, debruçou-se sobre o precepicio, observando o Poço.

— Olha . . . — disse ella a tremer — chegando para si o amante, ao qual agarrou convulsivamente as mãos.

— O que é ? ! . .

— Repara alli p'ra o meio do Poço . . . é ella . . . o seu vestido branqueja n'agua . . . forte desgraça ! . .

— Cala-te, eu vou ver o que aquillo é — e o Ricardo descia apressadamente a rude viella que conduz até á beira da agua.

— Eu não fico aqui sosinha, credo ! . . — acudio a sua companheira, seguindo-o a pouca distancia.

O corpo da Adelina, já defuncta, boiava a superficie da agua, deitada bem ao comprido e com os braços abertos. Parecia uma cruz de marmore beijada pelo luar.

O Ricardo metteu-se n'agua até á cintura e de braços estendidos tratava de chegar para terra o cadaver, emquanto a Filomena a chorar, permanecia na beira do Poço.

Foi trabalho baldado, o assassino não teve coragem para tanto, fraquejavam-lhe as forças.

— Estou com uma morte ás costas ! — dizia elle, — acercando-se da amante — mas ninguem nos vio . . . talvez ninguem suspeite . . .

— Por que não me deixaste vir sosinha á terra, nada d'isto havia acontecido.

— E' que não gosto de te deixar á solta. . . tu bem me entendes. Isto tudo, se aquella mulher effectivamente, está morta, foi por tua causa. E' preciso safar d'estes sitios quanto antes, que não nos vejam aqui . . . vae pelo meio das terras, que eu vou pella ladeira do Atafoneiro e depois descerei por cima da Lomba.

— Não vou, que tenho medo. Era o que me faltava, ir por essas *lonjuras* sosinha.

— Preferes então que nos vejam ? . . isto vae ser um caso muito fallado e olha que qualquer suspeita da comtigo na cadeia.

— Credo ! . . eu não matei ninguem, foste tu . . .

— Mas estavas comigo e é quanto basta . . . espera . . . parece-me que alli vem gente . . .

— Estamos perdidos ! .

— Pode ser algum homem que va passando . . . não te mechas d'ahi . . .

Os dois permaneceram immoveis, agachados entre umas grandes pedras. Effectivamente era um homem que passava pelo caminho sobranceiro ao logar em que se achavam, vindo d'alguma das freguezias

do norte, — não reparou para o Poço e continuou na sua derrota, talvez para a cidade.

O vulto branco, o cadaver á tona d'agua, permanecia no mesmo sitio, parecendo, porem, aos criminosos que se havia mechido, pois viram a agua agitar se.

— Olha, a Adelina ainda está com vida, vamos ver se a salvàmos.

O Ricardo entrou pela segunda vez n'agua, deu n'esta occasião algumas braçadas a nadar, até junto da sua victima e ergueu-lhe a fronte fóra do liquido, na qual a lua bateu em chapa.

A Filomena, na margem, tremia como varas verdes.

A infeliz rapariga estava, porem, morta e bem morta, não havia que duvidar, e quando o assassino a largou o rosto sumiu-se lhe todo debaixo d'agua.

— Não ha que duvidar . . . — disse o Ricardo — pondo o pé em terra.

— Mas eu vi a agua mecher ? ! . .

— Era alguma rã que saltou. Vamos fugir d'aqui depressa. Olha cá ? . .

— O que é ? ! . .

— Segredo e mais segredo, percebes ? . . meia palavra que digas, juro-te que tens a mesma sorte.

— E se eu me calar casas comigo ?

— Caso, mas com esse contracto, agora é andar, cada um pelo seu lado.

A Filomena correu veloz, como uma sombra, pelo caminho abaixo, emquanto o amante atravessava, em sentido contrario, um pedaço de matto, até á entrada da ingreme ladeira do Atafoneiro, para ir sempre caminho acima e voltar a casa pelo lado opposto d'aquelle malfadado sitio.

Nem um nem outro encontraram alguem no seu trajecto, dizendo em casa a Filomena que vinha de casa de uma amiga, emquanto o Ricardo contava aos seus que estivera na cidade.

A manhã seguinte foi de completa consternação em toda a freguezia.

O cadaver foi encontrado no Poço por uma mulher que alli viera de madrugada buscar um pote d'agua e a qual, muito aterrorisada, correu logo a dar parte, em altos gritos, d'aquelle triste espectaculo.

Uma hora depois estava aquelle sitio e as suas immediações cheio de gente e o Regedor, assumindo as funcções authoritarias mandou puchar para terra o corpo da infeliz rapariga.

O Ricardo e a Filomena tambem estavam na turba.

Coisa singular! . . a superficie da agoa apresentava uma porção de pennas brancas, pequenas e muito finas, que ao sopro da brisa matutina corriam d'um para outro lado.

Examinaram o cadaver que não apresentava signaes alguns de

qualquer violencia que soffresse, a não ser uma mancha arroxada n'uma fonte, mas pequena e sem ferimento.

A mulher que tinha acompanhado na vespera Adelina, bem como o trabalhador que tambem fôra com ella ao matto, tinham sido alli mesmo interrogados.

Elle não sabia nada, a mulher, visinha da victima, contava a verdade, que a tinha deixado sentada n'aquellas pedras á beira do caminho, sobranceira á encosta do Poço e que a Adelina se queixara muitas vezes de estar fatigada.

Um mais entendido lavrador disse então:

— Isto está bem de vêr o que foi, a rapariga vinha cançada da caminhada, sentou-se ahi ao sereno, que sempre aqui cae rijamente e deu-lhe um mau ar, aconteceu cahir para traz e despenhou-se dentro da agua. Deus lhe falle n'alma.

— Tambem quem é que lhe havia de fazer mal, para que?.. não é a primeira pessôa que se tenha encontrado morta no matto ou n'esses caminhos . . .

— Lá isso é verdade, ainda me lembro do mestre ferreiro, do Fernandes.

— E a Maria, do Antonio Joaquim, no atalho da velha, ninguem está livre de lhe dar uma coisa.

— Eu cá não sei — acudio o regedor — mas tambem não me parece que houvesse aqui uma má acção, em todo o caso vou dar parte ao Sr. Administrador. Este corpo, porem, não pode ficar aqui, os cabos de policia que chamem gente, é leval-o para onde morava.

— Mas aquellas pennas, assim como das azas de alguma ave, o que serão? nunca vi o Poço assim, mais aqui tenho vivido desde creança — perguntou uma rapariga.

— Quem é que sabe lá, isto aonde ha defunctos acontecem sempre coisas extraordinarias, bem pode ser que sejam as azas do seu anjo da guarda, quando a velasse a noite passada.

— Bem pode ser, é verdade, eu sempre vou guardar uma para arrelique . . .

— Eu tambem.

— Mais eu.

E todas as mulheres presentes colheram algumas pennas.

— Voces sabem que mais, — disse uma esbelta rapariga, morena, e com os olhos marejados de lagrimas — estou-me a lembrar d'uma coisa, a Adelina era muito minha amiga e dizia-me por vezes os seus segredos — Ella estava para ser mãe e essas pennas são talvez das azas do seu filhinho quando partio para o ceu . . era um anjo, não é assim?

— Talvez tu é que acertasses, Margarida.

— Pois já se sabe que hade ser, — acudiram outras mulheres — e debaixo das azas d'esse anjo foi abrigada a alma da desgraçada mãe

D'esse dia em diante ninguem mais conheceu aquelle sitio senão pelo «Poço das Azas».

O morgado Antonio Silveira, mal recebeu a infausta noticia do succedido, veio immediatamente ao Chão-frio, a sua magoa foi profunda e vehemente e fez as mais minuciosas indagações sobre aquelle mysterioso acontecimento.

Não havia quaesquer indicios que levassem a acreditar a possibilidade d'um crime e a pequena mancha escura que o cadaver apresentava n'uma fonte, explicava-se facilmente pelo effeito da queda d'uma alterosa ribanceira.

Não houve, por conseguinte, apprehensões sobre semelhante morte, que se attribuio a um accidente que houvesse dado na rapariga, quando estava sentada á beira do precipicio.

O morgado, dois dias depois do enterro, voltou para a cidade, ainda immerso em profunda dôr, porem, tendo para o distrahir os numerosos affazeres da importante casa paterna, fallou-se na freguezia durante algumas semanas n'aquelle triste caso, houve a missa d'alma, assaz concorrida pela visinhança da Adelina, ninguem durante dois mezes quiz ir buscar, para gasto, agoa ao «Poço das Azas,» até que depois de uma caudalosa ribeira que o lavou, um ou outro menos escrupuloso camponez começou de novo d'alli a fornecer-se.

No fim d'uns tres mezes já era, como antecedentemente, frequentado por toda a gente e o sinistro no mesmo occorrido, começou a cahir em esquecimento.

Os mortos vão depressa.

No inverno seguinte o Ricardo, do tio Miguel da venda, casou com a Filomena.

Eram de ha muito sabidas, na freguezia, as relações amorosas d'estes noivos e por tanto esta união não despertou muito a attenção publica.

O que se dizia geralmente, era que a noiva talvez tivesse dado *calda* ao Ricardo, pois que havendo já prestado attenção a muitos namorados, conseguira afinal casar com um dos mais abastados herdeiros d'aquelle logar.

Já era fortuna!



Decorreram seis annos.

Ricardo e a esposa, havendo afinal, n'este decurso de tempo recebido a herança do Miguel da venda, mudaram-se do sitio do Chão-frio para quasi uma legoa de distancia, estabelecendo-se na beira mar da freguezia da Praya do Almoxarife.

A sua casa era das melhores d'aquella povoação e viviam em campesina abastança.

A Filomena, então uma formosa mulher, andava acceiadamente vestida e ninguem apresentava na muito concorrida missa do dia mais avantajados cordões de oiro, nem mais compridos pingentes nas orelhas.

O marido reduzindo a dinheiro a maior parte dos bens que possuia, desejava viver livre das canceiras do trabalho e sem andar sempre envolvido em terra.

Parecia uma gente feliz sem cuidados, e davam-se perfeitamente ao que parecia, izemptos de apprehensões no dia de amanhã, nem de cuidados com os filhos que não tinham.

Que admirava, pois, que a Filomena andasse sempre bem paramentada, não tinha nada que fazer, era uma vida de morgada, espairecida.

O Ricardo, esse então não era de genio tão alegre como a esposa, notando se-lhe até nas certos dias em que andava cabisbaixo e taciturno, mas ainda assim tinha um recurso, emborcava duas ou tres garrafas de bom vinho e um somno de chumbo vinha apagar a consciencia d'aquelle passageiro mau estar.

Amiudava, porem, demais, o uso d'aquelle remedio.

O genio dado da Filomena facilitou-lhe tomar depressa relações com toda a visinhança da sua nova moradia e ora em casa de uns vesinhos, ora em casa de outros, passava a maior parte do seu tempo a conversar e a rir.

Emquanto solteira — dizia ella — o seu Ricardo fôra muito cinmento, porque não tivera tempo, então, de a conhecer bem, mas agora ella fazia do marido o que queria, tinha artes de o saber levar.

E assim era.

Aquella mulher, no trato intimo, desenvolvia labias pouco communs, magnitisava o marido com extremos de carinho, fazia-o ver pelos seus olhos, obedecer ás suas vontades, e entre dois calidos beijos enchia lhe, prasenteira, um bom copo de vinho, os seus amores eram uma continuada orgia e as noites passadas ao seu lado estonteavam, como a quem houvesse dormido entre os perfumes sensuaes de uma estufa povoada de rescendentes flores, n'uma atmosphera mórna e com um grande ramo de jasmins á cabeceira.

O vinho e a mulher, a não ser o Ricardo d'uma forte compleição já teriam dado cabo d'elle, ainda assim ia resistindo e só no olhar um pouco parado e sem brilho é que um attento observador, se acaso o houvesse, poderia conhecer o quer que fosse de anormal.

O desgraçado fim da Adelina, de que elle fôra causa, ainda que, diga-se a verdade, não precisamente com o proposito de lhe atirar uma pedra que a matasse e mais para a assustar brutalmente de que para lhe causar grave damno, andava-lhe, não obstante, sempre no pensamento, sugerindo lhe occultos terrores.

Esquecia-se, porem, de alguma sorte d'aquelle fatal acontecimen-

to nos braços da mulher, até que a manhã seguinte viesse de novo chamal-o á realidade da vida.

Esta dupla existencia estragava-o.

A mulher notava-lhe alguns esquecimentos e singulares distracções e experimentava, por vezes, a brincar, tirar-lhe as chaves da algibeira e elle agarrava-as soffregamente, conservava-as na mão e em logar de as guardar, n'uma ou duas occasiões pegou no chapeo e sahio, deixando-as cahir no soalho, sem dar por isso, nem o despertar a bulha que as mesmas tinham feito.

A Filomena fechava-se então no quarto da cama, ia a um baliu, abria-o, contava o dinheiro em oiro alli existente, dois contos de reis, e guardava as chaves.

Quando o marido, á noite se recolhia, tinha o cuidado de lhe introduzir as mesmas na algibeira aonde anteriormente estavam, e isto sem que elle sentisse.

Sabia, pois, dos haveres d'aquella casa, apesar do marido ter sido n'este ponto assaz reservado para com ella.

N'uma primavera vieram á freguezia, visitar a sua gente, uns rapazes que ha alguns annos estavam nos Estados Unidos da America, acontecendo um d'elles ser de uma das casas que mais perto ficavam da habitação do Ricardo.

A ociosidade em que a Filomena passava a vida dava-lhe largas a não se tirar das moradias dos visinhos, como não é raro acontecer nos logares pequenos a quem não tem que fazer.

O *americano* que temporariamente, alli vivia, tornou-se muito do seu agrado, era um rapaz de vinte e tantos annos, robusto, bem vestido e um typo effectivamente sympathico.

Da casa do Ricardo começaram então a accudir os presentes áquella humilde habitação, do melhor prato da mêza, do mais escolhido vinho da ceia, era raro não partilhar o Sr. Francisco e isto muito a aprasimento dos parentes do mesmo, cujo parco passadio se limitava, geralmente, a umas couves cosidas, ou mal temperados legumes e que não botavam a minima malicia em tantos obzequios, pois já de ha muito que alguns lhe tinha feito a Snr.ª Filomenasinha, como pessoa abastada que era.

A mulher do Ricardo se n'alguma occasião estava alguns momentos a sós com o *americano*, envolvia-o em um olhar tão ardente, como um olhar de fera.

— Alli vae seu marido — disse-lhe este uma vez — vendo passar em frente da casa o Ricardo, com a fronte inclinada para o chão e muito pausadamente.

— E' deixal-o ir, não me faz falta.

— Ora essa! . . estão hoje mal? . .

— Nem mal nem bem, é sempre isto assim, aquelle vadio anda horas esquecidas por esses campos, não se lembra que tem mulher.

— E' que tem a sua vida a arranjar.

— Bonitos arranjos na verdade . . . antes eu nunca me houvesse casado . . . era pobre mas vivia á minha vontade.

— Mas então isso não foi casamento de amor? . .

— Eu sei lá o que foi . . . casei como casam muitas outras raparigas, mas ainda um dia . . .

— Um dia, o que? diga . . .

— Nada. Olhe, antes de se ir embora hade-me dizer onde o poderei encontrar em Boston, sim?

— Tem tenção de ir para a America? . . . vocemecês la não se accomodavam talvez, o seu homem não está habituado a trabalhar.

— Mas eu tambem não digo que elle vá, poderia ficar se quizesse.

— E era capaz de o deixar?

— Conforme . . . a gente não sabe para o que esta guardada n'este mundo.

Uma irmã do Francisco entrou n'este momento e a conversação teve de terminar, por inconveniente.

Aquella conversa deu que scismar ao *americano*.

O navio que devia, de novo, conduzir os visitantes fayalenses para os Estados Unidos e que tinha ido ás outras ilhas buscar passageiros, antecipou de alguns dias a sua chegada á bahia da Horta, aonde mesmo de vela receberia a gente que tinha de seguir para Boston.

O visinho da Filomena apenas teve tempo, mal soube da sua chegada, de despedir-se da sua familia e de ir a casa do Ricardo, agradecer a este e á sua esposa tantos favores.

Estavam em casa e o Francisco disse-lhes o motivo da sua visita.

— Então tu vás para o Rio de Janeiro? — perguntou o Ricardo, com um sorriso alvar.

— Não Sr., para Boston, d'onde vim ha pouco.

— Ah! sim, para Boston, é verdade, esquecia-me agora . . . bôa jornada . . .

— Viagem, quer dizer.

— Viagem, é isso, ó Filomena convida o nosso visinho para jantar.

— Obrigado, mas não tenho tempo, mil agradecimentos por tantos obzequios e Deus fique aqui, Sr.ª Filomena . . .

— Até um dia — disse esta a meia voz, apertando-lhe a mão.

— Não sei quando isso será, só d'aqui a annos voltarei talvez aos Açores.

— Mas ha quem pode la ir ter e talvez sem muita delonga . . . lembre-se d'isto e adeus.

De fóra chamavam o Francisco e ja estava á porta de sua casa o homem que lhe conduziria até a cidade o seu bahu.

Partiu.

O Ricardo murmurava a sorrir: — O' Filomena, elle vae para o Rio,

hein? . . bôa terra para quem sabe a lingua, mas para portuguez . . . pouca fortuna. Não me respondes? ! . .

— E' assim, é, — accudio distrahidamente a mulher, com a vista fixa ao longe, n'uma volta do caminho.

Passou-se ainda aquelle verão e subsequente inverno, sem novidade notavel n'esta familia, a não ser o Ricardo cada vez andar mais taciturno e aparvalhado.

Dizia-se na freguezia, a meia voz, que alem da bebida, de que elle fazia largo consumo, certamente a mulher lhe deitava na mesma *pós de querer bem*, uma peste que entre nós tem dado fim de muita gente, até por vezes das classes mais elevadas da sociedade.

A casa da Filomena estava sempre franca para receber quem quer que fosse que viesse á freguezia, o genio alegre d'aquella mulher e certa abundancia que alli reinava dava ensejo a tantos conhecimentos e amisades.

Aquella moradia era uma especie de estalagem e quando vinham hospedes a Filomena, ao invez dos seus habitos, trabalhava a valer para maior commodidade dos recem-chegados.

Apparecia alli de tudo, gente que passava d'uma para outra freguezia, rapazes da cidade que queriam ter um dia de campo, contrabandistas e engajadores de gente para os paizes estrangeiros, nos seus multiplos affazeres e nos seus complicados tramas.

N'este numero entrava o «Olho de Coderniz», um velho magro, esperto, de meã altura e cara de furão, que só á sua parte tinha feito embarcar clandestinamente mais rapazes para os Estados Unidos do que cabellos tinha na cabeça.

A este homem a Filomena demonstrava especiaes defferencias, era para elle a melhor cama, o mais bem temperado prato, adivinhava-lhe as vontades, queria que elle alli se demorasse e tratava-o, emfim, ás mil maravilhas.

O Ricardo, figura aliaz, muito seccundaria, presentemente, n'aquella casa, instigado pela mulher, acompanhava-a nos offerecimentos ao velho, mas com o recado mal ensaiado, pois umas vezes o convidava para irem juntos para a cidade, outras para elle ficar de vez morando alli: — era custoso entendel-o.

Quando chegou a primavera seguinte o «Olho de Coderniz» demorou-se mais alguns dias na Praya, a maré ia de enchente no seu prohibido trafego, esperavam-se duas barcas da America e tinha diversos negocios a tratar n'aquella povoação.

Afinal retirou-se um dia para a cidade, assaz satisfeito, e quem o observasse, com cuidado, notaria que ao subir a ladeira o velho de vez em quando levava a mão á algibeira, para se certificar não haver perdido um embrulho de que era possuidor, contendo dinheiro em oiro, um presente generoso da Filomena.

Decorridos uns quinze dias e havendo já chegado uma das taes

barras, recebeu, fundeada, numerosos passageiros e perto da noite fez-se de vella, sahindo da bahia da Horta, pelo lado do norte.

N'essa noite a Filomena preparava ao marido uma opipara ceia, os guisados de que elle mais gostava e apresentou lhe diversas garrafas d'um vinho tinto, especial, que o «Olho de Codorniz» lhe mandara da cidade, o que não admirava nada, depois de tantos obzequios que lhe haviam feito.

O Ricardo emborcou o primeiro copo e disse para a mulher:

— Bom vinho, forte, mas acho-lhe assim um gosto não sei a que...

— Deixa-me provar — acudio a Filomena — abrindo muito naturalmente uma outra garrafa, por lhe ficar mais á mão e deitando algumas gottas n'um calix que sorveu d'um trago.

— Acho o excellente, d'este é que tu havias de usar sempre.

— E' bom, é, mas deve ser caro, o ladrão dá assim, ao longe, um gosto como a flôres, não achaste?

— Eu não. E' que ainda não estás acostumado a esta qualidade... queres carne de porco ou coelho guisado? ..

— Dá-me antes dos coelhos ... Puf! .. hoje não estou muito bom do estomago ...

— Bebe mais para te abafar isso, vamos lá, vou fazer-te companhia.

— Olha não te vá á cabeça.

— Tambem não era a primeira vez, mas ninguem sabe cá da nossa vida ...

— Queres mais?

— Já não posso comer ... urh! .. tudo me enjôa ..

— Bebe mais, anda ... — e a Filomena veio sentar-se no collo do marido, passando lhe um dos formosos braços em redor do pescoço e com a mão livre apresentando-lhe um grande copo cheio de vinho até á borda.

— Então vae mais este ou não? .. é a pedido ...

— Tu fazes de mim o que queres, — e quando acabou de beber — diabo! .. não estou mesmo nada bom.

— Pois vamos deitar.

— Eu queria agora era apanhar ar ... estou tão agoniado!

— Não vês que é de noite? . não podes sahir, assim pelo escuro.

— Ah! .. e de noite, eu tambem não sabia, cuidava que estava jantando e parece que é a ceia ... — e o Ricardo dormitava em breve, meio deitado sobre a meza.

— Anda deitar-te, ahi não estas á tua vontade.

— Mas hasde-me deixar dormir socegado, isto é que é um peso de cabeça, parece chumbo.

— Foi o vinho, em tu dormindo isso passa, vamos p'ra dentro.

O Ricardo, ainda que a muito custo, conseguio erguer se da ca-

deira, para passar ao quarto proximo, que era o da cama, mas encostava-se ás paredes, tropeçava a cada passo e afinal cahio junto da porta, ficando estendido a dormir.

Parecia um cadaver, se não fosse um resomno de apopletico.

A Filomena, a muito custo, conseguio arrastal-o para o interior do quarto.

— Queira Deus — dizia ella mentalmente — que o «Olho de Coderniz» não *temperasse* de mais o vinho, o melhor é deixal-o ahi no soalho, quem é que pode levantar um corpo d'aquelles? . . vou fechar a porta á chave, sempre é bom cautella, ainda que o tenho seguro.

E, effectivamente, sahindo d'alli deu volta á chave que metteu na algibeira.

— Sentido não me esqueça o dinheiro . . . é em oiro, poderei com elle e já o tenho acautellado fora da porta, entre os buxeiros . . . bem . . . vamos vêr agora se a velha já está deitada. . . Forte vida!

Dirigio-se, com uma vella accêsa na mão para a banda da cosinha e quando passou pela alcova aonde dormia a mulher que servia no interior da casa, abrio uma fresta da porta, perguntando para dentro. a meia voz:

— A tia Rita tem ainda o lume accêso?

Ninguem lhe respondeu e somente ouvio o som cadenciado da respiração de uma pessôa que dorme profundamente.

Tornou a fechar a porta.

— Agora de pressa, que é tempo.

Abrio cautelosamente a porta da cosinha, que deitava sobre o campo, desceu uma pequena rampa de pedrinhas miudas, tornou a casa e achou-se em frente da mesma, n'um espaço de terreno cercado d'um muro baixo e que dividia aquella propriedade do caminho do concelho.

O «Olho de Coderniz», agachado pela banda de dentro do muro e occulto por umas hortenses que alli havia, poz-se então de pé e dirigindo-se para a Filomena, disse-lhe em voz baixa:

— Que demora! . . ha mais de uma hora que estou á espera . . . a gente da lancha já deve estar desesperada, vamos depressa . . .

— Que quer? . . não poude ser mais cêdo . . . eu volto n'um pulo.

— Aonde é que vae ainda? ! . . ora esta! . .

— E' um apice. . . — e a mulher correu para sitio occulto, n'um dos lados da casa e sem que o seu companheiro soubesse, metteu-se entre uns enormes buxeiros e erguendo uma lage, tirou debaixo da mesma uns rolos de panno, bem cosidos, que guardou cautelosamente no seio e na algibeira do vestido.

Isto foi obra d'um momento.

— Prompta!

— Deus vá comnosco . . . o vinho fel-o dormir, não é assim?

— Sim Sr.

— Está bom, é p'ra toda a noite. Vamos e nada de fallar.

Sumiram-se nas trevas.

Era alto dia quando o Ricardo accordeu na manhã seguinte, estragado, n'um mau estar geral, como pessôa que houvesse soffrido atrozes pesadêllos.

Admirou-se de estar estendido no chão, sem que tivesse consciencia de como alli se achava e de não ver a mulher no quarto, pois ella, geralmente, levantava-se tarde.

— O' Filomena! — exclamou — que diabo é isto?!..

Ninguem lhe respondeu, por quanto a criada, julgando os amos ainda recolhidos, havia sahido para as terras e ainda não voltára.

Ergueu-se, ainda assim, a custo e com passos vacillantes dirigiose para a porta do quarto, que estava fechada e a chave já a essas horas, sem que ninguem suspeitasse, muito distante d'alli, pelo mar fóra.

— Ora esta!.. ó Filomena!.. ó tia Rita!.. isto pelos modos sahiram todos e deixaram-me aqui fechado... tambem eu não tenho nada que fazer... deixal-o, vou dormir mais um bocado.. — e deitou-se sobre a cama, que não reparou estar intacta — o que eu não atino é como estava no chão... eu não me lembro de cahir, nem de já me haver levantado... a Filomena é que me hade explicar este caso... sempre tenho uma sede....

E adormeceu de novo.

D'ahi talvez a uma hora, quando a criada voltou para casa é que o Ricardo accordou de vez, sendo afinal preciso metter a porta dentro para o fazer sahir da sua prisão, reconhecendo-se então por varios bahús e gavetas abertas, que a Filomena havia fugido, roubando o marido.

Foi grande o escandalo na freguezia, não se fallava de outra coisa e do resto do vinho da ceia, uns abelhudos visinhos que d'elle provaram, vomitaram a valer.

Estava evidente a tramoia, fizera a fugitiva adormecer o marido para mais facilmente *abalar*

O Ricardo com a revelação d'aquelle trama não deu grandes demonstrações de pesar, o seu entendimento estava gasto, embotado e indifferentes em parte a tudo que em seu redor se passava

— A Filomena — dizia elle — hade voltar, mais é ella que me deixa, isto é talvez alguma brincadeira...

— Mas o dinheiro?!..

— O dinheiro, é verdade... eu tinha bastante dinheiro... eu tambem não me lembro bem se era um... não... esperem vocês, eram dois contos de reis, *home* elle ou é um ou dois... ella hade ter isso bem acautelado.

— E bem acautelado, não tenha duvida — acudiu um matreiro camponez.

— E' mulher de governo, — tornou o marido — talvez fosse á cidade.

— Para a America, desconfio eu, você não sabe que a barca sahio hontem?! . .

— Ou foi para a America, bem pode ser que seja, mas logo está ahi e explicará tudo.

— Este diabo está tolo! . . — murmurou o tal camponez a um seu companheiro.

— Parece . . . a gente não tem que fazer aqui, as irmãs que o aturem agora, manda-se-lhes aviso.

— Será bom — e depois em voz alta para o Ricardo — Pois haja saude amigo . . . oxalá não haja mais *dolório.*

— Deus vá com vocemecês, a Filomena está é no Poço das Azas, foi ver a outra, coitadinha!

— Qual outra? . . que é que vocemecê está para ahi a dizer. . .

— Eu tambem já não me lembro o nome . . . Filomena não era . . . aquillo a dizer a verdade não era p'ra lhe fazer mal . . . mas aconteceu, foi tudo para a America, uma e outra, deixal-o! . .

Vieram do Chão frio as irmãs do Ricardo, verificou-se a existencia do roubo e a fuga da Filomena que levara tambem os cordões d'oiro e os compridos pingentes de que tanto gostava.

Uma das irmãs do Ricardo, solteira e já de alguma edade veio para alli viver e cuidar do irmão, que gradualmente ensandeceu, depois d'essa epocha, tendo, porem, ainda muitos annos de vida.

Da Filomena não houveram mais noticias.

O morgado Antonio da Silveira, para quem a memoria da pobre Adelina sempre foi uma saudosa recordação, veio mais tarde a casar com uma rica herdeira da Horta, a qual conseguio tornal-o feliz.

Elle, a esposa e duas meninas, suas filhas, vinham, durante o estio, habitualmente, passar algum tempo na sua casa do Chão-frio.

Uma vez Antonio Silveira n'um passeio ao Poço das Azas, começou a contar á joven esposa a historia da Adelina, mas pondo o caso em terceira pessoa, no que lhe dizia respeito.

— Já sei tudo respondeu a rapariga — mesmo até desde antes de eu casar.

— Perdoas-me?

— Eu não tenho ciumes dos mortos. Diz-me uma coisa, nunca suspeitaste que n'aquelle acontecimento podesse ter havido um crime?

— Um crime! . . mas para quê, que mal fazia a pobre da Adelina? ninguem lhe tinha odio . . .

— Mas o tal Ricardo, a quem ella havia despresado.

— Já a esse tempo andava de amores e casou em breve com aquella Filomena que fugio . . . isso era publico.

— Bem sei, mas ainda assim ha gente malvada.

— Não duvido, mas n'este caso a infeliz rapariga, estou bem persuadido que perdeu a vida devido a um accidente qualquer. Olha, foi

d'aquella pedra mais alta que ella cahio . . . a fundura, como vez é grande . . . Coitada, está no ceu . . .

— Guiada pelas azas d'um anjo. O «Poço das Azas» ficou legendario. Heide mandar — continuou ainda a morgadinha — plantar aqui uma porção de roseiras sylvestres, estou que esta lembrança lhe será agradavel, quem deixou a terra velada por um anjo deve ir cingida por uma grinalda de flores.

A elegante senhora cumprio, effectivamente, semelhante promessa, as grandes roseiras agrestes que ainda hoje vemos nas encostas do Poço das Azas, cobertas de flores na estação festiva, foram devidas áquella caridosa lembrança.

Da pobre Adelina foi este o singello epithaphio.

## XVI

### UM CASAMENTO NA CANDELARIA DO PICO

Era dia de festa na freguezia.

Casava a Rosa do Lagido, uma das mais formosas raparigas d'aquelles sitios, esperta, azougada e de olhos negros e vivos como diamantes.

O noivo era a antithese d'isto, bisonho, mal talhado, cabello á moda do Pico, cortado por traz á escovinha e na frente comprido e cahindo-lhe sobre os olhos, jaqueta, collete e calças de lã ordinaria, producto das lucubrações maternas e um enorme chapeo de pêllo descahido para a nuca, o que ainda lhe realçava o ar, sem offensa, verdadeiramente alvar.

Acontecendo andar eu por aquelles sitios fui convidado para a bôda, cujo festejo começa na vespera á noite por um baile ou *folga*, como alli se diz.

A *folga* é de rigor em casa de um dos noivos, sendo publica para toda a gente da freguezia, que na mesma queira tomar parte.

A unica dansa alli conhecida é a popular *Chamarrita*, acompanhada á viola, com os descantes alternados de homens e mulheres.

Lembra-me que a primeira quadra dizia assim:

O' Sr.ª mãe da noiva
Venha cá fora ao balcão,
Venha ver a sua filha
Casada com um capitão

Olhei para o noivo que sorria reconhecido ás honras militares que lhe eram conferidas por uma perita cantadeira.

Os noivos tomam parte no baile, sendo, porem, par effectivo em todo o decurso da noite.

O refresco offerecido ao ajuntamento consiste de bocados de massa sovada e um frasco de agua-ardente, do qual um dos mais qualificados circumstantes vae, ceremoniosamente, offerecer um gole a cada conviva, limpando em seguida de cada libação o gargalo do frasco na manga da jaquêta.

Na manhã seguinte reunidas as testemunhas para o casamento e numerosos convidados, em casa da noiva, tem logar o almoço dos futuros conjuges.

Compõe-se esta refeição de pão, sôpa de carne de vacca e vinho, ou então simplesmente de carne guisada, a que dão o nome de *mòlha*.

Alentadamente almoçados os convivas, o mestre de ceremonias trata de os *engeirar*, isto é, de pôr o prestito em devida ordem, para marchar até á egreja.

A comitiva forma-se da seguinte maneira:

Em frente vae a noiva, a pé, no centro de duas testemunhas, que denominam madrinhas, seguida a pouca distancia por todas as mulheres que tomaram parte na anterior refeição.

Medeia um breve espaço de caminho e vem na mesma ordem o noivo, com duas testemunhas e seguido tambem dos seus amigos e parentes.

O mestre de ceremonias, munido de uma immensa bengala, adornada com fitas, é incansavel em manter a boa ordem na comitiva e ora indo ao grupo das mulheres, ora ao dos homens, ouve-se muita vez a sua voz, com desespero bradando, se alguma mulher mais curiosa sahio das fileiras, — *Engeire-se, engeire-se*, minha Snr.ª.

A mãe, pae, ou irmãos dos noivos são os primeiros do prestito, mas isto nos seus respectivos grupos, conforme o sexo a que pertencem.

Na egreja, apenas chegam, oram todos e depois confessam-se e commungam os noivos, seguindo o casamento e missa, cantada ou resada, segundo as possibilidades pecuniarias dos contrahentes.

Durante a missa, já ao noivo é permittido tomar logar ao lado da escolhida do seu coração.

A volta para casa é mais simples.

Os noivos marcham juntos na frente, seguindo-se indistinctamente todo o acompanhamento. Durante o caminho sobem ao ar foguetes, e de todas as casas por onde passa o prestito é atirado sobre os noivos e convidados muito trigo, que os nubentes recebem em guardanapos.

Por vezes, quando chegam a caza, se esta fica longe da egreja

vem cada um carregado com mais de um alqueire d'aquelle grão, representativo da abundancia.

Deixar de atirar trigo aos noivos é tomado como desfeita e um signal de grande inimisade.

Segue-se, mais tarde, no domicilio dos novos conjuges um jantar aos amigos das duas familias que se ligaram, retirando-se todos logo em seguida.

Foi o que eu fiz tambem.

Estava longe da *Arêa-larga*, para onde me dirigia e a noite avisinhava-se.

O pae do noivo, porem, offereceu-me um jumentosinho que tinha, para alli me conduzir.

— E' uma excellente alimaria — disse elle — uma vez posta a caminho não pára nunca, a questão é fazel-a dar o primeiro passo, em quanto não aquece é aquillo . . . Monte V. S.ª

Eu obedeci, ao tempo que o meu hospede, já munido d'um enorme cacête, dava no pobre animal desalmadamente, ainda que não parecia fazer isso a menor impressão no paciente.

— O' homem ! . . vocemecê estraga este animal.

— Perdôe V. S.ª, deixe-me aquecel-o e verá como isto é um briozo . . .

Aqueceu afinal, esticou a cauda, fitou as orelhas e partio a galope.

Julgo que iria assim até ao fim do mundo, era uma verdadeira *course au clocher !*

Estava um esplendido luar, a viagem foi magnifica por aquellas bôas estradas até á *Arêa-larga* e apenas encontrei dois homens no caminho, vergados ao pézo de enormes caixões, provavelmente tabaco de contrabando.

E fui muito feliz . . . , dei apenas um trambulhão.



# XVII

# A MORDOMA DOS MANGERICÕES

## (Ilha do Fayal)

Nos Açôres se não temos, por assim dizer, primavera, se passamos quasi subitamente dos rigores do inverno ao calor do estio, se em principios de Maio ainda temos neves e no fim do mesmo mez fortes soalheiras, não acontece, porem, o mesmo com o descahir do verão para a quadra sombria.

Essa transição opera-se lenta e saudosamente, parecendo que a natureza tem magoa de se despojar dos seus encantos. Nos arvoredos amarellece ora uma ora outra folha e isto nos alamos primeiro do que em qualquer outra arvore, o ceu tem ainda horas de muita luz, gosamos ainda tardes tepidas e perfumadas, e nas encostas dos montes as bella donas bravias, de calices grandes brancos e côr de rosa, revestem os sitios mais agrestes de uma alluvião de moutas floridas, em substituição das dahlias e goivos que a brisa da madrugada desfolhou nas turgidas hastes.

Nas freguezias ruraes o inverno, semelhante a nocturno bandido, leva muito tempo a vaguear nocturnamente, d'um para outro sitio das serras ou dos vallados, primeiro que se atreva a apresentar-se denodadamente em toda a parte.

No mar é aonde elle então já se faz sentir, atirando contra as praias uns cordões d'escuma, como fitas de prata, a experimentar se ainda pode illudir a gente maritima das freguezias que, infelizmente, já o conhecem de sobra, pelas tropelias que do mesmo soffrem durante a maior parte do anno.

Por estes tempos e principios do inverno ha na ilha do Fayal diversas romarias, taes como a da Senhora da Graça, a 15 d'Agosto, na freguezia da Praya do Almoxarife: — a romaria da Senhora do Soccorro, a 8 de Setembro, na freguezia do Salão: — São Matheus do longe, na segunda dominga de Outubro, no Capêllo: — Santa Catharina, a 25 de Novembro, em Castello Branco e Santa Barbara, a 4 de Dezembro, na parochia dos Cedros, sem fallarmos, por ser já em pleno inverno na romaria do Senhor Santo Christo, tambem na Praya do Almoxarife no 1.º de Fevereiro de cada anno, e nos fins da chamada primavera, a 29 de Junho, nos Flamengos, em honra de São Pedro.

Todas estas festas populares tem, para os numerosos romeiros que ás mesmas concorrem das treze freguezias da ilha, um especial atractivo, geralmente ligado a vivido sentimento religioso.

Quem fôr, por exemplo, á remota e muito populosa freguezia dos

Cedros, denominada como o celleiro de toda a ilha, pela sua extraordinaria producção de milho e trigo, não deixará com certeza de ir admirar a corôa de prata do Imperio Real, differente de todas as outras coroas do Divino Espirito Santo e pertencentes ás numerosas irmandades de toda a ilha.

Corre a respeito d'este primoroso artefacto a seguinte tradição, ou lenda.

Pertencia aquella magnifica corôa de prata, enfeitada ao redor com ramos lavrados e aberta, como uma corôa ducal, a um rei mouro que n'esta ilha esteve, durante o dominio de Castella.

Fôsse lá como fosse, Sua Magestade esqueceu-se de levar a sua corôa, quando sahio do Fayal e dias depois arribando a esta ilha foi em busca d'aquelle regio emblema á freguezia dos Cedros, primeira povoação d'esta terra.

Foram, porem, passadas perdidas, a corôa havia desapparecido e El-Rey desesperado, embarcou novamente e proseguio na sua derrota para as longinquas paragens dos infieis.

Ora quem havia roubado a corôa tinha sido uma mulher dos Cedros, que para maior cautella a enfiara n'uma perna, como n'um dedo se enfia um anel, obstando por esta forma a que fosse descoberta.

Depois da definitiva ausencia do Rei mouro a roubadôra offereceu a corôa á egreja da sua freguezia, que hoje a considera sua, mandando-lhe collocar um emblema do Divino Espirito Santo, servindo desde então nas respectivas festividades. Tem de altura 0,13 e de peso 1.500 grammas, contendo ainda, engastada, uma gemma de côr, da qual se ignora a verdadeira valia.

Na freguezia de Castello Branco a principal devoção dos romeiros é tambem uma corôa, mas de differente forma e muito mais pequena do que a de que acabamos tratar e que pertence a Santa Catharina, orago d'aquella povoação.

Alli, na egreja, o romeiro ou romeira, ajoelha de mãos postas e um padre da localidade, proferindo uma oração propria d'aquelle acto, impõe-lhe por alguns instantes na fronte a corôa da Santa, que tem sobrenaturaes virtudes.

Todo o romeiro, á sahida da egreja, deixa uma diminuta esmola para o costeio da mesma, geralmente 120 rs. em prata.

Na parochia do Salão, porem, alem das devoções á Santa Mãe de Deus, anda tambem sempre ligada á romaria de Setembro, uma idea profana, provar dos excellentes pêcegos, que tanto n'aquelle sitio, como na proxima freguezia da Ribeirinha então abundam.

Para os romeiros isto é quasi uma obrigação.

E que magnificos pêcegos, os melhores de toda a ilha!

E não é que sejam formosos e grandes, mas até pelo contrario de diminutas proporções, pellados e meios verdes, parecendo uns limões de gallinha.

Criam-se por alli, nas ribanceiras, quasi sem cultura, entre pedras, nos extremos dos cerrados, ou nos sitios mais incultos, mas sabem todos mollares, com o mais delicado sabor e perfume, um verdadeiro mimo da natureza.

Provar um, é comer em seguida uma duzia.

Os pècegos de toda a ilha, reunidos, e mesmo os do Pico, que são excellentes, não valem ainda assim um bom pècego da Ribeirinha ou do Salão nos quaes o sol, esse grande alchimista, derramou as suas mais suaves essencias.

Qualquer pecegueiro d'estas duas freguezias transplantado para qualquer outro sitio da ilha, pode produzir abundosa fructa, mas já irmanada com a generalidade existente e desprovida do seu primordial perfume e sabor.

Ora eu, uma vez, na tal romaria da Senhora do Soccorro, tinha ido até á freguezia do Salão, distante 14:200 metros da egreja Matriz, na cidade.

Aquella humilde povoação, a dizer a verdade, não tem muito convidativo aspecto e na força do inverno deve até ser bastante feia, com as suas pobres e mesquinhas habitações, de empenas para os caminhos, que são pessimos e apenas dando um tom pittoresco áquelle quadro a egreja, n'uma pequena elevação, isolada e a alguma distancia.

Sentámo-nos n'umas rudes pedras existentes a um dos lados do caminho, accendemos um charuto, e, intruso entre aquella bôa gente, começámos a ver deslizar por alli quasi toda a freguezia dirigindo-se para a egreja, aonde entravam desde logo as mulheres, em quanto os camponios se assentavam pelas banquetas do adro.

Por entre a frondoza vegetação d'aquelles sitios, destacavam-se, então, alegremente as cores vivas dos trajes femininos, os lenços da cabeça alvos de neve e adornados de versos bordados a linhas vermelhas ou azues, sem que apparecesse um unico capote de capuz, esse disforme costume que, na Horta, dá um tom lugubre e monastico a todas as reuniões populares, aonde concorre o sexo feminino.

Alli não: raparigas de fronte descoberta, robustas, frescas e sadias, homens alentados e de prazenteiro aspecto e alguns mancebos mais elegantes, dedilhando viola e seguidos de alguns companheiros que cantavam alegremente e todos trazendo na lapella das jaquetas de panno de lã, *arreliquias* das diversas romarias da ilha, em que tem estado, isto é, um meio palmo de fita azul, verde ou vermelha.

A maior parte da gente da freguezia, ao invez do que geralmente acontece, aprezentava-se, n'esse dia, calçada.

Já tinha passado proximo de mim, em direcção ao templo, o Sr. Padre Vigario, um bom velho, sério, gordo e imponente, fazendo cortezias para a direita e para a esquerda e permittindo liberalmente que os labios sofregos dos camponezes e camponezas lhe beijassem as sagradas palmas das mãos, com o mais entranhado respeito.

Já de barrete, capote e batina e na negrura d'aquelle facto, destacavam se valentemente as duas enormes fivellas de prata lavrada dos seus sapatos, precedendo as meias de sêda, sem uma unica prega.

Achava-se tão correcto que era impossivel que mãos femininas não tivessem entrado n'aquelle arranjo.

Passaram tambem os irmãos da confraria do Sacramento, a unica da freguezia, de opas vermelhas com um bordado no peito, do lado do coração, trazendo alguns mais desabusados confrades, em vêz de já envergada de casa, a opa debaixo do braço, como se fosse uma pasta ministerial.

Os sinos do campanario continuavam, incessantemente, a esturgir tudo, n'um verdadeiro delirio e toda aquella gente apressava-se para a egreja, por estar quasi chegada a hora da festa.

Só faltava a *dança dos arquinhos*, que vinha d'uma proxima freguezia e a Sr.ª Mordôma dos Maagericões, que tambem não podia tardar.

A *dança* chegou primeiro.

Eram uns vinte rapazes mascarados, metade d'este numero em trajos femininos: — a vestimenta é a capricho predominando em todos a côr branca, com laços de fita côr de rosa e na cabeça uma especie de gôrros com galão doirado, as mangas dos vestidos das mulheres são de rufos, prêsas de distancia em distancia por largas fitas, das quaes tambem tem rosetas no corpete e nas saias, que não passam abaixo dos joelhos. Completa este luxo muitos cordões d'oiro no pescoço, meias bem alvas, luvas brancas d'algodão e sapatos de bôca em baixo, com rosêtas tambem côr de rosa.

Cada mulher sustenta a extremidade de uma vara, curva, enfeitada de cassa branca e fitas de variadas côres, cuja extremidade opposta está na mão do seu par masculino

Differem d'estes uniformes trajos quatro figuras da dança, a saber, o tocador da rabeca, o tocador do pifano, ao som de cujos instrumentos vem marchando, e duas figuras grotescas, vestidas a capricho e armadas de ferrugentas espadas, nuas, para enchotar o immenso rapazio que cerca os mascarados.

O tocador da rabeca representa, invariavelmente, um militar, traz chapeu armado, com muitos galões, cabelleira com rabicho, farda toda abotoada reluzentemente, calça branca e botas até ao joelho, o pifano, menos qualificado, pode vir vestido como quizer, comtanto que o seu trajo seja diverso dos dançantes

O bando dirigiu se, com pompa, para o adro parando em frente da porta principal da egreja, aonde então se agglomerou muita gente, os dois mascarados das espadas começaram então, a muito custo, a arrumar o povo para abrir espaço para o *brinco*, o rapazio tornou se mais irriquieto, a rabeca e o pifano redobraram de enthusiasmo e ao toque de um apito do *Mestre*, começaram os dançantes nas suas evolu

ções de ha muito ensaiadas, cruzando os arcos e fazendo figuras variadas, n'um movimento alegre e continuo, n'uma especie de batuque que durou approximadamente um quarto de hora.

O enthuziasmo dos assistentes é grande ante aquelle espectaculo, nem ha diversão para o povo fayalense que possa rivalisar com uma bôa *dança de mascarados.*

Afinal, a um combinado apito do *Mestre* todos estacaram, ficando, como antecedentemente, em duas alas sustentando cada par o seu arco, mas os homens todos a um lado e as mulheres defronte.

Do sitio em que então me achava empoleirado na banqueta do adro, via bem á minha vontade a phisionomia alegre dos camponezes, com olhares transbordando de prazer e não sei como se aguentavam que n'um transporte de regosijo não investissem contra o bando, abraçando vehementemente dançantes e dançarinas.

Foi providencial n'aquelle momento a entrada no adro d'uma outra personagem, a Sr.ª Mordoma dos Mangericões.

Era uma rapariga d'umas vinte primaveras, alta, formosa e robusta, toda vestida de branco e com enfeites azues, uma grinalda de flores na fronte e destacando-se-lhe no peito, presa a grosso cordão d'oiro, uma imagem de Nossa Senhora, feita do mesmo metal.

Os seus braços alvissimos e bem torneados vinham nús de qualquer adorno e uns fios de contas brancas lhe cingiam os pulsos.

Sustentava nas mãos um caneco de louça pintada, no qual vegetava exuberantemente um copado pé de mangericão, com a sua flôr miudinha e branca, como uma poeira de neve por cima das verdes folhas.

Ladeando a Sr.ª Mordoma, umas vinte creanças da freguezia, todas vestidas e calçadas de branco, cabellos soltos e cintos azues, uns verdadeiros cherubins frescos e rosados, traziam cada uma uns pucaros de mangericões, de menores dimenções do que o da Mordoma e seguiam processionalmente, acompanhadas de muito povo, dos paes e das mães, que se reviam n'aquelle esplendido quadro.

São estes mangericões, a planta dilecta do povo fayalense, cuidadosamente cultivados, durante muitos mezes, para n'aquelle dia adornar o altar de Nossa Senhora.

Os *dançantes* formaram, como uma guarda de honra, ao lado da porta da egreja e a Mordoma, que é nomeada cada anno pelo parocho, seguio com a sua infantil comitiva para o interior do templo, aonde tambem entraram os mascarados e depois todo o povo.

A egreja ficou litteralmente cheia, o altar da Virgem converteu-se n'um brilhante e odorifero camarim, replecto de luzes e flores e a missa da festa começou no meio do maior recolhimento e devoção, sendo do adro, por essa occasião lançados ao ar alguns foguetes e *respostas*, bombas, bem como quando o Vigario subio ao pulpito e no solemne momento da elevação da Hostia.

Finda a ceremonia religiosa o edoso parocho proclamou, do altar,

quem, no anno seguinte, seria a Sr.ª Mordoma dos Mangericões, o povo sahio da egreja para vêr, mais uma vez, no adro, dançar os mascarados e o prestito da Mordoma cessante, acompanhado do Vigario, dirigio-se processionalmente até á casa d'esta, d'onde havia sahido, tendo porem deixado no altar da Virgem as suas floridas offrendas.

Os mascarados foram então visitar diversas moradias da gente mais granda da povoação, dançando ora n'um ora n'outro sitio e comendo á farta pór todas aquellas casas, isto ajudado de frequentes libações.

Desappareceu, n'aquelle dia, mais de metade da fructa que carregava os pecegueiros.

Antes de retirarem para a proxima aldeia, d'onde vieram os mascarados, como é de rigor, foram dançar em casa da Mordoma dos Mangericões e alli os aguardava um abundoso refresco, alcatra de vacca muito assada, duzias de merendeiras de massa sovada e alguns doze frascos de vinho.

Isto era já ao descahir da tarde!

Quando partio a *dança*, accenderam se luzes, vieram os rapazes do logar que melhor tocavam viola e as mais elegantes cantadeiras, bem como crescido numero de homens e mulheres da freguezia e começou, na casa da Snr.ª Mordoma uma *folga* rasgada, que durou, animadamente, até á madrugada seguinte.

Estas *folgas*, ou bailes populares effectuam-se, nas freguezias ruraes, quasi sempre de porta aberta para toda a gente da freguezia que na mesma quizer tomar parte e embora qualquer individuo esteja indifferente com o dono da casa, não se repara se alli entrar.

Como geralmente as *folgas* são dadas por occasião de alguma solemnidade religiosa, o proprietario da moradia elimina d'alli a sua personalidade, porque tudo é em louvor do Senhor Espirito Santo ou do bemaventurado que festejam, irmanando-se a qualquer transeunte que queira entrar e *brincar* em honra d'aquelle dia.

A dança, invariavel, do povo fayalense é a *Chamarita*, com mais ou menos numeros de pares e diversas passagens. Nunca se baila a *Chamarita* sem acompanhamento de viola e uma voz a cantar grande numero de trovas accomodadas áquella toada, sendo algumas d'estas esplendidos specimens da musa popular.

Em quanto se baila, quem toma parte na roda dá estalidos com os dedos, imitando castanholas, o que nos levaria a crêr ser a *Chamarita*, de cujo nome ignoramos a proveniencia, de origem hespanhola, se já antes do dominio de Castella não vissemos que um Bispo açoriano prohibio que se bailasse nas egrejas, em determinadas festas.

Alvoroceu-nos na *folga* e aquella noite havia deslisado bem rapida.

Que bellas raparigas e que magnificas cantadeiras!

Alli nada faltava para se estar á vontade.

Afinal montado n'um pobre jumento de aluguel retomei o cami-

nho da cidade, com saudade d'aquella boa gente, admirando ainda os encantos da Mordoma dos Mangericões e presenteado por esta com enorme cesta de pecegos, que confiei na melhor boa fé ás costas do arrieiro.

A manhã estava esplendida, a estrada boa, o sol surgira desassombrado, o ar vinha dos mattos perfumado e saudavel e os passaros cantavam doidamente nas ramas dos incensos, acacias e vinhaticos.

Era um verdadeiro encanto aquella jornada e como eu ao jantar, em minha casa, havia saborear o bello presente da Snr.ª Mordoma.

O arrieiro tangia mal a besta que caminhava lentamente e quasi em perfeita liberdade.

Uma vez por outra deixava-se talvez por cançado, atrazar no caminho e eu e o jumento caminhavamos por muito tempo a sós.

Gastamos a cruzar aquellas tres legoas até á cidade o dobro do tempo que, razoavelmente, era necessario.

Afinal, sempre chegámos.

O arrieiro teve a condescendencia de subir carregado até ao meu quarto e de depôr, alli, muito cautelosamente no chão a cesta dos pecegos, pelo carreto da qual recebeu uma bôa esportula.

Um dia não são dias.

Descancei, lavei-me e fui jantar.

A' sobremesa mandei buscar a cesta, queria que todos em casa provassem d'aquelles verdadeiros mimos da natureza, para conhecerem que era justificada a fama d'aquella fructa.

Veio a cêsta que a criada trouxe facilmente, apesar de não ser de pequenas dimensões, cortei uns cordões que prendiam a tampa e abria-a, mas . . . estava vazia!

E' escusado dizer que por muito tempo o rapaz do burro, quando me via na rua, atravessava sempre para o outro lado, não nos encontravamos facilmente.

Ladrão!



# NOTICIA RESUMIDA

DOS

ACONTECIMENTOS

DA

# ILHA TERCEIRA

NA

INSTALLAÇÃO DO SEU

GOVERNO CONSTITUCIONAL;

NA

CONTRA-REGENERAÇÃO; NOS MARTIRIOS,

E DESPOTISMOS PRATICADOS

PELO

EX-GENERAL STOCKLER

*LISBOA:*

NA OFFICINA DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,

Impressor do Concelho de Guerra.

*Com licença da Commissão de Censura.* (*)

1821.

(*) Opusculo de 20 pag. In-8.º No verso da primeira pagina tem impressos os seguintes:

«Artigos do Decreto de Côrtes de 18 de Abril de 1821, mandado executar por Portaria de 24 de Abril de 1821, impressa no Diario da Regencia N.º 123

1.º Serão havidos como legitimos todos os Governos estabelecidos, ou que se estabelecerem nos Estados Portuguezes, do Ultramar e Ilhas Adjacentes para abraçar a Sagrada Causa da Regeneração Politica da Nação Portugueza, e serão declarados benemeritos da Patria os que tiverem premeditado, desenvolvido e executado a mesma Regeneração

6.º Quaesquer Authoridades e Pessoas, que se oppozerem á Regeneração Politica da Nação Portugueza, dando causa a que os Póvos desesperados ensanguentem as suas revoluções, serão responsaveis pelos males que occasionarem.

Apenas livre dos horrores de uma rigorosa masmorra, aonde me sepultou a mão do despotismo, e mal convalescido dos encommodos de huma penosa viagem, julgo necessario á causa da verdade não me demorar em transmittir ao conhecimento do respeitavel Publico huma sucinta narração: 1.º dos trabalhos, e esforços com que foi promovida, e acclamada na Cidade de Angra, Capital dos Açores, em o dia 2 do proximo Abril, a Causa Constitucional: 2.º da Contra-Regeneração com que forão atacados, e vencidos á força d'armas os inermes Constitucionaes: e 3.º finalmente das perseguições, e martirios sob que gemêrão estes heroicos Patriotas; e do resgate do seu captiveiro. O meu principal objecto he manifestar a verdade, para que não appareça algum dia a historia adornada com vestes da parcialidade, ou da impostura: e como não pertendo formar accusações, deixarei por ora em silencio os nomes de alguns homens, que ostentárão ser inimigos da Soberania Nacional, esperando a seu respeito da Justiça, que felizmente reside nos Soberanos Poderes, as convenientes, e saudaveis providencias. Escreverei o mais resumido, que me for possivel, e unicamente quanto baste para dar uma idéa verdadeira dos politicos acontecimentos Angrenses, que já correm desfigurados por maligna tradição em quanto não sahe á luz (como se intenta) a sua historia completa e documentada. A modestia me devia suspender a relação de factos, *quorum pars magna fui;* mas a causa publica n'elles interessada deve prevalecer, e vencer delicadezas: lá fica salvo o direito da impugnação: eu escrevo o que sei: he facil aos outros, que mais sabem escrever mais e melhor.

1.º

*Diis parentibus, et Patriæ nom potest fieri satis.* No mez de Setembro passado chegárão á Ilha Terceira noticias de huma sublevação no Porto; e de receio de imminente choque das tropas das Provincias do Norte, com as de Lisboa, e Provincias do Sul: então o Capitão General dos Açores Francisco Antonio de Araujo, ouvindo o parecer de alguns Doutores, determinou pôr-se em observação, e evitar provisionalmente communicação com hum Paiz, que se figurava envolvido em guerra civil: e pouco depois constou, que se tinhão unido os Governos de Lisboa, e Porto, e instalado Côrtes: que todos os moradores do Continente Portuguez erão obrigados a reconhecer, e a jurar a Constituição, que n'ellas se hia formalizar. N'este tempo chegou de Lisboa o novo Governador e Capitão General Francisco de Borja Garção Stockler: e com a sua presença nascêrão lisongeiras esperanças, promettendo, que a nova ordem de cousas, que hia a estabecer-se poria fim ao estado de abatimento, e servidão a que se vião reduzidas as Ilhas dos Açores, especialmente a Terceira, por causa da mudança do Ministerio

para regiões longiquas, aonde pouco se curavão os negocios insulanos, e por vicio intrinseco da Administração Publica, que dava largo campo à arbitrariedade do Governo General, e das Estações subalternas proporcionalmente: por que era muito de crer, que elle não poderia ter sahido de Lisboa sem prestar o juramento Constitucional, a que todos ahi erão obrigados: e por este meio serião extinctas as sementes do despotismo, que tanto tinhão fecundado nas terras insulanas. Porem como são vãos os juizos dos homens! Tomou posse o novo General, e inflamado todo em astucioso, e hypocrito zelo do bem publico, com assombro geral desenvolveo sentimentos totalmente anti-Constitucionaes: redicularisando, e motejando os procedimentos politicos de Portugal, e as respeitaveis personagens que n'elles figuravão; prohibindo passaportes para este *Paiz de Rebeldes* (segundo a sua frase); negando licenças para correrem os Periodicos impressos, ate os estrangeiros, que tratavão da causa Portugueza: estabelecendo para este fim insolitas, e rigorosas visitas de Policia, censuras, buscas, e exames: ameaçando graves castigos, e creando huma barbara espionagem com que introduzio a desconfiança, e a desordem no interior mesmo das familias: e com que perturbou a paz e segurança, que devia promover entre os Povos, que lhe erão confiados: e por este reprovado meio descobrio principios de projecto Constitucional: e em vez de os fomentar como os benemeritos filhos da Patria, propôz-se suffocal-os, para o que recorreo ao terrorismo: multiplicando rondas diurnas e nocturnas, augmentando patrulhas dobrando guardas, e até postando artilheria à porta do seu palacio, para ser disparada contra os pacificos filhos d'Angra, que elle devia defender. A' sombra deste funesto systema corria o nosso Governador à Omnipotencia: tanto assim, que sem os Vogaes, expressamente chamados pela Lei, exerceo funcções do Desembargo do Paço, nomeando as Camaras da Capitania, as quaes não tardou em reprehender asperamente, limitando-lhes a sua authoridade legal: e ate suspendeo do seu officio, sem culpa formada, e arbitrariamente o Procurador do Concelho de Angra: porque teve a ousadia de despontar em veriação algumas ideas Constitucionaes e de pedir certidões de privilegios registadas nos livros da Camara, como se fosse delicto ter o Membro de huma Corporação noticias dos Indultos, de que ella goza, tanto assim, que fez nomear e dar posse ao novo Capitão Mor de Angra, havendo outro com Patente Regia, que lhe foi presente: mas porque (dizião) tendo sahido por causa de molestia para Lisboa, ainda se achava doente neste *Paiz revolucionario*: e finalmente tanto assim, que prohibio os recursos forenses, e o cumprimento das ordens, que pelas Leis estabelecidas, pertencião à repartição de Lisboa, substituindo lhe a Côrte do Rio de Janeiro: e certamente se tivesse algum pretexto, por mais especioso que fosse, para remover ao menos ate Macao todos os recursos, elle o faria: pois como Mathematico bem conhecia, que a proxi-

midade de superiores estava na razão inversa da independencia a que se propunha.

Em quanto porém o Capitão General procurava por estes, e outros meios opprimir os Insulanos, alguns honrados Patriotas conhecendo o geral descontentamento, apezar do espirito de adulação e servidão. com que o Governo geral tem educado e mantido aquella Capitania: convencidos inteiramente da necessidade de refórma politica, fazendo ao mesmo tempo justiça ás virtudes de S. Magestade, persuadidos que approvaria genericamente, como approvou, tudo que fosse util á Nação. procuravão remediar os males, que sobre elles carregavão; o que unicamente se poderia conseguir com a adherencia ao systema de Portugal: e para este fim pozerão em actividade os meios seguintes.

Logo que se annunciárão as noticias do Continente, o Desembargador Alexandre de Gambôa Loureiro, e o Juiz de Fóra Eugenio Dionizio Mascarenhas Grade, concebêrão o projecto de acclamar a Constituição nas Ilhas: como porém tudo dependia do auxilio Militar e da apoderação do importante Castello de S. João Baptista, e era sabida a opposição do Capitão General, e a cega obediencia, que ainda lhe prestava seu discipulo amado o Coronel Caetano Paulo Xavier, Governador do dito Castello, foi necessario correr o risco de tentar os Commandantes dos dois Batalhões: o Juiz de Fora visitou o honrado Major de Artilheria João José da Silva, o qual logo despontou sentimentos Constitucionaes: porém logo tambem mostrou a impossibilidade de os realizar, por se achar então fóra do commando do seu Corpo, por causa da enfermidade de seu filho, que acabava de quebrar ambas as pernas: e o Desembargador procurou em casa do Negociante Francisco de Paula da Silva o Commandante do Batalhão de Infantaria o Major João Pereira de Mattos Rite. a quem já antes tinha fallado em termos geraes, mas agora lhe expoz todo o negocio: porem elle ainda que applaudio as proposições. com tudo escusou-se de entrar na acção. dizendo que não tinha a necessaria confiança nos seus soldados. e de certo teria contra si o dito Governador do Castello com o Batalhão de Artilheria, mais forte do que o do seu commando, nada prometteo: mas teve o merecimento de guardar o segredo, que se lhe revelou.

Frustrado este plano pela repugnancia dos Chefes Militares cumpria recorrer a outro: e o unico que restava fundado na cooperação dos Officiaes subalternos era mui difficil. pela diversidade de interesses. e falta de centro de união: residia porém ainda em Angra o ex-Capitão General Francisco Antonio de Araujo, que conservava grande influencia sobre a Tropa: porque no tempo do seu governo creou o Batalhão de Infantaria, e despachou os seus Officiaes. que todos erão creaturas suas, assim como erão muitos do Batalhão de Artilheria. por cujos motivos era este o unico homem capaz de mover a Officialidade

a entrar com a sua Tropa nos projectos Constitucionaes, independentemente dos seus Chefes: mas a antiga e publica inimizade, que entre elle havia e os ditos Ministros, obstava á confiança necessaria para a revelação de hum segredo tão importante, e aos menos de união, e reconciliação, que se não podia fazer publicamente sem dar muito que entender aos Insulanos, que não ignoravão os motivos das discordias: mas a necessidade da cooperação de Araujo, e o serviço da Patria prevalesceo aos justos receios: e tudo se arriscou em beneficio da causa Nacional. N'este tempo já se havia formado uma Sociedade Patriotica dos sobreditos Ministros, do Tenente Coronel de Engenharia José Carlos de Figueiredo, do Morgado José Leite, do Inspector da Agricultura Thomás José da Silva, e de Ignacio Quintino de Avelar, que trabalhárão em firmar a opinião publica, e empregar todos os meios para engrossar o partido: por alguns d'estes socios se soube a propenção de Araujo para a Causa Constitucional: e então o dito Tenente Coronel foi encarregado de o convidar para a execução de taes projectos, o que elle acceitou de bom grado, e para este fim teve huma unica conferencia nocturna com Loureiro em casa do sobredito Silva, aonde, feita a nunca esperada reconciliação (que só se faria, como fez, por serviço da Patria) em presença dos sobreditos Tenente Coronel, e Avelar, ahi se approvou o plano proposto por Loureiro, muito conforme ao que se praticou em Portugal: Araujo ficou incumbido de todos os actos Militares, e de ser Membro da futura Junta Provisoria em quanto ella julgasse indispensavel o auxilio da Tropa, até entrar no regular, e pacifico exercicio das suas funcções: e Loureiro ficou incumbido de todos os actos civis. Conservado apparentemente o estado de cousas, não cessavão as diligencias a bem da causa: mas Stockler receoso dos concursos, que observava em casa de Araujo, intentou dissolvel-os, dispersando as pessoas que ahi concorrião: para o que principiou pelo Negociante José Antonio Ferreira Vieira, que subitamente fez embarcar para o Rio de Janeiro: continuou pelo dito Tenente Coronel José Carlos, que mandou na força do inverno, sob pretexto de serviço, para a Ilha das Flores: de cuja viagem arribou para a Terceira, obrigado de huma tempestade, em que esteve quasi perdido: e finalmente pertendia acabar pelo dono da casa, para o que lhe fez intimar no ultimo de Março por seu Secretario o Sargento Mor Manoel Joaquim da Silva, que por ser perigosa a sua presença n'aquella Cidade se devia retirar d'ella: cuja intimação Araujo exigio por escripto, o que se não fez.

He de notar que Stockler se tornava cada vez mais altivo confiado nos Commandantes das Tropas: porque estes lhe havião assegurado constante adhesão, quando poucos dias antes elle os havia convocado a conselho para os ouvir sobre os acontecimentos da Ilha de S. Miguel, que tinhão (dizia elle) cahido na desgraça de abraçar o systema de Lisboa.

No primeiro de Abril teve Araujo motivos para desconfiar, que no dia seguinte seria preso: pelo que já de noite fez saber a Loureiro, por Avelar e Silva, que era da ultima necessidade fazer-se a Regeneração na madrugada seguinte, aliás todos seriam victimas do despotismo: no que se concordou. Era quasi meia noite, quando Loureiro se recolhia, e achou a porta da sua casa cercada de huma patrulha, commandada pelo Tenente Agapito Pamplona, e depois de proferirem ambos hum dialogo premeditado, se unírão com Araujo, e caminhárão para a visinhança do Castello, aonde logo chegou o Tenente Coronel José Carlos acompanhado tambem de outra patrulha, o morgado José Leite Botelho, destinado para Membro do futuro Governo Constitucional, Avelar, outras mais pessoas, e as patrulhas que rondavão a Cidade commandadas por Officiaes do partido: e como ellas á meia noite devião entrar no Castello para serem rendidas, a essa hora os Constitucionaes o tomárão por surpreza. Araujo immediatamente prendeo no seu quartel o Governador Caetano Paulo, o qual disse ficava neutro, confirmando os nossos antigos receios. Loureiro foi prender o Commandante de Infantaria João Pereira de Mattos Rite, que se não achou no quartel, por ter n'aquella noite dormido na Cidade.

Juntou-se a Tropa, e em altos Vivas acclamou-se unanime, e gostosamente a Religião, as Côrtes, a Constituição, e o Rei Constitucional; e logo se deo huma Salva de Artilheria em quanto se expedirão Officios para o Bispo, Coronel Francisco do Canto, Doutor José Maria Ozorio, participando-lhes haverem sido eleitos para comporem interinamente a Junta Provisoria do Governo Supremo das Ilhas dos Açores: para o Juiz de Fóra, que por doente não pôde entrar n'este acto nocturno, e laborioso: e para o Tenente General Stockler, annunciando-lhe a sua deposição: os quaes Officios forão remettidos pelo digno Tenente de Milicias Matheus Homem Borges, que sendo encontrado com elles na Cidade, e acclamando o novo Governo, foi injuriado e maltratado por hum Ajudante d'Ordens, que o mandou preso e amarrado com a sua propria banda á presença de Stockler, que o tratou indignamente, dizendo-lhe que lhe não dava com a sua bengalla para se não sujar, e ainda que o vio ferido, o mandou prender na enxovia.

Com o estrondo da sobredita salva havia acordado Stockler, e achando-se sem guarda, mandou chamar ás armas os Milicianos, e bater ás portas dos habitantes para o seguirem, e bloquearem quasi inermes o Castello: mas huma peça disparada sem pontaria, de proposito para não offender, bastou para pôr em desordenada fugida esta turba confusa: e a presença de algumas patrulhas, que sahirão do Castello, dispersou mesmo de longe os companheiros de Stockler, que com elle em precipitada retirada se encaminhárão para a Villa da Praia, distante tres leguas.

Neste tempo os tres do Governo por entre acclamações, e vivas,

acompanhados da tropa, vierão à Casa da Camara, aonde estando congregado o Senado, composto do seu Presidente, dito Juiz de Fóra, de Francisco Moniz Barreto, Vereador actual, de Alexandre Martins Pamplona, de Francisco de Menezes, e de Thomás José da Silva, como Procurador do Concelho, ex-Camaristas por não apparecerem os outros actuaes, e dos mesteres, á excepção do primeiro; se unirão ao Governo o Corregedor João Bernardo Rebello Borges, e o dito Doutor Ozorio, Secretario com voto, e forão lidas duas cartas, huma do bispo escusando-se por sua insufficiencia, que não foi attendida, e outra do Coronel Canto desculpando-se da demora com o subito ataque da sua costumada molestia, mas que appareceria logo que se restabelecesse, o que fez no mesmo dia de tarde: e então na presença de numeroso, e luzido concurso, Loureiro teve a gloria de ser o primeiro, que naquella Ilha orou publicamente a favor da Constituição, e o seu discurso mereceo a approvação geral, de sorte que se jurou espontaneamente, como á porfia (com pequena dúvida) a Constituição, dando-se-lhe muitos vivas, a El Rei Constitucional, e á Religião, e reconhecendo-se o novo Governo Constitucional, que tambem da sua parte jurou governar pelas Leis estabelecidas: e de tudo se lavrárão competentes autos com applauso: isto feito voltou o novo Governo para o castello entre pompa, e regozijo: e como então constasse que Stockler trabalhava na Villa da Praia em reunir as Milicias d'aquelle districto, e alguns destacamentos da Costa para tentar novo ataque, foi necessario dar logo providencias para recolher no Castello viveres, e pôr em segurança os Cofres públicos. Serião pouco mais de seis horas da tarde, quando por mãos do digno Juiz de Fóra da Praia Joaquim Fermino Delgado, recebeo o novo Governo Capitulação, e abdicação assignada por Stockler, em que se abandonava á generosidade da Junta, intercedendo pela sua familia, e Officiaes que o havião acompanhado: logo se expedio o Corregedor para a Praia com a resposta assegurando todos os bons Officios. He de saber que o procedimento do sobredito, foi resultado de hum Conselho Militar, em que todos os Officiaes que acompanhárão Stockler forão de voto contrario ao d'elle, que pertendia effusão de sangue, e guerra civil, como se verá a seu tempo do theor do auto competente.

Amanheceo o dia seguinte 3 de Abril, e nelle se continuarão a prestar voluntariamente na Camara juramentos á Constituição até á noite, e continuarião se mais tempo houvesse: por horas de meio dia, chegou Stockler da Praia e se hospedou em casa do Negociante João da Rocha Ribeiro: e de tarde fallou-se em contra regeneração, que he objecto do 2.º artigo seguinte.

2.º

*Accipe nunc . . insidias, et homine ab uno disce omnes:*

Perto da noite, os Governadores persuadidos por algumas vozes populares, que estava tramada a Contra-Regeneração, não obstante alguns Officiaes Militares certificarem a Araujo, que nada havia a recear da parte da Tropa: e desenganados que o General, que nunca desembainhára a espada em defeza, e favor da Patria, trahia a sua palavra, e Capitulação que fizera: sendo consentidor, e cooperador da proxima sublevação contra o Governo Constitucional, por elle mesmo, e pelo Publico reconhecido, e contra os Patriotas defensores da Soberania Nacional: se juntárão todos no Castello para resolverem o remedio de obstar á imminente explusão: e tendo-se acabado de assignar as Ordens para immediato embarque de Stockler: a tempo que se detalhava o destacamento para esta diligencia: serião dez horas quando se ouvio confuso motim de vozes da Soldadesca, seguido de numerosos tiros contra o quartel, aonde se achavão inermes, e pacificos os Governadores, que logo corrêrão precipitadamente á salla de fóra: e Araujo chegando a huma das janellas para fallar á Tropa, cahio immediatamente morto de hum dos muitos tiros. He mais facil de pensar, do que de escrever a desordem, e confusão que se seguio; porque em quanto huns Soldados continuavão a fazer fogo, que durou muito activo perto de huma hora, outros investírão a casa com armas brancas, clamando morte contra todos: e todos então se julgárão no extremo de serem logo logo assassinados entre o furor, e voseria da Soldadesca amotinada, e altos lamentos da desgraçada familia do fuzilado Araujo, e das suas visitas; mas a ferocidade militar se abrandou hum pouco com a vista do cadaver, e se contentou de levar prezos entre insultos, improperios, e ameaças a quantos Constitucionaes achárão, e os conduzírão para o Corpo da Guarda com o risco de perderem as vidas: por que os Soldados, muitos embriagados, quando passavão pela porta, se lembravão de dar para dentro uma descarga cerrada, e apontavão as espingardas, que a muito custo suspendião pelos rogos dos prezos, e das sentinellas. Entretanto outros Soldados corrêrão a casa de Rocha a conduzir na sege, em que o Coronel Canto viera para o Castello, o General Stockler: e não falta quem diga, que n'essa occasião se deitou dinheiro das janellas abaixo de Rocha por alviçaras da noticia da morte de Araujo, assim como dizem que não faltou quem notasse a alegria, que em toda essa tarde mostrárão as pessoas da dita casa, quando o contrario era de esperar por estar deposto o seu amigo. Stockler não tardou em apparecer prompto, e fardado, e entre vivas dos seus amigos Soldados, se dirigio triunfante ao Quartel do Major de Artilheria, aonde se demorou até alta noite, approvando alegremente a traição praticada: recebendo parabens, e cumprimentos pelo seu procedimento

anti social, e dando ordens, alem de outras, para que o Bispo, Corregedor, e o Coronel Canto, que estavão no Corpo da Guarda, fossem á sua presença, lhes facultou o regresso para suas casas: o que pouco depois praticou tambem com Loureiro, o qual na occasião do fogo se pôde occultar casualmente em hum subterraneo do Quartel, aonde se achava em Sessão do Governo, ao qual igualmente descêrão o Juiz de Fóra, e o Quartel-Mestre de Infantaria, e por huma inesperada eventualidade com a chave do seu quarto, pôde abrir uma forte grade de ferro por onde todos sahirão, e se recolherão a casa do dito Official, que benignamente a offereceo: e na qual estiverão algumas horas escondidos, até que patrulhas de Soldados, que davão busca a todos os Quarteis o achárão, e levárão preso para o Corpo da Guarda, aonde já encontrou o Morgado José Leite, seu filho Luiz Leite, Thomás José da Silva, Maximo José de Azevedo, o Tenente Agapito Pamplona, e outros mais: e sendo mandado chamar por Stockler, depois de notaveis mutuas civilidades, este lhe facultou livre regresso para sua casa, de que se aproveitou: e pouco mais tarde se recolheo tambem Stockler por entre luminarias: nas quaes se distinguio, assim como nos actos anti Constitucionaes, o Tenente Coronel aggregado de Milicias, Jorge da Cunha Brum da Silveira, que sempre se tem mostrado muito amigo das Authoridades em quanto governão.

No dia seguinte de tarde, Stockler, mandou postar toda a Tropa da primeira, e segunda linha defronte da Casa da Camara, a qual fez convocar a Nobreza e Povo, e perguntou aos Membros presentes do Governo Constitucional, e aos mais a razão por que se tinhão rebelado contra a sua authoridade constituida pelo nosso legitimo, e unico Soberano, aclamando hum Governo Rebelde, e unindo-se a causa dos Rebeldes de Portugal: a força das armas foi a escusa geral, que servio para não sahirem logo d'ahi presos: como se inculcava, os que se não conformassem com a vontade de Stockler: que tendo presente, á sua disposição artilharia, e mais de mil baionetas, se fazia temer, e extorquir em seu favor as declarações de todos, o que conseguio: e concluido o acto com vivas a El-Rei, e ao Capitão General, se cantou na Sé *Te-Deum*, não sei por que motivo.

Já se disse que não se pertendia formar accusação alguma, por cuja razão se não declarão agora as urdidas maquinações occultas, os subornos, as peitas, as promessas de merces, e promoções: nem os nomes assás notorios em Angra dos indignos Portuguezes, que lançarão mão de tão abominaveis meios para infamarem a sua Patria, e subverterem a Causa Liberal, qualificando-se Reos de Lesa Nação, pois não tiverão em vista, como agora dizem, para se desculparem unicamente odio á pessoa de Araujo: porque se assim foi, depois de o assassinarem, por que razão continuarão a perseguir a Constituição, e seus honrados sectarios? E ficarão impunes tão execrandos, e perigosos delictos! . . . Ficará triunfante o partido anti-Constitucional? Es

pera-se que em processo judicial, se apure a vèrdade, entretanto basta dizer, que os Officiaes despachados immediatamente por Stockler forão promovidos em premio dos serviços, que fizerão contra a Constituição, e em abono de negro plano: e as outras pessoas, que brindárão com dadivas, e dinheiro os Assassinos de Araujo, e os inimigos da Patria, mostrárão por este procedimento, que approvavão tão torpes acções: ainda que não duvido, que nos despachos dos ditos Réos se introduzissem alguns dos innocentes de proposito para fazer confusão; e que algumas prestações se fizessem mais por temor de Stockler, do que por amor da sua causa: he digna de ser lida a Ordem do Dia, que acompanhou a dita Promoção, e até que se junte às indagações, que por Justiça se esperão se faça com brevidade, e d'elles se saberá tambem, se he verdade, que o plano era demolir o edificio para todos ficarem sepultados debaixo das suas ruinas: o que se não effectuou, por que se não podèrão carregar com ballas as quatro peças, que se carregárão com metralha.

3.º

*Quis talia fando . . . temperet a lacrimis?* Accrescentemos agora a historia da preversidade humana, relatando em summa a perseguição com que debaixo da authoridade e governo de Stockler forão maltratados os Martyres da Constituição, (cujos nomes serão no fim relatados) atè na fórma de sua soltura.

Na fatal noite da Contra-Regeneração ficou estendido no chão o ensanguentado cadaver de Araujo, atropelado, roubado pelos soldados e amaldiçoado pelos anti-Constitucionaes: e assim esteve muito tempo, até que por ordem de Caetano Paulo, foi conduzido de rastos para hum quarto proximo, ou toupo de escada, servindo de objecto de brutal irrisão, de sorte que tal homem houve (segundo se diz) que chegou a ter a irracional satisfação de lhe metter huma bengalla pela boca: e ficaria longo tempo insepulto, a não ser a piedade do honrado Ajudante de Ordens Manoel José Coelho, que por quatro miqueletes, a quem pagou, acompanhado unicamente do Capellão do Castello, o fez sepultar na incendiada, e profanada egreja de S. João Baptista, sita no mesmo Castello: sem que o Capitão General mandasse fazer honras algumas funebres ao seu Antecessor, que era Brigadeiro: e sem que houvesse procedimento algum judicial por causa deste notorio assassinio. A desgraçada familia, à excepção de hum filho menor de doze annos, foi toda presa, hum enteado, Official de Infantaria, seguio a fortuna de seus camaradas Constitucionaes: as Senhoras: a saber: uma filha e tres enteadas forão presas para o convento das Capuchas, com ordem de estarem incommunicaveis: e nesta clausura se conservárão mais de quarenta dias, destituidas de todo o auxilio, pois até os bens do assassi-

nado forão apprehendidos, ou confiscados por ordem de Stockler, o qual teve a caritativa animosidade de mandar offerecer a filha de Araujo huma mezada de 12$000 réis, que foi regeitada com a devida indignação.

Os Constitucionaes, que sobreviverão victimas do plano premeditado, forão maltratados, e insultados pela Soldadesca, que despio as fardas a muitos de seus Officiaes, ferindo-os, espancando-os, e arrancando-lhes as barbas, e cabellos, e logo ficárão retidos presos em lugares immundos, e encommodos, cercados de insolentes Soldados, que continuamente os ameaçavão de passar á espada. Immediatamente os Soldados se espalhárão pela Cidade em tropel para atacarem todas as pessoas, que lhes parecia tinhão approvado a Constituição, e com este fim não escapou casa particular, asilo, clausura de que elles se lembrassem, que não invadissem, para alli descobrirem os que elles chamavão traidores, sem que os Chefes, responsaveis pela disciplina de seus Corpos, cohibissem tão grande desordem, tão grande anarchia, antes a silenciosa connivencia do Capitão General animava mais a amotinada Soldadesca, e gentalha: durou esta montaria alguns dias, até que forão presos á ordem de Stockler, fóra do supposto flagrante delicto, e sem culpa formada muitos Cidadãos pacificos, que logo por elle forão declarados Réos de Estado, Inconfidentes, e Rebeldes, e sem attenção a fóros, privilegios, e graduações, fechados e repartidos pelas mais crueis prisões, huns no Corpo da Guarda, Calabouços, e Castellos: outros nas Cadeias publicas, enxovias, Segredos, e Carceres: e outros finalmente em lugares tão indignos, que a decencia não permitte nomeal-os, sendo muitas vezes caprichosamente mudados de humas para outras prisões para apparecerem em publico com apparato, e acompanhamento degradante e aterrador: até forão lançados ferros aos pés de hum Tenente Coronel, e de outro, que os soffrêrão por tempo de cinco dias, e com tal aperto, que foi necessario encaixar-lhos nas pernas á força: talvez que merecessem esta distincção por terem já sido victimas da Septembrizaida: todos guardados sempre com sentinellas á vista, frequentemente rondadas, e recommendadas pelo Ajudante de Ordens Thomás Manoel Xavier Palmeirim, grande valido de Stockler, e muito digno de o ser, que estando no Castello na noite da Regeneração, se occultou, e sahio na manhã seguinte dentro de huma cadeirinha, trazendo, para se esconder, sentada nos seus joelhos D. Antonia Balbina, de quem he muito amigo: todos estes presos estavão incommunicaveis, muitos privados inteiramente de luz, e todos com grades muito estreitas, feitas agora de proposito: prohibidos de preparos para escrever, e de livros: recebendo unicamente duas vezes por dia, e a más horas, o seu sustento, que era miuda e sordidamente examinado pelos Soldados, e privados do uso de faca e garfo: as casas de alguns forão fechadas e pregadas, e os bens foram mandados confiscar por Stockler: porem esta ordem não se

chegou a executar, porque o honrado Corregedor Interino, a quem foi dirigida, teve meio de a suspender, até concluir o Summario, que ficou interrompido com a chegada da Fragata Perola.

A huns Officiaes Militares presos deo Stockler, sem mais formalidades, baixa redonda; a outros suspendeo os soldos, fez que se não pagassem os vencidos, que se devião a alguns, despachando em seu lugar os que tinhão concorrido; (excepto dois ou tres) para o assassinio, e contra-Regeneração, admittindo-os logo a serviço, e vencimento; e o mais he, que tão illegal promoção foi approvada pelo Governo Interino, e ainda la existe em vigor: e igual demissão, e substituição praticou com alguns Empregados civis.

Nada escapou á actividade deste perseguidor; até violou a fé, e segurança permittida ao Correio Geral, mandando conduzir para seu Palacio a malla do Correio, e a abrio; e por muitas vezes forão interceptadas as cartas, e correspondencias dos Constitucionaes: tanto assim que para ver se apprehendia huma carta, que Loureiro escreveo antes da sua tyranna e perfida prisão, mandou prender o criado d'elle, dar rigorosa busca em sua casa pelo dito Palmeirim, e Soldados, e fazer-lhe na prisão interrogatorios pelo dito Corregedor Interino; mas felizmente n'esta occasião todas as diligencias forão inuteis: sendo muito de notar, que este Desembargador foi preso no dia 8 de Abril estando pacifico em sua casa, fóra da occasião do supposto flagrante, e sem culpa formada: e jazeo na prisão até 17 de Maio.

Era tal o empenho do nosso Nero, que comprou á custa da Fazenda N. e R. hum navio Inglez (dizem) por dois contos de réis pagos em Urzella pelo preço do Paiz, com grande vantagem do vendedor do navio, e o mandou preparar de camarotes no porão, grilhões, e algemas para remetter n'elle para o Rio de Janeiro quantos dos presos n'elle coubessem; já lhe tinha nomeado Officiaes: e a demora necessaria para se fazerem as ditas accommodações, e da Tropa, que hia guardando os presos, foi causa de não sahir antes de apparecer inesperadamente a sobredita Fragata. Tão contente de causar males fisicos, procurou tambem causar moraes, fazendo por si, e seus agentes odiosos, e execraveis os Constitucionaes, infamando-os com calumnias: que erão inimigos da Religião; rebeldes ao Rei; Jacobinos; facinorosos Pedreiros-Livres; e que o objecto dos seus trabalhos erão roubos, violencias, assassinios, veneficios, e toda a qualidade de atrocidades. Com estas e outras imposturas illudia a populaça, porém, apezar da sua prepotencia nada póde provar contra os presos, nem na devaça a que mandou que procedesse o Juiz por bem da Lei, nem no summario que por sua ordem tirou o Corregedor Interino: os quaes processos, especialmente o summario, cumpre que appareção para conhecimento da verdade, e descobrimento dos Authores da Contra-Regeneração.

N'este abismo de horrores jazerão os presos mais de quarenta dias, debaixo da guarda mesmo dos assassinos seus inimigos. Soldados

corruptos, indisciplinados, e turbulentos: e de suas terriveis mãos receavão continuamente ser victimas dentro dos carceres, como elles inculcavão influidos pela preponderancia dos anti-Constitucionaes: particularmente nos dias em que apparecêrão defronte de Angra os Brigues Téjo, e Providencia, que se suppunha hião promover, e defender a Causa Constitucional: e nesta supposição se tocou a rebate, forão chamados Artilheiros da Costa, até se chegou a carregar artilheria, e accender murrão para os Portuguezes fazerem fogo contra as Quinas Portuguezas, se os Brigues chegassem a ponto.

Amanheceo finalmente o dia treze de Maio fausto por ser Natalicio de S. Magestade, e agora memoravel nos annaes Insulanos: porque então chegou ao porto de Angra a Fragata Perola com o Decreto do juramento Constitucional prestado por S. Magestade, e com ordens relativas a Stockler, e Bispo, e ser installado o Governo competente. He sabido que Stockler, ao principio fingio não accreditar estas noticias: mas depois deo-se por convencido; usando com tudo de taes artes, que induzio a Tropa, e Populaça a declararem que não consentião no seu embarque, nem no do Bispo: e esta sua astucia teve o premeditado effeito de ficarem addidos ao Governo, e Stockler com o das armas, que he o essencial, por faltar quem tivesse animo de sustentar livremente a Authoridade da Constituição, que foi friamente reconhecida, e acclamada: por estes meios illiberaes, o primeiro acto que fez o novo Governador chamado Constitucional, foi hum acto de publica desobediencia ás Côrtes, admittindo, e authorisando o mesmo que as mesmas Côrtes depunhão, e desauthorisavão. Tanto era o predominio do nosso Heroe! E por causa deste, o Governo interino não mandou immediatamente soltar, como devêra, os Constitucionaes: e apenas no dia 16 por hum Edital lhes concedeo prizão em homenagem, prestando-se benignamente a supplicar ás Côrtes perdão de seus crimes: porém vio-se na manisfesta contradicção de conceder a estes mesmos prezos os seus passaportes, pois elles pelas suas folhas corridas se mostrarão sem culpas: e desembaraçados por este modo se transportarão a Lisboa, aonde se achão clamando justiça para si, e para os miseraveis Angrenses, aos quaes ainda tyranniza pezado jugo de ferro.

Tenho acabado, ainda que imperfeitamente. Permitta a Providencia, que sendo attendidos os factos relatados, e ponderadas as suas perigosas consequencias se distribua o premio, e o castigo conforme o merecimento, fazendo-se prompta e Publica esta distribuição, para que assim como foi publicamente ensanguentado, e profanado o Altar dos Direitos da Nação, seja da mesma forma restabelecido, e restituido ao seu devido esplendor pelos Soberanos Poderes a quem a Nação tem confiado a sustentação, e desempenho da sua causa.

Lisboa 4 de Julho de 1821.

## Relação dos individuos que forão victimas na contra-regeneração.

*Prezas*

A Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Marqueza Hermelinda Pinto d'Araujo.
A Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Francisca Luduvina d'Araujo.
A Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Rosa Angelica d'Araujo.
A Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Margarida Amalia d'Araujo.
A Ill.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Joanna Maxima Gualberto, irmã de Maximo José Pereira.
A criada Catharina de Sena.

*Assassinado*

O Brigadeiro Francisco Antonio d'Araujo.

*Feridos, e Prezos*

O Tenente Agapito Pamplona Redovalho.
O Tenente Matheus Homem.
O Alferes Manoel José Ferreira de Sampayo.

*Prezos*

O Desembargador Alexandre de Gamboa Loureiro.
O Tenente Coronel Engenheiro José Carlos de Figueiredo.
O Morgado José Leite Botelho de Teive.
O Juiz de Fóra Eugenio Dionizio Mascaranhas Grade.
O Major João Silveira Machado.
O Capitão Luiz Manoel de Moraes Rego.
O Capitão Luiz Diogo Leite Botelho de Teive.
O Padre José de Paula Leite.
O Padre Manoel Elias.
O Padre Joaquim José Silveira.
O Tenente Antonio Homem da Costa Noronha.
O Tenente Manoel Homem da Costa Noronha.
O Tenente Luiz de Barcellos.
O Tenente João Pinto de Araujo.
O Cirurgião Mór Luiz Antonio de Oliveira.
O Ajudante Francisco José da Cunha.
O Quartel Mestre Thomaz José dos Reis.
O Alferes José Antonio da Silva.
O dito Alexandre da Gama Pimenta.
O dito Francisco Augusto da Silva.

O Cadete Manoel Gustavo de Barcellos.
O Sargento Antonio Luiz d'Amaral Frazão.
O Soldado Francisco Pereira.
Maximo José Pereira
Ignacio Quintino de Avellar.
Guilherme Quintino de Avellar.
Martinianno Evaristo Serpa.
Fernando de Sá Vianna.
Alexandre de Oliveira.
Thomaz José da Silva.
José Maria da Silva.
José Ignacio da Silveira.
Antonio Joaquim da Costa.
José Lourenço Justinianno.
Criados. João Antonio, e Antonio dos Santos.
O Carcereiro da cadêa José Narciso Lopes, por ser humano com os prezos que alli se achavão, e esteve com ferros nos pés, mãos, e pescoço 21 dias.



# MOVIMENTO LIBERAL NOS AÇORES

## 1828 A 1834

### Pastoraes de D. Fr. Estevão de Jesus Maria, dirigidas aos Ouvidores das ilhas do Fayal, Pico e Flores. 1829.

D. Fr. Estevão de Jesus Maria, da Ordem dos Menores Reformados, por Mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Angra e do Conselho de Sua Magestade Fidelissima &.ª.

Aos nossos Reverendos Ouvidores das Ilhas do Fayal, Pico, e Flores, Saude, Paz, e Benção em Nosso Senhor Jesus Christo &.ª.

Poucos mezes depois que havemos tomado posse dessa Nossa Diocese nos foi annunciada a fatal rebellião, que os inimigos do Altar, e do Throno, d'antemão havião tramado, e ordido, e infelizmente verificado na Ilha Terceira em o dia 22 de Junho do proximo passado anno: E' inexplicavel a consternação e amagura, que a triste noticia de um tão horroroso attentado derramou em Nossos Corações, prevendo desde logo os seus funestos resultados assim na Ordem Politica, como Religiosa, se o Nosso Amabilissimo Soberano o Senhor D. Miguel Primeiro, solicito pela paz, e socego dos seus fiéis Vassallos, Nossos Amados Dioceanos, os leaes habitantes d'aquella Ilha, empenhou os meios mais adequados para libertal-os da impia escravidão, em que gemião oppressos. Nós igualmente anciosos do seu bem temporal, e espiritual, com approvação do mesmo Augusto Senhor expedimos por vezes em differentes datas, e diversas pessoas, Commissões e providencias, que então julgamos mais opportunas, convenientes, e necessarias: infelizmente porem circunstancias pouco favoraveis tornárão inuteis os meios, que Sua Magestade adoptara, e bem assim as nossas providencias, &.ª. Agora pois que o Rei, N. Senhor, vai em breve fazer sair uma nova expedição destinada a exterminar de uma vez a rebellião na Terceira, desejando Nós coadjuvar do modo que nos é possivel a tão justas intenções de Sua Magestade, e os heroicos exforços dos fiéis e briosos Militares, que vão emprehender uma tão gloriosa lucta: cujos felizes resultados são igualmente vantajosos á Religião, e ao estado: Mandamos, e Ordenamos que em todas as Igrejas Parochiaes, Mosteiros, e Conventos, das Ilhas de Santa Maria, e São Miguel, se fação preces publicas em tres dias sucessivos, ás quaes deverão assistir os Nossos Diocesanos de um e outro sexo, implorando todos á Misericordia Divina para o feliz sucesso de uma tão importante empreza, e Determina-

mos outro sim que nas missas cantadas, e Resadas, se dê a Oração *Proquacumque tribulatione*

Em quanto com certeza não constar de tão desejada restauração d'aquela Ilha; e logo que esta se verefique, se procederá immediatamente, sem dependencia de nova ordem a um solemne — Te Deum em todas as Igrejas supra indicadas para render ao Altissimo as Justas e Devidas Graças por um tão assignado beneficio, que esperamos em sua Infinita Misericordia, e Bondade nos conceda. Os Nossos Reverendos Ouvidores pelo modo e maneiras que for do uso e costume farão pôr ao publico o que nesta dispomos, para que a tudo se dê a devida execução, e para que com a brevidade que for possivel, e que a importancia do caso exige, chegue ao conhecimento de todos, cuide cada um dos Reverendos Ouvidores em que a demora entre a recepção desta nas suas respectivas Ouvidorias, e remessa da mesma, para o que segundo a ordem infra designada se seguir não exceda a 24 horas. Pelo que depois de registada na Ouvidoria do Fayal, será dirigida logo para a Ilha do Pico ao Reverendo Ouvidor da Villa da Magdalena, este a enviará ao da Villa de São Roque, e este ao da Villa das Lagens que a tornará a remetter ao Ouvidor do Fayal, para que este com a possivel brevidade a envie para a Ilha das Flores ao Reverendo Ouvidor da Villa de Santa Cruz; e este a enviara ao da Villa das Lagens, e ultimamente nos será remettida, lavrando todos no reverso desta a Certidão do seu registo. Dada sob Nosso signal e Sello em o Convento de Nossa Senhora da Boa Viagem aos 7 de Março de 1829 Fr. Estevão (*Bispo*) d'Angra.

D. Fr. Estevão de Jesus Maria, da Ordem dos Menores Reformados por Merce de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Angra, e do Conselho de S. M. Fidelissima &.ª. Aos Nossos Reverendos Ouvidores das Ilhas do Fayal, Pico, e Flôres, Saude, Paz, e Benção em N. Senhor Jesus Christo. Não tendo sido possivel até ao presente a sahida total da Expedição destinada por Sua Magestade El Rei Nosso Senhor D. Miguel Primeiro para ir libertar a Ilha Terceira da barbara oppressão, com que os Revolucionarios tem amargurado e reduzido ao mais lastimoso estado aquella infeliz porção do Rebanho, que a Divina Providencia se Dignou confiar ao Nosso Pastoral cuidado, e vigilancia; e vereficando-se na data desta a sahida da referida Expedição, Ordenamos que novamente se proceda a Preces publicas da mesma forma, pelos motivos, e para os fins indicados, expressos em a Nossa Circular de 7 de Março do presente anno, observando, para o mais prompto e breve giro, registo e execução desta nas respectivas Ouvidorias o que naquelle Determinamos. Dada Sob Nosso Signal e Sello das Nossas Armas em o Convento de Nossa Senhora da Boa Viagem aos 12 de Julho de 1829 — Fr. Estevão — Bispo d'Angra.

(Impressa na *Contradicção em que se acha o Ex.mo Bispo D. Estevão de Jesus Maria* &.ª Ponta Delgada, 1830, 4.º com 10 paginas.

# RELAÇÃO
DAS
## OPERAÇÕES MILITARES
DA
## EXPEDIÇÃO
QUE DEBAIXO DO COMMANDO DO CHEFE DE ESQUADRA DA ARMADA REAL
*JOSÉ JOAQUIM DA ROZA COELHO*
FOI MANDADA AOS AÇORES
PARA BATER OS REBELDES
**ACOUTADOS NA ILHA TERCEIRA**
*As quaes operações se notão desde o dia 17 de Maio de 1829. até 16 d'Agosto do dito anno. em que a esquadra, e tropas se dissolverão, e separárão.*

*LISBOA: 1829.*
NA IMPRESSÃO DE JOÃO NUNES ESTEVES.

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço* (*)

## ADVERTENCIA

Não vemos no vasto Quadro da Historia Portugueza, não se descobre, nem se encontra hum facto de mais transcendencia, nem acompanhado de mais extraordinarias circumstancias, e impensados accidentes, que o facto da Expedição á Ilha Terceira a Capital dos Açores. He hum theatro de horror, hum covil de salteadores, hum baluarte da Rebellião, e tantas desgraças são unicamente devidas a mãos estranhas! sem que os seus innocentes habitantes chamassem sobre si tantos males, até se acharem reduzidos á miseravel condição de vilissimos escravos. Entre cadèas, opprimidos de grilhões, e esmagados por tyrannos, que renunciárão, ou extinguirão em si, todos os sentimentos de humanidade, sempre se conservárão fieis, e verdadeiros Portuguezes, patenteando a sua fidelidade na antecipada acclamação de SUA MAGESTADE, sem temerem as bayonetas dos mais que barbaros Ja-

(*) Tendo-se publicado no Vol. VI, p. 64, 112-119; e no VII, p. 32-35, d'este *Archivo* os documentos e noticias relativos á Acção da Villa da Praia, de origem liberal, servirá o presente opusculo, publicado pelos vencidos, de contraprosa áquelles.

nizaros do quinto de Caçadores, sempre apontadas ao seu coração. Nunca podérão sacudir o jugo, porque os que lho podião aligeirar, de todo ensurdecerão aos seus clamores, nunca attendérão ás suas supplicas sobre os auxilios que imploravão: forão despojados de armas, e de todos os meios de defeza contra seus oppressores. Neste estado de escravidão, se tornou a desgraçada Ilha o asylo commum dos Rebeldes, e foragidos revolucionarios, que a pozerão em estado não só de insurreição, apoiados por auxilios estrangeiros, mas de affectada independencia com o pretexto de defenderem os fantasticos direitos ora da Sr.ª D. Maria da Gloria, ora do Sr. D. Pedro ao Throno de Portugal. Este nefando projecto já se tinha effectivamente manifestado na I. da Madeira, mas foi felizmente destruido á força das Armas fieis, e reduzida aquella I. á Obediencia, e Vassallagem do Legitimo Soberano: o mesmo se intentou fazer com a malfadada I. Terceira, mas as circunstancias, talvez pelo lapso do tempo não forão as mesmas. Os recursos dos Rebeldes se tornárão de outra natureza: e tomárão hum formidavel aspecto: tudo o que podia augmentar a força da resistencia alli se ajuntou. Os dispersos restos do debandado Exercito Rebelde, que nas Praças do Porto tinha levantado o grito da sublevação refugiados na Inglaterra em seus Vazos, e nos de outras Nações alli se reunirão, alli lhes forão subministradas armas, e munições de guerra, e boca, que diariamente se forão augmentando com a continuada emigração dos Portuguezes degenerados, e traidores, e com a admissão, e convocação de Officiaes estrangeiros da mesma communhão, e dos mesmos principios revolucionarios, em tão grande numero, que coalhárão huma força consideravel, formando hum corpo homogeneo de tantas partes, ou porções heterogeneas. Assim defendidos, mais ainda pela natureza do local, que pela força fysica dos mesmos amotinados, que com diabolica malicia, e perversidade reduzirão os Habitantes da Ilha a perfeitissimo estado de nullidade, que não poderião no momento de huma presumida, e receada aggressão de Tropas fieis para arrancarem a mizeravel Ilha das mãos de seus implacaveis tyrannos, não podessem cooperar para sua propria liberdade. As barbaridades, e deshumanidades com elles praticadas, excedem toda a imaginação, nem o entendimento as póde conceber, nem a lingua exprimir, nem a penna escrever.

SUA MAGESTADE, que DEOS guarde, attento sempre á conservação, e defeza da integridade da Monarchia, á honra da Nação, á estabilidade do Throno, e á segurança, e felicidade de seus Povos, ao necessario castigo dos criminosos monstros, sempre perturbadores da harmonia social, e publico socego, determinou pôr hum termo a tantos males, e reprimir a força da Rebellião com a força da Fidelidade, a perfidia com a honra; e o delicto com a merecida pena. Huma Esquadra forte, bem guarnecida, e bem equipada: hum pé de Exercito escolhido de homens bravos, decididos, e conhecidamente fieis, eis aqui os meios, e eis aqui os instrumentos, que se pozerão em acção á em-

ta de tão grandes sacrificios, que a nenhum bom entendimento parecerião compativeis com o estado de attenuação: a que por huma serie não interrompida de perfidias esta reduzido todo o Reino. Parece que a Natureza se oppunha áquillo mesmo a que se oppunha a maldade de tantos, e tão abominaveis traidores. A estação mais rigorosa conservou por longo tempo no Tejo sobre o ferro a poderosa Armada, que conduzia os impávidos defensores da Religião, e do Throno. Entrando em concordia os Elementos, sahio a Esquadra levando os Portuguezes pela estrada da honra, da gloria, e da virtude, esperando da justiça da Causa o bom exito, e resultado da mesma Causa: depois de perigosos trances, e longos trabalhos, chegou ao seu destino. A longa demora, a escacez das noticias, e o não ouvido grito da Victoria cançou de todo a espectação, e a paciencia dos verdadeiros Portuguezes. O termo desta espectação, e deste continuo alvoroço, ou verdadeiramente sobresalto, foi hum geral abatimento do povo fiel. Virão todos o que nunca virão os Portuguezes, porque, se sahirão daqui com louros, nunca tornárão com cyprestes. O que não julgárão hum desdouro os Inglezes, quando tornárão do intentado bombardeamento de Argel, ou inda mesmo das sanguinosas acções de Copenhague, foi para os Portuguezes hum vilipendio: virão em debandada entrar pela fôz do Tejo, varados, e crivados de balas seus possantes Baixeis, e no rosto de seus Soldados a indignação, a magoa, e talvez que a desesperação assomandolhes do coração ao rosto, o desejo de vingança. O digno, o bravo, e honradissimo Coronel José Antonio de Azevedo Lemos, Commandante de todas as forças, que com medidas de antemão tomadas por aquelle, ou aquelles a quem ellas pertencião, levaria as mesmas forças do ataque para a Victoria, absorto em tanta tristeza, que parecia não querer a vida, porque em quanto a verdade não mostrava a face, receava, que na irreflexivel opinião existiria manchada a sua honra natural, e a sua marcial pericia, a cujos deveres em nenhum ponto havia faltado, porque elle daria a vida no Campo, mas nunca as costas ao inimigo, augmentavão o horror de tão funebre expectaculo, figurando-se cada qual huma apurada, e desesperada desventura.

Este expectaculo tão estranho, e tão inesperado para os Portuguezes, dava hum justificado motivo para contrariedade ou divergencia de opiniões, tumultuosas conjecturas, e até combates de partidos sempre funestos, e sempre desastrados, augmentava a effervescencia em que se achavão os animos, nesta interminavel cadêa de golpes, que nos tem ferido. Eis aqui porque se julgou de extrema, e absoluta necessidade traçar, ou esboçar hum quadro Historico, e até topografico deste memorando acontecimento. A verdade, a boa fé, e a singeleza são as qualidades que devem acompanhar o Historiador, e a Historia. Os factos devem apparecer na sua ordem natural, da mesma sorte que se apresentárão, e seguirão huns aos outros: a verdade he núa, assim mesmo devem apparecer os factos: as proprias reflexões do His

toriador, muitas vezes podem fazer suspeitar parcialidade. A sentença definitiva, não he do Historiador, he do Público. Com estes immudaveis principios à vista, e dos quaes por caracter; por dever, e por honra, nos não podemos apartar; expomos com simplicidade, ingenuidade, e clareza todos os passos que se derão desde o intentado ataque até a retirada, ou temporaria desistencia da empreza. Com conhecimento pratico do Paiz, descrevemos topograficamente tosdos os lugares, muito principalmente quando offerecemos hum como projecto de novo accommetimento, porque he da Honra Nacional que se prosiga na mesma empreza, pois tem sobre nós fixos seus olhos o Mundo inteiro. Nós não sustentariamos o caracter de imparcialidade que inculcamos, se louvasemos, ou vituperassemos os Sugeitos, deixemos as suas acções esta melindrosa funcção, porque nos são escondidos (nem os indagamos) os motivos politicos, ou as instrucções, que os determinárão. Nós contâmos, o Publico ajuiza. Permittimo-nos nesta advertencia algumas reflexões sobre o estado e circunstancias dos Rebeldes, em que não podemos deixar de reconhecer a influencia Estrangeira. Ainda que sejão identicos os principios da sua conducta, não erão proporcionados os meios de a sustentar. Tem formado de diversos retalhos hum Corpo, e hum Corpo, poderoso, que devia sustentar-se, e defender-se; para huma e outra cousa não bastavão os recursos da Ilha, ainda que 40.000 Habitantes inermes, e pacificos tenhão sido despojados de tudo, soffrendo directas contribuições, ou capitações, era preciso que de outras mãos lhe viesse o sustento, mais de 3:000 Soldados, não servem sem soldo, e estas são as munições de boca, e as de guerra? De fóra lhe foi trazido o que elles não podião ter. Polvora, Ballas, Artilheria, toda a qualidade de petrexos de Guerra, tudo o que era indispensavel para huma vigorosa defensa, elles conservão em abundancia. Como poderião elles conservar se n'este estado, consummido como está o dinheiro da Ilha, se de hum Paiz estranho, que tanto interesse mostra ter nas revoluções alheias lhes não fosse tudo subministrado! O remedio d'este grande mal, não podia ser outro mais que hum regular, e apertadissimo Bloqueio, porque se a alternativa das Estações o não permitte, as Embarcações que lhes conduzem tantos sustentaculos da Rebellião, não são de outra natureza, estas podem, e as outras não poderão! São muito obvias, e muito naturaes estas reflexões!!! E nos persuadimos que serão as do Público imparcial quando lançar os olhos sobre o escripto, que lhe offerecemos. Juntamos algumas notas indispensaveis para a cabal intelligencia de alguns passos da presente circumstanciada relação, porque de outra maneira, não podiamos constituir os nossos Leitores no estado de perfeito conhecimento das acções, que parecem inexplicaveis. Pelo que pertence ás Peças, e Documentos Justificativos, estamos promptos para produzir se preciso for a sua legal authenticidade.

Fomos escrupulosos em não querer escrever por extenso os no

mes de alguns Sugeitos, porque postos nas mãos de seus implacaveis inimigos, comprometteriamos a sua existencia: mas se a Providencia coroar os nossos esforços, o seu honrado nome apparecerá como deve para merecer a estima, e respeito de todos os bons Portuguezes.

## Forças navaes da Expedição.

| | |
|---|---|
| Náos . . . . . . . . . . . | 1 |
| Fragatas . . . . . . . . . | 3 |
| Corvetas . . . . . . . . . | 2 |
| Brigues . . . . . . . . . | 3 |
| Escunas . . . . . . . . . | 1 |
| Transportes . . . . . . . . . | 12 |

## Força da Divisão expedicionaria debaixo do Commando do Coronel José Antonio de Azevedo Lemos.

| Corpos | Praças |
|---|---|
| Artifices Engenheiros . . . . . . . | 32 |
| Artilheria n.º 1, e 3 . . . . . . | 284 |
| Caçadores n.º 1 . . . . . . . . | 446 |
| « « 11 . . . . . . . | 244 |
| O Primeiro Batalhão de Infanteria n.º 1 . . . | 663 |
| O Segundo « « « 7 . . . | 399 |
| Duas Companhias do Regimento n.º 13 . . . | 137 |
| O Segundo Batalhão do Regimento n.º 16 . . . | 415 |
| O Primeiro Batalhão de n.º 20 . . . . . . | 368 |
| Somma . . . . . . | 2:988 |

Além das Praças acima mencionadas tambem havia algumas Peças de Campanha com seus Obuzes, e hum grosso trem de Artilheria pezada, provido em abundancia de todo o necessario.

## Força rebelde.

A força dos Rebeldes na Ilha Terceira, e que havia a combater, segundo as melhores e mais acreditadas noticias, erão mais de 3:000 Infantes; hum grande Parque de Artilheria de Campanha; e hum pequeno Esquadrão de Cavallaria.

## Pontos do desembarque.

Os pontos susceptiveis de desembarque, que ha na dita Ilha Terceira, e em algum dos quaes a Expedição necessariamente devia tentar o seu desembarque, são a Oeste da Cidade de Angra, Porto das Cinco, e S. Matheus: o primeiro a 10, e o segundo a 3 milhas distantes, pouco mais ou menos da dita Cidade. Os que estão a Leste d'ella, são Porto de Judeo, Casa da Salga, Porto de Martim, e Villa da Praia: o primeiro a 3, o segundo a 5, o terceiro a 11, e o quarto a 15 milhas affastados da mesma Cidade: todos estes Portos (á excepção do ultimo, que está virado a Leste) estão situados ao Sul da Ilha: e todos elles, e cada hum de per si, offerecem tantas difficuldades para nelles se desembarcar sem licença de seus defensores, que por serem de muitos conhecidas, não merecem que nos demoremos em as particularizar. O ultimo, porém, que he a Villa da Praia, he inegavelmennte, e conforme a opinião dos melhores entendedores, aquelle que offerece melhor commodidade para hum desembarque. Esta Villa está situada em huma planicie, ou valle nas margens do mar: bordada de hum areal, em que, desde a ponta da Baixa Grande até á da Mal-Merenda, se contão 3 milhas: podendo em quasi toda esta extensão aportarem pequenas Embarcações, sem maior difficuldade: e na mesma bahia, muito proximo a terra, tambem póde fundear hum grande numero de Embarcações de alto bordo: e he o ponto de desembarque, que ha na dita Ilha, mais distante do Castello de S. João Baptista, onde os Rebeldes se apoião, e tem os seus recursos.

## Principio das operações.

No dia 17 de Maio lançárão ancora no porto de Ponta Delgada a Não Dom João VI, e a Fragata Perola, indo de Lisboa em 12 dias de viagem: trazendo a seu bordo huma Companhia de Caçadores n. 11, e o Primeiro batalhão do Regimento n. 20, e no dia 19 depois de lançarem em terra as Tropas que transportavão, se fizerão de vèla, para formarem o Bloqueio da Ilha Terceira.

A dita Não, e mais Navios de Guerra, se demorarão em fazer o Bloqueio da Ilha Terceira, até ao dia 6 de julho: em cujo espaço de tempo o Chefe de Esquadra aprizionou varias Embarcações, que vinhão da Inglaterra, com Encommendas, e Cartas para os Rebeldes: e bem assim se apoderou de outras, que do porto de Angra tentavão sahir com Correspondencias dos mesmos Rebeldes, para seus Agentes na Inglaterra. Nesta occasião passarão para bordo da Não alguns filhos do Paiz, na qual ja se achavão outros vindos do Fayal, para onde se tinhão acolhido, quando fugirão da Ilha Terceira no 1.º de Maio: e de

quem houvemos por escripto o Relatorio junto por Copia, Documento n. 1. Pelo que depozerão estes sugeitos, e das Correspondencias apprehendidas, foi o Chefe de Esquadra sufficientemente instruido do estado, e attitude dos Rebeldes: no que respeita ao interior do Paiz (1): assim como he de crer o devia estar das duas fortificações, nos pontos de desembarque, pelos reconhecimentos, que para isso havia ter feito com as suas Embarcações em tantos dias de cruzeiro. (2).

Nesta mesma epoca, J . . . escreveo ao Chefe de Esquadra a Carta, por Cópia Documento n. 2. remettendo-lhe a que se junta Documento n. 3, com os quisitos emittidos no Documento n. 4: ao que o chefe depois respondeo. Documento n. 5, com a resposta Officio n. 6. (3)

No dia 7 de Julho a dita Não e Fragata, regressando do Bloqueio da Terceira, fundeárão em S. Miguel, a esperar neste porto o resto da Expedição, que devia sahir de Lisboa no dia 16 de Junho, e cuja ordem para isto recebeo mesmo defronte de Angra, pelo Brigue Treze de Maio

Logo que a Não fundeou, o Coronel Lemos, Commandante das Tropas da Expedição, procurou conferenciar com o Chefe de Esquadra, para adoptarem os melhores, e mais convenientes meios de atacar a dita Ilha Terceira, e pôr em terra as tropas Reaes: nas quaes conferencias o mesmo Chefe lhe asseverava a debelidade dos Rebeldes, e o terror panico de que estes estavão possuidos, pelo apuro em que os tinha posto com o apertado bloqueio, que lhe tinha feito: e o quanto era facil o desembarque em qualquer ponto, que se tentasse fazer. (4)

E relatando mais o dito Chefe alguma cousa do seu plano de ataque; disse-lhe que vinte e sete Barquetas estavão promptas nas outras Ilhas: as quaes tinhão sufficiente capacidade para accommodarem quasi toda a Tropa da Expedição: que as havia dividir em tres divisões, e pôr na sua frente algumas Barcas Canhoneiras, que para esse mesmo fim tambem tinha mandado arranjar: com o fogo das quaes, e das suas Embarcações de Guerra, faria affastar das Praias do desembarque as Tropas Rebeldes, dando segura occasião e tempo para desembarcarem, e se metterem em ordem as Tropas Realistas. E sendo-lhe observado pelo dito Coronel, que o Inimigo era consideravelmente forte na Arma de Artilheria, da qual fazendo conveniente uso podia incommodar as Tropas Realistas, no momento em que pertendessem ganhar terreno, avançando pelo Paiz, collocando-se fora do alcance dos Vasos de Guerra: vindo então a ser indispensavel o prompto

(1) Veja-se a Proclamação do mesmo Chefe de Esquadra, datada de 17 de Junho de 1829.

(2) Custa a crer, mas he certo, que taes reconhecimentos senão fizeção.

(3) Esta Correspondencia foi aberta pela mão do Chefe de Esquadra que ficou com o Original, e so deu Cópia della.

(4) Admira esta linguagem do Chefe de Esquadra; quando, além das noticias verbaes, já possuia o Documento n.º 6, cuja leitura recommendâmos.

uso da nossa artilheria de Campanha, para rebater o fogo dos contrarios, respondeo que para conducção da dita Artilheria, mandava construir huma Jangada, que não só conduziria com segurança algumas Peças, com a primeira Tropa que fosse á terra para desembarcar, mas que até da mesma Jangada poderia fazer fogo se preciso fosse. (1)

Chegada que foi a Esquadra de Lisboa com o resto da Expedição, fundeou finalmente em Ponta Delgada no dia 19 de Julho: e na tarde do dia 26 se fez de vela em demanda da Ilha Terceira, que se avistou no dia 29: demorando-se alguns dias nos mares d'aquella Ilha, para receber as Barquetas, e Canhoneiras, que devião chegar das outras Ilhas: as quaes só se reunirão no dia 10 de Agosto. (2)

A Esquadra vinda de Lisboa não podia trazer as Barquetas ou Lanchas, em que a Infantaria deveria fazer o desembarque. O Coronel Lemos, prevenindo esta falta, as tinha requisitado nos primeiros dias de Maio ao Vice-Almirante Prégo, exigindo que ellas se conservassem reunidas na Ilha de S. Miguel (ponto destinado para a reunião de todas as Tropas,) para d'alli acompanharem a Esquadra a Terceira: a cuja requisição o Vice-Almirante se recusou: isto he, o ser a Ilha de S. Miguel, quem fornecesse estes Barcos (3): porém dizendo, que as mandaria aprompotar nas outras Ilhas: á vista do que o dito Coronel insistio, que estivessem promptas na Ilha de S. Jorge: por ser o ponto mais proximo á Terceira: de modo que, quando a Esquadra as precisasse, as achasse promptas e reunidas: e não demorar as suas Operações, por este respeito: o que assim se prometteo fazer, e se não cumprio: como depois se vio na pratica. Tambem se requisitárão Parelhas, para puxarem a Artilheria de Campanha: as quaes devião ser havidas dos ricos Proprietarios de Ponta Delgada, onde ha grande numero dellas: e os Navios, que as devião conduzir, estavão fundeados no porto: e por isso n'elles se devia fazer sem demora as accommodações para este fim. Algumas outras cousas necessarias á Expedição tambem se tinhão requisitado muito a tempo: e com muita antecipação: para que tudo estivesse prompto: porém obrando-se em sentido contrario, a Esquadra teve de demorar-se oito dias em S. Miguel: quando só bastavão dois, ou tres: tambem as Embarcações pequenas, que devião ir ás outras Ilhas buscar as Barquetas, e o Destacamento

(1) Consta-nos que esta Jangada de facto se construira na Ilha de S. Miguel porem ella não appareceo no dia do Combate: nem alguma outra cousa, que tivesse geito de conduzir a Artilheria na occasião opportuna

(2) Das promettidas Canhoneiras só apparecêrão duas, ou tres, tão defeituosamente construidas, que por ser inutil o seu uso, bem se podião dispensar.

(3) Esta Ilha só por si podia ministrar-nos Barcos, para de huma só vez levarem á terra mais de 3 000 homens: porem nós ignoramos o motivo, porque o Vice-Almirante quiz privar os Habitantes desta Ilha de prestarem a SUA MAGESTADE, e a Nação Portugueza, hum tão relevante serviço.

de N. 1, que estava na Ilha do Fayal, não fazendo parte da Esquadra, que acabava de dar fundo chegando de Lisboa, podião ter sahido sem demora nesta dilligencia: porém não aconteceo assim, e só partirão cinco ou seis dias, depois da Esquadra fundear; e não achando as Barquetas reunidas em hum ponto, como se tinha recommendado, tiverão de as mendigar pelos differentes Portos das outras Ilhas, consumindo o tempo, que decorreo até ao dia 10 de Agosto. A tudo isto accresce que o número das Barquetas, que a final se juntou á Esquadra, era muito menor ao número de vinte sete: e muito mal servidas de remos, e de remadores; no que se devia ter posto a maior attenção, não podendo decerto as ditas Barquetas accommodar mais de 800 homens, pouco mais ou menos. Parece que tudo á porfia concorria para se demorar o que não se podia evitar, que se fizesse: malogrando-se huma empreza de tanta transcendencia para a Nação.

Na manhã do dia 9 de Agosto o Coronel Lemos, o Tenente Coronel Azeredo, e J . . . forão convidados para passarem a bordo da Não Chefe: e alli pelo Vice Almirante Prégo, e Chefe de Esquadra Roza, se pozerão em questão os seguintes quisitos: — *Primeiro*, se a Ilha devia ser atacada em hum só, ou mais pontos: — *Segundo*, qual era o ponto, que se devia escolher para ser atacado: — *Terceiro*, se decidido o ataque em hum só ponto, convinha que huma porção de Embarcações da Esquadra fizesse hum ataque falso n'outro Porto: e qual devia ser escolhido para isso.

Decidio-se quanto ao primeiro, e segundo quisito, que o ataque se fizesse em hum só ponto, e com todas as forças: por quanto, sendo as dos Rebeldes superiores ás nossas, por nenhum modo convinha dividil-as, para as não expôr a serem batidas em detalhe: e que o ponto do ataque fosse o Cabo da Praia: isto he entre o Forte de S. Jorge e o de Santa Catharina: sendo este o local mais plano e desafrontado, que ha em toda a Ilha para hum desembarque, e aonde, cruzando se varias estradas, as Tropas Realistas, depois de desembarcadas, se podião desenvolver por algumas dellas á vista dos movimentos dos Rebeldes, e da resistencia que estes apresentassem: podendo marchar sobre a Cidade pelo caminho que vai á Villa de S. Sebastião, ou subindo a Serra do Cume, entrar na Estrada Real: ou finalmente occupar a Villa da Praia, como se julgasse mais conveniente: obtendo-se alêm disso, pelo desembarque n'este ponto a importantissima vantagem de ficarem as Tropas Reaes collocadas sobre a retaguarda do flanco direito das baterias dos Rebeldes, e a mui curta distancia dellas: que neste caso forçosamente as devia abandonar, deixando-nos o passo livre em toda a extensão do areal da Praia, para aportarem as nossas Lanchas: e he neste mesmo sitio até á Ponta da Mal-Merenda, que aconselham o desembarque os dous dignos e respeitaveis Authores das duas Memorias de que extrahimos as citações juntas. Documentos nu-

meros 7, e 8: as quaes pelo Coronel Lemos forão apresentadas neste Conselho (1).

Forão chamados os Práticos Maritimos, aos quaes indicando-lhes o ponto designado para o desembarque, disserão não ter alli lugar, por ser o fundo de pedra aonde se perderião as amarras das Embarcações, que fundeassem: expondo algumas outras difficuldades, que attendidas pelo Vice-Almirante, e Chefe de Esquadra, se decidio não dever ser alli o ataque: abrindo-se mão de todas as vantagens, que nos podião resultar de fazer o desembarque em hum tal sitio: até mesmo por estarmos convencidos, que era o que menos guarnecido estava de Artilheria inimiga: assentando-se a final, que o desembarque se fizesse entre a Villa da Praia, e a Ponta da Mal-Merenda: e que as Tropas desembarcadas devião immediatamente occupar a Serra de S. Thiago, a qual estavamos certos não ter fortificação alguma (como depois se vio): atravessar esta Serra até o lugar das Lages, (Aldeia situada huma legua ao Norte da Praia): volteando, e tornando com este interessante movimento as fortificações construidas pelos Rebeldes, tanto no Pico do Selleiro, como na Villa da Praia, que effectuado este movimento as devião abandonar, retirando se para a Cidade, para não serem involvidos.

Quanto ao terceiro Quisito assentou-se, que se fizesse hum ataque falso no Porto do Judeo: por ser este o lugar, onde era mais conveniente fazel-o: e que mais receios podia causar ao Inimigo, para não deixar cortar a sua retaguarda, e a communicação com Angra: o que era mui facil se realmente hum corpo de Tropas desembarcasse n'este sitio (2).

N'este mesmo Conselho se propoz ao Vice-Almirante, e ao Chefe de Esquadra o mandar se á terra hum proprio saber noticias dos Rebeldes, e para cujo serviço se tinha offerecido hum filho do Paiz. Cincoenta dias se tinhão passado que tinhamos recebido as ultimas: o Conde de Villa Flor rompendo o Bloqueio em huma Escuna Ingleza, tinha desembarcado na Praia depois do dia 21 de Junho: e tendo decorrido tanto tempo, com a chegada deste Sugeito podião as cousas ter sof

(1) Esta era a opportuna occasião do Vice-Almirante Prego, e do Chefe de Esquadra Roza refutarem os ponderados motivos para o desembarque no ponto escolhido, e no que depois se escolheo; obstando a sua execução, muito mais se tinhão concebido a idea de que a traição os attrahia áquelle lugar, para se não fazerem co-reos dessa imaginada traição, e não terem lugar as solapadas declamações, que hoje vogão a respeito do desastroso successo do dia 11; pretendendo-se com manifesta e escandalosa calumnia menoscabar a gloriosa reputação de que gozão 40,000 Habitantes de serem fieis a seu Legitimo Rei, e cuja permanencia de sentimentos lhe tem custado tanto sangue, e tantos sacrificios.

(2) Este ataque, que se prometteo fazer, e que para nós era de tanta importancia, não se poz em pratica: elle necessariamente devia produzir o effeito de enfraquecer os Rebeldes no ponto do verdadeiro ataque, obrigando-os a dividir-se.

frido grande alteração a todos os respeitos: e tudo convinha saber. Porém Suas Excellencias não quizerão annuir a isso. Neste mesmo Conselho o Vice-Almirante Prégo apresentou huma Carta Regia de SUA MAGESTADE, na qual lhe ordenava acompanhasse a expedição á Terceira, devendo ser ouvido, e ter voto em todas as suas Operações.

Finalmente amanheceo o dia 11 de Agosto, e ao raiar o dia a Esquadra se achou em mui curta distancia da terra, quasi defronte da Ponta da Serréta, doze milhas a Oeste da Cidade de Angra, e com vento Sudoeste corremos a Costa, passando defronte de Angra, e a pouca distancia della: e quando erão oito horas, pouco mais ou menos, atravessamos entre esta Cidade, e o Ilhéo das Cabras, para se darem algumas superfluas providencias, pois que tudo se devia ter prevenido antes, (pois para tudo houve tempo, e tempo demais) não era esta a occasião, nem o lugar proprio para consumir o tempo que era tão precioso.

O Inimigo nos observava muito de perto, e os seus Telegraphos incessantemente trabalhavão: elle, tendo observado que nós tinhamos corrido a Costa desde a Ponta de Oeste, e para aonde já não podiamos voltar, por causa do vento que soprava daquella banda, vendo-nos alli atravessados, fazendo disposições que lhe devião ser occultas, bem devia comprehender que ia ser atacado, e em que ponto: e por isso dispor todas as suas forças para n'elle nos receber, como de facto nós assim o conhecemos bem a nosso pesar, sem podermos remediar hum tão grande mal. Velejou-se sobre a Villa da Praia, e ás onze horas e meia a Esquadra fundeou naquella bahia, collocando-se do seguinte modo: as Fragatas Amazona, Dianna, e Perola em huma linha desde o Forte de Santa Catharina, para a banda da Villa: a Náo bem defronte desta: as outras Embarcações de Guerra entre a Náo, e a Ponte de Leste; e os Transportes hum pouco mais ao mar, e quasi fóra do alcance: as ditas Embarcações assim postadas, cada huma de per si fazia jogar a sua Artilheria sobre aquella das baterias dos Rebeldes, que lhe ficavão mais a geito. A linha de defeza dos Rebeldes abrangia em fórma de meia lua todo o espaço, que ha entre o Forte de Santa Catharina, e o do Espirito Santo; fazendo ao todo hum numero de seis ou sete baterias: por entre meio das quaes, e mui proximo ao mar havião varios intrincheiramentos construidos de fachina e arêa para a Infanteria: não era porém em grande numero a Artilheria, que continhão as baterias dos Rebeldes.

Logo que as nossas Embarcações, entrando na bahia, se achárão a tiro, as baterias dos Rebeldes rompérão seu fogo contra ellas, com alguma actividade: porém sendo correspondidas, pouco a pouco afrouxou: e huma hora depois o Forte do Espirito Santo, e o que lhe fica immediato, forão abandonados: ficando o de Santa Catharina a final, a fazer fogo com huma só Peça, e com grandes intervallos: mas o resto das baterias nunca forão abandonadas, e sempre jogárão sobre as

nossas Embarcações, com mais ou menos actividade. Á 1 hora da tarde pouco mais ou menos, a Não Chefe fez signal á Esquadra de ter conseguido vantagem sobre o Inimigo: a esta mesma hora, com pouca differença, o Tenente Coronel José Azeredo Pinto (segundo Commandante da Expedição), que se achava a bordo da Fragata Amazona com o Coronel Commandante das Tropas, e na qual Embarcação tinhão seguido viagem de S. Miguel para a Terceira, passou á Não, com recommendação do Coronel Commandante, para receber ordens do Vice-Almirante Prêgo, e do Chefe de Esquadra, a respeito do desembarque: pouco tempo depois a Não fez signal para desembarcarem os Corpos de Caçadores, os quaes com os Granadeiros de 20, que a Não transportava, principiárão a passar para as Barquetas, e estas a ajuntarem se perto do Forte do Espirito Santo: em cuja operação demorando-se algum tempo, o Inimigo teve occasião de se prevenir, entendendo qual era o lugar por onde ia ser atacado: a este tempo já huma columna de Infanteria Rebelde se tinha movido do Cabo da Praia, atravessando a Estrada para a banda da Villa: deixando-se-nos vêr ao passar pelo Forte de Santa Catharina: outras Tropas se observárão, que da banda da Cidade, (descendo pela Estrada do Cume) se dirigião á mesma Villa: e bem se póde considerar, que pouco tempo depois todas as forças Rebeldes, alli concentradas estavão em seus intrincheiramentos, dispostas a repelir qualquer aggressão.

O Coronel Commandante da Tropa, da Embarcação em que se achava não podia bem distinguir os intrincheiramentos, em que se apoiava a Infantaria Rebelde: a maneira porque elles erão construidos, nem tão pouco saber se o fogo das nossas Embarcações tinha feito, ou podia fazer desalojar d'alli os Rebeldes: o que só se podia vêr da Não, por ser huma Embarcação mais alta, e que mais proxima estava dos ditos intrincheiramentos construidos no ponto marcado para o desembarque. Pelas noticias que o Coronel tinha recebido de terra sabia da existencia destas Trincheiras: porém de modo tal, que pouco podia ajuizar a este respeito: porque quem as dava, nem era Engenheiro, nem se achava em circunstancias de as poder vêr. He innegavel, como a experiencia mostrou depois, que em quanto a Infanteria Rebelde se acoutasse naquelles intrincheiramentos, era absolutamente impraticavel, e até temeraria a tentativa d'alli desembarcar: e se o fogo das nossas Embarcações não podia desalojar delles o Inimigo, tambem se devia renunciar a empreza de o atacar naquelle sitio; para se não fazerem victimas inutilmente.

O Coronel Commandante, vendo o signal do desembarque para as Tropas Ligeiras, e que o seu immediato o Tenente Coronel Azeredo nada lhe participava da commissão, em que tinha ido: e que não era chamado para se darem as disposições para o desembarque: fez immediatamente passar á Não o seu Ajudante de Campo, a participar aos Generaes que elle desejava ir alli para tratar sobre objectos de

tanta importancia: porém fazendo de novo a Não signal para desembarcarem todas as tropas, o Coronel tambem fez passar aos Barcos os Granadeiros de n. 1. que estavão na sua Fragata; e mettendo-se em hum Escaler, se ia encaminhando para o sitio, onde se juntavão as Barquetas: e então, sentindo-se fogo de mosquetaria, se observou, que alguma Infanteria, que tinha saltado em terra, se engajára com o Inimigo.

O bravo, e digno Tenente Coronel Azeredo (que tinha ido á Não) ou por ordem que para isso recebesse, ou impellido do seu valor marcial, ou finalmente movido de hum zelo ardente pelo bem do serviço Real, logo que vio algumas Tropas nas Barquetas, com ellas foi aportar a humas pedras, junto ao Forte do Espirito Santo; e alli saltou com 500 homens: e querendo avançar, subindo a rampa do Forte, para occupar a altura, achou hum estreito desfiladeiro, e de difficil accesso, encostado á muralha do Forte: isto he daquella que está virada para a banda do Poente; e por cujo sitio não podião passar, senão a hum de frente: elle finalmente tentando vencer este difficil obstaculo, o conseguio com alguns dos bravos Officiaes, e Soldados que o seguião.

O Inimigo, que até então se achava emboscado no seu intrincheiramento, a meio tiro de pistola do Forte, logo que vio junto ás muralhas deste os nossos Soldados luctando com tantas difficuldades, sem acharem terreno para se formarem, fazendo hum fogo cruel, e activissimo de mosquetaria os matava, e feria quasi impunemente: os Soldados, que ainda não tinhão passado o desfiladeiro, e que estavão nas pedras do mar, vendo que os seus valentes Officiaes e Camaradas estavão por terra; e que o fogo da Canalha era tão serrado, que os não deixava ganhar terreno, principiárão a ceder, encostando-se huns á muralha do Forte, e encobrindo-se outros por detraz delle, debaixo da Rocha; e d'entre elles houverão alguns tão ousados, e valerosos, que a todo o custo procurárão trepar pela Rocha: operação esta ainda mais difficil que a primeira (1)

O Coronel Lemos, que se achava no seu Escaler, como acima fica dito, o fazia remar com toda a diligencia para o lugar do conflicto, animando todas as Tropas, que encontrava nas Barquetas; ordenando-lhes ao mesmo tempo, que o seguissem: e chegando ao lugar, onde a primeira Infanteria tinha desembarcado, vio que alguns Soldados de novo re-embarcados, se affastavão da Praia nas Barquetas, por não poderem supportar o fogo dos Rebeldes, que mesmo nas Barquetas os

(1) Se algumas Barcas Canhoneiras acompanhassem esta Infanteria no seu desembarque, estamos persuadidos, que ellas com seu fogo farião retirar os Rebeldes; dando occasião a que se formassem as nossas Tropas: porém as unicas tres que havia no péssimo estado que dissemos, dellas já não existião duas: e a unica, que restava, nem hum só tiro fez nesta occasião: os nossos Brigues de Guerra talvez podessem bem remediar esta falta; porem este serviço só lhes foi destinado, quasi ao anoutecer, e quando o mal já não tinha remedio.

feria, e matava, assim como aos remadores. O Coronel, então, com a maior diligencia, procurou saltar em algum ponto da Costa; porém, vendo que a Rocha por toda a parte era inacessivel, do sistio d'esta empreza, para tentar o ataque n'outro sitio: erão já 5 e meia horas da tarde, e pouco tempo restava para o que se devia fazer em dia claro.

O Coronel tinha observado que alguma Infanteria Rebelde, sahida da esquerda do seu intrincheiramento, se tinha introduzido dentro do Forte do Espirito Santo; e dalli á Queima Roupa, feria os nossos Soldados que estavão na Rocha, mettidos entre as pedras, como indefesos: outra porção de Inimigos, tendo ganhado a altura, não só fazia fogo aos nossos, mas até arrojava sobre elles enormes pedras: á vista do que, o Coronel, (apezar de tantas difficuldades existentes) julgou de urgente necessidade tentar hum novo ataque á esquerda do primeiro, e proximo á Villa: não só para vêr se della desalojava os Rebeldes, mas até para salvar os nossos bravos, que estavão na Rocha: elle, dividindo os Officiaes de seu Estado-Maior em differentes Escaleres, ordenou-lhes fizessem reunir junto á Não todas as Barquetas, que encontrassem com Tropa, em quanto elle pessoalmente se empenhava em fazer hum igual serviço: em cuja occasião arrojando-se aos maiores perigos, fez hum generoso abandono da sua vida, no Serviço do Melhor dos Reis.

Já proximo á noite, he que se poude conseguir a juncção das Barquetas no sitio indicado: e o Coronel, posto na sua frente, as fez remar para a terra. Os Rebeldes, que até este momento tinhão conservado occulta a sua Artilheria de Campanha, para a não expôr ao fogo das nossas Embarcações. Apenas escureceo, a collocárão em Bateria: e vendo-nos já proximos da Praia, principiárão a jogar sobre nós huma tão viva Canhonada, que não se podendo supportar, as Barquetas remárão para as Embarcações, e nellas desembarcárão a Tropa. Então o Coronel, passando á Não, propoz aos Generaes a renovação do ataque para o dia seguinte, ao que elles não annuirão, allegando a avaria das Embarcações, e o receio que tinhão de que os Rebeldes atirassem á Esquadra com balla ardente: (1) e pedindo o Coronel, que se mandassem Lanchas á Rocha salvar os nossos Soldados, foi-lhes respondido, que estavão prisioneiros.

Ás oito horas da noite, fez-se signal á Esquadra para picar as amarras, e rapidamente dar á vêla: o que assim cumprido, ás 11 horas da noite toda a Esquadra se achou fóra da bahia. No dia 12, vendo o Coronel, que se consummia o tempo sem se congregar o Conselho, instou por isso: até que a final se reuniram os Commandantes dos

(1) Os Generaes disserão ao Coronel, que a decisão do segundo ataque se tomaria a final em hum Conselho, que para isso se havia congregar no dia seguinte.

Corpos: e propondo-se novo ataque o Coronel lhe disse que se elles estavão promptos para levarem os seus Soldados ao Inimigo, elle os guiava, pondo-se na sua frente: porém todos votárão pela negativa: e o Vice-Almirante Prégo, fazendo uso das suas attribuições, fez dividir a Tropa da Expedição pelas differentes Ilhas; mandando para cada huma dellas pequeno número, que he impossivel contel-as em respeito. pois que enviárão para Lisboa os Batalhões de Caçadores n. 1, e Infanteria n.º 16. principiando a dissolver-se a Esquadra até o dia 16, em que o resto dos Navios navegárão para S. Miguel: vindo nós a perder na acção do dia 11 quatrocentas setenta e tantas praças, incluindo vinte e seis Officiaes.

## N.º 1

## Estado dos Rebeldes.

I. Tem entrado na Ilha Terceira em Vasos Inglezes, e em huma Galera Veneziana 1:200, a 1:300 Inimigos. dos quaes, 300 são Officiaes de differentes armas. Tem organizado duas Companhias de Soldados e Officiaes: Soldados da Primeira Linha dizem ser 400: os restantes são Milicianos, e Voluntarios, em cujo numero entrão alguns Estudantes de Coimbra.

II. O Batalhão 5 de Caçadores, está elevado ao pé da sua formação com Recrutas da Ilha. sendo a maior parte da Freguezia de Santa Barbara. Consta que o Batalhão d'Artilheria tambem está augmentado.

III. Tem apurado nos dois Corpos de Milicias 400 homens para completar hum Corpo dos Emigrados.

IV. A Companhia de Voluntarios da Ilha não tem excedido da sua força a 30 homens.

V. O número dos Artilheiros da Costa está muito augmentado.

VI. Os Emigrados não forão aquartellados no Castello.

VII. Os Commandantes dos Batalhões d'Artilheria, e 5 de Caçadores ainda são Noronha, e Quintino, supposto já os terem querido mudar para Officiaes Superiores, porém os Soldados não querem.

VIII Ha alguma emulação entre os Emigrados, e Caçadores do 5.º Batalhão.

IX. Na Villa da Praia estão aquartelados 700 a 800 Emigrados, que guarnecem aquella Villa, e a de S. Sebastião.

X. Na Villa da Praia estão duas Peças de Campanha, e outras duas em S. Matheus.

XI. Todos os passos estão cortados, e os portos bem vigiados e

guarnecidos: os portos de S. Matheus, Biscoitos, Villa Nova, e Praia estão Commandados por Officiaes Superiores.

XII. Os Fortes estão ainda desguarnecidos d'Artilheria: porêm prepárão-se para os guarnecer e fortificar.

XIII. O Castello de S. Sebastião está bem fortificado.

XIV. Os Rebeldes tem hum consideravel Parque d'Artilheria de Campanha.

XV. Na Tropa dos Rebeldes ha receios de serem vencidos.

XVI. Presume-se ser toda a força dos Rebeldes 3:000 homens.

XVII. Diocleciano Leão Cabreira, foi demittido pelo Governo, e sahio da Ilha, e presume-se foi substituido (segundo a opinião de huns por seu Irmão Sebastião, e outros dizem pelo Coronel Antonio Pedro.

XVIII. Ha muita falta de Vinho na Ilha.

XIX. Entrou no Cargo de Corregedor o Desembargador Manoel Jose Meirelles Guerra, e em Juiz da Villa da Praia o Bacharel João Silveira da Luz.

XX. Tem os Rebeldes armado para ir ás Ilhas de S. Jorge, e Pico duas Embarcações, que são o Hyate Triunfo da Inveja (Capitão Thomás da Costa Reis): e o Brigue Escuna Fayalense, (Capitão José Jorge Ribeiro): estes chegárão ha pouco de Lisboa com munições de boca: e no ultimo fugio o Coronel Engenheiro Euzebio, e mais dois Officiaes d'Artilheria para a Ilha Terceira.

XXI. A Escuna Ingleza (Capitão Chô) ainda continúa ao serviço dos Rebeldes. No dia 3 de Março houve indulto para os prezos de culpas leves: excepto para mim, Almeida, e Moniz.

XXII. A decisão geral dos Póvos he a mesma.

XXIII. Nos Montes ha muita escacez de Trigo.

N.B. O Original deste Relatorio, foi escripto pelo proprio punho de Eustaquio Francisco de Andrade, Tenente do Regimento de Milicias da Cidade d'Angra que se achava na Ilha do Fayal no 1.º de Maio.

## N.º II

COPIA. — Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Ainda que V. Excellencia exteriormente tenha reconhecido as Fortificações que os Rebeldes tenhão construido nos Portos da Terceira: com tudo não deixará de ser conveniente para o bom desempenho do desembarque da Expedição, o sabermos algumas cousas do interior do Paiz: e como J. . . J. . . E. . filho da mesma Ilha Terceira, e que agora vai neste Brigue, se me offereceo para este serviço: parecendo lhe a V. Excellencia, bem o poderá mandar lançar em terra, pelo lugar que elle indicar, recebendo-o depois no mesmo sitio a hora e dia que elle disser. A Carta que elle leva he para J. . . ou J. . . mas no caso della achar difficuldade em

se communicar com algum destes Sugeitos, poderia então entregar a mesma Carta a C. . . e P. . . Pessoa que elle Portador mui bem conhece: e bom seria que qualquer destes tres Sugeitos, que indico, ou algum dos outros, que verbalmente recommendo ao dito E... viesse com elle para bordo da Náo, porque assim talvez fossem mais completos os nossos desejos. = Não deixará de nos ser conveniente que este mesmo J...J...E... e seus dois Companheiros sejão conservados a bórdo da Náo de V. Excellencia, porque sendo bastantemente praticos dos Portos situados a O. do Monte Brazil, podem talvez ser-nos precisos. =Deos Guarde a V. Excellencia = Ponta Delgada 13 de Junho de 1829. = Illm.º e Exm.º Sr. José Joaquim da Rosa Coelho. = J...

## N.º III

COPIA. = Carta escripta a J. e a J. = Amigos. = Qualquer de vocês a quem esta primeiro for apresentada fará o favor de me responder quanto antes, satisfazendo aos quisitos emittidos no incluso, entregando sem demora a resposta ao Portador para que elle volte para bordo sem demora. = Cedo nos veremos, e terei o gosto de os abraçar. Sou o seu affectuoso amigo = J...

Ponta Delgada 13 de Junho de 1829.

## N.º IV

COPIA. =Quisitos que se pretendem saber.

I. Qual he exactamente a força dos Rebeldes em homens, que estejão em armas regularmente, e destes qual he o numero de Soldados de Linha que tem recebido de Inglaterra desde Fevereiro.

II. Qual he o numero da sua Artilheria de Campanha, se se prepárão a fazer uso de toda ella; em que sitios a tem: e o numero de bocas de fogo em cada hum.

III. Qual he a natureza das Fortificações que tem feito em todos os portos da Ilha, quantas Peças tem em cada ponto, e qual he o seu calibre.

IV. Se o Castello de S. Sebastião está artilhado, e se ha apparencias de quererem defendel-o.

V Se tem algumas Fortificações no Pico Redondo, na Agualva, Cume da Praia, e Serra do Facho.

VI. Se o Castello de S. João Baptista está abastecido de mantimentos para aturar hum bloqueio, e quaes aquelles em que os Rebeldes sentem maior escacez. = Ponta Delgada 13 de Junho de 1829.

NB. Refere-se ao Documento N. 3.

## N.º V

COPIA. — Ill.<sup>mo</sup> Sr. J. . . Em resposta da Carta de V. S. de 13 do corrente, que foi para terra acompanhada de huma minha, e mais de hum papel incendiario (tal he o titulo, que na sua apparição lhe havião de dar) e com razão: porque, sendo obra de Marinheiro leva por força materia combustivel, cuja copia remetto ao meu amigo Lemos, e só para elle ver, porque a amizade convida a desculpar-me, quando outros apenas para me fazer favor só lhe darão duas gargalhadas: vai o homem com a copia do que escrevo J. . . com ordem de transmittir a V. S.ª: elle vai acompanhado de hum matta Rebeldes, que com elle veio de terra, e que julgo V. S. gostará de fallar com elle sem receio, não osbtante ser elle o primeiro homem, que na minha vida tenho visto arreado com tantos coldres. — Estimarei que V. S. fique tão satisfeito com o que diz J . . . quanto o deve ficar pela satisfação com que satisfiz aos seus desejos, o que tem satisfação de ser — De V. S. — Camarada e amigo — *José Joaquim da Rosa Coelho.* — Julho 4 de 1829.

Aos Ill.<sup>mos</sup> Snrs. J . . . e J . . . faz seus respeitosos cumprimentos o Chefe de Esquadra Commandante em Chefe da Expedição aos Açores José Joaquim da Rosa Coelho, remette-lhe huma Carta, e faz-lhe para seu governo o seguinte aviso — Huma divisão composta de 4:000 homens he destinada a opperar hostilmente contra os Rebeldes da Ilha Terceira: destes, 1:400 estão ha muito na Ilha de S. Miguel: 1:000 tenho disponiveis a bordo dos Navios, que actualmente fazem o Bloqueio da Ilha, a saber huma Não, huma Fragata, hum Brigue, huma Escuna, e hum Hiate: o resto devia sahir de Lisboa até o dia 6 do corrente, transportado em tres Fragatas de grande força, duas Corvetas, dois Bergantins, e cinco Charruas, tudo aqui vem: e por momentos espero a sua chegada: entre oito Embarcações que tenho aprehendido humas, e aprezado outras, tem cahido em meu poder correspondencias de Inglaterra para a Terceira, e vice versa: por esta se deprehende, que ha muita discordia entre os oppressores dos Povos Angrenses, e daquella que lhe não vem soccorro, ou auxilio algum: julgo por tanto chegado o momento de se deverem fazer exforços para debellar essa facção desorganisadora. Tenho armas, tenho munições, e tudo quanto he preciso para ser empregado, quando o discernimento, e prudencia de VV. SS. me indicar podem servir com bom exito, e se por desgraça nada se póde fazer antes da aproximação da Força, e VV. SS. se não julgão seguros, e se persuadem que de bordo desta Nao podem melhor encaminhar as operações, eu lhe rogo que acompanhem o portador até que eu tenha a satisfação de os receber e a-

braçar. — Remetto mais esses papelinhos, que espero fação espalhar. =Bordo da Não D. João VI á véla, e á vista d'Angra 17 de Junho de 1829 (assignado) *Roza Coelho.*

## N.º VI

COPIA. = Ao Ill.$^{mo}$ e Ex.$^{mo}$ Sr. José Joaquim da Roza Coelho: Chefe de Esquadra, e Commandante em Chefe a bordo da Não D. João VI á vela na frente do porto d'Angra dirige J. . . os protestos do mais humilde subdito, e sinceros agradecimentos pela distincta honra de S. Excellencia lhe fazer as participações constantes da sua Carta missiva, datada de 17 de Junho do corrente anno: ao que tudo nunca o abaixo assignado será sobeijamente agradecido, pela confiança que fez da sua fraca Pessoa, como pela offerta que lhe faz dos Navios de seu bordo: e á que em summa passa a responder, como entende ser mais conveniente á situação, e crise actual, em que se acha toda esta Ilha: fazendo a maior parte integrante desta sua resposta os artigos, que inclusos remetto a V. Excellencia para delles fazer o uso, que lhe convier, e por mercè fazer chegar á Ilha de S. Miguel a J. . . de quem era a Carta, que V. Excellencia me remetteo com huns quisitos, que assim respondo. Toda esta Ilha se acha guarnecida de hum cordão de Tropa, e este mais grosso nos pontos da sua melhor entrada, Praia e S. Matheus, como nos sobreditos artigos levo expendido, pelo que me não he praticavel reunião de gente de qualidade alguma para favorecer o desembarque das forças da Esquadra, nem tão pouco receber as munições de guerra, que V. Excellencia offerece, sem que debaixo do fogo dos Navios se rompa hum desembarque, cuja força maior seja de Artilheria para cobrir as reuniões que me forem possivel fazer nesse momento, e armal-as das offerecidas armas; porque nos achâmos no estado o mais inerme, que se póde imaginar para hum tal fim: e por isso me determino a ficar aqui, apezar dos perigos de vida, que de noite, e de dia me rodeião, e por me persuadir que talvez aqui possa ser mais util á Causa do Nosso Augusto Monarcha o Senhor D. MIGUEL I. = Deos Guarde a V. Excellencia por largos e dilatados annos para remedio das desgraças desta Ilha, felicidade, e ventura nossa. = De V. Ex.ª Humilde subdito (assignado) J. . . = Angra 21 de Junho de 1829.

**Resposta aos quisitos recebidos** = Primeiro que tudo cumpre declarar com franqueza, que não podemos satisfazer com exactidão rigorosa á maior parte dos mesmos artigos como sinceramente desejavamos, e de nós tão sabiamente se exige: porque o desespero dos Rebeldes tem empregado a mais horrorosa espionagem, de maneira, que por suspeitas multiplicão prizões, e por leves indicios barbara-

mente fuzilão até paizanos: e tem passado ordem para ser fuzilada toda a pessoa que das forças do Bloqueio ousar entrar neste desgraçado paiz de qualquer condição, ou estado, que elle seja: com tudo porém, daremos huma idéa se não exacta, ao menos a mais aproximada das forças, de disciplina, e numero, em que presentemente se achão os nossos tyrannos e crueis oppressores.

I. A força dos Rebeldes com a gente vinda da Inglaterra com os Recrutamentos feitos, e que ainda continuão nesta Ilha, monta collectivamente a 3:000 homens para mais, que não para menos: esta força comprehende tres Batalhões escassos de força regular: isto he, o Batalhão 5 de Caçadores, o Batalhão Provisorio dos Officiaes vindos de Inglaterra, com algumas Praças dos Corpos contigentes: o Batalhão de Artilheria da Terra, que tem poucos Soldados Veteranos.

II. Aos sobreditos Corpos se aggregão o Batalhão de Voluntarios vindo da Inglaterra, que monta a 600 para 700 Praças, que se conserva em destacamento fixo na Villa da Praia: e o Batalhão de Voluntarios da mesma Terra, que quando muito póde contar 150 Praças. Esta força tem tido algum exercicio de arma de Infanteria, porém consta-nos que na parte da subordinação nada tem ganhado: mas he força toda compromettida, e que se julga sem taboa de salvação.

III. Estas forças actualmente guarnecem mixtas com as do Batalhão 5 o Castello de S. João Baptista, Porto Judeo Villa de S. Sebastião, Praia, Porto dos Biscoitos, Villa Nova, S. Matheus, e Santa Barbara; finalmente fórmão o cordão da Costa da Ilha mais grosso no ponto de S. Matheus, e Praia.

IV. O Castello acha-se guarnecido de Artilheria, porém não sabemos exactamente o numero das bocas de fogo, nem seu calibre, com tudo, sabemos que tem duas Peças de 48 unicamente, algumas de 18, e que toda a sua Artilheria, a que consideramos melhor he a que veio este anno de Inglaterra, cujo numero ignoramos, porém sabemos que não he grande. O ponto em que tem empregado maior Fortificação he a ponta de Santo Antonio com tres ordens de bateria de terra, e madeiras, por suspeitarem por alli algum desembarque.

V. Existe no porto do Judeo, Praia, e S. Matheus alguma Artilheria, porem muito pouca: e não tem em ponto nenhum braços proprios para similhante arma, nesta parte estão fraquissimos, porque nem Soldados, nem Chefes, só tem hum Luiz Manoel, bem conhecido a todos os respeitos, e hum Capitão de fóra de alcunha Valerino, que proclamão o grande Chefe nesta arma.

VI. No Pico Redondo não tem Fortificação alguma, nem na Agoalva presentemente: tem hum pequeno Parque d'Artelheria volante na Praia, que occasionalmente roda até S. Sebastião: tambem não sabemos exactamente o seu calibre, porém só podemos observar que em tudo he muito pequeno: e tem outro aqui na Cidade comparativamente em tudo maior áquelle, e que roda até S. Matheus nas occasionaes.

tirado por Bestas, que tem ensinado, e continnão a ensinar a manobra; por quanto tem chamado a si todas as Bestas da Ilha, que nem Cavallo se póde ser nesta infeliz terra. No Pico do Seleiro tem huma Trincheira, e na Serra do Facho nada tem, só nos Biscoitos tem huma Peça de calibre 12; e no porto das Cinco Ribeiras não tem nada: só tapárão o Portão de pedra, e cal.

VII. O Castello de S. Sebastião, pela tatica do Cabreira, que era recolher ao Castello de S. João Baptista toda a Artilheria da Costa por falta de forças, foi apeado da Artilheria que então tinha, e agora algumas Peças para elle tornárão a levar, porém não inculcão projectos de defendel-o até á hora presente.

VIII. Tambem apparece toda a probabilidade de terem abandonado o projecto de se fecharem no Castello de S. João Baptista, porque se desfizerão de toda a qualidade de mantimentos, que nelle tinhão recolhido: e não tratão de chamar á Praça mantimentos alguns até ao momento presente, e por consequencia sendo posto em sitio formal, e sem demora, não se póde sustentar por dias porque a Praça não tem agua nativa para isso.

IX. Por algumas apparencias e vozes vagas dos Rebeldes. estamos persuadidos, que o seu plano he não se fecharem no Castello, nem perderem muitas forças ao desembarque: mas sim reunirem-se no interior do Paiz e baterem-se em Campanha aberta, posto que tem feito Trincheiras nas bahias da Praia, S. Matheus, até ao Negrito: outro sim podemos dizer que o genero de maior escassez, que sente o Paiz he de vinho, porém que a colheita futura promette grande abundancia, e que sendo o Paiz fertil nos generos da primeira necessidade, nunca por meio da fome jámais se poderão render os Rebeldes, e Rebeldes de similhante natureza: sentem sim muita falta de numerario, porém tem-se voltado ao fabrico do Papel, aos Sinos, e a algumas Peças velhas de Bronze, e as Pratas das Igrejas, com que se pertendem sustentar por muito, e muito tempo.

Nós não temos talentos Militares. nem experiencia da Guerra, e assim pouco ou nada póde influir nas circumstancias actuaes deste Paiz a nossa particular opinião, que só vamos declarar pelos sentimentos de fidelidade, que professâmos a Causa da Nação Portugueza, e do Nosso Augusto Monarcha o Senhor D. MIGUEL I.: e que em tudo e por tudo submettemos ao saber, valor, e experiencia dos Chefes encarregados do resgate desta Ilha. De tudo quanto fica dito nos artigos acima expostos com a brevidade e cautella, que nos foi possivel se deprehende que a arma d'Artilheria bem flanqueada de Infanteria tomando as eminencias desta Ilha. para offerecer com segurança deserção a muitas Praças de Linha principalmente do Batalhão d'Artilheria, e chamar a si alguns homens uteis da massa geral do Paiz, que toda he decidida a favor da Santa Causa, e se poderá com facilidade, e sem muita effusão de sangue conseguir a redempção desta Ilha, que

se acha reduzida a hum estado de consternação, e miseria, que não póde, eu já não digo descrever, mas ao menos narrar simplesmente tudo aquillo que a eloquencia humana tem de mais forte e grande.

## N.° VII

COPIA. = Memorias para auxiliar qualquer Projecto, que se determina ácerca das Operações contra os Rebeldes acoutados na Ilha Terceira = Lugares de desembarque. — Na Costa do Sul da Ilha, a Leste da Cidade d'Angra he o primeiro quasi na ponta de Leste o extenso areal fronteiro á Villa da Praia. O segundo o Porto Martim: O terceiro a Enseada fronteira á direcção da Villa de S. Sebastião: Quarto o Porto Judeo: Quinto ao Poente da Cidade d'Angra, a Costa baixa de S. Matheus. Todos estes pontos são como dito fica na Costa do Sul da Ilha, não havendo pela Costa do Norte ponto algum aonde possa desembarcar-se em força, a não ser o muito pequeno denominado da Casa da Salga.

### Descripção resumida do primeiro lugar do desembarque.

O areal que borda a Villa da Praia, e a sua bahia tera pouco menos de tres quartos de legua de ponta a ponta; tem na sua frente hum baixo de arêa, tanto á flor d'agua, que ás vezes descobre; na ponta de Leste, faz huma boquèta, que dá entrada a grandes Lanchas formando apparentemente o areal huma Enseada, no fundo da qual encostada para Leste está situada a Villa da Praia. Nas duas pontas desta Enseada e communicando-se a descoberto pelo areal, existem dous Fortes, qualquer delles de pequena capacidade, e defeituosa construcção, e o de Leste, que defende a boqueta da entrada quasi a tiro d'espingarda, está adorado a huma Rocha elevada; qualquer destes Fortes poderá montar de dez a doze bocas de fogo; porém nem todas para flanquear a entrada, nem tão pouco para atirar sobre o mar.

Em frente da Villa da Praia ha hum Forte de alvenaria que consiste em hum baluarte vasio sem resguardo algum na golla, segundo as direcções das suas faces póde flanquear com huma até duas Peças o areal do fundo da Enseada tanto para hum como para outro lado, porém como não está situado propriamente no meio da Enseada, mas muito mais encostado para Leste, não abrange o alcance da sua Artilheria grande parte da extensão do areal que fica para o Poente, para cujo lado havia mais dois Fortins, que já em 1816, quando fiz o conhecimento deste ponto estavão arruinados

As Tropas desembarcadas nesta Enseada tem tres caminhos a seguir, para o interior e alto da Ilha, susceptiveis de conducção d'Artilheria, o primeiro he pela Villa da Praia, que se dirige se bem me

lembro) pelo Pico da Bagacina; esta Estrada em parte he funda, e forma como hum desfiladeiro até galgar as alturas denominadas Serra do Cume da Praia, vencidas as quaes, segue huma planicie continua de quasi tres leguas até o sitio das Achadas em frente das Serras da Ribeirinha, e da Encomiada com muitos ligeiros accidentes de terreno. A segunda estrada vai pelo Nascente da Villa da Praia entre a Villa, e Serra de S. Thiago, e se dirige á Agualva, Biscoitos, Villa Nova, montando suavemente a altura da Serra do Cume da Praia, havendo dos ditos tres lugares, que ficão na Costa do Norte da Ilha caminho em direcção á planicie das Achadas, e á ponta do Norte da Serra da Encomiada pelo lado das Furnas, que segue para o interior da Ilha, e revez da mesma Serra. A terceira Estrada he ao longo da Praia até que principia a subir na direcção de Fonte Bastarda, e daqui se ramifica para o alto da planicie das Achadas, para o alto da Villa de S. Sebastião, e Pastos de Santa Anna, e ao longo da Costa da Ilha, communicando o porto Martim com porto Judeo, e com a Cidade d'Angra, sendo esta Estrada em grande parte vista do mar.

## Descripção resumida do segundo, terceiro, e quarto lugares de desembarque.

Estes tres lugares de desembarque são sobre a Costa do Sul da Ilha: o primeiro, isto he, Porto Martim está situado pouco mais de tres leguas a Leste d'Angra: o segundo a Enseada fronteira á Villa de S. Sebastião quasi duas a Leste da mesma Cidade: e o terceiro o Porto Judeo obra de cinco quartos de legua. O primeiro, e terceiro destes Fortes são humas pequenas angras entre a Rocha, com muito pouco, ou nenhum areal: o segundo he mais espaçoso, e todos os tres se communicão entre si pela Estrada, que junto á Costa vem da Villa da Praia para a Cidade, Estrada em grande parte vista do mar como já fica dito. Todos estes portos são protegidos cada hum por seu pequeno Forte, ou Bateria fechada. Estas Baterias poderão admittir até cinco Peças: e nenhuma das ditas Baterias tem flanqueamento algum.

O terreno que lhe fica pela retaguarda especialmente do segundo, e terceiro porto desta Estrada se eleva rapidamente até á altura em que está situada a Villa de S. Sebastião. Do Porto Judeo além da Estrada que segue para a Cidade, e vai passar na extremidade do Sul da Serra da Ribeirinha em direcção aos Portões de S. Bento, ha huma subida que se dirige á Villa de S. Sebastião, Pastos de Santa Anna, Cinco Picos, Lagoa do Ginjal, e Achadas.

## Descripção do quinto lugar de desembarque na Costa de S. Matheus.

A situação desta Costa ao Poente da Cidade d'Angra, que princi-

pia pouco adiante do sitio da Silveira, aonde acaba a bahia da Fanal, e desde a quinta de José Theodozio de Bettencourt até hum pouco adiante da Freguezia de S. Matheus, he susceptivel de desembarque, supposto que o mar fronteiro tenha em partes esparcel de Rochedo. He este espaço defendido pelo Forte da Má-Farramenta, reducto, que poderá conter em bateria até 4 peças, e pelo outro chamado o Forte Grande de S. Matheus, em frente da Freguezia do mesmo nome: sendo este Forte, hum pouco mais consideravel do que o primeiro: mas assim mesmo apenas poderá alojar até 60 homens, incluidos os do serviço d'artilheria: a sua communicação he pela Estrada que vem ao longo da Costa, que em frente dos sitios onde se póde tentar o desembarque he toda vista do mar, no alcance d'Artilheria 12 = Desta Estrada para cima vai o terreno alargando-se em rampa até o sitio da Terra Chã, com cuja Estrada se communica pela subida chamada: a Canada das Almas: e pela outra, que quasi ao principio desta se separa, denominada, a Canada dos Folhodaes. Note-se, que a Estrada da Terra Chã, proximo ao sitio da fonte da Telha, se sepára em duas, a saber: a Calçada que vai interior desta, e a Estrada que segue pela Fonte da Telha, Quinta do Conego Christovão, Pateira, e nascença d'agoa nos contra fortes da Serra da Encomiada, que dominão a Cidade d'Angra. He nas faldas daquella Serra, e a meia legoa de distancia da mesma, que existem as unicas nascentes d'agoa, que a fornecem. O terreno intermedio acima das Almas, e a Estrada da Cidade para a Terra Chã, he muito irregular, cortado de paredes de Quintas, e com algumas alturas destacadas, entre outras a chamada do Pico da Urze: do alto porém da Terra Chã, até á Fonte da Telha, he o terreno menos irregular, e mais desassombrado. Note-se tambem, que a Estrada para a Cidade, desde a Quinta de José Theodozio Bettencourt, até os Portões de S. Pedro, he hum rigoroso desfiladeiro, e que estando o Arco dos ditos Portões cerrado com Portas, ou Estacadas, e a Casa contigua guarnecida, será algum tanto difficil forçar esta passagem, supposto a posse deste introncamento de Estradas, poderá ser conveniente para qualquer operação que se tente, a fim de obter a posse da communicação da Terra Chã para a Pateira, por isso, que cortaria a linha dos Inimigos que se houvessem avançado ao Pico da Urze, para disputar a passagem da Canada das Almas, e dos Folhodaes.

Porto o 1.º de Abril de 1829 — *Ayres Pinto de Souza*

## N.º VIII

## Bosquejo de hum Projecto para a Restauração da Ilha Terceira

No estado em que presentemente se achavão as cousas na Ilha Terceira, parece que a sua Restauração (a não apparecer algum fenomeno não esperado) deverá constar primeiramente das duas seguintes o

perações: o desembarque á viva força em algum ponto da Costa, e a marcha estrategica sobre a Cidade d'Angra, etc. etc.

## Primeira operação

*O desembarque á viva força*

Estamos capacitados de que aquelle desembarque precisa ser de viva força, porque em attenção ao abatimento, e oppressão em que se achão os naturaes da Ilha, estes não podem facultar, nem dar auxilio para que elle se execute sem opposição: e porque vista a facilidade com que as Costas se podem atalayar, e a activa vigilancia que empregão os revoltados, tambem o desembarque não he praticavel por surpresas.

Supposto isto, temos a accrescentar, que o desembarque em questão, não só precisa ser á viva força, mas que juntamente deve ser feito em grande força: o que julgâmos evidente, por se dever esperar huma forte resistencia, e porque he da mais transcendente utilidade, levar-se a segurança de que se não hade ser rechaçado.

Nas differentes Enseadas, e aberturas que no contorno da Ilha a sua Costa offerece para bem desembarque, quanto a nós, o areal da Villa da Praia he o unico, no qual se encontrão todas as ponderadas proposições: verdade tão constante, que por isso, em todos os tempos sempre elle foi julgado o ponto vulneravel da Ilha; sempre por alli se receou a sua invasão, e sempre contra esta se tem alli tomado todas as possiveis prevenções.

Concedemos que ha outros pontos, que não deixão de ser capazes de saltar nelles em terra hum grande golpe de gente, e até disto se offerecem exemplos em outras épocas: e podem apontar-se nesta classe a Salga, junto ao porto Judeo, a Bahia dos Móz junto á Villa de S. Sebastião: e o Porto Martim junto ao Cabo da Praia: porém em nenhum destes o atacante poderá empregar tão grandes meios já para a protecção dos seus, já para offensa dos contrarios, como no mencionado areal. Acrescendo a isto que, aqui as Tropas desembarcadas achão espaço para se formarem regular, e desembaraçadamente, e naquelles tres pontos serão necessarias muito especiaes providencias para se supprir este espaço, e evitar-se algum revez. Todos os mais lugares da Costa, por difficeis, e acanhados, só podem servir para huma surpeza, ou não havendo resistencia.

Assim, a não se querer empregar hum ataque de potencia á Janizara, mesmo contra o Porto d'Angra: fazendo-se callar o fogo das muitas baterias que o defendem: pondo-se pé em terra em alguns dos seus quatro pontos de desembarque ordinario, Porto Novo, Prainha, Caes, e Porto de Pipas: e desfilando-se seguidamente pelas ruas da Cidade: operacção tão usada, como decisiva: a não se empregar hum tal ataque, tornâmos a dizer, que, em grande força, e á viva força, só

no areal da Villa da Praia, se póde effectuar hum desembarque.

Esta nossa ultima asserção, não exclue que se lance mão de toda e qualquer conjectura, que extraordinariamente possa offerecer-se em outra parte para o desembarque ter lugar, por surpreza, ou sem opposição: para o que, e para se facilitar o do nosso projecto, julgâmos conveniente: 1.º ameaçar alguns dias outros diversos pontos, em situações oppostas, para se terem os Oppositores em dúvida, em alarme, e em cansaço: e 2.º acompanhar o ataque verdadeiro com hum, ou dois falsos; que por serem verosimeis, os obrigue a dividir as suas forças.

Lembremo nos que os pontos, para aquelles destinos escolhidos, nem devem ser partes oppostas da Costa, para senão depender de diversos ventos: nem tão distantes entre si, que não possão combinar-se, e auxiliar-se mutuamente: o que explicado no nosso caso, produz, que sendo o ataque verdadeiro em o tantas vezes citado areal, os falsos, ou ambos lhe fiquem na esquerda, sendo hum em Porto Martim, e o outro na Bahia das Móz: ou hum na esquerda, que seria o dito do Porto Martim: e o outro na direita, que seria no porto da Villa-Nova: dependendo a escolha destas duas maneiras, da informação dos Praticos, para a maior, ou menor difficuldade da aproximação, e desembarque: e de noticia, que se possa ter dos movimentos dos Oppositores: porque cumpre advertir, que o ponto da Bahia das Moz, he muito chegado à Villa de S. Sebastião, que elles tem guarnecida, e por isso hum ponto muito vigiado: posto que de grande importancia, por dalli se podêr marchar a cortar a linha de Operações, entre aquella Villa, e a da Praia: e a Villa Nova não tendo aquella extrategica vantagem, por ser mais desviado, he provavel não esteja tão acautellado: pois só nesta hypothese he que, em razão da sua difficuldade, poderá ser aproveitado

Posto não seja da maior necessidade, sempre diremos que executando-se a operação no areal da Praia os Navios começavão batendo os dois Fortes dos extremos daquella bahia; os quaes, são os do Espirito Santo, na direita; e o de Santa Catharina, da esquerda: o que em breve será conseguido, que na proximidade deste ultimo, he que deverá ter lugar a força do desembarque, porque ha muito espaço para as Tropas desembarcadas se formarem, e porque alli quasi se evitão todos os tiros que possão vir de algum dos Fortes, do centro da mesma bahia, que aconteça acharem-se artelhados, e que seria da mais preponderante utilidade, que a linha dos Barcos, e Escaleres, que transportão as Tropas, viesse coberta na sua frente por huma e outra de Lanchas Artilheiras, que com os seus tiros, fustigasse a oppostos lugares das Praias, que por qualquer motivo os Navios não podessem bem bater.

O Coronel, *Caetano de Paula Xavier.*

# RESTAURAÇÃO DE 1640

# NOS AÇORES

(Continuado do Vol. VI, pag 487.)

---

## DOCUMENTOS

### Recompensa pelos serviços de Balthazar Mendes de Vasconcellos

Alvará da pensão de 30$000 rs. com o Habito de Christo; 1643.

El-Rey Nosso Senhor, Ha por bem de mandar lançar o habito da ordem de xpõ a Balthazar Mendes de Vasconcellos para o ter com trinta mil reis de pensão em hua das commendas vagas e para o haver de receber manda Sua Magestade se lhe façam as provanças e habilitações de sua pessoa na forma dos Estatutos e difinições da dita ordem. Em Lisboa a 25 de fevereiro de 643.
(*Arch. nac. da T. do T., Liv.º 1.º de Port.as, fl. 104 v.º*)

Carta de mercê do Habito de Christo em 2 de Setembro de 1643.

Dom João por Graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem e dalem mar em Africa senhor de Guiné e da Conquista, navegação commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc. Como Governador e perpetuo administrador que sou do mestrado, cavallaria e ordem de Nosso Senhor Jesus Christo: faço saber a qualquer pessoa ecclesiastica, constituida em dignidade, morador na Ilha Terceira que Balthazar Mendes de Vasconcellos, fidalgo de Minha casa, me enviou a dizer que desejava e tinha devoção de servir a Nosso Senhor e a mim na mesma ordem houvesse por bem de o receber e mandar prover do habito della, e antes de lhe fazer mercê e

o receber á ordem habilitou sua pessoa deante do Presidente, deputados do despacho da mesa da Consciencia e ordens e Juiz dellas, e porque me constou, pela habilitação que se lhe fez, segundo forma das difinições e Estatutos da mesma ordem o dito Balthazar Mendes de Vasconcellos ter as partes e qualidades necessarias, conforme a ellas para ser recebido e provido do habito da mesma ordem, e por esperar que nella podera fazer muitos serviços a Nosso Senhor e a mim: Hei por bem e me praz de o receber á ordem e por esta vos commetto e mando, dou poder e commissão para que lhe lanceis o habito dos noviços della em qualquer Igreja ou mosteiro dessa dita Ilha, segundo forma das difinições e estatutos da mesma ordem, cuja copia com esta vos será dada e assignada por Manoel Pereira de Castro meu Escrivão da Camara e mestrado da mesma ordem, e de como assi lho lançardes lhe passareis certidão nas costas desta carta, a qual o dito Balthazar Mendes de Vasconcellos será obrigado a, dentro de seis mezes, a mandar ao convento de Thomar da mesma ordem, para se assentar no Livro da Matricula dos cavalleiros noviços della, com declaração do dia, mez e anno, e se guardar na arca que esta deputada para guarda das cartas dos habitos que os mestres, governadores da ordem mandam lançar no dito convento e o Dom Prior delle ou quem seu cargo servir lhe mandará passar certidão com a copia desta, que se cumprirá, sendo passado pela chancellaria da Ordem. Nicolau de Carvalho a fez em Lisboa aos dous de Setembro de seis centos quarenta e trez. Manoel Pereira de Castro a fiz escrever — El-Rey —

(*Arch. nac. da T. do T., Liv.º XXV da Ord. de Christo, fl. 192.*)

Alvará para que em qualquer Igreja ou mosteiro da ordem se possa lançar o habito de Christo na Ilha Terceira a Balthazar Mendes de Vasconcellos. Lisboa a 2 de Setembro de 1643.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv.º XXV da Ord. de Christo, fl. 192.*)

Alvará mandando admittir na Ordem como professo a Fr. Balthazar Mendes de Vasconcellos, noviço nella, segundo a forma dos Estatutos e difinições. Lisboa 12 de setembro de 1643.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv.º XXV da Ord. de Christo, fl. 192 v.º*)

Alvará de mercê da pensão de 30$000 reis em uma commenda da Ordem de Christo ao mesmo Balthazar Mendes de Vasconcellos; 15 de Setembro de 1643.

Eu El-Rey etc. Faço saber que havendo respeito aos serviços que o Capitão Balthazar Mendes de Vasconcellos tem feito muitos annos na Villa da Praia da Ilha Terceira servindo de Capitão e ouvidor e em particular em a minha acclamação na dita Ilha e cidade de Angra, dispondo o que convinha para se effectuar e assistindo no sitio que se poz ao Castello por Capitão de uma Companhia de Infanteria, procedendo com satisfação nas occasiões que houve até se entregar, dispendendo sua fazenda e fazendo emprestimos para o sustento da guerra: em consideração de tudo: Hei por bem de lhe fazer mercê de 30$000 rs. de pensão em uma das commendas vagas da ordem de xpo (*Christo*) para os ter com o habito da mesma ordem que lhe tenho mandado lançar. E para sua guarda e minha lembrança lhe mandei passar o presente alvará que lhe farei inteiramente cumprir e guardar como se nelle contem, e hei por bem que valha como carta posto que seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo de qualquer provisão ou regimento em contrario, e se cumprirá sendo passado pela chancellaria da ordem. Nicolau de Carvalho o fez em Lisboa aos 15 de setembro de 643. Manoel Pereira de Castro o fiz escrever (1) = Rey =

(*Arch. nac. da T. do T. Liv. 1.º de Ord., fl. 218 e Liv. XXV de Ord. de Ch., fl. 62.*)

—*—

## Recompensa pelos serviços de Vital de Bettencourt de Vasconcellos.

Mercê d'uma Commenda de 80$000 reis em 8 d'agosto de 1647.

Eu el Rey &. Faço saber aos que este meu Alvará virem que havendo respeito aos serviços de Vital de Bettencourt e Vasconcellos, fidalgo de minha casa, natural da ilha Terceira e filho de Vital de Bettencourt, continuados na cidade de Angra desde o tempo em que a ella chegou o capitão Francisco de Ornellas da Camara, com ordem de fazer na mesma ilha e em todas as mais dos Açores aclamar e ju-

(1) Este alvará é bazeado na Portaria de 25 de fevereiro do mesmo anno, de redacção identica, registada no mesmo archivo Liv.º 1.º de Port. fl. 104 v.º. (impressa atraz na pag. 289) (*Nota do Sr. J. I. de Brito Rebello.*)

rar por Rey e senhor natural, concorrendo para esse effeito em tudo o que se lhe communnicou com particular zello e valor, e sendo mandado ás outras ilhas fazer executar nellas a mesma aclamação a buscar alguma artilheria e munições para se proseguir no cerco da fortaleza do Monte do Brazil em cuja diligencia se houve com o cuidado e o mais tempo perto de quatro mezes que depois assistio com a companhia de que era capitão nas fortificações e ao trabalho e defensa das trincheiras nos postos que lhe encarregaram e em alguns recontros que se offereceram com o inimigo até se render de todo á minha obediencia, proceder com a devida satisfação em consideração de tudo; hey por bem de lhe fazer merce de uma commenda de lote até 80$000 rs. e para sua guarda e minha lembrança lhe mandei passar o presente alvará que lhe farei inteiramente cumprir e guardar e valerá como carta posto que seu effeito dure mais de hum anno. Nicolau de Carvalho o fez em Lisboa a 8 de agosto de 1647. Manoel Pereira de Castro o fez escrever.=Rey.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. 2.º de Ord., fl. 325 r.º.*)



## Recompensa pelos serviços de Bartholomeu do Quental e Sousa.

Mercê em 9 de fevereiro de 1651, por serviços prestados na Guerra do Alemtejo.

Senhor — Em hua petição que Bertholameu do Quintal e Souza, natural da Ilha de São Miguel e Estudante Theologo da Universidade de Evora, fez a V. Magestade neste Tribunal se refere que elle acompanhou aquella Universidade as duas vezes que nos annos de 644 e 645 V. Magestade a mandou passar a Alentejo, gastando sua fazenda, e servindo sempre com grande satisfação e obedecendo a tudo o que seus cabos lhe ordenarão: E porque hora determina hir continuar seus estudos na Universidade de Coimbra: Pede a V. Magestade lhe faça merce mandar que pellos referidos serviços se lhe levem em conta seis mezes como V. Magestade costuma conceder aos estudantes da dita Universidade de Coimbra. Ao reitor della se pedio informação do que refere Bertholameu do Quintal que respondeu que tudo o que elle diz passa na verdade, e que sendo V. Magestade servido se lhe devem levar em conta quatro mezes pello trabalho daquella Universidade de Evora ser menor que o que nas ditas jornadas tiverão os estudantes da de Coimbra, respeito da distancia do caminho.

Pareceo que tanto pelo que Bertholameu do Quintal allega, quanto pella boa informação que ha de seu sujeito e estudo, que V. Magestade deve fazer merce de mandar levar em conta seis mezes que

he o mesmo que V. Magestade por suas ordens tem concedido aos estudantes de Coimbra. Em Lisboa a 9 de fevereiro de 651.

Dom R.º de Mello. P.—Antonio de Mendonça—Diogo de Sousa—André Franco—George da Silva Magalhães.

Despacho

Como parece. Alcantara 13 d'Abril de 1651.

(Com uma rubrica)

*(Arch. nac. da T. do T., Mesa da Consc. e Ord.—Universidade—maç. 9.)*

—*—

## Recompensa pelos serviços de D. Manuel da Camara.

Carta de mercê do titulo de Conde da Ribeira Grande; 15 de setembro de 1662

Dom Affonso &. Faço saber que havendo eu mandado ver e considerar por ministros de letras e de meus conselhos, o que se me propoz pela Condessa Dona Maria Coutinha, e por seu filho Dom Manuel da Camara sobre os successos que houve na sua casa e bens que vagaram e se encorporaram na coroa. (1) e razões que se me representaram para por via de graça lhe fazer mercê, e tendo respeito aos serviços de Dom Manuel da Camara feitos nos annos e campanhas passadas. no posto de Mestre de Campo de um posto de Infanteria paga, e em outras occupações em que se houve com a satisfação que se esperava de sua pessoa: e respeitando outro sim os merecimentos dos avós de que procede muito benemeritos destes meus reinos, e dignos de que se conserve sua memoria, que confio saberá Dom Manuel muito bem imitar, desejando por todos estes respeitos fazer lhe honra. acrescentamento e mercê, me praz e hei por bem fazer-lhe do titulo de Conde da Villa da Ribeira Grande na ilha de S. Miguel para elle e seus descendentes de juro e herdade conforme a lei mental, a qual

(1) D. Manoel da Camara, 1.º Conde da Ribeira Grande, foi filho primogenito de D. Rodrigo da Camara, 3.º Conde de Villa Franca, que, prezo e julgado pela Inquisição, foi condemnado a prizão perpetua nos carceres do St.º Officio, por sentença de 20 de Dezembro de 1652. a qual foi commutada, a pedido da Condessa D. Maria Coutinho, em recluzão no convento da Piedade de Cabo de S. Vicente no Algarve, por outra de 23 de maio de 1657. A mesma Condessa com seus filhos Manuel, Carlos e Vasco, imploraram breve ao Papa Alexandre VI, que lh'o concedeo a 27 de Janeiro de 1657, no qual os absolve das penas de confisco, excommunhões &.ª.

As cartas do titulo dos Condes de Villa Franca acham-se publicadas no Vol. IV, d'este *Archivo*, pag. 81-83.

lhe faço, alem das mais que pelos ditos respeitos lhe tenho feito, e com ella haverá e gozará todas as honras, preeminencias, prerogativas, autoridades, privilegios, graças, liberdades, merces e franquezas que hão e tem, de que uzam e sempre uzaram os Condes destes meus reinos, assim como de direito, uzo e antigo costume delles lhe pertence, dos quaes em tudo e por tudo quero e mando que elle uze e possa uzar e lhe sejam guardadas em todos os autos e tempos em que com direito, uzo e costume deva uzar, e gozar, sem duvida nem minguamento algum, e com o dito titulo de Conde havera o assentamento que lhe pertencer, de que se lhe passará provisão no Conselho de minha Fazenda, e lhe faço outrosim esta merce sem embargo de quaesquer leis e prohibições em que possa dispensar, nas quaes todas para este effeito por lhe fazer graça dispenso, de meu motu proprio, certa sciencia, poder real e absoluto: por firmeza do que lhe mandei dar esta carta por mim assignada e passada por minha chancellaria e sellada com o sello pendente de minhas armas, e constou por conhecimento do Thesoureiro do novo direito ter pago duzentos mil reis, e deu fiança a pagar outra tanta quantia, que tudo foi carregado a folhas cento e trinta e sette e folhas trinta e uma do livro de sua receita. Dada na cidade de Lisboa aos quinze dias do mez de setembro: Luiz Teixeira de Carvalho a fez, anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e seiscentos sessenta e dous (*1662*). Antonio de Sousa de Macedo a fez escrever. El Rey—diz a entrelinha na primeira regra = faço saber= .

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXVII das Doaç. de D. Aff.º VI, fl. 366 v.º*)

# INTRODUCÇÃO DE TRUTAS

## No lago das Sete-Cidades da Ilha de S. Miguel

PELO SR.

José Maria Raposo do Amaral

Em Dezembro de 1878 vieram de Inglaterra, remettidas por Mr. Chas. C. Capel proprietario da Cray Fishery no Condado de Kent. 2:000 ovas da truta commum (*salmo fario*) que chegaram, devido a uma longa viagem, na totalidade perdidas.

Em Janeiro de 1879 vieram da mesma procedencia 2:000 ovas da mesma especie (*salmo fario*) chegando parte perdidas mas ainda assim desovaram talvez umas 1:000.

No mez seguinte tentou-se o transporte para o lago das Sete Cidades n'umas caixas de folha de Flandres com uma forma especial, que se imaginou seria conveniente, de perto de uns quinhentos peixes: esta tentativa foi muito mal succedida, chegando todos ao seu destino completamente mortos devido, suppõe-se, a serem de metal as caixas de transporte e á pouca edade dos peixes para supportarem uma tal viagem, pois apenas havia dias que lhes tinha completamente desapparecido a visicula umbilical.

Os restantes, uns 500 approximadamente, foram retirados das piscinas e passados a um pequeno tanque com agua corrente: ali soffreram uma epidemia que causou a morte a um grande numero e em Fevereiro e Março do anno seguinte foram transportados com vantagem, em pucaras de barro, para as Sete Cidades 299 peixes.

D'esta variedade ficaram no tanque 12 que foram morrendo por differentes causas, sendo a ultima em Maio do anno corrente de 1883 e tendo attingido o comprimento de mais de 0,$^{m}$40.

Em 1882 foi encontrada morta no lago das Sete Cidades uma d'estas trutas que tinha de comprimento approximadamente 0,$^{m}$60.

Em Janeiro de 1881 vieram de Paris, por não as haver em Inglaterra, 2:000 ovas de Ombre Chevalier (*salmo umbla*) que chegaram, devido a uma longa viagem, na totalidade perdidas.

Em Fevereiro de 1881 foram remettidas por Mr. Capel 2:000 ovas de Gillaroo or gizzard trout (*salmo stomachicus*) chegando em soffrivel estado umas 1:000 que desovaram.

Foram como as primeiras retiradas das piscinas e passadas a um tanque com agua corrente pouco tempo depois do completo desapparecimento da visicula umbilical, soffreram a mesma epidemia que causou a morte a quasi metade, e ali estiveram até Novembro e Dezembro em que foram transportadas para as Sete Cidades 555 trutas em pucaras de barro como as primeiras.

D'estas trutas ficaram no tanque 13 que tem morrido, existindo actualmente ainda 7.

Em Fevereiro de 1882 foram enviadas por Mr. Capel 2:000 ovas de um pequeno peixe a que em Inglaterra dão o nome de *Alpine Char* e de que ignoro o nome zoologico, chegando todas perdidas.

Em Março de 1882 vieram de Paris 5:000 ovas de Ombre Chevalier (*salmo umbla*), que chegaram na totalidade perdidas, devido a uma grande demora que teve no Tamisa, o vapor em que vieram, por causa dos gelos.

Em Fevereiro de 1883 vieram 1:000 ovas de uma especie de truta a que Mr. Capel chama *salmo fario Cray trout*, que chegaram na totalidade perdidas.

Das duas variedades de trutta *salmo fario* e *salmo stomachicus* que existem no lago das Sete Cidades, dizem os homens, encarregados de as vigiar, terem visto, por muita vez, grandes porções de pequenos peixes que suppõem ser creação, mas nada se póde por ora affirmar sobre isto, apezar de que é naturalissimo que seja verdadeira a asserção dos homens, visto terem alli todas as condições necessarias para a sua propagação.

1 de Julho de 1883.

Em agosto de 1885 appareceo morta á tona d'agoa uma truta que media tres palmos pelo menos, pesando muitos kilos, o que prova terem-se acclimado bem os pequenos peixes ali lançados.

# Introducção do Cedro de Bussaco na Ilha de S. Miguel em 1799.

## Copia de parte de um officio do ministro e secretario de estado D. Rodrigo de Souza Coutinho a Nicolau Maria Raposo, da ilha de S. Miguel, datado do Palacio de Queluz em 6 de Dezembro de 1799.

«Estimo muito que seu filho tenha feito huma boa sementeira das Arvores de que lhe remetti as sementes, e n'esta occasião receberá V. M.ᵉ para o mesmo fim huma nova porção de Semente do Cedro de Bussaco. Recommendo-lhe muito este objecto e espero que com o seu conhecido zelo por tudo o que é de utilidade publica, se propagarão n'essa Ilha estas plantações, de que para o futuro se podem tirar grandes utilidades.»

Por este documento, ainda existente em poder da familia do fallecido Nicolau Maria Raposo, se prova á evidencia o pouco fundamento com que se tem dito que o Cedro do Bussaco é proveniente dos Açores, confundindo o nome vulgar de Cedro (*Cupressus*) com o de Zimbro (*Juniperus Oxicedrus*) indigena do archipelago Açoriano.

Sobre a proveniencia mais provavel do Cedro do Bussaco (*Cupressus Glauca*) pode consultar-se o artigo do Sr. J. A. Henriques no N.º 3, p. 124 do *Boletim da Sociedade Broteriana*, Coimbra, 1885.



# INFORMAÇÃO

## Para se fazer um porto seguro na Ilha do Fayal (*)

O Autor da natureza andou tão provido com a Ilha do Fayal, que sobre lhe dar bons frutos e ares salutiferos, lhe deu tambem hum bom porto, para beneficio da navegação: por este respeito concorrem a ella muitos navios estrangeiros, e se tem visto na sua bahia por muitas vezes armadas e frotas inteiras, e como as Ilhas dos Açores são o ponto certo que tomam todas as Nações da Europa que navegam para o mais resto do mundo tem a dita Ilha servido em varias occasiões de escala a muitas naus e navios de comercio que vindo faltas do necessario se vem refrescar e tomar descanço, refazendo se do estrago que cauza o tempo de viagens dilatadas, para continuarem a sua jornada com segurança: e em occasiões de guerras poem nesta Ilha as nações amigas os seus avisos, os quaes vem tomar a ella as suas embarcações para seguirem as derrotas mais convenientes; a ella se recolhem navios derrotados das frotas a esperar comboios e em fim sendo a Ilha do Fayal um abrigo geral para todas as nações da Europa, ainda à coroa portugueza rezulta maior beneficio, se nella tiver um porto seguro para as suas navegações.

Não se pode negar que tendo a coroa portugueza a sua navegação para as partes mais remotas do mundo, ainda não tem porto em que possa fazer uma escala segura na recolhida das suas embarcações: e todos sabem o perigo a que vai exposta uma nau da India depois de uma tão dilarga (*sic*) jornada se buscar a costa de Portugal sem refazer as forças à sua equipagem, sem a melhorar das doenças e sem reparar os estragos que se experimentam em semelhantes navegações: e tendo Portugal guerra com alguma das nações da Europa, lhe fica mui conveniente ter um porto em que recolha os seus navios e se livrem estes do perigo que o tempo ou a occasião lhes ameaçar.

---

(*) Esta e as duas seguintes informações a que está junta uma planta grosseira de parte da costa da Ilha do Fayal desde a ponta da Esplanada até ao lado do poente do Porto Pim, parecem terem sido redigidas pelo mesmo individuo, e foram copiadas pela mesma letra, em papel e formato egual, sendo as legendas da planta da mesma letra. Devem pois ser estas informações de data proxima, isto é dos annos de 1750. Ignoro quem fosse o autor.

(*Nota do Snr. J. I. de Brito Rebello*)

e quando não fosse beneficio commum para todas as nações e haver nas Ilhas um porto seguro, sempre para o comercio das mesmas Ilhas é mui conveniente haver nellas um porto em que se abriguem, não só as suas embarcações, mas tambem as que a ellas vem de fora a comerciar: o que suposto, buscando-se em qual das Ilhas haverá um sitio onde se possa fazer um porto com toda a segurança de mar e inimigos, no qual haja entrada e sahida com todo o tempo, e que se possa recolher um grande numero de embarcações, em nenhuma outra a ha com mais commodidade de se fazer como na Ilha do Fayal.

Alem, do grande porto e bahia que tem esta Ilha, em que commummente ancoram todas as embarcações de alto bordo, tem tambem um porto, em que se recolhem outras embarcações mais pequenas, a que chamam Porto Pim, o qual talhou a natureza de forma, que só basta defender-lhe a boca, para ficar seguro por todos os lados: por hum dos quaes fica a costa da Ilha ao saimte da Villa de Horta, pelo outro fica o monte de Nossa Senhora da Guia, e estes dois lados se communicam com um areal que serve de desembarque, e aonde rematam as ondas que se ensacam entre o dito monte e a terra. O fundo deste porto Pim todo é de areia, e capaz de bom ancoradouro: depois de tapada a boca por onde se communicam com o mar largo, fica este porto acommodado a crevarem nelle toda a sórte de embarcações; a pedra em que se ha-de fazer a muralha que tapar a boca deste porto, toda está ao pé da obra porque se tira nas rochas do mar: a maior parte desta muralha se ha-de fundar sobre um baixo de pedra que está na boca do porto; emfim tem esta obra todas as commodidades que hão de mister para se fazer com pouca despeza, e custando pouco valerá muito a todo o mundo, e pode render a S. Magestade, por que cada embarcação que nelle se abrigar pode pagar alguma cousa, que por pouco que seja no descurso do tempo pode cobrir a despeza que nelle se tiver feito; do risco junto se verá o que fica referido.



# ADVERTENCIAS MUI NECESSARIAS

## Para proveito do Contracto do Direito Real da Alfandega da Ilha do Fayal

Como S. Magestade tomou o novo accordo de pòr em arrematação os direitos das suas alfandegas das Ilhas; é preciso que os contra-

ctadores dellas dem tambem nova forma ao commercio para se poderem utilizar: para o que se deve advertir que as fazendas que athegora se tem consumido na Ilha do Faial eram trazidas de Lisboa, as quaes por estarem já despachadas naquella cidade, ficava nesta grande parte prejudicada a Alfandega da mesma Ilha: o que se pode remediar fazendo os contractadores trazer em direitura os generos estrangeiros que se hão de mister: cujo principal, conforme a melhor averiguação, pode exceder o valor de cem mil cruzados, os quaes necessariamente, hão-de dar dez na sua entrada, e se os mesmos estrangeiros extrahirem os frutos da terra em retorno das suas carregações, pagarão outros dez na sahida. Para se praticar este modo de commercio em proveito dos contractadores do direito real, é mui conveniente fazer sentar na Ilha do Faial uma casa de commercio, para que por meio das suas correspondencias introduza na mesma Ilha todos aquelles generos que tiverem boa venda.

Alem da utilidade que rezulta ao direito Real de virem as fazendas estrangeiras em direitura para a Ilha, tambem no assucar que vem do Brazil podem os contractadores do Direito Real tirar um grande lucro, porque conforme a lotação que está concedida aos navios da Ilha pode cada um trazer cento e vinte tonelladas de assucar, que são seis mil quatro centas e outenta arrobas que correspondem a outros tantos mil cruzados de direitos, e nesta forma voltando do Brazil carregados de assucar os quatro navios de licença que hoje tem a Ilha, podem importar os seus direitos em vinte e cinco mil nove centos e vinte cruzados, cujo valor se perde de presente, porque os donos das embarcações, por falta de correspondencias se lhe difficulta a extracção do assucar que podem fazer navegar e facilitado este meio, sem que os contractadores da Alfandega despendam, podem ter um grande proveito, pois só lhe basta pôr em movimento o cabedal alheio, para que acrescentem o proprio.

Se na Ilha do Faial fizer assento alguma casa de commercio estrangeiro, e facilitar a venda das fazendas com os preços de Lisboa, poderão concorrer a ella todas as mais Ilhas visinhas para o seu provimento, e neste caso será de maior importancia a entrada na Alfandega, e porisso de maior interesse o direito real della. Se no contracto da arrematação poder entrar a clauzula dos moradores da Ilha terem a liberdade de poderem mandar nos seus navios breu, alcatrão, enxarcia, lona e ferro para o Brazil, será de grande interesse para o contracto. Faial 7 de Agosto de 1750.

# ARBITRIO

## Para se poder accudir ou soccorrer aos meninos desamparados, da Ilha do Fayal

A f. 31 v.º do compromisso da Misericordia de Lisboa, impresso no anno de 1662, se acha o Cap. 33. que diz o seguinte:

«Ainda que a Casa da Misericordia se não custuma encarregar dos meninos engeitados, assi por no hospital de todos os Sanctos terem seu ordinario amparo, como por sua creação pedir espaço de annos, e pelo conseguinte esmola certa, que athegora não está aplicada por algum defunto a esta obra: todavia nunca se deu por desobrigada de accudir ao desamparo das creanças de pouca edade, cujas mãys morrem ou adoecem de maneira, que não podem ter cuidado delles.

«Achandose alguns meninos desta qualidade, constando de seu desamparo, o Provedor e mais Irmãos da mesa os mandarão acabar de crear, tomando-lhe amas, em quanto forem de pouca idade e depois de crescidos lhes darão ordem conveniente, para que nem por falta de creação vinham a ser prejudiciaes á Republica, nem por falta de occupação fiquem expostos aos malles que a ociosidade costuma causar. Havendo alguma pessoa virtuosa que se queira encarregar da creação e amparo de algum destes meninos, a casa lho largará, porque não deve tomar a seu cargo, se não aquelles que não tiverem nem outro remedio, nem outra sustentação.»

Sendo pois certo que todas as Misericordias do Reyno se erigiram á imitação da de Lisboa tambem é certo que pela mesma razão ficam obrigadas a cumprir com os mesmos Estatutos: porem para que nesta parte se dê inteira satisfação a obra tão pia como é acudir e remediar os meninos desamparados, se faz preciso ter uma consignação certa que se aplique ás suas despezas, a qual nos dias de hoje é mui difficultosa: porque dado que houvesse tal porção de dinheiro que se pudesse aplicar para pôr em rendimento, não seria facil empregal-o, porque as propriedades que de presente ha, todas estão obrigadas a vinculos, Capellas, Mosteiros, cofradias &.ª e pela mesma razão se não pode esperar que as rendas da Santa Casa da Misericordia façam esta despeza, pois vemos que ellas não podem ter crescimento por via de esmola pois cada um dos que morrem lhe não pode deixar o que está vinculado e pertence a seu successor, em cujos termos se deve recorrer á piedade e caridade da santa Igreja, para que nos possamos valer do que está deixado, já que a estreiteza de logar nos impede que de novo se possa deixar.

E' certo que de presente não póde a Santa Casa assistir das suas rendas a esta obra tão necessaria, e tambem e certo que não ha meio por donde as possa acrescentar: é certo que o numero dos desamparados é tão grande como se pode considerar em 3:488 familias que tem toda a Ilha, das quaes vão aos rois da confissão 2:251 menores, fora os que estão ainda desobrigados do preceito, que é tambem um grande numero.

Em toda a Ilha ha doze parochias, quero que em cada uma não haja mais que dez desemparados, em todas são cento e vinte: os quaes ou morrem de pura necessidade, ou os que escapam passam tal mizeria na assistencia, e tal desemparo na creação, que é lastima ponderar os grandes descommodos que padecem estes pobres e horror é dizer as consequencias que se seguem do seu mau tratamento, e para que tudo se remedeie occorre o meio seguinte.

Junto da Igreja da Santa Casa da Mizericordia se póde fazer com muita commodidade um edificio para habitação destes pobres, a um lado as femeas, e a outro lado os machos, porque para tudo tem a Santa Casa solo, o qual se pode acrescentar, valendo-se de alguma casa visinha, para o que não ha difficuldade invencivel: de um e outro edificio pode haver tranzito para a Igreja, cada um por seu lado: os machos para assistirem aos actos da Igreja ouvindo e ajudando as missas, e as femeas se lhe pode acrescentar a tribuna para della ouvir a missa, e se lhe pode na parede da Igreja abrir confessionario e gradinho para commungarem. O Capelam e Medico da casa lhe podem assistir, e sem despeza de Igreja podem lograr todos os actos de espirito que lhes forem necessarios. Não ha mais gasto com estes pobres do que a sua sustentação: para esta se pode aplicar a despeza dos legados, que todos os annos importa a sua taboa em 250$000 rs., dispensando se e mudando-se a obra pia de missas em obra pia de esmolas a estes pobres: nas doze parochias da Ilha do Fayal, e quatorze da Ilha do Pico ha infalivelmente vinte e seis cofradias do Santissimo e outras tantas da Senhora, as quaes tem obrigação de legados a missas. Quero que cada uma se dispense em dez mil reis de missas, para darem a esmola delas a estes pobres, e que fique equivalendo o valor desta esmola: pelo valor das missas se podem fazer annualmente de renda certa quinhentos e vinte mil reis, os quaes juntos a 250$000 rs. dos legados da Santa Casa, faz tudo 770$000 rs. Alem deste computo ha nesta Ilha varias rendas a trigo que seus instituidores mandam dizer em missas, que aplicados da mesma sorte a estes pobres, podem ter mais de doze moios de trigo cada anno para o seu pão: dos legados não cumpridos ha nesta commarca dos residos das Ilhas, abaixo da 3.ª uma grande parcella, que reduzida a sua esmola a dois vintens e dada a estes pobres e recebida quitação para com ella se dar conta, se faz um grande beneficio, porque deste modo se suavisa aos legatarios a cumprir, satisfaz-se as almas, susten-

tam-se e criam-se os pobres desamparados e se decepa um grande numero de encargos que se comettem na falta de cumprimento das instituições: juntos e congregados estes pobres se podem ajudar com o seu trabalho, dando-lhes que fazer, e se podem aplicar a muitas cousas uteis e proveitosas ao serviço da Republica.

Estes e outros beneficios se podem fazer a estes pobres, os quaes sem sustento e creação servem de lastima, de peso e de escandalo á Republica, e com doutrina podem servir de credito á patria e de gloria a Deus, nos muitos serviços do mesmo senhor em que se podem occupar. Acaso se dirá que a esmola das missas aplicada a este fim se tira da sustentação de muitos Sacerdotes que tambem se empregam no serviço de Deos e da Republica, a que se responde que feita a conta dos legados annuaes que ha para dizer e repartidos por todos os sacerdotes que hoje vivem, ainda se não podem cumprir inteiramente, pois se os Sacerdotes que de presente ha não bastam para satisfazer os legados já deixados, como hãode estes membros celebrar os que continuamente se vão deixando. ou de uns ou de outros hade ficar uma boa porção por dizer, a qual aplicada aos meninos desamparados se pode tirar o proveito da sua creação e doutrina: tambem se podem impetrar bulla para que os fieis que derem meio tostão de esmola a estes meninos possam ganhar tanto como que se mandassem dizer uma missa, porque deste modo podem os que morrem deixar muitas esmolas em logar de muitas missas que mandam dizer.

O proveito que se tira de acudir a estes meninos é tão grande e manifesto, que é escusado gastar tempo em o ponderar, mas não deixarei de dizer que todos os mais que tem Pay e Mãy que lhe podem e devem dar doutrina, muitas vezes por sua pobreza e má creação saem viciozas, quanto mais os que a não tem nem podem ter, saindo por este respeito mal creados estes meninos se espalha pela Republica uma grande porção de gente que sem freio se lançam a perder, e não só fazem mal a si, mas a todos os mais que levam comsigo, e da mesma sorte pela parte contraria educados e cheios de virtude e de boas acções moraes se aproveitam a si e se atalha o mal de todos, a quem prejudicam, e deste modo se cortam os vicios e se propaga a virtude, porque os filhos destes já levam outra creação que os encaminha a bem obrar; de sorte que eu dissera que é menos prejuizo faltarem missas aos sacerdotes do que esmolas a estes meninos; porque emfim na falta de missas aos sacerdotes se não seguem os damnos que rezultam da falta de esmolas a estes pobres: porque os sacerdotes são as pessoas mais escolhidas no procedimento e doutrina que tem a Republica. tem seus patrimonios e congruas ecclesiasticas com que vivem remediados, e ordinariamente saem de familias abastadas de que herdam porções sufficientes para a sua modesta sustentação, porem os meninos desamparados não só lhe falta o abrigo de Pay e Mãy dado pela natureza, mas todo o suprimento necessario em tempo que se não po-

dem valer da industria de o adquirirem por algum meio honesto: e nestes termos se deve cuidar muito no amparo e remedio destes meninos, ainda que fosse a troco de lhe aplicar a esmola de todas as missas, se todas ellas fossem necessarias para a sua sustentação e doutrina, sendo assim com muita razão se lhe deve aplicar aquella parte que sobeja aos sacerdotes e que elles não podem cumprir, a qual não lhe aproveitando, commutada em esmola para os necessitados lhe serve de beneficio, sem que delle recebam damno os sacerdotes: pois vemos que é tão grande a porção de missas que estão deixadas e as que se deixam actualmente, que celebrando todos os sacerdotes actuaes, não podem satisfazer a ellas, em cujos termos nem as almas se aproveitam dos sufragios não cumpridos, nem os necessitados se suprem da esmola que delles se lhe pode aplicar e havendo commutação destes legados não cumpridos se poem muitas almas à vista de Deos, que por sufragios retardados não estão aliviadas das penas em que estão: acode-se à mizeria dos desemparados e destituidos de meios para se remediarem e se melhora de estado a uma grande porção de gente que anda espalhada pelos campos e ruas sem casa, sem vestido, sem comer e sem doutrina, a quem a necessidade obriga a vicios e encaminha a mizerias. Congregados estes meninos se pode delles levantar uma confradia, na qual podem entrar todas as mais pessoas que quizerem, e para proveito de todos seja o compromisso desta confradia em beneficio corporal de uns e espiritual de outros, para o que se occuparão os congregados em muitos actos meritorios a Deus, os quaes aplicavam todos pelos mais confrades vivos e defuntos, e a esmola, que se arbitrar a todos os que entrarem nesta irmandade, se aplicará para a sustentação dos congregados, os quaes, como se lhe aplica a esmola deixada para o Santo Sacrificio da Missa, vivirão debaixo do titulo de Escravos do Santissimo Sacramento, a quem dedicarão todos os seus cultos, para o que se porá Sacrario em um dos Altares da Santa Casa. Aplicada assim esta renda, se tomarão as medidas convenientes para a sua destribuição, no amparo e soccorro de um e outro sexo, e se dará meio para que gastem o tempo no serviço e honra de Deos, e em outras cousas que lhe podem ser convenientes à sua propria sustentação.

*(Arch. nac. da T. do T., Pap. do Min. do Reino, maç. 611.)*

# BREVE NOTICIA DOS FESTEJOS

COM QUE

NA CIDADE DE ANGRA

DA

*ILHA TERCEIRA*,

SE TEM RELIGIOSAMENTE SOLEMNIZADO A DESEJADA QUEDA DO SYSTEMA DEMAGOGICO,

E A FELIZ REINTEGRAÇÃO

DE

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

**O SENHOR D. JOÃO VI,**

NOS INAUFERIVEIS DIREITOS DA SUA HERDADA SOBERANIA.



LISBOA:

IMPRESSÃO DA RUA FORMOZA N.º 42.

1824.

*Com licença da Real Commissao de Censura.* (·)

A cidade de Angra, tão ufana como zelosa dos titulos honorificos de=muito nobre, e sempre leal= em todas as crises da Monarquia Portugueza, os desempenhou briosamente. Porém na ultima se fez accredora a novas, e singulares distincções pela constante opposição, que intrépida fez aos facciosos, pela maior parte forasteiros, que no meio della, com mão armada e insolente, fizerão tremular o estandarte da rebellião; constrangendo-os a enrola-lo novamente, até que Sua Magestade Fidelissima expressasse, sem equivoco, a sua real vontade. Sendo-lhe depois officialmente constante, seguio prompta, e sem tumulto o regio exemplo: sem com tudo reassumir a consideração, em que a devião ter as chamadas Cortes, pois que, durante o seu detestado perdominio, não perdêrão occasião de por mil modos a depremirem, e vingativamente flagelarem. Em tão violento estado os honrados cidadãos de Angra, só no ceo tinhão posto suas esperanças, dirigindo-lhe

(·) Opusculo de 12 pag. In-4.º

devotamente seus votos fervorosissimos. Raiou em fim o sempre memoravel dia 3 de Julho de 1823, em que á oppressa Angra chegou a tão fausta como apetecida noticia de haver cahido o colosso democracio, e Sua Magestade reassumido em toda a plenitude a sua usurpada soberania, desde cuja data começou a ter lugar o devido desempenho dos taes votos, que me resolvo a vulgarizar, resentido de que pennas muito mais habeis, de que tanto abunda felizmente a minha Patria, se tenhão desdenhado até agora de tal tarefa, talvez porque modestamente não reputão as funcções, que me proponho descrever, accredoras á celebridade que intento dar-lhes, unicamente desejoso de que conste ao respeitavel publico, o religiosissimo reconhecimento dos meus muito nobres, e sempre leaes concidadãos, aos assignalados beneficios com que na presente época, foi servido o verdadeiro Deos do 1.º Affonso, felicitar a Portugal, e por consequencia a minha Patria. A louvavel ambição de fazer-lhe algum serviço tambem me determina a intentar a seguinte narração: e a singeleza com que vai a ser descrita, espero que abonará a sua veracidade.

Prescindio-se por esta vez em Angra, de celebrar tão glorioso acontecimento com os despendiosos festejos de cavalhadas, danças, corridas de touros, mascaras, e outros publicos divertimentos, nella tão usados em todas as occasiões de regosijo nacional: substituindo-se-lhes solemnidades religiosas, em que reluzindo a piedade dos devotos Angrenses, que louvavelmente as promoverão, incitavão com seu exemplo os numerosos concorrentes a se serem christãmente gratos, como elles, ao Senhor Deos das virtudes, que em Portugal acabava d'ostentar tantas maravilhas. Começarão as ditas festividades logo a 6 do mencionado Julho por huma solemnissima Missa, e Te Deum de escolhida musica, a dous côros, em cuja execução cordialmente se esmerarão os mais habeis musicos da cidade, com os da Cathedral, onde se celebrou esta primeira festa de acção de graças, com a luzida assistencia da camara, authoridades, corporações ecclesiasticas, da camara, authoridades, corporações ecclesiasticas, e religiosas, nobreza, e povo em tal concurrencia, que com difficuldade cabião em tão vasto Templo: de cuja decoração se encarregárão, e effectivamente mandárão executar os dous conspicuos fidalgos João Pereira Sarmento Forjaz de Lacerda, e Luiz Meyrelles do Canto e Castro, tão universalmente accreditados em Angra pelo seu zelo patriotico, e decedida adhesão a S. M. que o povo desta cidade, e seus suburbios, geralmente realista, ao ponto de se romper a gratissima noticia da quêda do systema constitucional, indistinctamente concorreo a suas casas, dando-lhes vivas: e abraçando-os se congratulava com elles por tão fausto motivo: chegando o enthusiasmo de alguns a dar tambem publicos vivas a este ultimo, quando na noite do dia 3 acompanhava huma armoniosa marcha de instrumental, que fez sahir de sua casa pelas illuminadas ruas da cidade. Nesta gratulatoria funcção orou gratuita, e espontaneamen-

te o R. P. M. Fr. Antonio do Rosario, lente de Theologia no convento de S. Francisco, que havendo-se constantemente negado a reiterados convites, que se lhe fizerão para prégar das vantagens do systema constitucional, com tão vehemente energia o adversou nesta occasião, que agradando sobremaneira aos innumeraveis realistas, de que superabundava tão luzido auditorio, proporcionadamente descontentou ao pequeno numero de concorrentes liberaes; e por isso o corregedor, que então era o bacharel José Joaquim Cordeiro, chefe e apoio delles, lhe preparou a possivel perseguição, começando por mandar intimar-lhe por dous Escrivães a ordem positiva de entregar-lhe o sermão. Rematárão esta alegrissima celebridade tres salvas de mosquetaria, que disparou a aceada tropa, postada em frente da Sé, em seguimento das quaes tambem salvou a artilheria das fortalezas da cidade, resoando ao mesmo tempo os mais plausiveis e cordiaes vivas a Sua Magestade, a toda a real Dynastia de Bragança. A'noite illuminou-se de novo, e espontaneamente toda a cidade; hum hymno patriotico, cuja armoniosa musica habilmente compoz o R. sub-chantre da Sé, se fez por sua direcção ouvir em todas as ruas, divagando até á madrugada do seguinte dia, acompanhado sempre de numerosissimas pessoas, que alegres enchião os intervallos com altos vivas. Entre tanto em casa do sobredito morgado Luiz Meyrelles, huma escolhida, e brilhante companhia de ambos os sexos, por elle formalmente convidada, alternava alegres saudes a El-Rei Nosso Senhor, á sua real Familia e a toda a Nação Portugueza, durante huma esplendida merenda, em que se disputavão a profuzão e bom gosto, á qual se seguio depois hum bem servido chá.

Seguio-se no domingo 17 de Agosto o cumprimento do voto, que o Reverendo Manoel Joaquim Fernandes, Capellão do Collegio, que foi dos extinctos Jesuitas, e outros ecclesiasticos conhecidamente realistas, fervorosamente havião feito de renovarem a festevidade de Nossa Senhora, que com o titulo da Boa-morte, se venera em huma capella do mesmo collegio, a qual festividade, por falta de meios, estava de muitos annos quasi de todo esquecida. Com effeito a diligencias de tão louvaveis ecclesiasticos, e cooperação de muitos devotos por elles solicitada, tendo precedido solemnes vesperas, e á noite vistosa illuminação, durante a qual devotas quadras allusivas ao motivo, e objecto da solemnidade se entoárão sonorosamente ao armonioso som de differentes instrumentos, no proprio dia se cantou huma grande Missa de excellente musica, orando ao Evangelho o R. P. prégador Fr. Cypriano do Monte do Carmo, da ordem de S. Francisco. De tarde orou o R. P. definidor Fr. Eleutherio do Coração de Maria, da mesma ordem: e em seguimento se ordenou huma mui extensa e devotissima procissão, com a ricamente adornada barca, que costumava servir de andor á veneravel Imagem da mesma Senhora, e com o Santissimo Sacramento, que esteve exposto todo o dia, a qual edificantemente cor-

reo a maior parte das ruas da cidade. Disse mui extensa procissão, porque além das costumadas collegiadas, communidades, ordens terceiras, e confradias, concorrerão tambem muitas outras das freguezias do campo mais visinhas, do que não havia exemplo até então. Fechava a procissão no maior aceio a tropa da guarnição do castello de S. João Baptista, a qual salvou tres vezes em frente do collegio, quando ao recolherse, se enserrou o Santissimo Sacramento: e assim se concluio esta devotissima solemnidade, que sempre será em Angra memoravel.

Reservárão-se as seguintes festas para serem celebradas depois da apetecida vinda do excellentissimo barão da Villa da Praia: pois que então em Angra começou a ser constante a gratissima noticia da sua reintegração, por Sua Magestade, em capitão general destas Ilhas dos Açores. O seu brilhante desembarque, poamposo recebimento, e universal jubilo na sua feliz chegada já correm elegante, e circumstanciadamente impressos, escapando com tudo ao energico author (por lhe não ser constante) commemorar o cortejo, que mesmo abordo se apressou a hir fazer a sua excellencia o governo interino, e a decente hospedagem que nesse dia lhe fez, concorrendo á noite ao palacio huma brilhante companhia de ambos os sexos, festivamente entretida com hum agradavel e conceituoso hymno, dedicado a sua excellencia, além de muitas outras poesias felizmente improvisadas.

No sobredito collegio pois, que serve de capella ao palacio dos excellentissimos capitães generaes destas Ilhas, logo no primeiro domingo, que se seguio á apetecida chegada de sua excellencia, o illustrissimo brigadeiro Victal de Bittencourt Vasconcellos e Lemos, fez por este motivo, huma solemne festa de Missa cantada com o Santissimo exposto em honra do Misterio da Immaculada Conceição da Virgem Maria, á qual assistio sua excellencia illustrissima, illustrissimo governador do Bispado, que cantou a Missa, ministros, e toda a nobreza, e em que orou o R. P. guardião do convento de S. Francisco Fr. Manoel d'Ave Maria, com geral approvação do numeroso concurso.

A 3 de Dezembro na mesma Igreja do Collegio, com assistencia de sua excellencia e o mesmo concurso, cumprio o ja mencionado R. capellão della a promessa que havia feito ao glorioso S. Francisco Xavier, fazendo cantar em sua honra grande Missa, e solemne Te Deum de musica, tambem com o Santissimo exposto, em cuja solemnidade prégou muito applaudidamente o R. P. prégador Fr. Cypriano do Monte do Carmo.

A 18 do dito mez teve lugar o cumprimento do voto, que os R. capellães e musicos da Sé havião feito a Nossa Senhora, com o titulo da Boa-hora, que se venera na Ermida do Desterro, promettendo festejal-a solemnemente, se chegasse a verificar-se a desejada quêda do detestado systema constitucional. Com effeito nesse dia se esmerárão na execução de huma escolhida Missa de musica em a qual orou o R.

P. M. prégador Fr. João Baptista; e de tarde, continuando a celebridade, prégou o R. P. M. jubilado Fr. João da Purificação, ambos Franciscanos, e tambem muito applaudidos.

Em o 1.º de Fevereiro do corrente anno cumprio o illustrissimo Luiz Meyrelles do Canto e Castro o voto que a Nossa Senhora, com a invocação do Livramento, que mui devotamente se venera na Igreja dos religiosos Capuchos, havia feito quando, sendo nomeado, sem poder subtrahir-se, para membro do governo interino, invocou em seu auxilio a valiosissima intercessão da mesma Senhora para que as deliberações do governo, em que hia a entrar, fossem de tal sorte acertadas, e proficuas ao bem estar dos governados, que houvessem de merecer a regia approvação, como felizmente aconteceo, dignando-se Sua Magestade approval-as por seu real aviso, em data de 14 de Outubro do precedente anno de 1823. Tendo pois este cavalheiro convidado sua excellencia illustrissima, illustrissimo e reverendissimo governador do bispado, ministros, nobreza, e mais classes: com assistencia tão luzida, e concurso numeroso, havendo precedido solemnes vesperas, e estando no indicado dia o Santissimo Sacramento exposto, fez cantar festiva Missa, e Te Deum de musica: escolhendo para orador o R. P. M. Fr. Antonio do Rosario, que com geral satisfação preencheo o seu ministerio, combinando habilmente com o objecto da solemnidade as circunstancias, que a motivárão.

A 8 do dito mez de Fevereiro se terminárão tão solemnes festividades pela mais brilhante e pomposa, a qual devotamente fez celebrar o illustrissimo commendador, e capitão mór João Pereira Sarmento Forjaz de Lacerda, na sumptuosa Igreja da Misericordia, em honra de Jesus Christo crucificado, que, em capella propria, alli se venera com o glorioso titulo de protector da cidade de Angra, em desempenho do cordeal voto, que fervorosamente havia feito pela desejada quéda do constitucional systema, que tão escandalosamente, usurpava a Sua Magestade os inauferiveis direitos da sua herdada soberania. Tendo pois este devoto e generoso fidalgo feito adornar com o maior aceio tão espaçoso e magnifico Templo, e apromptar com extraordinaria profusão de cèra, não só o alto throno da capella mór para a exposição do Santissimo, e o grande da capella da veneravel Imagem, que era o objecto da solemnidade, mas todas as mais capellas: na tarde do dia 7 se cantárão festivas vesperas de musica, e á noite se illuminou o Templo, e grande parte das principaes ruas da cidade, além do muito e vistoso fogo de artificio, que na praça se deitou. No dia 8, tendo concorrido sua excellencia illustrissima, illustrissimo e reverendissimo governador do Bispado, reverendissimos conegos em corpo capitular, illustrissimo senado da camara, collegiadas, communidades religiosas, nobreza de ambos os sexos, e mais classes distinctas, que formalmente havia convidado o illustrissimo festeiro, além do devoto povo, em tal numero que mal cabia no vasto pavimento do Templo, e nas altas

tribunas, que o aformozeão, nesse dia adornadas, e francas aos concorrentes: começou a religiosa celebridade pela exposição do Santissimo Sacramento, e da veneravel Imagem do Senhor Santo Christo Protector, e em seguimento se executou primorosissimamente huma grande Missa de instrumental a cujo Evangelho prégou o R. P. definidor Fr. Eleutherio do Coração de Maria, com geral applauso de tão luzido, como innumeravel concurso; havendo no fim de tão solemne Missa, salvas de mosquetaria, disparadas por hum destacamento de infanteria, que durante a funcção permaneceo postado em frente da Igreja. Regressando de tarde os mesmos excellentissimos, e illustrissimos convidados com os mais concorrentes de manhã, se continuou tão plausivel festividade pela eloquente oração, universalmente applaudida, que recitou o R. P. M. Fr. Antonio do Rozario, a qual concluida, se cantou hum solemnissimo Te Deum, tambem de instrumental, com que se terminou, já de noite, a mais solemne e memoravel celebridade, que por tão fausto motivo se fez em Angra; depois da qual todos os convidados, e muitas senhoras concorrerão, tambem por convite, a casa do illustrissimo festeiro, onde agradavel e alegremente entretidos com varias peças de musica instrumental, habilmente executadas, forão na melhor ordem servidos com hum esplendido e riquissimo chá, em que se admiravão a profusão, e delicadeza.

Assim foi pois na capital dos Açores, por differentes vezes, celebrada a mui cordial, e constantemente apetecida reexaltação de El-Rei Nosso Senhor ao throno Portuguez: e com taes festividades, senão excede, vem Angra a ser igual em regozijo ás cidades mais fieis de Portugal, com as quaes rivalizou sempre em amor, respeito, e lealdade aos seus Soberanos Augustos, e Legitimos: e nem jámais lhes cederá em cordialidade, desejos, e interesse pelo bem nacional.

# COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

## RELATIVOS

## ÀS ILHAS DOS AÇORES

(Continuado do Vol. VI, pag. 288.)

---

### Mercê a Christovão Cordeiro escrivão da Alfandega, de poder trespassar o officio a seu filho; 8 de março de 1557.

Alvará de lembrança a Christovão Cordeiro, escrivão do almoxarifado e Alfandega de Ponta Delgada da Ilha de S. Miguel, pela informação que delle tem, e havendo respeito ao serviço que nos ditos officios tem feito, de lhe fazer mercê dos ditos officios por sua morte para um de seus filhos, qual elle nomear, e querendo o dito Christovão Cordeiro em sua vida renunciar e trespassar os ditos officios no dito seu filho o poderá fazer. Jorge da Costa o fez em Lisboa a oito dias do mes de março de mil quinhentos cincoenta e sete. Manoel da Costa o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. LIX de D. João 3.º, f. 213.*)

---

### Mercê a Frei Gonçalo de Sousa da Fonseca, dos dizimos das Flores e Corvo; 15 de janeiro de 1566.

Dom Sebastião etc. Como governador e administrador que sou da Ordem e mestrado da Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo faço saber que frey Gonçalo de Sousa da Fonsequa fidallguo de minha casa cavalleiro professo da dita ordem teve e posuio ateeguora os dizimos da ilha das Flores e do ilheo do Corvo que pertencem á dita ordem e sam erigidos em commenda dela, sem ter carta minha da dita comenda; e por se ora detreminar pollos deputados do despacho da

mesa da Consciencia e ordens onde o dito frey Gonçalo de Sousa foi ouvido serem os ditos dizimos erigidos em comenda da dita ordem e dever de paguar dela os quartos ao convento de Tomar asi e da maneira que se pagam das outras comendas da dita ordem: eu avendo a isso respeito e asi aos serviços que o dito frei Gonçalo de Sousa a ella e a mim tem feitos e espero que ao deante fará ouve por bem de lhe mandar dar esta carta da dita comenda pela qual ey por bem e me praz de o prover dela. E quero que ele tenha e aja daqui em deante os dizimos da dita ilha das Flores e ilheo do Corvo em comenda assi e da maneira que os ditos dizimos á dita ordem e comenda pertencem e milhor se os elle com direito melhor poder ter e aver. E mando ao contador da dita ordem e mestrado que lhe dee a pose da dita comenda e lhe deixe ter, arrecadar, e possuir os frutos della na maneira que dito he sem lhe nisso ser posto duvida nem embargo allgum por que asi he minha mercê. E por firmeza disso lhe mandei dar esta carta per mim assinada e asellada com o sello pendente da dita ordem. Symam Punintell a fez em Lisboa a xb (*15*) dias de janeiro, ano do nacimento de nosso senhor Jhuũ xp.° (*Christo*) de ĩ b^c lxbj (*1566*). Sebastião da Costa a fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. I, da Ord. de Christo, fl. 13.*)

Este Gonçalo é o mesmo de que se tractou no Vol. V, pag. 153 d'este *Archivo*.

—•—

## Apresentação provisoria do P.^e Sebastião Lopes para vigario da Maia; 22 de junho de 1566.

Eu El Rei como governador &.^a Faço saber aos que este alvará virem que avendo respeito ao que na petição atraz escripta diz Bastiam Lopez, clerigno de misa estante na Ilha de Sam Miguel e pelo assi aver por serviço de Nosso Senhor e bem das almas da freguezia do Spiritu Sancto do luguar da Maya termo da villa de villa Franca da dita ilha ey por bem e me praz que atee o prelado ir á dita ilha elle sirva a vigariaria da dita igreja que ora está vagua por simples renunciação de Afomso da Semirea que della foy ultimo possuidor e com informação do dito prellado lhe mandarei passar carta de presentação na forma da dita vigairia sendo elle idoneo e sufficiente pera a servir e o dito Bastiam Lopes tirará carta de cura do ordinario pera com ella poder servir a dita vigairia em quanto o dito prellado não for á dita ilha e avera em quanto a servir o mantimento a ella ordenado e assi os benesses que lhe direitamente pertencerem. E ei por bem que este valha e tenha força e vigor posto que o efeito delle aja de durar mais de um anno sem embargo de qualquer regimento ou provisão que o contrario disponha. Gaspar de Magalhães o fez em Lisboa a xxij (22) de junho de ĩ b^c lxbj (*1566*). Sebastião da Costa o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. I, da Ord. de Christo, fl. 34 v.°*)

## Alvará de expropriação do chão d'uma casa na Ribeira Grande, a requerimento da irmandade da Misericordia d'aquella Villa: 24 de julho de 1620.

Eu El Rey faço saber aos que este alvará virem que havendo respeito ao que na petição junta, assignada por Pero Sanches Farinha, escrivão da Camara e do despacho do desembargo do Paço dizem o Provedor, Conselheiros e mais irmãos da Casa da Santa Mizericordia da Villa da Ribeira Grande da Ilha de S. Miguel e visto o que allega e informação que se houve pelo Juiz de Fora da cidade de Ponta Delgada: hei por bem e me praz que avaliando-se os chãos pardieiros de mestre Antonio de que na dita petição faz menção por pessoas que bem o entendam e pagando lhe em dinheiro o preço em que foram avaliados sejam obrigados a lhos vender e fazer escriptura da venda delles, e não querendo e depositando o dito dinheiro em que forem *depositadas* (1) lhe será logo dada a posse delles, ficando-lhe este Alvará por titulo, escriptura (*sic*). E mando ás justiças a que o conhecimento disto pertencer cumpram e guardem como se nelle contem. E valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da ordenação do 2.º livro tit.º 40 em contrario. Ciprião de Figueredo o fez em Lisboa a vinte e quatro de julho de seis centos e vinte. E eu Pero Sanches Farinha o fiz escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXXVIII de Filippe 3.º, f. 28 v.º*)

—*—

## Carta de mercê de Capitão de Entretenidos em S. Miguel a Dionizio d'Albernaz, pelos serviços de seu pae Pedro d'Albernaz: 28 de setembro de 1620.

Dom Filippe etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que por parte de Dionizio de Albernaz filho de Pedro de Albernaz me foi apresentado um Alvará de lembrança por mim assignado, por que fiz mercê ao dito seu pai de uma das praças de Capitão entretenido que vagasse ou estivesse vaga na Ilha de São Miguel para um seu filho, com declaração que servindo primeiro em tres armadas deste Reino ficasse habilitado para servir a dita praça quando lhe coubesse entrar nella, como se declarava no dito Alvará do qual o treslado é o seguinte:

(1) Aliás—*avaliados*—mas assim está no registo.
(*Nota do Snr. J. I. de Brito Rebello.*)

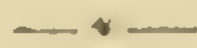
«Eu El Rey faço saber aos que este Alvará virem que Pero de Albernaz por me servir se offereceo armar as Ilhas dos Açores á sua custa e risco com dous mil mosquetes, mil arcabuces e mil lanças e trezentos quintaes de polvora, duzentos de chumbo e cento de munição, sendo necessario tanta quantidade dentro de quatro mezes, pedindo me em razão deste serviço algumas merces e entre as que fui servido de lhe prometter, foi que cumprindo elle em todo com o dito effeito lhe faria merce de uma das praças de Capitão entretenido da cidade de Ponta Delgada da Ilha de São Miguel, para um seu filho, e que servindo em tres armadas deste reino ficasse habilitado para entrar nella e a servir quando lhe coubesse, como vi por um assento que com o dito Pero Albernaz se fez no Conselho de minha fazenda em oito de agosto do anno de seis centos e dezoito da forma em que se haviam de repartir as ditas armas e munições pelas ditas Ilhas e dos preços e tempos a que lhe haviam de ser pagas: e tendo eu ora respeito ao dito Pero de Albernaz ter satisfeito em todo o dito assento como constou no dito Conselho per certidões e papeis que nelle presentou de que houve vista o procurador de minha fazenda e despeza que havia de fazer em levar as ditas armas e munições áquellas Ilhas, e ao beneficio que disso rezultou aos moradores dellas: hei por bem e me praz de lhe fazer merce em cumprimento da dita promessa de uma das praças de Capitão entretenido que vagar ou estiver vaga na dita Ilha de São Miguel para um seu filho com declaração que servindo em tres armadas deste reino fique habilitado para o servir quando lhe couber entrar nella: pelo que mando aos Vedores de minha fazenda que presentando-lhe o filho do dito Pedro Albernaz em quem elle nomear a dita praça este Alvará e sua nomeação, justificada pelo juiz das justificações della e certidões por que conste ter servido em tres armadas deste Reino, lhe façam passar carta em forma da primeira praça de Capitão entretenido que vagar ou estiver vaga na dita Ilha de São Miguel, para a servir em sua vida e ter com o mesmo ordenado com que a tiver a pessoa por quem vagar e para minha lembrança lhe mandei dar este alvará que ao tempo que houver de haver effeito se lhe cumprirá inteiramente como se nelle contem, posto que não seja passado pela chancellaria, sem embargo da ordenação em contrario. Pedro Ferreira o fez em Lisboa a sete de julho de seis centos e vinte. Luiz Borralho o fez escrever.»

Pedindo me o dito Dionizio de Albernaz que por quanto o dito seu pai Pero de Albernaz por virtude do dito Alvara nomeara nelle a dita praça de Capitão entretenido como constava de um instrumento de nomeação que disso offerecia e se tinha embarcado em tres armadas deste reino, como outrosim constava, por certidões que tambem offerecia dos Capitães em cuja companhia se embarcara Jacome de Moraes Sarmento, Bento Banha Cardoso e Antonio de Mendonça, com o que tinha satisfeito a clauzula do dito Alvara, houvesse por bem mandar-lhe

passar carta da Capitania que está vagua na dita Ilha de São Miguel por fallecimento do Capitão Inacio de Mello. E visto seu requerimento, Alvará de lembrança acima trasladado, instrumento de nomeação que parecia ser feito e assignado em publico por Manoel Figueira da Silveira, tabellião de notas nesta cidade de Lisboa aos cinco dias do mez de setembro deste anno presente de seis centos e vinte, com testemunhas nelle declaradas, justificado pelo doutor Luiz Pereira, fidalgo de minha casa, do conselho de minha fazenda e Juiz das justificações della, e tres certidões tambem justificadas dos sobreditos Capitães Jacome de Moraes Sarmento, Bento Banha Cardoso, e Antonio de Mendonça porque constava ter-se embarcado á sua custa em trez armadas que os annos seis centos e dezoito e seis centos e dezanove sahiram do porto desta cidade a correr a costa, de que tudo houve vista o Procurador de minha fazenda, e por confiar do dito Dionizio Albernaz me servirá no de que o encarregar como a meu serviço cumpre, e por lhe fazer mercê hei por bem e me praz de lha fazer da praça de Capitão entretenido que está vaga na mesma Ilha de São Miguel, por fallecimento do Capitão Inacio de Mello, a qual praça elle terá e servirá em quanto eu houver por bem e não mandar o contrario, e com declaração que tirando-se ou extinguindo se em algum tempo, por qualquer causa que seja, lhe não ficará por isso minha fazenda obrigada a satisfação alguma, e haverá com ella de ordenado em cada um anno que a servir oitenta mil reis, que é outro tanto como com ella tinha e havia o dito Inacio de Mello, seu antecessor, como se vio pelo traslado da Provisão do dito ordenado os quaes começará a vencer do dia em que lhe for dada posse da dita Capitania em deante e lhe serão pagos na Alfandega e feitoria da dita Ilha de São Miguel com certidão que presentará cada anno do Capitão e governador della, ou de quem o dito cargo servir de como elle Dionizio de Albernaz serve a dita praça e cumpre sua obrigação: pelo que mando ao Capitão e governador da dita Ilha de S. Miguel, ou a quem o dito Cargo servirlhe dê a posse da dita Capitania e lha deixe servir e haver o dito ordenado, e ao feitor da dita Alfandega e feitoria da mesma Ilha que ora é e ao deante for outrosim mando que do dia que por certidão do Capitão e Governador della constar que o dito Dionizio de Albernaz começou a servir a dita praça em deante lhe dê e pague os ditos oitenta mil reis de ordenado e lhe faça delles bom pagamento aos quarteis do anno por inteiro e sem quebra por esta carta e pelo traslado della que será registada no Livro de sua despeza pelo escrivão de seu cargo e com conhecimentos do dito Dionizio de Albernaz e a dita certidão de como serve lhe serão levados em conta os ditos oitenta mil reis cada anno que lhos pela dita maneira assim pagar e em minha chancellaria lhe será dado juramento dos Santos Evangelhos que bem e verdadeiramente sirva o dito cargo de Capitão entretenido, guardando em tudo meu serviço: por firmeza de tudo lhe mandei dar esta mi-

nha carta por mim assignada e asellada com o meu sello pendente ao assignar da qual se rompeo o instrumento de nomeação e certidões das armadas de que acima se faz menção e o alvará de lembrança nella incorporado no assento do qual nos Livros das merces que faço se porá a verba necessaria de que o official a que pertencer passará sua certidão nas costas d'esta, a qual se assentará no Livro da Fazenda da Ordem de Christo. Pero Ferreira a fez em Lisboa a vinte e oito de setembro, anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil e seis centos e vinte. Luiz Borralho a fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXXVIII das Doaç. de Filip. 3.º, fl. 34 v.º*)



## Alvará concedendo a serventia de pesador do pastel a Sebastião Pires, de Ponta Delgada; 1 d'outubro de 1620.

Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito a Sebastião Pires morador na cidade de Ponta Delgada da Ilha de São Miguel haver dez annos que serve de serventia o officio de pesador do pastel em bolos das fregnezias de Fanaes e Rabo de Peixe sem ser atégora comprendido em devassa alguma como consta por informação que se houve no Conselho de minha fazenda, do Provedor della das Ilhas dos Açores; hei por bem e me praz de lhe prorogar a serventia do dito officio por tempo de mais quatro annos e em quanto servir o dito officio haverá o mantimento a elle ordenado e os proes e precalços que lhe direitamente pertencerem, pelo que mando ao dito Provedor da dita minha fazenda das Ilhas dos Açores e ao Contador della da dita Ilha de São Miguel, deixe servir o dito officio ao dito Sebastião Pires e delle usar pelo dito tempo de quatro annos mais e haver o ordenado proes e precalços como dito he, o qual servirá sobre o cargo e juramento que lhe já foi dado para o servir. Este alvará se cumprirá inteiramente como se nelle contem e valerá posto que o effeito delle haja de durar mais de um anno sem embargo da ordenação em contrario. Pero Ferreira o fez em Lisboa ao primeiro de outubro de seis centos e vinte. Luiz Borralho o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXXVIII das Doaç. de Filip. 3.º, fl. 33.*)

—•—

## Alvará nomeando a Francisco da Camara Paim para Capitão mór da Villa da Praia (Terceira): 28 de novembro de 1620.

Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito aos officiaes da Camara da villa da Praia da ilha Terceira me enviaram dizer por sua petição de como eu mandara por minha provisão que servisse de Capitão mór daquella Villa e Capitania Francisco da Camara Paim, sem embargo de Manoel do Canto de Castro, Capitão mór da cidade de Angra querer innovar isso e fazer-se Capitão mór de toda a ilha, vendo que não podia alcançar o que pretendia tratava de inhabilitar ao dito Capitão mór Francisco da Camara Paim dizendo que não tinha as partes convenientes para servir sem adjunto e por quanto o dito Francisco da Camara Paim tinha todas as partes que se requeriam para bem servir me pediam lhe mandasse passar provisão para que o dito Francisco da Camara Paim servisse de Capitão mor sem adjunto como ategora fez e visto seu requerimento e informação que se houve pelo doutor Roque da Silveira do meu desembargo da Casa da Supplicação e o que della constou e seu parecer: hei por bem e me praz que o dito Francisco da Camara Paim somente sirva de Capitão mor da Capitania da Villa da Praia e sua jurisdição como tegora fez sem se lhe dar adjunto nem se innovar nisso cousa alguma por se evitarem as desordens e escandalo que disso rezultarão, pelo que mando ás justiças a que o conhecimento disto pertencer cumpram este Alvará inteiramente como se nelle contem o qual será registado nos Livros da Camara da dita Villa e da cidade de Angra e da correição para constar de como assim houve por bem e valerá como carta sem embargo da ordenação do 2.º Livro, Titulo 40 em contrario. Pedralvares (*Pedro Alvares*) o fez em Lisboa a vinte e oito de novembro de mil e seis centos e vinte. Manoel Fagundes o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXXVIII de Filippe 3.º, f. 59.*)

—•—

## Carta que nomeia Manoel de Miranda Villas Boas, procurador de numero nas Vellas (S. Jorge): 23 de março de 1621.

Dom Filippe etc. Faço saber aos que esta minha carta virem faço saber (*sic*) que confiando eu de Manoel de Miranda Villas Boas morador na Villa das Vellas na ilha de S. Jorge que no de que o encarregar me servirá bem e fielmente como a meu serviço e bem das par-

tes cumpre e por lhe fazer mercê hei por bem e o don ora daqui em deante por procurador do numero da dita Villa das Vellas assim e da maneira que o elle deve ser e como o são os outros procuradores do numero das Villas e concelhos de meus reinos e senhorios, e porem sendo caso que à dita villa vão ter dous procuradores letrados, graduados para nella haverem de morar e procurar, o dito Manoel de Miranda não uzará mais do dito officio em quanto os ditos dous letrados nella morarem e procurarem e por tanto mando ao Corregedor da Comarca das Ilhas dos Açores que examine ao dito Manoel de Miranda *Villa Lobos* (*sic*) e achando que é apto e sufficiente para servir o dito officio o meta logo em posse delle e lho deixe servir e delle usar e haver todos os proes e precalços que lhe direitamente pertencerem sem lhe a isso ser posta duvida nem embargo algum por que assim o hei por bem, e isto dando-lhe primeiro juramento dos Santos evangelhos que bem e verdadeiramente o sirva guardando em tudo a mim meu serviço e às partes seu direito e de comprir e guardar o regimento que em minha chancellaria lhe será dado, do qual exame posse e juramento se fará assento nas costas desta carta assignado pelo dito corregedor e pelo dito Manoel de Miranda, o qual pagou de ordenado do dito officio quinhentos reis que foram carregados ao thezoureiro da dita chancellaria em receita como se vio por seu conhecimento em forma que foi roto ao assignar desta Carta que mando a todas as outras justiças officiaes e pessoas a que for presentada a cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar como se nella contem. Dada na cidade de Lisboa aos vinte e tres dias do mez de março. El-Rey nosso senhor o mandou pelos doutores Alvaro Lopes Muniz e Antonio Cabral etc. Pero Lopes a fez. Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e seis centos e vinte e um. Miguel Maldonado a fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Lv.º XXXVIII de Filip. 3.º, fl. 98 v.º*)

---

## Alvará concedendo por 2 annos o logar de escrivão na Ribeira Grande a Fernão Bicudo: 29 d'abril de 1621.

Eu El Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito ao que me enviou dizer por sua petição Fernão Bicudo escrivão do publico judicial e notas da Villa da Ribeira Grande da Ilha de São Miguel acerca de haver de servir os ditos officios sem embargo de ser solteiro, e visto o que alega e a informação que se houve pelo Corregedor da Comarca das Ilhas dos Açores porque constou o dito Fernão Bicudo ser proprietario dos ditos officios os não servir por

ser solteiro e estar das portas a dentro com sua mãi e hũa irmã donzella muito pobres e com o que ganhava a sustentar, e ser de boa vida e custumes, casto e honesto, ei por bem de lhe fazer merce que possa servir os ditos officios por tempo de dous annos sem embargo de ser solteiro e da ordenação em contrario, pelo que mando ao dito Corregedor e as mais justiças a que o conhecimento deste pertencer que cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar este Alvará como se nelle contem o qual me apraz que valha, tenha força e vigor posto que o effeito delle haja de durar mais de um anno sem embargo da ordenação do Livro 2.º tit.º quarenta que o contrario dispõe. Manoel d'Aguiar o fez em Lisboa a vinte e nove de abril de mil e seis centos e vinte um. Eu Pero Sanches Farinha o fiz escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXXVIII de Filippe 3.º, fl. 189.*)

---

## Alvará que concede a imposição na carne, vinho e azeite à Mizericordia d'Angra, para o aluguel do hospital no tempo que servio de quartel á tropa: 2 d'outubro de 1621.

Eu El Rey faço saber aos que este Alvará virem que o Provedor e irmãos da Casa da Mizericordia da cidade de Angra da Ilha Terceira me enviaram dizer por sua petição que tendo a dita irmandade hum hospital onde se curavam os enfermos pobres daquella e mais ilhas e ainda os que alli deixavam as naus da India, frotas e armadas de S. Magestade, e outras navegações que ao porto daquella cidade hiam portar de todas as partes, lhe foram tomadas pelas justiças pera alojamento e hospital dos soldados castelhanos que de presidio estiveram e o occuparam trinta e dous annos que foi desdo anno de quinhentos e oitenta e tres té o de seis centos e quinze, em o qual tempo deixaram o dito hospital caido por terra a maior parte delle, por não estar pera o habitar, e sendo por ordem de justiça mandado ver pelos mestres de minhas obras declararam por juramentos serem necessarios dous mil cruzados pera effeito de se tornar a redificar como dantes estava e porque alem da dita perda lhe não eram pagos alugueres do dito hospital de que se lhe deviam seiscentos e quarenta mil reis a razão de vinte mil reaes por anno em que fora avaliado de que se lhe passara mandado até o anno de seis centos e oito de quantia de quinhentos mil reis e dos sete annos mais se lhe não passara mandado até agora e tudo se lhe devia e que pera pagamento dos alugueres de todas as casas que os soldados occuparam naquella cidade, que foram muitas, houvera eu por meu serviço pôr ao povo daquella cidade im-

posição nas carnes, vinhos e azeites que havia muitos annos estava posta de que se hia pagando as pessoas a que se deve de mais de 20 annos a esta parte sem a dita casa ser dado cousa alguma. pelo que me pediam houvesse por bem mandar passar provisão pera a dita casa ser paga de toda a quantia que se lhe estava devendo dos ditos alugueres attento a não lhe ser pago tê hoje cousa alguma e ser a casa de pobres e para pobres pera com isso se tornar a redificar o dito hospital na forma que convem aos enfermos e que em quanto o dito hospital não for pago, se não faça do dito dinheiro outra alguma despesa: E visto seu requerimento, informação que se houve pelo Corregedor da Commarca das ilhas dos Açores e o que della constou e seu parecer: hei por bem que ao dito hospital se pague em cada um anno da dita imposição de quarenta até sessenta mil reis com declaração que se gastarão nas obras do dito hospital, o mais dinheiro da dita imposição se repartirá (*pro rata*) pelos mais devedores (*aliás credores*) sem embargo das sentenças da relação em contrario, e a dita quantia se pagará até o dito hospital ser satisfeito dos ditos alugueres somente: pelo que mando ao dito Corregedor e mais justiças a que o conhecimento disto pertencer cumprão este Alvará inteiramente como nele se contem, o qual será registado nos Livros da Casa da Misericordia e da Camara e me praz que valha posto que o effeito delle haja de durar mais de um anno, sem embargo da ordenação do 2.º L.º tit.º 4.º em contrario. Luiz Pinto o fez em Lisboa a dous de outubro de seis centos e vinte e um. Manoel Fagundes o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv.º XXXVIII de Filip. 3.º, fl. 106.*)

—*—

## Alvará que manda pagar 90 alqueires de trigo a Manoel Pires, da Villa da Praia, venda a retro que do mesmo haviam feito os officiaes da Camara a Gaspar Jorge em 1599: 15 de dezembro de 1621.

Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito ao que pela petição aqui junta me enviou dizer Manoel Pirez, mercador morador na villa da Praia da ilha Terceira, e vista a informação que se houve do Corregedor das ilhas dos Açores e seu parecer em que ouviu os officiaes da Camara da dita Villa hei por bem e me praz que se lhe vão fazendo os pagamentos de meio moio de trigo que os officiaes da Camara que nella serviram o anno de noventa e nove venderam a retro a Gaspar Jorge e elle trespassou ao dito Manoel Pires em quanto a Camara distrater o dito trigo e mando aos ditos officiaes da Camara e as mais justiças a que o conhecimento

disto pertencer que cumpram este Alvará como se nelle contem, posto que o effeito haja de durar mais de um anno sem embargo da ordenação em contrario. Miguel de Azaredo o fez em Lisboa a quinze de dezembro de mil e seis centos e vinte um. João Pereira de Castello Branco o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXXVIII de Filip. 3.º, fl. 225.*)

---

## Alvará que concede á Misericordia de Ponta Delgada 3$200 rs. cada anno para a cera e azeite das procissões, pagos pela Camara Municipal: 3 de novembro de 1622.

Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito ao que na petição aqui junta assignada por Manoel Fagundes meu Escrivão da Camara dizem o provedor e irmãos da casa da Misericordia da Cidade da Ponta Delgada da Ilha de São Miguel e vistas as causas que alegam e informação que se houve pelo Corregedor da Comarca das Ilhas dos Açores ouvindo os officiaes da Camara da dita cidade e sua resposta e o mais que de sua informação do dito Corregedor constou e seu parecer; hei por bem que das rendas da Camara da dita cidade se dem a dita casa da Santa Mizericordia trez mil e duzentos reis em cada um anno para gasto da cera e azeite das percisões (*aliaz procissões*) de que na dita petição se faz menção como antigamente se deram como pedem, visto não terem os officiaes da dita camara a isso duvida, aos quaes Mando façam bom pagamento da dita quantia em cada um anno a qual lhe será por este levada em conta e ao dito Corregedor e mais justiças a que o conhecimento disto pertencer cumpram este Alvará inteiramente como nelle se contem, o qual será registado nos livros da Camara e da dita Casa da Misericordia e valerá como (*carta*) sem embargo da ordenação em contrario. Pero Alvares o fez em Lisboa a tres de novembro de j̄ bj^c xxij (*1622*) Manoel Fagundes o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XVIII das Doaç. de Filip. 3.º, fl. 102 r.º.*)

---

## Alvará que nomeia Thezoureiro dos defunctos e auzentes na ilha Terceira a Manoel Pinheiro: 19 de dezembro de 1625.

Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito aos serviços que Manoel Pinheiro, morador na cidade de Angra da Ilha Terceira me tem feitos em alguns cargos de guerra por espaço de mais de seis annos e em levar ao Maranhão á sua custa cincoenta cazaes de povoadores, e a boa informação que de sua pessoa e sufficiencia me foi dada, hei por bem de lhe fazer mercê do officio de Thesoureiro dos defunctos e auzentes da dita Ilha Terceira por tempo de tres annos que começarão a correr do dia em que tomar a posse delle em deante e acabados elles e constando que o tem avisado ao meu Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens continuará em servir o dito officio por seis mezes mais se eu antes não mandar outra cousa, com o qual haverá o mantimento, proes e precalços que direitamente lhe pertencerem conforme ao Regimento, com declaração que não entenderá nas fazendas dos defunctos que em seus testamentos deixarem encarregadas a feitores ou procuradores nomeados, ou quaesquer outras pessoas a que commetterem a arrecadação dellas, quer em parte donde possam ser chamados e vir arrecadar e administrar as ditas fazendas dentro de trinta dias, e quando as alheas e de outras pessoas com que os defunctos em suas vidas corriam entendera na arrecadação dellas, na forma de seu Regimento, e de todas as causas que na dita Ilha se moverem tocantes ás fazendas dos defunctos e arrecadação dellas lhe pertencerá o conhecimento, sem por via alguma entender nellas outro ministro de justiça ou pessoa que na dita Ilha resida, e sendo caso que o Governador, Capitão ou outro qualquer official se queira intrometter nas cousas tocantes ás fazendas dos defunctos e auzentes, sem haver respeito a eu lho defender por um Capitulo do Regimento, hei por bem e mando que o dito Manoel Pinheiro proceda contra elles por Autos que enviará ao meu Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens e para que isto seja notorio e se possa dar a sua devida execução se registará este Alvará nas Camaras da dita Ilha e mais partes em que o dito Manoel Pinheiro houver de exercitar o mesmo officio. Pello que mando ao Provedor dos defunctos e auzentes ou ao Corregedor da dita Ilha Terceira que mostrando lhe o dito Manoel Pinheiro a fiança que tem dado a seu recebimento, que será ao menos de dous mil cruzados, e abonada pelos officiaes da Camara da cidade de Angra, e constando lhe ao dito Provedor ou Corregedor que é qual convem a segurança da fazenda dos defunctos, ficando lhe em poder por duas ou mais vias para a enviarem a este Reino dirigida ao meu Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens, para se registar nos Livros dos Contos, o que farão com toda a brevidade, dem ao dito Manoel

Pinheiro a posse do dito officio e juramento dos Santos Evangellos para que durante o tempo referido o sirva na forma que dito é, guardando em tudo meu serviço e o direito ás partes e a todas as mais pessoas e officiaes de justiça a que este for apresentado o cumpram e guardem como nelle se contem, sem duvida nem embargo algum, e do juramento e posse se fará assento nas costas deste Alvará que valerá como carta começada em meu nome, sem embargo da ordenação do Livro 2.° titulo 4.° que dispoe o contrario. Antonio d'Aguiar o fez em Lisboa a 13 de dezembro de seis centos e vinte e cinco (*1625*). Marcos Roiz Tinoco o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Reg. de Prov. de 1625 a 1696, fl. 3 e Liv. 15 de Filip. 3.°, fl. 146.*)

—*—

## Provisão que nomeia escrivão dos defunctos e auzentes na ilha de S. Miguel a João Ferreira da Costa: 1 de junho de 1627.

Eu El Rey faço saber aos que esta provisão virem que havendo respeito aos serviços que João Ferreira da Costa cavalleiro fidalgo de minha casa me tem feito nas partes do Brazil e nas Ilhas e fiando delle que em tudo o de que o emcarregar me servirá muito á minha satisfação hei por bem e me praz de lhe fazer mercê da serventia do officio de escrivão das fazendas dos defunctos e auzentes da Ilha de São Miguel por tempo de tres annos e seis mezes mais constando que tem avisado ao meu tribunal da Mesa da Conciencia e Ordens que os tres annos primeiros são acabados, os quaes se contarão do dia que tomar a posse em deante e com o dito officio haverá o mantimento, proes, e precalços que conforme ao Regimento lhe pertencerem, pelo que mando ao Governador ou Capitão da dita Ilha de S. Miguel e aos mais Ministros e officiaes de justiça a que esta for mostrada e o conhecimento della com direito pertencer a cumpram e guardem como nella se contem sem duvida nem embargo algum e ao Provedor das mesmas fazendas dos defuntos que dê ao dito João Ferreira a posse do dito officio e juramento nos Santos Evangelhos pera que bem e verdadeiramente o sirva durante o tempo referido, guardando em tudo meu serviço e o direito ás partes de que se fará assento nas costas desta Provisão que outrosim hei por bem que valha como carta, posto que seu effeito dure mais de um anno sem embargo da ordenação em contrario. E esta se passou per duas vias uma só haverá effeito. Manoel Coelho a fez em Lisboa ao primeiro de junho de mil e seis centos e vinte e sete Marcos Roiz Tinoco a fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv.° XXXI de Filip. 3.°, fl. 143.*)

## Nomeação interina do Provedor dos Residuos em S. Miguel o bacharel Ruy Pereira do Amaral: 8 de junho de 1627.

Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará virem que por estar vago na Ilha de S. Miguel, por falecimento do Licenciado Marcos Affonso de Vasconcellos, o officio de Provedor dos Residuos e Capellas, e eu ter feito mercê da propriedade delle a Margarida Botelha, filha do proprietario defunto pera a pessoa que com ella casar com tanto que seja de letras e por não haver até o presente tomado estado de casada e ser conveniente que o dito officio se encarregue a pessoas de satisfação, havendo respeito aos serviços, qualidade e merecimentos de Ruy Pereira do Amaral bacharel formado na Universidade de Coimbra, morador na dita Ilha e fiando delle que em tudo o de que o encarregar me servirá muito á minha satisfação: Hey por bem e me praz de lhe fazer mercê da serventia do officio em quanto Margarida Botelha não tomar estado de casada ou eu não mandar o contrario, com obrigação de lhe dar trinta cruzados de pensão em cada um dos annos que servir pera ajuda de seus alimentos, pelo que mando ao Corregedor em sua auzencia aos officiaes da Camara da dita Ilha dem ao dito Ruy Pereira do Amaral posse da serventia do dito officio e lhe deixem servir e delle uzar, na maneira acima declarada e haver os proes e precalços que direitamente lhe pertencerem, dando-lhe primeiro juramento dos Santos Evangelhos que bem e direitamente servirá guardando em tudo meu serviço e o direito ás partes, de que e da posse se fará assento nas costas desta provisão que quero que valha tenha força e vigor posto que seu effeito dure mais de um anno, sem embargo da ordenação em contrario, e esta se passou por trez vias de que esta é a primeira e só uma haverá effeito. Manoel Coelho o fez em Lisboa a oito de junho de mil seis centos e vinte e sete. Marcos Roiz Tinoco o fez escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. 17 das Doaç. de Filip. 3.º, fl. 168.*)

— ✦ —

## Nomeação do procurador de numero na Ribeira Grande, João Ferreira da Costa: 19 de junho de 1628.

Carta de procurador do numero da Villa da Ribeira Grande da Ilha de S. Miguel a João Ferreira da Costa, Cavalleiro fidalgo da referida Villa. Pagou de ordenado do dito officio oito centos reaes, vae dirigida ao Juiz de Fora da dita Ilha. Feita em Lisboa por Pero Lo-

pes a 19 de Junho de 1628, sobscripta por Miguel Maldonado e assignada pelos desembargadores do Paço Jeronimo Pimenta e Simão Soares. (*Arch. nac. da T. do T., Liv. 17 das Doaç. de Filip. 3.º fl. 232.*)

—*—

## Nomeação do partidor e avaliador dos orphãos em P. Delgada, João Ferreira da Costa: 2 d'agosto de 1628.

Carta do officio de partidor e avaliador dos orfãos da cidade de Ponta Delgada a João Ferreira da Costa cavaleiro fidalgo de sua casa, vista a informação e parecer do Licenciado Miguel Cirne, Juiz de Fora que foi da dita Ilha. Dirigida ao Juiz de Fora della e pagou de ordenado do dito officio quinhentos reis. Dada em a cidade de Lisboa aos dous dias do mez de agosto: El-Rey nosso Senhor o mandou pelos doutores João de Frias Salazar e Jeronimo Pimenta de Abreu. Pero Lopes a fez, anno do nascimento de N. S. J. C. de mil seis centos vinte e oito. Eu Miguel Maldonado a fiz escrever.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. XVI de Filippe 3.º, f. 362 r.º*)

—*—

## Nomeação de Belchior Baldaia do Rego, Juiz dos Residuos e Provedor dos Hospitaes e Capellas na ilha de S. Miguel: 29 de novembro de 1629.

Dom Filippe etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que Melchior (*aliás Belchior*) Baldaia do Rego, morador na Ilha de São Miguel me apresentou um alvará e postilla por mim assignado de que o traslado é o seguinte:

«Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito ao que o Licenciado Marcos Affonso de Vasconcellos, defuncto proprietario que foi dos officios de Juiz dos Residuos e Provedor dos orfãos e Capellas da Ilha de S. Miguel me havia pedido para sua filha Margarida Botelha, antes que falecesse e haver servido os ditos officios com satisfação por espaço de mais de trinta e nove annos segundo constou por informação que mandei tomar: Hey por bem e me praz de fazer mercê á dita Margarida Botelha da propriedade dos ditos officios para a pessoa que com ella casar, sendo letrado e de partes á satisfação do meu Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens. Pelo que mando ao Presidente e Deputados do dito Tribunal que presentando-lhe a pessoa que casar com a dita Margarida Botelha a carta que o dito Marcos Affonso de Vasconcellos tinha dos ditos officios ou copia authentica della e este meu Alvará e certidão do Parocho que os recebeo e constando que é letrado apto e sufficiente á satisfação do dito meu Tribunal, para o que será examinado por sua ordem lhe façam passar carta em forma dos ditos officios e cumpram e guardem inteira-

mente este meu Alvará que lhe mandei dar para sua guarda e minha lembrança o qual valerá como carta, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno sem embargo da ordenação do L.º 2.º tit.º 4.º que dispõe o contrario. E este se passou por duas vias de que só uma haverá effeito. Manoel Coelho o fez em Lisboa aos dezasete de outubro de 626. Marcos Roiz Tinoco o fez escrever. Rey.» (1)

Hei por bem e me praz de levantar a Margarida Botelha contenda no alvará de lembrança acima a condição com que por elle lhe fiz mercê dos officios de juiz dos Rezidos e Provedor das Capellas da Ilha de S. Miguel para seu casamento de que casaria com letrado, com declaração que a pessoa com que tomar estado será nobre, versado em negocios e de bom entendimento e que tenha bens para se poder fiar delle que administrará a justiça ás partes como convem e que esta postilla se cumpre e guarde e valha como carta, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno sem embargo da ordenação em contrario. Manoel Coelho a fez em Lisboa a sete de dezembro de seis centos e vinte e oito. Marcos Roiz Tinoco a fez escrever. Rei.

Pedindo-me o dito Melchior Baldaia do Rego, que por quanto estava casado e recebido em face da Igreja com a dita Margarida Botelha e é nobre, versado em negocios afazendado e de bom entendimento de que tudo offerecia papeis lhe mandasse passar carta em forma dos ditos officios e visto por mim seu requerimento e as certidões e papeis que o dito Belchior Baldaia offereceo de que consta o referido e confiando delle que em tudo o de que o encarregar me servirá muito á minha satisfação hei por bem e me praz de lhe fazer merce dos ditos officios de Juiz dos Risiduos e Provedor dos Hospitaes, Capellas e Albergarias da Ilha de S. Miguel que vagaram pelo dito Marcos Affonso de Vasconcellos e que os sirva assim e da maneira que elle o fazia e com os ordenados, proes e precalços que conforme ao Regimento lhe pertencerem com declaração que se em algum tempo eu lhe mandar ou tirar extinguir os ditos officios, minha fazenda lhe não ficara por isso em obrigação alguma, pelo que mando ao Corregedor das Ilhas Terceiras e em sua auzencia ao ouvidor da dita Ilha de São Miguel que de ao dito Melchior Baldaia a posse dos ditos officios e juramento nos Santos Evangelhos para que bem e verdadeiramente e como deve os sirva, guardando em tudo meu serviço e o direito ás partes, e do juramento e posse se fará assento nas costas desta carta que se passou por duas vias e que por firmeza de tudo lhe mandei dar por mim assignada e sellada com o sello de minhas armas. Dada na cidade de Lisboa a vinte e nove dias do mez de novembro. Manoel Mendes a fez, anno de mil e seis centos e vinte e nove. Marcos Roiz Tinoco a fez escrever. (*Arch. nac. da T. do T., Liv. XXII de Filip. 3.º, f. 260*)

(1) Este alvará acha-se registado no Liv. de Reg. de Prov. de 1625 a 1696, f. 6 v.º, com algumas inexactidões. (*Nota do Snr. J. I. de Brito Rebello.*)

# CONSULTAS DA MESA DA CONSCIENCIA E ORDENS

## Consulta para se dar um sino para a egreja de Nossa Senhora da Conceição da ilha do Fayal.

Na petição do padre Antonio Roiz. Vigairo de Nosa Senhora da Conceição da ilha do Faial, em que pede um sino para a dita igreja.

Pareceu na Mesa que se deve mãodar o sino que se pede, de peso de dous quintaes somente, visto o que diz o bispo em sua carta nas costas da dita petição. (1)

(*Arch, nac. da T. do T., Liv. 16 das Cons. da Mes. da Cons. e Ord., f. 6.*

---

## Consulta para se darem uns officios a Domingos Carvalho, da ilha de S. Miguel: 20 de junho de 1601.

Domingos Carvalho, morador na ilha de S. Miguel fez petição a V. Magestade nesta Mesa, dizendo que seu sogro Francisco da Mota Ozorio foi proprietario dos officios de Procurador, Contador e Inqueridor da Provedoria dos Residos e que por impedimento da muita idade do dito proprietario lhe fizera V. Magestade mercê da serventia do dito officio, o qual servio até falecer o dito Francisco da Mota, com satisfação de todos com diligencia e verdade, e assi o servira o dito seu sogro dezoito ou vinte annos, sem nunqua ser comprendido de erros, antes com muita verdade e satisfação. Pede a V. Magestade que ha-

---

(1) Este registo, como outros que o precedem, está sem data, mas deve ser de agosto ou principio de setembro de 1594, porque a primeira que se lhe segue tem a data de 8 de setembro desse anno, a ultima, que anteriormente a ella, se acha datada, no livro a fol. 2 v.º, é de 18 de fevereiro do mesmo anno; a esta segue-se uma sobre beneficios da ilha Terceira, de que apenas se lançou o titulo, a esta, o titulo de outra, declarando-se que a consulta foi enviada aos srs. Governadores a 14 de março, depois da qual se acham notas de mais cinco consultas sem data. Por tanto deve ser collocada entre 14 de março e 8 de setembro, e com plausibilidade, pelo que digo, mais proxima desta ultima data.

(*Nota do Sr. J. I. de Brito Rebello.*)

vendo respeito a ser casado com a filha mais velha do dito Francisco da Mota, proprietario que foi dos ditos e a ter em sua casa sogra sua entrevada com huma menina, sua filha, não terem outra cousa de que se sustentar, por serem muito pobres e os ditos officios de pouco rendimento, e a elle supplicante ser christão velho e ter servido a V. Magestade nove ou dez annos em todas as cousas que se ofereceram de guerra na dita ilha e no mar della, que foram muitas e muito importantes, lhe faça mercê da propriedade dos ditos officios: todo o sobredito justifica por estromentos e carta do juiz de fora, e certidões do juiz dos orfãos e dos capitães da dita ilha.

Pareceo que visto o que o Supplicante allega, e a boa informação que ha de suas partes e calidades deve V. Magestade ser servido de lhe fazer merce dos officios que pede. Em Lixboa a 20 de junho de 1601 annos.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. 16 da Mes. da Consc. e Ord., f. 108 r.º.*)

— • —

## Consulta sobre se dar licença a João Augustim d'Avila, para fazer profissão na ordem de Christo nas ilhas: 29 d'abril de 1602.

Fez petição a V. Magestade nesta meza João Augustim d'Avilla, cavalleiro da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, dizendo que elle tomara o habito da dita ordem, ha mais de dez annos e deseja fazer profisão, o que ora não pode fazer sem liçença de V. Magestade por estar na ilha (*sic*) dos Açores servindo de provedor da fazenda nellas (*sic*) aonde tem necessidade de residir, por ser carrego de muito occupação, pelo que não póde vir tão cedo a este Reino: Pede a V. Magestade lhe faça merce de licença para que na dita ilha possa fazer profissão.

Pareceu que V. Magestade deve de haver por bem que o supplicante possa fazer profissão na ilha Terceira, aonde está, visto o que alega. Em Lisboa a 29 de abril de 602.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. 16 da Mesa da Consc. e Ord., f. 156.*)

— • —

## Consulta sobre o officio d'escrivão dos residuos da ilha de S. Miguel, pedido por Jeronimo Gonçalves Marecos, Francisco Frazão, Antonio de Figueiredo, Pedro Ferreira d'Azevedo e Luiz da Costa: 23 de janeiro de 1603.

Jeronimo Gonçalves Marecos, morador na ilha de S. Miguel, fez petição a V. Magestade nesta mesa dizendo que seu pae Manoel Nunes servio o officio d'escrivão dos riziduos da dita ilha o qual lhe fora dado em dote com sua mãe Catherina d'Abreu, havendo V. Magestade respeito aos serviços de seu avô Antonio Jorge Marecos e aos de Simão Jorge, adail que foi de Gué, (1) que os mouros mataram, e porque ora he falecido o dito Manoel Nunes seu pae, o qual servio o dito officio vinte annos, pouco mais ou menos, com satisfação e verdade: Pede a V. Magestade, havendo respeito a elle ser o filho mais velho do dito Manoel Nunes, proprietario que foi do dito officio e de sua mulher Catherina d'Abreu, e ao dito officio lhe ser dado em dote, e ao ter servido seu avô e bisavô por lhe ser dado por seus serviços, lhe faça mercê do dito officio, e que em quanto não tiver idade pera o poder servir, será provido Baltazar d'Anta, casado com hua Tia delle supplicante, que o está servindo por provimento do provedor o qual por razão de parentesco ajuda a sustentar a mãe delle supplicante, que ficou muito pobre.

Emformou o provedor dos Residos da dita ilha de S. Miguel que o officio d'escrivão dos Residos da dita ilha está vago por ser falecido o proprietario Manoel Nunes, o qual o servira vinte annos, pouco mais ou menos com muita inteireza e verdade sem nunca ser comprendido de erro algum que nelle commettesse e que ficaram delle dois filhos e hua filha, e que o mais velho será de idade de quinze annos, e que tem talento e partes pera o poder vir a servir, sendo V. Mag.de servido de lhe fazer delle mercê, e que na serventia tinha provido por tempo de seis mezes a hum Baltazar d'Anta, por ser homem honrado e que tem as partes e sufficiencia que se requerem para o dito officio ser servido, como deve, e alem disso por ser casado com hua irmãa da mulher que ficou do dito proprietario e assi offereceu hua carta testemunhavel do juiz de fora da cidade de Ponta Delgada da dita Ilha de S. Miguel de ter o pae do supplicante procedido bem e fielmente e com inteireza no serviço do dito officio.

Pede o dito officio Francisco Frazão, morador na dita Ilha e que sendo V. Magd.e servido de fazer mercê da propriedade ao filho do proprietario, lhe faça mercê da serventia em quanto o proprietario não

(1) Aliás — *Cabo de Gué* — ou de *Aguer* aonde existia a Villa de Santa Cruz, em Africa, de cuja perda se tractou no Vol. IV, p. 135.

tiver idade para o servir: allega que é moço da Camara de V. Magestade e que por respeito de seus serviços lhe foi dado hum alvara de lembrança no anno de oitenta e quatro 1584 pera hum officio que em qualquer das ilhas estivesse vago ou vagasse da justiça ou da fazenda que caiba na calidade delle supplicante, e por que tem as partes, calidades e suficiencia que se requerem pera bem poder servir o dito officio: Pede a V. Magestade lhe faça merce delle ou da serventia em caso que o filho do proprietario seja provido na propriedade e que com isso largará o alvara.

Offereceo certidão de Marçal da Costa, do Registo das Merces, cuja data é de sete deste mez de Janeiro de 1603, pelo qual constou ser moço da Camara, e lhe fazer V. Magestade merce de hum officio de justiça ou da fazenda que em qualquer das ilhas estivesse vago, ou vagasse que caiba na calidade de sua pessoa, havendo respeito aos serviços que o dito Francisco Frazão fez no tempo das alterações das ilhas.

Pede o dito officio Antonio de Figueiredo: allega que é cavaleiro fidalgo da casa de V. Magestade e que tem servido muitos annos á sua custa, e assim Balthazar de Figueredo, seu irmão, o mataram os ingrezes no mesmo serviço, e que Gaspar de Figueredo, seu irmão, fora lente de propriedade na Universidade de Coimbra, sem nunca os ditos irmãos terem satisfação alguma, nem elle supplicante, sendo seu erdeiro, não offereceu cousa porque justifique o que diz.

Pede o dito officio Pero Ferreira d'Asevedo, morador na dita Ilha, alega que é homem nobre, e que tem todas as partes que se requerem pera o poder servir.

Pede a serventia do dito officio Luiz da Costa, morador na dita ilha, alega que é moço da Camara de V. Magestade e apto e sufficiente e que tem todas as partes que se requerem pera o servir, e que é christão velho, sem nenhuma raça e de boa vida e custumes e do serviço de V. Magestade.

Pareceo que V. Magestade deve ser servido fazer mercê deste officio ao filho mais velho do proprietario por nome Jeronimo Gonçalves Marecos visto haver sido de seu pae, avô e bisavô e o ter servido bem e fielmente e com satisfação sem erro algum, e porque não tem ainda idade perfeita pera o poder servir, que a serventia delle se devia de dar, em quanto o proprietario não tiver idade pera o servir, a Balthazar d'Anta, por ser casado com uma tia do dito Jeronimo Gonçalves, que ajudará a sustentar aos filhos orfãos do dito defunto com o rendimento delle. Em Lisboa 23 de janeiro de 1603.

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. 16 da Mes. da Consc. e Ord., f. 206.*)

—•—

## Consulta sobre captivos das Ilhas de Santa Maria e Porto Santo: 12 d'outubro de 1617.

Em carta de 11 do passado diz V. Magestade que tornara o correo que se havia despachado a Ceuta, enviado a Fr. Paulino da Apresentação com os creditos do dinheiro que para o resgate dos captivos da ilha de Santa Maria se lhe ha-de dar em Sevilha como já se tinha avisado, trouxe as suas cartas, cujas copias V. Magestade juntamente mandou remetter a esta meza para que se veja o que elle aponta e se lhe ordene o que parecer que convem para bem do resgate, e em particular se dê a execução da provisão que ultimamente se passou contra os que tratam em captivos, por ser materia tão importamente como se deixa ver e do seguro e passaporte que Fr. Paulino pede e assim dos turcos que tomaram no navio que encalhou em Gibraltar, se ficava tratando e a Jeronimo d'Azambuja se escrevia que cumpra ponctualmente a ordem que Fr. Paulino lhe tem dado sobre se vir a Tetuam com os captivos.

Em 21 de setembro proximo passado se fez consulta a V. Magestade sobre esta materia a que V. Magestade seja servido mandar responder por que nella se trata dos particulares que de novo se propoem e aos inconvenientes que ha para assistencia de Jeronimo d'Azambuja em Argel que se ordenou contra o parecer desta mesa, e por que supposto estar elle la se representaram rezões a V. Magestade para se entreter o dito Jeronimo d'Azambuja com as mais ordens de que na consulta se faz menção não ha de novo que dizer nesta materia senão que conseguindo-se o que V. Magestade diz nesta ultima carta de lhe ter mandado ordem que venha com os captivos a Tetuam seria grande mercê de Deus por que dali se poderia tratar o resgate com grande facilidade e commodidade porem em caso que não haja effeito porque os turcos não quizeram arriscar os seus captivos. Já se tem proposto a V. Magestade o modo em que Jeronimo d'Azambuja deve de assistir em Argel por que com isso ficará cessando em parte o inconveniente que aponta Fr. Paulino e Fr. Bernardo de Monroyo, e quanto ao que diz Fr. Paulino da embarcação que deu á costa em Gibraltar em que se captivaram alguns turcos e que deve V. Magestade ser servido mandal-os dar na conformidade do que elle aponta. Pareceo que visto serem os captivos tantos e a rendição estar tão pobre deve V. Magestade ser servido mandar accudir com este meio para com isso se resgatarem alguns dos captivos.

Diz mais Fr. Paulino que será melhor que o dinheiro do Bodebira que está em deposito em Ceuta se metta no cofre dos captivos que andar por mãos de mercadores. Pareceo que visto como não ha de presente herdeiros de Bodebira certos a que se entregue e este dinheiro andar ha muito tempo por mãos alheas como a V. Magestade se tem proposto que fica muito mais seguro no cofre da rendição para se

despender neste resgate de presente e vindo em algum tempo herdeiros, com muito mais facilidade o haverão do cofre dos captivos que de mãos de pessoas particulares que com elle tratam.

A queixa que faz de se não guardar a provisão que V. Magestade mandou passar assignada por sua mão real para que nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja trate em captivos e santa, justa e deve V. Magestade mandar escrever ao Capitão D. Luiz de Noronha que lhe encarrega o comprimento della porque é informado que se não guarda ainda pelos mais principaes da terra e ao bispo deve V. Magestade mandar escrever tire devassa das pessoas que tem trato sobre o resgate dos captivos e que mande a devassa cerrada nesta mesa.

O seguro que aponta Fr. Paulino para as embarcações que vierem de Argel com os captivos é mui necessario, deve V. Magestade ser servido mandal-o dar.

A ultima lembrança que Fr. Paulino faz sobre se resgatarem os pilotos e mestres ainda que não sejam da ilha de Santa Maria, já V. Magestade tem dado ordem que todos se resgatem.

Ja a V. Magestade deve ser chegado o successo da ilha do Porto Santo, (1) donde levaram nove centos captivos, entre os quaes foram muitas donzellas e meninos que são mui arriscados a deixarem a fé, a que se deve acudir como a todos os mais que ha em Berberia para o que se devem mandar as ordens necessarias a Fr. Paulino e porque o principal é o dinheiro para se tratar dos resgates, e nosso Senhor for servido trazer as naos da India a salvamento e conforme a informação que se tem, vem ricas, deve V. Magestade ser servido mandar pagar com effeito a quantia que a Fazenda Real está devendo á rendição para com isso se poder tratar dos resgates e lembramos a V. Magestade seja servido mandar responder ás consultas que se tem feito desta mesa sobre se restituirem os privilegios e liberdades concebidos á rendição pelos Reis passados, para com isso haver mais commodidade, porque de todo está acabada em tempo da maior necessidade, pois os captivos são tantos como cada dia vemos. Lisboa 12 de outubro de 1617. — *P. Mascarenhas — Francisco Pereira — Mesquita.* (2)

(*Arch. nac. da T. do T., Liv. 64 das Cons. da Mes. da Cons. e Ord., f. 232 v.º.*)

---

(1) Nas eruditas Notas do Sr. Alvaro Rodrigues d'Azevedo, na parte das *Saudades da Terra* do Dr. Gaspar Fructuoso, que tracta da Historia das ilhas do Porto Santo, Madeira &.ª (Funchal — 1873) não se encontra noticia d'esta calamidade.

(*Nota da Redacção.*)

(2) (*á margem*) Em carta de S. Magestade de 18 de dezembro de 1617.

(*Nota do Snr. J. I. de Brito Rebello.*)

## Carta a que se refere a consulta anterior: 18 de dezembro de 1617.

Com occasião da Consulta que se me fez pela Mesa da Consciencia lembrando que conviria fazer o resgate dos captivos da ilha de Santa Maria pela via de Valença, mandei escrever a Fr. Paulino da Apresentação que visse se conviria o resgate que se está fazendo em Ceuta e me avisasse do que se lhe offerecesse, a que responde na forma que entendereis da sua carta que vae com esta e ordenareis que se veja logo na Mesa da Consciencia, juntamente com o que no despacho de cinco do presente se vos escreveo ácerca de se fazer outro resgate por Valença e ir a elle Fr. André de Albuquerque, e considerado o que Fr. Paulino avisa que está feito e tem aberto o caminho de Argel a Tetuam que é o porto por onde se podem sair os meninos e a importancia de que é tratar de sua liberdade, quanto mais brevemente seja possivel, se consulte o que se parecer ácerca de se convirá alterar a ordem dada para se fazer o resgate por Valença, e até ter resposta minha não parta Fr. André se não for partido cobrando-se e vendendo-se entre tanto os quinhentos quintaes de pimenta que mandey dar e pondo em arrecadação as esmolas da rendição pera que o dinheiro esteja prompto e se não dilate a execução de que se houvera de fazer.

*Dom Francisco de Castro.*



## Consulta sobre os captivos da ilha de Santa Maria: 11 de janeiro de 1618.

Em carta de 18 do passado diz V. Magestade que com occasiam da ultima consulta que se fez por esta meza lembrando que conviria fazer se o resgate dos captivos da Ilha de Santa Maria pela via de Valença, mandou V. Magestade escrever a Fr. Paulino da Apresentação que visse se conviria mudar o resgate que se está fazendo em Ceuta, e avisasse a V. Magestade do que se lhe oferecesse, a que respondeu na forma que se entenderia pela sua carta que V. Magestade tambem enviou, e ordena V. Magestade se veja logo nesta meza, juntamente com o que no despacho de cinco do passado se propoz á cerca de se fazer outro resgate por Valença e ir a elle Fr. André de Albuquerque, e que considerado o que Fr. Paulino aviza que está feito e ter-se aberto o caminho de Argel a Tetuão, que é o porto por onde se podem sair os meninos e a importancia de que é tratar de sua liberdade quan-

to mais brevemente seja possivel se consulte o que parecer á cerca de se convirá alterar a ordem dada para se fazer o resgate por Valença e até ter reposta de V. Magestade não parta Fr. André. se já não for partido, cobrando-se e vendendo-se entretanto os quinhentos quintaes de pimenta e pondo-se em arrecadação as esmolas da rendição para que o dinheiro esteja prompto, e se não dilate a execução do que se houver de fazer.

E considerado o que V. Magestade propoem na dita carta e o que Fr. Paulino da Apresentação representa na sua:

Pareceo que não ha que alterar nesta materia de se haver de fazer o resgate por Valença, por V. Magestade assim o ter resoluto por vezes, e conforme ás informações que tomaram ser a parte muito mais accommodada e conveniente para se fazer por alli pela brevidade do caminho e pouco risco e despeza, como se a V. Magestade aponta na carta de 29 de dezembro passado que levou Fr. André de Albuquerque, que já era partido quando esta se recebeo por V. Magestade assim o ter ordenado, nem de presente se apontam razões por Fr. Paulino que obriguem a mudar este parecer, porque tambem os captivos de Argel não podem vir a Tetuão senão por mar e com muito mais dilação de tempo do que é de Argel a Valença que é jornada de pouco mais de 24 horas e o capitão Zruco (?) que e que corre em Ceuta com Fr. Paulino é morador em Valença, donde com mais facilidade tratará deste resgate o como elle ha-de ser o principal que ha-de correr em Argel, não lhe faltarão meios para resgatar mulheres e meninos, e a Fr. Paulino deve V. Magestade mandar escrever que se ha por bem servido delle no resgate que agora fez, de que mandou a esta cidade perto de duzentas pessoas entre meninos, mulheres e homens, em que entraram algumas do Porto Santo e da Ilha de Santa Maria, e outros de outras partes, que estavão ja resgatados d'antes, e os do Porto Santo foi por cousa milagrosa, porque aconteceu que um dos navios que levava os captivos de Porto Santo deu á costa em Berberia acossado de duas naus do Conde Maurício, que foram em seu seguimento e pelos não tomarem deram os turcos á costa e os levaram alli e por isso se resgataram com tanta brevidade, pelo que o resgate por Valença sempre será de mais effeito pelas sobreditas razões e assim se deve escrever a Fr. Paulino que acabe de concluir em termo de 2 mezes o resgate de alguns captivos se os houver em Tetuan das Ilhas de Santa Maria e Porto Santo ou outros que lhe pareça que tem precisa necessidade: e acabado se passe a Valença assistir com Fr. André, porque unidos assy farão melhor negocio do que divididos com differentes gastos e despezas.

Com este correo se envia ao Secretario Francisco de Lucena uma letra de cinco mil cruzados que é a quantia que de presente se achou no cofre da rendição e não houve mais por não ser ainda entregue a pimenta para se poder vender e vae a pagar a Francisco Pereira de

Betemcor thezoureiro do Concelho que reside nessa corte, na forma que V. Magestade nos ordena, e tambem se fica fazendo diligencia com os mamposteiros mores do reino e com outros officiaes para se cobrar algum dinheiro se o houver, e lembramos a V. Magestade que seja servido mandar ver as consultas que por muitas vezes se tem feito a V. Magestade sobre os privilegios da rendição que de todo está acabada por esse respeito.

E a D. Antonio Mascarenhas pareceo que o resgate se devia fazer por Ceuta como está ordenado, porque alem de ser conforme ao que nesta mesa de principio pareceo conveniente por muitas razões e informações havidas que se propuzeram a V. Magestade por uma larga consulta. Estão ja os teares armados em Ceuta com fruito de bons principios que Fr. Paulino escreve, ao qual se deve crer pela experiencia que têm de semelhantes resgates, e boa esperança que tem concebido de se conseguir este com boa resolução, pelo que não parece conveniente mudar-se a Valença onde não ha nenhuma experiencia, nem memoria nesta mesa que por ahi se fizesse resgate, e experimentar de novo não pode ser sem risco de não subceder a proposito, maiormente que entre mouros e christãos se mette o mar no meio e pode haver muitas difficuldades que de presente se não alcançam, e o mudar sempre dilata e causa embaraço no intento. Lisboa 11 de Janeiro de ꝉ bj$^{c}$ xbiij (*1618*) *P. Mascarenhas=Ferreira=Pereira=Mesquita.*

(*Arch. nac. da T. do T., Reg. das Cons. da Mes. da Consc. e Ord., Liv. N.° 65, f. 256*)



## Consulta sobre o resgate das gentes das ilhas de Santa Maria e Porto Santo: 27 de junho de 1618.

Por hir em grande crescimento o numero dos captivos pela occasião das Ilhas de Santa Maria e Porto Santo mandou V. Magestade por alguas cartas que se tratasse com todo o calor e esforço de se ajuntar o mais dinheiro que fosse possivel para se tratar do resgate da gente das ditas ylhas por ser muito della de tenra idade e donzellas nobres a que convinha accudir com presteza pelo perigo que havia de poderem deixar a fee, como alguns hiam deixando, e na conformidade das cartas se tratou logo nesta mesa com a diligencia e cuidado que a materia pede, de se dar ordem para se ajuntar o mais dinheiro que possivel fosse para o que se despediram caminheiros aos mamposteiros mores dos captivos do reino que trouxessem todo o que tivessem cobrado em suas comarcas.

E por esta de Lisboa e seu arcediago haver tempo que se não corria, nomeou o Marquez Viso-Rei: por consulta desta meza Antonio

Ferreira d'Azevedo, pessoa muito intelligente pera ir correr e cobrar o dinheiro que achasse, e fazendo-o com todo o cuidado não cobrou nem achou mais que sessenta mil reis, sendo assim que esta comarca de Lisboa costumava a render em cada hum anno mais de 3:000 cruzados, com o que se recolheu porque, querendo proceder na forma do rigimento e provisões passadas em favor da rendição dos captivos pelos Senhores Reis, predecessores de V. Magestade e confirmadas pela catholica magestade do Senhor Rei Dom Phillippe que esta em gloria achou outras em contrario, passadas pelos Desembargadores do Paço, no que toca aos privilegiados, e nas coimas pelo contracto das terças, e os julgadores com pouca ou nenhuma observancia na condemnação das penas para os captivos, com o que vendo-se atalhado se tornou a recolher. A mesma queixa fazem os mais mamposteiros mores do Reino pelo que:

Pareceo se devia dar conta a V. Magestade representando-lhe que a causa é importante, a que se deve acudir com muita brevidade, e que V. Magestade deve ser servido mandar restituir a rendição aos privilegios e concessões que pelos Senhores Reis lhe são concedidos, porque, como a cousa de que se trata he tam pia e tanto do serviço de Deus e do christianissimo zelo de V. Magestade lembramos que as concessões que lhe foram feitas, demittindo os Senhores Reis de si o que lhe deram por doações suas, de que lhe passaram provisões com clausullas exuberantes e derrogatorias a todas as que dali em diante se passassem em contrario que não pode V. Magestade em consciencia derrogal-as senão quando succederem causas muito urgentes de bem publico, que não ha nas que estão derrogadas, porque quando as houvera de accrescentamento da fazenda real (que não ha, como se apontara) essas bastavam conforme a direito.

Para se revogarem as doações, feitas ás rendições dos captivos, pois he certo e sem duvida que as doações perfeitas se não podem revogar pelos que as fazem, o que tambem ha logar nos Reis, salvo quando houver outra de bem publico que convença o contrario: por onde como nas coimas, de que pertencia parte nas condemnações aos captivos, o não haja, como he notorio, nem a fazenda de V. Magestade acresceo por esta via nada, não se lhe podem tirar como se propoz a V. Magestade em consulta de 28 de novembro de 616. E antes aos povos, depois de Manoel Moreno juntar ao contrato das terças o rendimento das coimas, sem por isso dar mais por elle, se seguiu grande damno pelas avenças que fazem com os que tem gado que destruem as fazendas alheias, por rezão dellas, e em particular em Setubal, onde ha grandes queixas das perdas que os gados fazem nas marinhas sem haver rendeiro que os encoime, por rezão das ditas avenças. E quanto a limitação dos privilegios, sobre que se passou provisão em forma de lei, notorio he que della não rezultou nenhum proveito ao commum, e pois em outros casos, como he no estanque das cartas, ha

tantos privilegiados, e em outras cousas semelhantes:que respeitão fazenda em as terras privilegiadas da rendição como d'antes a novas pessoas, que comvem para beneficio della, porque a experiencia tem mostrado que pela nova ordem dos privilegiados haverem de ter de reis 200$000 de fazenda para baixo, se acabou tudo, porque os que tem pouca fazenda e ficam com o privilegio, serve-lhe de se ajudarem das esmollas, e de as gastarem sem terem por onde paguem.

A outra cousa em que a rendição recebe grande danno he na falta das condemnações que lhe heram applicadas, entre as quaes hera a da prohibição das sedas, que hoje estão largas de maneira, que não ha prender nem condemnar por ellas. E de mais desta os julgadores se hão muito remissamente nas outras condemnações diminuindo-as em mais das duas partes, ao que V. Magestade deve mandar acudir, encarregando-lhe que guardem as leis inviolavelmente, e limitando aos mamposteiros mores a arrecadem na forma da provisão que sobre isto he passada, sob pena de se lhe dar em culpa em suas residencias e ás casas da Supplicação e Porto deve V. Magestade mandar significar que se haverá por bem servido em que as cousas dos captivos se tratem com o favor que a justiça dê logar.

E por que se tem entendido que de haver dous desembargadores em cada huma das ditas casas a quem venham limitadamente as appellações que pertencem aos captivos, se conseguirá grande utilidade, como ha poucos annos os havia nellas: deve V. Magestade mandar que se reforme esta ordem, porque o salario que se lhe dava a cada hum de dez mil rs. cada anno da rendição, fica sendo em respeito do muito que se interessava em os haver.

E porque a Mizericordia de Setubal tem huma provisão passada no anno de 1590, para poder gozar dos privilegios da Mizericordia desta cidade entre os quaes he que possam recolher dinheiro de defunctos e ausentes, que pertencem a captivos, recolhe assim o tal dinheiro tirando-o á rendição, sendo assim que não póde ter effeito, por ser contra a que he passada á rendição no anno de 1575, que fica sendo muito mais antiga, e com as cauzas derrogatorias que nella se contem. E para que V. Magestade fique inteirado da materia se enviam com esta a copia de algumas provisões que V. Magestade será servido mandar considerar, e mandar que se guarde, pois são em confirmação das doações e concessões que se fizeram aos captivos, porque havendo de ficar a rendição na forma em que hoje está, lembramos a V. Magestade por descargo de nossas consciencias que não pode hir por diante o resgate dos captivos, e que de todo se acaba a rendição, de que succederá não se poderem fazer resgates e perderem muitas pessoas a fé por esse respeito. Lisboa a 27 de junho de 618 =*Mascarenhas*=*J. Ferreira*=*Pereira*=*Mesquita*=

(*Arch. nac. da T. do T., Reg. das Cons. da Mesa da Consc. e Ord., N.º 65, f. 297.*)

# MOVIMENTO LIBERAL NOS AÇORES

## 1828 A 1834

(*Continuado de pag 51, Vol. VII.*)

### Resposta do Chefe d'Esquadra, Commandante em Chefe da dos Açores, José Joaquim da Rosa Coelho.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Accuso a recepção da carta de V. Ex.ª escripta a 14 do corrente, e recebida por mim hontem por mão d'um Parlamentario por V. Ex.ª auctorisado para a entrega d'ella.

Chamo-lhe Parlamentario, porque como tal, e conforme as leis da guerra se dirigiu a esta Nàu, e na hypothese de que V. Ex.ª já não terá á sua disposição individuos de maior esfèra que a d'um pobre pescador, a quem incumba uma tal diligencia, é justo que eu dispense a civilidade, de que é de presumir V. Ex.ª tivesse, não estando no caso em que o supponho.

Muito me admiro que V. Ex.ª diga, está horrorisado por ver a effusão de sangue portuguez derramado por portuguezes sobre o territorio patrio, depois que são passados nove annos que V. Ex.ª é um dos principaes authores de tal desgraça sem lhe aproveitar a experiencia pratica quando os conhecimentos theoricos, que a um Grande cumpre possuir, lhe não tivessem em tempo mostrado as terriveis consequencias d'uma infundada rebellião.

Como quer V. Ex.ª que eu acredite que possue taes sentimentos, e que olha com horror para as calamidades, que afligem a familia Portugueza (ora divergente em opiniões, talvez pelo exemplo d'aquelles que, como V. Ex.ª, só cumpria mostrar lhe o caminho da honra, se observo que não teve pejo de vir postar-se á frente d'um bando de facinorosos e salteadores, e, fazendo causa commum com elles, continúa a commetter na desgraçada Ilha Terceira horrores e vilezas?

Agora mesmo não se envergonha V. Ex.ª de commetter uma, quando tem a infeliz lembrança de se persuadir, que um vassalo fiel a S. Magestade Fidelissima o Sr. D. Miguel I.º, é capaz de vender a sua

honra por quarenta contos de reis . . . . . uma tal ideia só póde entrar na cabeça de quem está na posse de ser levado pelo ouro a qualquer partido, esquecido do seu nascimento, e sem lhe importar que pelas suas acções fique quebrantada a fidelidade, que consignou áquelles de quem vem, com a qual alcançaram as honras e distincções, que são privativas dos sustentaculos dos Thronos.

Não pense V. Ex.ª que a Europa agora se decida contra os inauferiveis direitos de S. Magestade Fidelissima o Sr. D. Miguel I.º pelos simples factos de se haver malogrado em parte a tentativa de 11 do mez passado, ou por que V. Ex.ª se acha sobre uma pedra no meio do occeano com uns poucos de mizeraveis expatriados, e já costumados a fugir (algumas vezes com V. Ex.ª á sua frente) do Porto e Madeira.

Nem tampouco que S. Magestade Fidelissima o Sr. D. Miguel I.º, não tem á sua disposição forças disponiveis, para proceder a outra, e muitas mais que sejam necessaria, como d'entro em poucos dias farei ver a V. Ex.ª.

Todas quantas mandou, e que fizeram essa effusão de sangue que V. Ex.ª agora sem remedio lamenta, ainda existem sem lesão ou defeito algum.

O Tejo ainda tem mais que não tardam em reunir-se, e em mim existe muito boa disposição para ir a pouco e pouco diminuindo por filas essas fileiras de Campeões, que V. Ex.ª manda aproximar ás praias que eu assôme.

Com tudo, tantos males, podem ter ainda um remedio, e a V. Ex.ª cumpre dar-lh'o.

O Magnanimo coração de S. Magestade Fidelissima o Sr. D. Miguel I.º é aquelle mesmo cheio de bondade e commiseração, que V. Ex.ª conhece tão bem, (senão melhor do que eu) e supposto que V. Ex.ª por escripto, por obras e pela voz mostre estar esquecido do muito que a elle deve, e aos seus Augustos Progenitores, quero ainda persuadir-me, foi a isso obrigado, quando entre aquelles que ainda esperam chimeras, se tornava preciso dizer com elles: agora, porem, que V. Ex.ª se acha só pode accordar comigo os meios de salvar a sua vida, e a d'aquelles, que o seguem, obtendo um perdão para tantos crimes, e tantas indignidades commettidas na Ilha Terceira contra a Real Pessoa d'El-Rei Nosso Senhor.

Eu estou disposto a entrar n'essa negociação e posso certificar a V. Ex.ª que depende da sua vontade evitar a continuação de desgraças.

Do contrario affirmo-lhe que estão dadas todas as providencias, e tomadas todas as medidas, para dentro em poucos dias acabar com esse resto que existe na Ilha Terceira, sem que a isso V. Ex.ª possa obstar, e menos contar que nas outras Ilhas se ponham em pratica os aérios planos formados, e mandados por V. Ex.ª, em quanto eu tiver

vida e meios para ir no mar desfazendo-os com a mesma facilidade com que V. Ex.ª os forma em terra, só com a differença de que os portadores vão pagando cá o porte das Mensagens.

Sinto ter tido occasião de fallar a V. Ex.ª em taes termos, mas taes são os que V. Ex.ª devia esperar.

Do seu V.or

*José Joaquim da Rosa Coelho*

A bordo da Nau D. João 6.º á véla e á vista d'Angra, 19 de Setembro de 1829.

---

## Guia passada pelo ex-Capitão de Mar e Guerra João de Sousa ao Parlamentar que veiu a bordo.

Vae d'este pôrto d'Angra o barco do arraes Salvador José com quatro homens de tripulação por ordem de S. Ex.ª o Sr. Conde de Villa-Flor, Governador e Capitão General das ilhas dos Açores, a fim de entregar ao Ex.mo Sr. Commandante da Esquadra crusando nas aguas d'esta Ilha a Bordo da Nau D. João 6.º, um masso de cartas dos prisioneiros feitos na acção do dia 11 d'agosto ultimo, em que reclamam parte das suas bagagens.

A humanidade, que dicta a S. Ex.ª esta medida, é a que S. Ex.ª espera seja praticada com os portadores.

Angra em 18 de Setembro de 1829.

*João de Souza*, Capitão de Mar e Guerra.

Em carta do Ex.mo Sur. Anselmo de Souza Bettencourt, da Villa das Velas, de 13 d'outubro de 1885, nos diz sua Ex.ª que inferindo do extracto da carta de Roza Coelho, publicado na pag. 33 do Vol. VII, d'este *Archivo*, que não possuiamos todo o documento, nos remettia copia tirada de um papel encontrado no archivo de sua familia, aonde igualmente se encontra o salvo conducto passado em nome do Conde de Villa-Flor. Folgamos em dar um publico testemunho de agradecimento a S. Ex.ª pelo seu expontaneo e valioso offerecimento.

---

Abril 17 CHRONICA DA TERCEIRA 1830 N.º 1

## INTRODUÇÃO

Pareceo aos individuos que tomárão sobre si a redação de huma folha periodica, que este trabalho podia ser util. e agradavel não só aos Portuguezes reunidos n'esta Ilha. mas tambem aos que fóra d'ella se achão empenhados na mesma cauza, por isso que os primeiros acharão n'ella, alem dos actos da Regencia, e primeiras auctoridades que em nome da Rainha nos governão, e cujo conhecimento he a todos necessario. extractos das noticias estrangeiras não só no que respeita aos interesses portuguezes, mas tambem dos principaes factos que occorrem entre as nações, e alguns artigos de sciencias e artes, que interessão sempre a homens por circunstancias privados dos recursos que nas diversas folhas politicas e scientificas se encontrão na Europa: e pelo que toca aos Portuguezes existentes fóra da Ilha Terceira he evidente que lhes será grato o conhecimento dos actos do Governo, e as noticias d'aquelles de seus concidadãos collocados no posto importante onde se encerra a representação legitima de S. M., os leaes defensorês da mesma Augusta Senhora, e a esperança da restauração da Patria.

Para desempenhar este fim será o nosso invariavel disvélo escolher entre as diversas noticias aquellas que tiverem o caracter da veracidade, e da sizudeza, excluindo aquellas que nos parecerem destituidas da verosimilhança, ou dictadas por hum espirito de alucinação em qualquer genero. Certos de escrever para homens superiores aos terrores, e capazes de encarar com firmeza os perigos e as dificuldades: e reconhecendo que a perseverança e huma inabalavel constancia são e devem ser os caracteres dos Portuguezes victimas até agora da fidelidade, nem procuraremos offerecer lhes esperanças sem fundamento, nem encubriremos os obstaculos e estorvos que possão retardar o resultado feliz porque todos suspiramos: mas fieis sempre á verdade exporemos francamente os factos e as opiniões importantes, esperando que a justiça da nossa cauza. as deligencias e esforços constantes d'aquelles que nos dirigem, auxiliados pela esperada protecção do Augusto Pay da nossa adorada Soberana, nos darão occasião a poder, como desejamos, annunciar antes prosperos resultados que factos tristes em circumstancias desanimadoras.

## Angra 15 de Março de 1830.

Na madrugada do dia 15 de Março fundeou n'este porto a Escuna *Jack a Lantern* trasendo a seu bordo os Exms. Marquez de Palmella e Jose Antonio Guerreiro, os quaes com o Exm. Conde de Villa-Flôr compõe a Regencia.

O General foi immediatamente a bordo, e pela manhãa as salvas

das fortalezas, e a reunião da Guarnição de baixo d'armas annunciou aos habitantes de Angra, e povoações circumvisinhas o desembarque dos membros da Regencia. S. Ex.as forão recebidos pelo mais numeroso concurso d'este povo leal, e a alegria geral acompanhou como era de esperar a instalação de hum Governo legitimo e regular, á existencia do qual os Portuguezes tanto tem sacrificado.

A Regencia derigio-se ao Palacio do Governo onde reunindo-se em sessão, prestando o competente juramento, se declarou instalada, como se deprehende dos documentos que em seguimento temos a satisfação de publicar. No dia seguinte se celebrou na Cathedral hum solemne *Te-Deum* a que assistio a mesma Regencia e todas as authoridades Civis e Militares, e grande concurso de individuos de todas as classes. (Extractos da *Chron. da Terceira*, N.º 1, de 17 d'abril de 1830.)

Quando se começaram a publicar os extractos da *Chronica Semanario da Terceira* dissemos no ultimo periodo da primeira nota da pag. 440 do Vol. VII, d'este *Archivo*, que ainda não tinhamos conseguido ver exemplar algum da primeira *Chronica*; hoje, porem, que por acaso feliz alcançamos um exemplar do primeiro e mais antigo jornal açoriano vamos extrahir d'elle as poucas noticias que contem alem dos actos officiaes e noticias estrangeiras.

O formato era o de papel almaço em que foi impresso a duas columnas por pagina.

A forma compacta da composição typographica é de aspecto singular e demonstra o extremo cuidado de não se esperdiçar um centimetro de papel. O titulo, data e numeração imitaram-se n'esta reproducção. Começando aos 17 d'abril de 1830 terminou com o numero 44 aos 27 de março de 1831. Era semanal, mas não tinha dia certo de apparecer. Saiu um supplemento ao n.º 43 em 21 de março de 1831.

Continuou depois em maior formato, com o titulo de *Chronica Semanario da Terceira*.

Redigiu os primeiros doze ou treze numeros o Sr. Simão José da Luz Soriano. Foi publicada na primeira typographia que houve nos Açores trazida pelo Marquez de Palmella para Angra aonde depois de montada, se chamou *Impressão do Governo*.

Opportunamente daremos desenvolvidas noticias acerca d'esta typographia.

—•—

## Annuncios publicados no n.º 3, de 27 d'abril de 1830.

*NOVO THEATRO.*

No dia 29 do corrente mez de Abril,

*ANNIVERSARIO DA CONCESSAM DA*

CARTA CONSTITUCIONAL

Pelo Senhor

D. PEDRO IV.

Terá logar no *novo Theatro* a representação da tragedia ALZIRA de Mr. de *VOLTAIRE*.

Os senhores assignantes terão a bondade de se dirigirem na véspera á casa do mesmo theatro para tirarem os seus bilhetes por sorte.

A SOCIEDADE DOS OFFICIAES-INFERIORES DARÁ HOJE NO seu theatro a representação da tragédia *MAFOMA*.

—*—

## Angra 27 de Maio de 1830.

Hoje entrou neste porto o navio americano *Lydia* com generos de Portland nos Estados Unidos: trouxe jornaes de *New York* de 29 de Março: nelles achamos noticias do Rio de 26 de janeiro em cuja data Suas Magestades gosavão de perfeita saude.

—A sociedade dos officiaes Inferiores abrio hoje o seu bonito theatro com a representação da tragedia *Mafôma*, *de Voltaire*, e d'um engraçado entremez (composição d'um dos socios.) Os membros da Regencia; a Snr.ª Condessa de Villa-Flôr, e muitos officiaes assistirão á representação.

29—Sendo o dia anniversario da concessão da Carta Constitucional pelo Snr. D. Pedro IV. reunirão-se as tropas em grande parada no campo do Relvão: e tendo-lhes passado revista o Snr. general Conde de Villa-Flôr, ellas desfilarão e forão formar-se na praça principal da cidade e ruas adjacentes. S Ex.ª deo os vivas á Rainha a Snr.ª D. Maria II., a Seu Augusto Pai, á Carta Constitucional: vivas que forão respondidos com o maior enthusiasmo. As tropas tinhão a mais bella apparencia; e sendo compostas pela maior parte dos officiaes e soldados experimentados, podem comparar-se pelo seu arranjo e disciplina ás melhóres da Europa.

—Os Senhores da Regencia, as autoridades civis e ecclesiasticas os commandantes de brigadas e de corpos e alguns outros officiaes reunirão se a jantar com S. Ex.ª o Commandante das forças.

—No novo theatro houve a representação da tragedia *Alzira*, e uma dança; o vestuario era rico e appropriado ás personagens, o theatro estava muito bem illuminado, e todos os camarotes occupados por senhoras. Na cidade houve luminarias.

—O batalhão n.º 2 de caçadores e o regimento provisorio distinguirão-se pelo bom gosto das suas respectivas illuminações.—No cume do Monte Brazil ardia um enorme e brilhante facho, indicando aos bloqueantes que na Terceira se festejava a concessão d'uma lei fundamental a cuja obediencia, para proprio bem, ainda os veremos sujeitos.

(N.º 4, de 6 de maio de 1830)

—*—

*Bateria da Constituição*

—Entre as obras militares que durante os ultimos mezes se tem construido nesta Ilha, vimos com particular satisfação a bateria que defende a bahia do Fanal, a oeste do Monte-Brazil, em cujo angulo meridional, chamado Ponta de S. Diogo, e mais antigamente Ponta do Zimbreiro, se reedificou. A solidez d'esta bella bateria, que uma lapida de marmore, n'ella collocada, denomina da CONSTITUIÇAM, a boa delineação e elegancia dos planos e perfis das suas canhoneiras, merlões e plataformas, mostrão o excellente uso que se fez dos principios da sciencia do engenheiro. Admira como no curto espaço de 50 dias de trabalho, esta vasta bateria, que contem consideravel numero de bocas de fôgo de grande calibre, se adiantou a ponto de estar prompta a fazer fôgo no dia 4 de abril, anniversario de S. M. a Snr.ª D. MARIA II. Ouvimos que a economia dos trabalhos não faz menos honra ao saber e actividade escrupulosa do seu constructor o Sr. major Serra, do Real Corpo dos Engenheiros.

Os navios do bloqueio tem estado à vista estes dias.

(N.º 5, de 12 de Maio de 1830.)



*Bloqueio*

13 Hoje passou ao sul desta ilha mui proximamente à costa uma escuna, foi chamada à falla pelo brigue do bloqueio, e depois navegou para o sul.

16. Hoje das 6 para as 7 horas da manhã appareceo uma escuna navegando da parte do sudoeste para o porto desta cidade, o brigue do bloqueio que se achava ao sul do Monte-Brazil fez logo força de vela sobre a escuna e para a obrigar a ir a falla fez-lhe 12 ou 14 tiros de peça, mas a escuna sem mudar de rumo continuou navegando para o porto: das baterias de S. Antonio no Monte Brazil fizerão-se alguns tiros d'advertencia a escuna, em consequencia dos quaes o brigue voltou de rumo e abandonou a caça, apesar de estar muito fora d'alcance das baterias. Tendo o vento e probabilidade de fazer uma preza, por cobardia favoravel só podia cessar a caça.—A escuna chama-se *James*, vem da Figueira em 20 dias com vinho e sal.



## Villa da Praia 4 de Maio de 1830.

O Sr. Brigadeiro *Conde d'Alva*, commandante da primeira brigada, passou hoje revista ao batalhão de Voluntarios da Rainha a Sr.ª D. MA-

RIA II., aqui estacionado. S. Ex.ª teve a applaudir não só a sua disciplina e firmeza, mas a regularidade, viveza, e intelligencia, com que todas as manóbras forão executadas por este benemerito corpo, organizado de cidadãos que, fieis a seus juramentos, abandonárão patria, familia, e bens, para seguirem as bandeiras da honra, e da legitimidade. S. Ex.ª, finda a revista, tributou os maiores elogios aos dignos commandantes, officiaes, e mais praças do batalhão. A' noute no lindo theatro dos curiosos do mesmo batalhão assistio S. Ex.ª a representação do drama —*a Guerra declarada*—e d'uma graciosa farça, em musica; o que tudo foi primorosamente desempenhado.

(N.º 6, de 18 de maio de 1830.)

—*—

## Angra 23 de Maio de 1830.

No dia 19 fundeou na bahia da Villa da Praia, a escuna ingleza *Jack a Lantern*, vinda de Londres e ultimamente de Plymouth com 14 dias. Traz dinheiro para o Governo, munições de guerra, e passageiros. A escuna encontrou tres vasos do bloqueio, uma fragata, um brigue e uma escuna; o brigue deo-lhe caça por bastante tempo. Recebemos jornaes datados até ao principio do corrente, e já nesta folha publicamos alguns artigos.—Em Inglaterra havia sido recebida a noticia da installação da Regencia nesta ilha, e os seus primeiros actos havião alli racebido geral approvação.

(N.º 7, de 28 de maio de 1830.)

—*—

## Relatorio apresentado á Regencia na Terceira sobre o papel moeda que andava na circulação.

SENHORA. A Commissão Encarregada da Administração da Fazenda Publica, em cumprimento da Portaria de quatorze do corrente mez, tem a honra de levar á Presença de V. Magestade a seguinte exposição sobre a introducção, circulação, resgate, e estado actual do Papel moeda que corre n'esta Ilha. Por Alvará de oito de Janeiro de mil setecentos noventa e cinco foi prohibido o curso, como dinheiro, de toda e qualquer moeda estrangeira de ouro, prata, ou cobre n'estas Ilhas dos Açores, mandando-se comprar para a Real Fazenda, dentro de um certo prazo toda a moeda estrangeira que existisse, e cujos possuidores a não quizessem guardar como mercadoria. Para pagar a moeda estrangeira que assim fosse comprada para a Fazenda Real, forão

remettidas do Real Erario nos annos de mil setecentos e noventa e cinco, mil setecentos noventa e seis, mil setecentos noventa e oito, e mil sete centos noventa e nove, várias sommas de dinheiro em moedas Provinciaes na importancia de oitenta e sete contos trezentos cincoenta e dous mil e nove centos reis, e com ellas mais duzentos e quarenta contos de reis em billhetes para correrem como dinheiro na forma disposta n'aquele Alvará de oito de Janeiro de mil sete centos e noventa e cinco, em quanto não viessem moedas de prata, e cobre para o seu resgate. D'aquelles reis duzentos e quarenta contos em billhetes, sómente forão lançados na circulação reis sessenta e dous contos e quatro centos mil em bilhetes de sete mil e duzentos reis, e de quatro mil e oito centos reis, os quaes se forão resgatando a pouco, e pouco de tal sorte que no anno de mil oito centos e vinte erão entrados no Cofre da extincta Junta da Fazenda até à importancia de reis sessenta e dous contos vinte cinco mil e seis centos, ficando na circulação apenas billhetes na importancia de trezentos setenta e quatro mil e quatro centos reis. Pelos annos de mil oito centos e vinte e tres mil oito centos e vinte e quatro foi a Junta da Fazenda precisada a fazer huma nova emissão de billhetes na importancia de reis doze contos e quatro mil e oito centos, os quaes juntos com os reis trezentos setenta e quatro mil e quatro centos que da primeira vez não tinhão sido resgatados, fizerão o total de reis doze contos tresentos setenta e nove mil e duzentos, dos quaes até o mez de Março de mil oito centos e vinte oito forão resgatados reis dôze contos duzentos quarenta e nove mil e seis centos, ficando na circulação sómente billhetes pelo valor de cento vinte e nove mil e seis centos reis. — No anno de mil oito centos vinte nove por Portarias da extincta Junta da Fazenda de dôze de Abril, e de trinta de Dezembro d'esse anno forão de novo postos em circulação reis trinta e nove contos e seis centos mil em billhetes de sete mil e duzentos, e de quatro mil e oito centos reis, os quaes com os reis cento e vinte e nove mil e seis centos que tinhão ficado sem resgatar, fazem a somma de reis trinta e nove contos sete centos vinte e nove mil e seis centos — No mesmo anno de mil oito centos vinte e nove forão criadas pela Junta Provisoria, que então governava em Nome de V. M., novas Apolices do valor de dous mil e quatro centos, e de mil e duzentos reis cada huma, das quaes forão feitas, e emittidas na circulação sómente até à importancia de tres contos trezentos e sessenta mil reis. — Por esta breve exposição conhecerá V. M. que o actual estado do papel moeda que corre n'esta Ilha he tal qual apparece no seguinte Mappa.

*Em circulalação*

| | Reis | Reis |
|---|---|---|
| Valôr dos bilhetes que ficarão em circulação depois de Março de 1828 . . . | 129:600 | |
| Valôr dos billhetes emittidos pela Junta da Fazenda em 1829 . . . . . . . . . | 39,600:000 | |
| Valôr das Apolices criadas pela Junta Provisoria em 1829 . . . . . . . . | 3.350:000 | |
| | | 43.089:600 |
| *Em reserva* | | |
| Valôr dos bilhetes que estão reservados nos Cofres da Fazenda Publica . . . | | 200.270:000 |
| Total . . . . . | | 243,359:600 |

D'estes viérão do Erario rs. 240.000:000 e forão criados aqui rs. 3,359:600.

A commissão cumprindo assim o que lhe foi ordenado considèra-se feliz em poder mostrar por esta exposição, que o valôr dos bilhetes, que andão em circulação, não excedendo a reis quarenta e tres contos oitenta e nove mil e seis centos he tão módico, que com grande facilidade, e com muita promptidão pódem os mesmos bilhetes ser resgatados por quaesquer meios que V. M. se dignar Ordenar para esse fim.—Deos Guarde a V. M. Angra quinze de Junho de mil oito centos e trinta.—*Manoel de Souza Rairoso.*—*Luiz Ribeiro de Souza Saraiva.*—*Antonio Joaquim de Torres Mangas.*

(N.º 11, de 20 de junho de 1830 )

— * —

## Angra 22 de junho de 1830.

—Este dia para sempre memoravel na Historia da Terceira não póde jàmais ser esquecido por Portuguez algum, que se preze de ser fiel á sua Legitima Soberana, e Amante das Instituições outorgadas por Seu Augusto Pai.

Ao passo que em 1828 se executava a desorganisação social em todos os pontos da nossa desgraçada Patria, ao passo que a facção liberticida desthronisava um Rei Ligitimo, que a este respeitavel titulo juntava o de Legislador, e Restaurador das publicas liberdades, a Ilha Terceira se conservava fiel ao seu juramento de fidelidade, e do meio

das ondas dava ás outras partes do territorio Portuguez lições de lealdade para com seu Soberano.

Louvor eterno Vos seja dado, habitantes da Ilha Terceira! Vossos nomes serão ouvidos com pasmo nas mais remotas gerações a par dos d'aquelles briosos Tercerenses, que em todas as commoções politicas se tem denodadamente prestado á salvação da Patria. E com effeito, que outra cousa era de esperar da Ilha Terceira, que tem sempre sido o rochedo ameaçador de todos os usurpadores da Soberania Portugueza? Podião por ventura esquecer a algum Ilheo os heroicos feitos praticados por seus maiores na opposição á intrusão dos Filippes, no acolhimento do Senhor D. Antonio, na valorosa resistencia ás formidaveis forças daquelle que era nesse tempo o maior potentado da Europa? Podião por ventura esquecer-lhes as acções de valôr de seus illustres avoengos quando lhes custou o sucesso do memoravel dia primeiro de dezembro de 1640, expellindo desta Ilha a força hespanhola n'ella existente, tendo-a reduzido ao extremo de uma vergonhosa capitulação? Não por certo. A palavra *Ilheo* he na Historia Portugueza synonima de *fiel*. A Ilha Terceira o mostrou em tempos mais recentes entrando no numero das possessões Portuguezas, em que as aguias de Napoleão não substituirão as Quinas Lusitanas: e o que n'ella tem occorrido, deste 22 de junho de 1828, nos obriga a concluir que esta Ilha está reservada para abrigo da Lealdade nos tempos mais calamitosos.

Os subditos desleaes da nossa Adorada Soberana tentavão pôl-a na sugeição da tyrannia, porem raiou este venturoso dia, em que decididos patriotas, ousarão repellir o jugo preparado por algumas autoridades, que manobravão debaixo das ordens do usurpador. De mãos dadas com o brioso e immortal Batalhão de Caçadores n. 5, que tanto concurreu para a salvação d'esta Ilha, elles levantarão o pregão da lealdade, e a Providencia favoreceu os seus esforços coroando-os do mais glorioso sucesso.

No mesmo dia, e no anno seguinte, conduzio a Providencia a esta Ilha o Exm.º Conde de Villa-Flor, que a Maternal Sollicitude da nossa Augusta Rainha destinou para Capitão General da Provincia dos Açores. Este denodado General, que tanto se havia distinguido salvando Portugal da invasão dos rebeldes, rompe a travez de apertado bloqueio, desembarca na Villa da Praya no meio dos mais jubilosos transportes do Batalhão dos Voluntarios da Senhora D. MARIA II., e vem preparar-nos para os portentosos acontecimentos, de que havemos sido testemunhas, tornando por este modo o dia 22 de junho de uma recordação duplicadamente gloriosa para todos os bons Portuguezes.

Para solemnisar a memoria de tão fausto dia, representou-se no dia 21 de junho a Peça portugueza — *O Ministro Constitucional* — e um Elogio Dramatico no Theatro do Conselheiro Theotonio de Ornellas Bur-

ges Avilla, a que concorrerão as pessoas mais conspicuas desta Cidade, e os Ex.^mos Membros da Regencia do Reino.

No dia seguinte pela uma hora da tarde, houve Paradas das Tropas da guarnição desta cidade, aonde S. Ex.ª o Snr. Conde de Villa-Flôr levantou os vivas aos objectos mais caros a todos os Portuguezes. Pelas quatro horas, houve uma corrida de touros na Praça do Castello de S. João Baptista.

—Este dia foi igualmente festejado na Villa da Praya, havendo alem disso Parada do Batalhão de Voluntarios da Snr.ª D. MARIA II.

23 *de junho*.—Hoje de manhã, em execução do Decreto de 16 de junho, se queimou a quantia de Reis 200.270:400, moeda papel, debaixo das janellas da casa da Junta da Fazenda, e na presença do Exm.º Ministro e Secretario d'Estado, dos Membros da Commissão da Fazenda, do Senado da Camara, e de muitas pessoas que quizerão assistir.

A' noute, em continuação dos festejos pelos successos do dia 22, os Officiaes do Batalhão de Caçadores n. 5 derão um baile no Palacio do Castello de S. João Baptista, a que concorreu grande numero de Senhoras, e de homens tanto naturaes desta Ilha, como militares da guarnição, e os Ex.^mos Membros da Regencia.

(N.º 12, de 3 de julho de 1830.)



## Angra 5 d'agosto de 1830.

—Para celebrar o anniversario do juramento da *Carta Constitucional*, houve no dia 31 de julho passado, Parada Geral das Tropas da Guarnição da Cidade de Angra, aonde S. Ex.ª o Sr. Marechal de Campo Conde de Villa-Flôr, Commandante das Forças d'esta Ilha, levantou os vivas aos objectos mais caros aos Portuguezes, os quaes forão correspondidos com o maior enthuziasmo. A' noute no — Novo Theatro—se representou a nova Peça intitulada—*O Rei e a Carta*.—Assistirão os Exms. Membros da Regencia do Reino.

—Em conformidade com o art. 3 do Decreto de 16 de junho, no dia 2 de agosto, por terem sido feriados os dous dias antecedentes, se queimou a quantia de Réis 1.000:000, moéda papel, debaixo das janellas da Casa do Conselho da Fazenda, com as formalidades determinadas no mesmo Decreto.

—O bloqueio tem continuado, porém ha algumas semanas que tem estado á vista apenas dous brigues de guerra. Por ora ignoramos se as intenções do governo intruso, são, de renovar este anno a tentativa de subjugar esta Ilha: porém para satisfação dos nossos leitores de fóra d'esta Ilha, podemos assegurar que esta leal guarnição em todo o caso espera anciosa por uma nova occasião de augmentar a gloria adquirida em 11 d'agosto de 1829, e de punir o arrojo dos seus inimigos. (N.º 16, de 8 d'agosto de 1830.)

## Repartição do Ajudante General em 10 de Agosto de 1830.

*Ordem Para a Guarnição*

Sendo amanhã o anniversario do memoravel dia, 11 *d'Agosto de 1829*, em que a Leal e Valente Guarnição d'esta Ilha, cobrindo-se de gloria, destroçou e pôz em vergonhosa fuga as forças com que o Usurpador da Corôa Portugueza, pertendeo subjugar a sua inabalavel fidelidade, e encher de lucto e mizeria, os habitantes d'esta Ilha: determina S. Ex.ª o Snr. Marechal de Campo Conde de Villa Flôr Commandante das Forças n'esta Ilha.

1. Que ao romper do dia estejão reunidas no Largo do Palacio, as Muzicas, Cornetas, e Tambores, dos Corpos d'esta Guarnição, para fazerem o toque d'alvorada.

2. Que se embandeirem todas as Fortalezas, e Baterias d'esta Ilha, e n'ellas se deem ao meio dia, salvas de vinte e hum tiros.

3. Que as guarnições dos Districtos Militares, e o Regimento d'Infanteria N.º 18, estacionado na Villa de S. Sebastião, formem em Parada Geral, e dêem as descargas e vivas do costume.

4. Que pela huma hora da tarde toda a Tropa existente n'esta Cidade, formando o Batalhão d'Artilheria Brigada com o Batalhão de Caçadores N.º 5, esteja formado em Columna aberta direita em frente no Campo do Relvão, de donde hade desfilar para o terreno em que deverá formar se em Parada Geral. A Brigada d'Artilheria de Campanha deverá dar huma Salva de vinte e hum tiros, e a Infanteria e Caçadores trez descargas.— *Manoel José Mendes*— Major.

(N.º 17, de 14 d'agosto de 1830.)

---

**Angra 20 d'agosto.** No dia 9 do corrente, celebrou a Junta de Justiça a sua primeira audiencia publica nas casas da Camara d'esta cidade, em virtude do Decreto de 30 de junho passado, que estabeleceu a publicidade dos juizos criminaes. A sála estava disposta convenientemente para tão solemne acto: uma balaustrada de madeira separava os espectadores das pessoas pertencentes ao juizo, estando no tôpo a meza dos juizes sobre um estrado elevado: e chegado ao meio d'esta, mas ja no pavimento, uma pequena meza para o escrivão, o qual por este modo ficava voltado para os espectadores, mas ao alcance de ouvir quanto lhe fosse dito pelo Presidente da Junta: fronteiro aos juizes e quasi junto á balaustrada, estavão os logares destinados para o réo, e accusador, e para os respectivos Advogados; e de um dos lados a meza e cadeira do Procurador Regio, havendo no outro, um pequeno estrado destinado para as testemunhas virem ali responder ao que lhes fôr perguntado. A novidade do espectaculo, e a na-

portancia da instituição, atrahio grande numero de espectadores, os quaes durante a audiencia guardarão a maior compostura e boa ordem. Convidamos nossos leitores para lêr com attenção o discurso que o Presidente da Junta de Justiça recitou na abertura d'esta primeira audiencia, o qual será publicado n'esta folha.

Pela embarcação entrada hontem no porto d'esta cidade, vinda de Inglaterra, recebemos folhas do Rio de Janeiro até 28 de maio, e folhas Inglezas até 4 de agosto. No Diario Fluminense de 22 de maio, achão-se as respostas do Senado, e da Camara dos Deputados á Falla do Throno Imperial na abertura da Sessão do presente anno, as quaes irão transcritas n'esta folha.

## Discurso recitado pelo Presidente da Junta de Justiça na abertura da primeira audiencia publica.

Senhores.—Um lisongeiro, posto que arduo dever me chama hoje com os meus respeitaveis Collegas a fazer n'esta Ilha, já por tantos titulos memoravel, o primeiro ensaio da admiravel instituição do juizo publico, de que gosavão os antigos Portuguezes: mas de que nossos Paes, Avós, e Bisavós forão miseravelmente privados, e de que nos ainda hoje careceriamos a não ser o magnanimo, e generoso dom da Carta Constitucional, e o zelo, sabedoria, e verdadeiro patriotismo, com que a Regencia trabalha, sem cessar, em desenvolver praticamente, e fazer effectivas as instituições salutares, que naquelle sagrado Codigo delineou o Augusto Pae da nossa Graciosa Rainha a Senhora D. MARIA II. Já se rasgou o véo impenetravel, que encubria aos olhos vulgares a administração da Justiça: a calumnia, e o perjurio fogem espavoridos da muita luz, que os cerca: a innocencia protegida pela publicidade pode contar com a certeza do triumpho, e quando a espada da Justiça cahir sobre o verdadeiro culpado, a mesma convicção, que guiou os Juizes para a imposição da pena fará, que a severidade da condemnação seja applaudida, ainda por aquelles que mais se compadecem do condemnado.

A publicidade dos Juizos criminaes he tão antiga como os mesmos Juizos. Os Hebreos, os Gregos, os Romanos, os Francos, os Godos, os Saxonios, e todos os antigos povos administravão a Justiça criminal nas assembleas geraes da nação, ás portas das cidades, nas praças publicas, ou em templos e edificios igualmente publicos e patentes. E se exceptuarmos talvez uma ou outra d'essas vastas monarchias Asiaticas nas quaes parece que o despotismo teve desde os tempos mais remotos especial assento, debalde se buscará uma nação antiga em que a Justiça criminal fosse administrada no segredo, e no misterio. Parece que todos estavão convencidos, e com rasão, de que a condemnação do culpado, e a absolvição do innocente são negocios de um interesse tão geral que a ninguem devem ser encobertos.

O nosso Portugal seguio o exemplo de todos os povos que o tinhão precedido: a justiça era administrada á face de Deos e dos homens: e ainda no reinado do Senhor D. João II a quem chamárão «o Principe perfeito» achamos exemplos de causas criminaes da mais alta importancia processadas e tratadas perante El-Rei e o seu Conselho, em audiencia publica, e na presença das partes e dos seus advogados. Por que fatalidade se converterão depois as decisões da Justiça em misteriosos oraculos? As antiguidades Portuguezas jazem ainda pela maior parte na obscuridade dos Cartorios e Archivos, a que quasi ninguem chega: porem não nos sirva esta obscuridade de desculpa para commettermos a gravissima injustiça de attribuirmos a introducção do segredo nos processos e deliberados projectos de despotismo, ou a interessadas intenções dos Magistrados: não Senhores: este erro foi obra dos tempos, e não dos homens.

Nos principios da Monarchia a Justiça era administrada pelos Juizes ordinarios tirados d'entre os homens bons do Concelho ou pelos Condes, ricos homens, e Senhores de terras. Os primeiros, probos, e imparciaes, porem pouco instruidos, bastavão naquelles tempos, em que as Leis municipaes erão sufficientes para o governo dos povos rusticos, e grosseiros: porem apparecerão ignorantes em demasia logo que os progressos da civilisação fizerão necessarias leis geraes patrias, direitos subsidiarios de Castella, ou Leão, e finalmente a introducção dos Direitos Canonico e Romano com um processo todo escripto, e com o apparato judicial, que todos sabemos. Os Condes, ricos homens, e todos os Senhores de terras, que erão Senhores de baraço e cutello, olhávão pela maior parte, para as terras de seus Senhorios como outras tantas propriedades boas para serem desfructadas, e usando ou abusando da faculdade que quasi todos os foraes outorgavão de remir em dinheiro as penas afflictivas, davão e tiravão a vida aos criminosos, conservavão ou talhávão seus membros segundo o seu arbitrio; e uma doação forçada, talvez feita ao mesmo Senhor, e Juiz bastava a diluir a culpa, como escreveo um dos mais infatigaveis indagadores das nossas antiguidades.

A antiga ordem do Juizo criminal era incompativel com o novo estado, e com as novas precisões da Sociedade, e por essa razão a publicidade, que pertencia a mesma ordem de Juizo tinha cessado de ser protectora, e de ser apreciada como garantia segura da imparcialidade. Os Senhores Reis de Portugal começarão a remediar tantos e tão grandes males pela reserva feita em todas as doações do direito de Correição, e de alçada, e pelo estabelecimento das Casas da Supplicação, e do Civel, e pela creação dos Juizes de Fora nas terras principaes. Por estes tempos aconteceo a introducção do direito Romano, que foi geralmente recebido com um culto supersticioso: e pela ma intelligencia dada á lei 14 *de testibus* do Codigo Justinianeo, veio o segredo do processo a substituir a antiga publicidade. Todos sentirão a

urgencia de mudar a antiga ordem do Juizo, e ninguem attendeo as consequencias que se devião seguir de com ella se abandonar aquella circumstancia especial: antes parece que todos receberão com gosto uma innovação, que apartando os Juizos do tumulto das audiencias promettia mais socego na deliberação, e melhor acerto na sentença.

Na falta de subsidios historicos em que aqui nos achamos, não he possivel assignar com exactidão o tempo em que a publicidade do processo foi proscripta no nosso foro: he porem indubitavel que semelhante innovação se consummou no reinado do Senhor D. Sebastião, desse malfadado Principe que guiado por temerarios, ou perfidos Conselheiros foi sepultar nos campos de Alcaçarquivir o Monarcha e a Monarchia.

«Juizos secretos, são iniquidades publicas» disse com outros um dos primeiros dos Jurisconsultos Portuguezes, o grande Pascoal José de Mello. Esta sentença acha-se confirmada por tudo quanto no foro se tem passado até nossos dias. Com o segredo do processo multiplicarão-se os prejurios das testemunhas, facilitarão-se as fraudes juridicas: o culpado achou mil oportunidades para conseguir a desmerecida absolvição: e o innocente perdeo a melhor garantia, que o assegurava contra as más artes do inimigo, ou do calumniador. Aonde mais se tem patenteado os terriveis effeitos do processo secreto, he nessas accusações feitas pelo espirito do partido dominante, ou dirigidas pela errada e opressora politica de um governo violento. O accusado não tem meio algum de desarmar, ou de instruir a opinião dominante, que o persegue, e o julgador posto á discripção do Governo, que o influe, para ser justo vai perder todos os seus empregos, e ficar com sua mulher e filhos reduzido talvez á ultima miseria, sem ao menos ter a doce e consoladora esperança de ganhar a estima geral dos bons, que ignorando as circunstancias e as provas do facto, não podem fazer a devida justiça ao probo e corajoso Magistrado. Quantos assassinatos juridicos se não tem commettido nestes ultimos dois annos no nosso malfadado Portugal, que se terião poupado se os juizos fossem publicos!

Senhores: a publicidade do processo criminal he a melhor garantia da innocencia perseguida, o penhor mais certo da punição do culpado, e a salvaguarda mais poderosa para o Juiz recto e imparcial. Lamentemos a triste sorte de nossos irmãos e compatriotas, que ainda estão privados de tão grande bem: e dêmos mil graças, e louvores a quem he a causa de o nós gosarmos. Praza aos Ceos que assim vejamos em breve tempo realisadas todas as mais instituições que a Carta nos promette, e que á sombra do Legitimo Throno, donde emanárão, as possamos transmittir consolidadas e melhoradas ás gerações, que a póz de nós hão de vir.

E Nós, Senhores, e Collegas meus, o nosso dever está expressamente marcado no Decreto de trinta de junho passado: desempenhe-

mos este dever com todo o zêlo e boa vontade, de que somos capazes: concorramos quanto em nós cabe para o fausto estabelecimento d'esta salutar instituição, e quando nossos compatriotas abençoarem a publicidade do Juizo Criminal, nossos nomes irão associados com a lembrança do seu começo, n'esta leal e heroica Ilha. A sociedade interessa igualmente em que sejão punidos os culpados, e absolvidos os innocentes: sejamos imparciaes entre a accusação e a defeza, só assim podemos ser justos.

O Senhor Procurador Regio sabe muito bem, e os Senhores Advogados não ignorão, que não podem dizer, nem requerer cousa alguma contra a sua consciencia, ou contra as Leis do Reino. Escusado he lembrar-lhes, que se o conseguir a condemnação do innocente, ou a absolvição do culpado pode lisongear a reputação oratoria que dirigio a accusação, ou a defeza, esse misero triumpho só póde ser adquirido á custa da verdade, da justiça, e da boa moral. Permitta Deos, que nunca a nossa terra produza tão funestos talentos.

Senhores: aos Espectadores he prohibida toda a demonstração patente de approvação, ou de desapprovação. A situação do Réo merece toda a consideração: a testemunha não deve ser interrompida, nem perturbada em seu depoimento, e a dignidade do Juizo nunca deve ser menoscabada. Em acto tão solemne julgo desnecessario lembrar-vos o vosso dever, que a todos deve ser manifesto, e evidente.

—•—

**P. S.—Angra 22 d'agosto.**—Acábão de chegar á vista deste porto duas Fragatas Inglezas, uma das quaes (*Britton, Commd. Arthur*) firmando a sua Bandeira com um tiro de peça fez signal de querer communicar com a terra: immediatamente foi á falla o Official encarregado da vizita dos navios com o Vice-Consul Inglez e um pratico do porto, aos quaes declarou de viva voz o Commandante da Fragata, que vinha por ordem do seu Governo para cruzar em frente desta ilha a fim de proteger o commercio Inglez contra as piratarias dos bloqueadores que nestes ultimos tempos tem apresado muitas embarcações que não pertendião romper o bloqueio, e tem violado todas as leis recebidas do direito maritimo. Não houve mais communicação do que esta, a qual foi feita e recebida com a maior urbanidade.

(N.º 18, de 23 d'agosto de 1830.)

—•—

No dia 30 do mez de setembro proximo passado teve logar a queima de réis 1.000:800 papel moéda, no pateo da Alfandega d'esta Cidade, na fórma ordenada nos §§. 1. e 3. do Decreto de 16 de Junho de 1830; igual operação sobre igual quantia, que por esquecimento não foi publicada n'esta folha, teve logar da mesma maneira no dia 31 d'agosto proximo passado.

(Supplemento ao N.º 23.)

—*—

**PS.—Angra 17 de outubro.**—Depois de se achar na imprensa este numero, chegou no dia de hoje a este porto o Lugre *Santo Antonio* que saira do Rio de Janeiro no dia 12 de Agosto passado: e temos a satisfação de annunciar que se recebêrão noticias as mais agradaveis da saude tanto de S. M. a Senhora D. MARIA II. como de Seu Augusto Pai, e de toda a Familia Imperial. Esta embarcação, artilhada e carregada de generos, vem mandada por Antonio José Piedosa, João Bonifacio Alves da Silva, e João Manoel da Silva Campião, negociantes Portuguezes, que movidos por sentimentos de generoso patriotismo e lealdade, offerecem a embarcação e carga em donativo ao Governo de S. M. Fidelissima. Consagramos aqui este acontecimento na certeza de que todos os Portuguezes hão de appreciar, como he justo, hum acto tão meritorio.

Annuncião as cartas do Rio de Janeiro que o Conde de Ficalho devia partir para Inglaterra no dia 14 de Agosto com as respostas de S. M. I. aos despachos de que foi portador. E outro sim annuncião que ficavão á carga mais dois navios com destino para esta Ilha.

(N.º 24, de 21 d outubro de 1830.)

—*—

**Angra 6 de novembro.**—Hoje de tarde despontou do SE. um Cuter com bandeira ingleza, e chegando quasi dentro da nossa angra atravessou. O official que costuma tomar falla aos navios, se dirigio a seu bordo, onde se demorou algum tempo. Soube do Commandante, que o tratou com toda a urbanidade, que o navio he o *Bramble* Cúter de guerra inglez de 10 peças, com 15 dias de Plymouth. de donde sahira, com apenas duas horas de prevenção. Procura pelas fragatas inglezas aqui estacionadas, para as quaes traz officios. O commandante fez diversas perguntas sobre as mesmas fragatas, se se tinhão visto, onde se acharião, se tinhão communicado com a terra &c., ás quaes se satisfez segundo a verdade. Tencionava enviar um official a terra como enviou.

(N.º 26, de 11 de Novembro de 1830.)

## Demonstração do Rendimento da Alfandega d'Angra nos annos abaixo declarados.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1820 . . . . . . | 9:222.151 | 1825 . . . . . . | 3:067.092 |
| 1821 . . . . . . | 6:511.269 | 1826 . . . . . . | 7:658.379 |
| 1822 . . . . . . | 5:368.246 | 1827 . . . . . . | 6:439.837 |
| 1823 . . . . . . | 3:466.875 | 1828 . . . . . . | 6:736.637 |
| 1824 . . . . . . | 6:043 291 | 1829 . . . . . . | 5:270.509 |

1830 . . . (até outubro) . . 14:320,695.

(N.º 29. de 28 de Novembro de 1830.)

— ◆ —

Domingo passado, 12 do corrente. se procedêo em todas as parochias desta ilha. á eleição das Juntas creadas pelo decreto de 27 de novembro. Estamos informados, de que em toda a parte se fez a eleição com o maior socego, e zêlo: concorrendo grande numero d'eleitores.

Nós assistimos a algumas eleições: e tivemos a satisfação de presenciar. que as Mezas, decidirão com acerto e justiça. sobre pequenas duvidas que n'esse acto occorrêrão: e taes forão: 1. se poderião votar por procuração. os eleitores legitimamente impedidos de comparecerem? Decedio-se que sim: porque o decreto o não prohibe. nem parecia justo privar de votar, o individuo legitimamente impedido. de comparecer ao acto d'eleição. 2. se dous irmãos. poderião ser apurados membros da Junta? Decidio-se pela affirmativa: porque não se achava esta exclusão expressa no decreto. bem que o fosse na Ordennação. e mesmo porque os eleitores sendo livres na escolha dos membros. que hão de formar a Junta. devem nomear as pessoas em quem tem mais confiança.

Lembrâmos só aos Snrs. Escrutinadores. que para outra vez. á medida que forem recebendo os vótos. devem em voz alta hir declarando, o numero de vótos que tem a pessoa votada. para evitarem confuzão. e duvida.

Hoje tem de se proceder á eleição das Camaras municipaes electivas. organisadas pelo modo que ordena a Carta Constitucional: e na conformidade do decreto de 27 de novembro.

Se este decreto tivesse sahido em 1827. ter-nos hia poupado a vergonha, de ter visto as rebeldes Camaras municipaes de Portugal. contra a vontade da nação, pedirem. ao infame Regente. que se levantasse com o santo e com a esmóla.

Pergunta se: poderão ser eleitos vereadores. os membros das Juntas de paróchia?

Julgamos que sim; porque o decreto não os exclue: e o artigo 11, do decreto de 26, sobre as Juntas de paróchia, parece confirmar a nossa opinião. Deve porém a Junta de paróchia, da qual fôr nomeado vereador, algum membro, dar parte á Camara respectiva, para esta mandar proceder a nova eleição, para o logar vago, na fórma que dispõe o citado artigo.

(N.º 32, de 19 de dezembro de 1830.)

—*—

## ANGRA

## Eleição das Camaras Municipaes

*Presidente*—O Conselheiro Theotonio d'Ornellnas Bruges Avila.
*Fiscal*—Francisco de Menezes Lemos e Carvalho.
*Vereadores*—José Maria da Silva e Carvalho.
« —O Conselheiro Pedro Homem da Costa Noronha.
« —José Gonçalves Parreira.
« —José Monteiro de Castro.
« —Martinianno Evaristo Serpa.
*Secretario*—Manoel José Borges da Costa.

### PRAIA

*Presidente*—João Borges Pamplona.
*Fiscal*—João de Vasconcellos e Menezes.
*Vereadores*—Francisco Vieira Borba.
« —Matheus Coelho Diniz.
« —Luiz Gonzaga de Brito.
*Secretario*—José Francisco de Paula.

### S. SEBASTIÃO

*Presidente*—José Ferreira Drummond.
*Fiscal*—José da Rocha Borges.
*Vereador*—José Vieira de Mello.
*Secretario*—Francisco Ferreira Drummond.

(N.º 33, de 26 de dezembro de 1830.)

—*—

## Correspondencia

De S. Miguel tive cartas de 9 de novembro: tem estado assustadissimos, estas são as palavras de um amigo nosso. «Ha um mez a esta parte a nossa sorte tem pendido para a desgraça, e o nós termos até agora escapado, e eu poder escrever esta ao meu amigo, deve-se a uma causa occulta que desconhecemos, porque esteve pendente so-

bre nós uma anarchia promovida pela tropa, e no meio della tudo quanto se póde imaginar de preversidade!! Uma revolução promovida pelo corpo de 20, e artilheria estava traçada, na qual se devião prender as authoridades, e todos os constitucionaes, roubando a cidade por duas horas! esta noticia constou por vozes espalhadas por alguns sargentos e soldados no acto da sua embriaguez. O commandante da força, Silva Reis, coronel d'artilheria, era o general nomeado; o capitão d'artilharia, Barreira, ficava Governador, e assim outros monstros erão promovidos a outros cargos! Em caza do Padre Luiz Maria (hoje ouvidor, digno irmão de Nicolau Maria Raposo) se juntava acafila toda, apelidando já o tal Reis por general. A soldadesca em grupos gritava «morrão todos os malhados de S. Miguel e o seu protector» (alludindo ao Prego.) «Viva o nosso commandante da força armada e assim pozerão os habitantes em sustos fechados em caza, e deixandolhe a cidade livre! O dia 26 era marcado para os attentados, mas a Providencia nos salvou. Felizmente caçadores e a companhia de n. 1 se achavão rivaes dos corpos revolucionarios e por esta causa declararam publicamente os officiaes que em quanto os soldados lhe obedecessem se opporião ás perfidas intenções dos taes corpos. O Read foi protestar ao general pela segurança dos subditos inglezes, differentes particulares se dirigirão ás authoridades ponderando lhe o estado da cidade, e apezar da falta de energia do general, vio-se obrigado a proceder chamando Silva Reis, e impondo-lhe responsabilidade, e a todos os officiaes, isto junto á indisposição dos dous corpos afrouxou os revolucionarios, e passou-se o dia 25 só em bebedeiras; comtudo não deixou de haver uma victima, que foi o Guanito muzico, por beber á saude de João Soares de Noronha; foi remmettido, prezo e degradado para Santa Maria — Francisco Loureiro foi prezo a 3 deste mez e degradado para Santa Maria sem saber porque; Joze Leite por jantar com tres amigos e jogar o Boston, he acuzado de fazer clubs. Em fim dous homens que se juntem e rião são criminozos. O Padre Rosa do Fayal acha-se na enxovia preso a ferros com grilhão ao pé; isto por querer fugir.

Ora aqui tem o meu amigo e Snr. Redactor as noticias de S. Miguel e só lhe posso dizer (em conhecimento de causa) que se o dia 26 de outubro era o dia em que os rebeldes pertendião matar e saquear os constitucionaes em S. Miguel, era esse o mesmo dia o ultimo da sua existencia naquella ilha, se a tal se attrevessem. O bom espirito dos naturaes da ilha appareceria então acompanhado do odio e vingança contra os seus Direitos, Vidas, e Propriedades.

Angra 15 de dezembro de 1831.

Sou seu am. e leitor.

A.

(N.º 36, de 16 de janeiro de 1831.)

## Representação

Nobilissimo Senado.

Os membros da Junta de Parochia de Santa Luzia tornar-se-hão ingratos á confiança que souberão merecer aos seus comparochianos, senão fizessem todos os exforços que estivessem ao seu alcance, afim de evitar-lhes os males que tanto os molestão. Sendo pois talvez o primeiro mal que hoje os penaliza o estado oppressivo d'aboletamento fixo, e continuo, he para este objecto, que esta Junta com especialidade chama a attenção de V. S. certa de que não competindo a ninguem mais que a V. S. o pôr termo aos abusos até hoje nesta especie praticados, V. S. com aquelle zelo patriotico que tanto o destingue os finalizará: ainda quando para isso fôra preciso penetrar até o Throno.

Para se evitarem pois taes males he preciso que esta Junta lembre a V. S. que a Lei hospitaleira de 600, só concede aboletamentos por tres dias ás tropas que seguem marcha, e que não havendo nenhuma que estabeleça aboletamentos fixos, e permanentes (que tal he o estado actual) segue-se que todos os similhantemente exigidos são contra lei, e improcedentes. He preciso que V. S. ainda saiba que quando tivera lograr uma tal lei, isto he, quando em Portugal fossem indeterminados os aboletamentos, não o érão nesta cidade por ter um regulamento mui particular, e distincto em tal genero: por quanto ás tropas aqui estacionadas manda S. M. dar alojamentos, ou quarteis, para cujas rendas destinou positivamente o producto das grandes imposições: o que se vê das Provizões de vinte de junho de 1652, e de 22 de janeiro de 1656, ás quaes se sujeitarão de bom grado os habitantes desta Ilha, por ser este o menor mal: e exgir delles contribuição, e obrigados a receber aboletados he mais que oppressão, he tirania. Não hesite V. S. se estes alojamentos são só para praças de pret, porque comprehende tudo o que he tropa, o que evidentemente se conhece pelo espirito, e letra da Provizão de 23 de outubro de 1656: pela qual não só se declara que da renda das imposições se paguem os alugueres das casas occupadas por tropa, mas ainda, que em nenhuma outra cousa se gaste tal dinheiro, nas seguintes palavras dirigidas ao Desembargador Gaspar Pinto de Sousa, então Corregedor— «e que daqui em diante se não dispenda de tal renda cousa alguma, senão para as obras do Castello: pelo que vos mando que assim cumprais.»

Em presença do expendido fica mais que demonstrado, que he improcedente, e não toleravel o aboletamento nesta Cidade pelo proprio termo: o que compete á officialidade aqui existente são quarteis, ou casas de aluguer, que devem ser pagas pela Junta da Fazenda Publica, e pela Camara em proporção do que cada um destes cófres re-

cebe das imposições. Isto mesmo já se praticou em Lisboa, depois de promulgada a Carta Constitucional, com a divizão das tropas auxiliares inglezas do commando do General Clinton.

Haveria só este motivo unico de se poderem conservar aboletados os officiaes aqui existentes, senão fosse possivel terem casas para todos; porem eis aqui o que se vai demonstrar.

Nas 47 casas relacionadas por um calculo aproximado, e coherente com as commodidades de cada uma conhece-se poderem acommodar-se bem em todas 370 pessoas; ora existindo aboletados em 17 de fevereiro de 1830, 131 pessoas militares de differentes armas, e graduações, conforme a relação que pela repartição do Quartel Mestre General foi remettida á Camara na mesma data, e não tendo chegado d'então para cá embarcações com grandes porções de militares, o mais que poderão existir dentro da cidade são 200, que descontados de 370, que podem recolher-se nas differentes casas, restão ainda 170 logares, que podem mui bem servir para as escoltas de Voluntarios que costumão vir em differentes serviços, evitando-se assim o alarme que d'ordinario fazem para exigir quartel a toda a hora da noite, contra o sabio, e providente § 6, do art. 145 do tit. 8 da Carta Constitucional. O estarem distantes algumas cazas, não serve d'obstaculo porque nessas se podem acommodar os officiaes, que estão em deposito. Poderá dizer-se que nestas casas faltão utencilios, e camas e que por isso he inverificavel tal mudança; respondemos, que assim mesmo tem logar; por quanto os primeiros podem ser preparados no Trem Real, ainda com mais razão, do que o forão os berços para os expostos, e quanto ás camas ninguem tem obrigação de prestal-as, como sabiamente o demonstrou S. Ex.ª o Commandante das Forças existentes n'esta ilha em seu officio dirigido ao Coronel Commandante do Regimento de Infanteria n.º 18 estando este estacionado na villa de S. Sebastião. Em fim: esta Junta espera que V. S.ª tomará em consideração os ponderosos motivos allegados, e que o rezultado será verem-se livres d'uma tal oppressão os povos desta Ilha, sempre sofredores, sempre promptos ao Real Serviço. Esta Junta desde já rende a V. S.ª os devidos protestos de gratidão na esperança de tamanha graça. Deos Guarde a V. S.ª Junta Parochial de Santa Luzia d'Angra em sessão de 12 de janeiro de 1831. — Ill.$^{mo}$ Snr. Presidente Procurador fiscal, e Vereadores da Camara d'Angra. — *Nemezio Damazo da Costa e Silva* — Prezidente — *Caetano Francisco Pinheiro.* — *José Maria do Amaral.* — *Maximo José Pereira d'Azevedo.* — *Manoel José Pereira de Bettencourt.*

(N.º 38, de 13 de fereiro de 1831.)

(Fim dos extractos da *Chronica da Terceira.*)

—•—

## Mercê do Titulo de Visconde de Bruges, por Decreto de 8 de dezembro de 1832.

Tomando em consideração os Serviços relevantes prestados pelo Conselheiro Theotonio d'Ornellas Bruges Avila, á Causa da Rainha a Senhora D. Maria II, quando empenhou todos os seus esforços, e meios de sua propria fazenda, para que tivesse logar o nobre levantamento do memoravel dia vinte e dous de junho de mil oito centos vinte e oito na Ilha Terceira, a favor dos direitos da Mesma Augusta Senhora, e das Liberdades Patrias: havendo sido em virtude deste illustre feito restaurada, e triumphante naquella Ilha a Authoridade Legitima: subjugada, e destruida a rebellião, cujo crime foi depois espiado por muitas acções gloriosas de seus habitantes, e sendo o referido Conselheiro, hum dos Membros do legitimo Governo estabelecido na mesma Ilha, que affrontando todos os perigos, e vencendo difficuldades extremas se sustentou, e sustentou as esperanças da Patria nos peitos de seus leaes defensores: e sendo por escolha daquelles honrados habitantes, nomeado Presidente da Deputação que veio ao Continente pôr na Presença da Rainha Minha Augusta Filha, e em Minha propria, os votos, e os ardentes dezejos de todos elles, no que mostrou merecer-lhes confiança, e veneração: havendo dignamente cumprido os seus deveres nos Cargos que Fui Servido Conferir-lhe depois, e em cujo desempenho muito vai á prosperidade da sobredita Ilha: e querendo Eu mostrar o apreço em que tenho a sua pessoa, e tão distinctos Serviços: Hei por bem, em Nome da Rainha Conceder ao referido Conselheiro Theotonio d'Ornellas Bruges Avila, durante a sua vida, o Titulo de Visconde de Bruges, com a clausula expressa de fundar em qualquer logar do extenso terreno que possue na Ilha, sua Patria, huma Povoação de vinte e cinco moradores pelo menos, á qual dará o nome do seu Titulo, e este nome se conservará para perpetuar a memoria de taes serviços: e as habitações da mesma Povoação serão dadas a Soldados Invalidos, que pelas feridas recebidas nesta guerra contra o Usurpador do Throno Portuguez, se tenhão tornado incapazes de continuar no Serviço da Rainha, e da Nação.

O ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, o tenha assim entendido e o faça executar com os Despachos necessarios. Paço no Porto, em oito de Dezembro de mil oito centos e trinta e dous.

D. PEDRO, *Duque de Bragança.*

*Bernardo de Sá Nogueira.*

Está conforme.—Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, em nove de Dezembro de mil oito centos trinta e dous.—*Miguel Ferreira da Costa.*

## Mercê do Titulo de Barão de Noronha, por Decreto de 8 de dezembro de 1832.

Attendendo aos relevantes serviços prestados pelo Conselheiro Pedro Homem da Costa Noronha á Causa da Rainha a Senhora D. Maria II., quando concorreo com todos os meios que pôde para o nobre levantamento do memoravel dia vinte e dous de Junho de mil oitocentos vinte e oito, na Ilha Terceira, a favor dos legitimos Direitos da Mesma Augusta Senhora, e contra a facção do Usurpador do Seu Throno, então debellada e para sempre destruida, e havendo depois sido um dos membros do Governo legitimo, que regeu por muito tempo na Ilha, affrontando perigos, e vencendo innumeraveis difficuldades para conservar uma Patria aos Portuguezes fieis, aos defensores da Rainha, da Carta e honra nacional: e querendo Eu dar-lhe uma prova da estima em que tenho sua pessoa, e tão distinctos serviços: Hei por bem, em Nome da Rainha, Conceder ao referido Conselheiro Pedro Homem da Costa Noronha, durante a sua vida, o Titulo de Barão de Noronha: com a clausula expressa de fundar em qualquer logar do extenso terreno que possue na Ilha Terceira, sua Patria, uma povoação de vinte e cinco moradores, pelo menos, á qual dará o nome do seu titulo. E este nome se conservará para perpetuar a memoria de taes serviços e as habitações da mesma povoação serão dadas a Soldados invalidos, que pelas feridas recebidas nesta guerra contra o Usurpador do Throno Portuguez se tenhão tornado incapazes de continuar no serviço da Rainha, e da Nação.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido, e o faça executar com os despachos necessarios. Paço no Porto, em oito de Dezembro de mil oito centos trinta e dous. D. PEDRO, *Duque de Bragança.*

*Bernardo de Sá Nogueira.*

Está conforme.— Secretaria de Estado dos Negocios do Reino 10 de Dezembro de 1832.—*Miguel Ferreira da Costa.*

(Extractos da *Chronica dos Açores*, N.° 22, de 9 de junho de 1833.)

—·◆·—

## Officio do Ministerio do Reino para o Prefeito dos Açores de 3 d'outubro de 1832.

Ministerio do Reino.—Segunda Via.—Ill.^mo e Ex.^mo Sr.—Respondo ao Officio de V. Ex.^a em data de 18 do corrente (N.° 2)

S. M. I. não acha sufficientes as rasões, que V. Ex.^a allega para ser desonerado do emprego de Prefeito dessa Provincia, e espéra do seu zêlo pela Causa, que defendemos, continuará a exforçar-se por

preencher o difficil encargo, que Houve por bem incumbir-lhe.—Deos Guarde a V. Ex.ª Paço no Porto 3 de Outubro de 1832.—*Marquez de Palmella.*—Snr. Francisco Saraiva da Costa Refoios.

Está conforme. Secretaria Geral da Prefeitura em Angra 12 d'Agosto de 1833.—*Nicolau Anastacio de Bittencourt.*—Secretario Geral.

—*—

## Officio do Ministro do Reino para o Prefeito dos Açores de 2 de janeiro de 1833.

Ministerio do Reino.—Numero um.—Fiz presente a Sua Magestade Imperial, O Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, o requerimento (acompanhado do seu Officio numero sessenta e cinco) em que V. Ex.ª allegando falta de saude, pede ser exonerado do cargo de Prefeito da Provincia dos Açores.

Sua Magestade Imperial Sente que um similhante motivo obrigasse a V. Ex.ª a pedir a sua exoneração daquelle Cargo: e Sente-o tanto mais, quanto as imperiosas circumstancias o Obrigão a não annuir aos seus desejos: porém fica certo, que lembrando-se V. Ex.ª do que a Patria requer de seus honrados filhos, de bom grado lhe sacrificará o que tem de mais precioso.—O que de Ordem do Mesmo Augusto Senhor, communico a V. Ex.ª em decisão do seu requerimento.—Deos Guarde a V. Ex.ª. Paço no Porto dous de Janeiro de mil oito centos trinta e trez.—*Bernardo de Sá.*—Snr. Francisco Saraiva da Costa Refoios.—Está conforme. Secretaria Geral da Prefeitura em Angra, 12 d'Agosto de 1833.—*Nicoláo Anastacio de Bittencourt.* Secretario Geral.

—*—

## Art. 10 do Decreto n.º 64, de 28 de junho de 1833.

Art. 10. O Archipelago dos Açores ficará dividido em duas Provincias: uma Oriental e outra Occidental.

§ 1. A Provincia Oriental dos Açores será composta das Ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, e terá por Capital a Cidade de Ponta Delgada: a Provincia Occidental dos Açores será composta das mais Ilhas Açorianas, e terá por Capital a Cidade de Angra.

§ 2. Estas duas Provincias formarão um Districto judicial, cuja séde será na Cidade de Ponta Delgada; e formarão, outro sim, um Bispado e uma Divisão militar, cuja séde será na cidade de Angra: ficando por este modo alterados e explicados os paragrafos 1, 2 e 5 do Decreto n.º 28 de 4 de Junho de 1832, cujas disposições continuarão, a todos os outros respeitos, em seu inteiro vigor.

## Nomeação do Prefeito e Conselheiros da Provincia Oriental dos Açores: 1 de julho de 1833.

Por Decreto do 1.º d'Abril ultimo S. M. I. o *Duque de Bragança* Regente em Nome da Rainha, houve por bem Nomear Sub-Perfeito da Comarca de Ponta Delgada, o Bacharel Felix Pereira de Magalhães.

Logo que este recebeu o Decreto da sua nomeação participou ao Governo de S. M. I. e ao Exm.º Prefeito da Provincia que motivos mui ponderosos o obrigavão a não acceitar tão honrosa como lisongeira Mercê.

S. M. I. Houve por bem Determinar por Decreto do 1.º de Julho ultimo que ficasse sem effeito o Decreto do 1.º d'Abril.

Por Carta Regia da mesma data foi nomeado Prefeito da Provincia Oriental dos Açores, o Conselheiro José Antonio Ferreira de Moura. — Secretario Geral, Francisco Ferreira de Carvalho. — Conselheiros da Prefeitura, Jacinto Ignacio Rodrigues Silveira. — Jose Ignacio Machado Faria e Maia. — e João Bernardo de Medeiros.

Por Decreto de 4 de Julho foi nomeado Conselheiro da Prefeitura na Provincia Occidental dos Açores, Francisco de Menezes Lemos e Carvalho.

## Decreto de 3 de julho de 1833, que determina o curso das patacas nos Açores

*Numero sessenta e seis* — Sendo uma grande parte da moeda, que gira nas Ilhas dos Açores as patacas, meias patacas, serrilhas, meias serrilhas, e quartos Hespanhoes, que até agora se tem considerado como genero, não tendo por isso valor marcado por Lei para correr nas transacções tanto do Estado, como dos particulares, variando o seu preço conforme a escassez, ou abundancia de tal dinheiro; e Annuindo Eu á representação que á Minha Imperial Presença fizerão chegar as Camaras de São Miguel pelo seu Procurador João Antonio Garcia d'Abranches, expondo os males que se tem seguido ao Commercio, e aos Povos da falta d'uma deliberação que pondo em harmonia, o pêso, e valôr nacional das ditas moêdas lhe dê curso legal: Hei por bem em Nome da Rainha, Ordenar, que nas Ilhas dos Açores correrão em todas as transacções, e pagamentos tanto do Thesouro, como dos particulares as moedas Hespanholas; a saber: As patacas columnarias e não columnarias terão o valor, e correrão por mil e duzentos reis, as meias patacas por seis centos réis, as serrilhas columnarias por duzentos e cincoenta réis; e as não columnarias por duzentos e quarenta reis; e os quartos por sessenta réis, ficando incluidas nesta disposição as moêdas

Brazileiras de trez patacas, que correrão por mil e duzentos réis: tendo as ditas moedas curso legal nas mesmas Ilhas, e incorrendo aquelles que as regeitarem, nas penas impostas pelas Leis aos que recusão as moèdas da Rainha.

O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, assim o tenha entendido, e faça expedir as Ordens necessarias para a sua execução. Paço no Porto dous de Julho de mil oitocentos trinta e tres. D. PEDRO. *Duque de Bragança.—Jose da Silva Carvalho.*—Está conforme o Original. Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda no Porto tres de Julho de mil oitocentos trinta e tres. *Cazimiro Maria Varella.*—Está conforme.—*José Balbino de Barboza Araujo.*

Este decreto refere-se ás representações publicadas no Vol. VI. pag. 145-146 d'este *Archivo.*



## Decreto de 4 de julho de 1833, sobre os poderes do Prefeito da Provincia dos Açores.

Tendo cessado os motivos que Me moverão a revestir provisoriamente, de poderes extraordinarios, por Decreto de seis de Dezembro do anno proximo passado, ao Prefeito da Provincia dos Açores, Francisco Saraiva da Costa Refoios, reunindo na sua pessoa, além de toda a authoridade civil, tambem a authoridade geral militar: Hei por bem, em Nome da Rainha, retirar aquelles poderes, e declarar sem effeito o referido Decreto, para que a Administração publica nas Provincias dos Açores, se regule pela Legislação que a regia antes da publicação do mesmo Decreto. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio do Porto em quatro de Julho de mil oitocentos trinta e tres.—D. PEDRO. *Duque de Bragança.—Candido José Xavier.*—Está Conforme.—*José Balbino de Barbosa e Araujo.*



## Portaria de 15 de julho de 1833: exoneração do Prefeito Francisco Saraiva da Costa Refoios.

Francisco Saraiva da Costa Refoios, Brigadeiro do Exercito de Sua Magestade Fidelissima: Eu o *Duque de Bragança*, Regente em Nome da *Rainha*, vos Envio muito saudar: Tendo pelo Decreto de 28 de Junho proximo passado dividido o Archipelago dos Açores em duas Provincias uma Oriental, e outra Occidental: Pareceu-me conveniente exonerar-vos do cargo de Prefeito, *que mui lealmente tendes exercido*, e para que vos havia nomeado pela minha Carta de 4 de Junho do anno passado, quando todas as Ilhas dos Açores formavão uma só

Provincia. Assim o tereis intendido, e executareis. Escripta no Palacio do Porto, em quinze de Julho de mil oitocentos e trinta e tres.— D. PEDRO, *Duque de Bragança.*—Para Francisco Saraiva da Costa Refoios, Brigadeiro do Exercito de Sua Magestade Fidelissima.

—•—

## Portaria de 15 de julho de 1833: nomeação do Prefeito Luiz Pinto de Mendonça Arraes.

Luiz Pinto de Mendonça Arraes, Brigadeiro graduado do Exercito de Sua Magestade Fidelissima: Eu o *Duque de Bragança*, Regente em Nome da *Rainha*, vos Envio muito saudar. Tendo consideração ao vosso merecimento, e lealdade, e á prudencia, e acerto, com que desempenhais sempre as incumbencias do Real Serviço, que vos são commettidas: Hei por bem, Nomear-vos Prefeito da Provincia Occidental dos Açores, ordenando-vos de ir tomar immediatamente posse, e entrar no exercicio do referido cargo, com o qual vencereis o ordenado annual de dous contos de réis: O que me pareceo participar-vos para vossa intelligencia, e devida execução. Escripta no Palacio do Porto, em quinze de Julho de mil oitocentos e trinta e tres.—D. PEDRO, *Duque de Bragança*,—*Candido José Xavier.*—Para Luiz Pinto de Mendonça Arraes, Brigadeiro graduado do Exercito de Sua Magestade Fidelissima.

Tomou posse no dia 22 d'agosto do mesmo anno o Illm.º e Exm.º Snr. Luiz Pinto de Mendonça Arraes da Prefeitura.

—•—

## Portaria de 26 de julho de 1833: nomeação do Governador militar Martinho José Dias Azêdo

Martinho José Dias Azedo, Brigadeiro Graduado dos Reaes Exercitos: Eu o *Duque de Bragança*, Regente em nome da Rainha, vos envio muito saudar. Tomando em consideração o vosso prestimo e bons serviços, e tendo sido informado da prudencia, zelo, e moderação com que sempre tendes desempenhado os differentes empregos militares que vos tem sido confiados; por todos estes motivos: Hei por bem, em Nome da Rainha, nomear vos Governador da Divisão militar dos Açores, onde exercereis a authoridade que na parte puramente militar vos he conferida pelas Leis, ficando nesta qualidade debaixo do vosso commando todas as forças estacionadas nas Ilhas d'aquelle Archipelago, devendo logo occupar vos da organisação dos Batalhões Nacionaes, na conformidade dos Decretos da sua creação, propondo-Me pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra as modificações que julgardes adquadas ás diversas circumstancias e localidades. O que

tudo me pareceo communicarvos para vossa intelligencia e devida execução. Escripta no Palacio do Porto, aos 26 dias do mez de Julho de 1833.— D. PEDRO, *Duque de Bragança.—Agostinho José Freire.*

Tomou posse no dia 22 d'agosto do mesmo anno o Illm.º e Exm.º Snr. Martino José Dias Azedo do Commando da Divisão Militar.

—•—

## Alvará elevando á cathegoria de Cidade a Villa da Horta: 4 de julho de 1833.

Eu o *Duque de Bragança*, Regente em Nome da Rainha: Faço saber aos que este Meu Alvará virem: que considerando a situação natural, povoação, e circunstancias, que concorrem na Villa da Horta, Ilha do Fayal, e nos seus habitantes, que tem prestado efficazes, e importantes serviços á Causa da legitimidade, patenteando em todas as circunstancias a mais decidida adhesão á sagrada Pessoa da Senhora D. MARIA II., Minha Augusta filha, e ás Instituições que Eu mesmo, quando Rei destes Reinos lhes outorguei; e folgando pelos ditos respeitos, e por outros que na Minha presença expoz o Doutor Antonio José d'Avila, Sub-Prefeito interino da Comarca, na qualidade de Provedor do Concelho daquella Villa, e que inclinárão a Minha benignidade a lhes fazer honra, e mercê; Hei por bem, e Me praz que a dita Villa da Horta do dia da publicação deste em diante fique erecta em Cidade, e que tal seja denominada, e haja todos os privilegios, e liberdades que devem gozar, e gozão as outras Cidades destes Reinos, concorrendo com ellas em todos os actos publicos, e uzando os seus Cidadãos de todas as distincções, e preeminencias de que usão os das outras, sem differença alguma. Pelo que Mando a todos os Tribunaes, Authoridades, Officiaes, e pessoas, a quem o conhecimento deste Alvará pertencer, o cumprão como nelle se contém, e hajão daqui em diante a sobredita Villa da Horta por Cidade, e assim a nomeem, e lhe guardem, e a seus Cidadãos, e moradores della todos os privilegios, franquezas, e liberdades, que tem, e de que gozão as outras Cidades, e seus moradores, sem irem contra elles em parte, ou em todo, por que assim he Minha Mercê: E mando que este Meu Alvará se cumpra, e guarde inteiramente sem duvida, ou embargo algum: e por firmeza do que dito he, Ordeno que pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino se lhe passe Carta em dous differentes exemplares que serão por Mim assignados, e sellados com o sello pendente das Armas Reaes; a saber, um delles para se guardar no Archivo da mesma Cidade para seu Titulo, e o outro para se remetter á Torre do Tombo. Dado no Palacio do Porto, em 4 de Julho de 1833.—D. PEDRO, *Duque de Bragança —Candido José Xavier.*

## Filicitação a S. M. I. pelo Dr. Antonio José d'Avila.

O Dr. Antonio José d'Avila, Provedor da Comarca da Horta, sendo admittido á presença de S. M. I., lhe dirigio a seguinte felicitação.

Senhor! — O Alvará de 4 de Julho de 1833, pelo qual V. M. I. houve por bem elevar a Villa da Horta na Ilha do Fayal, á cathegoria de Cidade, ficará para sempre gravado com caracteres indeleveis nos corações daquelles leaes habitantes, como uma nova prova do alto apreço em que V. M. I. se digna avaliar a sua decidida devoção á causa da nossa Augusta Rainha, e da Carta Constitucional. Se tive a honra de sollicitar de V. M. I. tão grande merce, cumpro hoje o dever de depôr aos pés de V. M. I. em nome dos habitantes da Cidade da Horta, o tributo da sua eterna gratidão por tão assignalado motivo; e posso affiançar a V. M. I., que este rasgo proprio da Imperial Munificencia, que a V. M. I. tão brilhantemente caracterisa, arreigará ainda mais, se he possivel, naquelles briosos Insulanos, os puros sentimentos, que os animão pelo systema sagrado das liberdades da Patria, e de reconhecimento para com V. M. I., a quem approuve á Providencia confiar os nossos destinos para alevantar a Nação do profundo abysmo, em que a usurpação a despenhou, e assentar em duradouras bases o edificio da sua prosperidade.

Digne-se pois V. M. I. acceitar com a Sua costumada benevolencia esta sincera homenagem da gratidão, e respeito, que a V. M. I. consagrão aquelles habitantes, bem como suas cordeaes felicitações pelos pasmosos successos, que acabão de coroar as armas da Fidelidade, engrinaldando a Augusta frente de V. M. I. com os immarcessiveis louros da victoria sobre o mar, e sobre a terra.

(N.º 43, de 3 de novembro de 1833.

(Fim dos extractos da *Chronica dos Açores*.

## Officio do Ministerio do Reino sobre os correios maritimos nos Açores: 25 de janeiro de 1834.

Ministerio do Reino. — N.º 33. — Levando á Presença de S. M. I. o Duque de Bragança Regente em Nome da Rainha, a Representação N.º 50, que, por esta Secretaria d'Estado, dirigio com data de 23 do passado o Prefeito da Provincia Occidental dos Açores, expondo a necessidade de se renovar o estabelecimento dos Correios Maritimos: Foi o Mesmo Augusto Senhor servido attender benignamente aquella Representação, e Ordenar a promptificação de dous Hiates, que fação o serviço de Correios Maritimos entre as Ilhas dos Açores, e esta Capital, d'onde hão de partir todos os quinze dias, permittindo-o o tempo.

devendo o primeiro sahir para aquelle destino no dia 1.º do proximo mez de Fevereiro: O que S. M. I. Manda participar ao referido Prefeito, para sua devida intelligencia. Palacio das Necessidades em 25 de Janeiro de 1834.—*Joaquim Antonio d'Aguiar.*

(Extractos da *Chronica Constitucional d'Angra*, N.º 8, de 19 de fevereiro de 1834.)

A *Chronica Constitucional d'Angra* começou a publicar-se em Angra em 5 de janeiro de 1834, na Imprensa da Prefeitura, e terminou o 1.º anno no n.º 55 de 28 de dezembro, para continuar com nova numeração no 2.º: o n.º 24 e ultimo, sahio em 11 de junho de 1835. Semanal de formato pequeno, 4 pag. a duas columnas. Na primeira pagina tinha a mesma gravura da *Chronica dos Açores*, com o escudo das armas portuguezas.

Como as anteriores *Chronicas*, quasi não continha senão actos officiaes, noticias estrangeiras e alguns poucos annuncios.

A *Chronica dos Açores*, cujos extractos terminaram na pagina anterior, era semanal de pequeno formato, com duas columnas em cada pagina. Sahio o n.º 1 no domingo 6 de janeiro de 1833 e terminou com o n.º 51 no domingo 29 de dezembro seguinte. Angra Imprensa da Prefeitura 1833.

No alto da primeira pagina tinha o escudo das armas portuguezas de forma eliptica.

—*—

## Felicitação a D. Maria 2.ª pela Camara d'Angra: 1834.

João de Carvalhal da Silveira, e Antonio Cabral de Sá Nogueira, Deputados pela Camara d'Angra para felicitarem a S. Magestade Fidelissima pela feliz chegada da Mesma Augusta Senhora á Capital destes Reinos, tiverão hoje pelas 11 horas da manhã a honra d'apresentar a Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, a felicitação seguinte: (*)

Senhora:—A Camara da muito nobre e sempre leal Cidade d'Angra, nos encarrega de congratularmos a Vossa Magestade por haver o Todo Poderoso permittido que Vossa Magestade chegasse felizmente á Capital da Monarchia.

Durante o tempo em que até a esperança já estava morta em todos os corações, menos nos d'aquelle punhado de valentes, que n'aquella leal Cidade se acolhêrão, e nos corações dos sempre fieis Angrenses, que com elles se unirão durante esse tempo de severa provança e difficil virtude, os Angrenses, Senhora, permanecêrão sempre firmes, nem julgárão possivel continuar a ser Portuguezes, sem con-

(*) Não diz o dia em que houve a felicitação, mas deve ter sido em janeiro de 1834.

tinuar tambem a manter o juramento que a Vossa Magestade havião dado e a Constituição da Monarchia.

Sós, e desamparados de todo o mundo, elles nunca perderão a confiança no Ceo: para sua justiça appellárão da injustiça dos homens. Esta eterna justiça, que não costuma faltar, tambem lhes não faltou.

A Legitimidade e a Liberdade, por toda a parte perseguidas achárão hum asylo no meio do Atlantico, e dalli derão aos Reis e aos Povos hum documento que jámais esquecerá, huma lição que não hade ser perdida.

Forão estes dous grandes e salutares principios que á frente desses poucos valentes e fieis conduzirão á libertação do resto dos Açóres a mocidade da Ilha Terceira, por entre os perigos do mais arrojado commettimento que a historia recorda: forão elles que firmados no coração e na espada do Augusto Pai de Vossa Magestade, nosso Libertador e nosso Regente, vierão em fim, guiando a mocidade Açoriana toda, até ás margens para sempre gloriosas do Douro, e de lá até expulsar a usurpação do proprio Throno, e da opprimida Capital.

Vaidosos de tantos triumphos, e de tanta gloria, em que lhes permittiu a Providencia de tomarem tamanho quinhão: os leaes habitantes da Cidade de Angra, da Ilha Terceira, nos mandão pelo orgão de sua Camara Municipal, que juntemos a esta felicitação os reiterados protestos de sua inabalavel e provada fidelidade á Sagrada Pessoa de Vossa Magestade, á de seu Augusto Pai, nosso Libertador e Regente, e ás Livres Instituições da Monarchia por Elle outorgadas e restauradas.

Beija a mão de Vossa Magestade a Camara d'Angra por seus Procuradores.—João do Carvalhal da Silveira.—Antonio Cabral de Sa Nogueira.

## Resposta de D. Pedro 4.º.

Sua Magestade Imperial respondeu.

«Agradeço em Nome da Rainha, á Camara da muito nobre, e sempre leal Cidade d'Angra, a felicitação, que lhe dirige, e juntamente os reiterados protestos da sua inabalavel e provada fidelidade. Os grandes serviços, e sacrificios que a Ilha Terceira em particular, e o Archipelago dos Açores em geral tem feito pela Sua Pessoa, e pela Carta não podem deixar de merecer-lhe a todo o tempo a maior consideração. Eu espero, que a Rainha educada como vai, nos verdadeiros principios Constitucionaes, saberá dignamente corresponder aos desejos de seus fieis subditos, e que trilhando inabalavel a vereda Constitucional, fará, mediante o auxilio da Divina Providencia, a felicidade da Nação Portugueza.»

(N.º 9, de 23 de fevereiro de 1834.)

## Avisos do Ministerio da Guerra.

Ministerio da Guerra.—Terceira Repartição.—Terceira Secção.—Tendo sido presente a S. M. I. o *Duque de Bragança* Regente em Nome da Rainha o incluso Requerimento de Antonio Feleciano do Rego Calisto, Major que foi do extincto Regimento de Milicias da Cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel. que se acha cumprindo dous annos de degredo na Ilha de Santa Maria, pedindo ser restituido á sua casa e familia, apenas finde o tempo do seu degredo: Determina que tanto a respeito deste como dos mais presos em identidade de circumstancias, quando não hajão novas imputações contra elles, sejão postos em liberdade no termo do seu exilio. Deos Guarde a V. S.ª.—Paço do Ramalhão em o primeiro de Maio de 1834.—*Agostinho José Freire.* —*Snr. Martinho José Dias Azedo.*

Ministerio da Guerra.—Terceira Repartição.—Terceira Secção.—Tendo sido presente a S. M. I. o *Duque de Bragança* Regente em Nome da Rainha. o incluso Requerimento de André Manoel Alvares Cabral, Coronel que foi do extincto Regimento de Milicias da Cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel que se acha cumprindo dous annos de degredo na Ilha de St.ª Maria, pedindo ser restituido á sua caza, e familia apenas finde o tempo do seu degredo: Determina que tanto a respeito deste como dos demais presos em identidade de circumstancias, quando não hajão novas imputações contra elles, sejão postos em liberdade no termo do seu exilio. Deos Guarde a V. S.ª—Paço do Ramalhão em o primeiro de Maio de 1834.—*Agostinho José Freire.—Snr. Martinho José Dias Azedo.*

(N.º 23, de 29 de maio de 1834.)

---

## Officio do Commandante Militar em S. Miguel ao Governador Militar dos Açores: 1834.

Numero duzentos e doze.—Illm.º e Exm.º Sr.

—Tenho a honra de participar a V. Ex.ª que tem continuado nesta Ilha o socego Publico, e bom espirito pelo Legitimo Governo de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria II., havendo-se recebido com satisfação a noticia da continuação da Regencia na Pessoa de S. M. I., o Senhor D. Pedro. em dez do corrente: em cujo dia, e por tal motivo, se fez huma Salva d'Artilheria, e tanto neste dia, como nos dous seguintes, se illuminou a Cidade. Deus guarde a V. Ex.ª Ponta Delgada 15 de Setembro de 1834.—Illm.º e Exm.º Sr. Martinho José Dias Azedo, Brigadeiro General, e Governador da Divisão Militar dos A-

çôres. — *Joaquim Guilherme da Costa*, Tenente Coronel Commandante Militar Interino da Ilha de S. Miguel. (*) — Está conforme. Quartel General em Angra 22 de Setembro de 1834. — *Manoel Joaquim da Silva*, Capitão Ajudante d'Ordens.

(N.º 42, de 28 de Setembro de 1834.)

— • —

# CAMARA DOS DEPUTADOS

*Sessão 69 de 10 de dezembro de 1834*

## Proposta dos Deputados Açorianos

O Snr. A. J. d'Avilla obteve a palavra para fazer as seguintes indicações.

Snrs. Entre as possessões da Monarchia Portugueza, uma das que promette elevar-se a um alto ponto de prosperidade, e offerecer immensas vantagens à Metropole, é sem contradicção o Archipelago dos Açores. Collocadas as Ilhas, que o constituem na melhor posição entre a Europa, a Africa, e a America, offerecendo excellentes localidades para a formação de portos, que abriguem um numero consideravel de vasos, dotado o seu solo da maior fertilidade, possuindo seus habitantes aquella penetração, aquella ousadia, que fazem conceber e executar as grandes acções, não admitte a menor replica, que a Agricultura, a Industria, e o Commercio podem de mãos dadas accumular naquelle Archipelago um numero incalculavel de riquezas, e fazel-o comparativamente um dos Paizes mais felizes do globo.

E todavia a pezar da reunião de tão grandes vantagens, os Açores por falta de arte, por falta de Leis providentes, jazem hoje no mais lastimoso atrazo: sua industria póde-se dizer nulla; e sua Agricultura, e Commercio, limitados aos productos, cujo cultivo lhes é permittido, tem até consideravelmente retrogradado por diversas circumstancias, de que uma das principaes tem sido a notavel escacez, que ha grande numero de annos se experimenta do mais precioso destes mesmos productos: podendo aquellas Ilhas alimentar um milhão de habitantes, apenas offerecerão um acanhado emprego a duzentas mil almas: e centenares de familias emigram todos os annos para longiquas terras demandando uma nova Patria, que lhes offerte os meios de subsistencia, que o seu malfadado Paiz é obrigado a negar-lhes.

Innumeraveis factos podera eu apontar, que plenamente comprovariam a exactidão do quadro, que tenho traçado, distinguirei todavia um só para o offerecer à sabedoria dos Representantes da Nação, mas esse de maior importancia nas circumstancias presentes, e vem a ser

(*) Foi exonerado d'este commando em ordem do dia de 14 de outubro de 1834.

o da diminuição immensa, que a estagnação de todas as fontes de riqueza individual tem produzido nas rendas publicas: os Açôres, que já fizeram face a uma grande despeza, e poderão ainda remetter para a Metropole avultadas sobras, hoje não só não podem amortizar a tenue somma de oitenta contos de reis de moeda de bronze, que circulam na Ilha Terceira, e se vem obrigados a sollicitar por meio de seus Representantes auxilios da Capital, porém nem ao menos podem supportar a sua actual, e bem diminuta despeza. Na provincia Occidental todos os Funccionarios estão reduzidos a tennes prestações, que nem mesmo em dia se lhes podem satisfazer: e a situação dos empregados, e Pensionistas, que só vivem do Thesouro, é tão deploravel quanto se pode imaginar.

Neste estado de cousas não ha meio termo: ou hade o Governo remetter para aquellas Ilhas o dinheiro necessario para adimplir os ordenados aos Funccionarios, e Pensionistas, os quaes não permittem as regras immutaveis da Justiça que sejam votados ao mais completo abandono: ou cumprirá remover todos os estôrvos, que paralizam o engrandecimento de que aquellas Ilhas são susceptiveis, habilitando-os assim não só a fazerem face ás suas despezas, porem ainda a offerecerem á Metropole avultadas sommas, que lhe minorem os seus actuaes encargos, e possam ajudar a que se preencha o *deficit* sem que os Povos sejam gravados com novos impostos.

Este segundo arbitrio, mais digno de um povo livre, e unico em harmonia com as luzes do seculo, e com as necessidades do nosso Portugal, tão defecado pelos crimes da usurpação, e os horrores da guerra civil, é o que eu venho hoje sollicitar dos Representantes da Nação, é o que eu espero tanto mais da sua sabedoria, do seu patriotismo, do seu incansavel disvelo pela prosperidade publica, quanto que a livre cultura do Tabaco nos Açôres, para cuja proposta requeri ser inscripto na Sessão de 17 de Novembro, e que constitue a primeira das tres medidas legislativas, que em beneficio daquellas Ilhas tenho a honra de propor, tanto é d'uma justiça e utilidade reconhecida, que vai ser igualmente objecto d'uma indicação especial na Camara Hereditaria, como informou um Digno Par na Sessão de 4 do corrente.

Nem cançarei a attenção da Camara com a minuda ennumeração das vantagens immensas, que resultam da adopção destas mesmas medidas, porque são da primeira intuição: removerei só alguns inconvenientes, que parecem derivar-se da destruição que sollicito, do monopolio do Tabaco naquelle Archipelago, e das indemnisações a que terão rigoroso direito os Contractadores, ou para melhor dizer da perda respectiva desta renda, que tem de soffrer o Estado.

1.° Brotando espontanea, e da melhor qualidade, em todos os pontos dos Açôres a planta do Tabaco, sua cultura promette elevar-se rapidamente a um tão alto ponto de prosperidade, que antes de muito ha de ser este ramo o principal do Commercio daquellas Ilhas: ás im-

portantes exportações hão de pois seguir-se preciosas importações: e só nestes direitos receberá o Estado quantias muito mais consideraveis do que as que póde receber da continuação daquelle contracto.

2.º As sommas immensas que Portugal exporta todos os annos para differentes partes do Globo em troco do Tabaco, e que vão animar estranhas industrias, ficarão daqui em diante n'uma possessão sua, e enriquecerão uma parte da sua propria familia.

3.º Os fundos dos Conventos supprimidos das Ilhas dos Açôres, sendo vendidos convenientemente, podem produzir um capital, que exceda a dous milhões em moeda forte: pelo Decreto de 17 de Maio de 1832 foram seus rendimentos applicados, depois de pagas as pensões dos Religiosos e Religiosas, para a abertura dos portos das Ilhas do Fayal Terceira e S. Miguel: com a venda porém daquelles fundos, que devem necessariamente seguir a regra geral no Reino, fica o Estado do sobejo indemnisado da perda que vai soffrer nos primeiros cinco annos, com a extinção do Contracto do Tabaco nos Açôres: digo nos primeiros cinco annos, porque são estes os unicos, em que julgo que para se animar este ramo de Commercio devem ser as importações do Tabaco daquellas Ilhas livres de direitos: nos seguintes não só não perderá o Estado, porém ainda lucrará consideravelmente assim com os direitos das exportações, como com os das importações: porque se estas tem diminuido muito e muito naquelles paizes depende este facto não do aperfeiçoamento da propria industria, não do adiantamento do commercio interno mas sim da penuria geral, que obsta á acquisição dos productos alheios.

Estas considerações offerecem ainda novos fundamentos, em que poderosamente se estribe a justiça da minha pretenção: por quanto plenamente demonstram, que para que os Açôres adquiram um alto grau de prosperidade só exigem de Portugal Leis providentes e beneficas, que habilitem seus habitantes a aproveitar as preciosas vantagens com que os dotou a Natureza: Leis, torno a dizer, de que em retribuição resultará para Portugal um manancial de riquezas: quando pelo contrario continuando na actual direcção os Açôres serão para a Metropole uma possessão inutil, e até dispendiosa.

Hoje que todos os nossos esforços devem unicamente tender a tirar dos nossos meios todas as vantagens, de que são susceptiveis, para cicatrisar as feridas profundas occasionadas pela administração barbara do despotismo, que felizmente debellamos: hoje que cumpre identificar intimamente os Povos com as novas Instituições, demonstrando-lhes praticamente, que a Carta não é chimera, e que todos os generos de industria, todos os generos de cultura, todos os generos de commercio serão protegidos, porque o nosso unico desejo é o de felicitar a Nação, é o de levar a abundancia, e as riquezas a todos os individuos, que a constituem, fazendo só desta maneira o Estado rico e florecente, augmentando lhe consideravelmente a esfera de seus re-

cursos: hoje emfim que uma tão grande tarefa nos é imposta, que mais brilhante prova poderemos offerecer do fim, que temos em vista do que promovendo n'uma das nossas possessões tão grandes melhoramentos, em que os riscos são nenhuns, e os interesses certos, e da maior importancia!

Cumpre tambem por outro lado demonstrar, que os Representantes da Nação consideram os Açorianos como parte da familia Portugueza, e que o funesto esquecimento, o injusto abandono, em que tem jazido aquelles Povos, vai cessar d'uma vez para sempre, que seus clamores foram ouvidos, e banido o systema de oppressão, que tanto os tem vexado; e que as Côrtes conhecendo os verdadeiros interesses Nacionaes; ao mesmo passo que promovem a sua prosperidade, e com ella a da Mãi Patria lhes dão a maior recompensa pelas virtudes civicas, que tanto os tem distinguido, alevantando-os áquelle ponto de adiantamento de que são susceptiveis.

Por todos estes motivos tenho a honra de aprezentar os seguintes projectos de Lei:

*Primeiro.*

Art. 1.º O estanco, e administração do Tabaco nas Ilhas dos Açores fica abolido. O Governo indemnisará os Contractadores da perda, que soffrerem por esta disposição, fazendo o competente rebate no preço do seu Contracto.

Art. 2.º Fica igualmente livre a todas as pessoas a cultura, e fabrico do Tabaco nas mesmas Ilhas.

Art. 3.º A exportação em folha do Tabaco daquelle Archipelago será livre de direitos, e a sua importação nos Portos do Reino será igualmente livre de direitos nos primeiros cinco annos, passados os quaes ficará sujeita aos direitos ordinarios.

Art. 4.º Ficam revogadas todas as Leis em contrario.

Palacio das Côrtes, 10 de Dezembro de 1834.—Antonio José d'Avila.—J. V. Camacho.—B. de Noronha.—A. F. Borralho.

*Segundo.*

Artigo unico. Os portos das Ilhas do Fayal, Terceira, e S. Miguel no Archipelago dos Açôres são declarados livres, e ficam sujeitos ao regulamento geral das alfandegas.

Palacio das Côrtes, 10 de Dezembro de 1834.—Antonio José d'Avila.—Januario Vicente Camacho.—Barão de Noronha.—Antonio Ferreira Borralho.

*Terceiro.*

Artigo unico. O Governo contractará com quaesquer Companhias Nacionaes, ou Estrangeiras, a formação dos portos das Ilhas do Fayal, Terceira, e S. Miguel no Archipelago dos Açores, submettendo á approvação das Côrtes as condições dos mesmos contractos.

Palacio das Côrtes, 10 de Dezembro de 1834.—Antonio José d'Avila.—Januario Vicente Camacho.—Barão de Noronha.—Antonio Ferreira Borralho.

Ficaram para segunda leitura.

O Snr. Soares Caldeira teve a palavra, para ler o seguinte Requerimento:

Requeiro que se peçam ao Governo os seguintes esclarecimentos:

1.º Se nas instrucções dadas á Commissão de Liquidação, ou contas dos soldos dos Officiaes das extinctas Milicias; que tendo emigrado foram servir na defeza da Ilha Terceira, se manda abonar o soldo, e vencimentos designados no decreto de 8 de Outubro de 1830.

2.º Que soldos e vencimentos mandou o Governo contemplar aos mesmos Officiaes de Milicias; e aos que, continuando seus serviços a pár dos Officiaes da 1.ª Linha, fizeram parte do Exercito Libertador, até que a usurpação foi derribada.

3.º Com que soldos ou vencimentos devem ser considerados os Officiaes de Milicias que emigraram para differentes Reinos, e os que em Portugal foram presos e perseguidos pelo usurpador, e seus sequazes, em consequencia da sua adhesão á Legitimidade e á Carta.

4.º Se no caso d'alguns Officiaes de Milicias terem durante a emigração recebido alguns mezes soldos iguaes aos Officiaes de 1.ª Linha, o Governo lhes mande fazer algum desconto, e qual elle será.

5.º Que gratificações se devem abonar aos Officiaes de Milicias, que exerceram commandos na Ilha Terceira, ou em Portugal durante a lucta contra a usurpação.

6.º Os mesmos quesitos relativamente aos Officiaes de Voluntarios. Sala das Sessões da Camara dos Deputados, em 10 de Dezembro de 1834.—Francisco Soares Caldeira. Mandaram-se pedir.

## Sessão 73. (*)

O Snr. Camacho:—Em quanto a Ilha Terceira era olhada pelos Portuguezes emigrados, presos, e perseguidos, como unica Patria, que lhe restava, unica taboa de salvação, mil bençãos chovíam sobre aquelle baluarte da fidelidade, não haviam mais beneficios, que não lembrassem se deviam fazer aos seus habitantes, se um dia se vencesse a causa; os seus serviços eram proclamados por todos os Liberaes Portuguezes, e Estrangeiros, e não menos o eram, ainda que com rancor, e bastante magoa, pelos miguelistas de dentro, e de fóra do Reino: durante a existencia dos emigrados na Ilha Terceira, os seus habitantes prestaram as suas casas, trastes, cereaes, gados, cavalgaduras, e

(*) Sem data

dinheiro, tudo lhes foi pedido, ou tirado: é necessario ir bater as tropas do usurpador, que se achavam nas outras Ilhas, lá vão os filhos da Terceira ajudar; quarenta contos de réis foram emprestados pelos Terceirenses, pouco depois mais trinta contos: jornaleiros houveram, que venderam o pouco ouro de suas mulheres, o pouco gado, e até os carros, para contribuirem para este emprestimo, que teve a promessa de ser pago com o producto do 1.º emprestimo, que houvesse de contrair-se em outro Paiz: tomaram-se as Ilhas, e mais tarde preparou-se a Expedição, que veio resgatar a Nação Portugueza, então parece que os Terceirenses já nada tinham que dar; mas não foi assim, vieram os pais, os filhos, os maridos, e os irmãos com seus braços, e com seu sangue ajudar a libertar a Nação: não foram poucos os que pereceram no Porto e suas visinhanças: honra e gloria aos filhos da Terceira: bem poucos foram seduzidos pelos miguelistas para desertar: estavamos encerrados dentro da Cidade do Porto, (estavamos, porque eu tambem fui dos que desembarcaram nas praias de Mindello) e ainda a Ilha Terceira mandava cereaes para sustentar o Exercito Libertador, e então para este fim era lembrada a Ilha Terceira, e os Açores: acabou-se a guerra, e a usurpação: nunca mais lembrou o baluarte da fidelidade, o receptaculo da Liberdade, a unica taboa de salvação da Rainha, da Carta, e da Patria!!! Estes nomes sagrados, que com justiça pertencem áquella desgraçada Ilha, de nada lhe tem servido: devendo ser a mais feliz de todas as partes da Monarchia, pelo contrario está reduzida á ultima miseria: os bronzes fundidos do metal dos sinos, que em parte nenhuma correm, é a sua moéda: podendo comprar os generos importados pelo seu valor, compram-nos pelo triplo, e mais: o seu commercio com as outras Ilhas está quasi extincto: estes males existem, e augmentam-se de dia em dia.

Entre tantos emprestimos, contraidos no Reino, muito, e muito posteriores, estão pagos.

Os lavradores do Reino, que foram arruinados pelo usurpador para nos fazer a guerra receberam o donativo de seis centos contos de réis: a Ilha Terceira, que não pede donativo, que não pede esmola por ter sido arruinada pela Causa da Patria, está por pagar da sua divida, a divida mais sagrada, que tem a Nação libertada: ha mais de tres mezes que eu, e o meu Collega o Snr. Avila, fizemos nesta Camara uma Proposta para o resgate dos bronzes, e outras medidas, que em parte melhorassem a sorte dos Açorianos; foi declarada urgente, mas até hoje nem ao menos appareceu o Parecer da Commissão. Feixa-se a Camara e continua a Ilha Terceira a soffrer, porque é Ilha e porque já se não carece della! Saibam os Terceirenses que os seus Deputados pediram o pagamento de tão sagrada divida: mas que a gratidão, a justiça, e todas as considerações esqueceram logo que de lá se saio! Se assim não fosse, Snr. Presidente, devia se contrair um emprestimo, se fosse necessario, para pagar em moéda áquelles habitan-

tes até o ultimo real do que se lhes deve: é assim que se animam os Povos a fazer sacrificios pela Patria. Deixo á consideração desta Camara, composta de emigrados, e perseguidos pela Causa da Liberdade decidir-se é possivel, se é justo que a Ilha Terceira continue por mais tempo na miseria, e na indigencia, depois de tantos sacrificios.

O Snr. A. J. d'Avila:—Pouco posso acrescentar, ao que acaba de dizer o meu Illustre Amigo e Collega. Sinto, que não estejam presentes os Snrs. Duque de Palmella, e Ministro da Fazenda, a quem me tenho dirigido uma e muitas vezes sobre este objecto, propondo meios muito simples, para a extincção da moéda de bronze, que circula na Ilha Terceira, e pagamento da de cobre Brazileira, que foi ultimamente supprimida: não tendo todavia obtido mais que promessas, e os males da Terceira, e das outras Ilhas crescem constantemente: dirigi-me aos Snrs. Ministros, porque estava bem convencido, de que, para se atalharem estes males não se carecia de medidas legislativas,não era necessario roubar tempo ás Camaras com a formação d'uma Lei, e o Snr. Presidente do Conselho tambem o reconheceu, e por isso fez nesta Camara a declaração, que aqui todos ouvimos. Saibam, pois os nossos Constituintes, que não nos esquecemos dos seus interesses nem nos esqueceremos jámais, porque a missão, que aqui nos conduziu, foi unicamente a de promovermos a sua prosperidade. Se o Poder Executivo tem sido inexoravel, não o será o Poder Legislativo, nem eu o espero: sei que a Commissão tem prompto o seu Parecer sobre a minha Proposta, e que o poderá apresentar ámanhã: rogo pois a V. Ex.ª queira dar-lhe ámanhã a palavra para apresentar aquelle Parecer: afim de ser depois convertido em Lei.

O Snr. Rodrigo de Magalhães fazendo diversas observações, accrescentou, que podia affiançar á Camara, que estavam tomadas todas as medidas, para muito breve se fazer uma grande remessa de dinheiro para a Ilha Terceira: que o Governo não descança em promover, tudo quanto é d'interesse aos povos.

(N.º 2, 2.º anno, de 8 de janeiro de 1835.)

## Sessão 61.ª (*)

O Snr. Borralho:—Vi na Secretaria os papeis remettidos do Terreiro do trigo ao Governo sobre o objecto farinhas: e a resposta do Governo á indicação feita por mim, confirmam a noticia que eu já tinha de que ás farinhas dos Açôres era prohibida a entrada livre em Lisboa; opportuna seria a occasião para muitas observações, porém como de quasi todas ellas só resultariam graves censuras aos governos

(*) Sem data

passados, e elles já nos não podem trazer reformas, já me não ouvem e n'uma palavra já não existem, oxalá que para não voltarem jámais, lembro-me somente agora de lhes applicar a expressão de *parce sepultis*: com tudo não me posso dispensar d'algumas fazer (reflexões), posto que obvias, são o fundamento das prapostas que tenho a honra de mandar para a mesa. A lei é igual para todos—ou este mandamento da lei que jurámos é praticavel ou não, se o não é, risque-se, elimine-se da Carta Constitucional; se a expressão de igualdade e uma expressão vãa ôca, e vasia de sentido, se não tem accepção entre os portuguezes, se é um termo que nella (Carta) não apparece senão por impostura, que conceito merecem, e que valem os outros artigos da Carta? Se pelo contrario, a lei é praticavel, se não é uma planta exotica, mas indigena, que ha de crescer, prosperar, e dar frutos no solo portuguez; e a cuja sombra ainda havemos satisfeitos descançar um dia, arranquem-se-lhe os espinhos, desembarace-se de todos os estorvos, e tenha o prospero andamento ambicionado por todos nós.

As Ilhas dos Açores são territorios, os seus habitantes são portuguezes, entre os quaes e os de Portugal existem os mais estreitos laços d'amizade, de parentescos, e alguns de commercio, mas n'esta parte é que não ha uma perfeita reciprocidade; as ilhas dos Açôres produzem de todos os generos que Portugal produz; não obstante Portugal despeja todos os annos sobre as ilhas dos Açôres desses mesmos generos que as ilhas não carecem, e que lhes vão produzir a estagnação dos proprios, soffrendo por isso muito em seu commercio; as ilhas do Pico, S. Jorge, e Graciosa dão o vinho necessario para consumo de todas as ilhas, e exportam tambem muito para o estrangeiro; mas Portugal envia todos os annos muitos centos de pipas de vinho ás ilhas dos Açôres, e isemptos de direitos na entrada quando se algum especulador se lembra trazer a Portugal uma pipa de vinho, ou não tem entrada, ou paga direitos excessivos: entram nos Açôres livres de direitos idos de Portugal fructos seccos, presuntos, peixe salgado, queijos, doce, e todo o genero de producção e industria, mas iguaes, ou outras producções das desgraçadas ilhas não tem admissão em Portugal; exemplo a farinha o doce, flores artificiaes etc. etc., subindo a tanto o escandalo que cousas ha que do estrangeiro são admittidas com menos direitos do que das ilhas: não fallo somente da provincia occidental que me elegeu seu representante, tambem advogo a causa dos povos da ilha de S. Miguel, sou grato, e muito aos honrados filhos daquella Ilha, onde ha sete annos habito, e eu folgarei ter occasiões de dar-lhes um testemunho do quanto vivo penhorado e de quanto os conservo na minha lembrança esforçando-me quanto poder em promover seus interesses.

1.º Proponho que se declarem livres dos direitos d'entrada nas alfandegas do reino todos os generos de producção e industria das ilhas dos Açôres, do mesmo modo, que o são os generos do reino, naquelle archipelago.—Sala das Cortes 13 de Novembro de 1834.—An-

tonio Ferreira Borralho—Augusto Frederico de Castilho—João Pedro Soares Luna—Leonel Tavares Cabral—Francisco Soares Caldeira—Luiz Ribeiro de Souza Saraiva—Antonio Joaquim Barjona—Antonio da Fonseca Mimoso Guerra.

2.º Sendo o trigo um dos generos da principal producção, e exportação, d'algumas das ilhas dos Açôres, nem sempre os proprietarios obtem commodo transporte do sobredido genero para Portugal (unico mercado aonde podem mandar) a falta de navios a tempo: o preço infimo n'algumas occasiões, e sobre tudo a natureza desta producção, que não sofre delongas nos depositos á espera de preço, nem pode aturar viagens compridas por facilidade que tem em corromper-se a bordo dos navios, pelo calor do porão dos mesmos, talvez proveniente tudo da influencia da atmosfera excessivamente humida das Ilhas: são estes os motivos assaz fortes, que expõe a não pequenas perdas, e riscos os lavradores, e proprietarios do mencionado genero dos Açores: mas a facilidade que ha, principalmente na ilha de S. Miguel, e Terceira em reduzir a farinha o trigo, pela abundancia de moinhos d'agoa, que alli existem, remedeia completamente, e remove os enumerados torpeços do commercio: e mesmo porque seja necessario animar por todos os modos possiveis a industria tampouco protegida nas ilhas, proponho o seguinte:

Que se declare livre de direitos de entrada no reino a farinha de trigo das ilhas dos Açôres, que d'alli forem trazidas, ou para consumo ou para reexportação.

Sala das Cortes, 31 de Outubro de 1834.—Antonio Ferreira Borralho—Augusto Frederico de Castilho—João Pedro Soares Luna—Francisco Soares Caldeira—Luiz Ribeiro de Sousa Saraiva—Leonel Tavares Cabral—Antonio Joaquim Barjona—Antonio da Fonseca Mimoso Guerra.

3.º Sendo o vinho e aguardente os quasi unicos meios d'exportação das Ilhas de S. Miguel, Pico, S. Jorge, Graciosa, em troca dos quaes os habitantes destas ilhas houveram sempre as cousas proprias a suas necessidades, inclusive não poucas vezes o proprio pão, e acontecendo, como é, que taes producções tenham diminuido consideravelmente n'aquellas ilhas, não só em quantidade, mas ainda de preço, proveniente d'abundancia, que dellas ha hoje nos mercados onde eram levadas: e como seja necessario por todos os modos possiveis obstar á total ruina dos lavradores destes generos, que a não serem protegidos promptamente se verão obrigados, ou a abandonar o solo natal pela impropriedade que nelle encontram para outro genero de cultura, que não seja o vinho, e irem mendigar incerta fortuna fóra de seus lares, e do seu paiz, ou a viverem nelle em extrema e continuada miseria, da qual seja impossivel levantarem-se jamais, proponho o seguinte Projecto de Lei.

Art. 1.º O dizimo que o vinho paga nas Ilhas dos Açôres será diminuido da ametade.

Art. 2. Ficam comprehendidos na disposição geral no pagamento de um por cento de sahida para qualquer paiz que seja os vinhos das ilhas dos Açores.

Art. 3.º Ficam isemptos de direitos os arcos de ferro, e de páo e as adoêllas não lavradas, que entrarem em qualquer das ilhas dos Açores para consumo.

Art. 4.º Todo o vinho, ou aguardente estrangeira, pagará de entrada para consumo em qualquer das ilhas dos Açores 30 por cento sobre o valor deste genero importado.

Art. 5.º Ficam revogadas todas as leis em contrario.

Sala das Côrtes, 17 de Novembro de 1834. — Antonio Ferreira Borralho—Augusto Frederico de Castilho—João Pedro Soares Luna — Francisco Soares Caldeira—Luiz Ribeiro de Sousa Saraiva—Leonel Tavares Cabral—Antonio Joaquim Barjona—Antonio da Fonseca Mimoso Guerra. Ficaram para segunda leitura.

(N.º 3, de 15 de janeiro de 1835.)

—*—

## N.º 6

### Quartel General em Angra, 26 de Janeiro de 1835.

*Ordem do Dia.*

O Snr. Brigadeiro Martinho José Dias Azedo, encarregado do Commando Militar das Provincias dos Açôres manda publicar o Aviso, e cópia do Decreto, abaixo transcriptos, em virtude dos quaes cessa o referido Commando pelo haver entregado hoje ao Illm.º e Exm.º Snr. Brigadeiro Antonio Pedro de Brito nomeado Governador Militar deste Archipelago por Decreto de 6 de Dezembro ultimo, como se acha declarado na Ordem geral do Excercito N.º 14, de 20 do mesmo mez.

### Aviso.

Ministerio da Guerra. - Secretaria Geral. — 1.ª Repartição. — Sua Magestade a Rainha Manda remetter a V. S. a cópia inclusa, assignada pelo Official Maior da Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra Miguel José Martins Dantas, do Decreto de 6 do corrente mez, pelo qual Houve por bem nomear a V. S. para Director da segunda Direcção da referida Secretaria de Estado, exonerando-o do Governo Militar dos Açôres, que dignamente tem exercido; e Determina a Mesma Augusta Senhora que V. S. parta para Lisboa, logo que tiver entregado o sobredito Governo Militar ao Brigadeiro Antonio Pedro de Brito, que se acha nomeado para substituir a V. S. nesse cargo.—De-

os Guarde a V. S.—Paço das Necessidades em 10 de Dezembro de 1834.—Duque da Terceira.—Snr. Martinho José Dias Azedo.

(N.º 5, de 29 de janeiro de 1835.)

—•—

## N.º 8

### Quartel General em Angra 1 de fevereiro de 1835.

*Ordem do Dia.*

Sua Ex.ª o Snr. Brigadeiro General Antonio Pedro de Brito, Governador Militar dos Açores, manda declarar:

1.º Que tendo sido despachado na ordem do dia n.º 3 de 14 de Outubro ultimo, para ser empregado no Arsenal do Exercito, o Snr. Tenente Coronel d'Artilheria Joaquim Guilherme da Costa, fique exonerado do Commando Militar da ilha de S. Miguel, e havendo S. Ex.ª obtido, do Exm.º General seu antecessor, as milhores informações da intelligencia, zello, e actividade com que o mesmo Snr. Tenente Coronel desempenhou os seus deveres n'aquelle Commando, não pode dispensar-se de lhe tributar os seus agradecimentos pelo interesse com que se emprega no serviço de S. M. F. a Senhora D. Maria II.

2.º Que são nomeados para os Commandos interinos que lhe vão designados, os Snrs. Officiaes seguintes:

Para commandante Militar da Ilha de S. Miguel o Snr. Tenente Coronel Ricardo José Coelho, ficando exonerado do Governo do Castello de S. João Baptista desta Cidade.

Para Commandante Militar da Ilha de S. Jorge o Snr. Tenente Coronel José Luiz Vilarinho.

Para Governador do Castello de S. João Baptista o Snr. Tenente Coronel José Feleciano Farinha, Inspector das Obras e Quarteis Militares.

Para Commandante Militar da Villa da Praya o Snr. Major Antonio Homem da Costa Noronha.

Para Commandante do Material d'Artilheria o Sr. Capitão Antonio Caetano de Souza, ficando exonerado do Commando Militar da Villa da Praya. *O Chefe do Estado Maior.*

(N.º 8, de 19 de fevereiro de 1835.)

—•—

## Mappa do rendimento da Alfandega d'Angra dos annos de 1820 a 1834.

| *Annos* | *Réis* | *Observação* |
|---|---|---|
| 1820 | 9.283:080 | Em os annos de 1830 a 31 não estiveram os tabacos por contracto, e por isso pagavam os seguintes direitos—rolo ou folha 240 réis por arratel, em pó ou ralado 480 rs. por arratel, cigarros ou charutos a 360 por arratel, e a urzella pagava 30 rs. por arratel.<br>Nos annos de 1832 a 34 faz a Alfandega cargo do prejuizo que soffre pelos generos d'exportação pagarem desde aquelle tempo só um por cento; e nem d'outro modo se poderia comparar o rendimento de uns com outros annos.<br>A nova administração começou em 30 de Março de 1832.<br>Angra, 2 de Janeiro de 1835.—Maximo José Pereira d'Azevedo, Administrador Geral das Alfandegas dos Açores. |
| 21 | 6.505:529 | |
| 22 | 5.816:528 | |
| 23 | 3.466:873 | |
| 24 | 6.043:401 | |
| 25 | 3.565:192 | |
| 26 | 8.579:817 | |
| 27 | 6.408·937 | |
| 28 | 6.293:251 | |
| 29 | 4.992:521 | |
| 30 | 17.188:219 | |
| 31 | 17.233:108 | |
| 32 | 25 654:296 | |
| 33 | 23.417:243 | |
| 34 | 28.224:802 | |

(N.º 18, de 30 d'abril de 1835.)



## Extractos d'uma carta particular sobre a revolta dos calcetas em 20 d'abril de 1835. (*)

Recebemos uma carta particular escripta de S. Miguel a 4 do corrente mez de Maio, da qual damos alguns extractos que ao mesmo passo que servem de ampliar os factos já sabidos ultimamente occorridos naquella Ilha, accressentão algumas particularidades que não deixão de ser d'algum interesse.

«Aqui tivemos por algumas horas o socego perturbado mas tudo serenou como era de esperar.

Eis-aqui a historia do caso succinta, mas verdadeira. — E' costume antigo andarem na semana santa romeiros correndo as Igrejas; não faltárão este anno; e um dentre elles em Villa Franca fez uma exclamação religiosa, na qual alludindo ao tempo presente, disse, que isto não era o que convinha á vontade de Deos: e por algum modo inve-

(*) No Vol. VI d'este *Archivo*, a pag. 350, se tratou mais desenvolvidamente d'este assumpto.

ctivou n'este sentido: mas não passou daqui, e foi seguindo viagem.— Continuava a reinar a tranquilidade publica sem que se falasse em revolução, quando nas noites de 19, e 20 do passado, varios individuos ora em grupos, ora nas esquinas das ruas, ajuntando-se a assobios, entrárão a dar em quem passava. Não durou porem duas horas um tal estado de cousas, por que instaurou-se um conhecimento judicial por simillhantes factos, e a ordem parecia restabelecida.

Tal era o estado da Cidade, e da Ilha: vamos ao do Castello.— Existia em uma prisão o celebre Forjaque, que desertou do forte dos Biscoutos, encravando a Artilheria, que tinha morto Manoel Homem nas Furnas, e que depois de ter andado pelos matos fôra preso, e sentenciado á morte. Existia com elle na mesma prisão, um desertor que se aprasentara aqui com baixa falsa, e que estava para entrar em conselho de guerra.—Achavão-se em outra prisão os grilhetas (que serião vinte) pela maior parte facinoras, os quaes se tinhão recolhido dos trabalhos publicos para comer o rancho.—E em outra prisão achavão-se tambem sete ou oito presos por opiniões politicas.—Era quasi uma hora do dia 23, os soldados da pequena guarda tinhão ido jantar, e estava de sentinella aos grilhetas um Pedro Dutra, desertor ao embarcar da expedição, preso e remettido depois para o Porto, desertor dalli para os Rebeldes, e amnistiado ultimamente achando se no serviço.— O Official de dia ou Estado Maior ao Castello subio do quarto proprio do Official de dia ao seu quartel a jantar: e a sentinella que isto observa entra n'este quarto aonde estavão as chaves das prisões, lança mão d'ellas, solta primeiro Forjaque e seu companheiro desertor: abre depois a porta aos grilhetas que conjunctamente com aquelles dois cuidão em pegar nas armas da guarda, e procurão uns, ir levantar a ponte levadiça, em quanto outros fazem com que o resto dos grilhetas saião, pois se verifica que alguns não querião. Isto fez algum motim, que chega aos ouvidos do Official de dia, o qual ao tempo em que vai a descer, encontra dous ou tres dos insurgentes com as armas, que lhe dão a voz de prezo! Ha sua altercação de palavras, e o Secretario do Commandante Militar que a ouve, vem ver o que era, e ao tempo que com este se entretem, o Official foge pela bateria debaixo por uma das canhoneiras do lado do areal, e o Secretario que ao principio ignorava o que era, conhecendo o caso, e pretendendo retirar-se pela porta, encontra Forjaque que o faz parar, e metter no calabouço.

(N.º 20, de 14 de maio de 1835)

(*Continua*).

# MOVIMENTO LIBERAL NOS AÇORES

## 1828=1834

### Extractos d'uma carta particular sobre a revolta dos calcetas em 23 d'abril de 1835.

(*Continuado de pag. 384, Vol. VII.*)

—Dirigem se os revolucionarios á prisão dos presos politicos, dizendo-lhes que saião, que estão em liberdade, e elles respondendo que não sahirão senão por ordem de quem os podesse soltar, trancão por dentro as portas da sua prisão. No entanto tres grilhetas fogem por uma das canhoneiras, o mesmo fazem um cabo e tres soldados dos que se achavão dentro do Castello, e vem apresentar-se. Arvorão depois os insurgentes um pano branco com um trapo vermelho, a fingir bandeira do usurpador, e fazem alguns tiros de metralha para diferentes lados, os quaes não passão em toda a tarde de 15 a 20, e á noite cessa o fogo de artilheria e fazem alguns poucos tiros de fuzil para o calhao do lado de Santa Clara, logar por onde depois tentárão a fuga.—A'chegada do Official que fugio corre a nova, e começão a armar-se, e a correr os civicos. Toda a gente comparece armada, e forma-se um perfeito cerco ao Castello, tomando-se as avenidas desde o campo até ao mar.—Collocão-se piquetes, guardas, e sentinellas ás entradas da cidade, e forma-se uma linha exterior com a força conveniente nos pontos aptos.—Sahirão participações e ordens para todas as Villas, e de todas se recebe logo parte de que reina o maior silencio, e se não sente disposição alguma de movimento.—Foi um pequeno destacamento de oito ou doze homens á Ribeira Grande que chegou lá de noite, e que encontrou tudo na melhor ordem sem o menor symptoma revolucionario.— Erão tres horas da manhã, e as sentinellas do Calhao percebendo gente fazem alguns tiros que cessão por se não tornar a ver vultos: no entanto um dos civicos foi ferido levemente na cabeça por um dos nossos em consequencia do escuro.—Dobra-

se de vigilancia e ao romper da manhã dous corneteiros que tinhão ficado dentro do Castello tocão a arvorada e apparece a nossa bandeira, assim como o Secretario do Commandante Militar. Procura-se o calhao, e encontrão-se Forjaque, o desertor, a Sentinella, e um grilheta, que pretendendo fugir, são mortos. Entra se no Castello, onde um cabo e um soldado que alli tinhão ficado, sentindo a fuga dos cabeças da insurreição, fazem a contra revolução, prendendo na madrugada os grilhetas que não fizerão resistencia, os quaes sendo conduzidos ao campo de S. Francisco, forão fuzilados. O Soldado que estava de sentinella tinha-se confessado e sacramentado na manhã de 23.

Haveria plano e combinação? Eis o que se resolve pelas seguintes perguntas. «Quem quereria por chefe e cabeça, Forjaque e grilhetas? Quem serião os sectarios de taes campiões? — Nem uma bandeira tinhão de prevenção: que gente, e que plano pois é este? O Castello é tido tanto no campo, como na Cidade por uma grande cousa, crendo-se geralmente que dictará as leis a S. Miguel quem delle for senhor. Ora estando os rebeldes uma tarde e uma noite senhores delle, por que se não sentio em alguma parte da Ilha áquella hora, antes ou depois, um só signal apenas de movimento? Porque não estavão prevenidos os presos politicos? Porque não adhurirão os grilhetas todos, sahindo alguns á força, e armando-se por verem os outros armar-se?

Então que foi isto? Não foi outra cousa mais do que quatro loucos perdidos, entre estes um fanatico que sabendo das desordens das noites de 19 e 20 disserão lá comsigo, — a ocasião não pode ser mais favoravel, e tanto que os Constitucionaes andão ás pancadas approveitemos o momento, levantando-nos, e metendo nisto o resto dos grilhetas. Se nos sahirmos bem ganhamos a nossa liberdade, e se o contrario acontece, deixemos os grilhetas nas baterias fazendo frente, em quanto nós escondidamente e sem estes o saberem nos vamos esgueirando pelo calhão, e elles cá que terminem o negocio como quizerem, que nós de toda a forma nos veremos livres — e illudidos com este pensar se arrojárão a tal attentado, e obrárão em tudo conforme esta sua ideia. — Se fosse possivel ressucital-os, e arrancar-lhe o pensamento, isto se leria n'elle. Tal é a minha opinião a este respeito, que julgo conforme aos factos, aos antecedentes, e aos consequentes.

Eis a qui tudo o que há e tem havido.»

D'esta revolta se tratou no Vol. VI, pag. 350 e seguintes d'este *Archivo*.

— • —

## Angra 14 de Maio de 1835.

Hoje sahio do porto d'esta Cidade a Corveta Franceza—Madagascar—Commandante M. Bosse—vinda da Ilha de Bourbon e ultimamente com 38 dias de viagem da Ilha de Santa Helena, onde tomou alguns refrescos.

Por noticias recebidas do Fayal consta o ter alli tambem tocado no dia 7 do corrente a Corveta La Naiade—commandada pelo Capitão de Fragata J. P. Fournier encarregado por o Ministro da mesma Nação de entregar ao Consul dos Estados Unidos C. G. Dabney um magnifico trem de porcellana da Real Fabrica de Sevres com as letras iniciaes de S. M. Luiz Filippe, que lhe enviou a Rainha dos Franceses.

(N.º 20, de 14 de maio de 1835.)

—*—

## N.º 5—Quartel General em Angra 10 de Maio de 1836.

*Ordem do Dia.*

1.º Sua Ex.ª o Snr. Brigadeiro General Barão de Cacella, Governador Militar dos Açôres, manda publicar nesta ordem os Decretos de 5 de Março, insertos na do Exercito N.º 17 de 8 do referido mez, pelos quaes Sua Magestade a Rainha Houve por bem, que em quanto circunstancias particulares o não exigirem, cesse de haver um General encarregado do Governo Militar deste Archipelago, sendo por esse motivo Sua Ex.ª delle exonerado.

### Decreto extinguindo o Commando Militar d'Angra.

Não exigindo o bem do Serviço que no Archipelago dos Açôres haja um centro de Commando Militar, por-isso que em virtude das dificeis communicações entre as Ilhas do mesmo Archipelago, este centro he mais nominal do que effectivo para o serviço e disciplina: Hei por bem, que em quanto circunstancias particulares o não exigirem, cesse de haver um General encarregado do Governo Militar d'aquelle Archipelago, e que em vez disto, haja em cada uma das Ilhas, onde fôr necessario, um Governador Militar, em directa correspondencia com a Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, o tenha assim entendido, e faça executar. Paço das Necessidades cinco de Março de mil oitocentos trinta e seis=RAINHA=José Jorge Loureiro.

Achando se extincto por Decreto da data deste o lugar de Governador Militar da Provincia dos Açores: Hei por bem exonerar do mesmo Governo o Barão de Cacella, Dando Me por muito Saptisfeita pelo

bem que desempenhou aquelle Serviço. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, o tenha assim entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em cinco de Março de mil oitocentos trinta e seis=RAINHA=José Jorge Loureiro.

2.º Sua Ex.ª manda igualmente fazer publicar o seguinte extracto da referida ordem do Exercito.

Por Decreto de 2 do corrente mez (Março), Governador Militar interino da Ilha Terceira, o Coronel Joaquim Zeferino de Sequeira, Commandante do Batalhão Provizorio de Infanteria, destacado na mesma Ilha: sem que por isso deixe de continuar a commandar o mesmo Corpo.

3.º Sua Ex.ª entregando pois, em consequencia dos Decretos, assim transcriptos o Governo Militar desta Ilha ao referido Snr. Coronel, lhe agradece por esta occazião, e aos Srs. Commandantes Militares das differentes Ilhas, Commandantes de Corpos, e Chefes das diversas Repartições Militares, a util cooperação que lhe prestaram, tanto para a manutenção do socego publico, que sempre se conservou imperturbavel, como para a promptа execução das ordens que dimanaram do Governo de Sua Magestade, e lhes roga queirão transmittir seus agradecimentos a todos os Srs. Officiaes, e mais Empregados Militares, aos Officiaes Inferiores, Cabos, Anspeçadas e Soldados.

4.º O Mesmo Ex.$^{mo}$ Sr., posto que conheça bem os nobres sentimentos de que estão possuidos todos os Militares, que se achão servindo nos Açores, pois que uma grande parte delles foram seus companheiros de armas na lucta contra a uzurpação, julga comtudo de seu dever recommendar-lhes que continuem como até aqui a reconhecer —que a subordinação é a baze de toda a disciplina Militar, —que sem ella a ordem publica se transtornaria, e não conservarião como lhes cumpre, a sustentação do Throno da Nossa Augusta Rainha, e do codigo sagrado que nos governa: sendo estes caros objectos os que sempre devem ter em vista, para continuar por elles, quando precizo seja a soffrer todas as privações, e a encarar a morte.

O Chefe do Estado Maior

Duas paginas em um quarto de papel avulso, sem mais indicação, mas indubitavelmente da Imprensa do Governo em Angra.

# JUSTIFICAÇÃO

QUE FAZ

O MAJOR GOVERNADOR MILITAR

DA ILHA DE S. MIGUEL,

*FLORENCIO JOSÈ DA SILVA.* (*)

O Major *Florencio José da Silva*, Governador Militar da Ilha de S. Miguel, tendo sido removido para esta Cidade em virtude d'um Acordão da Camara Municipal de Ponta Delgada tomado a 21 de Setembro proximo passado, em Veriação Extraordinaria no qual a sobredita Camara d'acordo com o Sub-Prefeito da Comarca com futeis, falsos e especiosos pretextos ousou despotica e arbitrariamente suspender o mesmo Governador do exercicio do Emprego que S. M. I. lhe havia confiado, e que elle se persuade em sua consciencia haver até àquelle dia desempenhado com a honra e lealdade propria de seu illibado caracter; vendo por este estranho e escandaloso facto arriscada na opinião pública a sua reputação, e offuscada a sua honra com a nódoa da suspeita e da desconfiança por elle nem levemente provocada, vai pela simples e sincera exposição dos factos que precedèrão e acompanhàrão esta criminosa intriga mostrar ao Público judicioso desta heroica Cidade e daquella Ilha, e sobre tudo aos seos illustres companheiros d'armas, a injustiça e falsidade das accusações sobre que aquellas Authoridades civis pertenderão fundamentar o seu illegal e violento procedimento, verdadeiro attentado contra a Suprema Authoridade do Augusto Regente que o havia constituido naquelle importante lugar, e a quem só competia o direito de o remover se assim julgasse conveniente aos interesses da Nobre Causa de S. M. a RAINHA e da Liberdade.

O Governador se vê na triste impossibilidade de não poder por ora apresentar os documentos autenticos da sua justificação, o que lhe seria facil se não se lhe houvesse denegado a entrega dos seos copiadores e mais papeis que ficárão em mão do Juiz de Direito, com o pretexto de não terem ainda sido examinados. No entanto espera que se lhe fará a justiça d'acreditar em sua palavra, enunciada com aquella segurança e valentia que nasce da convicção intima da propria consciencia pura, sem temor de ser desmentida, ou que pelo menos se suspenda o juizo, e não seja tão iniquo o inexoravel Tribunal da opi-

(*) *Na noticia da ilha de S. Miguel depois do embarque do exercito libertador* (impressa no Vol. VI, pag. 136 e seguintes) se fazem algumas accusações ao governador militar Florencio José da Silva, a boa critica exige porem, que para bem avaliar os factos, se attenda a esta *Justificação*, publicada por elle na cidade do Porto.

nião publica, que se atreva a condemnar um supposto reo antes d'elle produzir as provas da sua defeza.

O corpo do pretenso delicto do mesmo Governador está, como já dissemos, consignado naquelle monstruoso Acordão da Camara de Ponta Delgada em vereação Extraordinaria de 24 de Setembro do presente anno, em que diz que comparecera o Prezidente da Camara da Villa da Ribeira Grande, bem como o Sub Prefeito da Comarca convidado para huma conferencia verbal, na qual e primeiro declarou que tendo ficado pronunciados varios individuos daquella Villa pelo crime de moeda falsa, constava por via das familias dos mesmos o haverem se estes retirado com tenção d'unir-se aos dezertores que existião pelo norte da Ilha, e que se esperava que estes rebeldes atacassem a Villa, e depois o Castello de S. Braz: e o segundo disse ter recebido huma carta anonyma que continha estas mesmas noticias. — Então o Prezidente da Camara de Ponta Delgada acrescentando áquellas as suas proprias aprehensões, e as declarações que elle dizia chegavão por todos os lados áquella Camara, que a fazião temer com rasão que a ordem publica fosse transtornada, rematou dizendo, que o procedimento do Governador Militar era por muitas maneiras digno de suspeitas: porquanto: 1.º elle tinha escolhido para sua residencia a casa de *Nicoláo Maria Raposo*, homem geralmente reconhecido por inimigo da Causa Constitucional: 2.º que frequentava quasi exclusivamente as casas de pessoas desaffectas ao Sistema Liberal: 3.º que tendo-lhe sido requisitado hum destacamento para ser empregado em perseguir os dezertores, que ha tempos souberão tentavão reunir-se, este Governador Militar prestou sim o Destacamento, mas dando-lhe hum *itinerario periodico* medida que bem longe de frustar os planos dos dezertores, poz estes em estado de perfeita segurança: o que bem prova a continuação do desenvolvimento dos seus planos, pois que em lugar de se substarem as suas reuniões *começárão* a apparecer guerrilhas armadas, e a atacar alguns Cidadãos, mesmo em suas casas: 4º que tinha escolhido para seu Secretario particular hum individuo contra quem tem havido deposições d'alguns desertores que forão capturados: 5.º que finalmente dirigia passeios isolados para sitios por onde costumavão apparacer guerrilhas, o que bem provava o nenhum receio que dellas tinha.

O Sub Prefeito pela sua parte disse que tinha requerido ao Governador hum destacamento para Villa Franca tirado daquelle empregado contra os dezertores, em consequencia d'uma representação do Commandante da Guarda Civica daquella Villa em data de 14 do corrente: bem como outro para a Ribeira Grande em virtude da requisição do Provedor daquelle Concelho em data de 19 do mesmo: — que respondera á primeira requisição em virtude de novo officio que lhe dirigio em 20 deste, que competindo exclusivamente a este Governador as disposições Militares so tinha a dar conta dellas á Authoridade supe-

rior tambem Militar—e á segunda dizendo-lhe, que ha dias havia expedido ordem ao Commandante do Destacamento volante para mandar para Villa Franca hum Sargento e 12 Soldados, pelo que conhecendo o dito Sub-Prefeito o engano ou tergiversação da resposta, officiara novamente no dito dia, exigindo huma declaração explicita e relativa á representação do Provedor do Concelho da Ribeira Grande, de que até ao presente não havia recebido resposta.

Em consequencia pois destas rasões conclue o Acordão dizendo que aquella Camara assentara, d'acôrdo com o Sub-Prefeito, incumbir-se ao Commandante das Guardas Civicas daquella Cidade (o qual era o mesmo Prezidente da Camara) a remoção do dito Governador Militar immediatamente da Ilha para a Cidade do Porto, e a do seu Secretario.

Com effeito no mesmo dia 21 de Setembro foi o mesmo Governador assaltado no seu quartel por hum Alferes e dois paizanos armados, de pistolas, tendo ficado nas escadas huns Voluntarios armados, e conduzindo-o d'ali á estrada coberta do Castello, foi depois enviado para bordo do Hyate que o conduzio a esta Cidade. Naquelle tranzito observou o Governador o socego e tranquilidade que reinava na Cidade, cujos habitantes estavão por certo tão ignorantes dos sonhados perigos d'uma iminente revolução, como elle o estava dos motins de tão estranho como violento procedimento a seu respeito. E na verdade só depois de muitas indagações he que o Governador Militar pôde vir no conhecimento de que a Camara e o Sub-Prefeito erão os authores daquella oculta e tenebrosa trama, cousa que só por este lado não excitou a sua admiração, pois que desde o principio do seu governo, e já antes talvez, debalde procurára, á custa mesmo de penosos sacrificios de seu justo pondenor estar em harmonia e boa intelligencia com estas caprichosas Authoridades, como entendera cumpria ao Serviço da RAINHA Legitima, e ao bem-estar daquella porção de Subditos fieis da Mesma Augusta Senhora que havião sido confiados á sua guarda e protecção.

Requereu então a Camara que lhe fizesse declarar os motivos d'aquella sua estranha resolução (os quaes se declarados fossem, facil tarefa seria o refutallos em prompto,) mas não obteve despacho, e só se lhe insinuou que pedisse simplesmente a Certidão do Acordão de que já se fallou, o que com effeito fez, e isto mesmo se lhe difficultou até ao momento do Hiate se fazer de vella, sendo-lhe apresentada pelo Capitão do mesmo que havia sido o encarregado de solicitar a dita Certidão.

Forçoso foi por tanto ceder á violencia daquella conjuração, e apparecer o Governador nesta cidade perante o Governo e o Público sem outras armas mais para sua defeza que não seja a força que lhe resulta da propria consciencia inculpada, e da confiança illimitada que tem na rectidão e justiça do Magnanimo Principe que nos rege,

na prudencia e sabedoria de seus illuminados Ministros, e finalmente no bom senso e illustração do Publico, que não ignora quantas vezes tem sido victimas da intriga e da calumnia os mais fieis servidores dos Reis, e da Patria.

He pois ao judicioso conceito do Publico que o Governador submette particularmente as suas respostas ás arguições de seus adversarios na lisongeira esperança de que ellas farão dissipar em seu animo quaesquer falsas aprehensões, que noticias vagas espalhadas por pessoas talvez desaffectas ou incautas possão por ventura ter nelle produzido.

Diz a Camara (1.º) que o Governador escolhera a casa em que assistia — eis a primeira falsidade — elle foi para alli aquartelado pelo meio legal de boleto passado pelo Sr. Capitão *Motta*, que se acha nesta Cidade, e que acolá fôra encarregado dos aquartelamentos: e isto dias antes de ser nomeado Governador-Militar, pois que só era Commandante do Depozito de recrutas e convalescentes. Em quanto ás opiniões do dono da casa elle nem affirma nem nega o expendido pela Camara: só o que pode dizer he que desde que aquella Ilha foi submettida ao Governo da RAINHA sempre esta casa tivera Officiaes aquartelados, muito dos quaes a mesma Camara para alli mandara.

Diz tambem a Camara (2.º) que o Governador frequentava quasi exclusivamente casas de pessoas desaffectas ao Systema Liberal. — Pode dizer se no rigor da verdade que o Governador não frequentava casa alguma de pessoas affectas ou desaffectas áquelle Systema. Cumprimentava e aceitava os convites do Sr. Consul Geral de S. M. B. com quem entretinha relações d'amizade, e visitava de tempos a tempos o seu antigo Patrão, o Sr. *Vasconcellos* como o fazião Officiaes de maior graduação, que como elle tinhão estado aquartelados. Viveo sempre retirado por genio e por systema em todo o tempo que durou o seu Governo.

Em quanto á 3.ª arguição, a mais importante sem duvida, cumpre á honra do Governador offendida e calumniada dar huma resposta mais extensa, remontando á origem e principio das operações do seu governo militar, de cujo acerto não são juizes competentes, nem a Camara nem o Sub-Prefeito que com tanta ouzadia como má fe se atrevem a censuralias, e com sinistro intento, invertem o sentido de sua marcha regular.

Os homens respeitaveis que á nobre profissão das armas unirem a imparcialidade e rectidão de juizo depois de terem observado a serie chronologica destas operações, dirão se ellas tendião a conservar ou destruir a ordem publica, e a manter ou atraiçoar a Legitima Authoridade do felicissimo Governo da RAINHA e da Carta. Elle porem adverte que tendo de recorrer á sua memoria na falta em que se acha dos documentos que possua, pode acontecer que involuntariamente não marque alguma data daquelles successos com a precisão

que deseja, e que o mesmo aconteça n'alguns dos termos de que elle ou os outros se servirão: mas nunca por certo taes faltas, se as houver, serão essenciaes á verdade dos factos.

Antes da sahida da Expedição da Ilha de S. Miguel tiverão lugar algumas dezerções nos Corpos do Exercito, e estes dezertores devião necessariamente chamar sobre si a attenção das Authoridades. Não ficando ali guarnição se não a d'Artilheria para a Fortaleza, (pois que o Depozito de convalescentes e as praças que existião no Hospital devião sucessivamente, conforme a ordem do General da Provincia, ser enviadas para a Terceira logo que podessem fazer a viagem) dirigio-se o Governador pessoalmente á Camara suscitando lhe a necessidade da organisação d'um corpo provisorio de Guardas Civicas, visto a Companhia de Guardas Nacionaes ser ainda nimiamente fraca para proteger a segurança individual e a publica tranquilidade, e manifestando-lhe por esta occasião os seus sinceros desejos de manter com todas as Authoridades a mais perfeita harmonia: e o mesmo praticou com o Sub-Prefeito da Comarca. O alistamento para o dito Corpo principiou com effeito, e o Governador effereceo-lhe instructores para o seu ensino, encarregando-se elle propriamente da direcção deste, o que teve lugar em quanto os alistados se quizerão prestar á mesma instrucção diaria.

No meado de Julho por terem apparecido alguns daquelles dezertores para o lado de Villa Franca, a Camara pedio ao Sub-Prefeito que exigisse a suspensão da sahida de mais tropa para a Terceira, e a de hum Destacamento para aquella Villa.

Similhantemente pedião da Villa da Ribeira Grande outro Destacamento e huma peça, em rasão de descontentamento que se notava em alguns lugares, e guardar o archivo do Convento de Religiosas supprimido. Como a força do mencionado Depozito constava apenas de 40 homens em actividade, e parte destes erão necessarios á guarnição do Castello, e outras Guardas, respondeo o Governador que para fornecer hum daquelles Destacamentos tinha forças, porém que para os dous necessitava do auxilio da Guarda Civica para reparar a falta que fazião á mesma guarnição no serviço diario.

O Sub-Prefeito, talvez por não achar concordancia da parte do Commandante daquella Guarda, contentou-se com o primeiro Destacamento, que logo partio, e com a boca de fogo que se arranjou para a Ribeira Grande, tendo sido necessario pedil-a emprestada pela não haver do Estado. Hum Official foi por esta occasião mandado pelo General áquella Ilha para conduzir para a da Terceira todas as praças do Depozito; e o Governador despedindo-o deu parte ao General das razões que o obrigárão a suspender atè nova ordem delle a partida das mesmas praças.

Logo depois ordenou o mesmo Governador ao Commandante do Destacamento que se informasse do numero de dezertores existentes

por aquellas paragens, natureza do terreno que occupavão, caminhos que a estas conduzião, gentes que os protegião, ou de quem havião recursos, os meios mais proprios para os perseguir ou capturar, e que de tudo lhe desse conta, acrescentando se julgava necessario para este ultimo caso o ser reforçado. Ainda estas informações não tinhão chegado quando differentes vozes vagas apregoavão, umas por cobardia e outras por mal intencionados, que aquelles dezertores subião ao n.º de 300, e tinhão 3 peças escondidas nos matos (parece que hum dezertor aprehendido fôra o primeiro que isto declarou) e foi por mais segurança que o Governador fez reforçar o mesmo Destacamento com o resto da gente do Depozito, precedeo a requisição ao Sub Prefeito da Guarda Civica para esta dar a guarnição, e n'huma conferencia que teve logar em casa deste se assentou que o dito Corpo formasse a guarda do Castello, removendo-se para ali os prezos politicos que se achavão na Cadea com guarda deste mesmo Corpo. Logo que este reforço partio chegárão as informações do Commandante do Destacamento nas quaes notava a exageração do n.º de dezertores e das peças, fazia conhecer as difficuldades do terreno para poderem ser perseguidos, e dizia que as Authoridades procedião contra as pessoas que das povoações visinhas lhes davão soccorros ou com elles tinhão relações. Em seguimento recebeo o Governador do General da Provincia hum Officio em que muito lhe estranhava o ter elle deixado de enviar as sobreditas praças do Depozito; e prevenia o de que hia expressamente mandar a este fim hum Hiate para os conduzir. O mesmo Governador enviou por copia ao General toda a correspondencia que sobre dezertores tinha recebido fazendo lhe ver a necessidade que tinha da demora ali destas praças, e acrescentava que se o Hiate annunciado chegasse antes d'obter resposta desta communicação, elle não despediria estas praças sem aquella resposta, a qual se fosse contraria a sua expectação elle se veria a seu pezar obrigado a concentrar no Castello a força que restasse. O navio não veio, e o General não respondeo. O Governador annunciava outro sim ao mesmo General que hia pessoalmente a Villa Franca com o destino de reconhecer a qualidade do terreno em que apparecião aquelles dezertores e os meios proprios para serem dispersados ou prezos. E com effeito em vinte e tantos d'Agosto sahio para a dita Villa, mas poucas horas depois d'ali ter chegado recebeo huma participação do Sub Prefeito na qual lhe dizia terem sahido a hum passageiro a legoa e meia da Cidade huns 50 homens, alguns destes com espingardas, os quaes julgava serem dezertores e tinhão espancado e roubado o mesmo passageiro, que a cidade se achava indefeza e que pedia as providencias que julgasse adequadas. Note-se aqui de passagem quão avisadas erão as medidas das Authoridades Civis em taes occasiões. Mandão pedir providencias a quem se achava a 5 legoas de distancia da Cidade, e a 4 ou 4 ½ do ponto aonde dizião apparecerem os 50 dezertores armados de paos e

espingardas, havendo na Cidade 300 Voluntarios armados e municiados!!! Não só nesta, mas em outras occasiões as diversas Authoridades Civis daquella Ilha parece que querião que o Governador, á imitação do Salvador, fizesse milagres analogos ao da multiplicação dos 5 pães e 2 peix s, reproduzindo em differentes partes, e ao mesmo tempo, a pequena força de 40 homens que tinha á sua disposição! Mas continuando a marcha dos procedimentos do Governador, este não obstante conhecer a inefficacia do movimento do Destacamento sobre o ponto indicado em rasão da distancia a que delle se achava, e do tempo que se havia perdido, fez apromptar barcos e partio com elle desembarcando na Villa d'Alagoa, donde seguio ao ponto referido, chegando ali antes de ser dia, e explorando o lugar e informando-se com os visinhos deste, e com a gente que transitava, ninguem lhe deo noticia da existencia daquelles homens nem naquelle dia, nem na vespera, donde pôde concluir que o tal queixoso fôra o unico que vira aquelles salteadores, a ser exacto o que referira.

Recolheo então á Cidade com o Destacamento, e encontrando hum dos membros da Camara que lhe disse hia tomar noticias áquelle respeito, elle lhe estranhou que a mesma Camara em vez d'esperar pelas providencias do Governador que se achava a 5 legoas, não tivesse logo feito marchar alguma parte da Guarda Civica a perseguir e bater essa gente logo que tiverão aviso da sua existencia acolá. Ao que o sobredito membro respondeu que a Camara o não fizera porque logo se persuadira da pouca importancia daquelle annuncio.

O Destacamento voltou depois a Villa Franca, e o seu Commandante recebeu do Governador instrucções para andar volante pelas Povoações proximas aos lugares em que apparecião dezertores. A estas instrucções e methodo d'operar chama o Presidente da Camara no Acordão—*itenerario periodico*—e com a mais supina ignorancia, ou antes refinada malicia attribue a esta medida o não se haverem frustrado os planos dos dezertores, antes pondo os em estado de perfeita segurança.

O systema adoptado pelo Governador naquellas instrucções tinha por base o conhecimento que lhe derão em Villa Franca ácerca da natureza do terreno em que os dezertores se acoitavão, e do modo porque elles se manifestavão, aqui e ali, sem logar fixo, em pequenas porções, não sendo possivel perseguillos d'outra maneira por não haverem forças que podessem estacionar-se em cada huma das Povoações visinhas, as quaes lhes cortassem as communicações e descarregassem opportunamente sobre elles e ao mesmo tempo hum golpe decisivo.

Este methodo, por tanto, pareceo ao Governador ser preferivel áquelle de conservar estacionado em Villa Franca todo o Destacamento sobre tudo deixando as instrucções, como deixavão, á descrição e prudencia do Commandante o poder alterar o disposto nellas quando as

circumstancias o exigissem, o que elle effectivamente fez algumas vezes. Com menos de 40 homens (porque alguns havião adoecido pelo trabalho neste serviço) que outra medida se podia adoptar para impedir aos dezertores o livre curso em todas as direcções? Mais seguro seria o resultado se se tivesse posto em pratica a lembrança suggerida pelo Governador ao Sub Prefeito de obrigar as pessoas que tranzitassem d'hum para outro lugar a irem munidos d'hum —*Passe*— d'Authoridade respectiva do lugar da sua residencia.

Mas que planos strategicos serião esses que só o Prezidente da Camara vio desenvolver aos dezertores por causa da maneira de os perseguir ultimamente adoptada? Aquelles não *começárão*, continuarão a *apparecer* do mesmo modo que d'antes: e as communicações Officiaes do Sub Prefeito e do Commandante do Destacamento depois daquelle tempo nunca lhe annunciárão mais que huns tiros dados para a casa d'hum Morgado no Lugar das Furnas ao abrigo da noite, escapando-se os aggressores immediatamente. Este successo pode apenas, se fosse preciso, affirmar a existencia de malfeitores, mas nunca servir d'apoio á imputação que o mesmo Prezidente faz ao Governador pela escolha dos meios para os prevenir. Não era necessario o remoto Lugar daquellas Furnas para que fosse possivel áquelles individuos o referido acommetimento; do modo porque elles o fizerão podia ter lugar ainda mesmo dentro d'huma Cidade. O que se vê pois claramente no Prezidente da Camara e seus consocios he o desejo d'envenenar os actos do governo d'hum homem que antes e depois de ser elevado por S. M. I. áquelle importante emprego soube sempre manter com dignidade e firmeza a authoridade que compete a hum Governador, qualquer que seja a sua jerarquia.

Desde este tempo parece que os terroristas e cobardes tinhão deixado repousar mais tranquillos os leaes Habitantes de P. Delgada sobre os receios que lhes inspiravão os ditos dezertores. Porém noticias absurdas e falsas espalhadas pelos inimigos da Causa da Rainha sobre a situação do Exercito Libertador, começárão a pôr alguns espiritos em agitação, e sem que alguma Authoridade lho fizesse constar, tratou o Governador de tomar medidas de prevenção. Ordenou ao Commandante d'Artilheria que examinasse 3 peças (duas das quaes pedio emprestadas) orçando a despeza que com ellas se precisava fazer para as pôr em estado de servir com tirantes, e feito isto rogou ao Sub Prefeito por bem do Serviço e defeza da Ilha quizesse adiantar a quantia orçada, em quanto não obtinha para isto ordem do General a quem passava a dar parte desta necessidade. A obra achava-se quasi concluida ao tempo da remoção do mesmo Governador.

Pelo mesmo motivo, considerando elle que o Castello de S. Braz era como a Cidadella daquella Ilha, e que ali existia o depozito d'armamento, artilheria, e munições de guerra, bem como grande numero de prezos politicos, sentenciados e dezertores (destes ultimos tinha

elle procurado desembaraçar-se pedindo ao General que os fizesse remover para a Ilha Terceira): e finalmente que não obstante ser a guarda que alli se achava composta de Cidadãos honrados da Guarda Civica: todavia a sua falta d'experiencia, e d'aquella disciplina que he privativa de corpos regulares, apezar da sua boa vontade, lhe poderia fazer cometter algum descuido, com risco da segurança daquelle importante posto, ordenou ao Governador interino do mesmo Castello, que elle ou o seu immediato passasse a residir dentro delle, a fim de poder de mais perto vigiar pela regularidade do serviço, e occorrer com promptas providencias em caso de necessidade, sendo em tudo coadjuvado pelo Ajudante da Praça. Outro sim ordenou que se acrescentasse nas instrucções da guarda hum artigo relativo á maior segurança dos prezos. Ao mesmo tempo officiou ao Commandante da Guarda Civica rogando-lhe que fizesse sentir aos individuos della que no Castello montassem guarda a necessidade de se conformarem com as instrucções a ella dadas a bem da segurança da Fortaleza que havia sido confiada á sua honra e patriotismo.

Cumpre neste lugar responder igualmente ás arguições do Sub-Prefeito, pois que nesta resposta vão involvidos algumas das disposições Militares e das providencias que pertencem á serie consecutiva das que o Governador continuou a dar a bem da segurança e tranquilidade da Ilha.

O Sub-Prefeito pedio (he verdade) huma força para Villa Franca em 15 de Setembro em consequencia da requisição do Commandante da Guarda Civica daquella Villa por occasião de terem aparecido nas suas immediações 13 ou 14 homens armados de páos, e só 4 de espingardas, os quaes fugirão ao simples reconhecimento que elle mandara fazer por 4 Soldados do Destacamento volante, que ali havião ficado para reforçar a dita Guarda. O Governador em virtude desta requisição enviou logo ao sobredito Commandante da Guarda Civica hum officio para este o dirigir ao Commandante do Destacamento citado no qual lhe ordenava mandasse para Villa Franca 1 Sargento com 12 Soldados. No dia 20 seguinte recebeo do mesmo Sub-Prefeito outro officio de que elle falla, no qual em hum tom de superioridade e arrogancia que quasi sempre affectara em seus oficios, lhe perguntava se o mesmo Governador tinha ou não dado cumprimento á sua requisição, ou cousa similhante, ao que o Governador resentido lhe respondeo (he tambem verdade) da maneira que o mesmo Sub-Prefeito expõe, omittido só maliciosamente a ultima clausula daquelle officio, em que o Governador lhe assegurava que estavão dadas as providencias que julgara opportunas.

Não he menos certo ter o Governador ter recebido no mesmo dia 20 outro officio pela tarde do Sub-Prefeito acompanhado de nova requisição de tropa, o qual aberto, e lidas apenas algumas das suas primeirás linhas se lhe figurou que tinha por objecto dar-lhe em termos ma-

is comedidos e urbanos, os motivos da sua derradeira pergunta, e sem mais exame passou a responder-lhe no mesmo momento, declarando-lhe explicitamente a qualidade das providencias que dera para Villa Franca, as quaes estava certo terião sido cumpridas. A este engano ou illusão dá o Sub-Prefeito tambem o titulo de *tergiversação*, quando nada era mais natural do que desfazer promptamente o engano, sem que padecesse grande demora a providencia pedida.

Diz mais o Sub-Prefeito que dirigira logo novo officio para remedear aquelle engano: porém he certo que este só na manhã do dia 21 lhe fôra entregue no seu quartel, levado ali pelo portador enviado por aquelle Sub-Prefeito, sendo crivel que este fosse por aquelle informado da demora na entrega. Com effeito assim que o Governador recebeo no mesmo dia 21 aquelle officio, e reconheceo o engano em que havia cahido, e que a força novamente pedida era para a Ribeira Grande e não para Villa Franca, por se estar ali procedendo a devassa pelo crime de moèda falsa, sem mais demora procedeo a ordenar que o Destacamento volante se dividisse em duas partes iguaes, que huma dellas com hum Sargento capaz marchasse, logo que esta ordem se recebesse, para a Ribeira Grande, e a outra para Villa Franca com o Commandante do Destacamento a estacionar-se ali, sem por isto deixar de sahir a qualquer ponto aonde similhante força fosse acidentalmente necessaria. Ordenava outro sim ao mesmo Commandante que immediatamente o avisasse do dia em que a porção de gente que marchava para a primeira destas Villas ali devia chegar, para achar-se nella o Official que naquelle ponto a havia commandar. Para maior promptidão remetteo ao Sub-Prefeito o officio em que isto determinava para elle o fazer expedir ao Commandante do Destacamento, rogando lhe desculpasse o engano que tinha havido. Elle não accusa a recepção deste officio ou de proposito, ou porque não se acharia em casa quando lhe foi enviado, mas elle existe, e a sua copia, bem como a do outro, se achava dentro do Copiador para serem lançados. A isto seguio-se o escandaloso facto da suspensão do Governador, e cessárão por conseguinte as suas funcções.

Nada mais he necessario dizer em resposta ao 3.º artigo das inculpações exaradas no famoso Acordão contra o Governador; por nos parecer que a veridica exposição que acabamos de fazer triunfantemente convence e destroe este cavilloso artigo, o unico aliás que por sua natureza não merecia o desprezo de que os outros são dignos.

E na verdade se a inculpação que se faz ao Governador no 4.º artigo não atacasse hum seu amigo e antigo Camarada, que por fazer obzequio ao mesmo Governador se vio envolvido com elle na mais atroz calumnia, nem huma só palavra diria em resposta a tão ridiculo artigo.

O individuo a quem o Prezidente da Camara chama Secretario particular do Governador nem era tal, nem o desejava ser. Animado

d'igual zelo pela Causa da RAINHA e da Liberdade da Patria, pela qual tantos e tão penosos sacrificios havia feito, desejando ser util annuio generosamente ao amigavel convite que lhe fizera o Governador d'ajudallo na sua correspondencia, em quanto ali se demorasse. Essas declarações, ou mais exacto, a declaração d'hum unico dezertor capturado (pois que era hum, e não mais como maliciosamente diz o Prezidente) nunca se poderia acreditar tanto porque similhante dezertor para dar importancia á sua quadrilha a figurou de hum avultado numero de sócios que conhecidamente não tinha, e de peças d'artilheria que tambem não possuia, buscando para seu chefe hum nome que fosse conhecido, tendo com tudo isto em vista o fazer-se necessario aceitando-se-lhe o offerecimento que fizera d'ir preparar a captura de todos se o deixassem ir livre reunir-se aos mesmos sócios; como porque, dizemos, os sentimentos do seu amigo erão conhecidos, e os seus serviços apreciados pelos defensores da RAINHA e da Carta, acrescentando ter-se elle achado constantemente na Cidade sem que jámais della houvesse sahido em quanto se demorou na Ilha com a excepção unica daquelle dia em que acompanhou o mesmo Governador a Villa Franca e no movimento feito naquella occasião contra os dezertores, como já fôra referido. E não he só o Governador que pode affirmar a sobredita permanencia do seu amigo naquella Cidade, são tambem as pessoas da numerosa e respeitavel Familia em cuja casa se achava hospedado desde a sahida da Expedição, e todas as mais que com estas tinhão frequencia, e outras d'amizade do mesmo individuo. Este mesmo, tendo em sua mão aquella declaração havida por cópia deu-lhe tão pouca importancia que se contentou em pedir ao Commandante do Destacamento fizesse além do seu dever, por amizade a maior deligencia por apanhar ás mãos o individuo que se cubria com o seu nome para hum objecto tão indigno.

Outro tanto se pode dizer do futil e ridiculo artigo 5.º. Que sitios erão esses para onde o Governador dirigia passeios *isolados?* Que guerrilhas encantadas erão aquellas que por ali tranzitavão? Nunca em Ponta Delgada se ouvio fallar em que ellas apparecessem nas vizinhanças e dentro dos limites atè onde o Governador estendia os seus passeios nos fins das tardes, salvo nesse dia d'Agosto em que elle fôra a Villa Franca e mesmo assim, se foi verdade, o que atégora he problema, era a legoa e meia de distancia da mesma Cidade. O que constava he que essas guerrilhas existião pelo Norte da Ilha: e daria o Governador passeios *isolados* de 12 ou 14 legoas, ida e volta?

Talvez que o Prezidente da Camara não advertisse que acuzando o Governador de crimes imaginarios, contra elle poderião reflectir suas mesmas settas. Se o Governador quizesse usar de represalias, e retorquir com as mesmas armas, diria que se o Presidente sabia, como disse, que por aquelles sitios tranzitavão guerrilhas, e disso não dava parte, nem contra ellas mandava a Guarda Civica de que era Com-

mandante, o que nada disto fez, ou elle as não temia, ou tinha motivos que o obrigavão a poupallas.

Finalmente, o Governador julga ter sido já demasiado extenso em rebater com as armas da verdade a mais negra, iniqua e cavilosa intriga a que jamais se vio sugeito algum homem público. Ella foi urdida pelas mãos da inveja e d'outras viz paixões, indignas d'homens que se appellidão liberaes. Se isto se fizer patente por outros meios, como o Governador deseja, e a justiça pede, talvez se cubrão de pejo os seus despreziveis authores.

O Governador Militar está prompto a responder pelos actos do seu governo perante o Tribunal da Lei. Se assim lhe fôr concedido, o seu triumpho não será por certo duvidoso. *Florencio José da Silva*, Major Governador Militar da Ilha de S. Miguel.

Opusculo de 17 pag. In 4.º. Porto, 1832 Imprensa do Gandra, & filhos.



# NOTAS AÇORIANAS

(*Continuado de pag. 245, Vol. VII.*)

## XVIII

# Alguns visitantes illustres da ilha do Fayal

## MARTIM DE BOHEMIA

## (1486)

Não findou com a morte do preclaro Infante D. Henrique, occorrida no anno de 1460, o grande movimento maritimo implantado em Portugal pelo benemerito filho d'El Rei D. João I.º, e a escola de Sagres, o ponto então mais importante da Europa, no que dizia respeito à improba tarefa de devassar mares e descobrir terras era ainda o nucleo aonde combinavam os seus arrojados planos os mais notaveis maritimos d'aquella epocha, cuja assombrosa fama mais tarde tornaria immortaes as praias d'onde partiam em busca de desconhecidas paragens.

O grande vulto do Infante D. Henrique, embora amortalhado e descançando no jazigo real, não cahira de sorte alguma no olvido, os seus ensinamentos, a sua inabalavel dedicação a bem da sciencia e da patria, e a dicidida protecção que sua Altêza prestava sempre aos aventureiros maritimos, reflectia-se ainda, em toda a sua luz na patria que tanto honrara pelas suas egregias virtudes.

Remotos povos e desconhecidos paizes viam admirados surgir do vasto oceano as alterosas prôas das naus portuguezas, cujos mareantes ora se volviam em aguerridos soldados, ora em consumados explorado-

res, para levar por toda a parte o germen abençoado do christianismo e com elle as primeiras noções da civilsação, que para nós foi sempre precedida da redemptora cruz.

A proeminencia que n'essa epocha havia adquirido Portugal, entre as nações da Europa, especialmente no que dizia respeito ás expedições e empresas maritimas, chamou á capital do reino alem dos mercadores e navegantes nacionaes, muitos estrangeiros de diversas proveniencias e qualidade que á sombra da bandeira portugueza esperavam encontrar as vantagens que, por mais pobres e menos emprehendedoras, não lhe podiam offerecer as terras das suas respectivas naturalidades.

Lisboa era então o emporio do mundo civilisado e todas as attenções convergiam para essa encantadora cidade que mirava nas agoas do Tejo as suas torres e castellos e o amiudado troar da artelharia que alli se ouvia, fallava sempre de glorias e augmentos de conquistas e victorias.

A maré ia de enchente.

Por ventura a fama das vantagens que poderiam advir para esforçados militares de servir sob o dominio da bandeira portugueza, ou tambem a conveniencia que os sabios encontravam de n'aquelle grande centro de civilisação poder alargar ainda mais a esphera dos seus conhecimentos, tratando ou associando se com homens distinctos de diversas nacionalidades, em logar que não passavam desapercebidos, nem sem protecção os seus trabalhos a bem da sciencia, trouxe necessariamente a Lisboa grande numero de notabilidades estrangeiras tanto no que dizia respeito á arte da guerra, como nos arroteamentos scientificos, nas suas variadas ramificações, embora estas fossem, então ainda assaz difficientes.

Das terras de Flandres, não foi, ao que parece, pequeno o contingente de emigrantes e alguns até das mais elevadas classes da sociedade.

A cidade de Nuremberg, então capital imperial da Franconia, a povoação favorita de Carlos 4.º, daquelle imperador que publicando nos seus Estados a *Bulla de oiro*, até modernamente a lei fundamental da Allemanha, tanto contribuio para a supermacia do clero, Nuremberg com as suas trezentas sessenta e cinco torres adornando as muralhas que a cingiam e no centro da qual prosperavam artes e estudos, servio de berço no anno de 1430 a um rapaz, filho de familia illustre, a qual ainda actualmente alli existe, e que se tornou celebre nos annaes da sciencia, devido ao nascimento a que nos referimos.

Martim de Bohemia ainda bem novo tornou-se assaz conhecido na sua patria pelos notaveis conhecimentos que adquirira como mathematico e nauta e em diversas emprésas commerciaes percorria aos 27 annos de edade diversas nações.

Assim passou a mocidade e só em 1480 é que, pela primeira vez veio a Portugal.

Presou sobremaneira o monarcha portuguez, D. João 2.º, a entrada no seu reino de um sabio que vinha precedido de tão grande nomeada, e desde logo o empregou em negocios atinentes á astronomia, tratando-se, n'uma commissão adrede creada, de applicar a theoria do asrolabio armilar de Monte Regio á navegação, pois que n'aquelle tempo á mingoa de mais correctos instrumentos, seria de grande vantagem para quem navegava conhecer, com exactidão, a altura dos astros.

E praticamente ia Martim de Bohemia experimentar o fructo das suas lucubrações, porquanto em 1484 partio com Diogo Cão n'uma viagem de descoberta ao continente africano.

Estiveram, como é sabido, no Congo e no rio Zaire e alli perpetuaram em levantado padrão a gloria do descobrimento d'aquellas paragens.

De volta a Lisboa armou-o El-Rei D. João 2.º, cavalleiro de Christo.

Isto occorreu na anno de 1486.

A sua demora no continente foi apenas de alguns mezes e pouco depois, mas n'esse mesmo anno, seguramente para matar saudades com o seu patricio e amigo Jobs Van Huerter, então capitão donatario da ilha do Fayal, aqui aportou.

Crescido foi o numero dos seus compatriotas que veio encontrar, tanto que chamavam tambem a esta parte do archipelago a ilha dos Flamengos, os quaes, diga-se a verdade, nem todos eram gente limpa, por quanto os criminosos condemnados á morte n'alguns tribunaes da Germania, a rogos da infanta portugueza D. Izabel, em cujas vodas se instituio a ordem do Tosão d'Oiro, irmãa de El-Rei D. Duarte e casada com Filippe, duque de Borgonha, para o Fayal foram degradados, em vez de soffrer mais duro castigo.

E' bom que tenhamos isto em vista, importámos então bom trigo de lei, mas tambem muito joio de somenos valia.

A casa do capitão donatario e de sua mulher D. Beatriz de Macêdo era fóra da povoação, no sitio mais tarde denominado do «Pastelleiro», não excedendo esta, por muitos annos, o canto chamado da alfandega, aonde subsequentemente houve um caes de pequenas dimensões. Pela parte do norte era a Horta limitada pela ribeira da Conceição, como ainda muito bem mostra as disposições das ruas d'aquelle lado da cidade e sendo, até não ha muitos annos, n'aquelle recinto que se effeituavam todas as procissões e festas publicas. Todas as ruas do Collegio dos Jesuitas para o sul são de data, relativamente moderna.

Recebeu Jobs Van Huerter, ou Jorge d'Utra, por corrupção do nome, com principesco tratamento um tão illustre visitante, hospedou-

o na sua fidalga moradia e mais se reataram os laços de amizade que já, antecedentemente, uniam estes dois estrangeiros.

O amigo em breve volveu se em parente, porquanto na Horta e provavelmente na egreja, ou ermida, de Santa Cruz, proxima da residencia do capitão donatario e a qual, ainda actualmente, sem que da mesma existam quaesquer ruinas, dá o nome a um sitio da freguezia das Angustias, se celebrou o casamento de Martim de Bohemia com D. Joanna de Macêdo, filha do mesmo donatario.

D'este consorcio sabe-se que em 1489 nasceu um filho, no Fayal, que recebeu o mesmo nome do pae.

Foi, n'aquella occasião, demorada a permanencia nos Açôres do notavel cosmographo, planeando aqui diversos trabalhos scientificos e passando o tempo em aturados estudos.

Só em 1491 é que sahio da ilha, dirigindo-se a Nuremberg para visitar a sua familia e para fabricar o celebre *Globo terrestre*, ainda hoje existente na Allemanha, specimen conservado cuidadosamente pelos seus descendentes e que se torna um artefacto importantissimo, indicando n'aquella esphera de meio metro de diametro não sómente as descobertas do author, mas bem assim o estado do mundo conhecido n'aquella era.

Bastaria a confecção d'este tão fallado *Globo*, para o tornar immortal.

Parece-nos ter sido, até aqui, a quadra mais prospera da existencia de Martim de Bohemia e que a estrella que até então o guiara com inexcedivel brilhantismo, começou a empanar-se em turbidos horisontes.

Em 1493, vindo por Lisbôa, aportou de novo á ilha do Fayal, aonde deixara mulher e filho, sendo recebido na moradia de Jobs Van Huerter e alli descançando, no benigno clima açoriano, dos labores scientificos em que andara embrenhado nos ultimos dois annos.

Tinha-o, porem, em vista, o Sr. D. João 2.º e apenas decorridos alguns mezes, recebeu um aviso para se apresentar perante o monarcha.

O motivo d'esta ordem era para lhe ser confiada uma importantissima missão diplomatica, de caracter confidencial, a qual pelos bons creditos que El Rei sabia elle gosar para com Maximiano 1.º, rei dos Romanos, esperava ser favoravelmente resolvida.

Tratava se nada menos do que, devido á bôa vontade de Maximiano 1.º, obter da Curia Romana a legitimação de D. Jorge, filho natural do monarcha portuguez, para assim o habilitar a succeder na corôa.

Foi uma desgraçada missão esta, o navio que conduzia Martim de Bohemia foi tomado por um corsario da Inglaterra, enfermando perigosa e demoradamente n'aquelle paiz e quando conseguio d'alli sahir, foi cahir outra vez nas mãos d'um corsario francez.

Para recuperar a liberdade foi necessario pagar pesado resgate e quando proseguia afinal na sua tão accidentada viagem, fallece em Outubro de 1494, El-Rey D. João 2.º, ficando assim frustrada a sua missão, que se tornava impossivel.

Regressou, pela terceira vez para a ilha do Fayal.

Durante doze annos, viveu obscuramente nos Açores, porventura logrando no seio da familia dias mais serenos e menos fadigosos do que esses em que tão porfiadamente se entregara á sciencia sua inseparavel companheira e á politica que só lhe deu desgostos.

Em 1506, ignora-se porque motivo, foi acompanhado da mulher e do filho a Lisboa, aonde falleceu em Julho de 1507, sendo enterrado na egreja de São Domingos.

O filho que lhe dera alguns dissabores erigio-lhe, doze annos depois, n'uma egreja de Nuremberg uma lapide commemorativa dos seus feitos e morte, longe da patria, e o imperador Maximiano, amigo dedicado do celebre cosmographo, levantou-lhe tambem um monumento com esta honrorissima inscripção: *Martino Behemo nemo unus imperii civium magis unquam perenigrator fuit, magisque remotas adiit orbis regiones.* (Jamais em imperio algum houve maior viajante do que Martim de Bohemia, nem quem penetrasse em mais remotas regiões do globo.

A familia de Martim de Bohemia não deixou descendentes na ilha do Fayal, nem qualquer indicação da sua permanencia, o filho recolheu para sempre a Nuremberg, aonde ainda hoje existem alguns seus descententes e a viuva casou com um Madeirense distincto, indo viver para essa ilha.

As obras e missão scientifica d'esse sabio allemão foram n'algum tempo muito ampliadas nas suas proporções, querendo até alguns dos seus biographos apresental-o aos vindouros como um rival de Colombo, do qual conhecia a theoria de um continente entre a Europa e a Asia, sendo somente a felicidade d'este arrojado nauta de se lhe haver anticipado no descobrimento da America.

Isto carece, porem, de inteira confirmação.

O que é, ainda assim, indubitavel é que Martim de Bohemia foi um sabio notabilissimo a muitos respeitos e que, com a sua estada na ilha do Fayal, ficou esta ilha muito conhecida no mundo scientifico, tornando se de futuro impossivel extremar o seu nome do logar em que este homem celebre passou alguns annos da sua preciosa existencia.



# D. JERONIMO TEIXEIRA CABRAL

## (1601)

Como alterosa torre que derrocada do cume de gigantesca montanha, arroja os seus destroços a grande distancia pelas virtudes soberbas e grandiosas, assim tambem a extincção da poderosa Ordem militar dos Templarios, por Clemente VII, no anno de 1312, disseminou por diversos paizes aquelles esforçados cavalleiros, aos quaes tantos crimes se indigitaram, mas sem provas sufficientes para os apresentar ás gerações futuras como merecedores da perseguição que lhes foi inflingida.

A Ordem dos Templarios que se havia successivamente engrandecido, a ponto de chegar a possuir nove mil edificios proprios, que dispunha de grandes riquezas e de aguerridas hostes, cuja influencia se fazia sentir em todos os negocios publicos ou particulares, devia necessariamente, levantar invejas, despeitos e resentimentos mais ou menos justificados, n'aquelles que estranhos á sua disciplina, embora collocados em alto estado da publica governação, tinham ainda assim, e não raramente, de se curvar ou transigir com a vontade d'esses arrojados cavalleiros.

Era um estado dentro do estado e não somente n'uma ou n'outra nação, mas em todo o mundo então conhecido.

Os estatutos, com que nove cruzados francezes, fundaram em Jerusalem, a Ordem dos Templarios, em 1118, estavam afinal bem alterados de sua primordial e benefica missão, os guardas vigilantes do sepulchro de Christo, velavam mais os bens terrenos do que o tumulo do divino Mestre e a cruz vermelha que se destacava nos seus alvos mantos tornara se mais o symbolo da ambição do que o signal abençoado que distinguia aquelles que nos primeiros tempos do seu instituto recebiam solicitos os cançados peregrinos da Cidade Santa, curando as suas enfermidades, e servindo os com a humildade e abnegação dos apostolos dedicados do Evangelho.

Como no oceano profundo e immenso por vezes silva a tormenta vindo agitar, devastadora, a sua imponente vastidão, egualmente n'aquelle grande poderio da Ordem dos Templarios, a torrente dos odios durante seculos comprimidos, um dia rebentou, como a lava de interne vulcão, convulsionando a terra e destruindo na sua passagem o marmoreo edificio que parecia dever resistir impavido ao decorrer dos seculos.

Tão frageis são as obras do homem em todas as suas diversas manifestações por mais valentes que pareçam, cahindo por terra com a mesma facilidade com que a brisa da tarde desfolha nos valledos a

tenue florinha que ainda ha pouco sorria ao caminheiro, beijada pelos raios d'um sol esplendido!

Arredada qualquer instituição dos seus primitivos intuitos, ensoberbecida pelas riquesas, ou criminosa pela irresponsabilidade dos seus actos, a taça das suas iniquidades enche se com rapidez e do momento que transborda, volvido o liquido que continha em mortifero veneno, as primeiras victimas que faz, são aquelles mesmos que vangloriosamente a empenhavam.

Seria, porem, isto o que aconteceu aos Templarios?

Apesar de decorridos tantos annos depois da sua extincção, não é possivel responder cabalmente a semelhante pergunta e o problema que os Templarios deixaram ás gerações futuras para resolver, não tem até hoje uma solução perfeita, dividindo-se a este respeito os mais conspicuos escriptores e aguardando ainda o *veredictum* severo, mas justo, da historia, que não seja influenciado por odios, todo luz e verdade.

Se estes predicados são apanagio exclusivo de Deus, os actos e julgamento dos Templarios, continuará a figurar como mysteriosa esphinge no immenso Pantheon dos acontecimentos humanos.

Extinctas as chammas da fogueira aonde em publico e velipendioso suplicio foi queimado em Paris, a 18 de Março de 1314, Jacques Molay, o Grão Mestre da Ordem, perseguidos nos seus reductos, aos membros d'essa enorme associação foi-lhe, necessariamente, da maxima conveniencia mudar de titulo, para se eximirem a mais horrendas provações, embora perante a morte, nas fogueiras ou no cadafalso, jámais houvessem renegado do seu credo e constantemente apregoado a purêsa das suas intenções.

Das cinzas da Ordem dos Templarios, para nos servirmos da phrase de Antonio de Villas Boas e Sampayo, na sua *Nobiliarchia Portugueza*, surgio, no reinado de El-Rei D. Diniz e a 14 d'Agosto de 1318, a Ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, formada com o patrimonio das rendas que ficaram d'aquella sua antecessora, que possuia n'este reino vinte e uma Villas e logares e quatrocentas e setenta e duas commendas.

Foi o primeiro Mestre da Ordem de Christo D. Frei Gil Martins e tinha esta o seu assento na Villa de Castromarim, sendo posteriormente mudada para Thomar, em 1356, já então no reinado de D. Pedro I.º, por alli existir um antigo convento dos supprimidos Templarios.

Em breve a Ordem de Christo tornou-se assaz importante em Portugal, a ponto dos maiores serviços feitos á republica serem premiados com as insignias da mesma e respectivos proventos e presidindo invariavelmente e esta Ordem os varões mais illustres do paiz.

Assim, por occasião da descoberta dos Açores, o Mestrado da Ordem estava affecto á nobre personalidade do grande Infante D. Hen-

rique, que sobre essas ilhas ficou tendo jurisdicção espiritual, approvado por Roma, em attenção aos relevantes serviços por Sua Alteza prestados ás christandades do mundo.

Os encargos da Ordem de Christo, bem como das Ordens, tambem militares, de São Bento d'Aviz e São Thiago da Espada eram pagos pelos dizimos, então em vigor, e sómente ficaram uma simples mercê honorifica, pelo Decreto de 30 de Julho de 1832, que abolio aquella receita do Estado.

O gradual desenvolvimento e importancia que iam adquirindo os Açôres, indicavam, n'estas ilhas, a conveniencia da criação d'um bispado, tratava d'isto a ilha de São Miguel, bem como a da Terceira, cuja principal povoação havia sido elevada á cathegoria de cidade em 21 d'Agosto de 1534.

Com o levantamento da cathedral de São Sebastião, em 11 d'Outubro do mesmo anno, criava El-Rei D. João III o novo bispado d'Angra, applicando das rendas do mestrado de Christo 200$000 reis annuaes para a manutenção do primeiro prelado, ou dos que lhe viessem a succeder, o que foi confirmado pela Bulla de 3 de Novembro do mesmo anno, assignada por Clemente VII, que confirmava este procedimento do monarcha portuguez, assim como por uma outra Bulla da mesma data era tambem confirmada a nomeação do respectivo bispo da nova diocese D. Agostinho Ribeiro.

Os bispos d'Angra, mantidos a expensas da Ordem de Christo, ou propriamente dos reditos do Estado, tem sido no numero de vinte oito, no decurso de trezentos cincoenta e um annos, desde 1534 até ao actual de 1885.

D'este já crescido rol de prelados açorianos, apenas onze visitaram a ilha do Fayal, os quaes iremos mencionando segundo a ordem chronologica da sua vinda a esta parte da diocese, da qual os habitantes pelos seus provados sentimentos religiosos, consideram semelhantes datas como dias festivos nos annaes da sua humilde historia.

Começaremos por D. Jeronymo Teixeira Cabral, natural de Lamego, 9.º Bispo dos Açôres, sendo este o primeiro prelado da diocese que honrou com a sua presença a Villa da Horta. Esta visita effectuou-se logo depois da sua chegada a Angra no anno de 1600 e n'esta ilha se achava no anno seguinte, segundo um termo existente no archivo da parochia de Pedro Miguel.

Esta futura Provincia de São João Evangelista dos Açôres parece que toda tinha cahido em certo desregramento de costumes e licenciosos usos que pediam severas correcções do Pastor a quem estava confiado tão peccaminoso rebanho, tanto mais que ao actual lhe haviam elevado os vencimentos de 200 a 300$000 rs. annuaes e que por conseguinte, como diz o povo, mais farinha mais agua, que até para combater o demonio já n'aquelles tempos era necessario um homem endinheirado.

E vinha de molde para semelhante empresa D. Jeronymo Teixeira Cabral, licenciado em Canones, Conego da Sé de Lisboa e mais do que tudo isso Inquisidor da Inquisição d'Evora.

Segundo as chronicas, não desmentia o seu ferenho comportamento a severidade que este ultimo e lugubre titulo lhe impunha.

Era homem de ferro, d'estes d'antes quebrar que torcer.

Arranjara em Lisbôa, para visitar a sua diocese, a concessão de uma embarcação segura, que d'um a outro ponto o conduzisse, o que importava ter á conta do Estado e pago pelas diversas feitorias um navio ás suas ordens e começou a sua peregrinação pelas povoações do seu bispado.

Diz-se que era varão de vastos conhecimentos theologicos e profanos, mas que habituado a, na Santa Inquisição, exercer despoticamente e sem quaesquer restricções a sua vontade, trouxe para estas ilhas semelhante defeito de educação, pondo se em breve tempo em conflictos quasi constantes com a regia authoridade, da qual ao que parece pouco caso fazia.

Afigura-se-nos que isto era pecha usual dos Inquisidores e D. Jeronymo n'este ponto tinha tido um digno antecessor em D. Pedro de Castilho, que tambem governou a diocese e havia sido Deputado do Santo Officio da Inquisição de Coimbra.

Que bello formigueiro de tyrannos tão sagrada instituição, inventora dos autos da fé e do *tracto esperto!*

Os dois bispos a que nos referimos andaram sempre em renhida lucta com a jurisdicção civel, o que não nos parece muito coherente com a doutrina do divino Mestre que manda dar a Cesar o que é de Cesar.

São maneiras de pensar, liam evidentemente por outra cartilha.

Pelo que se pode inferir, á mingoa de documentos comprovativos do proveito da visita de D. Jeronymo á ilha do Fayal é, que nem o povo aqui ficou satisfeito do seu prelado, não levando tambem o mesmo saudosas recordações que lhe fizessem querida esta ilha, ou que a poupassem de futuro da sua severidade, provavelmente para castigar abusos, ainda existentes apesar das suas exhortações disciplinares.

Em abono da verdade deve-se tambem dizer que desenrugar a face d'um inquisidor não era cousa das mais faceis, a não ser ao rubro clarão das fogueiras.

Recolheu-se o bispo afinal a Angra e o tempo foi decorrendo sempre repleto de questões, não paravam com elle as authoridades civis e com relação á ilha de São Miguel tornou-se celebre pela perseguição que promoveu ás feiticeiras, ás mulheres adulteras, ou a qualquer familia que tinha em conta de menos religiosa.

Ora, no ultimo dia de Janeiro de 1609, o bispo d'Angra feria com um interdicto geral, por espaço de seis dias, d'um sabbado a uma quinta feira, toda a ilha do Fayal.

E n'aquella epocha era esta a maior affronta que se podia fazer a qualquer povoação, assim como gravissimos os inconvenientes e resultados aviltantes de semelhante castigo, os quaes eram: prohibição de celebrar e ouvir Missa ou quaesquer devoções publicas, privação de sepultura ecclesiastica, não se administrar os Sacramentos e silencio dos sinos em todas as egrejas.

Apenas a Sagrada Eucharistia podia ser ministrada aos interdictos ou excommungados, mas tão somente em artigos de morte.

Isto era seguramente muito peior de que prohibir, como tambem fez, que os foliões do Espirito Santo bailassem dentro das egrejas, quando eram coroados os *imperadores*, ou que o padre celebrante da Missa, viesse com um surrão ás costas pedir esmola a quem a mesma assistia.

O interdicto a que nos referimos é, com certeza, para os sentimentos piedosos dos fayalenses uma luctuosa recordação do primeiro prelado que visitou esta pacifica terra e isto, ao que parece, motivado por umas renhidas eleições ecclesiasticas.

E'bem certo o dizer-se que mudam os tempos e mudam os pensamentos.

Se accaso existe ahi algum ecclesiastico que se envolva em eleições, sagradas ou profanas, não nos consta que tenha sido declarado interdicto para nenhum effeito, chegando-se até a propalar, o que não acreditamos, que com semelhantes michordias, com a mudança do Evangelho em Caderno do recenseamento, alguns tem medrado bastante.

A ser isto exacto, o que não deve vociferar na sua sepultura o bispo Inquisidor da tão fallada Inquisição d'Evora?!

Se o ferenho D. Jeronimo podesse vir, actualmente, dar um passeio por este mundo . . . .

Apesar da illustração e outros innegaveis merecimentos do prelado açoriano, nunca conseguio estabelecer paz em casa, defeito seu ou dos insulanos; a balburdia continuava em todos os negocios que lhe diziam respeito, era um redemoinho de questões, de queixas e agravos e, diga-se a verdade, as sentenças do Juizo da Coroa nem sempre lhe foram favoraveis n'este guerrear sem tregoas.

Governando então por mercê de . . . , de Deus não era, em terras portuguezas, El-Rei Filippe III, hespanhol dos quatro costados, apesar dos dares e tomares em que as suas justiças andavam continuamente com o bispo d'Angra, não podiam ainda assim deixar de sympathisar com varão de tanta acção e folego.

Deviam, necessariamente entender-se bem, o Inquisidor e o Rei.

Se o bispo d'Angra andasse de bacamarte ao hombro talvez que o tivesse feito ministro d'Estado, mas como as ballas de que usava eram de papel tiradas das succulentas obras de antigos alfarrabistas, limitou-se a chamal-o para mais perto de si, tendo-o assim á mão para, quando necessario, lhe aproveitar o conselho e sabedoria.

No anno de 1611, deixou D. Jeronymo, annuindo aos dezejos de Filippe III. o pesado encargo da governação do bispado d'Angra, sendo transferido para Miranda, no bispado de Lamego

Foi alli que falleceu alguns annos mais tarde.

O Santo Officio da Inquisição preparava homens d'esta tempera, embora por vezes illustrados e com bastantes merecimentos, mas sempre despoticos e useiros e vezeiros na opposição aos mandados da jurisdição civil.

Miravam a um exclusivo, mas irrealisavel, poder.

D'este prelado não restaram, seguramente, grandes saudades nos Açores, nem com a mansidão que deve revestir os ministros de Christo se coadunam actos de verdadeiro despotismo que pôz em pratica, chegando a prohibir a sahida de qualquer individuo para fora da ilha, emquanto andasse na mesma em correição.

Inquisidor e bem visto de Filippe III, á luz da mais despreoccupada consciencia, afigura-se-nos que não podia ser um homem sympathico, nem de bom coração.

Das providencias que adoptou na sua visita á ilha do Fayal, com seculares ou ecclesiasticos, não existem quaesquer vestigios.

Em todo o caso, pouco tem esta terra que lhe agradecer e muito menos os descendentes d'aquelles que falleceram durante e interdicto, a quem D. Jeronymo negára sobre a sepultura o symbolo augusto da fé, ao lado dos seus parentes e amigos.



# D. FR. ANTONIO DA RESURREIÇÃO

## (1636)

Foi o 13.º bispo da diocese d'Angra, dignidade para que fôra nomeado a 10 de Julho de 1635.

Era este illustre prelado natural de Lisbôa, filho da religião de São Domingos, doutor em theologia e lente de prima na Universidade de Coimbra.

Homem de grandes letras e virtudes, exaltou constantemente o seu nome com a pratica da mais acrisolada caridade, irmanando-se com os humildes de coração e sendo mais conhecido nas desnudadas moradias da pobresa, com a qual repartia quanto tinha, do que nos festins da opulencia, que raras vezes frequentava.

A sciencia de D. Fr. Antonio da Resurreição fôra adquirida não

só na patria, mas bem assim nas mais cultas nações da Europa, pelas quaes viajou.

Em Paris tomou este preclaro religioso o grau de doutor em theologia, assistindo ao Capitulo que alli houve no tempo de Henrique IV, aonde se tornou muito distincto e bemquisto.

O rei Bearnez honrou-o então com estreita amizade, fazendo-lhe as mais vantajosas propostas para que, definitivamente, se estabelecesse em Paris.

Ainda assim a sua demora em França foi apenas de alguns annos e afinal a lembrança foi da patria que tanto presava e saudades da familia e amigos, moveu-o a regressar a Lisbôa, donde em seguida partio para Coimbra a exercer elevado cargo na Universidade, sendo tambem nomeado delegado do Santo Officio n'aquella mesma Cidade.

Apenas foi investido das funcções de Bispo d'Angra partio immediatamente para a respectiva diocese, abrindo em seguida visita, mas sem o minimo apparato ou ostentação.

N'esta perigrinação visitou a ilha do Fayal em Agosto de 1636.

Poucos dias depois da sua chegada deu-se a seguinte occorrencia:

Achava-se fundeado na bahia da Horta um grande galeão portuguez, procedente da India e trazendo, alem de muitos passageiros d'ambos os sexos, um rico carregamento de productos d'aquellas uberrimas regiões d'alem do cabo das Tormentas.

O galeão arribára a este porto com agua aberta e avarias na mastreação, no decurso de uma prolongada e procellosa viagem.

Chegára ha dois dias apenas e estava-se preparando em terra logar conveniente para alojar os seus tripulantes, emquanto o navio querenasse e lhe fossem feitos os necessarios reparos, para poder proseguir na sua derrota até Lisbôa.

Apesar da quadra do anno que então decorria dever ser benigna, o vento, ainda assim, reinando fortissimo de sudoeste, quasi ponteiro á bahia e levantando grossos vagalhões encommodava muito as embarcações que alli estavam fundeadas.

No fim de dois dias era uma verdadeira tempestade, ainda não havia chovido para abrandar o vento com a sua usual mudança para o lado da terra e toda a cortina da então Villa da Horta, que defronta com o oceano, era lavada pela escuma das vagas que se desfaziam contra o areal e espaçadas barrocas, vindo por cima das casas cahir nas ruas centraes da povoação, engolfando-se o mar pela ribeira da Conceição acima, bem como pela Grota, hoje conhecida com a designação do Canto de D. Joanna.

Quanto a vista podia alcançar de mar era tudo um lençol branco, proveniente da forte arrebentação das vagas.

Tentaram algumas embarcações da terra sahir do sitio de Santa Cruz, para ir abordo dos navios que estavam no ancoradouro buscar

os tripulantes e passageiros, por quanto d'um para outro momento podiam faltar-lhe as amarras e irem desfazer-se contra a ameaçadora ponta da Espalamaca, muito entrada pelo mar adiante.

A lancha, porem, que isto tentara, revirou-se perto da costa perecendo um homem e ficou em hastilhas, salvando-se a muito custo o resto dos seus tripulantes.

Assim, desistiram os maritimos de uma segunda tentativa.

O tempo crescia sempre, com medonho aspecto.

Quando a noite começou a baixar, e esta avisinhava-se rapida e tenebrosa, o galeão, fundeado quasi fora das pontas da Espalamaca e da Guia, garrou algum tanto na direcção da primeira, descahindo para o lado da terra, aonde nas rochas d'aquelle aprumado promontorio era muito arriscado ir perder-se, bem como toda a gente que tinha a bordo.

Içaram do navio em perigo a bandeira nacional a meio mastro e *ácolha*, pedindo soccorro, sendo grande a anciedade em terra e achando-se muita gente reunida em diversos pontos do lado do mar da povoação.

Pelo rodar do galeão era evidente que lhe havia rebentado uma das duas fortes amarras de linho com que fundeara, por quanto as correntes de ferro não estavam, então, ainda em uso.

O unico meio de salvação era levar-lhe um ferro e nova amarração, de terra, cortando-lhe os mastros immediatamente para offerecer menos resistencia á ventania.

A morte, porem, na bahia, pela muita distancia do navio, era quasi certa, debaixo do tempo que estava cahindo, e no emtanto os momentos tornavam-se preciosos para a salvação de tantas vidas.

Vio-se então do porto de Santa Cruz sahir uma pequena embarcação, avançando a remos e a muito custo pela bahia fóra, o mar rebentava-lhe em redor, escondendo-a por muito tempo, depois, na crista espumante de uma vaga apparecia ainda aquelle ponto negro, singrando sempre na direcção do galeão.

Muitos dos espectadores d'esta scena correram para Santa Cruz, aonde tambem uma enorme multidão de povo, implorava a misericordia divina dos seus irmãos em perigo, bem como da gente do navio.

N'aquella lancha fôra o Bispo!

Vendo o exemplar prelado o risco imminente do galeão e o receio dos maritimos em lhe ir levar soccorro, mandára arriar uma embarcação, a qual benzeu, e tirando do seio um crucifixo, saltou para dentro da mesma, exclamando que, com a ajuda de Deus, o acompanhassem alguns homens na meritoria obra de valer áquelles infelizes.

Este procedimento accendeu o brio dos marinheiros, embarcaram uns cabos, uma anchora valente e seis remadores e um mestre, todos possuidos da melhor vontade saltaram com denodo a empunhar os remos, ao tempo que a figura veneravel de Fr. Antonio da Resurreição, de

pé, junto do leito da prôa, sustendo na dextra estendida o crucifixo, parecia milagrosamente abrir caminho por meio das revoltosas ondas.

A meia distancia do galeão as sombras da noite envolveram a lancha, da qual se ignorou, então, o destino, e apenas a espaços se divisava por entre a cerração o bruxoliar de agitado pharol, que pela sua posição, era, com certeza do navio em perigo.

N'essa noite fizeram se preces em todas as egrejas da Villa, sendo grande a anciedade e variadas as conjecturas sobre a sorte que tivera a lancha, bem como bem fundado o receio por tantas vidas que se achavam no galeão, á mercê do temporal.

Pelas duas horas da manhã, porem, uma chuva torrencial começou a cahir, tocada por enorme ventania, chuva que em breve era tão pesada como se fosse uma bomba d'agua que rebentasse sobranceira á aterrorisada povoação.

Depois o vento, mais quebrado de furia, rondou subitamente para o lado da terra, uivando lugubremente nas portas e janellas dos edificios voltados para o occidente, aonde batia fronteiro.

Quando a chuva amainou, divisou-se ainda no mesmo sitio o pharol do galeão.

O navio estava salvo, aquelle vento já não o impellia para as pedras.

Ainda assim, restava saber se a lancha havia chegado a bordo.

Felizmente n'aquella estação as noites não são ainda longas.

Apenas amanheceu vio se o galeão, effectivamente, muito proximo da ponta da Espalamaca, sem mastros, dos quaes os fragmentos já estavam no areal, mas ainda assim a salvo.

Com a bonança da manhã, partio immediatamente uma lancha para bordo, com a indicação de hastearem uma bandeira abordo se acaso alli se achasse o Bispo e não tivesse occorrido qualquer sinistro.

Toda a gente da povoação estava na beira mar e a anciedade era geral.

Apenas a lancha de terra atracou ao galeão, immediatamente tremulou na pôpa do mesmo a bandeira portugueza.

A alegria dos Hortenses foi então indizivel.

Os templos encheram-se de povo, as ordens religiosas entoaram nas suas egrejas solemnes Te Deums, repicaram os sinos e milhares de foguetes esturgiram os ares.

A ovação que o povo fez ao Bispo por occasião do seu desembarque, horas depois, foi commovente e grandiosa, não das encommendadas pompas com que se vangloriam estolidos orgulhos, mas sim das que traduzem muito amôr e veneração.

Era a chegada de um pae idolatrado ao seio de uma extremosa familia.

Apesar de decorridos mais de dois seculos, ainda hoje conserva uma parte do povo fayalense a memoria d'esse acontecimento.

Assignalou-se tambem a estada de D. Fr. Antonio da Resurreição na ilha do Fayal, por diversas providencias adoptadas a bem da morigeração de costumes e esplendor do culto, subindo o prelado diversas vezes ao pulpito, com valiosos dotes de excellente orador.

Foi este veneravel Bispo que creou a parochia de S. Matheus, na Ribeirinha, desanexando da parochia de Santa Barbara, dos Cedros, alguns moradores, assim como outros da freguezia de Pedro Miguel.

Prohibio, a bem dos costumes e decencia da religião as novenas que se faziam de noite e bem assim ordenou que depois de anoitecer se não comessem os *pastos* (?) o que hoje ignoramos que uso fosse, a não ser algumas desbargadas ceias então em voga que reclamassem semelhante correctivo.

A sahida d'esta ilha do bondoso Bispo foi muito sentida e lamentada por pobres e ricos, a quem irmanava na humildade com que a todos tratava e mansamente corrigia.

Proseguio na sua visita á diocese e estava na ilha de S. Miguel, á 8 d'Abril de 1637, aonde falleceu com fama de Santo.

Uma circumstancia corroborou ainda mais esta crença entre o povo.

Mais de um anno depois do fallecimento de D. Fr. Antonio da Resurreição veio de visita á sede vacante o licenciado Manoel Duarte da Motta.

Achando-se na ilha de São Miguel quiz transladar os ossos do fallecido Bispo para a egreja da Conceição de Ponta Delgada.

O Caixão foi aberto e encontrou-se alli o corpo do finado em perfeito estado de conservação, bem como, sem a minima deterioração, as suas vestimentas clericaes.

Por estranha coincidencia foi exactamente o mesmo que aconteceu ao corpo do seu amigo Henrique IV, o Bearnez, quando o furor revolucionario dos francezes, em 1793, arrombando os regios mausoleus, foi buscar seus despojos mortaes á abbadia de São Diniz, expondo-os á vista da multidão curiosa, até serem arremessados a uma obscura valla do cemiterio denominado de Valois.

E, comtudo, a victima do estupido fanatismo de Ravaillac, morrendo a 14 de Maio de 1610, ainda cento e oitenta e tres annos depois de seu fallecimento inspirava aos soldados da republica tal veneração que, no momento de ser profanado o seu tumulo um d'esses homens cortou-lhe um bocado da longa e grisalha barba, exclamando com marcial enthusiasmo: Isto é uma reliquia, digam lá o que disserem, emquanto a possuir, saberei combater, seguro da victoria, os inimigos da patria!

Da mesma maneira, ainda que em diverso sentido, foram tambem considerados os restos do virtuoso prelado Angrense, tornando-se a transladação dos seus ossos um acto imponentissimo, e as lagrimas dos pobres de que fôra constante protector o mais alto testemunho do

muito affecto de que gosava em todo o archipelago, aonde apenas Deus lhe permittio que vivesse dois annos incompletos.

Por morte de D. Fr. Antonio da Resurrreição e devido a intrigas de Hespanha para com a curia Romana esteve vaga a diocese dos Açores durante 34 annos, até que reconhecida pelo papa a independencia de Portugal, foi nomeado successor D. Lourenço de Castro, porquanto a antecedente nomeação de D. Fr. Pedro de Souza, irmão do Conde de Castello Melhor e confessor que fôra d'El-Rei D. Affonso 6.º, jamais obtivera a necessaria confirmação.



# O CONDE D'OBIDOS

## (1654)

Não ia ainda longe o tempo no qual em terras portuguezas se contavam os annos pelos descobrimentos de grandes continentes, pois que em 1499 regressara a Lisboa Vasco da Gama, depois de haver dobrado o Cabo das Tormentas, como Bartholomeu Dias denominou a extremidade oriental da Africa e que El-Rei D. João II transformou, alegre, em Cabo da Bôa Esperança, quando no anno seguinte Pedro Alvares Cabral, partindo para uma segunda expedição á India, acossado por grandes temporaes e correndo á mercê dos ventos deparou com as uberrimas terras do Brazil.

O achado de desconhecidas paragens era então o apanagio dos mareantes portuguezes, tornando n'esta honrosa fama immortaes os seus nomes, Gaspar Corte Real, João da Nova, D. Lourenço de Almeida e Tristão da Cunha, mais tarde embaixador extraordinario junto do Papa Leão X, ao qual em 1514 foi levar as primicias do Oriente, vendo os Romanos, espantados, uma comitiva de 600 homens a cavallo, 300 azemolas com criados de librê e 50 fidalgos portuguezes, montados em ginetes ajaesados de oiro macisso e pedras preciosas, escoltarem o portentoso presente de alqueires de oiro, pedrarias, e animaes raros que D. Manuel mandava depôr perante o chefe visivel da egreja christã.

Jámais a fortuna pareceu disposta a coadjuvar em todos os tentames o monarcha de qualquer povo, como nos eventos memoraveis que se deram em todo o reinado de D. Manuel, justissimamente cognominado «O Venturoso», epocha que para em todo o ponto ser notavel, alem dos mais esforçados aventureiros, navegantes e homens de guerra, teve ainda um chronista como Garcia de Resende, poeta como Bernardim Ribeiro e um escriptor dramatico da tempera de Gil Vicente.

A gloria portugueza no Oriente em breve chegou ao seu maximo

apogeu, possuiamos alli cidades ricas e poderosissimas e d'alli nos vinham grandes caudaes de riquezas.

Continuou este prospero estado dos negocios da India, theatro de heroicas façanhas bellicas dos portuguezes, durante todo o reinado d'El-Rei D. João III, D. Sebastião, D. Henrique, na usurpação hespanhola de 1580 a 1640, brilhando ainda com grande lustre quando, liberta a patria do estranho jugo, tomou as redeas do governo portuguez D. João IV, o Restaurador.

A navegação portugueza para a India, como facilmente se deprehende da importancia d'aquellas ricas possessões era grande e numerosa e nas ilhas dos Açores, pela sua posição geographica, amiudadas vezes aportavam as naus e galeões que regressavam á Portugal, ou para averiguar a sua derrota, ou para refrescar, quando não era para refazer avarias.

Outras vezes as naus da India aqui vinham, em determinados prasos, aguardar os navios do continente que de Lisbôa chegavam ás ilhas, para ir em conserva d'aquellas embarcações, replectas de riquesas e que deviam, necessariamente, aguçar a cobiça quer das nações com quem andavamos em guerra, ou dos numerosos e arrojados navios de corso e piratas que então, infestavam os mares.

N'uma manhã dos fins de Maio de 1654 entrou imponentemente na esplendida bahia da Horta o galeão «Sacramento da Trindade», proveniente de Gôa, conduzindo a seu bordo uma alta personagem, o Conde d'Obidos, vice rei da India, que, coberto de gloria nas terras que governava, regressava a Lisbôa, com numeroso sequito e alguma tropa, conduzindo tambem o navio grossos capitaes no seu possante bojo.

O conde d'Obidos alem do nobre cargo que exercia e no qual ia ser substituido pelo Conde de Sarzedas, era tambem um guerreiro notavel e fidalgo da primeira linhagem, descendente d'uma familia notabilissima e benemerita da patria, da qual fora instituidor Estevão Rodrigues de Mascarenhas, no reinado de D. Sancho 1.º possuindo as casas titulares do Marquez da Fronteira, Condes de Santa Cruz, Obidos, cujo nome adoptara, Palma e Sabugal, sendo tão importantes os serviços na India d'um dos seus membros, D. Pedro de Mascarenhas, que El-Rei D. João III lhe offereceu alem dos seus brazões mais um escudo, tendo por timbre um leão com uma palma verde nas garras.

Divulgada na Villa da Horta a noticia da chegada de tão distincto portuguez, foi grande o regosijo que houve n'esta povoação, indo logo visitar o vice-rei toda a gente da governança e fayalenses mais importantes desembarcando em seguida o Conde d'Obidos, cercado de luzido prestito e de numerosos criados de libré, indo ouvir missa á egreja Matriz, contigua ao convento de São João, cantando-se tambem um Te Deum em acção de graças pela sua feliz chegada a estas paragens.

O genio hospitaleiro dos fayalenses não se poupou a esforços para ser agradavel ao seu illustre visitante e na noite da sua chegada, illuminou-se toda a cortina da Villa, que defronta com a bahia, produzindo uma esplendida prespectiva esta demonstração de publico regosijo.

O galeão «Sacramento da Trindade» não tinha novidade a bordo e carecia apenas de alguns refrescos que promptamente lhe foram fornecidos; e no dia seguinte, salvando a terra, proseguio na sua derrota, com escala pela ilha Terceira, para saber mais recentes novas do continente, ou ser acompanhado d'outras embarcações que por ventura alli se achassem.

Breve foi a sua demora na cidade d Angra, indo-lhe somente em conserva uma caravela, com tropa d'aquella localidade, a qual teve em breve ensejo, como vamos ver, de provar a tradicional heroicidade dos Terceirenses.

A, relativamente, breve travessia dos Açores para o continente tinha, ainda assim, de ser bastante accidentada para o vice rei da India.

Apesar da estação dever ser calma e aprazivel, o caprichoso mar açoriano tomou, desde a sahida do galeão, um aspecto iracundo, parecendo querer medir se com as falladas tempestades da India.

O navio, como todos d'aquella epocha, de construcção valente e muito pesada, conduzindo farto carregamento, grossa artilheria e numerosos tripulantes, dava que fazer para ser, convenientemente, manobrado; a viagem de momento para momento tornava-se peior e mais fadigosa e os adestrados marinheiros do occeano Indico encontravão no atlantico tormentas que rivalisavam com as que havião experimentado n'aquellas remotas paragens.

As vagas batiam, desfazendo se, no costado do pesado galeão como se fosse nas muralhas de um castello, salvando-o todo as nuvens de refervente escuma que, semelhante ás azas de alcyons gigantes, voavam celeres, impellidas pela ventania do quadrante do norte, que predominava.

Os dias eram tristes e as noites d'uma escuridão medonha, phenomeno peculiar d'este clima, como tem sido notificado por muitos nautas.

A caravela, embarcação ligeira, com as suas velas latinas, conseguia, a despeito das vagas navegar, sempre á vista do galeão e nenhuma noite se deixou de avistar a barlavento, embora a distancia, o seu pharol, prêso no mastro de próa.

Ora, desde 1640, havia então quatorze annos, que Portugal andava em renhidas hostilidades com Castella e as nossas praças das raias do reino eram theatro de constantes pelejas e notaveis feitos d'armas, como a batalha de Montijo, aonde o illustre Mathias de Albuquerque illustrou para sempre o seu nome.

A guerra com a Hollanda rebentara de novo e tanto no Brazil, como no mar, aquella então importante nação, perseguia-nos sem tregoas, ainda que geralmente só logrando derrotas.

O galeão «Sacramento da Trindade» e a caravela que lhe ia de conserva, em consequencia das tormentas que haviam encontrado, tinham-se desviado algum tanto do seu rumo, para o sul, e como afinal o tempo melhorasse, avistaram, n'uma bella manhã, a ilha da Madeira a grande distancia ainda no horisonte.

As vagas estavam calmas e quando rompêo o sol levantando as matutinas brumas, aperecebeu-se a barlavento quatro embarcações de guerra, sendo uma fragata e tres navios menores, que pela sua estructura e apparelho, desde logo os nossos aguerridos marinheiros reconheceram ser Hollandezes.

A flotilha inimiga aproou para o galeão e içando a bandeira nacional firmou-a com um tiro de canhão.

Responderam lhe de egual sorte os navios portuguezes desfraldando no topo dos mastros o respeitavel pavilhão das quinas.

Travou se em breve a peleja.

A flotilha inimiga compunha-se de uma fragata de corso e tres possantes navios mercantes armados em guerra, conseguio o galeão e a caravela, em desigual pugna, mas effeituando prodigios de valor, derrotar a fragata hollandeza, causando-lhe grande mortantade a bordo.

Este navio afinal desarvorado e em pessimo estado, acoitou-se no centro das embarcações que lhe iam de conserva, as quaes a protegeram de uma perda total, continuando os navios portuguezes desassombradamente na sua derrota.

Aconteceu, porem, que durante o combate uma bala viera ferir o conde d'Obidos, que batalhava como um soldado qualquer, expondo-se aos maiores perigos, o qual reconhecendo a gravidade dos seus ferimentos, resolveu passar-se para bordo da caravela, muito mais veleira do que o galeão e affastando-se d'este, ganhar mais depressa Lisboa, não só para se tratar, como para dar parte ao governo do occorrido e da proximidade do inimigo das costas de Portugal.

Alem do desastre que lhe acontecera, vira o conde d'Obidos cahir ao seu lado, mortos, cinco criados do seu sequito.

O galeão proseguio, pois, pesadamente, na sua andadura, emquanto que a leve caravela, conduzindo o vice rei e abrindo as azas a favoravel brisa galgava rapida as ondas, apenas com poucos tripulantes, por haverem passado para o «Sacramento da Trindade» os soldados insulanos que conduzia.

Chegada ao Tejo causou grande alvoroço em Lisboa a noticia d'aquelle encontro e immediatamente sahio em direcção da Madeira o general da Armada, Antonio Telles de Menezes, commandando sete fragatas e com muita tropa guarnecendo as mesmas.

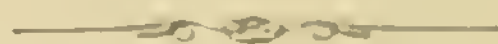
A vindicta dos portuguezes foi temivel; encontraram o galeão sobre o qual investiam então cinco fragatas castelhanas que os portuguezes obrigaram a fugir, mettendo uma d'estas a pique e foram ainda aprisionar o corsario que nas proximidades da Madeira e ao abrigo de uns ilheos estava reparando as graves avarias que soffrera.

Em breve a entrada no Tejo do «Sacramento da Trindade», são e salvo, foi um motivo de publico regosijo, bem como a victoria naval obtida sobre os inimigos e de mais a mais sendo hespanhoes.

D. João IV portou-se, como sempre, com brios d'um monarcha justiceiro, remunerando largamente a todos os combatentes e com especialidade os soldados insulanos que haviam tomado parte n'aquelle brilhante feito d'armas.

Assim, a passagem do vice-rei da India pelas ilhas dos Açores deu ensejo a mais uma pagina d'oiro nos fastos da historia patria.

Felizes tempos aquelles!



# D. FR. LOURENÇO DE CASTRO

## (1675)

Irmanou em letras e virtudes o seu antecessor de que acabamos de tratar.

Nascêra tambem na cidade de Lisboa e pertenceu á ordem dos Pregadores.

Veio para a diocese de Angra no anno de 1671, desembarcando na séde do seu bispado a 11 de Novembro, com grandes festas e publico regosijo.

O governo d'este Prelado foi todo paternal, subindo elle por muitas vezes ao pulpito, que honrava com notavel eloquencia e a mais sã doutrina, a todos exemplificando com a sua humildade e regrada vida.

Por occasião de visitar a diocese, que lhe fora confiada, esteve na ilha do Fayal em Julho de 1675 e na mesma prohibio que as mulheres acompanhassem o Sagrado Viatico, quando sahia aos enfermos, provavelmente por abusos que se commettiam n'esses ajuntamentos, muitas vezes nocturnos.

Impoz tambem algumas collectas para melhoria dos templos.

Do Bispado d'Angra foi promovido para a diocese de Miranda em 1681, estando, porem, já em Lisboa desde o anno de 1678.

O sabio Fr. Luiz de Souza, na sua «Historia de S. Domingos», tece os maiores elogios a este exemplar Prelado, apresentando-o como um modêlo de virtudes e caridade.

Por breve espaço de tempo dirigio a diocese de Miranda, pois alli falleceu, com honradissima memoria, no dia 13 d'Agosto de 1684, em que a egreja commemora o martyrio de Santa Helena.

# D. FR. CLEMENTE VIEIRA

## (1690)

Era Minhôto e de familia nobre, doutor em theologia e religioso dos Eremitas de Santo Agostinho.

Chegou a Angra, para tomar posse da diocese, a 12 d'Outubro de 1688.

Começou, pouco depois, a visitar as terras que haviam sido confiadas á sua ecclesiastica jurisdição e achava-se na ilha do Fayal em Novembro de 1690.

Aqui, impoz a multa de 50 reis a todo e qualquer chefe de familia que não fosse, ou não mandasse, ao menos uma pessoa de sua casa, ouvir, ao domingo, a missa do dia.

Havendo tambem, no antecedente Agosto de 1684, sido dedicado á Senhora das Angustias o novo templo ainda hoje existente, que substituio a pequena construcção coberta de colmo, aonde n'aquelle sitio era adorada a Virgem: D. Fr. Clemente Vieira elevou ás mãos d'El-Rei D. Pedro 2.º uma representação na qual pedia a Sua Magestade auxilio para o complemento e condigno adorno d'aquella egreja.

Foi attendida pelo monarcha semelhante supplica, mandando a quantia de 572$000 rs. para o fim que se desejava.

Dois annos depois, a 24 de Setembro de 1692, achando-se este prelado, na continuação de sua visita á diocese, na ilha de S. Miguel, aggravando se-lhe antigos padecimentos de saude, veio a fallecer na cidade de Ponta Delgada, sendo enterrado na egreja de Nossa Senhora da Graça.

A memoria que deixou de si D. Fr. Clemente Vieira foi, a todos os respeitos, condigna da elevada posição que occupava na sociedade.

# D. ANTONIO VIEIRA LEITÃO

## (1696)

Foi o 17.º bispo d'Angra, natural de Lisboa e clerigo do habito de São Pedro, havendo no continente exercido diversos cargos ecclesiasticos.

Por occasião de ser nomeado bispo para a diocese açoriana, escreveu em 25 de Junho de 1694 ao respectivo cabido para tomar por procuração do seu novo cargo, no qual só entrou definitivamente a 16 d'Agosto do mesmo anno.

Durante esse tempo fez as suas vezes o deão da Sé d'Angra Pedro Gomes da Terra.

Logo depois da sua chegada á ilha Terceira começou D. Antonio Vieira Leitão essas interminaveis questões que reinaram constantemente durante os vinte annos que espiritualmente governou estas ilhas. D'este prelado se queixou a camara d'Angra, em 1697, o qual elevou a tabella dos emolumentos ecclesiasticos, reprimiu diversos abusos, trabalhou, andou e questionou, cançando-se afinal, a si e aos outros, por vezes com bem duvidoso proveito.

Estabeleceu, tambem, diversos curatos em toda a diocese e no numero das suas providencias, efficases, deve notar-se, com o devido louvor, a regularidade com que estabeleceu o lançamento dos termos do registro parochial, que andava quasi abandonado, impondo pesadas multas aos vigarios que continuassem em tão injustificavel desleixo, multas que a alguns parochos tornou effectivas.

Nos fins de 1696 esteve de visita na ilha do Fayal, aonde ordenou que os noivos fossem á missa oito dias depois de casados, cessando o abuso que havia de maior dilação no cumprimento de semelhante dever, o que nos parece rasoavel, seja dito aqui muito á puridade.

Do Fayal passou a visitar as ilhas das Flores e Corvo.

Foi grande o regosijo dos habitantes d'aquellas duas ilhas por albergarem por algum tempo o seu Prelado, tão grande que até fizeram um *Romance Gratulatorio*, em quadras, para commemorar semelhante visita.

Este Romance tem sua pilhoria, chamando ao Bispo, o *milagre dos Prelados* e figurando todas as flores da ilha vindo-lhe dedicar as suas fragancias e *mil discretos elogios*.

Ora nós dando de barato a sensatez de taes encomios, adrede destillados do cerebro d'algum visionario frade, para adoçar os beiços do rispido visitante, tomaremos apenas dos mesmos o nome vulgar das flores que figuram designadamente n'aquelle congresso das galas

da naturesa, o que porventura pode servir como indicação de uma parte da flora d'essas ilhas n'aquella epocha.

As flores de que no Romance Gratulatorio se faz especial menção são as seguintes:

A rosa,—o girasol,—a angelica,—a flor do Paraiso,—o corvo,—o jasmim,—o lyrio,—o amôr perfeito,—a corôa,—o amaranto,— o narciso,—a flor trepadeira,—a açucena,—as campainhas,—o martyrio,—a violeta,—o jacintho,—e a perpetua.

E, ainda assim, não foi D. Antonio Vieira Leitão o primeiro Bispo que n'aquellas duas ilhas estivera, pois que antecedentemente sendo nomeado Bispo d'Angra D. Rodrigo Pinheiro, que nunca veio á diocese, mandou em seu lugar de visitador ás differentes ilhas que a compõe o Bispo de Lora D. Balthasar d'Evora, o qual esteve nas ilhas das Flores, e Corvo, logo depois de 1549.

Vinte annos depois da sua entrada em Angra, achando-se D. Antonio Vieira Leitão na Villa das Vellas, da ilha de São Jorge, enfermou gravemente e falleceu no dia 22 de Maio de 1714.

Foi sepultado na egreja do Mosteiro de Religiosas de Nossa Senhora do Rozario, cuja fundação poderosamente auxiliara com o seu muito zêlo.

Este mosteiro, com o decorrer dos annos foi profanado e devido á piedade dos Jorgenses a 7 d'Abril de 1856 foram d'alli inhumados os restos mortaes d'aquelle Prelado para lhe ser dada mais conveniente sepultura, conjunctamente com os ossos do fundador d'aquella casa, o Rev.<sup>mo</sup> Amaro Teixeira Fagundes.

Effectivamente, no anno seguinte, a 20 d'Abril de 1857, foram solemnemente transladados os ossos d'aquelles dois ecclesiasticos, que desde a sua inhumação se achavam depositados na Capella da Ordem Terceira de São Francisco, os do Revd.° Amaro Teixeira Fagundes para um carneiro na egreja Matriz, das Velas, pertencente á respeitavel familia Teixeira Soares, na capella do Senhor Jesus, e os do Revd.° Bispo para o cemiterio da Conceição, em jazigo especial.

Por essa occasião houveram na Matriz da Villa das Velas, festas com a maxima solemnidade, todas as ceremonias que em taes occasiões prescrevem os rituaes da egreja.



# D. MANOEL ALVARES DA COSTA

## (1722)

Foi o 19.º Bispo d'Angra, era natural do continente e anteriormente a sua vinda para os Açores, havia já exercido o cargo de Bispo de Pernambuco.

Falleceu na séde da diocese com 93 annos de idade, no dia 10 de janeiro de 1733.

Segundo o que se acha escripto na Historia das quatro ilhas que formam o Districto da Horta, pelo Sr. Antonio Lourenço da Siveira Macedo esteve este Prelado no Fayal no anno de 1722.

Quaes as providencias, porem, que adoptou ou os abusos que cohibio, é do que não achámos qualquer indicação.



# D. FR. VALERIO DO SACRAMENTO

## (1744)

Era natural de Lisboa e frade capucho da ordem de S. Francisco.

Foi assaz pomposa, em Angra, a recepção feita a este Bispo que governou, com illustração a diocese, desde 27 d'Agosto de 1741 até 1755 em que desistio d'aquelle elevado cargo.

Havendo fallecido El Rei D. João 5.º e pretendendo-se na Sé d'Angra fazer solemnes exequias, com um catafalco, ou eça, no meio da Capella Mór, a isto, com grande sensação publica, se opôz o prelado, do que resultou não se effeituar aquelle ceremonial.

Em 1744, na visita à diocese, achava-se Fr. Valerio do Sacramento na então Villa da Horta, sendo rispido em reformar ou cohibir diversos abusos que se haviam introduzido nos negocios tanto ecclesiasticos, como profanos.

Não lhe escaparam as populares *folgas*, ou bailes, por occasião das festas em louvor do divino Espirito Santo, que prohibio, não sabemos se acertadamente, porquanto mais soffre a religião com outros abusos que então, como actualmente subsistem, do que com esses folgares em que as classes pobres d'esta terra esquecem por algumas horas as tristezas do seu viver.

Pelo menos o povo assim o entendeu.

Sahindo o severo Bispo do Fayal, as festas do divino Espirito Santo retomaram a sua antiga e estrondosa alegria, que inalteravelmente se conservou até nossos dias.

O frade capucho de São Francisco finou se, longe dos Açores, na humildade d'uma cella conventual.

# O COMMENDADOR JOSÉ DE VASCONCELLOS

## (1747)

Com quanto o nome que encima esta referencia não seja propriamente o de algum assignalado varão, na nossa historia patria, ainda assim a breve estada do Commendador José de Vasconcellos, na ilha do Fayal, revestio-se de algumas mysteriosas circumstancias que não devem passar desapercebidas.

Desde 1744 que havia fome no archipelago açoriano, isto devido a tremendos temporaes e inundações, que não só levavam as sementeiras, mas despiam até ao esqueleto as aprumadas encostas, tornando os vallados em profundos lagos, destruindo muitas casas e nas ruinas d'estas sepultando os seus moradores.

As ribeiras, transbordadas dos respectivos limites e correndo furiosas, arrebatavam tambem homens, animaes e arvores.

Era um perfeito inverno.

Os terrenos tornados, assim, quasi completamente estereis, não offereciam recurso algum aos agricultores e o povo recorria a ordinarias seccas e insalubres raizes para sustentar a vida em tamanha calamidade.

Como consequencia inevitavel d'este anomalo estado atmospherico, d'esta invernia de quatro annos, que já se afigurava interminavel, tornando em verdadeiros mendigos milhares de remediados lavradores uma terrivel epidemia começou a devastar as enfraquecidas povoações d'estas ilhas, indo bater desapiedada desde a misera cabana do pastor até ás sumptuosas moradias, aonde ainda ha pouco a abundancia e o conforto imperavam desassombradamente.

O clamor afflicto da pobresa insulana chegou até á metropole, e o governo d'El-Rei D. João 5.º, querendo prover de prompto a tão urgentes necessidades, mandou aos Açôres diversos navios, com o designio de transportar, gratuitamente, gente para o Brazil, offerecendo-lhes alli terrenos e protecção.

A emigração foi grande n'essa malfadada epocha e numerosas familias abandonaram estas paragens, em troca das uberrimas terras de Santa Cruz.

Na manhã de 2 d'Outubro de 1747, debaixo d'um violento temporal do quadrante do sul, surgio na bahia da Horta, apenas em gaveas e estas mesmas risadas, a grande nau portugueza «Nossa Senhora da Piedade», armada em guerra e segundo de terra se podia perceber com numerosissimos tripulantes.

Fundeou, atrevidamente, a meio da bahia e não fóra das pontas

da Espalamaca e Monte da Guia, como então era uso para os navios d'aquella lotação.

As ondas estavam tão encapelladas e o vento era tão rijo, que nenhuma das embarcações de terra se atreveu a sahir da praia, o que não obstou, porem, a que em breve escorregasse ao longo do costado da nau um branco escaler e que este á força de remos, tremulando-lhe na pôpa a bandeira nacional, se dirigisse para o local do desembarque, proximo do Castello de Santa Cruz, por cima de cujo portão, talhado em pedra, existia aquelle augusto symbolo da fé, só d'alli mandado tirar, modernamente, pelo fallecido brigadeiro Antonio Homem da Costa Noronha, não por menos religião, mas pela impropriedade do sitio.

Era immensa a multidão de povo, n'aquellas proximidades, atrahida por natural curiosidade.

O escaler que, a espaços, desapparecia, parecendo afundado nas vagas e que outras vezes era furiosamente arrojado na crista espumosa das ondas, afinal conseguio aproximar-se da costa, isto com imminente perigo de ser desfeito na arrebentação.

Alem dos seus remadores, competentemente uniformisados, apenas vinha no mesmo, em grande uniforme, um official de marinha ja edoso e um aspirante.

Conseguio desembarcar, sósinho, o primeiro d'estes, que se deu a conhecer como o Commendador José de Vasconcellos, commandante da nau que acabava de chegar, voltando immediatamente para bordo o escaler que o conduzira.

Cercada de muita gente que correra ao local aonde aportara o fragil esquife, não respondendo ás perguntas que lhe eram feitas a respeito da procedencia da nau, o Commendador José de Vasconcellos apenas pedio que o conduzissem, immediatamente, á casa da Camara Municipal.

Hora e meia depois, a convite do Commendador estavam na mesma reunidos todos os membros d'aquella corporação, á qual presidia o distincto cavalheiro José Francisco da Terra e Silveira Leite, bem como todas as authoridades militares e ecclesiasticas.

Na presença de todos declarou o commandante da nau que viera alli para no cofre do Municipio ser depositado um masso de papeis que tinha comsigo, os quaes jámais poderiam ser entregues a quem quer que fosse, sem uma ordem especial, directa e positiva d'El-Rei, e ainda mais exigia um recibo passado pela Camara da entrega á sua guarda de semelhantes papeis, que ficariam fechados com tres differentes chaves.

Assim se effeituou, sabendo se apenas que o envolucro d'quelles documentos, ou o quer que fosse, tinha exteriormente o seguinte sobrescripto:

*Ao Ex.*^mo^ *e Eminentissimo Senhor Cardeal da Motta*

O Commendador José de Vasconcellos, acompanhado das authoridades, Camara Municipal, nobresa da terra e muito povo, dirigio-se em seguida para o mesmo local aonde desembarcara e pedio que fosse descida a meio pau, durante alguns instantes, a bandeira da fortaleza.

Apenas de bordo da nau viram este signal, voltou a terra o mesmo escaler, no qual seguio o commandante da nau, com mar já um pouco mais sereno, por quanto o vento rondara subitamente para oeste.

A nau levantou, logo depois de haver chegado a bordo o Commendador.

Como é facil de suppor este incedente deu muito que fallar, intrigando notavelmente os Hortenses e motivando-lhes as mais disparatadas conjecturas.

O segredo continuou, porem, sempre inviolavel.

Treze annos depois d'este facto, em 1760, governando o reino havia já dois lustros El-Rei D. José I.º veio de correição á ilha do Fayal o corregedor Henrique José da Silva Quintanilha.

N'uma das sessões da Camara Municipal, a que assistio, mandou que fosse aberto o cofre aonde estava o mysterioso deposito e apoderando-se do mesmo, disse que ficava com aquelle pacote para o elevar ás mãos d'El-Rei, ou mais propriamente do seu Ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, então acabado de nomear Conde de Oeiras, já occupando notavel proeminencia na publica governação.

O Municipio da Horta oppunha-se á entrega d'aquelle deposito, nem o Corregedor Quintanilha apresentava a necessaria ordem regia para do mesmo se apossar, mas valendo-se somente da sua posição official e do nome do poderoso Ministro d'El-Rei D. José, não deu ouvidos aos protestos Camararios, concernente a semelhante violação.

O mais que esta corporação conseguio obter foi, depois de haver lavrado um termo de entrega, que o Corregedor lhe passasse um recibo do masso de papeis, ao que este annuio.

Pela primeira opportunidade que se offereceu a Camara Municipal da Horta dava circumstanciada conta a El Rei do que se havia passado, endereçando a Sua Magestade a copia da respectiva acta da entrega e conservando cautelosamente o recibo do corregedor Quintanilha.

O governo, porem, jámais respondeu á Camara a semelhante respeito, devendo a esse tempo estar necessariamente nas mãos do Conde de Oeiras a chave de todo aquelle enigma, importante com certesa, pelas excepcionaes circumstancias de que foi revestido.

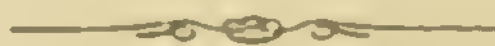
Com quanto a feição predominante da ultima parte do reinado de D. João 5.º fosse quasi exclusivamente dedicada á construcção das notaveis obras e edificios com que enriqueceu a archeologia do paiz, ainda assim na grandiosa côrte de Portugal, deviam abundar seguramen-

te mui ponderosos negocios e diversas intrigas politicas ou palacianas, devidas à notavel influencia que então ainda tinhamos nos destinos da Europa, ou por ventura pelo genio aventureiro do monarcha que por vezes se comprazia em nocturnas e occultas expedições, arriscando a vida na conquista de femininos corações, empenho em que não era raro representar o papel de apaixonado Romeu.

Com os grandes problemas da publica governação relacionava-se o deposito que havia sido feito na Horta, ou simplesmente com os enredados meandros d'alguma intriga amorosa, em que andasse envolto o nome d'alguma illustre familia do reino?

Não se sabe.

O severo Marquez de Pombal levou para a sepultura o segredo d'aquelles documentos, concernentes ao reinado do monarcha portuguez ao qual Benedicto XIV concedeu, em 1749, para si e seus descendentes, o titulo de Fidelissimo.



# D. ANTONIO CAETANO DA ROCHA

## (1763)

Presbytero, Doutor e Lente na faculdade dos Sagrados Canones da Universidade de Coimbra, segundo resa a carta da sua apresentação no Bispado de Angra, datada de 2 d'Outubro de 1755, desembarcou na séde da diocese no dia 21 de Novembro de 1758.

Na noite de 3 de Setembro anterior, pelas 11 horas, dera-se em Lisboa o mysterioso attentado contra a vida d'El-Rei D. José 1.º ou talvez mais acertadamente contra a do seu primeiro ministro, em que se acharam implicados o duque de Aveiro, o marquez e marqueza de Tavora, seus filhos Luiz Bernardo de Tavora e José Maria de Tavora, D. Jeronimo d'Athayde, conde d'Atouguia, Braz José Romeiro, João Miguel, Manoel Alves e Antonio Alves, bem como José Polycarpo d'Azevedo, criado do duque e o unico que conseguio, occultando-se, escapar à regia vingança.

Dirigiam-se algumas carroagens da casa real pela calçada do Galvão para o palacio da Ajuda, quando à ultima da comitiva foram atirados uns tiros de arcabuz do que resultou ficar El-Rei, que talvez não se suppunha alli ir, mas sim o seu temido ministro, ferido, ainda que levemente, n'um braço.

Com o maior segredo tratou de tomar conhecimento d'esta occorrencia Sebastião José de Carvalho e Mello, vendo n'aquelle ensejo oc-

casião favoravel de saciar o animo sanguinario e a sua aversão ao partido da nobreza, parecendo trabalhar em causa propria, pelos horrorosos supplicios que se seguiram.

Effectivamente a 13 de Janeiro de 1759, uma junta a que presidiram os tres secretarios d'Estado, condemnava os reus de semelhante attentado a um supplicio tão cruel, como jamais havia memoria, não somente em Portugal, mas em toda a Europa e o qual resignadamente soffreram os fidalgos e plebeus que se achavam compromettidos n'aquelle lamentavel acontecimento.

Sebastião José de Carvalho e Mello, como um tigre sedento de sangue, encontrou então numerosas victimas e devia estar satisfeito, embora ennodoasse assim a sua farda de ministro e a sua reputação de bom administrador do fisco, com manchas tão repellentes e horrorosas que empanam para sempre o brilho do seu nome emquanto existir a memoria de semelhantes factos nas chronicas portuguezas, ou na historia d'este reino.

Depois d'isto elevaram-no, ou elle mesmo elevou-se, perquanto era então omnipotente e avido de riquesas e titulos, á dignidade de conde de Oeiras, isto a 6 de Junho do mesmo anno.

Convinha, porventura, ao Bispo d'Angra, estar nas boas graças do conde de Oeiras e como n'esta conjunctura que aterrorisou o reino e que dera muito que fallar, a melhor maneira de lhe captar a benevolencia era collocar-se bem salientemente do seu lado, apenas na ilha Terceira, a 25 de Março de 1659 chegou officialmente a noticia de El-Rei estar livre de todo o perigo das feridas recebidas na anterior tentativa contra a sua existencia, logo D. Antonio Caetano da Rocha pôz-se em campo para com singulares demonstrações de publico regosijo, com Te-Deuns, procissões e festas profanas, demonstrar a sua alegria por tão fausto restabelecimento.

Foram grandiosas estas festas, tanto as promovidas pelo Bispo, como pelos principaes angrenses, nem jamais consta que n'aquella ilha fossem outras effeituadas que as podessem irmanar no luzimento, havendo encamisadas, illuminações, festas de egreja, fingidas escaramuças, corridas de touros, entremezes, danças e como diz Drummond nos seus «Annaes», *outras muitas invenções appareceram e que foram maravilhosamente desempenhadas ao som de melediosos instrumentos.*

Parece haver aqui, ainda assim, uma lacuna.

O bispo d'Angra todo entregue ao regosijo de vêr salvo El Rei D. José 1.°, ou mais naturalmente de ser agradavel ao seu primeiro ministro, esqueceu-se, ao que parece, de quaesquer sufragios por alma das victimas da conspiração, mais necessitadas com certesa, depois de um crime, das preces ao Altissimo, do que El-Rei, para sobre as mesmas baixar a clemencia divina, se é que o Bispo não acreditou que depois do inferno que o primeiro ministro lhe fizera soffrer em vida, expondo pae, mãe e filhos a presenciar os supplicios uns dos outros, as

suas pobres almas subiriam direitas ao ceu, á voz do Deus das misericordias e dos afflictos, prescindindo de qualquer intercessão terrena.

O Bispo d'Angra acreditou isto seguramente!

Façamos lhe, por esmola, esta concessão.

Nem tudo, ainda assim, são rosas n'esta vida. D. Antonio Caetano da Rocha que em tão luzidas festas iniciára o seu governo, com o decorrer do tempo desgostoso da politica local que se degladiava na séde da diocese, não existindo alli aquella serenidade de animo, que o seu genio jovial tanto presava, começou então, talvez para eximir-se ao embate das paixões politicas, uma muito demorada visita ás outras ilhas, confiadas á sua espiritual administração.

Assim, no anno de 1766 partio o Bispo para a ilha de São Miguel, aonde em mais tranquilla viveada logrou dias aprasiveis no seio d'aquelle bom povo michaelense, postergando indifinitivamente o seu regresso para Angra.

A ausencia do Prelado, que já durava havia seis annos, alem de cercear regalias de que gosava a séde da diocese com a permanencia na mesma da primeira authoridade ecclesiastica, difficultava tambem sobre maneira todo o expediente atinente á governação do bispado, pelo que o cabido elevou a Sua Magestade uma queixa a semelhante respeito, attendida com a Provisão de 11 d'Abril de 1772, mandando recolher D. Antonio Caetano da Rocha a Angra, por ser impraticavel uma ausencia de seis annos a titulo de visita.

Esta ordem não chegou, porem, a ser cumprida, pelo fallecimento do Bispo, em Ponta Delgada, no dia 21 de Junho do mesmo anno.

Anteriormente á sua maior ausencia da séde do bispado esteve D. Antonio na ilha do Fayal em 1763, concorrendo poderosamente tanto do seu bolso, como por suas sollicitações com os habitantes da Horta, para ser ultimada a torre da Matriz velha, então em começo e cujos trabalhos de ha tempos que estavam paralisados.

Era de publica utilidade aquella formosa construcção, pois alem de embelesar muito a povoação, erguida n'um sitio alto e defrontando o mar, alli ia ser collocado um relogio, ainda actualmente existente, pelo qual se regulariam os habitantes da então villa da Horta.

Demolida mais tarde a velha egreja Matriz, subsistio a torre, de construcção, relativamente, moderna e que mede 40 metros d'altura, estando hoje a cargo da Camara Municipal e circumdada d'um formoso jardim. E' um dos sitios mais amenos d'esta Cidade, donde se gosa uma esplendida prespectiva e contiguo ao passeio publico, sendo visitado por quantos estrangeiros a esta ilha aportam.

Outro obzequio deve ainda a Horta a D. Antonio Caetano da Rocha, pois que os seus piedosos sentimentos o moveram a offerecer um rico diadema de prata lavrada ao Senhor das Prisões, uma das imagens que, annualmente, percorrem no domingo da Paixão as ruas da

cidade, na brilhante procissão que n'aquelle dia effeitua a veneravel ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo.

Este diadema ainda hoje existe, figurando na indicada imagem, que é a segunda na ordem do prestito da procissão do Triumpho.

Ora, o sanctuario da ordem Carmelitana, no qual ha a admirar a perfeita semelhança do rosto das imagens que representam Jesus, foi mandado vir de Lisboa por subscripção dos principaes habitantes da villa da Horta, no anno de 1754, porquanto nos dois annos anteriores depois de edificada a egreja, apenas com falta do seu frontespicio, foi feita a procissão do Triumpho com imagens emprestadas do convento dos franciscanos.

As predicas das quartas feiras da quaresma na mesma egreja começaram em 1756 havendo já anteriormente, como diz o Snr. Commendador Antonio Lourenço da Silveira Macedo, na sua «Historia das quatro ilhas» que compõe o districto da Horta, apenas umas devoções ao Senhor dos Passos.

Em summa D. Antonio Caetano da Rocha foi um dos Bispos que visitando a ilha do Fayal melhores recordações deixou de si, demonstrando que se interessava pelo bem estar, tanto espiritual, como material d'estes povos e obzequiando-os generosamente, em tudo que podia.

Nem sempre assim tem acontecido.



# D. JOÃO MARCELINO DOS SANTOS HOMEM APPARICIO

## (1777)

Foi o 22.º Bispo da diocese açoriana e freire conventual da ordem militar de São Thiago.

Governou apenas sete annos incompletos estas ilhas, desembarcando em Angra a 15 d'Agosto de 1775.

Apesar d'isso, n'esse mesmo relativamente breve decurso de tempo, não logrou isentar-se de muitos dissabores e profundos desgostos, devido ao relaxamento do clero, que elle tentava entrar no cumprimento dos seus deveres.

Concorrêra, poderosamente, para a confusão em que viera encontrar parte da diocese, a circumstancia da longa ausencia da séde do bispado do seu antecessor, bem como o tempo que desde o fallecimento d'este, até á sua chegada a Angra havia decorrido, estabelecen-

do-se assim muitos abusos e reprehensivas praticas no que dizia respeito aos negocios da egreja, ou ás solemnidades do culto.

Estabeleceu conferencias, nas quaes illustrados sacerdotes debatiam varias questões de theologia, com aproveitamento geral, tanto dos seculares, como dos ecclesiasticos.

Em visita á diocese esteve na ilha do Fayal no anno de 1777 e o unico facto mais saliente, que do mesmo consta, foi haver prohibido que, segundo um antigo uso, repicassem os sinos quando a Camara Municipal, em determinadas festividades publicas, saía dos Paços do Concelho para a egreja Matriz.

Este facto levantou grande celeuma entre os principaes habitantes da Horta.

Ordenou egualmente que, nas portas dos templos não se podessem affixar editaes, logo que estes não fossem, exclusivamente, atinentes a assumptos religiosos.

Continuando na sua visita, veio a fallecer em Ponta Delgada no dia 21 de Maio de 1782.

Vinte e sete annos depois, no anno de 1809, a Camara Municipal da Horta, que jamais vira com bons olhos ser-lhe cerceada, com a falta dos festivos repiques, uma das publicas demonstrações de respeito, de que havia gosado, representou n'este sentido ao Cabido da sé d'Angra, queixando-se amargamente de semelhante falta de consideração para com a primeira corporação d'este Concelho.

Foi provida, como desejava e aquelle previlegio que o Bispo Apparicio somente reservava para os Prelados diocesanos, ou pessoas reaes, começou de novo a ser facultado aos ediles da governança, como ainda actualmente se pratica.

Era, n'esta occasião, Bispo d'Angra D. José Pegado d'Azevedo.

Isto faz nos lembrar do celebre poema heroe comico «O Hyssope», que tão bons creditos deu a Antonio Diniz da Cruz e Silva, conhecido por Elpino nonacriense, e que começa:

Reinava a doce paz na santa egreja,
O bispo e o deão ambos conformes,
Em dar, e receber o santo hyssope,
A vida em ocio santo consumiam.

Mas verdade, verdade, D. José Pegado d'Azevedo, não era um ocioso, como em breve teremos occasião de ver.

Volvidos ainda mais de cincoenta annos um outro incidente e de caracter mais serio, veio de novo levantar a questão das immunidades da Camara Municipal d'este Concelho.

D'esta vez não se tratava de repiques de sinos, nem dependencias com o fôro ecclesiastico, mas sim d'um atricto com o poder militar.

Embora tenhamos de adiantar um bom par d'annos á ordem chronologica d'estes apontamentos, como provavelmente d'esta questão não teriamos outra occasião tão propria de tratar, pedindo ao benevolo leitor desculpa d'esta interpolação de datas, passamos a indicar-lhe o que se passou na cidade da Horta, quando se fez a procissão de Corpus Christi, no anno de 1883.

Como a imprensa se occupou d'este assumpto, publicando a correspondencia official então trocada entre a Camara e o Commandante Militar, será a reproducção da mesma a melhor maneira de registar semelhante incidente, que versou sobre precedencias de logar na organisação do prestito religioso e faltas de honras militares, isto é, apresentação de armas e toque de cornetas á Camara Municipal, quando esta sahia dos Paços do Concelho, em corporação e com estandarte na frente, para a contigua egreja da Matriz, bem como no regresso, ao passar pela guarda de capitão, estacionada proxima da egreja e que tinha de acompanhar a procissão.

Vejamos, porem, como a imprensa noticiou este facto.

No «Fayalense», decano dos periodicos d'esta ilha, n.º 43 do 26.º anno, relativo a 27 de Maio de 1883, encontra-se a seguinte local:

### Corpus Christi

Na egreja Matriz celebrou-se na quinta feira d'esta semana a solemne festa de Corpo de Deus, á qual assistiu a Camara Municipal d'este Concelho, assim como suas Ex.as os Sr.s Governador Civil, Commandante da sub-divisão militar, Administrador do Concelho e Secretario geral interino.

Depois da festa fez-se a procissão que deu o giro costumado, na qual tomaram parte varias irmandades das parochias da cidade e d'algumas freguezias ruraes com as suas cruzes, muitos sacerdotes revestidos de capa e muitos cavalheiros para este acto convidados pela camara.

Duas philarmonicas «Artista» e «Praiense» tomaram logar no meio do prestito, por não lhe ser concedido logar adiante da força militar, parece que por isto ser contrario aos regulamentos militares que só permittem adeante da força as musicas regimentaes.

Não queremos entrar nas atribuições de cada um, mas parece-nos que a ser certa a tal disposição regulamentar do exercito, nenhum inconveniente resultaria da sua alteração, quando, como no caso presente, a força não tenha banda de musica propria que a acompanhe. Se a tivesse seria bem entendida a recusa, mas não a tendo parece-nos ser mais uma puerilidade do que um acto de pundonor dos brios militares, em não seguir a força atraz d'uma musica particular. Ao menos todos os commandantes das sub-divisões, que aqui tem estado, á excepção do actual Sr. Rocha Vieira e d'um outro, cujo nome nos não recorda, e

que nos considerámos como officiaes briosos, e bons executores dos regulamentos militares, nunca estes fizerão objecções na collocação de musicas adeante das forças, e é por esse antigo costume que estranhamos hoje se negue essa permissão, quando d'ella não resulta offensa nem desrespeito a força publica.

A' sahida da procissão deu-se tambem o incidente do Sr. commandante da guarda de honra fazer marchar a força adeante das creanças das escolas publicas que a camara convidara a acompanhar este acto, e que iam na sua frente, ficando estas e a Camara na rectaguarda da tropa. Depois de algumas explicações com o Snr. commandante da Sub-divisão, as creanças foram encorporar-se no corpo da procissão, e a Camara occupou o logar que lhe competia adiante da tropa.

Depois da procissão se recolher deu a força as tres descargas do estylo, salvando tambem a esse tempo o Castello de Santa Cruz.

Como se vê da noticia que vimos de transcrever a redacção do *Fayalense* mencionando o que occorrera á sahida da procissão, eximiose ainda assim de fallar da falta de continencia militar que, como era antigo uso, se prestava geralmente áquella corporação.

Conservámos apenas a recordação de uma unica vez ter sido quebrada semelhante usança, e foi no anno de 1862 estando na Horta o batalhão de caçadores n.º 9 por causa de tumultos populares.

Commandava por occasião da procissão de Corpus Christi a respectiva guarda de honra, que tem de acompanhar o prestito, o capitão Diogo Mendes Coutinho, fallecido mais tarde na cidade do Porto.

A Camara Municipal de então compunha-se dos Snrs. Antonio José Ferreira Rocha (presidente), Joaquim Pereira de la Cerda, José Pamplona Moniz Corte Real, Francisco Peixoto de Lacerda Costa Rebello, José Maria d'Oliveira, João Carvalho de Medeiros e João Alvares Cabral.

Estranhou-se, é verdade, semelhante occorrencia, mas da mesma não levantou a Camara questão e em conversas particulares affirmou o capitão Coutinho, que não tinha havido da sua parte a minima idea de desconsideração e que se não prestára á mesma Camara as honras militares, era por estas não lhe pertencerem, por não ser condecorada, como as Camaras Municipaes do Porto e de Angra do Heroismo, com a Torre e Espada.

Em 1883 as coisas tomaram, porem, uma bem differente feição.

A Camara Municipal da Horta reuniu-se extraordinariamente no dia 26 de Maio e eis o extracto d'essa sua sessão. (*Fayalense de 17 de Junho de 1883.*)

Presidencia do Sr. João José da Graça.

Presentes os Srs. vereadores Barcellos, Furtado Junior e Freião.

Esteve presente o Sr. Administrador do Concelho.

Pelo Sr. Presidente foi ponderado á Camara, que a tinha convocado para esta sessão extraordinaria, a fim de, como declara a convocatoria, se resolver o modo de pedir reparação á affronta publica que a corporação soffreu á sahida da procissão de Corpus Christi.

A Camara depois de discutir o assumpto e considerando todas as circumstancias que occorreram, foi unanime em que se officiasse ao Sr. Commandante da sub-divisão militar, nos seguintes termos:

«A Camara Municipal d'este Concelho da Horta não póde deixar de levar ao conhecimento de V. Ex.ª que recebeu uma affronta publica, da parte do commandante da força destacada n'esta ilha, por occasião da sahida da procissão de Corpus Christi, no dia 24 do corrente, como passa a relatar.

Algumas horas antes da sahida da procissão, tinha V. Ex.ª dirigido uma participação ao presidente d'este municipio, em que lhe declarava que, se era intenção da Camara collocar as philarmonicas em frente da tropa, esta não acompanharia a procissão ficando estacionada no adro, para fazer as honras devidas.

A Camara respondeu a V. Ex.ª, por intermedio do seu presidente, que não desejando que a tropa deixasse de acompanhar uma procissão que não é só meramente municipal, mas do estado, combinára em que as philarmonicas iriam no corpo da procissão e que não tomando assim o logar que compete á musica regimental, lhe parecia que não havia desdouro ou desconsideração para a classe militar, que V. Ex.ª tão dignamente representava.

Feito o accordo por esta forma, estava a Camara bem longe de prever que um novo incidente se levantaria no acto da procissão e que nada menos que um grave insulto seria arrojado ás faces d'este municipio pelo sobredito commandante que estava á frente da força postada no adro da egreja.

Apenas acabava de sahir o palio a porta da egreja Matriz e as authoridades que, segundo a lei e costume seguem logo atraz do mesmo palio, entre as quaes ia V. Ex.ª, a camara parou á porta da egreja para deixar passar adiante de si os alumnos das escolas de instrucção primaria, hoje a cargo dos municipios, e é n'este momento que o commandante da força em vez de fazer a continencia a que a Camara tem direito, sem fazer o menor caso do estandarte do municipio que se achava bem patente e dos vereadores vestidos com o seu trajo de gala e cerimonia, mandou avançar os soldados em desordem para diante da mesma Camara, atropellando alguns dos vereadores, parecendo ter em vista, ou excluir a camara do prestito ou desconsiderar a mesma corporação, irrogando que ella seguiria atraz da tropa.

A' vista d'um procedimento tão revoltante como violento, a presidencia d'este municipio mandou logo parar o prestito e o vice-presidente foi reclamar do chefe do districto e de V. Ex.ª as providencias que o caso exigia, declarando formalmente que a camara se retirava immediatamente aos paços do concelho,

uma vez que a tropa não occupasse o seu logar, pois ninguem ignora que em todos os tempos, sem a minima alteração, é a tropa que fecha os prestitos e é o ultimo corpo d'um cortejo.

Attendendo a esta justa reclamação, mandou V. Ex.ª immediatamente retirar a tropa para o seu lugar, pelo que esta camara lhe está muito agradecida, e a procissão seguio sem nenhuma outra perturbação, mas a affronta fez-se e existe com grande indignação de toda a gente que a presenciou e dos nossos municipes, que tem tomado como offensa feita á sua propria dignidade e pundonor.

A affronta aggravou-se ainda pela precipitação com que o sobredito commandante se retirou com a força apenas acabára a procissão, parecendo de proposito, para não prestar honras ao corpo municipal, que tinha de sahir da egreja e recolher, aos paços do municipio.

O procedimento do capitão commandante é em todo o cazo inexplicavel, porque de duas uma, ou fez este ultraje ao municipio por ignorancia do que é a camara, dos direitos que representa, dos foros que sempre teve e lhe foram concedidos pelos nossos antigos reis, das honras que o actual reinante e toda a familia real lhe tem continuado a dispensar, em todos os actos publicos, ou muito de proposito quiz desconsiderar e affrontar esta corporação que nunca o offendeu, nem até o conhece.

Esta camara empregou todos os esforços para tornar aquelle acto digno de magestade, de religião e de respeitabilidade do governo que o manda practicar, e como não era um acto de simples devoção popular, mas de acatamento á lei do paiz, sentio profundamente que semelhante perturbação partisse da classe militar, que está incumbida de velar pela ordem e segurança publica.

D'estas circumstancias, antes de levar ao conhecimento de Sua Magestade Fidelissima esta desagradavel occorrencia e de pedir uma reparação para um acto tão escandaloso e tão attentatorio das regalias nacionaes, deliberou esta camara em sua vereação extraordinaria de hoje, rogar a V. Ex.ª se sirva ordenar, que o dito Sr. capitão José Gomes da Silva, se sirva explicar o seu procedimento sobre o que a camara deixa exposto, porque se o dito Sr. official se explicar de modo que convença esta camara, que não teve intenção ou proposito d'ultrajar o municipio na pessoa dos seus representantes, a camara poderá dar-se por satisfeita e não levar mais longe o desaggravo a que tem todo o direito; mas no caso contrario não pode em rigoroso cumprimento dos seus deveres, deixar de pedir justiça superiormente afim de manter illesos os seus direitos, e desaggravar a sua dignidade publicamente offendida.

## Camara Municipal da Horta

*(Extracto da sessão de 30 de Maio de 1883)*

Presidencia do Sr. João José da Graça.

Presentes os Srs. vereadores Barcellos, Garcia, José de Bettencourt, Villa Lobos Junior e Furtado Junior.

Esteve presente o Sr. administrador do concelho.

Foi presente um officio do Sr. commandante interino da sub-divisão militar, sob n.º 6, em resposta ao d'esta municipalidade de 26 do corrente, pedindo explicações do procedimento do Sr. capitão commandante da força, relativamente ao incidente que se deu no dia 24 do corrente, á sahida da procissão de Corpus Christi, da egreja Matriz d'esta cidade.

Dá conhecimento de ter recebido dois officios do referido Sr. capitão, um que já tinha feito antes de receber a representação da camara e só por lhe constar que esta nobre corporação se julgava desconsiderada pela sua pessoa, o outro em resposta ao relatorio da camara; que n'elles, depois de algumas explicações, para esclarecimento de como se dera o facto, declara «que não vê motivo para que a camara municipal se considere offendida pela sua pessoa, nem elle tinha motivo para offender uma corporação tão respeitavel, de quem não tem aggravo, e mais declara que é bastante franco, para ter dado immediatamente á camara todas as explicações do seu procedimento, se a sua consciencia o accusasse da falta de cumprimento de seus deveres militares, por inadvertencia ou distracção, pois que de proposito deliberado, isso era cousa que nunca poderia ter-lhe passado pela idéa.»

A camara depois de bem meditar sobre o assumpto do referido officio, deliberou encarregar o seu presidente de responder ao mesmo, sustentando o seu direito e a sua dignidade, e attendendo a que da parte do Sr. Capitão não houve proposito deliberado de ultrajar os representantes d'este municipio, mas uma má intelligencia d'um dos artigos da sua ordenação militar e precipitação no modo de restabelecer o que lhe parecia deslocado, não intentava procedimento algum contra o mesmo official.

## Camara Municipal da Horta

*(Extracto da sessão de 6 de junho de 1883)*

Presidencia do Sr. João José da Graça.

Presentes os Srs. Vereadores Barcellos, Furtado Junior, Sergio Junior e Freião.

Esteve presente o Sr. Administrador do Concelho.

O Sr. presidente, para conhecimento da Camara fez a leitura do officio, em resposta ao do Sr. commandante da Sub-divisão militar, da redacção do qual foi encarregado na ultima sessão, e que se acha registado no livro respectivo n.º 51.

«Ill.mo e Ex.mo Sr. — n.º 124 — A Camara Municipal d'esta muito leal cidade da Horta, a quem foi presente o officio de V. Ex.ª em resposta ao d'esta municipalidade, sobre o occorrido na ultima procissão de Corpus Christi, tem a honra de dizer a V. Ex.ª o seguinte: Esta camara vê com grande magoa que as explicações dadas pelo Sr. commandante da guarda de honra se despenham no abysmo das contradicções, sendo por isso insufficientes para desvanecerem a idêa de uma affronta que o publico d'esta terra tem tomado em grande consideração.

Se por um lado o dito sr. capitão diz que não vio a camara, que não a podia ver do logar em que estava ajoelhado quando passou o Santissimo, por outro lado affirma que a Camara se conservara á porta da egreja, que estando ahi não podiam alguns dos vereadores ser atropellados pelos soldados quando flanquearam a mesma camara.

A verdade conhecida e sabida por todos é que a Camara estava bem á vista, o cavalheiro que levava o seu estandarte e alguns dos vereadores estavam no adro, abaixo dos degraos do templo, outros não teriam descido quando houve atropellamento e atropelados foram, como podem jural-o muitas testemunhas.

Se n'um periodo nos assegura que não tinha motivo para offender uma corporação tão respeitavel como esta, da qual não tem aggravos, n'outro confirma que os soldados avançaram como poderam para romper as fileiras dos pequenos, e que estava no seu direito de proceder, como procedeu, não cedendo o seu logar, que entende por lei lhe competir.

De tudo quanto expõe o Sr. capitão conclue a Camara que o dito official julga ter cumprido os seus deveres e achar-se plenamente satisfeito de ter posto de parte os representantes da municipalidade e seguir o caminho que lhe pareceu legal e decoroso.

Sendo assim a Camara não pode estar d'accordo com o dito Sr. official, por que permanece cada vez mais vivo e indistinctivel o facto de ter deliberadamente mandado avançar a tropa em confusão ouvindo-se as vozes: avança brutos! para se collocar atraz do palio deixando a Camara na sua rectaguarda, e esse facto foi incontestavelmente um acto de violencia praticado especialmente contra

a Camara que é pessoa moral, o que parece estar previsto e punido nos artigos 98 e 53 do codigo de justiça militar, de 9 d'abril de 1875.

Se o dito Snr. official imaginou que estava ao abrigo do artigo 448, de um regulamento de manobras ou ordenanças de 10 de Dezembro de 1881, enganou-se completamente, porque a disposição d'esse artigo só trata de manejo ou collocação das armas depois de passar o palio, e declara de uma maneira bastante vaga que a tropa segue o mesmo palio, sem tratar das pessoas que se interpõe entre o palio e a tropa, de forma que se o citado artigo d'alguma coisa servisse para o caso de que se trata, era que entre o palio e a tropa não ia absolutamente ninguem, o que é absurdissimo e ainda ninguem se lembrou de sustentar.

As portarias de 17 de Junho de 1839 e de 6 de Junho de 1843, estabeleceram as precedencias das authoridades administrativas por esta forma, 1.º o governador civil, 2.º a junta geral ou conselho de districto, 3.º o administrador do concelho e a Camara Municipal, 4.º o regedor e a junta de parochia, de forma que segundo a doutrina das citadas portarias, nenhumas outras auctoridades vão á direita do governador civil, senão por deferencia do mesmo e em caso algum os officiaes de patente superior precedem o chefe administrativo nem os officiaes de patente inferior podem preceder a Camara municipal.

Se os regulamentos militares, como a citada ordenança, obrigam os militares, as leis civis e as providencias emanadas do poder executivo obrigam a todos, tanto militares, como não militares, e das proprias palavras que o Sr. Capitão emprega nos seus officios, deprehende-se que respeita muito (talvez demasiado) os regulamentos militares e que lhe são indifferentes as leis civis.

Dando mesmo por um momento que esta camara tivesse andado mal ou em parar, ou em não occupar logo o seu lugar, ou em deixar collocar pessoas em logar indevido, nem assim competia ao Sr. capitão emendar esses defeitos e menos fazel-o pelo modo porque o fez, violentamente, porque tinha ás suas ordens officiaes inferiores pelos quaes podia mandar fazer quaesquer observações ou reparos ao seu superior legitimo, e só d'essa maneira é que se restabelecem os factos e se regulam as relações entre corporações e auctoridades que não só obedecem ao preceito das leis, mas ao imperio dos principios d'uma bôa educação e cortezia.

Em quanto á continencia militar não diz em ponto algum a ordenança, regulamento ou livrinho que pareça servir de norma unica ao Sr. capitão, que só as camaras condecoradas com a ordem da Torre Espada tem direito a continencia militar; o livro diz simplesmente que os individuos condecorados com aquella ordem tem esse direito, e esta camara está na posse immemorial e não interrompida de receber essa continencia, não podendo admittir-se que só este official conheça os regulamentos e só desconheça esta regalia porque seria o mesmo que irrogar censura a uma serie d'officiaes distinctos e illustrados, até dos batalhões 12 e 9, que nunca faltaram a esse acto de cortezia para com esta corporação, o que de certo não fariam se infringissem a disciplina militar, pois todos elles tem sido zelosos e rigorosos no cumprimento dos seus deveres.

A' vista do exposto esta camara deixou inteiramente á apreciação e arbitrio de V. Ex.ª o conhecimento da indisciplina, se a houve em mandar avançar em

tropel os soldados para diante da camara, ou de violencia, se entender que á força elle tomou adianteira, deixando para traz esta corporação, não se importando se ella tinha ou não de fazer parte d'aquella solemnidade para a qual a mesma camara tinha convidado todas as authoridades e a propria força militar, na certeza de que unicamente por attenção para com V. Ex.ª a quem deve assignalada deferencia n'esta questão se conformara com a sua decisão qualquer que seja, não representando nem intentando mais procedimento algum pelo facto occorrido. Deus Guarde a V. Ex.ª Secretaria da Camara Municipal da Horta, 2 de Junho de 1883—Ill.^mo e Ex.^mo Snr. Commandante da Sub-divisão militar. O presidente da Camara—João José da Graça.

## Camara Municipal da Horta

*(Extracto da sessão de 13 de junho de 1883)*

Presidencia do Sr. João José da Graça.

Presentes os Snrs. Vereadores Barcellos, Furtado Junior, Sergio Junior e Freitão.

Esteve presente o Sr. administrador do Concelho.

Foi presente um officio do Sr. Commandante interino da Sub-divisão militar, datado de 7 do corrente, em resposta ao d'esta municipalidade n.º 124, com relação ao incidente que teve logar por occasião da sahida da procissão de Corpus Christi, no qual significa sentir que a camara apesar das sinceras explicações do capitão Gomes, tambem produzidas em sua defesa, não queria desvanecer a idéa de supposta affronta, talvez por que uma pequena parte do publico assim o imaginou, e pretende que se considere.

Entende que seria inutil quanto se podesse intentar para satisfação de quem não quer satisfazer-se; demonstra não acceitar os offerecimentos de arbitragem que a camara lhe concede, pois se sente firmemente convencido da rectidão do procedimento militar do capitão Gomes; faz outras considerações sobre a questão.

A Camara depois de meditar, encarregou o seu presidente de responder, o qual acto continuo, redigio a resposta que leu e foi approvada pela camara, deliberando que tanto esta resposta, como o officio a que diz respeito fossem publicados, quando o for o extracto d'esta acta;—deliberou mais que suba ás estações superiores copia authentica de toda a correspondencia trocada entre esta corporação e o Sr. Commandante da sub-divisão militar, com relação a este assumpto.

**Copia dos officios a que se refere a acta anterior.**

Sub-divisão militar da Horta=Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.=Em vista do officio n.º 114, que V. Ex.ª me dirigio em 2 do corrente, sinto que, apesar das sinceras explicações do capitão Gomes, tambem produzidas em sua defeza, não queira a Ex.^ma^ camara municipal desvanecer a idêa de supposta affronta, talvez por que uma pequena parte do publico assim o imaginou e pretende que se considere.

Entendo que seria inutil quanto eu podesse intentar para satisfação de quem não quer satisfazer-se, e por isso só tenho a notar a V. Ex.ª que a contradicção, citada nas palavras do capitão, é proveniente de pouca claresa da minha redacção, que teria feito alterar o sentido: escrevi no meu officio por esta forma «diz mais aquelle official pelas palavras da mesma Ex.^ma^ camara, terem os alumnos d'instrucção primaria seguido no prestito logo atraz das authoridades, e que a camara parou á porta do templo etc.;» — mas no officio, que o capitão me mandou, lê-se o seguinte:

«A propria camara declara que os alumnos...etc. e que a camara parou á porta do templo.

A exageração dos factos, como anda sempre emparelhada com a das palavras, que as descrevem assim, noto as hyperbolicas, de *atropellar, atropellamenmento, violencias* e outras applicadas ao digno capitão e aos pobres soldados em sua manobra na procissão de Corpus Christi, a ver se podem atrahir sobre elles os dois raios guardados no codigo penal militar. Não pesarão taes palavras na consciencia de quem as emprega? Devo dizer a V. Ex.ª que me arrependo de me ter sentido grato por aquillo que tomava por deferencia da Ex.^ma^ camara, fazendo ella collocar as philarmonicas na frente da procissão, por attenção á carta que tolamente mandei a V. Ex.ª. Melhor seria que eu tivesse ordenado para a força ficar á porta da egreja e nada mais.

Parece-me ter dito o necessario para me desafogar de attenções e de offerecimentos de arbitragem, que V. Ex.ª me concede em nome da camara, acrescentando: que me sinto firmemente convencido da rectidão do procedimento militar do capitão Gomes; que ao tempo da recepção do supradito officio de V. Ex.ª em que me declara conformar-se a camara com a minha decisão, e que não se procederia mais sobre o facto occorrido, appareciam pungentes e mentirosos artigos no semanario a «Regeneração», contra este honrado official, e o que é mais, com elogios á minha humilde pessoa; e tudo, tudo, por tres vezes nada; que ao ponto que quizeram levar esta questão só as auctoridades superiores podem resolver: e que finalmente, pela imbecilidade da minha carta particular devo ser considerado como o causador de todo o succedido e como tal carregar com a responsabilidade.

Creia pois V. Ex.ª que no meio dos meus erros e más qualidades diligenceio por caminhar como homem de bem.—Deus Guarde a V. Ex.ª— Sub-divisão militar da Horta, 7 de Junho de 1883.— Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr. Presidente da Camara Municipal da Horta — O commandante interino da sub-divisão — Antonio Carlos da Rocha Vieira, tenente coronel.

## Resposta da Camara

«Ill.mo e Ex.mo Sr.—n.º 138— A Camara Municipal d'esta muito leal cidade da Horta, a quem foi presente o officio de V. Ex.ª de 7 do corrente mez, encarrega-me de dizer a V. Ex.ª pela ultima vez, sobre a questão suscitada, o seguinte:

Não pode V. Ex.ª admirar-se que esta camara não quizesse satisfazer-se com as explicações dadas pelo capitão Gomes, quando essas explicações longe de serem o reconhecimento d'uma precipitação ou d'uma falta, são a insistencia formal e absoluta de ter procedido decorosa e legalmente e não ter feito aggravo a esta corporação.

Esta camara, que via em V. Ex.ª um juiz imparcial de factos que quasi foram passados na sua presença, passa pela immensa surpresa de vêr que nem ao menos V. Ex.ª quer conceder lhe que ella tenha rasão de se queixar do procedimento do dito Sr. capitão, tal é o imperio do espirito de classe e de camaradagem militar, que ainda os direitos mais respeitaveis dos aggravos não encontram n'elle o mais pequeno abrigo.

Não tem V. Ex.ª de se arrepender de se ter sentido grato, como diz, pela justa deferencia que este camara teve para com a sua missiva de 24 de Maio, não so porque essa gratidão não chegou a manifestar-se d'um modo official a ponto de que esta camara o ignorou até o momento de receber o ultimo officio de V. Ex.ª, mas porque esta corporação não exige, nem espera nunca gratidão pelos actos de justiça ou de delicadesa que costuma praticar.

O de que esta camara não prescinde é de entregar com honra o mandato que recebeu dos seus municipes, e foi para isso que se julgou no rigoroso dever de se queixar a V. Ex.ª da desconsideração publica que recebêra do Sr. commandante da guarda de honra, desconsideração que cada vez se torna mais evidente e mais digna de reparos.

No entretanto, esta camara fiel á sua indole pacifica e aos seus principios conciliadores, não exigia para seu desaggravo nenhum incomodo ou castigo para o dito Snr. official e mesmo para os seus soldados; mas parecia-lhe que tinha incontestavel direito a receber do mesmo uma desculpa, uma attenção, uma demonstração qualquer que levasse o convencimento a esta camara *que o seu acto de mandar avançar os soldados para diante da camara*, como realmente avançaram em confusão, o que elle mesmo confessa, fôra irreflectido ou precipitado, e que não tinha por fim excluir a camara do prestito ou pertender que ella seguisse na sua rectaguarda. Ainda na falta d'esta satisfactoria explicação a camara por benevolencia extrema renunciou o direito de levar mais longe o seu desaggravo e louvou-se na imparcialidade e illustração de V. Ex.ª para juiz da sua queixa, protestando conformar-se com a sua decisão qualquer que fosse.

V. Ex.ª declina o benevolo encargo de arbitrador, como se vê do seu officio, mostra-se até resentido pelas considerações que esta Camara tem tido e continua a ter para com V. Ex.ª, parece mesmo querer interpor a esta camara o que dizem alguns jornaes desta cidade, especialmente a «Regeneração,» como

se os jornaes não fossem livres nas suas expansões, ou esta municipalidade tivesse alguma solidariedade com qualquer jornal, e deprehende-se finalmente que V. Ex.ª declinando resolveu submetter este lamentavel incidente á apreciação das auctoridades superiores.

Em tal caso não pode tambem esta camara deixar de remetter ás estações superiores copia authentica e integral de toda a correspondencia trocada com V. Ex.ª a este respeito, e a promover quando seja preciso ou requisitado, um requisito perante a authoridade administrativa, em que serão chamados a depôr as pessoas mais conspicuas d'esta cidade, que presenciaram o occorrido na procissão de Corpus Christi, a fim de que os fundamentos da queixa sejam devidamente ponderados e comparados com as explicações produzidas pelo Sr. commandante da guarda d'honra, levando até á evidencia que esta camara não mente, nem exagera os factos ou as circumstancias.

Esta camara curva-se perante a immensa modestia, com que V. Ex.ª revestio o seu officio, por ser a modestia uma das virtudes mais raras nos tempos que atravessâmos; mas não é acceita, nem para V. Ex.ª nem para nenhum dos membros d'esta corporação, as expressões menos lisongeiras sobre os actos que deram origem a este conflicto, porque se alguma causa houve para o mesmo conflicto foi unica e exclusivamente o procedimento violento do Sr. Capitão, e se esse procedimento tem para V. Ex.ª o valor de tres vezes nada, a camara considera a sua dignidade publicamente offendida valer muito mais que as susceptibilidades, realmente pueris, que possa produzir a procedencia d'uma philarmonica na falta de musica regimental, porque taes susceptibilidades não valerão tres vezes nada, mas sessenta vezes nada.=Deus Guarde a V. Ex.ª — Secretaria da Camara Municipal da Horta, 13 de Junho de 1883—Ill.mo e Ex.mo Snr. Commandante da Sub-divisão militar=O Presidente da Camara, João José da Graça.»

Na sessão da Camara Municipal de 4 de Julho seguinte, por ausencia do illustrado Sr. presidente d'esta corporação, que só reasumio aquelle logar a 6 d'Agosto subsequente fazia as suas vezes o vice-presidente Sr. Luiz Telles de Barcellos, estando presentes os Vereadores Garcia, José Bettencourt e Furtado Junior, bem como o administrador do Concelho.

«Foi presente—diz a respectiva acta— um officio do Sr. commandante interino da divisão militar dos Açôres, datado de 28 de Junho, significando que com verdadeiro pesar teve conhecimento de se ter esta municipalidade julgado menos considerada pelo commandante da guarda de honra que acompanhou a procissão de Corpus Christi.

Pondera os preceitos estabelecidos pelas leis e regulamentos militares e que entre elles ha na verdade uns de menor importancia do que outros, mas ao militar não é licito deixar de cumprir qualquer d'elles.

Affirma que como soldado que se presa de ser, não sabe transigir com a indisciplina, e que se esforça sempre para cumprir rigorosamente os seus deveres, exigindo de todos os seus subordinados que procedam por egual modo e que portanto respeitem as auctoridades civis, tratando-as convenientemente e com primorosa cortezia.

Que o capitão commandante da força empenha-se em demonstrar nos seus officios n.os 6, 7 e 16, que acompanhou o officio enviado para o quartel general pelo commandante da sub-divisão militar d'esta cidade, que procurou proceder com a devida deferencia, sem prejuizo dos deveres militares, para com a Ex.ma Vereação, não pretendendo desacatal-a, e que rogue ao presidente aceite essa declaração e a faça constar á illustre corporação a que preside.

A Camara depois de algumas considerações sobre o assumpto dos referidos officios, encarregou o vice-presidente de responder, combinando os topicos e fundamentos da resposta.»

Muito bem.

Esta resposta que a Camara incumbio o vice presidente de dar ao commandante da divisão militar dos Açores é que nós, em vão procuramos na collecção, publicada, das actas camararias, como fôra toda a correspondencia trocada a este respeito.

Isto, é certo, que pouco já influiria para a questão.

O officio do Ex.mo Commandante da divisão militar dos Açores revela, parece-nos, as incontestaveis qualidades d'um habil diplomata.

Não transige com a indisciplina, mas tambem não dá rasão á Camara, deseja o rigoroso cumprimento dos deveres militares, mas ao mesmo tempo todo o respeito para as authoridades civis, sem prejuizo dos mesmos deveres.

Em summa,

*Mons parturibat gemitus immanes ciens,*
*Eratque in terris maxima expectatio:*
*At ille murem peperit.*

A questão ficou n'este pé.

Amanhã poderá dar-se o mesmo incidente, a repetição das mesmas scenas e eguaes officios de parte a parte.

Em todo o caso, entendemos do nosso dever registar n'estas «Notas Açorianas» um incidente que presenciamos e que, então, deu bastante que fallar n'esta localidade, havendo a semelhante respeito as mais encontradas opiniões

A este drama falta a conclusão, isto é, o quinto acto.



# CHATEAUBRIAND

## (1792)

Ao inverso do que acontece no mundo physico, em que, diariamente, o sol surgindo de remoto horisonte, vem entornar pelas planicies e serras, por vallados e montes, ondas de vivissima luz, revelando aqui ridentes alfombras de flores, alem searas ricas e abundantissimas, tornando em aprasiveis mansões o seio emmaranhado dos umbrosos bosques, em amenos sitios as rasteiras restevas, semeadas de flores vermelhas, semelhantes a chammas, como o ceu, de noite, é semeado de estrellas, ao inverso d'isto, repito, na existencia moral da humanidade, á mingoa d'esse phenomeno da natureza que, em cada giro da terra lhe assegura uma esplendida alvorada, as trevas pairam incessantemente sobre o seu vastissimo estadio e com as trevas a ausencia d'um sorriso, d'uma flor, d'um cantico suave.

Quando o sublime Lord Byron, no seu poema «As Trevas» nos descreve, em assombroso quadro, o que seria o mundo se o sol deixasse de nascer, a naturesa estacionada, silenciosa e negra, engolfando-se, triste, no longo sudario do aniquilamento, desenhava, com mão de mestre, o que seria tambem a humanidade se acaso alguns astros bemfazejos, as scintillações do genio, não illuminassem a senda em que procede atravez dos seculos.

Nos vastos plainos do mundo, semelhante a incommensuravel occeano, existem muitos milhões de homens, muitos milhares de gerações ignoradas, desprotegidas, agitando-se nas sombras, sem um destino certo, sem um defenido pensamento, d'um lado calcadas aos pés da tyrannia, alem irmanando o seu viver com o dos mais abjectos animaes e sempre as trevas caladas e tristes a pairar sobre aquella enorme multidão, sobre aquella informe massa, na qual não se distingue a virtude do crime, o odio do amor, a maldade do bem, estando tudo confundido, como nos parecem confusos os milhares de astro que formam uma nublosa immensa, em escuras noites de estio.

De seculos em seculos, porem, por mercê de Deus, no cimo de pyramides formadas pelos esqueletos de muitas gerações, accendem-se de largas em largas distancias uns fachos de luz, que segundo a intensidade do seu foco, dão vida e alento, até aonde chegam os seus raios.

Estes luzeiros são as guias da humanidade, os marcos brilhantes pelos quaes a mesma orienta a sua derrota atravez das brumas, e, se a naturesa pode ser comparada a um vasto templo, a uma floresta immensa, são as lampadas suspensas de robles seculares para lhe indicar o seguro caminho, n'aquelle intrincado e mysterioso labyrintho.

Na antiguidade chamavam-se Confucius, Socrates, Platão.

Um dia, porem, n'uma pequena divisão da terra, denominada Syria, occorreu um singular acontecimento, ergueu-se alli uma cruz, n'um insignificante comoro, da qual pendia o corpo livido d'um Nazareno, condemnado á morte, aviltado pela multidão, despresado e tão pobre que repousava a cabeça sobre uma pedra, não tendo morada para se recolher, mas desde o momento que algumas gottas do sangue d'esse infeliz cahiram na adusta terra d'aquelles sitios, um clarão immenso illuminou todo o universo, o Golgotha tornou se na mais alta, na primeira montanha do mundo e a cruz, symbolo de ignominia e de affronta, volvida em sacrosanto labaro, ouvio dos quatro ventos do orbe a saudação dos mais remotos povos, como imponente e grandioso cantico de amor.

Resurgia o mundo!

A humanidade passava subitamente da escuridão para a claridade, das sombras da morte para a demonstração esplendida da vida e como no legendario poço da Samaritana, a nascente de luz que d'alli brotava era eterna e iria reflectir-se no ceu.

Desde então um sopro vivificante alentou a sociedade moderna, a bôa nova, a lei do Evangelho, encheu d'amor e caridade até os mais remotos confins do mundo, e a principal orientação de todos os grandes genios da humanidade foi firmar e estatuir os dictames divinos, servindo-se do livro, da pintura, ou da esculptura, para transmittir aos povos a lei do progresso, que é a lei do christianismo.

E por providencial destino, foi necessario que essas mesmas verdades tivessem impugnadores, para que mais se aquilatassem as virtudes e dedicações dos seus sectarios.

Espectaculo assombroso.

Nas perseguições aos primeiros christãos, quando elles eram queimados vivos ou nos circos atirados a vorazes feras, foi quando a fé mais se avigorou e mais abundantes seáras produzio.

Na edade media, n'essa memoravel epocha em que os barbaros do norte invadem toda a Europa culta, sobrenada a um diluvio iracundo, como sobrenadou a arca da Escriptura, a idéa christã acolhida no isolado mosteiro, do humilde tegurio, perdido nas asperezas das serranias.

Nos tempos modernos, quando a revolução infrene e indomavel, desvairada do seu inicial movimento, destroe os templos, decreta que não existe Deus e confere honras divinas a fragil rasão humana, é quando immortaes producções de incommensuraveis genios, servindo-se da imprensa como d'um predestinado raio, espalham n'um momento, por toda a parte, a palavra consoladora, o conselho amigo, a triaga salvadora contra tão delecterios principios.

E o homem passa, entranhando se nos sepulchros, para jamais d'alli surgir, emquanto os livros ficam operando por muitos seculos a sua civilisadora missão, espalhando indistinctamente a ricos e a pobres,

aos fartos de saber e aos famintos da intelligencia, os seus salutares dictames.

N'esta communhão do espirito a mêza é larga e nunca se extingue o alimento, porque, como os sabios da antiguidade, tambem modernamente existem Bossuet, Fenélon, Lacordaire e Chateaubriand, a maior intelligencia produzida pelo seculo 18.°, como Victor Hugo no actual seculo.

Francisco René de Chateaubriand, filho d'uma familia nobre e bretã, como a de Paulo Féval, nasceu em St. Malo, no anno de 1768 e depois de haver passado no castello paterno a sua infancia e cursado com singular aproveitamento os collegios de Dol e Rennes, entrava aos 17 annos na carreira militar e dois annos depois obtinha uma patente de capitão no regimento de Navarra.

Achava-se, então, em Paris e os prenuncios da revolução de 1789 começavam a agitar a França, aquelle indomito oceano que em breve se alevantaria em soberbas ondas para lançar por terra as taboas d'um throno e a cabeça d'um monarcha, tinha agora uns rugidos subterraneos e cavos que impressionava dolorosamente quem o observava.

Cada dia acarretava comsigo um novo ataque á monarchia, que Chateaubriand, como nobre e soldado, jurara defender, todas as doutrinas com que elle fora creado, todos os privilegios que cercavam a vida dos fidalgos, pendiam para um abysmo profundo, como o rochedo que despegado das cumieiras das serranias, por ingreme encosta vae, em vertiginosa queda, sumir-se no seio do mar.

N'esses dias agitados, não lhe valia a amisade de La Harpe e Fontanes, bem como de outros homens de letras, com os quaes estava relacionado, seus companheiros na collaboração do Almanach das Muzas, para lhe desterrar as sérias apprehensões sobre o seu destino, da sua familia e da sua patria.

O sangue nobre que lhe girava nas veias era um crime aos olhos dos revolucionarios, que por toda a parte surgiam e na febre da paixão partidaria que então contaminava e convulcionava o seu paiz, não tinha logar aquelle coração inspirado e scismador, ao qual as violencias repugnavam e a lingoagem desbragada entristecia.

Embora Chateaubriand comprehendesse, como mais tarde escreveu Lamartine, que ha epochas na historia do genero humano nas quaes os ramos seccos cahem da arvore da humanidade e nos quaes as instituições antigas e caducas se desmoronam para dar passagem a uma seiva e instituição que renovam os povos, rejuvenescendo as idéas, ainda assim, a sua alma de poeta na primavera da vida, confrangia-se dolorosamente na contemplação dos excessos populares, que cada alvorada lhe apresentava mais iracundos, e descrendo talvez, que d'aquelle cahos podesse surgir a luz e d'aquella confusão a ordem, quiz expatriar-se, eximindo-se d'esta sorte a mais serios desgostos, ou de ser testemunha de mais repellentes scenas.

Embarcou, consequentemente, para o novo-mundo, como atravez do oceano algumas aves emigram, em busca de mais serenos climas, d'um para outro hemispherio.

Decorria então 1790 e o poeta contava 22 annos de edade.

«Muitas vezes,—diz-nos Chateaubriand, referindo-se a essa sua primeira viagem—aconteceu erguermo-nos alta noite, para nos sentarmos na coberta, onde apenas encontravamos o official de quarto e alguns marinheiros que fumavam silenciosos em seus cachimbos. Apenas se ouvia a rocadura da próa nas ondas, ao tempo que scintillas de lume corriam com a alva espuma ao longo dos flancos do navio. Deus dos Christãos! nas aguas do abysmo e nas profundezas do ceu é que tu esculpiste mais indeleveis os traços da tua omnipotencia! Milhões de estrellas, radiando no azul sombrio da abobada celeste, a lua no meio do firmamento, um mar sem margens, o infinito no ceu e sobre as ondas! Nunca tua grandeza tanto me conturbou, como n'essas noites, em que, suspenso entre o oceano, e os astros, eu tinha a immensidade sobre a minha cabeça e a immensidade sob meus pés.

Eu nada sou, não passo de um simples solitario: tenho ouvido muitas vezes os sabios disputarem ácerca do primeiro Ente e não os entendi, mas observei sempre que, em presença d'estas grandiosas scenas da natureza, esse Ente incognito se revela ao coração do homem.»

*(O Genio do Christianismo, traducção de Camillo Castello Branco.)*

Ora, devemos confessar que este doce sentir d'uma alma crente e saturada de mysticismo, mal se coadunava, seguramente, com o viver e pensar do povo do meio do qual ha pouco se retirava.

Ou fosse, como dizem alguns biographos, do notavel poeta, que elle na America intentasse procurar por terra, uma passagem pelo noroeste, ou que, mais naturalmente para o seu genio elevado, o tentassem as grandes solidões e admiraveis panoramas de um paiz virgem e arrebatador, é certo que internando-se pelos sertões, foi retemperar o espirito no seio das florestas gigantescas, das quaes jamais um europeu havia crusado a immensa vastidão.

Encontrando diversas tribus de indios, com elles viveu por algum tempo, escrevendo os seus costumes e collecionando as paginas dos Natches, ora á beira de precipicios, entre agrestes brenhas, ora nas clareiras das florestas.

D'esta obra, que infelizmente perdeu-se, apenas é conhecido o sublime episodio denominado Atala, ou os amores de dois selvagens no deserto.

Vivendo ainda no interior dos Estados Unidos, em perfeita tranquilidade entre os Hurons, chegou-lhe ali, accidentalmente, a noticia da prisão de Luiz 16.º e do miserando estado em que então se achava a França, theatro do maior cataclysmo politico de que havia memoria n'aquella grande nação.

O affecto que dedicava á monarchia, o receio pelo destino da sua

familia e as crueis apprehensões relativas ao futuro da sua patria, fizeram-no immediatamente e com a mais profunda saudade dos hospitaleiros indios, procurar um ponto do litoral d'onde podesse regressar á Europa.

Embarcou.

A viagem foi tormentosa, o outomno desencadeou-se terrivel, o navio acossado sempre por temporaes, desde que sahira da America, soffreu diversas avarias na mastreação e só o tempo abonançou nas proximidades do archipelago açoriano.

Avistando ao largo a ilha do Corvo e em seguida os inhospitos alcantis das Flores, a embarcação dirigio se para a ilha do Fayal, aonde aportou no começo de setembro de 1792.

Durante a sua estada na então villa da Horta, emquanto o navio que o conduzia fazia os necessarios concertos, foi Chateaubriand muito obzequiado pelos fayalenses e especialmente pelo digno consul francez Sergio Pereira Ribeiro, cuja hospitaleira moradia era o ponto de reunião de todos os viajantes distinctos que a esta ilha chegavam.

O consul francez deu na sua abastada residencia um grande baile em honra de Chateaubriand e com este cavalheiro foi o distinctissimo escriptor passar alguns dias na ilha do Pico, no sitio da Arêa-larga fazendo d'alli diversas excursões aos mais remotos pontos d'esta extensa ilha e colleccionando grande fornecimento de pedras, lava vulcanica solidificada e outras curiosidades naturaes que comsigo levou para França.

No «Genio do Christianismo», no capitulo 8.°, do primeiro volume, deparámos com uma referencia á estada do seu author n'estas ilhas, quando trata da emigração das aves aquaticas.

«Um dia—diz Chateaubriand—encontrámos nos Açôres, um bando de cercetas azues, forçadas pelo cançaço a pousarem n'uma figueira. Não tinha folhas esta arvore; mas pendiam d'ella fructos encarnados e travados dois a dois como crystaes. Quando a toldou a nuvem das aves, cujas azas pendiam lassas de fadiga, era singular o espectaculo da figueira; os fructos pareciam de uma purpura vivissima por sobre os ramos assombrados, ao tempo que a arvore parecêra desabrochar, como por encanto, uma folhagem azul.»

(*Traducção de Camillo Castello Branco.*)

Esta scena afigura-se-nos passada na ilha do Pico e as aves naturalmente de arribação, por ser uma especie que n'este clima não existe.

Deixando o Fayal e chegado a França, ainda em 1792, Chateaubriand foi reunir se aos emigrados que permaneciam em Coblentz.

Aguardavam-no os mais profundos desgostos, sua virtuosa mãe, já septuagenaria, expirou n'um carcere, deixando a Francisco René uma commovente carta em que lhe pedia que fosse sempre fiel aos

principios religiosos que lhe ensinara e seu irmão mais velho, o conde de Chateaubriand, perdia a vida no cadafalso, bem como seu sogro o infeliz Malesherbes, que tivera a coragem de perante o tribunal revolucionario deffender generosa, mas improficuamente, a vida de Luiz 16.º isto quando o honrado ancião já contava oitenta annos de edade.

Provado assim no cadinho da adversidade, d'ahi em diante a existencia de Chateaubriand começou a tomar formas collossaes, tanto nas admiraveis obras que lhe asseguraram o primeiro logar entre os escriptores do seculo 18.º, como nos importantissimos cargos que desempenhou na patria, quando voltaram Bourbons, dos quaes até à morte foi dedicado amigo.

Esta fidelidade a uma causa politica e grande merito litterario, mereceu uma recompensa de Luiz 18.º que elevou Chateaubriand ao pariato, investido no cargo de ministro, tendo em vista aquelle judicioso e profundo dizer do Papa Clemente 14.º conversando uma vez com o cardeal Cavalchini:

«E' justo que os authores que nos instruem, ou nos encaminham para o bem, achem protecção nos principes. Nada existe em que o dinheiro possa ser empregado com mais proveito do que em animar o merito e proteger o talento, tornando-se realmente uma vergonha que se façam tantas diligencias para descobrir o paradoiro d'um criminoso e descuremos de indagar aonde existem, ou em que condições vivem os homens que pela sua sciencia illuminam o mundo.»

Como poeta e politico seria ousadia da nossa parte aventar o mais leve parecer a seu respeito.

A fama dos escriptos do Visconde de Chateaubriand echoou em todo o mundo e mereceu os encomios de todas as nações.

Se o «*Genio do Christianismo*» é um sublime thesouro de poesia religiosa, os «*Martyres*,» o «*Itenerario de Paris a Jerusalem*,» «*Atala*,» «*René*,» e as «*Memorias d'alem tumulo*,» viverão tambem eternamente, fazendo sempre a gloria do povo francez.

Aos notaveis predicados do espirito, diz um biographo, reunio Chateaubriand distinctos attributos pessoaes, lia se lhe o talento nos olhos, a graça no sorriso e a nobreza do seu caracter em qualquer minimo gesto, exercendo assim um encanto irresistivel em todos que com elle tratavam.

Por occasião do seu regresso da America casou com Celeste Delavigne Buisson M.me de Chateaubriand que veio a fallecer em 1847 e que sempre lhe foi extremosamente dedicada.

Como prova dos seus piedosos sentimentos fundou esta virtuosa senhora um hospital para sacerdotes enfermos.

Retirado da politica, no ultimo periodo da sua vida e exclusivamente entregue aos seus queridos trabalhos litterarios, vivia o Visconde de Chateaubriand na *Abbaye-au Bois* e raras vezes sahia d'esta

campesina propriedade, a não ser até ao Salão de M.me Recamier, aonde se reunia a elite do mundo artistico e literario d'aquella epocha.

Chateaubriand falleceu no anno de 1848, determinando que fosse enterrado n'um promontorio que defronta o mar, de St. Maló, sua terra natal.

Aquelle genio immenso, sempre revestido d'uma doce melancolia e profundo como o oceano, quiz ter ainda eternamente um oceano na sua frente.

Quantas vezes, na sua solidão da *Abbaye-au Bois*, nas longas noites do inverno, recordando as scenas da sua mocidade, a America, o seu viver com os indios e as tempestades do mar alto, não se lembraria tambem, porventura, da pequenina ilha açoriana que lhe dera guarida durante alguns dias?

Essa recordação foi uma gloria para o Fayal.

---

# O MARQUEZ DE NIZA

## (1798)

Este nobre descendente de D. Vasco Luiz da Gama (a quem El-Rei D. João 4.º fez Marquez de Niza, alem de ser já anteriormente Conde da Vidigueira, almirante da India e duas vezes embaixador perante Luiz 13.º, rei de França) esteve na ilha do Fayal commandando, como o seu illustre antepassado, uma esquadra, composta de vinte e cinco navios, procedente do Brazil, donde então nos vinham ainda importantes riquezas e n'esta ilha fez, antes de seguir para Lisboa, um grande fornecimento, apesar de não lhe haver sido satisfeita toda a requisição dos generos que necessitava, bem como de diversos e variados artigos.

O Marquez de Niza hasteara o seu pavilhão de almirante abordo da nau «Princeza Real» e alguns dias se demorou na bahia da Horta, tendo entrado a esquadra a 14 de Junho.

Segundo o erudito historiador, Snr. Macêdo, foram-lhe fornecidas, alem de muitos objectos, 800 arrobas de arroz e 120 arrobas de assucar, d'um grande deposito então existente na alfandega.

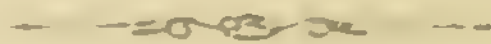
Foi este mesmo homem do mar a quem, antecedentemente, Portugal confiara a melindrosa commissão de commandar, no anno de 1793, a esquadra que cruzou no Mediterraneo, apesar de desejarmos conservar neutralidade, por occasião da revolução franceza e quando a Prussia e a Inglaterra estavam ligadas contra os republicanos.

A' breve estada do Marquez de Niza, na ilha do Fayal, seguio-se

poucos dias depois, no 1.º de Julho, a entrada na bahia da Horta de um comboio, procedente do Pará, ao qual servia de escolta a fragata «Amazonas», como no anno anterior, em egual mez, aqui tambem estivera uma outra esquadra, de que era capitania a nau «Principe Real.»

Assim no decurso de alguns mezes, viram os fayalenses alem de duas esquadras, uma das quaes composta de vinte e cinco navios, um comboio de quatorze embarcações nacionaes, o que contrasta singularmente com o nosso estado actual, sendo uma vergonha que n'este importante archipelago, maxime pela sua posição geographica, calculando-se em 25:000 os navios de diversas nacionalidades que passam annualmente por estas paragens, isto segundo um artigo publicado n'um dos primeiros jornaes do paiz «O Commercio de Portugal.» no seu n.º 1:744, de 29 d'Abril de 1885, não haja aqui, a cruzar, um unico navio de guerra portuguez e sendo a bandeira nacional uma das que menos figura nos respectivos registros maritimos.

E' caso para se dizer: *Ubi Troya fuit!*



# D. JOSÉ PEGADO D'AZEVÊDO

## (1803)

Entre a freguezia da Praya do Almoxarife e a de Pedro Miguel e limitando a primeira d'estas povoações, pelo lado do norte, ergue-se a Lomba dos frades, sobranceira ao mar e correndo parallela com a grande Lomba da Espalamaca, cuja ponta se projecta pelo mar fóra.

No espaço, assaz largo, que medeia entre estes dois promontorios, é que desde a beira do oceano até ao matto, então já completamente aberto e a mais de uma legoa de distancia, está assente a freguezia da Praya do Almoxarife, precedida d'um grande areal, tendo no começo da povoação uma elegante e alva egreja e indo terminar proximo do Poço das Azas, o qual já tivemos ensejo de descrever no primeiro volume d'estes despretenciosos apontamentos.

O cimo da Lomba dos frades é um sitio êrmo, quasi improductivo, coberto de leiva silvestre e n'um e n'outro sitio povoado de algumas informes rochas.

Pouca gente alli vae, ou por alli passa, e não é raro que as aves maritimas, em vista da perfeita segurança que gosam n'aquella altura venham poisar n'esses penedos, fugindo espavoridas, soltando gritos ao sentir o menor rumor, ou com a aproximação de qualquer raro visitante da sua guarida.

A crista d'aquelle promontorio infunde-nos sempre indisivel tris-

tesa, e o mar que, lá muito em baixo se desfaz, gemente, ao sopé do monte, tem uma côr bastante escura, ainda mesmo com o mais sereno tempo e limpido firmamento.

Deu áquella elevação o nome de Lomba dos frades, um convento de franciscanos que alli existio, nos primordiaes tempos do povoamento do Fayal, e do qual, actualmente, já nenhuns vestigios se encontram.

Ora, a vinda dos frades franciscanos para esta ilha parece ter sido coeva com a chegada do seu primeiro donatario, tanto mais que os sentimentos religiosos d'aquella epocha não permittiriam a vinda de qualquer individuo, revestido de authoridade e privilegios, sem trazer a seu lado alguns sacerdotes, para encaminhar os seus administrados no caminho da salvação.

Diz-se até que estes padres eram d'origem flamenga, o que mais confirma o que levamos dito, attenta a nacionalidade do primeiro donatario da ilha do Fayal.

Durante 50 annos, isto é, desde 1456 até 1520, viveram os frades franciscanos, sem casa propria, espalhados pelas diversas povoações da ilha e prestando os seus serviços conforme as urgencias do culto, mas n'aquelle ultimo anno, vemos que elles, n'uma alterosa e isolada Lomba formam um hospicio, aonde começam a viver em communidade.

Se a feitura d'uma casa, hospicio, ou convento, era naturalissimo para os filhos d'aquella seraphica religião, ainda assim o motivo de escolherem um tão agreste e pouco convidativo sitio, não se explica facilmente, porquanto n'aquella epocha a sua existencia devia ser bastante atarefada, ficando d'esta forma assaz distanciados da Horta, aonde naturalmente tinham de prestar maior serviço e tanto mais que a uma ordem mendicante mais convinha os povoados, do que profundos ermos, porventura talhados para a vida comtemplativa, mas pouco propicios para quem, como os franciscanos, tinham de viver de esmolas e de accudir a toda a hora ás necessidades espirituaes de uma povoação que se desenvolvia rapidamente, abrangendo já uma grande área.

Apesar d'estes inconvenientes o hospicio da Lomba dos frades existio pelo espaço de dezesete annos e só em 1537, ignora-se propriamente por que motivo, foi abandonada aquella agreste moradia, fundando os franciscanos um mosteiro na Horta, á beira-mar, sobre uma restinga de rochas, no sitio hoje conhecido pelas «pedras dos frades, pelo lado exterior das muralhas que resguardam a cidade dos impetos do oceano.

O novo convento dos franciscanos era assaz espaçoso e no mesmo residiram aquelles padres durante o longo periodo de cento trinta e dois annos, medeiando ainda algum espaço entre as paredes da sua casa e a beira do mar, porquanto o areal, em frente da Horta era então muito mais largo, n'aquelle sitio, dando commoda passagem ainda

alem das pedras que serviam de base a semelhante construcção.

O mar, porem, não é um bom visinho e muito menos n'estas paragens.

A 20 de Novembro de 1669 uma furiosa tempestade, do quadrante do sul, embravecendo as ondas da formosa bahia da Horta, obrigava-as a investir de tal sorte contra a terra, que pareciam querer destruir tudo.

Nos campos devastados pelo vendaval haviam já serios estragos.

A falta de prudencia com que tinha sido edificado o mosteiro dos franciscanos, á beira d'agua, por assim dizer, produzio, então os seus tristes resultados. o mar cercou todo o convento, que parecia um grande navio dando á costa, enormes vagalhões vinham, furiosos, desfazer-se contra as suas rijas muralhas, cobrindo-o d'escuma e levando as portas, janellas e tecto.

A população da Horta a muito custo conseguio salvar a vida dos religiosos, que só na ultima extremidade abandonaram a sua casa, sem o tempo necessario para d'alli remover algumas venerandas imagens, por quanto o convento ameaçava desmoronar-se a cada momento, já todo arrombado e com o travejamento a ranger.

Foi n'esta oscasião que uma grande vaga arrebatou do seu altar a imagem de Nossa Senhora da Piedade, que ainda hoje se venera na egreja da Santa Casa da Misericordia, a qual mais tarde foi encontrada, junto dos Calhaus, no sitio da Lagôa.

Em poucas horas, devido á furia do oceano, não existia pedra sobre pedra do mosteiro dos franciscanos, nem do mesmo haviam quaesquer vestigios a não ser fragmentos de taboas espalhadas pelas praias, ou nuvens de poeira proveniente dos madeiramentos desfeitos, as quaes, tão finas como farinha, tocadas pela ventania, voavam pela terra acima.

Em differentes naufragios temos aqui visto acontecer o mesmo ao casco e apparelhos de grandes embarcações, o oceano torna-se então n'um moinho de mós immensas, tritura e desfaz tudo e o mastro d'uma grande galera é para aquelle gigante uma pequena aresta que desfaz n'um segundo.

D'esta grande habilidade de trabalhar com toda a rapidez em madeira, é que o nosso povo chama ao vento sudoeste, aquelle sopro que levanta a maresia, — *o vento carpinteiro*.

Ficaram, pois, ao Deus dará, termo lidimo, os infelizes franciscanos.

Estes frades, porem, embora victimas de uma tempestade, que parecia um castigo do ceu, não tinham, ainda assim, jamais sido senão gente essencialmente pacifica, hospitaleira e bôa.

Cantavam e pregavam em todas as festas religiosas e não sei até se bailavam em algumas profanas, sempre da melhor vontade e contentando-se com qualquer remuneração, para ajuda do costeio do con-

vento, por muito diminuta que fosse, ensinavam de graça ou a trôco de alguns insignificantes presentes, a mocidade: não eram exigentes no peditorio, albergavam no seu mosteiro individuos do campo e das outras ilhas, mediante pequena esmola e mantinham, com seriedade, relações nas principaes casas da Villa, que visitavam amiudadas vezes izentando-se o mais que podiam das intrigas do seculo.

Isto tudo tornava-os sympaticos e a dizer a verdade pouca gente havia na Horta que, mais ou menos, não devesse algum favor aos frades franciscanos.

Assim, destruido o seu mosteiro, começaram expontaneamente a accudir doações e legados para ser reconstruido e, parecendo impossivel, dentro em tres annos já havia o dinheiro necessario para dar começo ao grande edificio e magestosa egreja de São Francisco, hoje pela extincção dos conventos, pertencente á Santa Casa da Misericordia da Horta.

D'esta vez, porem, a construcção foi feita em logar mais seguro e aonde as ondas do mar não lhe podessem chegar.

No anno de 1700, sempre favorecida com muito importantes esmolas, estava completa toda aquella immensa fabrica e, ainda mais, a ordem franciscana notavelmente augmentada em recursos e pessoal, reinando grande abundancia no convento, banqueteando por vezes os principaes da terra, sendo o ponto de reunião para onde se ia conversar e vivendo os frades bem com toda a gente.

Grande tacto era preciso para se haver obtido tanto.

No começo do seculo 18.º continuava ainda com a mesma prosperidade a ordem franciscana da ilha do Fayal, tendo no seu convento alem de coristas, leigos e pessoas d'esta ilha e de fora da mesma que, por diversas circumstancias alli estavam vivendo, o crescido numero de oitenta e quatro sacerdotes!

A mèza dos frades era lauta e gosava de singular fama, as suas adegas transbordavam de preciosos vinhos, os seus graneis não podiam com mais trigo, havia em tudo grande abundancia mas tambem, da parte dos franciscanos, grande desejo de prestabilidade e de fazer bem, porquanto em elles recebendo qualquer aviso de que eram necessarios em festas, ou enterros &, accudiam logo, sem olhar á recompensa, nem jamais se comia n'aquella casa, sem distribuir larga esmola com a pobresa que, diariamente, se ajuntava na portaria, isto alem dos subsidios, occultamente prestados, a familias necessitadas.

Tal foi, entre nós, a verdadeira historia dos franciscanos.

Em 1803 cahio, porem, um raio n'aquelle convento, personalisado em D. José Pegado d'Azevedo, Reverendo Bispo da diocese açoriana.

Este prelado, na sua visita á ilha do Fayal, escolhèra aquelle mosteiro para se albergar e bem assim os padres que com elle tinham vindo, mais os criados que trazia, mais os cosinheiros que lhe prepa-

ravam especiaes manjares, mais os cocheiros das suas cavallariças, (porque S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ era cavalleiro) mais um bobo que o divertia e que se chamava Manoel de Jesus.

Misericordia!

Era então guardião, do convento de São Francisco, Fr. Guilherme da Conceição, um velhinho debil e de meã estatura, natural d'esta ilha, muito illustrado e bondoso, por vezes assaz tolerante com as fraquesas d'um ou outro dos seus administrados, dotado de singulares virtudes e gosando de geral estima.

Antes de proseguirmos na narrativa do que diz respeito á estada do Bispo D. José Pegado d'Azevedo, no Fayal, permitta o leitor que, com duas anedoctas, lhe demos uma succinta idéa do caracter do guardião dos franciscanos, cuja memoria é ainda hoje aqui respeitada pela gente antiga que o chegou a conhecer e da qual ja bem poucos individuos existem.

Houve más linguas (e quando deixará de as haver?) que diziam que Fr. Guilherme da Conceição, embora bom homem, era muito manhoso, sabendo sempre levar a agua ao seu moinho e que a sua inalteravel mansidão era um systema, cuidadosamente estudado, para melhor poder governar a seu talante.

Fosse, porem, como fosse, não se conhecia na communidade nenhum religioso mais prudente, e a esta qualidade devia elle o elevado cargo de que se achava investido, a contento dos seus numerosos irmãos.

Os frades, no convento, quasi sempre punham alcunhas uns aos outros, sendo o do Fr. Guilherme, o *P.ᵉ Fastio*, isto seguramente pelo pouco que comia, comparado com alguns estomagos de ferro alli existentes, capazes de devorar pedras.

Havia, então, n'aquella casa, um frade ainda novo, alentado, de sangue na guelra, como diz o povo, chamado Fr. Diogo, que pelas suas turbulencias inquietava, de todos os modos possiveis, o pacifico guardião.

Queria sempre andar por fóra e quando não lhe davam licença, zangava-se, descompunha, saltava de noite, vestido a secular, pelas janellas do mosteiro, indo tocar viola em quanta *folga* havia e nem era raro ser avistado em casas . . . de má nota, envolvendo-se por vezes em brigas, dando e levando muita pancadaria e tendo fama d'um valentão, como poucos.

Este Fr. Diogo era a *bette noire* do virtuoso guardião, que cuidados e desgostos ja não lhe haviam dado as suas tropelias e como elle, infelizmente, de cousa alguma valiam exhortações ou paternaes conselhos, bem como os rigores do carcere.

Em summa, não tinha nascido para aquella vida, e só talvez com a idade . . . quem sabe? . . nunca e bom desesperar.

Uma noite, o alcaide e os seus quadrilheiros, n'uma ronda para

o lado do caes, em sitio suspeito, encontraram o Fr. Diogo, de calças, casaco, e chapeu de palha, armado d'um valente cacète, a espairecer um bocado nas mais folgasãos disposições de animo.

O frade alem d'isto havia bebido alguns copos a mais de genuino vinho do Pico.

Aproximou-se a ronda e o alcaide deu-lhe, immediatamente, a voz de preso, intimação á qual respondeu Fr. Diogo estendendo algumas vardascadas aos quadrilheiros, os quaes, a dizer a verdade por antigas rixas, apenas o haviam conhecido se deitaram a elle, como São Thiago aos Mouros.

Um escandalo!

A lucta, ainda assim era desigual, de um contra seis, e apesar do forte pulso do frade, a matilha dos quadrilheiros afinal conseguio desarmal-o, atar-lhe as mãos detraz das costas e n'aquelle bello estado, proferindo o prisioneiro as maiores palavradas do seu abundoso vocabulario de improperios, foram no empurrando até á portaria de São Francisco.

Em roda do convento reinava a mais profunda quietação, eram já duas horas da noite e apenas n'uma ou n'outra cella do grande edificio, que sombriamente se recortava no espaço, se divisava amortecida luz, provavelmente a lampada accesa a algum sacro painel, durante á retardada reza d'algum mais ascetico monge.

O alcaide bateu algumas rijas pancadas á porta do mosteiro e logo depois o irmão porteiro estonteado com somno e não atinando com a causa d'aquelle alvoroço a hora tão impropria, quando os servos do Senhor logravam algum descanço das suas constantes fadigas, abrindo o pequeno postigo circular, resguardado com duas barras de ferro em cruz, perguntava para fóra:

—Que desejais irmãos ?! . .

—E' o alcaide e a ronda. Precisamos fallar com o Sr. padre guardião, para lhe entregar um filho d'esta casa que andava *á gandaia* ahi por essas ruas.

—*Abernuntio* ! . . —exclamou o matreiro irmão porteiro, fingindo a maior incredulidade em tão nefando caso, elle que era um inexgotavel repositorio de todas as artimanhas havidas e por haver.

—Patifes ! . . —urrava, desesperadamente o prisioneiro, tentando mais uma vez desligar-se das cordas, para correr a socco aquella cafila toda.

—Eu vou prevenir o convento—disse o porteiro—esperai alguns instantes —e fechando o postigo, depois de alguma demora, quinze minutos talvez, sentio-se *tocar á campa*.

Ao som inesperado do sino accudiram successivamente á sala das sessões os frades mais qualificados do convento, em quanto os restantes irmãos saltavam das camas, ou crusavam attonitos pelos corredo-

res sem saber o que fosse, podia ser fogo no mosteiro, uma investida de ladrões, algum estranho acontecimento em fim.

O guardião é que já estava ao facto de tudo.

Acercou se das principaes dignidades da ordem, dos definidores, homens já de edade madura e longa experiencia, mandou recolher ás suas cellas e dormitorios o resto da communidade e precedido de quatro leigos, com lanternas accesas, desceu a larga escadaria que conduz á portaria.

O alcaide já estava desesperado com a demora, mas ainda assim continha-se com o antegoso da vingança que ia saborear.

—Agora é que são ellas! —disse um desapiedado quadrilheiro para o Fr. Diogo, sentindo passos na escadaria do convento e vendo já luzir por debaixo do portão a claridade das lanternas.

O prisioneiro d'esta vez calou-se, estava evidentemente quebrado de animo e d'orelha murcha.

O portão do convento foi aberto de par em par, mas vagarosa, solemnemente.

Entre este e a escada ha um largo espaço, já no interior da casa, e as authoridades conventuaes alli estavam, formadas em linha, como inexoraveis juizes, tendo, nas duas extremidades da fila, os leigos com as luminarias.

Aquillo tudo tinha o quer que fosse de theatral.

O alcaide e a sua gente introduziram para o interior do portão o pobre do Fr. Diogo e collocaram-se tambem em linha por detraz d'elle.

—Que nos quereis, irmãos, e que estranho espectaculo é o que vejo?! —perguntou com voz sonora e pausada o velho Fr. Guilherme da Conceição.

—Saberá V. Rev.ma —respondeu o alcaide—que a minha ronda acaba de encontrar o Fr. Diogo por essas ruas e a semelhantes horas. Avalio o desgosto que este acontecimento vae causar ao Sr. padre guardião, mas aqui lhe trazemos o fugitivo . . . isto talvez lhe sirva de lição.

Das pancadas é que o alcaide não fallava, por serem seis contra um.

—Mas qual fugitivo?! —perguntou com a mais apparente ingenuidade Fr. Guilherme.

—Ora essa! . . pois V. Rev.ma não o está vendo!

—Valha-me o nosso Santo Patriarcha! . . Pelo que posso inferir, afigura-se-me que vossas mercês estão laborando n'um perfeito engano, o nosso irmão Fr. Diogo sahio, é verdade, d'esta casa, mas com o meu inteiro consentimento e em serviço urgentissimo d'esta respeitavel communidade.

—A estas horas?! . .

—A estas horas, sim Sr., e eu lhe vou explicar o que foi, mas

primeiro, por caridade. deixem-me desligar este pobre servo de Nosso Senhor,—e o guardião ajudado de dois edosos definidores, aproximou-se do Fr. Diogo. fingindo a muito custo desatar os nós da corda, deixando o primeiro subrepticiamente nas mãos do delinquente um pequeno papel, bem dobrado, que elle conservou a occultas.

—Pois Sr. alcaide—continuou Fr. Guilherme—isto é uma vergonha dizer-se, mas sei bem com quem estou tratando e que ficará entre nós. O nosso irmão refectoreiro. esta noite. estando eu já recolhido foi bater á minha humilde cella e dizer-me, Sr. alcaide, com as lagrimas nos olhos que. em vista do muito que esta casa tem, ultimamente, esmolado a pobresa. estava sem real na sua mão para fazer as despezas do dia de amanhã, mas que contava que eu ainda teria alguns vintens em meu poder . . .

Triste illusão. e aprouvera a Deus que assim fosse, mas o ultimo dinheiro que possuia. havia-o hoje mesmo dado para a ajuda do enterro do chefe d'uma familia infeliz. Chorei tambem, Sr. alcaide, e chorei muito, pedindo ao nosso santo Patriarcha o seu valioso auxilio, uma inspiração qualquer, pois tinha a meu cargo cem boccas a que devia matar a fome. São duras provações estas. lá isso são.

—Acredito o que V. Rev.ma me está dizendo, mas, ainda assim isso não explica o motivo de Fr. Diogo . . .

—Leia um papel que elle deve ter ainda talvez comsigo e tudo ficará claro que nem agoa, por mercê de Deus.

O Fr. Diogo, instinctivamente. entregou ao alcaide o papel que o guardião lhe dera, um leigo aproximou uma lanterna, e o chefe da policia leu em voz alta o seguinte: «Meu respeitavel amigo e Sr. Sergio Pereira Ribeiro—Venho rogar encarecidamente a Vossa Senhoria, como syndico d'esta veneravel ordem a meu cargo, a esmola de emprestar ao convento a quantia de cem mil reis. porquanto estamos absolutamente, sem dinheiro. Deus permittirá que em breve, como espero, seja a Vossa Senhoria, satisfeita esta divida, pois que o seu auxilio nunca abandona os humildes do coração. Pode V. S.a entregar, querendo. o dinheiro ao portador d'este bilhete, o nosso irmão Fr. Diogo.

O guardião do convento de São Francisco.

*Fr. Guilherme da Conceição*»

O alcaide não sabia o que dissesse d'aquillo tudo, porem, ainda assim acrescentou ás suas anteriores accusações.

—Mas o Sr. padre guardião deve notar uma coisa, é que eu e a minha gente, não encontramos o Fr. Diogo á porta do Sr. Sergio Pereira Ribeiro, mas muito mais para deante . . .

O protegido da communidade accudio então.

—Já lá havia estado, mas S. Senhoria não estava em casa e eu andava-o procurando . . .

—Por aquelles sitios, ora, ora, ora essa é que me faltava ouvir!!!

—Seja lá como fosse, meus filhos—tornou Fr. Guilherme—isso agora é já uma questão de sitios, uma questão com um terceiro, uma questão secundaria em fim. Eu, comtudo, não posso deixar de reprehender, e muito severamente, o nosso irmão Fr. Diogo, não pelo facto da sua sahida do convento que, como está plenamente demonstrado foi regularissima, mas sim por não ter ido revestido da sua vestimenta talar—e sorvendo uma pitada e fingindo se muito zangado o bom velhinho continuava—mas de calças e casaco como qualquer marinheiro. Oh ! . . escandalo ! . . . escandalo ! ! . .

—Perdão, padre guardião,—dizia com voz contricta e parecendo querer chorar, o anafado Fr. Diogo.

—Isto é um caso inaudicto, um caso nunca visto e que estava, infelizmente, reservado para os meus ultimos dias. Venha à culpa Fr. Diogo, aqui publicamente, diante do Sr. alcaide e alli d'aquelles senhores e deixe-me cobril-o com esta minha capa.

Fr. Diogo, aproximou-se do guardião e este tirando dos hombros a especie de manto que o abrigava lançou-o sobre as costas do penitente.

A comedia estava acabada.

O alcaide, a mastigar engolia a pillula, seguindo o prudente conselho de calar-se, com mêdo de compromettimentos n'aquelle negocio, que d'esta forma tinha tomado uma muito differente feição e pedindo desculpa da balburdia que tinha vindo fazer no convento, retirou-se meio corrido de vergonha.

Espinhos do officio.

A portaria do convento fechou-se em fim.

A sós com os frades, Fr. Guilherme da Conceição ordenou ao escrivão do convento que na manhã seguinte lavrasse um termo de um mez de prisão disciplinar contra o delinquente, e, deitando-lhe a sua benção, retirou-se, com o mesmo cerimonial com que tinha vindo, ladeado pelas authoridades d'aquella casa, que o acompanharam até à porta da sua cella.

Conseguira d'esta forma salvar a dignidade conventual.

Conta-se tambem do bondoso e tolerante guardião de São Francisco, com o mesmo Fr. Diogo, o seguinte caso.

Havendo já o turbulento frade cumprido o seu mez de reclusão, que, diga-se a verdade, não era das mais rigorosas, e começando aquelle nefando acontecimento, da sua nocturna e furtiva sahida do mosteiro, a cahir no esquecimento, foi este, n'uma calida tarde de Julho, bater à porta da cella do guardião, que estava pacificamente gosando a sesta.

Bateu uma, duas, tres vezes, as pancadas do estyllo, sem obter resposta e afinal, já desesperado, deu tal investida à porta, que parecia que a mesma ia dentro.

Fr. Guilherme da Conceição conheceu desde logo, por semelhan-

te procedimento, quem o vinha perturbar e perguntou do interior com a sua mais doce voz:

—Quem é que está ahi?

—Sou eu, padre guardião, é o Fr. Diogo que deseja fallar a V. Rev.ma

—Agora não posso, meu filho, estou a dormir.

—Ora essa! . . pois o Sr. padre está dormindo e fallando?! . .

—E' que estou sonhando.

—Pois acordado, a dormir, ou a sonhar, a porta hade ir dentro. lá isso vae . . . — e o Fr. Diogo, semelhante a um touro, dava nova envestida contra aquella dura barreira.

O guardião achou mais prudente abrir.

—Que queres, meu filho? — perguntou sem o minimo agastamento.

—E' que, seberá V. Rev.ma que ahi no convento estão-me fazendo um habito novo, que este, o unico que possuo, já está uma miseria, e eu preciso agora da sua licença para sahir, pois quero ir comprar linhas . . . a obra está parada.

Fr. Guilherme vio, desde logo, do que se tratava, o seu companheiro desejava espairecer; — illudindo, porem, o seu pensamento, respondeu:

—Ora Deus seja louvado, vieste na melhor occasião e nem precisa encommodar-te a sahir, eu tenho aqui um novello de linha que te offereço.

E o velho guardião tirava, effectivamente, dos escaninhos d'uma grande papeleira de madeira do Brazil o artigo que o seu administrado dizia carecer.

—Obrigado, padre guardião, mas sempre tenho que sahir faltam tambem agulhas.

—Tambem tenho agulhas,—e o paciente frade sacava d'uma outra gavetinha um pequeno embrulho que, egualmente entregou ao Fr. Diogo.

—Obrigado, padre guardião, mas ainda tenho que sahir, falta-me tambem o fôrro para o habito.

—O fôrro, ora isso agora é mais custoso, sim, tens de sahir para o comprar . . .

—Até que emfim—murmurava de si para si, o requerente.

—O fôrro. . . sim, o fôrro. . . ora esta, que cabeça a minha!... olha cá. Fr. Diogo, eu tenho alli um bocado de panno que reservava para mim, mas isto são dois dias de vida, eu já estou velho e sabe Deus quem d'elle se aproveitaria, offereço-t'o pois, tenho immenso prazer que do mesmo te utilises, está tudo arranjado e sempre poupas esses vintens . . .

—Mas é que eu ainda preciso sahir . . .

—Para que?! . . que habito tão complicado, meu filho.

—Qual habito, nem meio habito, Padre guardião, eu o que quero é ir ver uma rapariga . . . perdôe-me a franquesa.

—O' filho, eu linhas, agulhas, forro e até colchetes, se quizeres, posso-te arranjar . . . agora isso que te deixaste dizer, é mais difficil, *non possumus*, como diz o santo Pontifice.

—O' Padre guardião, pelo amôr de Deus . . .

—*Vade retro Satanaz*, não me estejas a tentar.

—Qual tentar, nem qual carapuça, padre guardião, se V. Rev.ma a visse deixava-me, immediatamente, ir passar-lhe pela porta . . .

—Credo ! . .

—Olhe o nosso Padre que haverá poucas mulheres tão gallhardas. Oh! aquillo é oiro de lei, fazenda que não desbota, eu com enthusiasmo o digo, tem boa cara, bons olhos, bonito cabello, uma elegancia nas formas, um porte modesto no andar, é um anjo emfim, acredite, acredite isto ! . .

—Com effeito ! . .

—E então, se o Padre guardião lhe visse o pésinho, oh ! . . soberba coisa, um pé de creança, pequenino, cabe-nos na palma da mão...

—Com effeito ! !

—E então o seu fallar, padre, aquillo é um canarinho a cantar, tão doce, tão meigo, a gente escutando-o sente assim uns arrepios cá por dentro e faça idéa, quando ella me pergunta, com as lagrimas nos olhos, coitadinha ! . . ó meu Fr. Diogo, porque não appareceste cá hontem ? . . Era preciso ter um coração de pedra para um christão não lhe cahir aos pés, de joelhos.

—Com effeito ! ! !

—Ora acresce ainda, a isto tudo, que é uma rapariga livre, vivendo sosinha com uma tia beata, que leva em gosto a nossa amisade . . . , se não fosse o convento, padre guardião, dia e noite estaria sempre junto da Margarida, aqui morro, morro irremediavelmente. Arre com o diabo ! . . despejei tudo.

—Que desespero e palavras são essas, meu filho, não sabes que a exaltação d'animo é um grande peccado, ora entra em ti por quem és . . .

—Não é possivel, esta paixão é superior ás minhas forças, tenha compaixão de mim, padre.

Fr. Guilherme esteve pensativo alguns momentos, passou a mão descarnada pela testa alva e lisa como um pergaminho, evocou talvez na mente alguma saudosa lembrança da sua mocidade, era velho, mas tambem já fôra rapaz, e o coração que actualmente estava gelado para as paixões terrenas, quem sabe em que enredados matagaes não teria, n'outro tempo andado embrenhado ?

Aonde isso tudo já ia !

—Então, padre guardião, decida da minha sorte . . .

—Meu filho,—respondeu o ancião, com bondoso sorriso—diz nos

a nossa santa lei que, não só de pão vive o homem. Ora pois, em vista de tudo quanto me tens exposto, concedo-te a licença pedida, mas nada de escandalos, toma sentido.

—Beijo lhe as mãos, padre guardião, o meu unico pesar é isto ser só por uma tarde, pouco tempo terei de folga.

—Estás dispensado tambem de recolher hoje ao convento . . . vae-te em paz.

Fr. Diogo sahio fogoso, apressadamente, parecendo-lhe aquillo tudo ainda um sonho e com medo que o guardião se arrependesse.

Sosinho afinal na sua cella, o velho Fr. Guilherme fechou a porta, a sorrir e murmurando apenas estas palavras.

Coisas da mocidade ! . . .

Agora que o leitor já pode fazer uma tal ou qual idéa do caracter do guardião dos franciscanos, voltémos á visita do Bispo d'Angra a esta ilha e da sua residencia no mosteiro confiado aos cuidados d'este bondoso ancião.

Orçava por sessenta annos de edade, D. José Pegado d'Azevèdo, quando visitou a ilha do Fayal. Era homem bem apessoado, de aspecto mais militar do que ecclesiastico, apaixonadissimo por musica e bellas artes, dado a cavallarias e divertimentos.

A sua mèza era lauta e franca para os amigos, bem como esmolava os necessitados, gostava de bons ditos e joviaes conversações, e embora muito cioso das prerogativas que pertenciam á sua elevada dignidade, no trato intimo era assaz lhano e despido de qualquer apparencia monastica ou severa.

Zangava-se, porem, com facilidade, quando o contrariavam, ou quando entendia que de proposito lhe faltavam ao respeito.

Este Prelado havia sido eleito Bispo d'Angra em 1800, ou talvez mais acertadamente em 1801 e a 15 de Dezembro do anno seguinte, com a mais luzida pompa deu entrada na Sé Cathedral d'aquella nobre cidade.

Pertencia á congregação de São Philippe Nery, fôra prior da egreja de Santos, em Lisbôa, constando, o que realmente parecia pelo seu aspecto, que anteriormente á sua vida ecclesiastica, havia sido militar.

Apenas investido no governo da diocese deu provas de grande illustração e zèlo pelos casos em que tinha de entrevir e tentou, ainda que improficuamente, corrigir abusos, estatuir regulamentos e fazer entrar na devida ordem muitos negocios que andavam affastadissimos do seu verdadeiro trilho.

D'ahi se originaram os primeiros desgostos que, augmentando successivamente, lhe eivaram de espinhos os dez annos do seu agitado governo.

Ainda, porem, no tempo da sua visita á ilha do Fayal, em 1803, o animo do Bispo não tivera tempo para se azedar de todo, ainda con-

servava doces illusões de uma pacifica e proveitosa estada nos Açores e, vivendo na oppulencia, colhia melhor as rosas da vida do que lhe sentia os espinhos.

Ora a sua recepção na Horta não podia ser mais prasenteira e bem aceita, as ordens religiosas, a cleresia secular e todos os particulares de alguma importancia esmeraram-se em tratar o melhor possivel, em obzequiar por todos os modos ao seu alcance, um tão illustre visitante.

O genio sociavel de D. José dava a isto facil ensejo, e o convento de São Francisco, aonde se albergara, tornou-se o ponto de reunião da mais selecta sociedade, com meza posta desde a manhã até á noite e alli se jogava, conversava e passava agradavelmente o tempo, pelo dia adiante até deshoras da noite.

A cosinha do convento, tornara-se um vasto campo de batalha, a mortandade de suinas victimas e de gallinhas, patos e perus, ia tomando proporções fabulosas, os cosinheiros do convento reforçados com os que comsigo trouxera o Sr. Bispo, não tinham mãos a medir, os fornos estavam sempre accêsos, quanta panella havia no convento a ferver no lume, um cheiro apetitoso a carne assada e a fritos por todos os corredores d'aquella extensa casa e os serventuarios dos conventos das religiosas de São João e Gloria, já estavam estafados de tanto acarretar fartos presentes de goloseimas e enormes taboleiros de bella e fresca massa sovada (pois S. Ex.ª não se dava com pão alvo, sem leite e assucar) e bandejas de manjar branco e papas rosadas a todos os momentos e em todas as occasiões.

E então n'aquella epocha que o assucar era tão caro, a quatro centos reis a libra!

Os nobres da terra, que mais privavam com S. Ex.ª Rev.ma tambem deram um bom contingente para regalar o seu amigo, as partidas campestres succediam-se logo que raiava um dia bonançoso e n'aquella grande patuscada não esqueceu uma excursão ao cimo da ilha, a pittoresca Caldeira.

Do destroço que por essa memoravel occasião houve em diversas viandas, ainda hoje se conserva tremenda memoria, os mais preciosos vinhos do Pico entornaram-se, sem conta nem medida, por aquelles agrestes sitios e o proprio Bispo confessou que a recordação de semelhante dia só morreria com elle.

Que bellas vistas, que patuscada e que grande comesana!

Fazia parte do acompanhamento de D. José, o Sr. Jorge da Cunha Brum Terra e Silveira, mais tarde Capitão-mór de ordenanças, que concorreu com quasi toda a despeza d'esta digressão, com reserva do *desser* que correu por conta das freiras que, valha a verdade, fizeram maravilhosos doces e admiraveis artefactos de assucar e ovos.

Pois trabalhos de alfenim!.. oh!.. isso então eram grandes, houveram do mesmo arvores brancas como neve, carregadas de bo-

las doces e vermelhas imitando damascos, bonecas doiradas, n'um chão de *fio d'ocos*, pombinhas de azas abertas e olhos vermelhos, muitos corações de tamanho quasi natural, com as iniciaes em oiro, das offerentes, e centos de cestinhos arrendados, com difficeis trabalhos de papel picado e contendo delicados confeitos.

Ora o Sr. Jorge da Cunha, fidalgo dos quatro costados, homem generoso, rico e tratando-se á lei da nobresa, por saber que o seu amigo Bispo gostava muito de queijos da ilha de São Jorge, mandou alli, immediatamente, fabricar um de tamanhas proporções que desembarcou no Fayal em uma padiola ás costas de homens e que assim foi conduzido, como n'um andor, para os apozentos de S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ em São Francisco.

Á imitação d'isto quanta gente desejava ser agradavel ao Prelado tambem lhe mandavam presentes dos ditos queijos ainda que mais pequenos, tanto assim que quando d'esta ilha sahio com destino á Terceira, foi, na comitiva das embarcações que o acompanharam, um barco do Pico, exclusivamente carregado d'aquelle genero.

E não só de coisas de saborosa manducação era affecto o Sr. Bispo, a louça da India, então aqui muito abundante e proveniente dos navios vindos d'aquella remota paragem, que n'este porto estacionavam, tambem tentava sobremodo o illustre Prelado.

Quando S. Ex.ª ia de visita a qualquer residencia, nunca lhe escapava de gabar muito todas as peças e jarras d'aquelle bello barro que adornavam as mezas da sala e se alli passava um bocado da noite e tomava chá, era para elle um grande enlevo um trem completo d'aquella procedencia, e tanto gabava, mirava e elogiava, que só faltava pedir que lh'o dessem.

N'estas circumstancias lá ia o trem da India, as jarras ou tigellas no dia seguinte, de presente ao Sr. Bispo, com que vontade, por vezes, sabe-o Deus.

Alguns vigarios das freguezias ruraes da ilha, que S. Ex.ª visitou, com larga comitiva para hospedar e tratar convenientemente toda aquella gente, ficaram (perdoem-nos a força de expressão) arruinados para filhos e netos e houveram senhoras amas que n'esses infaustos dias, vendo ir por agua abaixo o fructo de longas e custosas economias, choraram lagrimas de sangue podendo-se d'estas infelizes dizer com verdade: *Vox in Romæ audita est* . . . e, como a biblica desgraçada, ninguem mitigava a sua dor !

A visita do Sr. Bispo era um tufão que passava, arrastando tudo...

Safa ! . .

E o pobre do Fr. Guilherme da Conceição, o bom velhinho, guardião de São Francisco, esse, coitado, já andava tambem desnorteado com tamanhos gastos e pensava, pensava muito e amargamente, como, em proveito da sua ordem, havia conjurar a devastação que lhe ia por casa.

Dissemos, antecedentemente, quando mencionamos a chegada de D. José Pegado, que este trazia comsigo um bobo para o divertir.

Ora d'esta pobre creatura que com o Bispo viera do continente, que tinha apparencia de leigo de algum convento e que demonstrava nas suas acções uma mistura de velhacaria e tolice, contando muitas historias, vestido sempre de preto, de cara rapada e com um grande chapeu de Braga, de abas largas, a lhe resguardar do sol o rosto amarello de cêra, com olhos pequenos e vivos que piscava constantemente, era difficil precisar a edade e a quem lh'a perguntava respondia invariavelmente: os trinta já lá vão, mais ao Sr. Bispo: —mas não iria muito longe da verdade quem lhe concedesse, d'uns cincoenta a sessenta janeiros.

Manuel de Jesus, que assim se chamava, tomava, por vezes, grandes familiaridades com S. Ex.ª Rev.ma, que ora se zangava com elle, ora se ria das suas partidas, era bem aceito de todos que queriam lisongear o Prelado e passava uma santa vida sem fazer coisa alguma, rondando as uchas de São Francisco, ou indo para as portarias dos conventos dar trela aos occiosos, que sempre alli abundavam.

As freiras, por ser da casa do Sr. Bispo, tinham-no em grande conta e regalavam-no, sempre que apparecia na portaria, com covilhetes de marmelada e pratalhadas de diversos doces, as noviças e educandas com elle se divertiam em alegres conversações, e, se o Manuel de Jesus nunca regeitava os farelorios e golosemas, tambem nunca deixava de contar ás complacentes religiosas alguns casos alegres e frescos, por vezes muito frescos que, com grande gaudio da gente nova, davam assumpto para tres dias de engraçados commentarios n'aquella populosa casa.

Estes entretenimentos umas vezes eram atravez da roda da portaria, outras no parlatorio, para evitar a presença de abelhudos curiosos.

Não havia muitos dias que D. José Pegado, por um capricho, fôra n'uma tarde dar um passeio, a pé, até a pittoresca freguezia dos Flamengos e embora esta visita áquelle sitio não tivesse, n'essa occasião caracter algum official, ainda assim era numeroso o acompanhamento de padres, frades e amigos que seguia S. Ex.ª.

O Manuel de Jesus tambem se convidara para a digressão, tinha comido n'aquelle dia, como um alarve, cabeça de porco recheada, um petisco de muita affeição do Sr. Bispo e d'elle, e o peso do estomago instinctivamente aconselhava-o a dar um largo passeio, quando não arrebentava.

Caminhava, pois, na frente do rancho, emparelhado com seu amo, este, porem, pelo meio do caminho, emquanto o pobre servo junto da parede, e cantarolando, a meia voz, uns trechos de matinas.

Quasi á entrada da freguezia, o Manuel de Jesus começou de re-

pente a correr e tirando o chapeu pôl-o, apressadamente, sobre o quer que fosse que estava no chão, exclamando:

—Ah ! . . Sr. Bispo, como é lindinho, eu nunca vi outro assim ! . . .

—O que é Manuel, o que é ? ! . . perguntou D. José Pegado.

Um canarinho, Sr. Bispo, todo amarelinho, com as azinhas abertas, ai ! como é lindo, e está aqui debaixo . . .

O Bispo gostava muito de passaros e criações.

—Espera, Manuel, espera, não levantes o chapeu . . .

E todos os circumstantes vendo o interesse do Bispo, no achado do seu servo, exclamavam como se houvessem descoberto a pedra philosophal:

—Um canario, ora esta, um canario ! !

—Não tires o chapeu, Manuel.

—Não Sr., Sr. Bispo, mas não vá elle fugir, se agente lhe mechêr . . .

—Não bulas, espera homem, espera . . . — e o Bispo, agachando-se, foi introduzindo a mão por baixo da aba larga do chapeu do seu servo.

—Aperte-o o Sr. Bispo bem, que elle anda aos saltos . . . elle foge, Sr. Bispo, elle foge.

—Não foge, homem, espera.

Toda a comitiva estava em redor de D. José, com olhares de lynce, para aquelle grande acontecimento.

O Bispo metteu então, de todo, subitamente, a mão para o interior da improvisada armadilha, apertando com força o primeiro objecto que alli encontrou.

Ergueu-se, porem, logo dando um ai ! e varejando para longe o chapeu.

Estava com um enorme ouriço bem fincado na palma da mão, proveniente d'uns castanheiros que se debruçavam por cima dos muros, n'aquelle sitio.

—Ooh ! ! ! — exclamaram todos os padres, tratando logo de tirar da dextra de S. Ex.ª aquelle doloroso objecto, em quanto o Bispo, fulo de colera, procurava na roda o Manuel de Jesus.

Alem, n'uma volta da estrada, não viram mais do que o velhaco, correndo a bom correr e adejando-lhe as abas da comprida sobrecasaca, como se fossem as azas d'um morcego enorme.

Um frade já lhe tinha acautelado o chapeu, o Manuel de Jesus, n'aquelle dia, não appareceu mais perante seu amo, e o Bispo, de volta para a Horta, como viesse já então de bom humor, ria a bom rir, cada vez que se lembrava de semelhante incidente.

No dia seguinte fizeram-se as pazes.

Em o Bispo indo para o campo e o Manuel de Jesus ficando no convento, havia sempre extravagancia certa.

As freiras mereciam-lhe, n'este particular, maior consideração.

E, se não, apresentemos exemplos.

Uma vez tinha D. José Pegado ido em visita, á freguezia do Capêllo, aonde se demoraria dois dias e o Manuel de Jesus que não estava para caminhadas, deixou se ficar, muito commodamente em São Francisco.

Foi espairecer um bocado, depois d'um bom jantar, ao meio dia e socegada sesta, dirigindo-se até ao convento das freiras de São João, de cujas portas a dentro, entre professas, noviças, famulas e educandas, haveria então umas cem mulheres.

Um portão da cêrca do convento estava aberto, tres carros com mantas de palha alli parados e uns camponezes, escoltados pelos familiares do serviço externo da casa, a conduzir a palha que as freiras haviam comprado, para uns telheiros no fim do mesmo cerco.

O Manuel de Jesus botou tambem ás costas uma manta, ajudando os camponezes na conducção do artigo vendido, repetiu duas ou tres vezes aquelle trabalho, descançou, andou pela cêrca, tornou a conduzir outra carga, tornou a descançar e afinal desappareceu, sem se saber para aonde.

A's trindades, findo o trabalho, o mosteiro foi fechado, os serventuarios retiraram-se e reinou em todo aquelle vasto edificio o mais profundo socego.

Houve as rezas da noite, a ceia, soou a hora de recolher e tudo sem incidente qualquer, como de costume.

Perto da meia noite, porem, rebentou uma grande balburdia em toda aquella santa casa, pois que de repente sentiram se uns passos pesados, uns passos de homem, a correr loucamente pelos corredores, tocando uma forte campainha e gritando a bom gritar: *Graças a Deus!.. cá temos um bode!*

Que levante e que indescriptivel scena!

A maioria das freiras ergueu-se espavorida, julgando ser chegado o juizo final, velhas entrevadas que de ha muito não iam sequer ao côro saltaram lepidas das camas, como se tocadas por uma moderna machina electrica, algumas não se atreviam a abrir as portas das cellas e, fazendo promessas aos santos, barricavam-se contra o mysterioso inimigo com mezas, cadeiras e oratorios, outras deram-lhe flatos, em quanto as mais novas, em encantador desalinho de vestimenta, abriam nesgas das portas para espreitar para fora.

A madre abbadessa estava desorientada, attonita, as graves deffinidoras petreficadas e á luz baça e amortecida das lampadas dos corredores, aquelle vulto de homem, demonio, ou o quer que era, sempre a badalar na campainha, a correr d'um para outro sitio e a gritar como um dannado: *Graças a Deus! . . cá temos um bode!*

Afinal no meio da confusão e burburinho causado por tão estranho acontecimento, as raparigas, sempre mais destemidas, reconhece-

ram o vulto que lhes passava pela porta do dormitorio e uma d'ellas exclamou, soltando uma grande risada:

—E' o Manoel de Jesus!

O riso foi então communicativo, a despeito da gente séria do convento, as noviças, educandas e algumas matreiras famulas, faziam uma algazarra de metter medo, haviam gargalhadas que pareciam botar abaixo o convento e a respeitavel abbadèssa bem gritava que estivessem socegadas, que isto era um escandalo, mas a mocidade irriquieta começou, já sem susto, n'uma especie de jogo dos quatro cantos, acompanhando o Manuel de Jesus nas suas correrias.

—E logo então, com o indecente animal com que elle se comparava! . . —dizia limpando os occulos uma gorda deffinidora que já tinha recobrado a falla e que sempre gosara fama d'um baluarte de virtudes, d'um verdadeiro dragão de severidade.

A este tempo a madre abbadèssa mandara apressadamente tocar á campa e dentro d'uma hora, vinha a alçada que a lei ordenava em semelhantes casos, retirar d'aquelle innocente aprisco, o lobo, embora amalucado, que furtivamente alli se introduzira.

Este cazo deu muito que fallar, mas em fim como era com o criado do Sr. Bispo e demais a mais, sem maxima responsabilidade dos seus actos, por ser obvio que tinha *telha corrida*, como hoje se diz, não houve, nem podia haver, qualquer procedimento judicial.

Dizia-se até, pela bocca pequena, que D. José Pegado quasi que se finara de riso, quando lhe contaram tão estranha aventura.

Depois d'isto decorreu algum tempo, em perfeita calmaria, e estamos na vespera do Bispo, apoz de haver visitado todas as freguezias fayalenses, passar, qual peregrino, para a fronteira ilha do Pico.

No dia designado para a partida, o Manuel de Jesus appareceu, em meia manhã, na portaria do mosteiro da Gloria, seguido d'um enorme e ameaçador cão de fila, da temivel raça Terceirense, o qual D. José Pegado tambem trouxera comsigo.

Bateu na *roda*, egual na forma a um berço empinado que alli existisse e logo a curiosa irmã porteira, applicando um dos seus gazeos olhos ao pequenino buraco do fundo da *roda*, disse para fóra:

—Ah! . . ainda bem, Deus seja louvado, é o Sr. Manuel de Jesus, as Snr.as freiras e a Snr.a madre abbadèssa, primeiro que todas, estavam mortinhas para saber noticias da saude de S. Ex.a, as quaes desde hontem ignoram . . . Como está o Sr. Bispo, coitadinho?

Ouvindo estas fallas, um grande numero de religiosas, que estavam no espaçoso aposento para aonde deita a *roda*, entretidas a fazer doce de marmellos, dos quaes os pedaços nadavam em grandes alguidares de barro, meios cheios d'agoa, largaram logo a sua tarefa, approximando-se todas da *roda*, para saciar a represada curiosidade.

O Manuel de Jesus respondeu:

—O Sr. Bispo vae passando sem maior novidade, de noite dão-

lhe ás vezes a modo d'uns flatos, aquillo certamente é hysterico, eu tambem padêço . . .

—Hysterico, paciencia! — acudiram algumas compadecidas religiosas — a gente bem reza, bem faz novenas pela saude de tão bom prelado . . .

—O Sr. Bispo sabe tudo isso e tem em grande estimação este convento, esta é que é a verdade, e tanto assim que me mandou agora aqui, com um recado para a Snr.ª abbadessa, um favor que tem de lhe pedir.

A abbadêssa que estava por detraz d'algumas ladinas noviças, affastou-as, immediatamente, para os lados e abrindo caminho até junto da *roda*, respondeu ao servo de S. Ex.ª.

—Eu aqui estou, Sr. Manuel de Jesus, para cumprir as ordens do meu superior, diga vocemecê o que é.

—E' que o Sr. Bispo tem uma cadelinha, pequenina, branca e muito felpuda, que uma senhora lhe deu na Terceira, áquelle bicho o Sr. Bispo quer muito.

—Tudo isso são provas d'um bom coração.

—Sim senhora . . . *ora* o Sr. Bispo, como vae hoje passar o mar, não pode levar a cadelinha, coitadinha, e lembrou-se que as senhoras talvez não tivessem duvida de a ter comsigo durante alguns dias, ella dá pouco encommodo, é muito aceiadinha . . .

—Pois não, Sr. Manuel de Jesus, diga vm. ao Sr. Bispo que com todo o gosto recebemos a sua . . . ella como se chama?

—Saltôna.

—A sua Saltôna e que será muito bem tratada. A cadelinha o que costuma comer, Sr. Manuel de Jesus?

—Toda a casta de iguarias, é de muito bôa bocca.

—Ainda bem, ainda bem. Quando é que o Sr. Bispo a manda?

—Eu já a trazia comigo, aqui n'uma cestinha, para se as senhoras a quizessem . . .

—Coitadinha! . . tire vm. o animal d'essa prisão, para que não se magôe, ou ponha vm., quanto antes na *roda* a cesta . . .

—Sim senhoras . . . ella ahi vae.

E Manuel de Jesus agarrando valentemente no cão de fila que o acompanhava e que estivera deitado aos seus pés, metteu-o a rosnar dentro da *roda*, fazendo esta girar com velocidade.

O cão, espantado, apenas se viu no interior do convento e no meio de tanta gente, saltou da *roda* para o chão, entornando dois alguidares com as talhadas de marmello e de pello eriçado, raivoso, começou a ladrar horrivelmente.

Foi uma debandada geral. D'esta vez ao inverso do que acontecera no convento de São João, novas e velhas tudo fugio, esquecendo-se, porem, de fechar a porta de communicação para os corredores, e o cão, completamente á solta, começou a vaguear por toda a casa.

farejando as portas das cellas em que sentia gente e indo parar á final na vasta cosinha, atassalhando os comestiveis que encontrou.

Como havia ser aquillo agora, que inquietação, que susto!

Quem é que com uma féra semelhante em casa se atreveria a abrir sequer uma grêta da porta?

Felizmente muitas das janellas do convento deitavam para a rua publica e as pobres freiras, aterrorisadas, contavam a quem passava as tristes condições em que se achavam, perfeitamente encurraladas!

Alguem foi dar parte do que occorria ao Ouvidor, juntou-se novamente a alçada necessaria para entrar n'uma clausura, vieram tambem alguns frades de São Francisco, já familiarisados com o cão do Sr. Bispo e conseguiram afinal leval-o, por bons modos, até um pateo do seu convento, aonde foi acorrentado.

A esse tempo já o Manuel de Jesus, mais o seu amo, n'um barco todo embandeirado, iam a mais de meio canal, demandando com vento de feição a negra costa da ilha do Pico.

Só muitos dias depois é que constou ao Bispo aquella nefanda tropelia do seu domestico, a qual, ainda assim, passado o susto, não conseguio fazer zangar as bondosas freiras, cujos presentes de biscoitos e doces lhe choviam, diariamente em casa, como o Maná no deserto, embora estivesse nas mais remotas povoações da extensa ilha que andava visitando.

Santa gente!

Ao terminar n'estes apontamentos as referencias que tivemos de fazer ao servo que acompanhava D. José Pegado, embora fosse humilde e meio parvo, ainda assim notamos, com certa admiração, que no Fayal estando, com o decorrer dos annos, quasi de todo esquecida a visita d'aquelle Prelado e rarissimas pessoas tendo d'aquelle facto qualquer reminiscencia, ao contrario d'isto as Picardias do Manuel de Jesus tem ainda de viver por muito tempo e que nunca se falla de semelhante Bispo, n'esta parte da sua diocese, sem que a conversa venha a descahir no servo, em que o povo achava muita pilheria.

As providencias ecclesiasticas adoptadas nas ilhas do Fayal e Pico pelo illustrado Bispo, a bem do augmento da religião, moralisação, prosperidade e melhor maneira de viver dos seus administrados, não se sabe hoje quaes fossem, pois que a inexoravel lima do tempo as foi cerceando, embora estas, como acredito, tivessem sido bem rijas; mas as facecias d'um jogral insignificante sobrenadaram á tona dos oitenta e dois annos já decorridos desde a sua estada n'esta ilha e promettem ainda durar por muito tempo.

Que tristes conclusões d'aqui não se podem tirar.

Durou alguns mezes a visita do Bispo ao Fayal e Pico, estando em todas as freguezias d'estas duas ilhas, descançadamente e como quem não tinha muitos desejos de sahir d'aqui e afinal a sua partida para Angra foi imponente, sendo escoltado, como nos contou um an-

cião testemunha occular d'esta scena, por muitas embarcações todas embandeiradas e nas quaes iam muitas das principaes pessoas do Fayal e Pico, tanto pertencentes ao estado ecclesiastico, como ao secular.

Não occorreu, ao que parece, nenhum outro incidente que melindrasse o Bispo, por occasião de haver deixado esta ilha, na sua segunda visita á mesma, ou para melhor dizer na continuação da primeira, pois que houve uma pequena interrupção em que D. José Pegado foi á Terceira, por causa de mudanças no pessoal administrativo d'aquella terra.

No emtanto aqui considerou-se sempre, como uma unica visita a estada de D. José Pegado, no Fayal, embora tivesse havido essa temporaria ausencia, ao envez do que achamos escripto em diversas obras que tratam d'este assumpto.

Nas vesperas da sahida de D. José Pegado do Fayal e achando-se como anteriormente á sua ida do Pico, residindo no convento de São Francisco, procurou-o, n'uma manhã, Fr. Guilherme da Conceição e depois de alguns momentos de conversação, em que o Bispo agradecia ao edoso guardião a bôa acolhida que no seu convento recebera, este lhe respondeu:

—Todos os filhos d'esta casa fizeram, é certo, quanto esteve ao seu alcance para se tornarem agradaveis a V. Ex.ª, e não me peza a consciencia de haver faltado ao respeito, ou á consideração devida ao grande sacerdote, que nos deu a honra da sua companhia.

—Effectivamente, padre guardião, a recordação da minha estada n'este convento, ser-me-ha sempre muito aprasivel.

— E tambem a nós, Sr., V. Ex.ª encheu-nos de beneficios e graças, louvado seja Deus!

—E alem d'isso, um tratamento esplendido, eu, na verdade, não exigia tanto.

—Lá n'essa parte, perdôe-me V. Ex.ª, mas não tem rasão, a despesa foi grande, com certesa, mas V. Ex.ª estava no seu direito, podia gastar as suas rendas como muito bem quizesse . . .

—As minhas rendas não, padre guardião, dizei antes as vossas.

—Agora é que não percebo . . . a continha é elevada, isso é verdade, mas emfim, repito, V. Ex.ª pode gastar o que é seu como bem lhe aprouver.

—Mas que conta, padre ? ! . .

—A designação da despeza feita por V. Ex.ª n'esta casa, isto é, só as despezas grossas, por quanto as miudas a Ordem entendeu não as apresentar a V.ª Ex.ª, esta tudo aqui Sr., orça por uns 2:500$000 reis, V. Ex.ª pode examinar a sua vontade não haja alguma omissão, erro, ou engano. — E o Fr. Guilherme punha sobre a meza, junto da qual estava sentado o Bispo, umas poucas de folhas de papel, cheias de addições, que tirara do seio do habito.

—Mas então os padres querem dinheiro pela minha estada no convento ? !

—V. Ex.ª está talvez admirado por causa da conta vir tão tarde. mas a Ordem não o quiz andar a importunar e como isto estava certo, reservou-se para o fim a sua apresentação.

—Esta é nova ! . . eu então tenho de pagar tudo o que está ahi escripto ? . .

—Quem se atreveria a duvidar d'isso, Ex.$^{mo}$ Sr. ?

—Eu é que duvido ainda muito do procedimento do Sr. padre guardião. parecia-me outra qualidade de homem . . .

—Mas que fiz eu, Sr. ? ! . . . V. Ex.ª pode examinar as contas, está tudo com clareza, parece-me. lançadas por dias, com bôa letra . . .

—Quaes dias. nem meios dias, eu não pago nada.

—V. Ex.ª está-se divertindo com o misero guardião de uma ordem mendicante . . .

—Quem sou eu padre ?

—O nosso pae espiritual. Rev.$^{mo}$ Sr., e um pae não quer, com certeza. a desgraça dos seus filhos, alem d'isto os minguados rendimentos d'este mosteiro estão sujeitos á rigorosa inspecção do Sr. Provincial, que está a chegar a esta ilha e ao qual tenho de prestar restrictas contas dos nossos gastos, ora seria um caso estupendo, que nós que vivemos das esmolas dos fieis. estivessemos a banquetear a V. Ex.ª que ganha tanto, o que diria o nosso Provincial. o que diria o publico, o que diriam os pobres que soccorremos d'essas mesmas esmolas que nos dão ? . . nem pensar n'isso é bom.

—E' uma lição que o padre me quer dar ? — perguntou ainda, e irado, o Bispo, ao que Fr. Guilherme lhe respondeu, com a sua usual mansidão.

—Não Sr., é a simples lembrança do cumprimento d'um dever, é bem exacto aquelle ditado, não sirvas, a quem servir, nem peças a quem pedir . . . a ordem dos franciscanos está n'este ultimo caso.

—Bôa maneira de receber hospedes, não tem duvida !

—Fizemos o mais que podemos. meu Sr.. já disse a V. Ex.ª que, embora com grandes sacrificios, fechamos os olhos ás despezas miudas . . . e assim mesmo sabe Deus a quanto avultam.

—Pois. meu padre, não lhe pago nem cinco reis.

—Como V. Ex.ª entender, eu d'isso é que não tenho responsabilidade, reuno as dignidades da Ordem declara se a deliberação de V. Ex.ª e o Sr. Provincial já saberá que fim levou o nosso dinheiro.

—Então, o padre quer-me fazer passar por um caloteiro ? ! . .

—Deus me livre de tal, declaro simplesmente que V. Ex.ª não quiz pagar a despeza, nada mais.

—O padre o que é, é um grande espertalhão.

—E V Ex.ª um nobre Bispo, um fidalgo, um cavalheiro na maior extensão da palavra . . . a vinda de V. Ex.ª a qualquer mosteiro

deve tornar-se n'um beneficio e não em pesado onus, e debaixo d'este ponto de vista, ouso ainda pedir a V. Ex.ª que se lembre uma vez por outra de acudir com algumas esmolas que possam fazer face ás nossas necessidades . . .

—Pois não ! . . o que o padre quizer, é dizer . . . esta é nova ! . .

—V. Ex.ª manda mais alguma coisa ?

—Mais nada e . . . agradeço-lhe a visita —respondeu o Bispo sorrindo sardonicamente.

—Deus fique com V. Ex.ª, a quem peço a sua veneranda benção.

—Mas, a respeito da conta, afinal em que ficamos?

—No que V. Ex.ª quizer, deixo esse negocio á sua sabia consciencia.

D. José Pegado passeava, agitadamente, pela salla, até que parando de subito em frente do franzino franciscano, disse lhe com voz aspera:

— O padre considera-se um homem honrado, não é assim?

—Nunca duvidei d'isso, Ex.mo Snr.

—Pois saiba que ha muito quem não lhe fica atraz, e eu sou um d'elles . . . apresente essa conta ao meu secretario e diga-lhe que ordenei o seu pagamento.

Se elle não tiver todo o dinheiro, que procure da minha parte o meu amigo morgado Jorge da Cunha, com quem depois me entenderei.

— Obedeço, immediatamente, e beijo as mãos a V. Ex.ª.

Em quanto o guardião se retirava D. José Pegado dizia, a meia voz, vendo sumir-se no corredor aquella debil figura:

—Que finorio! . . Puzeram lhe bem o alcunha de *padre Fasto*, não come, nem deixa comer os outros.

O guardião, a seu turno, tambem repetia no mesmo tom:

—Isto foi mais difficil do que tirar uma alma do inferno, mas emfim, sahi victorioso. Cheguei cantando o *Miserere*, mas á sahida posso entoar um *Te Deum!*

Na noite que precedeu o embarque do Prelado, já a deshoras, ouviram se algumas vozes lamentosas pelos corredores do convento, as quaes exclamavam: Queremos ir para casa dos nossos donos!

Sahiram logo das suas cellas os frades mais graduados para indagar que novidade era essa e ainda conseguiram divisar uns vultos que se escondiam n'um ou outro sitio, mas não podendo averiguar, desde logo, quem fossem.

As vozes sahiam, porem, dos arredores d'uma despensa, que estava atulhada de bôa louça da India e d'outros valiosos artigos que tinham, na Horta, offerecido ao Sr. Bispo e que este ia levar comsigo.

Constou, depois, que semelhante alarido havia sido feito por pilheria de alguns espertalhões leigos, como uma especie de satira ás preciosidades que, com mais ou menos vontade, S. Ex.ª Rev.ma tinha

tido labias de angariar das principaes casas fayalenses, para regalo proprio.

Houve, em todas as epochas, más lingoas, é bem verdade.

O tempo, talvez, mais feliz, do muito accidentado governo de D. José Pegado, foi o que se demorou na então Villa da Horta, respeitado e querido por todos e vivendo consoante ás suas inclinações faustosas e sem esse acervo de intrigas que, em seguida, tanto lhe conturbaram o animo.

Desde que regressou para a séde do bispado, começou, ou talvez para melhor dizer, continuou a sustentar as maiores desintelligencias e sérias questões com o cabido e parte da nobresa da terra, tanto assim que, para izentar-se de alguma sorte áquelle desagradavel modo de vida, a titulo de visita, foi para a ilha de São Miguel, isto no anno de 1811.

Alli, como na Terceira, foi-lhe a vida eivada de dissabores, porquanto a relaxação do clero, as scenas pouco edificantes que occorriam, tanto nos conventos de religiosos, como de freiras, o seu genio violento e por vezes falto de prudencia, tornaram-se em outros tantos elementos que lhe acarretaram um oceano de inquietações, a braços sempre com inimigos implacaveis e poderosos.

O governo da côrte dava provimento ás accusações que dos Açôres iam contra o Bispo e este desautorisado, sendo o alvo de grandes animosidades, traduzidas em insultos, falta de observancia ás suas determinações e n'uma serie de afrontosos pasquins, a que elle não era superior, não lhe davam um momento de socego.

Afinal uma questão com um frade franciscano, chamado Fr. José dos Anjos, adrede levantada por este para provocar e accender a ira de D. José Pegado, deu-lhe o ultimo golpe, atirando-o para o leito da morte, victima d'um insulto apopletico.

Este frade, mais tarde e por causa d'isto, foi degredado, conjunctamente com outros seus cumplices.

O Bispo falleceu, em Ponta Delgada no convento dos Gracianos no dia 19 de Junho de 1812.

Não deixou bens de fortuna.

O seu testamento é um documento importante e mui digno de ser lido, patenteando claramente os sãos principios d'este illustrado Prelado, os seus verdadeiros sentimentos religiosos, bem como o commovente amôr e dedicação que consagrava a sua mãe, então octogenaria, que deixava aos cuidados de alguns fieis amigos.

Amante das letras, legou a sua bibliotheca para o futuro seminario que já previa ter de ser creado na diocese.

Pondo de parte alguns defeitos, taes como grandes despezas no seu tratamento, orgulho da sua elevada posição e genio, por vezes, irascivel, mas assaz recto, ainda assim, D. José Pegado d'Azevedo, foi uma das mais notaveis authoridades ecclesiasticas que tem honrado os Açô-

res e os regulamentos, pastoraes, exhortações e outros documentos, firmados do seu punho e ainda hoje existentes, revelam muita sciencia a par de notaveis dotes de escriptor.

O mais fino oiro tem sempre alguma liga, sem que por esse facto venha a valer menos, nem o sol deixa de entornar a jorros benefica luz, embora contenha em si algumas manchas.

A bondade absoluta não pertence á terra, nem o Bispo d'Angra, de que tratâmos, merecia de sorte alguma a constante e féra opposição com que abundosos inimigos envenenaram a sua permanencia n'estas ilhas.

Já todos, porém, dormem nos sepulchros, fim inevitavel das grandes, ou pequenas luctas, de triumphos ou derrotas, dos vencidos ou vencedores.

Deligenciámos obter a relação dos padres existentes no convento de São Francisco, por occasião da visita do Bispo D. José Pegado d'Azevedo.

Não nos foi isto possivel.

Ainda assim, n'essas pesquizas, encontrámos e conseguimos formular as relações de todos os frades e freiras, existentes na Horta no anno de 1832, extrahidas d'um curioso documento official, feito em observancia do §.º 13 do Decreto da Regencia de 26 de Novembro de 1830, o qual permaneceu por muitos annos em poder d'um particular, entre umas ruinas de papeis velhos, julgados completamente inuteis.

Apesar das ordens religiosas já então irem em evidente decadencia, ainda assim era avultado o numero dos seus filhos, como passamos a demonstrar.

# 1832

## CONVENTO DE SANTO ANTONIO

### na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, da Villa da Horta, na ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

| [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Fr. Domingos de S. Francisco (1) | Religioso | 42 | Sacerdote |
| 2 | Fr. Antonio de St.ª Clara | » | 72 | Leigo |
| 3 | Antonio Sebastião Corrêa (hospede) | | 53 | |
| 4 | Francisco José | | 30 | Criado |

(1) Guardião.

# 1832

## CONVENTO DO CARMO

### na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador da Villa da Horta. na ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

| Numero | Nomes | Estado | Annos de edade | Profissão |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Fr. Manuel do Canto (Prior) | Religioso | 48 | Sacerdote |
| 2 | Fr. João de Deus | « | 58 | « |
| 3 | Fr. Jacintho da Conceição | « | 49 | « |
| 4 | Fr. Manuel Peixoto | « | 56 | « |
| 5 | Fr. Serafino Candido | « | 27 | « |
| 6 | Fr. Manuel Estacio | « | 29 | « |
| 7 | Fr. João de Deus Amaral | « | 28 | « |
| 8 | Fr. João de St.º Elias | « | 30 | « |
| 9 | Fr. Antonio Victorino | « | 51 | Corista |
| 10 | Fr. José da Trindade | « | 28 | « |
| 11 | Fr. João de São José | « | 21 | « |
| 12 | Fr. João de S.ta Thereza | « | 22 | « |
| 13 | Fr. Manuel de S.ta Anna | « | 67 | Leigo |
| 14 | Fr. Agostinho do Coração de Jesus | « | 54 | « |
| 15 | Fr. Manuel d'Ascensão | « | 33 | « |
| 16 | João dos Santos (1) | Solteiro | 50 | |
| 17 | João Ignacio da Costa Brum (2) | « | 20 | |

**Resumo**

| | |
|---|---|
| Sacerdotes | 8 |
| Coristas | 4 |
| Leigos | 3 |
| Recolhidos por caridade | 1 |
| Hospedes | 1 |
| Total | 17 |

Frequentavam tambem diariamente o convento do Carmo:—José Fialho, casado, de 48 annos, cosinheiro d'aquella casa e morador na rua de S.to Elias. bem como Jacintho José, casado, de 25 annos. criado, morador na rua do Carmo.

(1) Cego. recolhido por caridade. (2) Hospede.

# 1832

## CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

## na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, na Villa da Horta, ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

| Numero | Nome | Estado | Annos de edade | [illegible] |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Fr. Felisberto da Visitação (1) | Religioso | 40 | Sacerdote |
| 2 | Fr. Guilherme da Conceição (2) | « | 80 | « |
| 3 | Fr. Pedro d'Alcantara (Definidor) | « | 50 | « |
| 4 | Fr. Joaquim de Jesus Maria | « | 70 | « |
| 5 | Fr. Antonio d'Assumpção | « | 60 | « |
| 6 | Fr. Antonio de Padua | « | 63 | « |
| 7 | Fr. José do Amôr Divino | « | 49 | « |
| 8 | Fr. João Evangelista | « | 38 | « |
| 9 | Fr. Francisco de Jesus Maria | « | 56 | « |
| 10 | Fr. Manuel do Amôr Divino | « | 49 | « |
| 11 | Fr. Henrique da Purêsa | « | 26 | « |
| 12 | Fr. Manuel de São Francisco | « | 70 | « |
| 13 | Fr. Manuel da Visitação | « | 30 | « |
| 14 | Fr. José de Santa Barbara | « | 30 | « |
| 15 | Fr. Matheus de Sant'Anna | « | 50 | Corista |
| 16 | Fr. Manuel d'Assumpção | « | 28 | « |
| 17 | Fr. José de Santa Thereza | « | 26 | « |
| 18 | Fr. João de Jesus | « | 27 | « |
| 19 | Fr. Thomaz do Coração de Maria | « | 20 | « |
| 20 | Fr. Vicente do Rosario | « | 20 | « |
| 21 | Fr. Antonio de Jesus | « | 20 | « |
| 22 | Fr. Manuel de São José | « | 78 | Leigo |
| 23 | Fr. Raymundo de St.ª Catharina | « | 50 | « |
| 24 | Fr. Francisco de São Luiz | « | 50 | « |
| 25 | Fr. José da Sacra Familia | « | 50 | « |
| 26 | Fr. José das Dores | « | 40 | « |
| 27 | Fr. Antonio | « | 18 | Pupillo |
| 28 | Fr. Felisberto | « | 14 | « |
| 29 | Fr. Antonio | « | 15 | « |
| 30 | Fr. Antonio | « | 12 | « |
| 31 | José (3) | Solteiro | 17 | Estudante |
| 32 | José (4) | « | 16 | « |
| 33 | Manuel (5) | « | 12 | « |
| 34 | Francisco (6) | « | 10 | « |

(1) Guardião. (2) Ex-guardião. Padre da Provincia. (3) Hospede, natural de Pedro Miguel. (4) Idem da Ribeirinha. (5) Idem de São Matheus do Pico. (6) Idem.

### Resumo

| | |
|---|---|
| Sacerdotes . . . . . . . | 14 |
| Coristas . . . . . . . | 7 |
| Leigos . . . . . . . | 5 |
| Pupillos . . . . . . . | 4 |
| Hospedes . . . . . . . | 4 |
| Total . . . . . . . | 34 |

Havia ainda o religioso Fr. Bartholomeu, de 55 annos de edade, então preso nas cadeias da Horta.

# 1832

## CASA DO ORATORIO

Este domicilio religioso era situado na rua de St.º Antonio, em frente d'uma parte do convento de São João, residindo alli, permanentemente, tres padres franciscanos, para acudir de prompto a qualquer necessidade espiritual das reclusas do convento, á custa do qual eram sustentados.

| Numero | Nomes | Estado | Annos de edade | Profissão |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Fr. José da Vera Cruz (1) | Religioso | 73 | Sacerdote |
| 2 | Fr. João da Natividade (2) | « | 73 | « |
| 3 | Fr. Francisco da Columna (3) | « | 31 | « |

(1) Vigario das freiras de S. João. (2) Confessor das ditas. (3) Capellão das ditas.

# 1832

## CONVENTO DA GLORIA

### na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, na Villa da Horta, ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

| Numero | Nomes | Estado | Annos de edade | Profissão |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Aurelia Luiza (Abbadessa) | Religiosa | 54 | Professa |
| 2 | Prudencianna Balbina (Vigaria) | « | 52 | « |
| 3 | Isabel Narcisa (Immediata) | « | 63 | « |
| 4 | Rosa Claudia (Definidora) | « | 56 | « |
| 5 | Maria Eugenia (Definidora) | « | 53 | « |
| 6 | Bernarda Narcisa (Definidora) | « | 58 | « |
| 7 | Felicia Thomazia (Definidora) | « | 52 | « |
| 8 | Quiteria Ignacia | « | 84 | « |
| 9 | Anna Theodora | « | 54 | « |
| 10 | Marianna Isabel | « | 53 | « |
| 11 | Anna Felizarda | « | 53 | « |
| 12 | Marianna Thomasia | « | 53 | « |
| 13 | Maria Delfina | « | 51 | « |
| 14 | Luiza Marianna | « | 54 | « |
| 15 | Isabel Margarida | « | 56 | « |
| 16 | Maria Rita | « | 56 | « |
| 17 | Rosa Dometilla | « | 61 | « |
| 18 | Anna Cordola | « | 48 | « |
| 19 | Maria Filicianna | « | 58 | « |
| 20 | Maria Margarida | « | 60 | « |
| 21 | Jenovefa Dometilla | « | 48 | « |
| 22 | Gertrudes Candida | « | 48 | « |
| 23 | Joaquina Emerencianna | « | 47 | « |
| 24 | Maria Barbara | « | 46 | « |
| 25 | Maria Magdalena | « | 45 | « |
| 26 | Jeronyma Felicianna | « | 48 | « |
| 27 | Rita Libania | « | 44 | « |
| 28 | Maria Aurora | « | 32 | « |
| 29 | Maria Benedicta | « | 35 | « |
| 30 | Maria Carlota | « | 46 | « |
| 31 | Isabel Emelianna | « | 45 | « |
| 32 | Maria Crescencianna (Educanda) | Solteira | 32 | « |
| 33 | Rosalia Marianna (Educanda) | « | 45 | « |

(Continua).

# NOTAS AÇORIANAS *

## XVIII

## 1832

### CONVENTO DA GLORIA

### na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, na Villa da Horta, ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

(*Continuado de pag. 480, Vol. VII.*)

| Numero | Nomes | Estado | Annos de edade | Profissão |
|---|---|---|---|---|
| 34 | Maria Margarida | Solteira | 26 | Educanda |
| 35 | Joanna Isabel | « | 33 | « |
| 36 | Joanna do Rosario | « | 63 | Famula |
| 37 | Francisca de St.º Antonio | « | 54 | « |
| 38 | Maria do Coração de Jesus | « | 25 | « |
| 39 | Maria do Espirito Santo | « | 24 | « |
| 40 | Quiteria da Gloria | « | 20 | « |
| 41 | Maria do Nascimento | « | 22 | « |
| 42 | Claudianna do Soccorro | « | 20 | « |
| 43 | Rosa do Amôr Divino | « | 20 | « |
| 44 | Thereza da Soledade | « | 61 | « |
| 45 | Luiza de São Thomaz | « | 22 | « |
| 46 | Maria Jacob | « | 20 | « |
| 47 | Rosa de Santa Anna | « | 63 | « |
| 48 | Verdianna de São Jacintho | « | 58 | « |
| 49 | Eugenia do Carmo | « | 56 | « |
| 50 | Maria de Santa Roza | « | 25 | « |
| 51 | Catharina da Apresentação | « | 65 | « |
| 52 | Beatriz da Piedade | « | 24 | « |
| 53 | Anna de São Vicente | « | 58 | « |
| 54 | Maria do Rosario | « | 44 | « |

(*) Por Ernesto Rebello.

| Num.º | [illegible] | [illegible] | [illegible] | [illegible] |
|---|---|---|---|---|
| 55 | Theresa de São José | Solteira | 85 | Famula |
| 56 | Theresa d'Annunciação | « | 76 | « |
| 57 | Rosa de Jesus | « | 63 | « |
| 58 | Angelica do Carmo | « | 45 | « |
| 59 | Maria d'Annunciada | « | 87 | « |
| 60 | Marianna de St.ª Rita | « | 33 | « |
| 61 | Isabel da Conceição | « | 33 | « |
| 62 | Maria da Encarnação | « | 32 | « |
| 63 | Roza Thomazia | « | 49 | « |
| 64 | Maria do Amor Divino | « | 68 | « |
| 65 | Francisca Homiliana | « | 62 | « |
| 66 | Theresa Ignacia | « | 60 | « |
| 67 | Maria de Nazareth | « | 64 | Criada |
| 68 | Maria de Santa Anna | « | 37 | « |
| 69 | Maria da Conceição | « | 33 | « |
| 70 | Maria dos Anjos | « | 18 | « |
| 71 | Francisca Maria | « | 22 | « |
| 72 | Anna Perpetua | « | 24 | « |
| 73 | Anna de Santo Alberto | « | 14 | « |
| 74 | Josefa de Jesus | « | 27 | « |
| 75 | Luiza do Sacramento | « | 24 | « |
| 76 | Clementina de Jesus | « | 26 | « |
| 77 | Marianna da Gloria | « | 22 | « |
| 78 | Luiza Joaquina | « | 54 | « |
| 79 | Anna Luiza | « | 67 | « |

## Resumo

| | |
|---|---|
| Freiras professas . . . . . | 31 |
| Famulas . . . . . . . | 31 |
| Criadas particulares . . . . . | 13 |
| Educandas . . . . . . | 4 |
| Total . . . . . . . | 79 |

Era então capellão do convento da Gloria o Rever.º padre Pedro Lourenço da Rocha, de 54 annos de edade e morador na Travessa de São João.

Francisco Ferreira Drummond nos seus annaes da Ilha Terceira, da qual foi illustre filho, no tomo 3.° a pag. 189, tratando dos acontecimentos occorridos nos Açôres, no anno de 1809, com relação á fuga de diversas freiras do convento da Gloria, na ilha do Fayal, escreve o seguinte:

«—Aconteceu n'este anno aquelle estrondoso caso de egresso e rapto de cinco religiosas do convento da Gloria na ilha do Fayal, por sugestões de certos inglezes que em navios mercantes foram áquelle porto; levando quatro d'ellas a seu bordo, e deixando uma, que por ter quebrado uma perna, dizem, fôra achada em estado deploravel, e por caridade acompanhada mesmo alta noite, assim pelo commandante militar da ilha, como pelos confessores do proprio convento, onde ficou reclusa na cella em quanto viveu. Porem as outras infelizes levadas a diversos pontos lá foram deixadas nos braços do desamparo, e victimas da ultima miseria. Pelas devassas a que logo se procedeu, entendeu-se que haviam cumplices, mas assim estes como os raptores, não deixaram de encontrar protecção nos paizes que adoptaram como patria, em que vivessem subtrahidos ao justo castigo que mereceram.»

O nosso erudicto mestre e respeitavel amigo, o Sr. Antonio Lourenço da Silveira Macèdo, na sua «*Historia das quatro ilhas que formam o Districto da Horta*,» referindo-se tambem a este facto refere o seguinte no vol. 1.° a pag. 306:

—«Succedeu por este tempo um facto bem escandaloso na Villa da Horta, que muito penalisou os seus habitantes: foi este o rapto de cinco religiosas do convento da Gloria por uns inglezes d'um navio mercante, que tendo sahido de tarde, demorou-se velejando em frente da bahia, até anoitecer: tendo, porem, uma d'ellas a infelicidade de quebrar uma perna e não podendo por isso seguir foi pela manhã achada e recolhida ao convento passando o resto da sua vida reclusa na cella: as outras constou que casaram com os ditos inglezes.

Uma d'estas (soror Anna Luiza Emmerenciana) foi ter á Bahia e entrou para o convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, d'onde escreveu ás suas irmãs do Fayal; manifestando-lhes desejos de regressar ao seu convento, requereram estas ao Cabido a licença necessaria para esse fim, que lhe foi concedida em 19 d'Agosto de 1815: mas não se chegou a verificar a dita vinda.—»

Muito bem.

Pela leitura dos antecedentes trechos parece que devemos evocar sobre aquellas indomitas freiras, sobre aquellas ovelhas desgarradas, que, com o seu mau comportamento *escandalisaram e penalisaram* uma povoação inteira um raio vingador que as fulminasse de vez, a ellas, incorrigiveis peccadoras que vieram macular a honra do seu convento, para aonde, segundo podemos inferir, todas as esposas de Christo entravam com o sorriso dos eleitos nos labios, com brancas açuce-

nas na fronte, com a alegria de quem da melhor vontade se desprende de todas as materialidades do seculo para, castas pombas, se abrigarem á sombra protectora dos claustros, passando a vida em preces e extasis dos quaes a nós, pobres profanos, não é dado avaliar o sabor de tão celeste ambrosia.

Quem será capaz de impugnar semelhantes verdades?

Eu, que respeito muito Drummond, como um trabalhador infatigavel e Macedo como um cavalheiro, cuja vida tem sido sempre dedicada a profiadas lides litterarias, se ouso, n'estas simples *Nottas*, sem a minima pertenção de Historia, aventar algumas observações sobre o tal rapto das freiras é tão somente como um meio de illucidação, porquanto nós todos o que procuramos é a verdade e esta só pode surgir da discussão serena e desapaixonada, como serenas e desapaixonadas são as cinzas d'aquelles a quem estas reminiscencias vão encontrar nos sepulchros, por lhes dizerem respeito.

Em 1809 e ainda depois, toda a tendencia da gente rica da Horta era metter as filhas no convento e isto, somos obrigados a confessar, as mais das vezes independentemente da sua vontade e sem as consultar, por quanto servia este procedimento de não desfalcar com partilhas, ou alimentos, as abastadas casas então aqui existentes, bem como de se libertarem os pais da responsabilidade que sempre pertence a um chefe de familia, com relação ao destino das suas filhas.

As mulheres na familia, não era raro serem consideradas como um incommodo, davam-nas, pois, a Deus e ás abbadessas que tomassem conta da sua conducta, se acaso podessem, o que nem sempre acontecia.

Temos, a este respeito, provas evidentes, as quaes circumstancias especiaes d'uma terra pequena, nos obrigam, por emquanto, a calar.

Ora a fuga das freiras do convento da Gloria, bem como de duas religiosas do convento de São João, não se effectuou de uma vez, e conjunctamente, como parece deprehender-se dos excerptos que transcrevemos.

A sortida da primeira é facto que, apesar do seu tragico desenlace, abrio o caminho ás que se seguiram, mas medearam alguns mezes entre estas occorrencias, como já haviam medeado alguns annos (não podemos averiguar quantos) em que a primeira fugitiva, uma freira professa do convento de São João, havia-se ausentado d'esta terra, com o boticario da Misericordia da Horta, M. do Paraizo, estabelecido proximo da egreja do mesmo nome, que foi mais tarde demolida e o qual morava na rua do Sacco, com uma sua irmã chamada Marianna do Paraizo, tendo ambos vindo do continente para o Fayal.

Este boticario foi o mestre de Francisco da Silva Ribeiro aqui muito conhecido e que deixou de si honrosa memoria.

As relações amorosas do Paraizo com a freira Marianna Clara,

não eram um segredo, toda a gente da Horta d'isto tinha ouvido fallar, tornando-se com o andar do tempo um escandalo da especie d'aquelles que á força de muito conhecidos, já não interessam ninguem.

Nas cartas que o boticario escrevia á amante (duas das quaes ainda existem) a prespectiva de uma fuga para paiz estrangeiro, aonde podessem viver juntos, era o thema favorito.

Aquella idéa foi amadurecendo e tornando-se mais vehemente.

Veio occasião de molde para satisfazerem semelhante empenho.

Uma vez, achando-se fundeada, na bahia da Horta, uma chalupa ingleza, aqui arribada para reparar avarias e que se destinava para as West-Indias, o boticario entendeu-se com o capitão d'aquelle pequeno navio, relativamente a receber a seu bordo dois passageiros e tendo a annuencia d'este avisou a amante, entrou pelo muro da cêrca do interior do convento e diz se até que com a annuencia da abbadêssa, que fez a vista grossa, fugio a freira Marianna Clara, pois que o maior empenho das dignatarias do convento era verem aquelle respeitavel recinto livre de uma sua irmãa toda entregue ás profanidades da existencia.

No outro dia constou, na Horta, que havia fugido a freira do Paraizo, como aqui era conhecida e que este tambem não apparecia dizendo-se logo e confessando a propria irmãa do boticario que tinham seguido, na antecedente noite, na chalupa ingleza, que então deixara inesperadamente este porto.

O caso, porem, não fez sensação a não ser mais tarde, pelo seu fatal desenlace, porquanto, tempos depois, soube se no Fayal que o navio havia soffrido, no alto mar, grandes tempestades e que fôra a pique, perecendo parte dos seus tripulantes, bem como os dois fugitivos.

Os espiritos mais severos quizeram ver n'isto um castigo do Altissimo.

Mezes e annos foram decorrendo e este facto cahio gradualmente no esquecimento.

Ainda assim estas duas mortes, de gente conhecida n'esta ilha, foram o prologo de um drama que teve mais actos, alguns dos quaes assaz tragicos, outros verdadeiramente comicos.

Colleccionâmos em seguida o que a semelhante respeito conseguimos saber e terminaremos esta referencia dizendo que a freira do Paraizo, filha de Manuel Machado Sena, homem rico e de maus figados, entrára violentada para o convento e sob os peiores auspicios.

O pae decretara aquelle destino ás suas duas filhas Marianna e Bernarda, raparigas ainda, de boa educação e assaz formosas.

D. Bernada Sena rebellou-se abertamente, contra as determinações paternas, que lhe foram prescriptas em tom severo e authoritario e declarou a sua mãe que antes morreria, do que ir para o convento e

que tomassem sentido se ella, e o pae, não queriam ficar com uma morte ás costas.

A mãe, apesar de prestar pouca attenção a semelhante ameaça, sempre a communicou ao marido, o qual respondeu com sarcastico e ameaçador sorriso:

—Fica descançada, eu lhe direi se hade ir ou não, aqui está dinheiro, manda-lhe já fazer, mais á irmãa, o habito de noviça e não quero mais reflexões, aqui quem manda sou eu. E a Marianna, sempre quero saber, de que opinião está?

—Calou-se e não proferiu palavra, mas tambem, acredito que tem poucos desejos de ir para a Gloria.

—Queria talvez casar com o boticario, um trapaça, vindo não sei d'onde e que ninguem sabe quem é. Isto não se acredita! Eu bem tenho dado pelo namoro, mas tenho andado calado, por que seria por pouco tempo, em todo o caso, vocemecê é que tem a culpa.

—Eu?!..

—Era esbofeteal-as rijamente que ellas entrariam no trilho, ou quando não eu me encarregarei d'isso. Mande fazer-lhe os habitos e não temos mais que fallar.

A consorte de Manuel Machado Sena, era uma verdadeira escrava do seu senhor, ao qual obedecia cegamente, como muitas das esposas d'aquelle tempo de bella e *chorada* educação antiga.

Foi preciso tomar as medidas dos habitos.

As duas irmãas prestaram se áquella ceremonia, caladas, automaticamente.

A costureira, emquanto na presença da dona da casa, lhes tomava as medidas, acompanhava tres criadas e uma velha escrava, africana, nos elogios á vida ditosa e descançada da clausura, bemdizendo os paes que entregavam as filhas a Nosso Senhor, que havia, por este facto, encher de muitas prosperidades aquella religiosa familia.

—Olé!...

—Haja cuidado na feitura desse traje,—disse afinal, com dubio sorriso D. Bernarda, quero uma mortalha elegante e escusado será fazerem-me outra.

—Anjo do ceu!—respondeu a costureira,—mesmo quem vae para aquellas casas já sabe como hade acabar, tem a sua sorte certa, sem perigo de lhe faltar confessor ou os sacramentos.

—Louvado seja o Senhor!—responderam, em coro, as criadas.

—E tu, Marianna, não dizes nada?—perguntou, a irmã, D. Bernarda.

—Que heide eu dizer, filha, se não que atraz do tempo, tempo vem...

Quando a esposa de Manuel Machado Sena lhe deu parte que os habitos estavam promptos, este, n'uma noite, á ceia, disse ás filhas

que no dia seguinte se levantassem ás trindades da manhã, pois que iriam para o convento. acompanhando-as até á portaria o irmão Manuel. Apesar do convento ser muito proximo da sua casa. ainda assim por decencia iriam de cadeirinha.

Com este filho Manuel, havia uma outra pendencia.

O rapaz. primogenito e então de 25 annos, namorava uma menina, natural da Horta, virtuosa, de gente limpa, mas de poucos meios pecuniarios, casamento a que o pae se oppunha, formalmente. por querer que o filho casasse com uma prima rica, porquanto entrando as filhas para a clausura, ficava toda a riqueza na familia e constituiria talvez um morgado, sua maxima ambição.

Dois rapazes mais novos, que ainda tinha, havia mandal-os sentar praça, em elles chegando á edade

Que exemplar familia, e havia tantas assim ! . .

N'aquella noite as duas irmãas, como habitualmente, beijaram a mão ao pae e a mãe e retiraram-se cada uma para o seu quarto. sem proferir palavra.

Na manhã seguinte, Marianna, foi a primeira a levantar-se, indo ao aposento da irmãa ver se já estava de pé.

A porta estava fechada por dentro e apesar de ella bater ninguem lhe respondeu.

Bateu segunda e terceira vez, sempre com o mesmo resultado.

Estranhando aquelle facto foi dar parte á mãe do que occorria.

Veio toda a familia e o pae. depois de ter, de fóra, intimado asperamente, e em termos improprios, a filha, a que abrisse já a porta. como não obtivesse resposta. com dois ponta-pés fez rebentar a fragil fechadura d'aquella divisão do interior da casa.

D. Bernarda estava hirta e estendida sobre a intacta cama. que lhe servia de eça, vestida de noviça e com um candieiro de metal accèso, ao lado, sobre uma pequena banca de cabeceira, aonde tambem se divisava um copo contendo os restos d'uma poção branca. bem como uma pequena colher de prata.

A sua physionomia estava serena, parecendo realçar aquelle profundo somno a distincta formosura que possuia.

As mãos, porem. é que pareciam feitas de cera e estavam frias de neve.

Todos os espectadores d'aquelle lugubre quadro permaneciam a tremer. aterrorisados e só o pae é que se atreveu a chegar-se ao pé do leito. apalpando a fronte da filha e examinando o resto do conteudo do copo.

Afinal disse, com mal segura voz:

—Ora esta ! . . . vocês querem ver que a pequena foi-me ao resalgar ? . . Diabo ! . . . eu havia tel-o fechado, era para os ratos . . . E' isso. foi-me ao resalgar. por querer vencer a sua teima injustificavel. Isto só no inferno ! . . .

O filho Manuel fora já a toda a pressa chamar o medico Zeferino Gonçalves, então morador na rua do Mar, veio este e constatou a morte da rapariga, por effeito de haver ingerido uma valente doze de arsenico.

O caso, não obstante, foi abafado o mais que poude ser dando-se-lhe outra côr, um ataque qualquer que deixara morta a infeliz D. Bernarda, isto a pedido do pae, para não deslustrar toda a familia e poder a defunta ser enterrada em sagrado, o que era de tudo o mais importante.

Ainda assim correram sinistros rumores a semelhante respeito, mas não houve indagação alguma por parte da justiça. Ninguem se queixava . . .

Passados os dias de nojo, pela morte da irmã, D. Marianna, entrou, não obstante o occorrido para o convento da Gloria, aonde permaneceu até á noite da sua fuga com o boticario.

Emquanto ao filho mais velho de Manuel Machado Sena, foram taes as desordens com o pae, por causa do casamento a que este o queria obrigar, que endoideceu, tornando-se em breve furioso.

Toda a gente da Horta, e não precisa ser muito velha, ainda se deve lembrar de n'uma torre de uma casa da Praça (actual Alameda da Gloria) existir uma janella, tapada com taboas, atravez da qual se ouviam os gritos d'um doido, semelhante ao uivar d'um animal selvagem.

Eram do filho de Manuel Machado Sena, que por morte dos paes ficou a cargo dos seus dois irmãos mais novos, Silverio Dias e Francisco de Paula, que alcançámos perfeitamente.

Em vista de tudo isto que grande criminosa não foi D. Marianna em fugir do convento a que tão bôas e exemplares recordações andavam ligadas ?

Affiançamos ao leitor que, no Fayal, não foi este um caso unico no seu genero, havendo muitos outros com identicos, ou muito aproximadas peripecias.

* * *

Vem agora apêllo fallarmos do clandestino egresso do convento da Gloria das duas religiosas D. Roza Lima de Mello e D. Marianna Isabel Labath, que mais chamou a publica attenção, pelas excepcionaes circumstancias de que foi revestido.

D. Roza, a principal promottora d'este acontecimento, era uma das mais notaveis formosuras da Horta, filha de Luiz José de Mello e de sua mulher D. Isabel Lima de Mello, residentes n'uma bôa casa da rua d'Arêa, nas proximidades do Castello Novo, na freguezia da Conceição.

Era gente abastada, vivendo dos seus rendimentos, a maior par-

te dos quaes constava de excellentes vinhedos da ilha do Pico.

Chegada D. Rosa á adolescencia começou o pae a demonstrar desejos de que ella entrasse para o mosteiro da Gloria, isto ainda que contra a vontade da filha que nutria profunda aversão para a clausura.

As instancias, porem, continuavam, o seu viver no domicilio paterno ia-se tornando um inferno constante, chamavam-lhe namoradeira e que com o sentido em casamentos é que não queria professar, promettendo o pae que venderia os seus haveres, para poder esbanjar o seu dinheiro antes de morrer, deixando-a uma mendiga, desobediente e atrevida.

A familia de Lino José visinhava-se muito com a dos Sequeiras, gente honrada e bemquista e era n'essa moradia que a pobre rapariga vinha desafogar as suas magoas, sendo alli recebida com verdadeira amisade, chegando o chefe d'aquella casa a estranhar ao seu amigo a violencia que queria praticar com aquella creança.

Baldadas, embora muito louvaveis, diligencias, Lino José do Mello conservava-se inflexivel no seu proposito, não attendendo a quaesquer considerações;—queria a filha freira a todo o transe.

D. Rosa, pois, para se livrar da misera vida que estava passando em casa do pae, mas com o firme proposito de não chegar a professar, recolheu-se ao convento da Gloria, como lhe era indicado aonde permaneceu durante mais de dois annos.

Da seriedade do seu caracter, jamais deu provas em contrario, sendo carinhosa e obediente para todas as freiras, respeitadora das anciãs e uma bôa companheira para a gente nova alli existente.

O pae rarissimas vezes a ia visitar. só por alguma festa, não tinha tempo para isso, andava sempre atarefado na governação dos seus haveres.

A mãe, coitada, deplorava com lagrimas a infeliz sorte que destinavam á filha, mas ainda assim não se atrevia a contradizer o marido.

Esta subserviencia passiva das mulheres aos maridos que, n'aquella epocha, geralmente se notava na Horta, até mesmo quando se tratava de decidir da sorte dos filhos é um facto physiologico do qual não podemos com facilidade atinar com a causa, a não ser o producto de uma educação adestrada, desde a infancia, para semelhante fim.

O marido, no interior da familia, era omnipotente, governando completamente a seu talante os bens que herdara, ou grangeara, e os seres que lhe deviam a vida.

Podia *cabidar* a sua casa, é este ainda hoje o termo conservado pela gente do campo, como muito bem lhe aprouvesse, não tinha que dar contas a ninguem.

Afinal o severo pae entendeu que se prolongava demasiadamente o noviciado da rapariga, era tempo de acabar com tantas irresoluções e quanto antes melhor.

Preparou-se, pois, a solemne festa da profissão, espdendida e em relação aos abastados meios de Lino José de Mello.

Alguns amigos da familia aconselhavam occultamente a D. Rosa que dissesse sempre que não queria professar, o que podia fazer mesmo no acto da ceremonia religiosa.

Chegou o dia designado, no convento ia grande asafama, toda a cleresia havia sido convidada para assistir à festa, em casa de Lino José estava-se preparando para depois da sahida dos assistentes, da egreja, um grande banquete e os sinos do mosteiro atroavam os ares com os seus repetidos repiques.

Era um dia de muito jubilo na terra e . . . no ceu.

Antes de começarem os actos religiosos e quando já a egreja da Gloria estava apinhada de povo e os padres revestindo-se na sachristia, no côro de cima do templo, todo gradeado e d'onde as freiras costumavam presenciar as suas solemnidades religiosas, assumou contra as grades a airosa figura de D. Rosa de Lima, dizendo para o povo em voz alta e intelligivel.

—Saibam todos que eu não quero professar, obrigaan me a isso!...

Houve um estranho borborinho na egreja, as mulheres, sentadas no chão lageado do templo, levantaram-se para poder ver melhor a rapariga, todos tinham os olhos n'aquellas grades, os padres, da porta da sachristia, vieram espreitar o que occorria, os homens fallavam em voz mais ou menos alta.

Um escandalo emfim !

Lino José de Mello, a este tempo, estava na capella mór, sentado n'uma das cadeiras que alli haviam mandado pôr, para os convidados e pessôas de maior consideração, vestido de casaca e collete de seda da India, calção e meias de seda, sapatos de fivellas de prata, reluzente espadim e sustendo debaixo do braço um chapeu armado.

Ergueu-se tambem, com o rosto enfiado o desnaturado pae, em vista do estranho procedimento da filha e descendo pelo carreiro aberto, para passagem, do meio da egreja, disse à filha que pedisse licença à Sr.ª Abbadessa para chegar ao parlatorio a fallar com elle e sahindo para o exterior do templo, costeou o adjuncto convento, entrou na portaria toda enramada com verduras e flores e d'alli subio ate ao segundo andar.

A filha, pallida, nervosa e sustendo se a custo contra as grades do parlatorio, já alli guardava o pae.

Lino José de Mello fechou a porta da entrada e disse-lhe apenas estas palavras, desembainhando o espadim, agudo e relusente, como um punhal:

—Tu não professas, estás no teu direito, mas eu juro-te por estes cabellos brancos que tenho, que hoje mesmo vaes para casa, que te enterro no peito este ferro e que me suicido depois. A sorte esta lançada, a vergonha será apenas de poucas horas. Eu te amaldiçô-o !

—Professo ! . . . — exclamou aterrorisada a rapariga, mas tambem juro a meu pae que será por pouco tempo.

—Faz como quizeres.

Voltaram para os seus respectivos logares.

D. Rosa prestou, no decurso da liturgia da egreja o indispensavel juramento e a ceremonia correu sem mais incidente algum notavel.

Conformara-se, ao que parecia, á sua sorte.

Alguns mezes depois fundeava na bahia da Horta um navio de guerra inglez, uma corvêta, sendo aqui uso estabelecido de quasi todos os estrangeiros que aportavam ao Fayal, irem visitar as freiras, aos parlatorios dos conventos, o que era muito do agrado das bôas religiosas, para quebrar a monotonia da clausura e as quaes regalavam com muitos doces e delicadas merendas os fatigados nautas.

A corvêta demorou-se aqui alguns dias e o seu commandante um formoso e esbelto rapaz era assiduo, todos os dias, no parlatorio da Gloria, em quanto outros officiaes iam até São João.

A peregrina formosura de D. Rosa não lhe passou desapercebida e com ella conversava até muito o commandante da corvêta em francez, idioma que ambos conheciam.

Quem sabe o que diziam e combinavam !

O parlatorio tinha duas grades de ferro, assaz espaçadas entre si, e ao lado, na parede, uma pequena *roda*, pela qual, quando não era por uma pasinha, atravez das grades, as freiras passavam aos seus visitantes arrobas de assucar, convertido em magnificos confeitos e outras golodices.

N'uma d'essas vezes, n'um pires de cristal, com guardanapo de fino panno de linho, todo franjado, D. Rosa offereceu ao commandante alguns docinhos, alli, á vista das outras freiras, mas quando o pires voltou para o interior do convento, levava entre o guardanapo e o fundo do mesmo, uma pequena lima de aço fino.

Nem as *escutas*, ou deffinidoras, deram por semelhante tramoia.

A corvêta ingleza continuava a demorar-se fundeada, na bahia da Horta, apesar de já ha alguns dias ter abordo toda a aguada e refrescos de que carecia.

Uma das companheiras de convento de D. Rosa de Lima era a freira, aproximadamente da mesma edade, D. Marianna Isabel Labath, pertencente a uma illustre familia d'esta ilha.

Ignoramos as peripecias que se haviam dado, por occasião da sua entrada para o convento, se fôra com violencia ou por sua livre vontade, mas o facto é que ella muito desejava vêr-se d'aquella casa para fóra.

Pela afinidade de sentimentos ligou-se, na clausura, em estreita amisade com a filha de Lino José de Mello.

Eram quasi inseparaveis e conversavam horas inteiras, fechadas, ora na cella de uma, ora na cella da outra.

Uma das cazas do convento da Gloria estende-se, como é sabido dos conhecedores d'esta localidade, em metade do comprimento da Travessa da Carrasca, aonde não ha habitações e defrontando sómente com alguns muros.

E' um sitio bastante escuzo, de noite, tanto mais na epocha a que nos referimos, á mingoa de illuminação e alem d'isto estreito e tenebroso.

A cella de D. Rosa de Lima, gradeada de ferro, deitava para essa Travessa, sendo a segunda janella acontar do lado da rua do Meio para a antiga rua da Misericordia.

N'uma noite serena e escura, em que as estrellas fulgiam vivamente no fundo firmamento, havendo já soado meia noite, alguns marinheiros da corveta, acompanhados pelo seu commandante, acercaram se do convento da Gloria, pela travessa da Carrasca.

Aguardava os alguem, com certeza, por quanto, immediatamente, a janella da cella de D. Rosa de Lima foi levantada, com cautella, e, reconhecidos quem eram aquelles individuos, sentio-se o tenido dos ferros da grade, correndo alguns dos varões nos anneis que se sustinham e ficando a abertura necessaria para dar passagem a um corpo de mulher.

Feito isto uma voz feminina disse da janella, para os do caminho, em francez:

—Está prompto!

Os marinheiros inglezes desdobraram, então, por debaixo da janella da cella um bocado de lona, que haviam trazido de bordo, aguentando-a valentemente, á altura do peito e o commandante que presidia, com a maxima cautella aquelles preparativos, disse para cima, na mesma lingoagem:

—Agora!

D. Rosa de Lima baldeou-se, é esta a expressão propria, da janella da cella, que terá uns sete metros d'altura, para o caminho. O choque foi grande para os marujos que sustinham com fôrça o panno e a fugitiva, sem, felizmente, se haver magoado e só algum tanto estonteada pela queda, poz se immediatamente em pé, na calçada e dando o braço ao official inglez, seguio na direcção da rua do Meio.

Os marinheiros esperavam seguramente, uma segunda fugitiva, pois esticaram de novo a lôna, retomando a antecedente posição.

Uma outra freira assumou á janella, era D. Marianna Isabel Labath, debruçou se para o caminho, esteve prestes a atirar-se, como a sua companheira, mas vacillou e com voz tremula disse algumas palavras para quem a aguardava, das quaes os marinheiros nada entenderam por ser em portuguez, e retirou se para dentro.

Vinha a ser o caso que D. Marianna tivera medo de dar um tão

arriscado salto, dizendo que esperassem, pois ia fazer dos lençóes da cama da sua amiga uma corda pela qual se deixaria escorregar.

Tudo isto, porem, levou tempo.

D. Rosa de Lima e o commandante da corvéta, receiosos de algum importuno encontro com gente da terra, iam seguindo sempre na direcção do sitio da Bôa Viagem, junto do mar, em quanto que a Labath, no interior da cella, ás escuras, engendrava um apparelho para descer.

Demorou-se, evidentemente, n'aquelles arranjos, os marinheiros que não a viram apparecer, sentiram ao longe passos e temendo ser descobertos, bem como julgando que a freira desistira do seu intento, botaram a correr no encalço do commandante.

Não havia tempo a perder, o escaler de bordo aguardava-os no mar, em frente da ermida da Boa Viagem e approximando-se do areal, recebe-os apressadamente.

No escaler, á pôpa já se achava, de pé, o commandante, tendo junto de si, sentada no leito da ligeira embarcação a fugitiva.

Vogaram logo, á força de remos, para a corvéta, cujos pharoes se divisavam a meio da bahia.

No convento, D. Marianna Isabel Labath, julgando que os marinheiros ainda a esperavam, firmes no seu posto, com dois lençóes amarrados, engendrára afinal uma corda, amarrando uma das extremidades do mesmos a um varão da janella, deixando-se em seguida escorregar para o caminho.

A menos de meia altura, porem, da descida, o nó que ligava os dois lençóes desamarrou se e a freira cahio, felizmente sobre a grossa herva que crescia contra as paredes do mosteiro, magoando-se ainda assim, achando a travessa da Carrasca completamente deserta e sem saber o que fizesse de si.

O baque que soffrera não a impedia, por emquanto, de andar e sabendo que o sitio ajustado para o embarque era na Bôa Viagem, para alli se dirigio, na esperança de encontrar a sua companheira, descendo consequentemente a mencionada Carrasca, atravessando parte da rua do Meio, travessa da Bôa Viagem e o largo areal, até á beira do mar.

Se tivesse uma perna quebrada, como depois se inventou, era isto impossivel, até mesmo arrastando-se pelo chão, por não ser, n'essas circumstancias insignificante semelhante distancia.

Quando, offegante e angustiada, chegou á beira d'agua, apenas conseguio enchergar a distancia o vulto de uma embarcação que se affastava e gritou por soccorro, mas sem resultado algum, pois era já impossivel ouvirem-na.

Não se divisava uma unica luz em toda a extensa cortina de casarias que, na Horta, defrontam com a bahia e o longo areal tinha

uma solidão de sepulcro e somente algumas nocturnas aves maritimas soltavam a espaços, uns lamentosos pios.

Achava-se perdida, abandonada!

A pobre D. Marianna, sem saber o que fizesse de si, chorava amargamente a sua negra sorte e lembrava-se de voltar para o convento. mas como? os lençoes haviam rebentado e só o primeiro a altura que não se podia chegar, estava, como uma flamula, a adejar ao vento, preso nos fragmentos das grades, lembrou-se tambem, apesar de ser uma grande vergonha, de ir bater ao portão da sua familia, mas n'essa epocha do anno estavam nas vindimas da ilha do Pico e a casa sem ninguem.

Tranzida de susto e lavada em lagrimas a infeliz senhora foi abrigar-se debaixo das arcadas do mercado, a breve distancia da ermida da Bôa Viagem.

Felizmente no tempo que decorria as noites eram ainda breves e alguem com certesa alli a viria encontrar, dentro em poucas horas, e prestar-lhe talvez o necessario soccorro n'aquelle afflictivo transe.

Assim aconteceu.

No canto da Bôa Viagem, defronte da casa do abastado proprietario Antonio d'Oliveira Pereira, morava então um sujeito chamado Francisco do Couto, escrevente de cartorios, o qual tinha tres filhas muito garridas e alegres, sendo elle, por habito, um grande madrugador.

Francisco do Couto sahindo n'aquella madrugada de casa, ainda alpardo, foi até ao proximo portão da Bôa Viagem olhar para o mar, ver se havia chegado algum navio, ou se os *Terraços*, já tinham vindo do mar, com o usual abastecimento de peixe para a povoação.

Nem uma coisa nem outra, o que elle sentia era uma brisa esperta e fria que lhe mordia o nariz e as mãos.

Abrigou-se a tossir debaixo das arcadas do mercado, ouvindo então, sahida d'um canto do mesmo uma voz feminina, dando gemidos e ais. A meia claridade do dia não deixou perceber, desde logo, o quer que fosse.

Approximou-se, pois, da outra extremedade das arcadas e com grande espanto seu encontrou uma freira estendida por terra e com a cabeça encostada á parede.

Entraram em explicações e D. Marianna contou-lhe minuciosamente tudo o que havia acontecido, pedindo-lhe de mãos postas o seu auxilio em tão desgraçada conjunctura.

O Francisco do Couto era afinal um bom homem, ouvindo a narrativa da freira e todas as peripecias d'aquella aventura, umas vezes dava-lhe vontade de rir, outras de chorar, mas lembrava-se que tinha filhas e que ninguem sabia para que estavam guardadas, podendo as mesmas tambem alguma vez vir a carecer de estranho auxilio, ou de caridosa commiseração das suas faltas, embora por gente alheia.

—Ora vamos com Deus— disse elle —não esteja a Snr.ª D. Marianna Labath para ahi a chorar, como uma Magdalena, mulheres sempre fazem tolices, mas emfim o que não tem remedio. remediado está. Venha d'ahi. que vou recolhel-a em minha casa . . .

—Deus lhe pague, Sr. Francisco do Couto, eu sou muito infeliz, muito, mas desinquietaram-me . . .

—Sim, sim, sim, vm.ᶜˢ todas fazem o que podem. agora, porem. não se trata d'isso e vamos até á minha casa, são d'aqui dois passos...

—Que vergonha, meu Deus, que vergonha !

—O que eu tenho de portas a dentro é tudo gado femeo, venha a Snr.ª d'ahi . . .

—Mas é que eu custa-me muito a andar, Snr. Francisco do Couto. pisei-me esta noite n'um pé e agora é que são dores . . . ih. Jesus!

—Essa agora é que é peior, eu não posso com a Snr.ª ás costas, nem ao collo, já estou velho para essas africanadas. veja a Snr.ª se se aguenta . . .

— Valha-me Deus! . . que dôr! . . não posso . . .

Providencialmente appareceram então dois pescadores. trazendo para o mercado, atravessado n'um pau, um grande cesto de chicharros.

O Francisco do Couto gritou-lhes :

—Pshiu! . . ó rapazes, ajudem-me vocês aqui.

Os dois *Terraços*, largaram o cesto, contra o muro e approximaram-se. ficando pasmados de encontrar uma freira, áquella hora e naquelle sitio.

—A' largato . . . *olhora* ! . . uma freirinha ! ! . .

—Peguem-lhe vocês n'esse braço, que eu aguento n'este e vamos a andar para diante . . .

—E se nos vierem *roibar* os chicharros ?

O segundo *Terraço* acudio logo :

—O' excommungado ! . . má raios te partam ! . . *sugiga* já a freirinha, que este senhor paga tudo, alqueires de patacaria que fosse. O' Snr. Francisquinho. como é que esta freirinha de Nosso Senhor veio ter aqui ? . . *sugiga*. bem, lagarto ! . .

—Não são contas do rosario de vocês. Vamos para diante.

Chegados á porta da moradia do Francisco do Couto, deu-lhes este alguns trocos de cobre, para beberem de agua-ardente.

—Seja tudo em louvor do Senhor Espirito Santo. quando o Sr. Francisquinho quizer que a gente acarrete mais freirinhas é dizer. a *gente está* promptos. é perguntar pelo Cabecinha de Pau e o Casola, que somos nós, ou se a gente estiver no mar pelo Malcasado. o tio Governo, o Doutor. o Corta, o Garalha, o Botta abaixo. o Baleca, o Papagaio, o Garapau, o Cheira-vintem. o Troca-patacas. o Gaiato. o Cabaça, o Fundão. o Galinha, ou o Cana-Cana. que todos são da nossa companha.

— Não verês com o diabo ! . .

— Sim Sr., Sr. Francisquinho, seja tudo pelo amôr de Deus.

Apenas chegada á hospitaleira moradia, Francisco do Couto entregou a freira ás filhas, indo dar parte do occorrido ao ouvidor ecclesiastico Francisco Xavier da Silva, cavalheiro de reconhecida prudencia e illustração, que melhor do que elle se saberia tirar d'aquelle negocio ou de qualquer mais difficil bico d'obra.

O ouvidor ouvio pacientemente o narrador, sem o minimo agastamento, dizendo-lhe afinal:

—Eu vou já a sua casa, Sr. Francisco do Couto, vá adiante, não se demore e de passagem toque na porta do cirurgião Zepherino Gonçalves, será conveniente que elle tambem por lá appareça, pois é um homem experimentado e de bom conselho. Em todo o caso o menor barulho possivel, n'essa grande embrulhada.

D'ahi a pouco mais de meia hora estava o ouvidor, o medico e o dono da casa, aonde se refugiava D. Marianna, todos reunidos na pequena sala d'este ultimo, conferenciando sobre o destino que deviam dar á freira.

—Sou de opinião que deve voltar immediatamente para o convento,—dizia o Ouvidor.

—Isso com certesa,—acudio o medico—o peior, porem, é que vae desde logo para o carcere e com um processo ás costas.

—O cazo é serio, lá isso é,—acrescentava o Francisco do Couto.

—E como a acha, o doutor, de saude, resentio se muito da queda?

—Eu já a examinei, Sr. Ouvidor, e tirando a alteração produzida por uma noite mal passada, a pisadura do pé, não vale nada, está apenas dolorido, devendo ficar em breve bôa e capaz d'outra.

—A pobre da freira ter de ir para o carcere é que é triste.

—Mas que quer o Sr. Francisco do Couto, não lhe vejo outro remedio . . .

— Perdão,— retorquio o Ouvidor— o nosso doutor é que podia evitar isso.

—Eu ? ! . . mas como assim, não governo no convento.

—Bem sei, mas se fingisse que a D. Marianna tinha uma doença séria, ou que lhe havia acontecido um grave accidente, em logar de baixar ao carcere, já ella ficaria tratando se na sua cella, o Sr. iria visital-a uma vez por outra, como facultativo do convento e emquanto durasse essa doença, que alias poderia ser longa, o caso iria arrefecendo e depois veriamos . . .

—Bem lembrado,—acudio o dono da casa.

—Estes diabos d'estas freiras são a minha inquietação,—retorquiu o medico—teem me feito mentir mais vezes na minha vida, do que cabellos tenho na cabeça, vejam esta agora ! . .

—Ora, que lhe ha de o dr. fazer.

—Seria uma deshumanidade mandar a freira para o carcere . .

—O Sr. Ouvidor gosta muito de passar culpas, por isso ellas fazem o que fazem, mas emfim, pela consideração que me merece, vá lá mais esta embrulhada, attestarei o que quizerem, a D. Marianna que se aprompte emquanto é manhãsinha, para ir para o convento, pois que mais tarde juntar-se-hia gente. Estas freiras, estas freiras são os meus peccados.

—O dr.—acrescentou o Ouvidor—é um grande *ralhão*, mas afinal de contas um coração d'oiro.

—E' que vocemecês, passada a refrega, voltam socegados para sua casa e eu é que aturo as massadas... Em ellas me vendo no convento não ha tolice que não escogitem, uma diz que sente frio, outra calor, uma que anda a espirrar, outra a tossir, é um inferno, um nunca acabar.

Ainda assim, Francisco do Couto foi chamar uns cadeireiros, que foram logo buscar, mesmo sem licença, como era uso, uma cadeirinha, forrada de sêda da India, que estava sempre detraz da porta da rua do Sr. Antonio d'Oliveira Pereira e entrando para a mesma a fugitiva, escoltada pelos seus tres generosos protectores foi bater á portaria do convento da Gloria, entrando escuteiramente e recolhendo-se logo á sua cella, por dizer o medico, haver fracturado uma perna e achar-se perigosamente enferma.

O caso deu muito que fallar, em toda a ilha, sendo aberta a semelhante respeito uma devassa.

Havia então n'aquelle convento uma santa creatura, tambem freira professa e chamada D. Maria Aurora, pertencente á familia Rocha, da Horta.

Esta respeitavel senhora, movida por verdadeiros sentimentos de commiseração e acreditando, com toda a sinceridade, na doença da sua companheira D. Marianna Isabel Labath pedio e instou, apesar das recusas da supposta enferma, para ir pernoitar na cella da mesma, velando-a dia e noite, emquanto durasse a sua molestia.

Em breve, porem, habitando juntas, reconheceu o embuste da tal fractura da perna, e, redobrando ainda assim, de carinhos para a sua irmãa de clausura, era quem a acompanhava alta noite a tomar ar e dar alguns passos na cêrca e no cemiterio, por quanto D. Marianna, durante o dia, conservava-se deitada sobre a cama, recebendo amiudadas e curiosas visitas do numeroso pessoal d'aquella casa.

Na noite seguinte á da fugida das duas freiras, alguns rapazes da Horta, foram, em segredo, ao areal junto do Castello-Novo, aonde os *Terraços* varam as suas lanchas de pesca, buscar uma d'aquellas embarcações, que trouxeram á força de braços até ao portão do mosteiro da Gloria, deixando-a alli bem espequiada e direita, de remos armados e com uma bandeira ingleza hasteada na pôpa.

Toda a gente, de manhã, rio-se muito d'aquelle espectaculo, não

havendo tambem freira alguma que, atravez das grades, não viesse ver a *brincadeira*, umas zangando se, outras levando o cazo de chacota, e os pobres *Terraços*, a praguejar, que nem damnados, tiveram de vir buscar ás costas, a sua lancha, para sahir ao mar.

Appareceram tambem, pelas esquinas, alguns pasquins em verso, com pinturas eroticas e d'uma nudez revoltante, pondo as freiras todas pelas ruas da amargura, mas isto só provocou hilariedade e debalde procuramos o motivo por que, semelhantes factos, segundo o dizer d'um circumspecto historiador, *muito penalisaram* os habitantes da Horta.

Estamos até persuadidos que, n'esta povoação, todas as familias, tanto na noite da fuga, como nos dias subsequentes, almoçaram, jantaram e ceiaram como habitualmente, e, em quanto aos roubadores das freiras, se accaso ainda hoje vivessem, attendendo aos precedentes da entrada de muitas para os conventos, não seria mal cabido ir-lhes concedendo alguns premios de virtude, o de Montoyon, por exemplo.

Aquillo tudo foi mais por piedade, do que por lebidinoso amôr, viam algumas d'aquellas infelizes raparigas enclausuradas contra a sua vontade e, santos homens !, tentavam dar lhes a apetecida liberdade, rompendo os varaes da gaiola afim d'essas avesinhas, de sonóro canto e fina plumagem, poderem ir correr terras e ver mundo.

Santos homens, repetimos, apesar de pertencerem a uma religião diversa da nossa.

São maneiras de pensar.

Apesar da devassa, da publicidade do facto, dos pasquins, do escandalo em fim, D. Marianna Isabel Labath, não permaneceu uma unica hora que fosse no carcere do convento. O curativo da perna fracturada, dizia o medico Zepherino Gonçalves, era rebelde a todo o tratamento e tinha de durar muitos e muitos mezes, se accazo elle não se visse alguma vez obrigado a serrar a mesma, como se serra um ramo d'uma possante arvore.

Quando o velho medico dizia isto, era um dia de lagrimas no convento, todas as freiras se condoiam da enferma, não havendo, honra lhes seja, carinhos que não lhe fossem prodigalisados.

Passaram mezes e annos e afinal D. Marianna andava livremente por todo o convento.

Grandes foram os extremos de amizade que, desde aquella desgraçada noite da fuga recebera de D. Maria Aurora e tanto assim que tornando-se na clausura duas inseparaveis amigas, quando foram extinctos os conventos viveram tambem, sempre juntas no seculo.

Foi na rua do Mar, n'uma casa proxima da Bôa Viagem que ainda na nossa infancia, viemos a conhecer estas duas senhoras, prestacionadas então pelo Estado.

D. Maria Aurora Rocha morreu, etica, com 75 annos de edade no dia 14 de Junho de 1865, cercada do respeito e consideração de

vidas a uma dama de elevadissimas e incontestaveis virtudes e a pobre D. Marianna, antecedentemente, a 11 de Abril de 1862 havendo, porem, cahido, nos seus ultimos annos n'uma monomania religiosa, com intermittencias de completa alienação mental. Tinha 83 annos.

D. Rosa de Lima essa foi, relativamente, feliz.

Tendo havido por occasião do seu rapto queixas das authoridades locaes, ao general, residente em Angra, este dirigio-se officialmente ao governo da metropole, denunciando-se o facto, d'um official da marinha de guerra d'aquella nação ser o author e andar envolvido em tão improprias aventuras, n'estas verdadeiras tropelias.

O governo inglez deu attenção a semelhante reclamação, correndo em Londres um processo a esse respeito, do qual resultou o commandante da corveta soffrer, por castigo, uma estação de dois annos no Mediterraneo, isto é, n'uma das mais agradaveis paragens do mundo para semelhante fim.

Constou depois n'esta ilha, como é muito natural, que D. Rosa de Lima passou tambem dois annos na Italia e nos diversos portos aonde permanecia o navio do seu amante e raptor.

Expiada a culpa e quando voltou á patria, desposou solemnemente e de seu motu proprio aquelle official da marinha britanica a sua amante, estabelecendo-se em Londres, com grandesa e fausto.

O marido de D. Rosa de Lima chegou ao elevado posto de almirante, morrendo em avançada edade.

Ainda recentemente existia na Inglaterra esta senhora, já então viuva e com uma filha, indo d'esta ilha visital-a o seu sobrinho Francisco Antonio da Silveira, pharmaceutico.

Falleceu, depois, tambem assaz edosa.

Teria sido, accaso, mais feliz no convento? — não o acreditamos.

*
* *

Com relação ao rapto de mais duas freiras, ainda do mesmo convento da Gloria, soror D. Anna Luiza Emmerenciana e soror D. Branca de la Cerda, filha d'uma distincta familia fayalense e irmãa do notavel poeta, João Pereira de la Cerda, muito pouco se sabe, constando que fugiram, nocturnamente, com uns capitães de navios mercantes, *tambem inglezes* e pelo postigo d'um portão lateral do convento, que ainda hoje existe, na Travessa da Gloria.

O pouco que podemos averiguar, com alguns visos de verdade, é que estas duas religiosas fugiram com o capitão e piloto d'uma barca estrangeira, ignora-se a nacionalidade, que a esta ilha havia arribado e aonde, por causa de grossas avarias que soffrera no alto mar, se demorou alguns mezes.

Descendentes de John Bull, o que não nos parece natural, pela constante repetição do facto, carregam ainda, aos olhos de muita gente, com a gloria de mais esta aventura.

Pois já não havia mais nações na terra?

D. Anna Luiza Emmerenciana e D. Branca de la Cerda, mais tarde, no decurso de uma accidentada vida, foram parar ao Brazil, recolhendo-se ao convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, na cidade da Bahia, aonde fallaram com ellas individuos d'esta ilha que á Bahia tinhão ido em especulações commerciaes da vendagem de vinhos do Pico.

Com a vista dos seus compatriotas accenderam-se no coração de D. Anna Luiza Emmerenciana vividas saudades da sua terra e profundo desejo de para a mesma voltar, entregando, n'este sentido, uma petição a um dos seus patricios para a apresentar á madre abbadessa da Gloria.

No convento houve grande alegria com a recepção de semelhante missiva e os mais sinceros desejos de annuencia á supplica da irmã d'aquella casa existente em remotos climas.

Requereram as freiras do convento da Gloria, implorando do cabido em Angra, a permissão de ser acolhida novamente n'aquella casa sorôr Anna Luiza Emmerenciana, sendo providas na sua petição, noticia esta que foi celebrada com varias devoções na egreja do Mosteiro.

Isto occorria no anno de 1815.

Ou fosse, porem, por doença, ou por qualquer outra circumstancia, não chegou aquella religiosa a effeituar o seu regresso para o Fayal, nem jamais aqui tambem voltou a sua companheira D. Branca.

Ambas falleceram em terra estranha e assaz longinqua.

. . .

# 1832

## CONVENTO DE S. JOÃO

### na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, na Villa da Horta, ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

| Numero | Nomes | Estado | Annos de edade | Profissão |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Maria Rita (abbadèssa) | Religiosa | 67 | Professa |
| 2 | Luiza Thomazia (vigaria) | « | 58 | « |
| 3 | Francisca Marianna Telles (def.[a]) | « | 87 | « |
| 4 | Thereza Joaquina ( « ) | « | 84 | « |
| 5 | Ignacia Bernarda ( « ) | « | 84 | « |
| 6 | Isabel Margarida | « | 85 | « |
| 7 | Catharina Perpetua ( « ) | « | 79 | « |
| 8 | Rita Francisca | « | 76 | « |
| 9 | Genovefa Felicia | « | 79 | « |
| 10 | Eliza Thomazia | « | 66 | « |
| 11 | Prudencianna Roza ( « ) | « | 70 | « |
| 12 | Marianna Narciza ( « ) | « | 62 | « |
| 13 | Cecilia Magdalena | « | 62 | « |
| 14 | Maria Magdalena Linhares ( « ) | « | 57 | « |
| 15 | Francisca Rita ( « ) | « | 58 | « |
| 16 | Antonia Marianna Linhares ( « ) | « | 56 | « |
| 17 | Rita Izabel | « | 55 | « |
| 18 | Maria Rosalia | « | 54 | « |
| 19 | Joanna Thomazia | « | 64 | « |
| 20 | Ignacia Isabel | « | 50 | « |
| 21 | Maria Vicencia | « | 56 | « |
| 22 | Maria Felicianna | « | 49 | « |
| 23 | Maria Candida | « | 51 | « |
| 24 | Barbara Benedicta | « | 49 | « |
| 25 | Maria Helena | « | 55 | « |
| 26 | Maria Luiza Telles | « | 49 | « |
| 27 | Anna Luiza | « | 50 | « |
| 28 | Damianna Francisca | « | 50 | « |
| 29 | Francisca Ursula Telles | « | 47 | « |
| 30 | Maria Carlota | « | 46 | « |
| 31 | Maria de Pazzi | « | 55 | « |
| 32 | Maria Isabel | « | 45 | « |

| Numero | Nomes | Estado | Annos de idade | [illegible] |
|---|---|---|---|---|
| 33 | Joanna Margarida Telles | Religiosa | 45 | Professa |
| 34 | Antonia Carlota | « | 44 | « |
| 35 | Joaquina Marianna | « | 44 | « |
| 36 | Maria Thomazia | « | 45 | « |
| 37 | Maria Barbara | « | 50 | « |
| 38 | Rosa Emmerenciana Telles | « | 43 | « |
| 39 | Ignacia Delfina Telles | « | 42 | « |
| 40 | Isabel Narcisa | « | 47 | « |
| 41 | Mauricia Candida | « | 44 | « |
| 42 | Roza Luiza | « | 44 | « |
| 43 | Aurelia Luiza | « | 44 | « |
| 44 | Pulqueria Ludovina | « | 43 | « |
| 45 | Marianna Delfina | « | 40 | « |
| 46 | Rozalia Francisca Telles | « | 39 | « |
| 47 | Anna Dorothea | « | 38 | « |
| 48 | Maria Delfina | « | 41 | « |
| 49 | Marianna Felisarda | « | 38 | « |
| 50 | Raquel Felisarda | « | 38 | « |
| 51 | Clara Ludovina | « | 41 | « |
| 52 | Maria Angelica | « | 32 | « |
| 53 | Rosa Candida | « | 38 | « |
| 54 | Luiza Izabel Telles | « | 36 | « |
| 55 | Maria Constança | « | 46 | « |
| 56 | Rosalinda Angelica | « | 54 | Noviça |
| 57 | Thomazia Alexandrina | Solteira | 34 | Educanda |
| 58 | Francisca Joaquina de Lacerda | « | 35 | « |
| 59 | Brizida Micaella | Viuva | 71 | Encostada |
| 60 | Roza de St.ª Catharina | Solteira | 90 | Famula |
| 61 | Josefa de St.ª Rita | « | 61 | « |
| 62 | Simôa de St.ª Anna | « | 85 | « |
| 63 | Maria do Espirito Santo | « | 88 | « |
| 64 | Maria de São Jacintho | « | 77 | « |
| 65 | Maria de Santa Rita | « | 61 | « |
| 66 | Agueda do Amôr Divino | « | 69 | « |
| 67 | Maria do Carmo | « | 50 | « |
| 68 | Thereza do São Joaquim | « | 73 | « |
| 69 | Thereza do Sacramento | « | 78 | « |
| 70 | Rita de Jesus | « | 66 | « |
| 71 | Josefa de Jesus | « | 63 | « |
| 72 | Anna de São Bôaventura | « | 70 | « |

| Numero | Nomes | Estado | Annos de edade | Proficsão |
|---|---|---|---|---|
| 73 | Thereza do Nascimento | Solteira | 87 | Famula |
| 74 | Ignacia de Jesus | « | 63 | « |
| 75 | Isabel de São Francisco | « | 67 | « |
| 76 | Francisca de St.ª Maria | « | 68 | « |
| 77 | Quiteria de São João | « | 55 | « |
| 78 | Anna de São Vicente | « | 56 | « |
| 79 | Rosa de Santa Anna | « | 68 | « |
| 80 | Helena de St.ª Rita | « | 68 | « |
| 81 | Anna do Céo | « | 56 | « |
| 82 | Francisca do Desterro | « | 54 | « |
| 83 | Marianna de São Jeronimo | « | 59 | « |
| 84 | Maria de St.º Antonio | « | 76 | Creada |
| 85 | Marianna de St.ª Rita | « | 61 | « |
| 86 | Maria do Desterro | « | 27 | « |
| 87 | Francisca dos Anjos | « | 30 | « |
| 88 | Maria de St.º Ignacio | « | 72 | « |
| 89 | Joanna de Jesus | « | 32 | « |
| 90 | Francisca de St.º Ignacio | « | 55 | « |
| 91 | Marianna de Santa Thereza | « | 75 | « |
| 92 | Luiza do Amôr Divino | « | 30 | « |
| 93 | Joaquina do Carmo | « | 14 | « |
| 94 | Luiza dos Anjos | « | 42 | « |
| 95 | Roza de St.ª Maria | « | 40 | « |
| 96 | Paciencia do Céo | « | 25 | « |
| 97 | Rita de St.ª Catharina | « | 52 | « |
| 98 | Maria de São Bernardino | « | 28 | « |
| 99 | Anna de Belem | « | 60 | « |
| 100 | Ignacia de São José | « | 32 | « |
| 101 | Luiza do Espirito Santo | « | 38 | « |
| 102 | Francisca de Jesus | « | 16 | « |
| 103 | Maria de Nazareth | « | 28 | « |
| 104 | Francisca do Coração de Maria | « | 48 | « |
| 105 | Angelica do Desterro | « | 37 | « |
| 106 | Catharina de St.ª Isabel | « | 62 | « |
| 107 | Maria da Pureza | « | 23 | « |
| 108 | Anna de São José | « | 32 | « |
| 109 | Maria de St.ª Izabel | « | 40 | « |
| 110 | Luiza do Coração de Jesus | « | 18 | « |
| 111 | Anna do Coração de Jesus | « | 29 | « |
| 112 | Roza da Annunciada | « | 30 | « |

| Numero | Nomes | Estado | Annos de edade | Profissão |
|---|---|---|---|---|
| 113 | Maria dos Anjos | Solteira | 23 | Criada |
| 114 | Francisca do Coração de Jesus | « | 23 | « |
| 115 | Rita do Amôr Divino . | « | 36 | « |
| 116 | Maria da Conceição | « | 25 | « |
| 117 | Catharina de St.º Antonio | « | 18 | « |
| 118 | Maria de São Joaquim | « | 38 | « |
| 119 | Helena da Annunciada | « | 47 | « |
| 120 | Rita do Coração de Jesus | « | 40 | « |
| 121 | Maria da Annunciada | « | 30 | « |
| 122 | Maria das Dôres | « | 14 | « |

## Resumo

| | |
|---|---|
| Freiras professas . . . . . . | 55 |
| Noviças . . . . . . . . | 1 |
| Educandas . . . . . . . | 2 |
| Encostada . . . . . . . | 1 |
| Famulas . . . . . . . . | 24 |
| Criadas particulares . . . . . | 39 |
| Total . . . . . . . . | 122 |

Havia ainda a religiosa Margarida Graham, de 30 annos de edade, então por doença residindo fóra do mosteiro, n'uma caza da rua da Misericordia, hoje de D. Pedro 4.º.

Os criados, para o serviço externo do convento de S. João, eram os seguintes:

José Joaquim Ferreira, casado, de 47 annos, morador na travessa de Santo Antonio.

Manuel Caetano, casado, de 44 annos, morador egualmente na travessa de Santo Antonio.

Manuel, solteiro, de 18 annos, filho de Isabel Marianna, moradora na rua da Matriz Velha.

Com relação a D. Margarida Graham, que acima mencionámos e que, apesar de freira professa residio por muito tempo fóra da clausura, conseguimos obter as seguintes informações:

Para a ilha do Fayal viera, havia já bastantes annos, no cargo de vice-consul inglez, um cavalheiro d'aquella nacionalidade, de religião protestante, chamado Alexandre Graham.

Era homem que se tratava com grandesa, tendo tambem na sua patria um irmão muito rico. que o protegia, não cessando de lhe remetter valiosissimos presentes, tanto em dinheiro, como em objectos de subido preço.

M.r Alexandre Graham tinha tres filhas, D. Maria, D. Ignacia e D. Margarida, que todas professaram no convento de São João, da Horta, aonde durante alguns annos viveram juntas.

Para maior commodidade d'estas senhoras, Alexandre Graham mandou construir, na cèrca do convento, uma grande casa de tres andares (um para cada filha) precedida de larga escadaria e mobilada com grande luxo, aonde as mesmas residiam, com as suas criadas, sujeitas ás obrigações da clausura, mas, ainda assim, em relativa liberdade.

Alem do dote com que entraram para o convento, tinha cada uma das filhas de Alexandre Graham, uma mesada de cincoenta mil reis, para o seu bolsinho, não contando repetidas e valiosas dadivas que, tanto o pae, como o tio, residente na Inglaterra, pelas festas, dia de annos &, lhes faziam, e que constavam, por vezes, de esplenda louça da India, que a possuiam como ninguem no Fayal, baixellas de prata, peças de finissimos pannos, quando não eram rôlos, muito regulares, de libras sterlinas.

Assim as freiras Grahams eram falladas pela sua riquesa, sendo as tres irmãs de caracter muito generoso, esmolando a muita gente e accudindo, por vèzes, com mão larga, ás necessidades do convento, ou das suas companheiras menos favorecidas da fortuna.

Todos os dias ia, á portaria de São João, mandado do pae, um velho prèto que este trouxera comsigo, receber as ordens das Snr.as Grahams, ou comprar-lhes quaesquer artigos de que carecessem.

Este africano, conhecido na Horta e em casa do vice-consul, pelo nome de *Mani*, andava sempre muito acceiado, de chapeu armado, grandes collarinhos, cadeia d'oiro no relogio, casaca e botas muito envernisadas, de cano alto e com a respectiva borla de retroz azul ferrete.

Dizia ter sido rei, na sua terra, como o nome indicava.

O *Mani* era um homem essencialmente sério, gosando inteira confiança do velho inglez, e tratado como um pagem, ou criado grave.

Vivia em casa de M.r Graham, n'um quarto muito bem mobilado, ao rez do chão, e alli mesmo lhe vinham trazer as quotidianas refeições.

Ora, D. Margarida Graham, senhora muito formosa, elegante e de

esmerada educação, apesar da grandesa com que vivia no convento, começou a desgostar-se da reclusão d'aquelle mosteiro, deligenciando obter de Roma, a titulo de doente, um breve pontificio que lhe permittisse viver no seculo.

E nem foi atribuida na Horta semelhante resolução a menos respeito para com a nossa fé, tanto mais que Alexandre Graham, a pedido da esposa, natural d'esta ilha, e das filhas, consentira em baptisar-se, entrando no gremio da religião catholica romana, o que deu logar a grande regozijo publico e a notaveis festas nos conventos e em casa do neophito, festas tanto mais ruidosas, quanto era elevada a posição do mesmo.

Ainda assim a concessão para D. Margarida Graham sair do convento ia custando, segundo se dizia, grossas sommas e afina! foi esta provida no seu desejo, mas quando o pae já havia fallecido, bem como algum tempo antes a sua mãe.

D. Margarida deixou, pois, a clausura, indo residir com duas criadas e o preto *Mani*, por criado grave, para uma casa, que lhe pertencia, sita na rua da Misericordia (modernamente de D. Pedro 4.º) e que hoje tem o numero de policia 9.

Vivia á lei da nobreza, relacionando-se com as principaes familias da Horta, frequentando sociedades, embora vestida de freira, e estabelecendo ás terças feiras umas partidas em sua casa, ás quaes concorriam diversas damas e cavalheiros da aristocracia fayalense, sendo ella uma das parceiras ao voltarête, do governador politico militar, o tenente coronel Diogo Thomaz Rocheleben, um dos mais assiduos frequentadores d'aquella casa.

Este distincto official do nosso exercito, oriundo de uma familia allemã e que esteve no Fayal mais de quatro annos, isto é, desde Janeiro de 1823 até 2 de Setembro de 1828, era alem de um militar illustradissimo e de grande tacto governativo, um cavalheiro de finas maneiras, de figura agradavel, essencialmente amante de musica e apesar de homem serio e investido d'um elevado cargo, não desdenhando de fazer parte, como tocador de violino, no que era eximio, d'uma orchestra de amadores, então na Horta existente, na qual tocou por varias vezes em espectaculos de um theatro de curiosos, então aqui existente.

Teria n'esta epocha, de quarenta a quarenta e cinco annos sendo muito estimado da sociedade elegante d'esta terra.

D. Margarida Graham contaria nos trinta annos já feitos.

A assiduidade do governador Rocheleben á moradia d'esta senhora começou a dar que fallar, tanto mais n'uma pequena localidade, na qual nem sempre abundam assumptos de variada conversação, acrescendo ainda que a elevada posição d'aquelle official e as circumstancias excepcionaes em que se achava a religiosa do convento de São João,

mais dava nas vistas, atiçando a curiosidade publica, na espectativa de algum grande escandalo.

Não ignorava D. Margarida o que, a seu respeito, já se andava vozeando, mas isto não conseguio molestal-a e, muito ao contrario, parecia não desejar occultar o seu affecto pelo tenente coronel Rocheleben, continuando este a visital-a frequentes vezes, a concorrer ás partidas e a dedicar-lhe mil attenções.

Houveram, acaso, alguns compromissos amorosos entre a freira e o governador militar?

Assim parece.

D. Margarida Graham, que já havia obtido, em Roma, despacho favoravel áquella difficil demanda para viver fóra do convento, intentou então outra, ainda mais séria acção, qual a de possuir um breve pontificio que lhe annulasse os votos.

O fim d'isto, todos sabiam, era o seu projectado casamento.

Patrocinava poderosamente, esta nova pretenção o tio que estava na Inglaterra e tanto d'aqui, como d'aquelle paiz, dizia-se que importantes sommas seguiam para Roma, afim de aplanar as difficuldades que, necessariamente se levantariam a semelhante respeito.

As noticias que chegavam eram, não obstante, promettedoras.

Não perdia, no emtanto, o seu tempo D. Margarida, na então muito animada sociedade da Horta, bailes, partidas campestres, jantares &, faziam-lhe passar alegremente a vida, tanto mais que a todas essas festas concorria tambem, pelo seu genio tratavel e amigo de bôa companhia o governador Rocheleben.

Uma vez a freira Graham, que jámais havia visitado a esplendida Caldeira, sita no cume d'esta Ilha e uma das primeiras bellezas naturaes dos Açôres, lembrou-se de arranjar uma grande caravana, para alli ir passar um dia.

Agremiaram-se áquelle pensamento diversas familias, das principaes da Horta, constituindo assim um rancho de numerosas damas e muitos cavalheiros.

D. Margarida Graham foi incansavel nos preparativos e o prêto *Mani*, apesar da sua fleugma e seriedade, quasi musulmana, esteve d'esta vez arriscado a perder o juizo, tanto mais tendo a sua elegante senhora declarado, positivamente, aos excurcionistas, que corria por sua conta tudo o que dissesse respeito a comestiveis, parte obrigatoria de semelhantes digressões.

Felizmente n'aquella casa havia dinheiro, muita louça da India e abundosa baixella de prata.

Ao major João Pedro Soares Luna, commandante d'um corpo de artilheria superior a cem praças, na Horta existente, e que trouxera do continente uma grande barraca de campanha, foi esta pedida, para abrigo das damas nas agrestes cumieiras da *Caldeira*, a qual foi pres-

tada da melhor vontade, tanto mais fazendo o seu possuidor tambem parte da comitiva.

Para maior commodidade das damas n'aquella longa jornada, de tres horas de continua subida, arranjaram-se, como o melhor meio possivel de locomoção n'aquelles maus caminhos, diversos carros puxados a bois, com vistosos toldos e bôas enxergas aonde as mesmas fossem sentadas e escoltadas por alegre sequito de cavalheiros.

Cada carro era precedido por dois homens de serviço, armados de machado ou sacho, para aplanar os *calços* que sempre se encontram no matto, produzidos pelo correr das aguas durante o inverno.

D. Margarida Graham, a promotora d'aquella festa, ia no ultimo carro e alguns dos rapazes d'aquella grande patuscada a pedido do governador que, como já dissemos, era enthusiasta por muzica, levaram diversos instrumentos, com que animavam o transito.

A freira parecia uma princesa que ia em viagem e o vozear d'aquella alegre turba e a bulha de tantos carros e cavallos, fez levantar das camas muitas familias, ainda lusco-fusco, para ver passar a caravana, na sua peregrinação a esta especie de Meca fayalense.

Os primeiros alvores da madrugada promettiam um dia esplendido, a aurora vinha vermelha, o ceu não tinha uma nuvem e o vento estava sereno.

De mais a mais havia uns poucos de dias que não chovêra, requisito necessario para, mais agradavelmente, ir áquelle alteroso sitio, e onde existem musgos enormes em que nos afundâmos até aos joelhos e que, estando orvalhados, alagam immenso.

A primeira paragem foi n'uma planicie, nos mattos da freguezia dos Flamengos, aonde um frugal almoço foi servido, leite mórno, ali mesmo mugido das vaccas que andavam nos pastos, diversas viandas assadas, pão finissimo, expressamente para este dia manipulado no convento de São João, dôces e vinhos generosos.

Os primeiros raios do sol nascente alegravam aquelle quadro realmente encantador, a brisa acre e perfumada dos descampados estimulava o apetite das mais melindrosas damas e finda a refeição, aos sons festivos da improvisada orchestra, recommeçaram a jornada.

Era preciso chegar cêdo á beira da *Caldeira*.

Assim aconteceu, a subida das serras teve afinal um termo e a immensa cratera, vencidas as derradeiras escarpas que a circumdam, abrio-se repentinamente aos pés dos visitantes, na sua imponente magestade, não deixando, porem, ver as suas encostas até ao fundo, pois que apresentava, talvez a meia altura, o aspecto de um mar de nuvens, que rolavam umas de encontro ás outras, n'aquella vasta bacia de 5.500 metros de circumferencia e 1.021 metros de profundidade.

Era a vista de um grande lago limitado por formosissimas margens.

O sol erguia se, porem, no desannuviado firmamento e a propor-

ção que ficava mais alto, tingia de doiradas cambiantes a alvura das movediças nuvens e estas começaram a erguer-se lentamente, umas em graciosos espiraes, outras como passaros gigantes que desenrolassem enormes azas.

Subiam, subiam lentamente, pairavam alguns momentos ao nivel das cumieiras e depois o mais leve sôpro do vento as levava para o espaço, em differentes direcções.

Este phenomeno que, no principio se operara com lentidão, redobrava, agora, de velocidade e as ultimas nuvens, as mais do fundo, pequenas e nitidas, atrahidas celeremente pelo sol, pareciam um numeroso bando de pombas que fugiam espavoridas das grandes profundidades aonde haviam pernoitado.

A *Caldeira* ficou afinal completamente limpa.

A vista admirada dos espectadores d'aquella maravilha da natureza, poude então descer até ao fundo da cratera, em baixo perfeitamente plana, e com formosissimas relvas circumdando uma lagôa, semeada de algumas verdejantes ilhotas, em quanto que pelas vertentes da Caldeira uma enorme variedade de plantas silvestres, delicadas e festivas côres, fetos, urzes, zymbreiros, bagas e flores rubras, brancas ou amarellas, pollulavam por toda a parte.

Um encanto emfim.

Gastam-se, geralmente, duas horas em correr a Caldeira em redor, das summidades da qual se vão avistando todas as freguezias do Fayal, dispersas de distancia em distancia no litoral da ilha, com a unica excepção dos Flamengos, a mais d'uma legua distante da beira-mar.

Correr a *Caldeira* em roda é o usual passeio de quem visita aquelles ermos, em quanto se aguarda o jantar e assim fizeram os nossos convivas depois do necessario descanço e de comtemplar alegremente aquelle admiravel panorama.

Esta *Caldeira* da ilha do Fayal é, indubitavelmente, assaz formosa, mas, ainda assim, ha nos Açôres, outra no mesmo genero, mas muito superior em bellesa.

Referimo-nos ao Valle das Sete Cidades, em São Miguel, do qual já tratamos a pag. 153 d'este Volume.

Emquanto damas e cavalheiros percorriam a beira da *Caldeira*, emquanto D. Margarida Graham, conjunctamente com o tenente coronel Rocheleben admiravam varios sitios d'aquelles arredores, emquanto o major Lima, parando ora n'uma ora n'outra saliencia do terreno, tomava notas n'uma carteira, para depois mandar d'aqui fóra imprimir, em folhèto, uma descripção d'aquelle logar, denominando a grande altura em que se achava, centos de metros acima do nivel do mar, a *varanda dos encantos da naturesa*, a criadagem, que acompanhava os excurcionistas, armara a barraca de campanha, ajuntara, para servir de mèsa, um grande estrado, adrede trazido da Horta, hastea-

ra paus com bandeiras em redor da hospitaleira tenda e enfeitara com festivos festões de verdura e flores, todo o interior d'aquelle recinto, que até se achava alcatifado, pois que nada esquecera a previdente freira, para commodidade do prestito que a acompanhava.

Pela uma hora da tarde começaram a chegar, da Horta, diversos homens com taboleiros á cabeça, carregados de comestiveis, por quanto d'esta forma vinham melhor acondicionados, do que as eguarias amachucadas em cestas.

D. Margarida Graham havia encommendado no seu convento, aonde viviam as irmãs, um opiparo jantar, sem olhar a gastos e as freiras mettidas em bicos e com ordem franca, fizeram requintes de gostosos manjares e delicadissimos doces, alem de grande numero de alentadas e succulentas peças de resistencia.

Alcatras de vacca, lombos de porco, perus, patos, gallinhas e pombas eram ás duzias, sem contar enorme profusão de tigellas de marmelada, covilhetes de doces d'ovos, manjar branco, papas rosadas e centos d'outras golodices.

Os magnificos vinhos do Pico e finissimos licores tambem alli brilhavam em botelhas de cristal.

Toda a louça da mesa era da India, os vidros de finos lapidados, facas, garfos e colheres de prata.

Não fazia vergonha a quem quer que fosse, até mesmo a uma regia personagem os aprestos de semelhante banquete.

O *Mani* é que estava presidindo áquelles arranjos todos, em quanto a sua formosa ama, andava de braço dado com o Governador a apanhar flores e fetos do matto, e o resto dos convivas entretendo-se como melhor podiam.

E havia alli muito que ver e muito que admirar, sem que, nem por sonhos queiramos insinuar ao leitor que esta funcção era semelhante áquella de que trata Nicolau Tolentino d'Almeida, o nosso Boileau portuguez, abundante em peripecias, não lhe esquecendo até, a respeito de certa matrona, notar que—

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'esta rua
Está São Sebastião,
De Venus á estatua nua
Faz mesura e oração.

Não senhores, isto aqui era a sério.

A hora de jantar havia sido combinada para as duas depois do meio dia, ficando até então os convidados livres para ir aonde lhes agradasse.

A'quella hora somente é que todos deviam estar reunidos.

N'isto andara com verdadeira mestria a esperta freira, pois em

semelhantes partidas é quasi sempre dos maiores defeitos cada pessoa estar sujeita a vontade do seu amphytrião, tornando se por conseguinte um dia que se espera de folga n'um dia de verdadeira sujeição.

Pois não é verdade?

D. Margarida Graham, por exemplo, subio lá para cima d'uns serros mais o Sr. Governador, rapazes e raparigas, a gente nova, foram juntos ver diversos sitios distantes, emquanto que os individuos pacatos e já de certa edade, estendidos na relva, gosavam a frescura e os pacificos encantos d'aquelles ermos, sem o incommodo de longos passeios, que lhes seriam penosos.

Houve dama, já entrada em annos que se sentou á entrada da barraca, não se arredando nunca do quartel general.

Assim, sim, tudo o mais seria prazer para uns e aborrecimento para outros, para ser um dia cheio é preciso que todos estejam á vontade como em sua casa.

Approximaram-se as duas horas da tarde, bem como os convidados, um ou outro mais abelhudo, ou de melhor estomago, já penetrara no interior da grande barraca, ficando deslumbrado de quanto alli vira, uma profusão enorme, que nem na grande festa dos Carmelitas da Horta, no jantar da prova dos seus excellentes vinhos, em dia de São Martinho.

O *Mani* dava a ultima de mão áquillo tudo e diversas fogueiras estavam accêsas n'aquelles arredores, para aquecer alguma peça de vianda que por ventura estivesse resfriada.

Afinal a hora solemne soou.

Entrou todo o rancho para o interior da barraca, sentavam-se em redor do estrado, D. Margarida ao lado do Governador, os namorados procurando amaveis visinhanças, a gente sisuda carregando toda para um lado e com olhos nas terrinas.

Ia começar o banquete.

Devemos observar, porem, que haveria uma meia hora, algumas nuvens tinham vindo poisar-se nas mais altas saliencias das cumieiras da *Caldeira* e que um vento esperto se alevantara.

O sol escurecêra quasi repentinamente.

—Teremos chuva?—perguntou alguem.

—Qual! . . . isto não é nada, algumas nuvens que vão passando, d'aqui a instantes temos outra vez um tempo soberbo.

Apesar, porém, d'estes bons desejos, as nuvens começaram a tomar imponentes dimensões, correndo pressurosas pela crista dos montes, engolfando-se no interior da cratera e accumulando-se por toda a parte;— o tempo tornara-se tambem mais sombrio, parecendo o cahir da noite.

E que ventania, Santo Deus!

Os pannos da barraca do Luna, pareciam as velas d'um navio,

ora enfunando-se, pejadas de vento, ora subitamente retomando a pancada, á sua antecedente posição.

Um ou outro conviva já se havia erguido, indo vêr á abertura da tenda o cariz do tempo.

—E então?!..—perguntavam-lhe de dentro.

—Isto não é nada, são nuvens que passam, o vento é que está atrevido.

—Em todo o caso o mais acertado é irmos comendo alguma cousa, por que isto n'estas alturas...

—Não e seguro, lá isso é verdade.

D. Margarida servia então a sôpa e os ditosos que da mesma chegaram a provar, pela amostra poderam avaliar a sciencia culinaria das freiras de São João.

Que sopa saborosa!

De repente, porem, uma impetuosa rajada de vento berrou como uma matilha de lobos n'aquelles descampados, a barraca gemeu lugubremente, mostrando, toda enfunada, fortes tendencias de voar pelos ares, duas ou tres estacas do lado do vento foram arrancadas e um rasgão bem comprido deixou a intemperie vir bater de chofre nos convivas.

As damas, aterrorisadas, soltaram um grito de pavor, o tempo escureceu ainda mais e dentro da barraca era quasi lusco-fusco.

—Isto vae se tornando serio, muito serio!—exclamava um mais pusillanime chefe de familia—n'estas alturas uma borrasca é de respeito, olé!..

—Qual!.. isto não é nada, são nuvens que vão passando—respondia um rapaz, que apesar da tormenta se achava, excellentemente, ao lado da filha do mesmo.

Os criados taparam, como poderam, o rasgão da barraca e batiam com pedras nas estacas, para as segurar melhor.

Baldados esforços.

A tempestade ia n'um *crescendo* e rebentava, agora, em toda a sua furia.

A barraca, sempre com tendencias de indomita ave, despedaçou as peias de toda uma banda, atirando se de pancada por cima da meza e d'alguns dos convidados, houveram gritos, desmaios e contusões, erguendo-se subitamente quem poude e ficando outros embrulhados nas dobras da lôna, a criadagem acudio em soccorro dos naufragos, uma parte do estrado virou e começaram a rolar pelo chão, pães e alcatras, garrafas e terrinas.

Um azulado relampago illuminou então todo o firmamento, seguido de estrondoso ribombar do trovão e d'uma chuva tão densa e cerrada, que parecia deitada do ceu a potes.

—Misericordia!!.. morremos todos aqui!

—Aprompte os carros, apromptem os carros—bradavam outros.

—E' melhor procurar algum abrigo, devem haver por ahi furnas.
—Vamos embora quanto antes, é descer emquanto é tempo.
Outra fusilada e respectivo trovão.
Alagados, uns sem chapeu, que lh'os arrebatara o vento, as damas embrulhando-se a muito custo nos chailes, escorregando n'uns sitios, enterrando-se no alto musgo em outros, toda a gente descia apressadamente do cimo da *Caldeira*, em procura dos carros e bêstas que haviam ficado mais abaixo, n'um sitio relativamente plano.
Não disse bem toda a gente, é falso.
Os criados, carreiros e homens de sacho e machado, como esfomeados abutres, apesar da tormenta, lançaram-se com unhas e dentes, é este o termo proprio, ao magnifico jantar, deixando os amos entregues ao seu destino, em tão arriscados e ingremes sitios.
N'aquella immensa debandada arrojaram-se sofregos ás melhores peças de viandas e aos mais soberbos vinhos e parecendo inconscientes da tormenta, o menos que cada um tinha na mão, ou em que fincava os dentes era n'um peru assado, n'um lombo de porco, ou n'uma alcatra.
Disfarçavam a chuva, empinando garrafas.
Dois unicos d'estes homens não estavam desmoralisados, o *Mani* e o camarada do major Luna.
O prêto, principalmente, tornara-se fulo de raiva, gritava que deixassem *a de comida*, que fossem em auxilio dos amos, *mas os brutos a nada se moviam!*
O *Mani*, desesperado, lembrou-se então do seu paiz e dos seus tempos de luctas, atirou por terra o chapeu armado, alisou a carapinha, inclinou o corpo para diante e chegou os braços em sentido contrario e, de cabeça baixa, como um toiro, investio de marrada contra o primeiro marâu que vio na sua frente.
A pancada foi valente, espantosa, o homem foi ao chão, em redemoinho por cima da relva, mas, não obstante, nunca largou o peru assado que estava devorando e, quando veio a parar, sentou-se no chão e continuou, como se coisa alguma houvesse occorrido, na sua manducação.
Que ar o da *Caldeira* para abrir vontade de comer . . .
Este mesmo processo, e com eguaes resultados, foi applicado pelo prêto a mais de meia duzia.
Pobre *Mani*! . .
O camarada do major Luna acercara-se do amo e elle e varios cavalheiros é que puseram, a muito custo, em marcha a caravana.
Nas alturas o prêto continuava ainda ás marradas.
Que difficil descida!
O vento, abaixo das cumieiras, não era tão forte, mas a chuva tinha visos d'uma repetição do diluvio universal.
D. Margarida, não sabemos por que artes, teve labias de no car-

ro em que ia, accommodar n'um cantinho o governador Rocheleben.

Sempre é bom fazer bem.

Á beira do matto, em mais de meia tarde e nas primeiras casas que encontraram, foram recolhidos os excursionistas.

Ninguem tinha um fio enxuto, nem o mesmo governador, apesar d'um chaile que lhe emprestara a caridosa freira.

As senhoras, aqui e alem, em diversas casas, foram-se abrigando e não poucas mettendo se nas camas, que a gente dos Flamengos lhes offerecia, em quanto a sua roupa seccava ao lume, ou vinham portadores á Horta em busca d'outras vestimentas.

Foi rara a dama que chegou a sua casa, pernoitando quasi todas n'aquella campesina freguezia.

Os homens é que muitos d'elles vieram até á Horta, enxugar-se e em busca de soccorros para os naufragos que tinham deixado nos Flamengos de cima.

O *Mani* só no outro dia é que appareceu, escalavrado, rôto e sem chapeu.

Estava soturno, terrivel.

Da louça da India, da sua ama, não havia escapado nem uma unica peça, das vitualhas nem o minimo fragmento e, para cumulo de desgraça, se o fiel servo havia conseguido acautellar muitas facas e garfos de prata, ainda assim faltavam umas tres duzias de colheres de sopa d'aquelle precioso metal.

Confessou o prêto, uma vez que conseguiram que elle fallasse, que a não ser na sua terra, quando perdêra uma batalha com outros pretos seus inimigos, que o aprisionaram, para depois o vender, apesar de ser rei, jamais soffrera um desgosto egual.

O roubador da prata foi, mais tarde, descoberto, entregando o furto e a pedido da generosa D. Margarida não houve contra elle qualquer procedimento judicial.

Ficou fallada, na chronica fayalense, aquella excursão.

Em 1828, por motivos politicos e temendo na Horta um movimento revolucionario, a que não tinham força para resistir, sahiam de noite, n'um hiate, da bahia de Porto Pim, o governador Rocheleben e o major Luna.

O breve de Roma, annullando os votos religiosos de D. Margarida, ainda não havia chegado, nem jámais chegou, apesar do muito dinheiro despendido e isto, conjunctamente com a ausencia do seu afeiçoado desgostou muito a elegante freira.

Pouco depois enfermou, apprehensiva e triste, e recolhida a casa arrastou por alguns tempos uma penosa existencia, até que veio a fallecer na Horta, sem jamais realisar tão desejado consorcio.

Ainda assim morreu no seio da oppulencia.

A's duas irmãs que sobreviveram, continuou o tio a mandar-lhes

da Inglaterra a usual mesada, mas fallecendo tambem este, um filho que tinha negou-se a satisfazer semelhante compromisso.

Gastaram muito dinheiro n'uma demanda sobre este assumpto, nos tribunaes inglezes, mas sem resultado que lhes fosse satisfatorio.

Os ultimos dias d'estas duas senhoras, das quaes ainda conhecemos a mais nova, D. Ignacia, foram passados no seu mosteiro e mais tarde, pela extincção das ordens religiosas, em modestas moradias, como pensionistas do Estado.

* * *

Em quanto ao major João Pedro Soares Luna, pela maneira distincta por que se portou n'esta ilha e pelo desenvolvimento que na Horta deu á arte theatral, não merece que o seu nome passe desapercebido.

Existia n'esta povoação, anteriormente a 1824, um corpo, permanente, de artilheria de umas 150 a 200 praças, com os seus respectivos cadètes, sendo commandado por um capitão e tres officiaes subalternos, até que, n'aquelle anno, veio de Lisbôa tomar a direcção do mesmo o major Luna, de que tratamos.

Os seus antecedentes eram honrosissimos, alem de um official muito illustrado, severo mantenedor da disciplina militar, alliava a estas bellas qualidades extrema delicadesa de maneiras e uma firmeza de caracter d'aquellas de antes quebrar que torcer.

Fizera, com muita distincção a campanha peninsular, sendo gravemente ferido na cabeça, durante uma acção e deixado por morto no campo da honra.

O major Luna era um decidido amador de espectaculos theatraes, conhecendo uma infinidade de peças tanto portuguezas, como estrangeiras, e sendo no palco um curioso de muito merito.

Na vida folgada que veio encontrar na Horta, tinha muitas horas livres e sobeja opportunidade de dar largas ao genio amante de instructivas distracções, tanto mais que o seu superior, o governador Rocheleben, incitava-o n'esse gosto pelas bellas artes, acompanhando-o nos seus civilisadores tentames.

O tenente coronel Rocheleben morava então na residencia do Livramento, aonde ainda actualmente costuma albergar-se a primeira authoridade militar da ilha e nos jantares que, aos domingos, este offerecia aos seus amigos e aos quaes sempre concorria o major Luna, commandante do corpo de artilheria, cujo quartel era no lado do norte do collegio dos Jesuitas, aonde actualmente funcciona o Tribunal judicial, era a conversa obrigada certos melhoramentos, ainda indispensaveis para o bom nome d'esta terra.

A construcção de um theatro, ainda que de pequenas dimensões, era um dos grandes desejos do major Luna, porquanto no Fayal, em-

hora, já desde 1817, tivesse havido um theatro n'uma sala da vasta residencia do abastado morgado José Francisco da Terra Brum, de quem teremos ainda occasião de fallar, como um dos mais distinctos cavalheiros da Horta, ha alguns annos a esta parte que no mesmo não se representava, desde que começara a agitar-se a questão politica e a reinar mais accentuadas dessidencias entre a pequena familia fayalense.

O major Luna, porem, em se tratando de espectaculos scenicos, tinha alma até Almeida, como vulgarmente se diz, andou, parafusou, accercou-se de rapazes, mettendo-os a fogo n'esse empenho, leu-lhes dramas e comedias, conseguiu arranjar uma vasta casa, propria para tal fim, (hoje pertencente à Sociedade Cooperativa, no Largo do Bispo D. Alexandre) pintou os bastidores e o panno de bocca, arranjou dinheiro e o Governador Rocheleben ajudou tambem, poderosamente a empresa e afinal o theatro «Bôa União» achou-se completo.

A escada, porem, pela qual se subia para o primeiro andar, que servia de sala de espectaculo, é que estava ainda uma verdadeira miseria, estreita, mal geitosa, velha.

Na vespera da primeira recita e já findo o ensaio geral o Luna estava radiante, aquillo ia ser um acontecimento, uma pedra branca nos annaes da nossa historia, uma coisa muito e muito fallada n'uma pequena localidade, os bilhetes haviam sido disputados, o dobro que fosse não chegaria para a gente que desejava vir ao theatro, o drama promettia correr muito regularmente, o Rocheleben contava maravilhas da orchestra por elle ensaiada e na qual tambem figurava como primeiro violino e tudo annunciava uma bella e muito aprasivel noite.

E, comtudo, havia alli um ponto negro, horrendo, disforme — a maldicta escada!

O major Luna, apesar de já ter gasto uma bôa porção de patacas, mais talvez do que podia, em coadjuvar a feitura do theatro, não lhe soffria, não obstante, o generoso animo que subsistisse aquelle aborto no meio d'uma elegante obra.

Mandou, pois, chamar, áquella mesma hora, alguns carpinteiros e como houvesse uns restos de madeira limpa, ordenou-lhes que destruissem, immediatamente a velha escada e indo collocar-se, no primeiro andar, na especie de portaló que ficou em aberto, declarou positivamente que d'alli não desceria se não por uma escada nova e espaçosa, a qual tinha de ser feita n'aquella mesma noite.

Trabalharam, com alma, desde logo, os carpinteiros e o Luna para os animar, mandou buscar uma bôa porção de garrafas de optimo vinho, do qual lhes dava amiudadas libações.

O milagre operou-se, os mestres desempenharam-se e, effectivamente, ás seis horas da manhã seguinte, descia o dedicado amante da arte scenica pela nova escada, triumphante e satisfeito.

Já a entrada do *seu* theatro não tinha o aspecto de uma espelunca.

O theatro do Luna, como ainda hoje na Horta é designado, pela gente d'aquelle tempo, teve epochas florescentes, ainda actualmente recordadas com verdadeira saudade, tornando-se n'um poderoso elemento civilisador e contribuindo, porventura n'esta localidade, para esse decidido gosto pela arte de Talma aqui existente.

Com o decorrer do tempo, começaram então a nublar-se, cada vez mais, os horisontes politicos da patria, vindo pôr sérios estorvos áquelles pacificos passatempos.

Em 1828 achava-se o corpo de artilheria existente no Fayal e, como já dissemos, commandado pelo major Luna, augmentado com um contingente de soldados e officiaes que não merecendo a confiança do Governo constitucional da ilha Terceira, para aqui haviam sido deportados.

No Fayal corriam rumores d'uma projectada acclamação de D. Miguel, a qual, effectivamente, se effeituou, sendo os seus principaes caudilhos os taes deportados, vindos de Angra.

Do que se andava tramando tivera conhecimento o tenente coronel Rocheleben e o major Luna, e, julgando-se impotentes para domar a revolução, fugiram na noite de 3 de Setembro, da bahia de Porto Pim, n'um hiate estrangeiro que alli se achava fundeado, seguindo d'esta ilha para a Inglaterra e d'alli voltando para os Açôres, indo reunir-se, na ilha Terceira, aos emigrados do continente, porquanto alli predominava o governo constitucional, mantido pelo bravo batalhão de Caçadores 5, deportado da metropole pelos seus sentimentos liberaes.

Acclamado D. Miguel, no Fayal, nomearam os revoltosos, como Governador, ao coronel Antonio Isidoro de Moraes Ancora, deportado da Terceira e que residia no convento de S. Francisco, aonde o foram buscar com grande alarido.

Este coronel Ancora era, porem, um homem moderado e de fino tracto, não agradando, em breve, aos exaltados, por quanto nos nefastos tempos de commoções politicas mais prevalece a violencia e a força, do que a tolerancia e bôa rasão.

O Coronel Ancora havia sido deportado do continente para o Batalhão de Artilheria d'Angra e d'alli para o Fayal.

Por esta occasião era corregedor d'esta ilha o D.r Miguel Maria Borges da Camara, pae do notavel litterato fayalense, D.r Miguel Street d'Arriaga e Juiz de Fóra o D.r Manuel Antonio Garcia da Matta, natural de Thomar, ambos cavalheiros estimabilissimos.

O major Luna, em Angra, assumio o commando do Batalhão Academico, e, de todos é sabido, que esse heroico corpo era um dos mais difficeis de ser dirigido com acêrto e a contento da irrequieta mocidade de que se compunha, em cuja difficil tarefa já tinham naufragado outros distinctos officiaes.

Ainda assim, desde que este official estava á frente do mencionado Batalhão, embora mantendo entre os seus subordinados a mais ri-

gorosa disciplina, tornou-se, não obstante, pelo seu genio cavalheiroso, delicadas maneiras e consideração com que tratava os seus soldados, rapazes illustrados e de fina educação, querido d'elles todos cessando todos e quaesquer atrictos que, antecedentemente, se haviam dado entre os commandantes e os seus subordinados.

Partindo a expedição para Portugal, á frente dos briosos e heroicos accademicos fez o major Luna toda a campanha da liberdade, cobrindo-se de louros e gloria, como já nos Açôres, na batalha da Ladeira da Velha.

A familia do major Luna era toda *malhada*, como então se dizia, e n'estas condições foi muito perseguida pelo governo de D. Miguel, a ponto tal que, quando findou a campanha da liberdade, teve este official de recolher na sua moradia diversos membros da mesma, os quaes aquelles tempos calamitosos haviam deixado orphãos e sem meios de subsistencia.

Do soldo do major Luna é que se sustentavam e á sua sombra viviam.

Serenada a guerra, veio depois o governo de Costa Cabral com o qual não sympathisava, visto que professara inalteravelmente idéas liberaes muito avançadas, as quaes mal se coadunavam com um governo que julgava authoritario e pessoal.

Bandeou se, pois, com a opposição, tornando se um decidido patuleia.

Foi victima da sua firmeza de caracter.

A alta intelligencia de Costa Cabral conhecendo o prestimo e importancia de semelhante inimigo, tentou por diversas vezes attrahil-o ao seu partido, tendo-lhe sido feitos offerecimentos de pingues commissões e rendosos empregos, mas a resposta do Luna era invariavelmente «Do actual governo nada peço, nem coisa alguma quero acceitar, embora tenha de soffrer as maiores privações.»

Parece que n'aquelle tempo, como hoje em dia, as commodidades da vida affastam-se de quem assim procede.

Os annos foram decorrendo, acercando-se d'aquelle honrado homem grandes necessidades para occorrer á sua sustentação e da sua numerosa familia.

A miseria bateu lhe, desapiedadamente, á porta.

Uma vez confessou elle, com a voz tremula de emoção, a um seu amigo, do qual fôra padrinho do casamento, que ainda não tinha ido fazer uma visita á joven noiva por uma circumstancia que lhe parecia incrivel e accrescentou a meia voz, «não tenho um par de botas que não estejam rotas.»

Afinal o major Luna começou a tornar-se taciturno, desanimado, e a frequentar menos alguns pontos de Lisboa, aonde convivia com os seus amigos politicos.

Mais tarde rarissimas vezes apparecia, mettido em casa, fechado

no seu quarto, d'onde não havia fazel-o sahir, e, como é sabido, quem não apparece afinal esquece.

Na sua pobresa tambem pouca gente o procurava, a politica não dava tempo . . .

O major Luna declinava evidentemente para a sepultura.

Um dia, e foi breve, correu em Lisboa, que elle acabava de fallecer, eivado de desgostos, n'uma modestissima casa d'aluguer, na rua de São Bento.

Tal foi o misero fim do honrado e distinctissimo Commandante do bravo batalhão Academico, durante a guerra da liberdade.

Merecia, com certeza, um melhor destino, em remuneração dos seus serviços á patria, os quaes foram importantissimos.

Provou-se mais uma vez que as revoluções, semelhante a Saturno — não é raro devorarem os seus mais dilectos filhos.

* * *

Occorreu, em Setembro de 1810, no convento de São João o facto que motivou estas referencias, a fuga da religiosa Delfina Clara, com um capitão d'um navio *inglez*, (este termo parece, n'aquelle tempo, generalisar-se a todo e qualquer estrangeiro, como vimos quando se tratou de algumas fugitivas do convento da Gloria).

O caso passou-se o mais singela e commodamente possivel, combinada a freira com o estrangeiro com quem ia fugir, n'uma bella tarde em que por um portão lateral do convento estavam recebendo uma grande carrada de lenha, passou por junto d'aquelle sitio um magote de estrangeiros e D. Delfina Clara, vestida de homem, sahio do convento e confundindo se com elles deu o braço ao seu raptor, atravessando no meio d'aquella turba as ruas da Horta, sem que pessoa alguma tivesse a minima desconfiança do que occorria, nem os mesmos homens do campo, entretidos na sua faina de descarregar o carro.

A freira embarcou, muito serenamente, n'um escaler do navio, que estivera amarrado ás pedras de St.ª Cruz, desde algumas horas antes.

A embarcação em que ia essa fugitiva, por o vento haver escasseado, demorou se ainda a subsequente noite na bahia da Horta e como dessem pela falta de D. Delfina Clara, no convento, e uma lancha de pescadores que passara junto d'aquelle navio, ter dito que avistara uma mulher portugueza abordo, quando o sol vinha nascendo, alguns ingenuos fayalenses, munidos de compridos oculos, foram para o lado do mar e sentados na cortina de muralhas que cingem a Horta, para resguardo dos temporaes, assestavam aquellas trancas contra o navio que então estava a desfraldar os pannos.

Não passou isto desapercebido de bordo, e o vulto da tal mulher, no tombadilho do navio, era bem visivel, abanando com alvo lenço pa-

ra terra, ao tempo que alguns foguetes deitados das vergas do navio, esturgiam os ares.

Uma verdadeira pandiga !

D'esta freira, não nos consta, que tornassem a haver aqui noticias, ignorando-se, pasa sempre, qual o seu destino.

Parece-nos que Francisco Ferreira Drummond, nos *Annaes da Ilha Terceira*, enganou-se, attribuindo a esta freira, ou por sua causa, certos factos occorridos na Horta, quando esses diziam respeito a D. Roza de Lima, filha de Lino José de Mello e de sua consorte D. Isabel Lima de Mello, que fugio com um official da marinha de guerra ingleza, como já vimos, e não a D. Delfina Clara, que deixou o seu convento em companhia de gente de menor importancia.

Tambem alli, a pagina 209 e 210 do 3.º volume diz-se que D. Miguel Antonio de Mello, então general dos Açores, escrevera ao governador militar do Fayal, ordenando-lhe que mandasse prender nas cadeias da Horta a um clerigo minorista, chamado Thomaz José de Bettencourt, connivente n'aquelle acontecimento, vadio e causador de muitos disturbios.

Ora este sujeito, que ainda chegámos a conhecer em avançada edade, na cidade da Horta, foi um cavalheiro assaz respeitavel, que exerceu importantes cargos publicos e geralmente considerado.

Quando occorreu o rapto de D. Delfina Clara, era bastante novo e nem nos parece que lhe fossem bem applicados tão feios termos.

Thomaz José de Bettencourt, era filho de Antonio Silveira Bettencourt, honrado lavrador da freguezia de Castello Branco, n'esta ilha, e na Horta, effectivamente, veio estudar latim, com destino de mais tarde se ordenar.

Tinha, como muitos rapazes de então, por entrar isto quasi em moda, um namoro com uma freira do convento de São João e já estava, como se vê em edade de trabalhar por sua conta, sendo por consequencia muito pouco provavel que servisse de corrector aos amores de outrem, nem jamais aqui constou que tivesse a minima connivencia no referido rapto.

E' facto que por causa do convento de São João foi prêso na Horta, fugindo em seguida para a ilha Terceira, mas o caso é differente e como se segue, a darmos credito ás informações que a semelhante respeito conseguimos obter.

Os amores de Thomaz José de Bettencourt com a sua freira eram uns amores felizes, ao que parece, não sendo raro, uma vez por outra entrar este novo Romeo no tranquillo retiro da sua Julièta.

Havia da parte da mocidade elegante da Horta uma tal ou qual vangloria em não occultar, demasiadamente, estas aventuras, e isto por vezes não somente com relação á juventude, mas até, não raro, com a velhice sem vergonha, d'onde sahia o conhecido e incorregivel typo dos *freiraticos*, que os havia de todas as edades e condições.

Ora o *calvario* de São João, como lhe chamavam, isto é, aquella pequena elevação de terreno, nos arredores do convento, era o ponto de reunião da rapasiada, fina da Horta, que para alli iam cavaquear quasi diariamente, tocar viola e guitarra, soltar descantes. improvisar versos &, não sendo raro em cambio de tantas attenções e entretenimento offerecido ás freiras, descerem por entres as grades das janellas do mosteiro, elegantes cestinhos de vime, replectos de bôlos finos, ou confeitos, outras vezes atulhados de covilhetes de marmellada.

D'um d'estes frequentadores d'aquelle sitio sabemos nós que nunca restituia ás freiras, o cesto, guardanapo e prato em que lhe offereciam as golodices, a pretexto que era tanto o affecto que tinha a tudo que vinha d'aquella casa, que jamais consentiria em se apartar d'aquelles objectos.

Arranjou, assim, um armario de bem sortida louça.

N'uma d'essas tardes, pois, de descantes e musica, tardes ainda lembradas com profunda saudade por algum raro velhote que a morte tem até hoje respeitado, sendo coetaneo d'essas partidas, estando-se fallando das excellentes fructas da ilha do Pico e d'uns magnificos figos que n'aquella manhã haviam apparecido, á venda, no mercado, Thomaz José de Bettencourt disse em tom jactancioso:

—Os Srs. podem dizer para ahi o que quizerem, eu cá sustento e affirmo que não ha figos melhores, em todo o mundo, do que os de uma certa figueira que eu conheço, alli da cerca do convento. Dôces que nem assucar ! . .

—Isso é phantasia, você o que quiz foi gabar-se á gente de já os haver provado, talvez mesmo ao pé da arvore . . .

—Ao pé ou de longe, não tratamos agora d'isso, o que eu digo é que são optimos e de tamanho tal que meia duzia enchem um prato, mas eu é que os sei apanhar . . .

—O' Diabo ! . . quem os atracasse agora.

—Se os meus amigos querem eu incumbo-me d'isso, vão-se embora, assim como quem não sabe de nada, deixem o resto por minha conta e esperem-me á porta da botica do Francisco da Silva. Isto é dito e feito.

—Este Thomaz José é um homem das Arabias !

—Vocês querem ou não querem os figos ?

—Valeu ! . . mas você se vae lá dentro, não se demore, hein ?

—Fiquem descançados e toca a saffar!

Sozinho, afinal, o Thomaz José deixou escurecer algum tanto e chegando-se por debaixo d'uma certa janella do mosteiro, disse o quer que fosse para cima, retirando-se em seguida uma mulher que alli estava.

Momentos depois o arrojado mancebo trepava, como um gato, por um canto, seu muito conhecido, do muro da cêrca, parecendo que já

no interior haviam posto uma escada, pela pressa com que elle desappareceu de cima do espigão da parede.

Emquanto isto se passava em São João, os rapazes companheiros de Thomaz José de Bettencourt, tinham ido para a designada botica, com a excepção de um unico que, motivando dores de cabeça, ia, segundo declarou, para casa.

Isto, porem, era falso, este rapaz tinha má vontade ao Thomaz José, por causa de certas rivalidades com uma rapariga, sobrinha d'um ourives da rua de São Francisco e foi denuncial-o ao juiz de fora e Ouvidor, para que o atracassem na sahida.

Forte patifaria!.. o Thomaz José nunca disse que este Judas não comesse dos figos.

Como coisa da fortuna demorou-se o estudante de latim dentro, ou na cêrca do convento mais tempo do que, rasoalmente, devia, dando assim tempo ao juiz de fora, ouvidor e alguns esbirros a irem-se collocar de alcateia, cosidos com o muro que lhe haviam indicado.

Era já noite fechada.

O Thomaz José afinal, com um grande guardanapo de lanhados figos, amarrado pelas pontas, appareceu triumphante e escarranchado no espigão do muro e d'alli, com o maximo cuidado, tratava de descer.

Quando, porem, ia a saltar em terra, em vez de se firmar no solo, foi cahir nos braços d'uma corja de quadrilheiros!

Fallou e pragnejou muito o prisioneiro, porque, quantos o conheceram sabem que era extremamente garrulo, protestou a sua innocencia, como melhor poude, mas afinal não teve remedio senão ir para a cadeia, a dois passos d'alli, na Praça Velha.

A toda a gente deu vontade de rir aquelle caso e tanto mais quando se dizia que mesmo, junto da cêrca, haviam comido os figos as authoridades que haviam effeituado a prisão.

Thomaz José de Bettencourt, devido seguramente á *vista grossa* dos da governança fugio em breve da cadeia para um hiate que ia para a ilha Terceira, aonde, dizia elle, se queria justificar *plenamente*, perante o Snr. general.

Não sabemos como, por lá, se houve, mas em pouco tempo, cursava em liberdade, uma afamada aula de mathematica em Angra então existente, tornando se um estudante distincto n'aquella sciencia.

Mais tarde regressou á sua patria, deixou as freiras em descanço e casou.

D'este matrimonio conhecemos um filho e uma filha, senhora muito respeitavel, educada com esmero e ainda hoje existindo em Lisboa.

E' a viuva do professor de lingoas no lyceu nacional da Horta, o Sr. Carlos Vieira Goulart.

O filho foi o Dr. Thomaz José de Bettencourt, formado em medicina na Universidade de Bruxellas, verdadeiro homem de sciencia e ao

qual esta ilha deveu, em grande parte, um dos seus mais valiosos melhoramentos,—a illuminação da cidade da Horta.

Este prestante cidadão falleceu ha pouco.

Ora devemos confessar que o tal *vadio* de que nos fallou Drummond foi um bom pae de familia e que deu bôas contas de si.

Temos nos, n'estas *Notas*, demorado mais do que deviamos sobre assumptos concernentes aos conventos da Horta, mas por vezes um sentimento de justiça a isso nos obrigou, bem como o desejo de elucidar um ou outro mais obscuro ponto.

Ainda assim estes anomalos factos acontecidos na Horta, devidos á fragilidade inherente aos mortaes, bem como á occiosidade feminina, não podem comparar-se com outros, de maior vulto, que nos Açores houveram.

E se não leia-se o mesmo Drummond quando tratou d'um processo que houve n'uma outra localidade.

Diz o seguinte um dos documentos de que se servio:

«**Pronuncia** — Obrigam as testemunhas perguntadas no presente summario a prisão e livramento a madre Anna Cherubina pelo trato illicito em que se tem versado com o dr. juiz de fóra d'aquella villa Francisco Lourenço d'Almeida, dando-lhe ingresso dentro da clausura, aonde foi visto com a dita religiosa, havendo para isto escalado o muro da cerca da mesma clausura. Obrigam mais á reverenda madre Abbadessa Antonia Joaquina, e suas sobrinhas Anna Ludovina, Antonia Ricarda e Clara Victorina como seductoras e alcoviteiras, e auxiliadoras do dito trato, á vista da prova que contra ellas resulta da sobredita devassa.»

(*Annaes da Ilha Terceira*, *Tom. 3*, *Doc. LL.*)

Isto é que foi um cazo para arripiar os cabellos de uma população, um escandalo, um motivo de consternação geral!

As nossas freiras, apesar de se dizer que o seu comportamento *penalisou* os Hortenses, eram apenas umas pombas mansas, que o mais que faziam era bater as azas, por esses mares fóra.

Bom proveito!



# 1832

## Mappa geral do pessoal de todos os conventos existentes na Villa da Horta na ilha do Fayal

| Denominação dos Conventos | Conventos de Religiosos | Conventos de Religiosas | Freiras professas | Noviças | Famulas | Educandas | Encostadas | Criadas particulares | Frades | Coristas | Leigos | Hospedes | Creados residindo no convento | Pupillas | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| N. Sr.ª da Gloria | — | Religiosas | 31 | — | 31 | — | 4 | 13 | — | — | — | — | — | — | 79 |
| São João (1) | — | « | 56 | 1 | 24 | 3 | 1 | 39 | — | — | — | — | — | — | 124 |
| Santo Antonio | Religiosos | — | — | — | — | — | — | — | 1 | — | 1 | 1 | 1 | — | 4 |
| N. Sr.ª do Carmo | « | — | — | — | — | — | — | — | 8 | 4 | 3 | 2 | — | — | 17 |
| S. Francisco (2) | « | — | — | — | — | — | — | — | 15 | 7 | 5 | 4 | — | 4 | 35 |
| Caza do Oratorio | « | — | — | — | — | — | — | — | 3 | — | — | — | — | — | 3 |
| | | | 87 | 1 | 55 | 3 | 5 | 52 | 27 | 11 | 9 | 7 | 1 | 4 | 262 |

(1) Uma freira fóra do convento.
(2) Um frade prêso nas cadeias.

# 1762

## COLLEGIO DOS JESUITAS

Relação do pessoal d'esta caza religiosa, por occasião da sua expulsão, no dia 1.º de Agosto do anno acima designado

| Numero | Nomes | Profissão | Observações |
|---|---|---|---|
| 1 | Antonio de Andrade | Sacerdote | Reitor |
| 2 | Joaquim José | « | |
| 3 | Domingos Antunes | « | |
| 4 | André Rebello | « | |
| 5 | Diogo Alvares | « | |
| 6 | Manuel Mourão | « | |
| 7 | José de Paiva | « | Mestre de latim |
| 8 | Luiz de Paiva | « | Perf.º dos estud. |
| 9 | Fr. Lobato | Religioso | Despenseiro |
| 10 | Fr. José da Cruz | « | Procurador |
| 11 | Fr. Luiz Ferreira | « | Sachristão |



# O COMMENDADOR BERNARDINO JOSÉ DE CASTRO

## (1817)

Andava, então, accêsa a guerra da America do sul, Paraguay e Rio da Prata, na qual os portuguezes contra o celebre Astigas iam praticando prodigios de valor, havendo já tomado, sob o commando do tenente general Lecor, a praça de Montevideo, seu principal reducto.

O reinado de D. João 6.º, que governava ainda com o titulo de Principe Regente, apesar da morte da Snr.ª D. Maria 1.ª, já ter occorrido um anno antes, em 20 de Março de 1816, auspiciava-se agora mais esperançoso e o Principe que a 8 de Março de 1807 desembarcava, fugido, no Brazil, cobria d'alguma sorte a vergonha d'aquelle pusillanime passo, com algumas palmas colhidas longe do seu paiz.

E, comtudo, Portugal ainda era, então, uma potencia de primeira ordem, sendo apenas deccorridos dois annos que no congresso de Vianna, em 1815, por occasião da paz geral, os nossos plenipotenciarios, como representantes de uma grande e poderosa nacionalidade, haviam assignado as actas do respectivo congresso, reponsando as armas ainda ensanguentadas das pugnas com a republica franceza e em seguida com os exercitos de Napoleão 1.º.

Em Lisboa, ou para melhor dizer, em todo o reino, grassava ainda assim o mais fundo descontentamento, entregues, como estavamos, á influencia directa da Inglaterra, representada por Lord Beresford, influencia que se fazia sentir até nos mais insignificantes negocios, tentando dominar nos, como um usurpador soberbo pode dominar uma terra conquistada traiçoeiramente.

Estabeleceu-se então o terror, como o unico reducto de salvação, em vista das demonstrações de ira que começavam a irromper ora n'um ora n'outro sitio do paiz, como prenuncios de uma irrupção tremenda e ameaçadora que, infallivelmente, devia rebentar mais cedo ou mais tarde.

Semelhante á morte esta occorrencia seria certa, mas a sua hora é que se tornava, ainda, incerta.

Proseguindo no seu sanguinario proposito, teve Lord Beresford a audacia de, á face de uma população inteira, prender como reus d'alta traição dezesete bravos portuguezes que não lhe eram affectos e forjando um inaudicto processo, no qual uma das principaes accusações era de pertencerem á seita dos pedreiros livres, mandar queimar alguns em vida e degolar outros.

No numero dos primeiros contava-se o illustrado e valente Gene-

ral Gomes Freire de Andrade, o qual com notavel merito e brilhantismo militara em paizes estrangeiros, cercado da mais distincta reputação.

E' do dominio de todos que tão barbaro procedimento só servio de apressar em Portugal o movimento liberal, effectuado na cidade do Porto a 24 d'Agosto de 1820, donde começou a regeneração d'este paiz.

Foi exactamente n'esse anno de 1817, quando Portugal estava tão agitado por indomitas paixões politicas, umas pugnando pela sagrada liberdade da patria, outras combatendo as mais justas aspirações do povo, que a 17 de Julho entrava na bahia da Horta, procedente do Rio de Janeiro, a nau «Vasco da Gama», conduzindo tropa, com numerosa tripulação e sob o commando do Commendador Bernardino José de Castro, ao qual tambem obedeciam outros navios que seguiam a nau.

A «Vasco da Gama» adiantara-se, porem, na sua derrota e chegara aqui primeiro do que os seus companheiros de viagem.

O Commendador Castro vinha muito enfermo e regressava a Lisboa acompanhado da sua familia e criadagem, sendo tão melindroso o seu estado que não poude desembarcar, para lograr descanço em terra.

As authoridades locaes e principaes cidadãos foram logo a bordo cumprimentar o Commendador, o qual, ainda que muito debilitado ainda conseguio recebel-os pessoalmente.

No dia 20, proximo do meio dia, a «Vasco da Gama» dando inesperadamente um tiro de canhão arriou a meio mastro a bandeira nacional, crusou as vergas e em breve chegou a terra um escaler dando a triste noticia que acabava de fallecer o commandante da nau.

Immediatamente dirigiram-se para bordo muitos dos mais distinctos cavalheiros d'esta localidade, demonstrando todos, á familia do illustre finado quanto os penalisava semelhante acontecimento e acompanhando a em tão doloroso trance.

N'esse mesmo dia, pelas quatro horas da tarde, veio para terra o cadaver.

Tanto os escaleres da nau, como muitas embarcações da Horta, cheias de gente de todas as classes da sociedade e com bandeiras em signal de lucto, formavam alas, desde o fundeadouro d'aquelle vazo de guerra até ao caes, ao troar de uma salva poz-se em movimento o lugubre prestito, composto do escaler que conduzia o feretro, junto do qual o capellão da nau e de algumas outras embarcações, com a officialidade do navio, tropa e marinhagem.

Apenas chegados a terra, salvou o castello de St.ª Cruz, sendo o caixão esperado no caes por toda a numerosa tropa de linha e milicias, aqui então existente, pelas authoridades e nobresa da terra e por immenso concurso de povo.

Os sinos de todas as egrejas da Horta começaram então a dobrar a finados e o feretro que continha os restos mortaes do Commendador Castro, coberto com a bandeira portuguesa e conduzido pelos mais graduados officiaes de bordo e acompanhado, na melhor ordem, por toda aquella comitiva, dirigio se lentamente pela rua do caes até á de São Francisco, aonde, parando, foi o cadaver levado para a sala principal de Sergio Pereira Ribeiro, cavalleiro professo da ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo e mais tarde nomeado commendador da mesma ordem, vice consul Francez e cavalheiro muito respeitavel d'esta localidade, dotado de um genio essencialmente franco e sociavel.

A abastada casa de Sergio Pereira Ribeiro era então uma das mais elegantes moradias da Horta, distinctissima no fino tracto e delicadesa de maneiras, hospedando ou privando, pela sua posição official, com quasi todos os estrangeiros de educação que a esta ilha aportavam.

Era uma familia do bom tom, como modernamente se diz.

Ainda assim, não comprehendemos bem a rasão de n'um enterro d'um official da marinha portugueza, feito officialmente e com grande pompa, ser o feretro alli depositado e na frente da moradia do vice consul francez organisado o sahimento, quando a breve distancia d'alli existia, como actualmente existe, a egreja de S. Francisco, com espaçoso atrio, sendo edificio de uma ordem monastica portuguesa, isto é, tendo mais caracter nacional, do que a habitação do representante de uma nação estrangeira.

Devia, para tanto, haver um motivo qualquer, que hoje ignoramos.

O prestito funebre, que sahio ás 6 horas da tarde desde a casa do vice consul francez até á egreja do Carmo foi imponente, augmentando a anterior e já muito numerosa reunião de pessoas, a cleresia e todas as ordens monasticas d'esta ilha, isto é, franciscanos, carmelitas, padres de St.º Antonio e do Oratorio.

O concurso de povo pelas ruas que conduzem ao Carmo era enorme, achando se as janellas replectas das damas fayalenses trajando rigoroso lucto.

O feretro ficou depositado na egreja dos Carmelitas, até ao dia seguinte, no qual, com identica pompa se celebrou um officio de corpo presente, sendo prestadas ao illustre finado todas as honras militares devidas á sua elevada patente.

A este officio, por aviso do Ouvidor, concorreu todo o clero da ilha.

O Commendador Bernardino José de Castro jaz sepultado no cemiterio que era da Ordem do Carmo, mas sem uma simples lapide commemorativa que indique o seu derradeiro leito.

Poucos dias depois d'estes acontecimentos entrava na bahia da Horta a fragata «Venus» e logo depois a esquadra a que a mesma pertencia.

Aguardava ainda estes navios a nau «Vasco da Gama», partindo todos, conjunctamente, d'este porto.

Continuou, ainda n'este anno de 1817, uma grande affluencia de navios do Brazil, n'este porto, tanto na sua ida de Portugal como no regresso á patria, dando tambem causa a isto a haver sido descoberta uma conspiração para tornar independente Pernambuco, enviando para alli o governo da metropole varios reforços militares, bem como uma alçada judicial.

N'estes embates politicos foram instaurados diversos processos, soffrendo muitos dos conspiradores a pena ultima.

Foi um anno de sangue!

# O GENERAL ANTONIO JOSÉ CLAUDINO D'OLIVEIRA PIMENTEL

## (1823)

Esta epocha e todo o decurso do anno antecedente, designa uma quadra auspiciosa para os fayalenses, havendo com o advento ao poder das idéas constitucionaes, sido desfeita a cadeia de ferro que sujeitava o Fayal á ilha Terceira.

De semelhante independencia todos, aqui, se congratulavam e as festas religiosas, bailes, illuminações e cavalhadas, effeituadas na Villa da Horta não tornaram a ter rivaes, chegando a sua memoria, até aos nossos dias, nos mais levantados termos e das mesmas tratando minuciosamente o Sr. Antonio Lourenço da Silveira Macedo, na sua «Historia das quatro ilhas que formam o districto da Horta».

Não ha, porem, gosto perfeito n'esta vida.

A 19 de Novembro de 1822, o notavel apostolo da revolução liberal portugueza, Manuel Fernandes Thomaz, fallecia, no continente, entregando aos vindouros a manutenção da sua gloriosa obra e esta consternadora noticia veiu enluctar, algum tempo depois, uma parte da população d'esta ilha e volver em mortuarios crepes os festões floridos que, pouco antes, haviam adornado os Paços do Concelho da Horta, assim como o seu principal templo.

Foram solemnes, na egreja Matriz, as exequias prestadas em Janeiro de 1823, a tão distincto vulto da nossa nacionalidade, armando-se, alli, um grandioso mausoleu, com emblemas, disticos e innumeros lumes, e assistindo á funebre ceremonia enorme multidão, composta de todas as classes da nossa sociedade.

Representavam então, em côrtes, este Districto, os desembargadores Manuel José d'Arriaga e Roque Francisco Furtado de Mello, missão esta em que demonstraram enexcedivel zelo e actividade a bem dos interesses dos seus constituintes.

Ora, emquanto a pequena sociedade fayalense, unida fraternalmente na realisação de alguns uteis commettimentos lograva vida descançada e, relativamente, feliz, em Portugal toldavam-se de ameaçadoras nuvens os horisontes politicos.

Os grandes principios da revolução social de 1789, estabelecidos em França e d'aquelle foco irradiados em toda a Europa, não eram bem vistos pelo Infante D. Miguel e embora em Portugal tivessem sido solemnemente juradas as bazes da nova constituição da monarchia e Sua Altêsa acompanhando o Senhor D. João 6.º, houvesse lançado a primeira pedra do monumento constitucional que, no Rocio, ia ser levantado, em 27 de Maio de 1823 partio com alguma tropa para Santarem, agregando-se lhe outros corpos, alem da infanteria n.º 23 que o seguira, e como o Senhor D. João 6.º, á frente tambem de tropas, houvesse partido para Villa Franca, reunem se pae e filho e conseguem um pronunciamento a favor da causa real e mudança de ministerio, entrando triumphalmente em Lisboa, a despeito dos preparativos de resistencia ordenados pelas Côrtes.

O tal começo do monumento constitucional e as cadeiras dos deputados foi tudo demolido e desfeito pelo povo, *nobresa e frades*, segundo o dizer d'um historiador contemporaneo!

Sempre a comedia a envolver se com a historia.

O Infante D. Miguel foi, então nomeado generalissimo, sendo lhe entregue o commando em chefe do exercito.

Reassumidos, assim, os *poderes magestaticos* (e este o termo consagrado) ao Senhor D. João 6.º, é facil de prever que os devotados campeões das idéas liberaes e que por ellas tinham sacrificado tudo, deviam ser varridos do reino, ou pelo menos collocados em logar seguro, aonde não podessem exercer qualquer influencia politica.

Ainda assim, a indole incontestavelmente bondosa do Senhor D. João 6.º, foi moderada para os liberaes, indo se El-Rei dos mesmos *descartando*, como melhor podia, mas sem grandes violencias

N'estas circumstancias veio para a ilha do Fayal, deportado, um liberal convicto, incorregivel e intransigente, que fazia parte da veneranda casa dos Pimenteis, de Moncorvo, do qual terá sempre de fallar com respeito a historia contemporanea do nosso paiz.

Quaes eram, porem, os antecedentes de Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel?

Os de um militar ás direitas.

Contava, então, este valente, 47 annos de edade, possuia uma figura respeitavel, era muito dado a cavallarias e havia sido cadete e official de marinha e depois, em terra, effectuado brilhantes rasgos de

coragem, na guerra peninsular, combatido no Brazil a favor do predominio portuguez e affrontado denodadamente a senha sanguinaria de Lord Beresford, seu implacavel inimigo, porquanto almas d'aquella tempera repugnam sempre aos tyrannos.

A cabeça de Claudino Pimentel, como a de tantos outros heroicos portuguezes, não havia talvez já rolado no cadafalso, por ordem do sanguinario inglez, que dominava o reino, devido seguramente á especial consideração que aos seus altos serviços testemunhava o Senhor Dom João 6.º, o que, ainda assim, não impedio de, mais tarde, quando Sua Magestade entrou de novo na posse dos taes *poderes magestaticos*, de o mandar deportado até uns rochedos do meio do oceano.

E' caso para se dizer: amigos, amigos, mas negocios á parte.

O illustre escriptor, o Sr. Pinheiro Chagas, n'um seu magnifico trabalho, concernente ao bravo militar de que tratamos e publicado no 1.º anno da *Illustração Portugueza*, menciona nos seguintes termos a sua vinda para os Açôres:

«Claudino Pimentel foi demittido (era então general das armas da Provincia de Traz os-Montes) e desterrado para a ilha do Fayal, e talvez devesse ainda assim a benignidade relativa com que foi tratado ás boas recordações que d'elle conservava El-Rei D. João 6.º.

Dois annos esteve Claudino no Fayal e na Graciosa, para aonde o mandaram por parecer inconveniente a sua permanencia n'uma ilha populosa, e aonde já conquistara muitos amigos.»

Muito poucas reminiscencias existem na Horta da permanencia d'este valente cabo de guerra, a não ser a sua amisade com o governador Rocheleben, tambem então, n'aquelle tempo chegado ao Fayal e cujos sentimentos liberaes, apesar da feição politica predominante e do cargo de que se achava investido, começou desde logo a demonstrar-se pela sua illustração, prudencia governativa, moderação em todos os seus actos e tolerancia para com todos os partidos.

Claudino Pimentel era eximio em montar a cavallo e, quasi diariamente, dava longos passeios aos mais pittorescos sitios da ilha acompanhado, por vezes, de alguns cavalheiros com os quaes se relacionara desde a sua chegada e cujos sentimentos politicos, a favor da suffocada constituição, não eram de ninguem desconhecidos.

O governador Rocheleben fazia, porem, a vista grossa a semelhantes intimidades do deportado politico e não era raro acompanhal-os uma ou outra vez, n'essas excursões.

As noites, á mingoa n'esta terra d'um club qualquer, passava-as o general Claudino a jogar pacificamente o gamão, no convento de São Francisco, aonde as pilherias inoffensivas dos nossos bonacheirões e obsequiadores frades lhe distrahiam as horas de exilio.

Tanto na sociedade Hortense, como no interior dos conventos, o que é facto é que o general Claudino, começava a tornar se muito sym-

pathico e que as suas conversas eram, abertamente, em opposição á politica então dominante.

Teve d'isto conhecimento o capitão general Stockler, então estabelecido em Angra e fiel á causa embora ingrata, que sustentava quiz pôr um termo ás attenções que começavam a convergir sobre o distincto deportado e n'esta conformidade, inesperadamente, ordenou a sua sahida do Fayal para a ilha Graciosa, por mais insignificante e menos eivada de sentimentos liberaes.

Isto occorreu poucos mezes depois da sua chegada ao Fayal, no brigue «Constancia», a 3 de Julho de 1823 e na ilha Graciosa foi preencher o seu tempo de exilio, o qual durou até 1825.

Em troca de Claudino Pimentel veio para aqui, tambem deportado o major João Leandro Valladas, acompanhado de um camarada e um filho de 9 ou 10 annos de edade, mas ja vestido de cadete, que pela novidade d'aquelle trajo em tão verdes annos e em attenção ao pae, começou a ser o enlevo de muitas familias e das freiras constitucionaes, que as havia extramamente parladoras e de antes quebrar que torcer, no que dizia respeito á politica.

O major Valladas, um sujeito extremamente gordo, emquanto aqui se demorou, morou n'uma casa que fazia esquina para o canto de D. Joanna, no local em que hoje existe o predio pertencente ao Sr. Conselheiro Terra Pinheiro e na mesma residio tambem o general Claudino entrando o segundo, quando o primeiro sahio para a Gracioza.

O filho do Major Valladas, militar desde o berço, por assim dizer, seguio sempre a carreira das armas, chegando a elevados postos.

Terminaremos esta referencia, atinente ao general Claudino Pimentel, dizendo que, provavelmente, foi o mais socegado tempo da sua vida aquelle que, como deportado politico, passou nos Açores passeando a cavallo ou jogando o gamão com uns pobres frades.

Em 1825, devido a empenhos da sua distincta familia, conseguio voltar a Moncorvo, terra da sua naturalidade, causando, logo em seguida a inesperada proclamação da Carta Constitucional tal alegria ao seu edoso pae, o capitão mór de ordenanças João Carlos d'Oliveira Pimentel, que não poude resistir áquelle choque, do qual falleceu.

No anno seguinte, havendo fallecido El Rei D. João 6.º e começando, pela proclamação da Carta, a que nos referimos, a serem publicados todos os actos governativos em nome do Senhor D. Pedro 4.º, de cujo documento fora portador o inglez Carlos Stuard, o general Claudino Pimentel assumio o commando de uma divisão de dois mil homens, na Beira Alta.

Começou então a guerra dos sectarios do antigo regimen e dos pugnadores das novas ideas e n'essa grande lucta occupou sempre proeminente logar o valente general.

A meio caminho, porem, foi ingrata a sorte.

Depois de tres annos de luctas e de sacrificios veio a cahir nas

mãos dos miguelistas e soffrendo os maiores insultos e vexames foi, afinal encarcerado na torre de São Julião, em Lisbôa e d'alli, pelo crescido numero de presos que diariamente iam enchendo as enxovias, transferido para a cadeia da Relação do Porto, aonde o veio encontrar a sentença que o condemnava a cinco annos de degredo para as Pedras Negras.

Não chegou, porem, a cumprir este castigo, nem teve o jubilo de presenciar a restauração das idéas liberaes, por haver fallecido, no carcere a 13 d'Agosto de 1830, com 57 annos de edade.

O general Claudino Pimentel foi um dos grandes martyres da causa constitucional portugueza e a sua memoria digna da maior veneração pelos serviços que prestou ao paiz, militando, desinteressadamente e do coração, nas fileiras do progresso.

# JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

## (1831)

As grandiosas scenas do oceano indomito e soberbo, as alcantiladas montanhas cujo cume denegrido vae sumir-se entre as nuvens, a severidade das serras fechadas em verde-negro e gigantesco arvoredo, os valles profundos e profundas crateras, expolio de mal extinctos vulcões, os admiraveis panoramas, emfim, que por toda a parte abundam na muito accidentada estructura do archipelago açoriano, deve, com certesa, impressionar profunda e indelevelmente o visitante d'estas plagas, por mais prosaico que seja, ou menos propenso a resentir a influencia d'algumas paginas admiraveis da natureza, no seu embotado animo.

Para os poetas, porem, para os homens de genio e talento, para os artistas, para todos que tiverem imaginação ardente e viva, os quadros magestosos d'uma paisagem açoriana, com o seu imponente socego e avantajados delineamentos, com essa indisivel melancolia dos terrenos outr'ora requeimados por turbilhões de fogo, deixando ainda hoje, atravez da frondosa verdura, irromper de espaço a espaço alguns montões de pedras negras, ou vermelho escuro, como se n'aquelle mesmo momento ainda estivessem soffrendo á acção do vulcanismo, tornam-se n'um perenne manancial de inspirações, tocadas de uma vaga tristeza, que imprime ao caracter d'estes povos um aspecto serio e meditativo, reflectindo se n'elles, como nos Bretões, com os quaes tem grande analogia, certa asperesa do meio em que existem.

O povo açoriano na sua generalidade de fé vivida e vehemente, capaz dos maiores sacrificios e devotada affeição a qualquer causa a que se entregue, é, ainda assim, um povo muito pouco expansivo e limitadamente sujeito aos assomos de enthusiasmo que, d'um momento para o outro, anima por vezes as classes trabalhadoras de outras localidades.

N'estes isolamentos do oceano a corrente das idêas que, no continente, agita uniformemente diversas nações, soffre um côrte antes de chegar até nós, uma solução de continuidade que dá aos açorianos o tempo necessario para reflectir e encarar fixa e detidamente qualquer assumpto, antes de ao mesmo se entregarem d'alma e coração.

Em vez dos comicios, das reuniões, dos ajuntamentos, nos quaes a voz, cheia de prestigio, d'um orador notavel, ou d'um tribuno popular, incita o povo a adoptar um ou outro partido, esta ou aquella facção, o açoriano, entregue somente a si, na sua humilde choça, ou na sua pequenina barca de pesca, é livre no pensar, menos sujeito a estranhas e por vezes interesseiras influencias, escolhendo uma causa por convicção, izempta de quaesquer enredos, ou rasteiras conveniencias.

Assim o provou sempre a sua conducta.

Se não intimidaram os açorianos as hostes de Castella, nem mais tarde o poder do Regente para se affeiçoarem ao infeliz D. Affonso 6.°, tambem modernamente, na guerra da liberdade, não regatearam uma unica gota do seu sangue, embora parecesse empresa incrivel um punhado de bravos ir atacar numerosissimo exercito, forte nos seus reductos, bem provido de viveres e munições, emquanto a força expedicionaria não passava de um bando de aventureiros, semelhantes aos bandos das aves maritimas que, ao nascer da aurora, vemos levantar do cimo dos ilheos semeados aqui e alem das nossas escarpadas praias

As aves maritimas são, effectivamente, atrevidas, criadas no meio do oceano immenso, sem limites, ouvindo-lhe o incessante bramir e experimentando-lhe a indomita furia, arrastadas por vezes, pousadas sobre fragil lenho na crista de alterosas e imponentes vagas, outras vezes assistindo, em face das tormentas ás victorias do mar, quando rompe e despedaça rochedos: — as luctas Lilliputianas dos mortaes, por maiores que pareçam, devem se-lhe afigurar um brinquedo de creanças, quando comparadas com as pugnas gigantescas da natureza, maxime aqui, nos Açôres, aonde os vulcões e o oceano presidem a todos os acontecimentos notaveis, de que ha recordação.

O marinheiro insulano é tambem uma ave do mar, arrosta em duas taboas mal unidas uma enfiada de vagas semelhantes a montanhas, espumantes e rugidoras, e, depois d'esta prova, pode sorrir com desdem ás balas que lhe arremesse pesada artilheria, por quanto já vio a morte de mais perto

Verdadeiro combate é o primeiro. ahi sim, ahi é que se conhecem os bravos, ahi é que a vida está prêsa por um tenue fio, dependendo do mais pequeno desvio do leme, ou de um simples movimento da prôa da embarcação fóra do verdadeiro rumo a seguir.

E estas batalhas, para elle, durante os longos mezes do inverno, são quasi diarias, porquanto as rochas informes das entradas dos portos, inhospitas, agudas e traiçoeiras, ladeando, alterosas, estreitos carreiros, que elle tem de crusar e aonde a vaga referve em oppostas direcções, são como fileiras de ameaçadores phantasmas, que divisa, alta noite, á baça claridade da phosphorecencia da rebentação, avidos de o ver despedaçado, ou sumido para sempre nos medonhos sorvedouros entre uns e outros existentes!

Foi esta a população que vieram encontrar os academicos, que por seguir as idéas constitucionaes, procuraram acoitar-se na ilha Terceira, unica terra portugueza aonde, então, tremulava a bandeira da patria independencia.

Não pertence á indole d'estes ligeiros apontamentos descrever a tomada das ilhas d'este archipelago pela Divisão expedicionaria, commandada pelo notavel conde de Villa-Flor, já muito e por escriptores eruditos e até testemunhas participantes d'esses acontecimentos tem sido narrado, como subsidio para uma curiosa obra que ainda está por escrever, a historia da revolução liberal nos Açores, e ultimamente a serie de documentos á mesma atinentes que tem publicado o *Archivo dos Açores*, dá ensejo sufficiente a qualquer individuo alli ir buscar abundosa copia de informações a semelhante respeito, sendo o nosso fim, somente, ao traçar estas linhas, recordar a estada na ilha do Fayal do notabilissimo orador José Estevão Coelho de Magalhães, do qual os portuguezes tanto se podem orgulhar, ou talvez mais, do que a Hespanha se orgulha d'esse genio assombroso que se denomina Emilio Castellar.

Algumas palavras apenas sobre a rendição da ilha do Fayal.

A divisisão constitucional depois de haver tomado sem resistencia a ilha do Pico, havendo desembarcado na freguezia das Ribeiras, no dia 21 d'Abril de 1831 e d'alli seguido para as Lagens, São Roque e Magdalena, isto é, para as tres villas da ilha, nas quaes successivamente se fizera a acclamação da Rainha e da Carta, estacionou n'aquelle ultimo porto depois de a 9 de Maio haver tomado a ilha de S. Jorge, com effusão de sangue, em diversos pontos da mesma.

D'esta refrega dizia o major José Joaquim Pacheco, commandante da tropa constitucional que alli tinha ido, em carta particular, datada mais tarde do Fayal a um seu amigo militando nas fileiras contrarias e que elle queria chamar á sua causa: «porem na ilha de São Jorge aonde consegui desembarcar dois capitães, o Almeida do 7 e o outro de n.º 1, quizerão fazer-se fortes e foram victimas da sua obstinação, que me obrigou aos codilhar, sem lhes deixar fazer vasa.»

Que amôr e saudade a lembrada jogatina do voltarete, em tempos de descanço, que nem n'estas occasiões lhe esquecia!

Os acontecimentos da ilha Terceira, a tomada de São Jorge, a feição pronunciadamente liberal da maioria da população fayalense e a duvidosa resistencia que a mais aguerridos soldados poderiam oppôr as tropas milicianas na Horta existentes, deviam, com certesa, desanimar as authoridades da governação da terra, tanto mais que no dia 11 de Maio o brigue «Liberal» veio aqui trazer um officio do Conde de Villa Flor aconselhando a obviar-se, por meio de uma honrosa capitulação, o derramamento de sangue, como acontecera na ilha de São Jorge.

As authoridades miguelistas foram, porem, de opinião contraria áquelle sensato alvitre, apesar das circumstancias que apontámos, reunindo se em seguida a Camara para pedir soccorros para Lisbôa, quando estava com os contrarios á porta!

Indica isto de certo as atribulações, ou indicisões, em que todos andavam.

O quadro, porem, tendia a assombrar-se gradualmente.

Acontecimentos politicos passados na Europa em 1830 e que expulsaram do throno francez Carlos 10.º, bem como, na Inglaterra a recente morte de Jorge 4.º e a sahida do ministerio d'aquella nação de lord Wellington e Aberdeen, foram repercutir-se logo depois na America, promovendo alli, a 7 de Abril de 1831, uma revolução que arredou do throno D. Pedro d'Alcantara de Bragança e Bourbon, imperador do vastissimo imperio do Brazil, o qual nomeou tutor dos seus filhos José Bonifacio de Andrade e Silva, abdicando a corôa no illustrado D. Pedro, que ainda actualmente alli governa.

De bordo da nau inglesa «Warspite», na qual se refugiara, traçou o imperador uma sentida carta de despedida aos brazileiros, em data de 12 d'Abril do mesmo anno.

A 30 de Maio seguinte, uma importantissima noticia rebentou inesperadamente na Horta, isto no meio da agitação geral em que andavam os animos.

Pela frequencia de navios, especialmente inglezes, que então povoavam estes mares, passava quasi desapercebida a apparição de mais uma fragata d'aquella mesma nação que bordejava ao sul da bahia e como este navio carecesse de alguns refrescos, havendo-lhe estes sido fornecidos, no acto da lancha de serviço regressar para terra, appareceu na amurada do navio um militar que declarou aos marinheiros açorianos ser D. Pedro, dando lhes quatro moedas, bem como um bilhete firmado pelo seu proprio punho, no qual animava os constitucionaes a continuar na defensa da sua causa e da sua augusta filha, e uma carta para o Conde de Villa Flôr.

O Senhor D. Pedro vinha acompanhado da imperatriz, na fraga-

ta «La Volage,» emquanto a Senhora D. Maria seguia para Brest na fragata franceza «La Seine».

A carta a que nos referimos foi em breve tempo entregue ao Conde Villa Flor que ainda se achava, então em São Jorge, e a noticia d'este importante facto, com incrivel rapidez se espalhou pelas outras ilhas, com as quaes havia amiudadas relações, sobre tudo devido a uma pequena chalupa ingleza, armada em guerra pelos constitucionaes e denominada «Water Witch», a qual prestou grandes e arrojados serviços n'estas difficeis conjuncturas. Effectivamente no numero onze da «Chronica», periodico que se publicava em Angra, relativo a 12 de junho de 1831 e fora, antecedentemente, o orgão da Regencia provisoria e que alli continuou a publicar-se até 6 de Julho de 1832, passando depois a ser impresso em Ponta Delgada com o titulo de «Semanario dos Açores», (1) formando essa collecção, actualmente um importantissimo documento d'estes acontecimentos, encontra-se a seguinte noticia:

—«O boato que ha dias tem corrido, espalhado em São Jorge por uns pescadores do Fayal de que tinha passado na altura d'esta ilha uma fragata ingleza com S. M. o imperador D. Pedro, vai tomando corpo, pois que o capitão Nogueira, commandante da fôrça expedicionaria que se acha no Pico, mandou um official a bordo da fragata ingleza «Galathea» surtá no Fayal verificar estas noticias que foram confirmadas pelo commandante da mesma fragata, dizendo que o Imperador, a Imperatriz do Brazil e a Rainha de Portugal, tinham alli passado para a Europa, aquelles para Inglaterra e esta n'uma fragata francesa para Brest.»

Com a passagem do Imperador pela bahia da Horta, dando assim mais vida ás idéas liberaes já tão pronunciadas n'esta ilha, começou uma verdadeira derrocada para o partido opposto, bem evidente na encontrada adopção de diversos alvitres, nos consecutivos conselhos das authoridades militares no castello de St.ª Cruz, nas reuniões extraordinarias da Camara e na irresolução e divergencia de opiniões em todo e qualquer negocio publico.

Afinal resolveram, a 6 de Junho, mandar um emissario á ilha de São Jorge, aonde então estava o Conde de Villa Flor, para combinar as condições da capitulação, sendo escolhido para esta melindrosa commissão o major d'infanteria 7, da qual estava aqui uma parte, D. José Maria Carlos de Noronha, por antonomasia D. José Periquito, como vulgamente era conhecido na ilha.

Este militar, fidalgo dos quatro costados, compadre de D. Miguel e costumado na corte aos maiores regalos, era um bellissimo cavalheiro, muito amigo de divertimentos, bailes e jantares, ajudando invariavelmente á missa, ora n'uma ora n'outra egreja, aonde ia o corpo a que pertencia, dando-se bem com todos, fossem constitucionaes ou miguelistas e casado com a illustre fidalga D. Maria d'Arrabida, senho-

---

(1) Vejam-se os extractos d'estes «Semanarios» a p. 341 a 384 d'este Vol.

ra d'altos dotes de espirito e de coração, pertencente á nobre casa Mesquitella.

D. José Maria Carlos de Noronha sahio pois, de madrugada, n'um escaler, com destino a São Jorge e parecendo animado das mais inabalaveis convicções pela causa que ia representar.

Chegando, porem, áquella ilha, foi ali encontrar, na tropa expedicionaria, muitos amigos e até parentes, collocados nos mais importantes postos, houveram abraços, lagrimas, enternecimentos, muitas saudes e muito alegres e saudosas recordações de mais tranquillos tempos, resultando de tudo isto que o *bon-vivant* D. José, queria mandar o escaler para o Fayal e ficar com os seus amigos do continente.

Achava-se alli perfeitamente, á vontade, e emquanto ao resto, *vogue la galère*, como mais tarde dizia Balzac.

Oppoz-se, porem, muito sensatamente o Conde de Villa Flor a semelhante desejo, dizendo-lhe que não convinha n'um negocio tão serio abandonar os seus constituintes que, impacientemente, talvez o esperavam e que o verdadeiro caminho era regressar para o Fayal a dar conta da sua commissão, sendo concedido o praso de tres dias as authoridades d'esta ilha para acceitar, ou não, as condições de uma honrosa capitulação.

Annuio afinal a isto D. José Maria de Noronha, e sabe Deus com que vontade, abraçando os numerosos amigos novos e velhos e já planeando divertimentos, bailes e saraus, para quando a sorte das armas de novo os reunisse.

Perto da noite o escaler chegou ao caes da Horta, sendo a primeira pessoa que a multidão, que alli concorrêra, divisou, dando vivas a D. Miguel e accenando um lenço o mesmo D. José, incapaz, como dissemos de fazer mal a pessoa alguma, mas seguramente improprio tambem para commissões d'aquella ordem, que não estavam no seu temperamento alegre e despreoccupado.

Isto e a alta posição de alguns dos seus parentes explica sobejamente a benevolencia com que mais tarde foi sempre tratado pelo governo constitucional, sendo-lhe até entregue o governo de um castello.

Não tinha indisposições em campo algum.

Nem todos podiam dizer o mesmo e não era, por exemplo, pequeno o descontentamento de alguns esturrados da Horta, tanto da tropa como paisanos, contra o coronel Antonio Isidoro de Moraes Ancora, governador do castello, desde que, como ja vimos, antecedentemente, em consequencia da fuga do seu antecessor Rocheleben, assumira aquelle cargo, por effeito d'um movimento militar.

Taxavam-no, agora, de incompetente e frouxo, porque este militar, diga-se a verdade, em todos os conselhos effeituados no mesmo castello, aonde risidia, votava por medidas até certo ponto conciliadoras, repugnando-lhe violencias, dislates ou vinganças.

Era a antithese do syndicante Torres, desembargador, chegado recentemente de Lisboa e filho do muito conhecido Almirante portuguez Torres, homem de cabellos no coração, como diz o povo e que quando não andava a caçar coelhos e codernizes, divertimento de que era apaixonadissimo, caçava aquelles que bem ou mal, suppunha não serem affectos a D. Miguel, enchendo as prisões de gente, por vezes completamente innocente, e syndicando, para a confecção d'um celebre e volumoso processo, sobre factos insignificantes, passados muito antecedentemente e quando estava em vigor a anterior constituição, como governo ligitimo do reino.

O Syndicante Torres grangeara na Horta, por tão violento procedimento, a fama de uma especie de Fouquier Tinxille, estabelecendo o terror n'esta pequena localidade.

Notaremos aqui, incidentemente, que a Providencia reservava a este sujeito uma horrenda provação, quando estes acontecimentos, a que nos estamos referindo, já pertenciam de ha muito à Historia.

Pelos annos de 1840 estava então o desembargador Torres residindo em Lisbôa, na rua do Salitre, ao Rato, quando a celebre e nefasta quadrilha de ladrões, da qual era chefe o boleeiro Diogo Alves, amedrontava Lisboa, com uma incrivel serie dos mais sanguinarios e mysteriosos crimes.

O Torres tinha então um filho, rapaz talvez d'uns quinze annos, o qual tendo ido dar, montado n'um jumento, um pequeno passeio pelos arredores da capital, no seu regresso à casa paterna foi barbaramente morto pelo Diogo Alves e companheiros para lhe roubarem o relogio!

Prosigamos, porem, nos acontecimentos relativos ao Fayal.

Facilmente se deprehende que o coronel Ancora, como homem moderado não satisfazia as exigencias do Syndicante e d'alguns outros individuos, sendo tambem um seu decidido antagonista o tenente Cabral de Teive, d'artilheria, ferrenho realista, chegando estas discordias a ponto de n'uma noite este official, acompanhado de soldados, ir buscar duas peças de campanha, para violentamente depôr o governador do cargo que exercia, ficando elle em seu logar, movimento este que abortou pela comparencia de varios militares que lhe demonstraram, em fortes termos, a inconveniencia de, nas criticas circumstancias em que se achavam, dar tão publico testemunho da discordia e insubordinação que reinava na guarnição fayalense.

Era tambem publico que o coronel Ancora, eivado de toda a sorte de desgostos, succumbira de animo, a ponto de dizer às pessoas com quem privava que já por varias vezes estivera tentado a suicidar-se, atirando-se para a rua, da altura do castello, no sitio em que está o pau da bandeira.

N'estas circumstancias não era difficil de prever qual seria o desenlace d'este anomalo estado dos negocios publicos.

A tropa expedicionaria que do Pico fora á toanada de São Jorge e reforçada agora com novos destacamentos vindos de Angra, aonde tinha ido o Conde de Villa Flor, preparava se na Magdalena para atacar o Fayal, apesar da presença, na bahia da Horta da corveta «Isabel Maria», que demovera a guarnição da ilha do seu proposito d'uma capitulação.

A 23 de Junho a anarchia no Fayal tinha chegado a tal ponto, maxime com a noticia do regresso do Conde de Villa Flor, n'aquella madrugada, á villa da Magdalena, que o syndicante Torres vendo a terrivel espada de Damocles suspensa sobre a sua cabeça e que d'um momento para outro podia rebentar o tenue fio que ainda a sustinha, entendeu, para segurança propria, fugir n'um hiate que da bahia do Porto Pim estava a sahir para Lisboa e no qual tambem foi a distincta familia do fallecido Sr. Jorge da Cunha Brum Terra e Siveira, tenente coronel de milicias.

O coronel Ancora officiou então a Luiz da Terra Peixoto de Lacerda, capitão de milicias, para tomar conta do commando militar dando em seguida ordem á tropa para evacuar a ilha, tanto na corveta «Isabel Maria,» que se dirigia para São Miguel, como em dois outros navios, uma escuna e um brigue americano para este fim fretados.

Começou o embarque, fazendo-se a corvéta e a escuna de vella e estando ainda, pela tarde adiante fundeado na bahia o terceiro navio, com o panno já solto, mas cahido ao longo dos mastros, pela falta, quasi absoluta de vento.

A ordem da evacuação fôra, ainda assim, tão precipitada que não deu tempo a recolher diversos destacamentos dispersos em varios sitios da ilha.

Uma inesperada e lamentavel occorrencia veio, porem, complicar ainda mais a partida do brigue americano.

Quando já estava embarcada quasi toda a restante guarnição da ilha, e a fragata e a escuna já bem distantes para o sul, alguns soldados retardatarios e embriagados, proferindo insultos e ameaças, iam se dirigindo para o caes, depois de em varias ruas haverem disparado tiros e cantado obscenidades.

Nas casas proximas do sitio do embarque estava muita gente nas janellas, movida por natural curiosidade, quando de braço dado um anspeçada e um soldado, a cambalear avinhados, chegaram a esquina do castello, aonde termina a rampa que desce para o embarcadouro.

N'esta occasião o anspeçada maneando primeiro com fanfarrice a sua espingarda, repentinamente metteu-a á cara, fazendo fogo na direcção das casas, que, como já dissemos, tinham as janellas apinhadas de gente.

Este tiro disparado á tôa, foi ferir gravemente um mancebo, subdito inglez, que alli se achava, como simples espectador e que era filho do commerciante Diogo Searle.

Tomou, immediatamente, o respectivo consul, conhecimento d'aquella criminosa occorrencia, dirigindo-se em seguida para bordo da fragata ingleza «Galathêa» que n'estes mares e então na bahia da Horta permanecia, para proteger o commercio e segurança dos britanicos nos Açores, sendo commandada pelo capitão de mar e guerra Napier, mais tarde almirante e conde do Cabo de São Vicente.

Este bravo official, o qual, evidentemente, quanto a sua posição official lhe permittia, sympathisava bastante com a causa liberal, era então um homem de meia edade, sem a minima apparencia da raça anglosaxonia, de estatura regular, trigueiro e barbado, apresentando-se sempre em terra com o chapeu armado muito descahido para as costas, dragonas no mesmo sentido, farda aberta no peito, com um grande lenço de sêda preta ao pescoço, cujas pontas lhe cahiam até ao estomago, calças brancas muito largas e muito compridas, com as extremidades geralmente enfurnadas dentro de grosseiros sapatos e para terminar esta estranha apparencia munido d'uma grande espada e debaixo do braço, invariavelmente, um chapeu de sol azul, enorme, descommunal, terminando o comprido cabo do mesmo por avantajada bola de marfim.

Um typo !

Está bem de ver que este desleixo, ou excentricidade de trajo, não tinha coisa alguma com as suas distinctas qualidades scientificas, com a sua valentia e optimos predicados nauticos, circumstancias estas a que deveu a sua elevada e merecida posição social.

Dentro em pouco tempo, pois, um escaler da «Galathea,» conduzindo o commandante Napier e o consul inglez, prolongava-se com o brigue americano, aonde já se achava o criminoso anspeçada e o resto da tropa que debandava, embargando a sahida d'aquelle navio, em quanto lhes não fosse entregue o delinquente, o qual a 24 de Setembro seguinte foi fusilado no mesmo sitio em que praticára o crime.

Independente, porem, d'esta exigencia, era impossivel o brigue levantar ancora, porquanto com o declinar da tarde, não corria a minima aragem, havendo a maxima quietação na atmosphera e nas serenas ondas da bahia, que pareciam estanhadas.

A este tempo devisavam-se já, sahindo do porto da Magdalena do Pico, uma porção de pequenas embarcações, movidas a remos e que na direcção do Fayal, começavam a atravessar o canal que separa estas duas ilhas.

Era a tropa expedicionaria.

Temos agora, embora nos detenhamos alguns momentos, de fazer um parenthesis n'esta narrativa, para registar o seguinte facto, que apesar de relativamente insignificante, diz, ainda assim, respeito a este memoravel dia.

Veio a ser o caso:

Já antes da complicação com o consul inglez e commandante da

«Galathéa», por causa do anspeçada embarcado no brigue americano, era mais que evidente para a maior parte dos fugitivos, a completa impossibilidade da sahida d'este navio, pela grande serenidade do tempo, sendo a consequencia d'isto ficarem em breve prisioneiros.

Invejavam, consequentemente, a sorte d'aquelles seus companheiros que havendo embarcado mais cedo, para bordo da corveta «Isabel Maria», cujo alvo velame ainda se divisava ao largo, na direcção de sueste, demandava, como tambem a escuna, a ilha de São Miguel, ainda sugeita ao governo realista.

Atracada ao brigue americano estava então uma pesada e grande lancha, das que se empregam na amarração dos navios que procuram a bahia da Horta e que n'esse dia se occupara a conduzir para os tres navios, já mencionados, tropa e bagagens, tendo ainda no seu farto bôjo uma botica militar, algumas duzias de limões para os enjoados e diversas enxergas e caixas, dos soldados, as quaes para o interior do navio começavam a ser içadas.

O tenente Mello, de infanteria n.º 1 e alguns soldados, talvez dezoito, desejosos de se eximirem de ser aprisionados, combinaram entre si de saltar para a lancha e seguir no encalço da corveta, que imaginaram, á força de remos, ainda poder alcançar, embora já estivesse a grande distancia, pois sahira do ancoradouro ha mais de seis horas.

Na confusão que ia abordo do brigue americano, atulhado de tropa em perfeita anarchia, deixaram-se da amurada escorregar pelo cabo que aguentava a lancha e apenas no interior d'esta, desamarraram na logo, instando com os homens do mar, que a tripulavam, para que armassem os remos, ao que elles não queriam annuir sem saber o destino que levavam.

O tenente Mello induzira, tambem, a que o acompanhasse um cadetesinho, talvez d'uns quinze annos de edade, que se achava abordo e ao qual sorria a idéa de fazer uma *viajata* e de livrar-se de ficar prisioneiro.

Este rapaz havia sentado praça por causa de um namoro que tinha com uma menina que gostava muito de fardas e tanto mais das de cadete, com a sua reluzente estrella no braço.

Os homens da lancha praguejavam que nem damnados, alguns soldados, da borda do brigue, gritavam que queriam as suas caixas, o tenente Mello, porem, respondia que estivessem descançados a esse respeito, que tudo mais tarde lhes seria entregue e com promessas, ou ameaças, pondo-se elle e os soldados tambem aos remos, para ajudar os marinheiros, começaram a vogar, vagarosamente, no rumo do sul.

Tinham que remar!

Ao sol pôsto, já fóra do monte da Guia, viram as embarcações que conduziam a tropa expedicionaria, a meio canal, e d'alli por diante a maré n'aquella altura começou a impellir com mais vehemencia

a lancha. Em breve as brumas da noite começaram a confundir tudo o que ficava distante, deixando só bem patentes os alterosos contornos das duas ilhas, cujos escuros cumes se destacavam acima dessa nevoa que, semelhante a alva cinta, as envolvia desde o nivel d'agua até á sua zona media.

A lua campeava já no firmamento e a sua serena e branda claridade espelhava-se nas aguas adormecidas e caladas.

Que dôce quietação tão differente das agitadas scenas que se estavam dando em terra!

O silencio era alli profundo e só intercortado pelo cadenciado ranger dos remos, nos toletes, ou pelo siciar da maré, referverendo contra a prôa da lancha, que a cortava transversalmente.

Assim decorreu muito tempo, a terra distanciava-se visivelmente, tornando-se quasi indistinctos os seus delineamentos e representando apenas uma informe massa escura, no horisonte, e algumas aves maritimas, em nocturnas pilhagens, vendo a solidão invadida por aquelles intrusos, passavam ás vezes proximas da lancha, em celere vôo á tona d'agua, soltando espavoridos gritos.

A lancha bojuda e valente, tinha os movimentos lentos e cadendenciados d'uma espaçosa rède e os soldados que iam aos remos, coadjuvando os marinheiros fayalenses, foram pouco a pouco cedendo á acção soporifica do silencio, do balanço e do monotono bater dos remos.

Uns encostavam-se estonteados, á borda da embarcação, outros mais commodistas deixavam-se escorregar sorrateiramente até á caverna e em breve um somno profundo d'elles se apoderava.

O tenente Mello que dirigia esta viagem, estava, de bruços estendido no leito de prôa, com a cara apoiada nas duas mãos e fixando sempre no horisonte o ponto aonde julgava que devia estar a corveta e imaginando, por vèzes, como quem de noite fixa attentamente o mar, divisar ao largo transitorios lumes, o pharol, quem sabe?, do navio que talvez, perto da noite tivesse apercebido aquella embarcação que para ella se dirigia.

Vã esperança, porem.

Os marinheiros vendo tudo socegado abordo, disseram algumas palavras em voz baixa, entre si, começando uma banda a *sahir* em quanto a outra remava a proa da lancha a descrever um meio circulo, em sentido contrario d'aquella em que proseguiam.

—Que diabo de historia é esta?!—gritou-lhe immediatamente da proa o tenente Mello—temos pouca vergonha, ou que é isto?.. Vocès julgam que não os percebo?.. querem voltar para o Fayal, hein?... pois estão bem servidos comigo, toca a endireitar já a embarcação e a mettel-a em rumo direito, quando não... haja sentido!..

—O' Snr. a gente já não pode alcançar a corveta, e mesmo que

assim fosse, não estamos obrigados a ir parar a São Miguel. Ora o diabo, *home*.

—Leva rumor ! . . vocês comigo não brincam, é remar para a frente . . .

—Que te leve o diabo ! . . — resmungaram a meia voz os maritimos, mas como a força faz lei, apesar de extenuados, continuaram lentamente no seu triste fadario.

Pela noite adiante declararam, positivamente, que já não podiam remar mais, o tenente chamou pelos soldados para os substituir, mas d'estes apenas tres ou quatro acudiram e ainda assim estonteados com somno e sem pratica alguma de coisas do mar, e n'estas circumstancias vio-se obrigado a recolher os remos por algum tempo e a deixar ir indo a lancha á mercê da corrente e d'uma brisa do norte que então começava a levantar-se.

Sempre ia ganhando espaço.

Foi, para os que estavam acordados, bem longa aquella noite.

Afinal surgio a manhã, o oriente incendeu-se em purpurinos clarões, um diluvio de vivida claridade espancou as nocturnas sombras, o mar encrespou-se ao sopro, mais esperto da brisa da manhã, uma brisa do norte, e em breve o esplendoso sol veio povoar o dorso das ondulantes e pequenas vagas de turbilhões de pontos luminosos.

Apesar da estação o calor dos primeiros raios do sol reanimou gostosamente os tripulantes da lancha, que haviam dormido ao ar livre e que estavam meio entorpecidos, tudo se poz a pé, interrogando avidamente os horisontes.

Nem uma unica vella, emquanto a vista alcançava, solidão completa e só muito distante, muito, as duas ilhas do Fayal e Pico.

Forçoso era, pois retroceder, mas isto ainda assim não seria empresa facil n'aquella pesada embarcação e tanto mais quando o vento refrescava, tornando-se lhe contrario, requerendo bastante força nos remos para poder vencel-o e isto nas precarias condições em que os tripulantes se achavam, cançados e sem, ha muitas horas, haver tomado qualquer alimento.

Era quasi tentar um impossivel, devido ás más qualidades nauticas da enorme lancha da amarração, bôa para conduzir ancoras aos navios, d'um porto abrigado, mas impropria, sem panno, para outros serviços.

Ainda assim, a lancha d'esta vez, sem impugnação do tenente, virou de rumo, os marinheiros armaram todos os pesados remos, começando lenta e pesadamente a caturrar contra o vento.

Havia fome abordo e mais do que fome, sêde, e os limões que ainda estavam na caverna, foram gradualmente desapparecendo, em vista das exigencias estomacaes.

Um esquesito almoço !

O ultimo recurso seria a botica, mas isso fiava mais fino, como vulgarmente se diz.

Pelas dez horas da manhã, talvez, segundo a altura do sol, porquanto ninguem abordo tinha relogio, avistaram ao longe, para oeste, o velame de um navio, o qual d'ahi por uma hora, os olhares, affeitos ao mar, dos remadores, reconheceram ser uma barca baleeira, provavelmente americana.

O navio seguia velozmente, n'uma bolina cerrada, ainda que n'uma linha muito affastada da lancha.

Na ponta de uma vara arvoraram, pois, um lençol, tirado das bagagens, desfraldando ao vento esse signal de soccorro, porquanto temiam ainda que a baleeira os não tivesse apercebido, ou continuasse a seguir no rumo que levava, como muitas vezes tem acontecido em difficeis lances maritimos.

A sorte d'esta vez foi-lhes, não obstante, favoravel, pois que os marinheiros que, nas pontas dos mastros, estavam de vigia á baleia, de ha muito que tinham dado por aquella embarcação, sem governo, no meio das ondas.

Assim, quando o lençol foi desfraldado, a barca içou, immediatamente, na mezêna, a bandeira americana, em signal de reconhecimento, mas como estivesse muito a sotavento apesar da lancha puxar muito para o navio, só depois de varios bordos e muito tempo é que conseguio avisinhar-se da mesma, atravessando, para virem á falla.

Os marinheiros fayalenses, que todos mais ou menos *lingurejam* inglez, ainda que geralmente bastante estropiado, conseguiram explicar á gente da barca baleeira como alli se achavam, dando a perros a sua vida e na impossibilidade de, sem alheio auxilio, poderem voltar para o Fayal.

O capitão da barca, um velho muito gordo e muito vermelho, achou pilheria no caso, atirou com um cabo para os da lancha, fel os subir para o convez, dando risadas e uma palmada nas costas de cada soldado que lhe entrava em casa, fazendo com as mãos e com a bocca o acêno de quem dispara uma espingarda e depois, com a lancha a reboque, pela pôpa do navio fóra, proseguio na sua interrompida derrota.

Aos marinheiros fayalenses disse elle que, em vista do vento que reinava, não lhe era possivel ir deitar a gente que tinha abordo na bahia da Horta, por que isso o retardaria muito, mas que na costa do sul do Pico, pela qual ia passar, consentiria em desembarcal os no ponto que escolhessem.

O jantar da companha americana foi generosa e valentemente partilhado pelos portuguezes, convidando o bom e folgasão velho ao tenente e cadete para a sua mèza da camara.

Magnifico banquete, jamais aquella gente toda achou uma panella tão bem temperada. Pois o *puding* isso estava maravilhoso!

Ao descahir da tarde, exactamente vinte e quatro horas depois da partida da lancha da bahia da Horta, a baleeira defrontava o porto de São Matheus da ilha do Pico, descendo para essa embarcação a tropa e os marinheiros fayalenses, afim de se approximarem da terra, isto com a excepção de dois soldados e tres marinheiros, que se ajustaram com o capitão americano para ir á baleia, dando graças a Deus d'aquella bôa fortuna.

A barca largou então o cabo que aguentava a embarcação insulana, fazendo-se em breve ao largo, para proseguir na derrota de que se vira obrigada a affastar por algumas horas, e a lancha demandava as negras pedras que lhe ficavam em frente, na direcção do porto da picoense povoação.

De bordo via-se distinctamente muitos paisanos e alguns soldados, com o fardamento da tropa liberal, no cascalho em que se desembarca, ao tempo que uma pequena embarcação era deitada ao mar, dirigindo-se em breve, com celeridade, para os inesperados visitantes d'aquelle sitio.

Devemos notar que desde a tomada da ilha do Pico, no dia 21 d'Abril antecedente, tinham ficado guarnecendo os seus differentes portos, algumas guardas da tropa liberal, assim como alguns individuos, dos principaes das localidades e reconhecidamente affectos ao novo governo, haviam tambem sido incumbidos de alli permanecer, para providenciar sobre qualquer eventualidade que podesse occorrer.

Um dos tripulantes da embarcação picoense, que vinha de pé á pôpa da mesma e que pelo trajo se destacava da companhia, vestida pobremente, intimou os da lancha a que fizessem alto e que dissessem o que queriam.

O tenente Mello respondeu lhe que era uma força realista que vinha entregar-se á authoridade d'aquelle sitio e só então lembrando-se do cadete que até esse momento havia completamente descurado, por ser *um creançola* e que estava, encostado á borda da lancha, vendo curiosamente aquellas anormaes scenas, chamou-o para junto de si, dizendo:

—O Sr. vae ser, por mim, incumbido d'uma importante commissão, qual a de ir entregar esta minha valente espada ao commandante do destacamento que estiver em São Matheus.

—Mas porque não vae o Sr. pessoalmente ?

—Não lhe admitto quaesquer reflexões, é obedecer quanto antes ás ordens do seu superior . . .—e mentalmente repetia — Assim era eu tolo, quem vae adiante é que soffre o primeiro repellão . . .

O cadete perplexo e com a immensa espada do tenente Mello, sobraçada, saltou para a embarcação do Pico, a qual se dirigio para o porto, ficando a lancha, á entrada do mesmo e sobre os remos.

No cascalho mesmo, foi feita a entrega do tal terrivel gladio, ao commandante do destacamento alli estacionado que era, apenas, um

sargento com uma duzia de soldados ás suas ordens e de terra fizeram logo signal aos da lancha que podiam approximar-se.

Tinha affluido muita gente a presenciar esta scena, homens, mulheres e creanças, mas ainda assim, o desembarque effeituou-se, diga-se a verdade, sem uma unica palavra insultuosa ou aspera da parte dos governantes ou dos soldados constitucionaes e até ao contrario, as mulheres especialmente, condoiam-se bastante da sorte dos recem-chegados e dos trabalhos que estes lhes contavam que acabavam de passar.

Finda a entrega do armamento, que, acautellado cuidadosamente destinaram um armazem para os soldados descançar, emquanto o tal individuo que fora indagar o que a lancha queria e que parecia alli o principal agente da authoridade, convidava o tenente e o cadete, para se recolherem n'uma casa proxima, da qual fazia o seu quartel general.

Era o Silva, de São Matheus, um abastado proprietario, que havia corrido muito mundo e que gosava merecida consideração pela sua riqueza e fino tracto.

Para aquella casa se dirigiram, pois, os dois prisioneiros, o sargento que commandava o destacamento e dois individuos, acolytos do obzequiador Silva, os quaes pedimos permissão ao leitor de lh'os apresentar.

Eram ambos já entrados em annos, um d'elles, porem, de apellido Alvares, bem apessoado, alto, corado e cheio de carnes, parecendo um *estrangeiro*, como diz o povo, quando se quer referir a um homem bonito. Estava este sugeito vestido de preto e na fronte espaçosa, quasi sempre animada d'um sorriso, lia-se a satisfação inteira de quem realisou algum util commettimento a bem da humanidade, parecendo marcado pela Providencia com o mysterioso sêllo da predestinação.

Animava-o o sagrado fogo do genio, conhecendo-se logo isto no seu porte e lhanas maneiras e, feliz mortal, a satisfação intima transparecia por todos os seus poros.

O seu companheiro era um outro typo, orçava bem pelos seus setenta Janeiros, magro, de tez encarquilhada e amarella e aspecto pouco sympathico. Trajava calças brancas, collete de cores vivas, gravata enorme, comprida sobre casaca de panno azul, com grandes botões de metal amarello, oculos redondos e um chapeu alto e pelludo, de formas colossaes, que rivalisava, nas suas avantajadas proporções, com o immenso guarda chuva de alpaca, de ponteira de latão, traste este que tinha debaixo do braço e que jamais largava.

Havia n'aquelle homem o quer que fosse de sinistro, de terrivel, vindo-nos logo á idéa que elle devia ser um inquietador da humanidade.

Apenas chegados a casa, o Silva, aquelle individuo que os con-

vidara, mandou accender luzes, pois já era lusco-fusco, pedindo em seguida licença para se ausentar por algum tempo, ia mandar preparar a ceia para os soldados, assim como uma ou duas gallinhas cosidas para todos os que alli estavam e dizendo ao tenente Mello e ao cadete que podiam estar á sua vontade, que o partido que via a seguir era remettel-os, mais a sua gente para o Fayal, acompanhados d'um officio, mas que isso não tinha pressa, tanto mais que o tempo estava soberbo e que a qualquer hora poderia sahir uma embarcação do porto.

Retirou-se, pois, no proposito d'aquelles culinarios arranjos.

O velho da sobrecasaca azul e botões amarellos foi o primeiro a romper o silencio, perguntando, com modo brusco, aos recem-chegados:

—Os Srs. conhecem-me, sabem quem eu sou ?

—Tenho idéa de já o ter visto, na Horta, mas não estou bem certo . . . — respondeu o tenente.

—Pois aconteceu-lhe o contrario de que a quasi toda a gente, que me conhece como a cão ruivo, attendendo a que tenho dado muito que fallar, eu, aqui aonde o Sr. e esse menino me vê, sou nada menos do que o alferes de ordenanças Rhombo, nome este que escrevo sempre com um R e um h.

—Bem sei —accudio o cadete — o Snr. alferes é aquelle das demandas.

—Exactamente, menino, o Rhombo das demandas, pois olhe o Sr. tenente, que sempre lhe quero dizer, que ja tenho posto em juizo setenta e duas causas, dezeseis das quaes ganhei, quarenta e seis tenho perdido, andando ultimamente, apenas, com dez entre as mãos.

—Safla ! — exclamaram a um tempo o tenente Mello e o Alvares.

—Pode rir se á vontade, Sr. João Machado, mais ahi esses Srs., mas olhem que eu sou capaz de pôr uma demanda até ao senhor São Pedro, chaveiro do ceu, se eu entendesse que tinha rasão, ou, digo mais ainda, mesmo que a não tivesse, isto em mim é um vicio, ao qual não posso resistir . . . a minha naturesa carece da atmosphera dos tribunaes.

—Mas você, Sr. alferes Rhombo, tambem por causa d'isso tem-lhe acontecido cada uma . . .

—Não contesto, mas provarei exuberantemente que semelhantes civicias são improducentes, á mingoa dos necessarios elementos justificativos.

—Aquelle cazo das ordenações, por exemplo, — continuou, ainda, o Alvares, com malicioso sorriso.

—Isso foi a maior pouca vergonha que tem havido, desde que o mundo é mundo. Ora eu conto aqui a estes Srs. essa occorrencia, para que vejam se eu tenho ou não rasão. Ha tempos indo ao Fayal levei, como costumo, um homem atraz de mim, com uma grande cesta e dentro d'esta as ordenações do Reino, porquanto sempre é bom um

homem andar prevenido com aquelle *vade-mecum*. Como tivesse de ir ao estanque comprar uns cadernos de papel sellado e de mandar o meu servente fazer algumas compras, pedi n'uma loja de fazendas, que me deixassem ficar alli a cesta, que eu depois a viria buscar e fui tratar dos meus negocios e de passagem fallar com tres advogados, junto dos quaes rabisquei as minutas de sete requerimentos e dois libellos, isto emquanto o diabo esfrega um olho. A' hora da sahida dos barcos para o Pico, fui á tal loja buscar as *preciosas*, uma edição magnifica, grande, com o retrato d'El-Rei D. José no frontespicio e mais abaixo diversas figuras e uma cobra, symbolo da espertesa, e vim muito satisfeito para casa, como se cousa alguma houvesse acontecido todas as demandas iam bem . . .

—O alferes o que tem é estragado metade dos seus haveres com esses demonios, antes lhe tivesse dado p'ra gostar de mulheres . . .

— Não faço agora uma replica, Sr. João Machado Alvares, para não interromper o fio da historia, mas logo fallaremos, o Sr. é que tem uma telha corrida com as taes . . . emfim, vamos agora ao caso das Ordenações, sabem o que o tal mariola do logista, com uma sucia que alli estava, tinham feito ? . . Quintaram me as folhas das minhas Ordenações, como se fossem soldados d'um batalhão rebelde, de cinco em cinco faltava uma ! . . O que valeu foi eu dar por semelhante desaforo e desacerto quando já estava n'esta ilha e no momento em que mettido na cama ia lêr nas mesmas alguns capitulos. . .

Os circumstantes riram, no que tambem os acompanhou o narrador, mas com uma risada sêcca e sacudida, como se houvesse agitado um saco de nozes

Proseguio ainda:

Quiz logo na manhã seguinte embarcar para o Fayal, afim de me desafrontar, mas parecia de proposito, o mar rebentava ahi contra essa costa de tal sorte que não podia sahir embarcação alguma, isto durou uma semana e eu, já desesperado, parti para a villa da Magdalena, cujo porto devia estar abrigado. Apenas cheguei alli, com quem imaginam os Snrs. que eu deparo? . . exactamente com o tal patife do logista, que viera talvez espairecer para a minha terra! Não fui senhor de mim, passou-me uma nuvem de sangue pelos olhos, acerquei-me do malvado, levantei a mão e . . . zás, ferrei lhe a mais dura botefada, que elle em sua vida tinha provado. Eu cá sou assim!

—E as consequencias d'isso? . . —perguntou sardonicamente o outro picoense.

—Ora Sr. João Machado, Sr. João Machado, é preciso não entender nada de justiça, como lhe acontece, para não ver, desde logo, que as consequencias naturaes d'estas vias de facto e do logista estar a berrar como um pocesso, ajuntando alli muita gente, foi eu ir parar á cadeia, isso está claro.

— O homem tem genio! — murmurava para o cadete o tenente Mello.

— Mas veja o Sr. tenente — acrescentou o Rhombo — que ainda n'esta minha prisão houve grande *brudalheira*, pois que o carcereiro, com o qual eu já tivera um pleito juridico, fingio, por *magolha*, que não achava a chave da cadeia, que é no pavimento inferior do edificio da Camara Municipal, opinando então o P.e Vigario, ao qual eu levara já duas vezes ao banco do meio, que o verdadeiro era ir-se buscar uma escada de pedreiro e eu, em vez de entrar pela porta, introduzir-me pelas janellas dos Paços do Concelho, passando d'alli para a reles enxovia.

— Queriam dar um espectaculo com V. S.ª.

—Quem visse! — acudio sinceramente o cadéte:

— Pois olhe que teve mesmo que ver, porquanto eu quiz mostrar áquelles toleirões que não tinha medo e subi resolutamente a escada, no meio d'uma vaia terrivel, d'uma assobiada monumental do muito povo que se havia ajuntado. O alferes Rhombo é assim! . . senti zunirem-me aos ouvidos diversas pedras, mas os patifes não tinham a mão certeira e uma apenas me alcançou o chapeo . . .

— O Sr. é um heroe!

— Obrigado, meu tenente. O resultado do juiz, do qual eu já tinha dado tres contas, não haver tomado a peito esta offensa a um homem da minha catadura e conservar-me oito dias na gaiola foi, de miguelista acerrimo que eu era tornar-me n'um liberal dos quatro costados, em vindo juizes novos, que não estejam prevenidos contra mim, vae ahi haver o diabo a quatro, as demandas hão de ferver mais bastas do que arêa, eu lhes direi, vae cahir sobre esta terra uma segunda praga do Egypto.

A este tempo o hospitaleiro Silva, entrava na sala, acompanhado d'uma rapariga com uma grande terrina, contendo gallinha cosida e um caldo fumegante, do qual o apetitoso cheiro invadio deliciosamente todo aquelle recinto.

Estendeu a robusta picoense sobre a meza alva toalha de linho, enfilleirou alguns pães e garrafas de vinho e os convivas sentaram-se alegremente á meza, esquecendo os prisioneiros, diga-se a verdade, a sua melindrosa posição, em vista d'aquelle franco acolhimento dos constitucionaes.

Occupou o logar de honra á meza o sargento, que commandava o destacamento existente em São Matheus, um robusto rapaz de poucas fallas, mas que comia e enchia os pratos dos seus companheiros, a não poder mais.

Trocaram-se saudes e mais saudes, todos se achavam á vontade, apesar da quadra agitada por que passavam, e até o tenente Mello, segredava ao cadete, que lhe ia parecendo que a respeito de liberaes

o diabo não era tão feio como o pintavam, no que este tambem concordava.

—Então, emquanto eu estive lá por dentro, cavaquearam muito sobre politica e sobre a esplendida entrada hontem da divisão no Fayal, não é assim?—perguntou o Silva.

—Não trocámos uma palavra a semelhante respeito—respondeu o Alvares—e somente o Sr. alferes Rhombo tem estado a contar-nos algumas peripecias por que tem passado.

—Effectivamente, tem sido bastantes.

O Rhombo, com uma perna de gallinha atravessada na bocca, conseguio, ainda assim, dizer:—em vindo juizes novos, gente capaz, derroto mais de meia duzia. Olé! . .

—Emfim—tornou o Alvares—cada um para o que nasceu, o nosso alferes foi para as demandas e eu cá para as industrias, principal ramo da publica prosperidade e do adiantamento d'uma nação. Não é assim, meu cadète?—e puchava-lhe, a brincar, por uma orelha.

—Eu cá não sei . . .

—Você hade saber melhor o que é namorar, não é assim? o menino tem olho de ser muito maganão. Ora, empine lá mais este copo, repare depois bem para mim e diga-me qual é a minha industria?

—O Sr. talvez faz aguardente, tem alambiques . . .

—Qual aguardente, nem qual carapuça, servo de Deus, eu fabrico coisa muito mais fina. Diga-me, com franquesa, o menino tem alguma rendedura, ou é são e escorreito?

—Eu não tenho rendeduras . . .

—Pois quando as vier a ter, isso é quasi infallivel, procure-me e está salvo, fundas e emplastos são a minha especialidade . . . o Bernardo gostou muito de os ver manipular . . .

—Qual Bernardo?

—O meu amigo Bernardo de Sá Nogueira, engenheiro e um dos principaes vultos da briosa expedição libertadora, o qual aqui passou alguns dias e a quem expliquei a utilidade e incontestavel merecimento das descobertas que na minha especialidade tenho feito. Sympathiso deveras com aquelle galhardo rapaz!

—Bem sei quem é,—accudio o tenente Mello, levando aos labios, com mão tremula, mais um copo de vinho—foi o militar que do brigue «Liberal» veio n'um escaler, até proximo do caes da Horta, como parlamentario, offerecer-nos as bazes d'uma capitulação. Por signal que esteve todo o tempo que o escaler aguardou, sobre os remos, a lancha que de terra ia ao seu encontro, a olhar com um occulo para as peças do castello. Eu é que havia ser o governador—Pum! . . lá vae metralha.

—Deixe-se o tenente d'essas fumaças bellicas, que já nada lhe aproveitam, e voltemos aos meus emplastos. O rapaz, pelos modos, quer-me proteger e hade vil-os a fazer adoptar por todo o exercito

portuguez — Aquillo é que hade ser vender, fiquei de lhe escrever, mais tarde, sobre o assumpto.

—O amigo Alvares— acudio o alferes Rhombo — se você se lembrar, como diz que elle é trumpho, conte-lhe lá na carta as poucas vergonhas que tenho soffrido e que nos mandem para as Comarcas juizes que sejam uns *vardascas*.

—Verei, verei o que posso arranjar para servir o meu amigo. Lá vae á nossa . . .

—Toque . . . hurrah ! . . Viva a liberdade, rapasiada !

—Viva ! — gritaram todos, incluindo o tenente e o cadête.

Esta reunião, nas bellas disposições em que estavam os animos, promettia prolongar se muito pela noite adiante, o dono da casa que, não obstante, tinha conservado sempre a sua serenidade habitual, havia sahido para o exterior da moradia uns dez minutos antes e voltou agora dizendo:

—Os amigos que vão para o Fayal em querendo embarcar tem tudo prompto, aqui está tambem o officio que os deve acompanhar, já fallei tambem a alguns barqueiros para ajudar os remadores e irá uma embarcação de pesca para os ir rebocando, o que será bom é não se demorarem muito por que a maré agora é a favor.

—Eu — declarou o commandante do destacamento — com meia duzia de soldados, em vista das instrucções recebidas, tenho de acompanhar os prisioneiros até ao Fayal, mas isto por mera formalidade, está visto.

—E nós — acrescentou o tenente Mello, erguendo se da meza, mais o seu companheiro — temos de agradecer a V. S.$^{as}$ todos, e com especialidade ao Snr. Silva, tantos obzequios que nos dispensaram.

— Não tem coisa alguma que agradecer, tanto mais que isto são azares da sorte . . .

—Exactamente, azares da sorte, — disse ainda o Alvares — quem sabe se precisam alguns dos meus emplastos, nada de ceremonias. . .

— Por emquanto agradecemos.

—Haja saude, rapazes, — exclamou tambem o velho de casaca azul— e lembrem se uma vez por outra do alferes Rhombo —e digam lá no Fayal aquelles tratantes que me quintaram as ordenações, que a minha vingança será estrondosa, que heide cahir sobre elles com um chuveiro de demandas, e que ficarão todos pelas ruas da amargura.

D'estes dois ratões resam as chronicas locaes que deram cabo d'uma bôa porção dos bens que possuiam, um com a sua industria o outro com as suas rabulices, sendo o primeiro tambem victima d'uma tiadoria dos dizimos.

(*Continua*).

# INDICES

## DO VOLUME VII DO ARCHIVO DOS AÇORES

**I Chronologico de diplomas, documentos etc.**

**II Alphabetico das materias mais notaveis.**

**III Alphabetico de nomes de pessoas.**

**IV Alphabetico de nomes de logares.**

## I

# II

## Alphabetico das materias mais notaveis



# III

## Alphabetico de nomes de pessoas.



## IV

### Alphabetico de nomes de logares.

# ERRATAS

| Pag. | | linhas | Erros | Emendas |
|---|---|---|---|---|
| 19 | — | 42 | —*odos* | —*todas* |
| 21 | — | 25 | —*1882* | —*1832* |
| 38 | — | 14 | —*imperodor* | —*imperador* |
| 98 | — | 4 | —*Cousa* | —*Sousa* |
| 312 | sahiu por erro 212 | | | |
| 383 | — | 22 | —*20 d'Abril* | —*23 d'Abril* |
| 403 | — | 7 | —*asrolabio* | —*astrolabio* |
| 405 | — | 18 | —*perenigrator* | —*peregrinator* |

| Pag. | Linhas | Erros | Emendas |
| --- | --- | --- | --- |
| 406 | 4 | —*pelas virtudes* | —*pelas vertentes* |
| 406 | 17 | —*estado* | —*estadio* |
| 407 | 8 | —*empenharam* | —*empunharam* |
| 408 | 1 | —*aprovado* | —*approvada* |
| 412 | 10 | —*a lembrança foi* | —*a lembrança da* |
| 413 | 35 | —*dos seus irmãos* | —*para os seus irmãos* |
| 413 | 35 | —*da gente* | —*para a gente* |
| 414 | 5 | —*bruxoliar* | —*bruxulear* |
| 420 | 18 | —*de que acabamos de tratar* | —*de que tratámos* |
| 422 | 35 | —*pithoria* | —*pilheria* |
| 423 | 5 | —*o Corvo* | —*o Cruvo* |
| 431 | 32 | —*tentava entrar* | —*Tentava fazer entrar* |
| 439 | 34 | —*que pareça* | —*que parece* |
| 440 | 21 | —*não queria* | —*não queira* |
| 446 | 34 | —*do humilde* | —*no humilde* |
| 447 | 39 | —*instituição* | —*instituições* |
| 453 | 17 | —*durante 50 annos* | —*durante uns 60 annos* |
| 455 | 25 | —*no começo do seculo 18.º* | —*no começo do seculo 19.º* |
| 456 | 39 | —*bette noire* | —*bete noire* |
| 465 | 37 | —*vox in Romae* | —*vox in Rama* |
| 476 | 23 | —*ruinas* | —*rumas* |
| 483 | 20 | —*refere* | —*diz* |
| 486 | 33 | —*traje* | —*trajo* |
| 488 | 2 | —*constatou* | —*contestou* |
| 488 | 31 | —*identicos* | —*identicas* |
| 492 | 3 | —*cazas* | —*ozas* |
| 492 | 35 | —*que se sustinham* | —*que a sustinham* |
| 495 | 26 | —*largato* | —*lagarto* |
| 505 | 23 | —*esplenda* | —*esplendida* |
| 510 | 11 | —*em bicos* | —*em brios* |
| 512 | 1 | —*retomando a pancada* | —*retomando de pancada* |
| 534 | 36 | —*Lilliputianas* | —*Luliputianas* |
| 536 | 1 | —*saudade a* | —*saudade da* |
| 536 | 36 | —*passara quasi* | —*passam quasi* |
| 539 | 12 | —*Fouquier Tinxille* | —*Fouquier Tinville* |
| 543 | 38 | —*a prôa* | —*e a prôa* |
| 543 | 39 | —*d'aquella* | —*d'aquella direcção* |